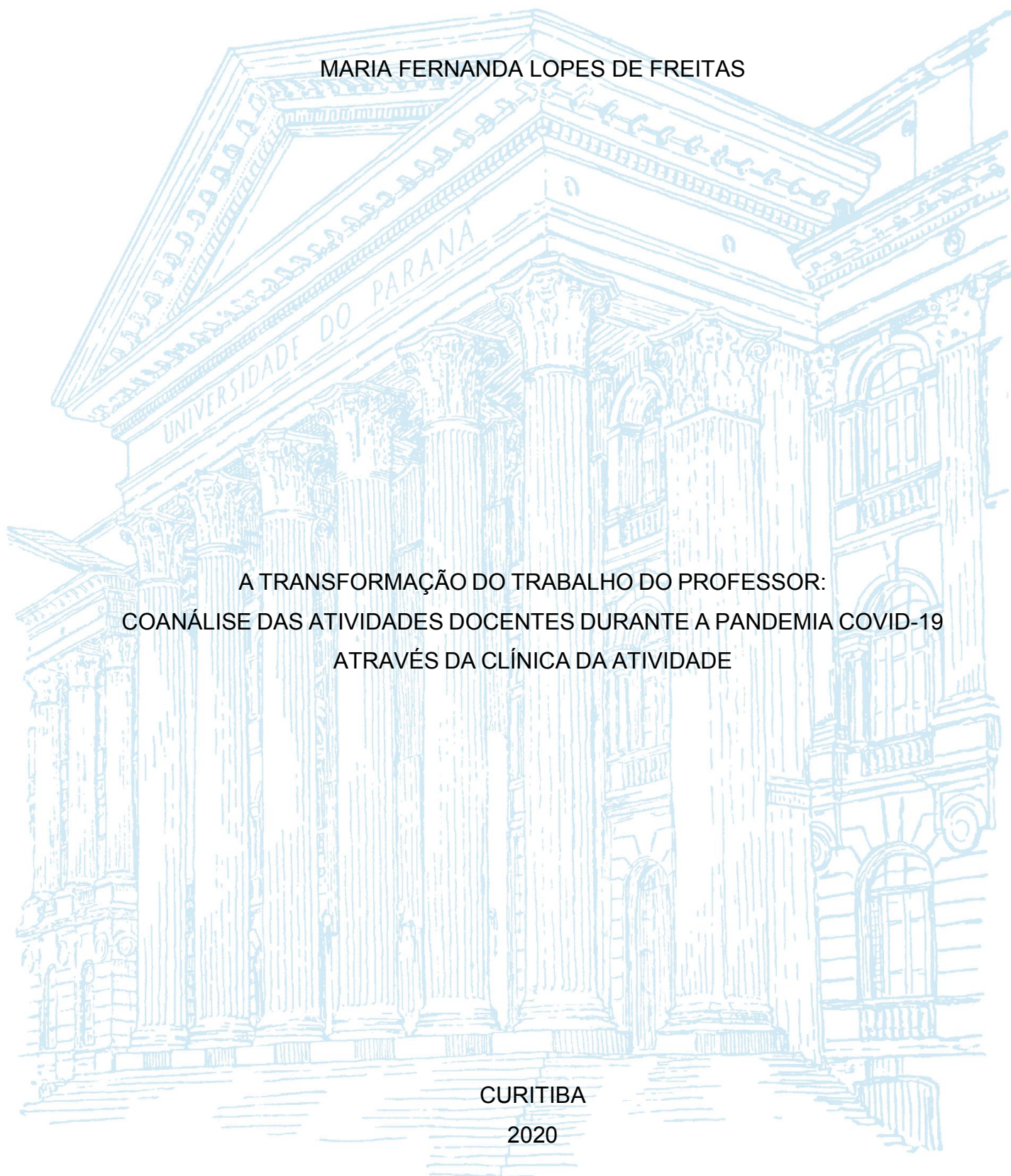


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
MESTRADO EM ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS

MARIA FERNANDA LOPES DE FREITAS

A TRANSFORMAÇÃO DO TRABALHO DO PROFESSOR:
COANÁLISE DAS ATIVIDADES DOCENTES DURANTE A PANDEMIA COVID-19
ATRAVÉS DA CLÍNICA DA ATIVIDADE

CURITIBA
2020



MARIA FERNANDA LOPES DE FREITAS

A TRANSFORMAÇÃO DO TRABALHO DO PROFESSOR:
COANÁLISE DAS ATIVIDADES DOCENTES DURANTE A PANDEMIA COVID-19
ATRAVÉS DA CLÍNICA DA ATIVIDADE

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Ensino das Ciências Ambientais, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências Ambientais.

Orientador: Profº. Drº. Manoel Flores Lesama
Coorientadora: Profª. Drª. Flavia Fazon

CURITIBA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte
Biblioteca da Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral

F866 Freitas, Maria Fernanda Lopes de
A transformação do trabalho do professor: coanálise das atividades docentes durante a pandemia Covid-19 através da clínica da atividade / Maria Fernanda Lopes Freitas ; orientador Manoel Flores Lesama ; coorientadora Flavia Fazon– 2020.
439 f.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, Matinhos/PR, 2021.
1. Clínica da atividade. 2. Instrução ao sócio. 3. Pandemia COVID-19. I. Dissertação (Mestrado) – Mestrado Profissional em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais. II. Título.

CDD – 370.1



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR LITORAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO REDE NACIONAL PARA
ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS - 33002045070P4

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **MARIA FERNANDA LOPES DE FREITAS** intitulada: **A TRANSFORMAÇÃO DO TRABALHO DO PROFESSOR: CO-ANÁLISE DAS ATIVIDADES DOCENTES DURANTE A PANDEMIA COVID-19 ATRAVÉS DA CLÍNICA DA ATIVIDADE**, sob orientação do Prof. Dr. MANOEL FLORES LESAMA, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

MATINHOS, 22 de Fevereiro de 2021.

Assinatura Eletrônica

08/03/2021 07:56:40.0

MANOEL FLORES LESAMA

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

02/03/2021 11:43:32.0

MAURÍCIO CESAR VITÓRIA FAGUNDES

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

09/03/2021 12:45:07.0

SIMONE MARIA DANTAS LONGHI

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO)

Dedico esse trabalho à minha filha Maria Clara, por seu amor tão lindo e puro, a quem amo e pra quem busco diariamente ser uma boa mãe, dentro do meu conhecimento e possibilidades.

Ao meu companheiro de alegrias e tristezas, de vitórias e derrotas, dessa e de outras vidas, Moises, pelo seu amor, cuidado, generosidade e incentivo para que eu realizasse esse sonho do mestrado.

À minha mãe, pelo amor e cuidado, com quem aprendi a persistir e que o impossível é somente o que não é buscado.

Ao meu pai, pelo amor e cuidado, além da inspiração nos estudos e para que eu realize meus sonhos.

À minha irmã, pelo amor e incentivo, que faz eu me ver capaz de buscar desejos que nem sabia que existiam em mim.

*Especial e carinhosamente à minha avó **Lilia Ferreira**, meu xodó, uma entre as centenas de milhares de vítimas da COVID-19, uma mulher guerreira que criou corajosamente sete filhas, as quais, guerreiras que também se tornaram, criaram seus próprios filhos e sobrinhos e cuidaram dela até o seu último dia.*

E à todas e à todos os meus, do meu meio, que são aquelas e aqueles que me afetam e com os quais aprendi e me desenvolvi para ser quem sou.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Manoel Flores Lesama e minha orientadora Flávia Fazon, por quem sinto a mais profunda admiração e respeito. Muito obrigada pela paciência com que me ensinaram, orientaram e conduziram meu desenvolvimento durante todo esse processo. Obrigada pela atenção, cuidado e disponibilidade nas incontáveis horas de discussões para a construção deste trabalho. Muito obrigada por tão gentilmente partilharem comigo seus conhecimentos para que eu pudesse construir os meus.

À professora Simone Maria Dantas-Longhi e ao professor Maurício César Vitória Fagundes, pela sabedoria e delicadeza com a qual fizeram as correções e considerações que enriqueceram esse trabalho.

Às professoras amigas e aos professores amigos que participaram e co-criaram esta pesquisa, aos quais aqui rebatizei com nomes de grandes mestras e mestres que criaram ambientes de aprendizado tão especiais e marcantes que me permitiram ser quem sou. Todos vocês são especiais para mim.

À todas e todos os colegas de curso, com os quais me descobri novamente estudante. Em especial aos queridos Ednei Lisbôa, Ademilson Leandro Gato e Daiana Maria Holz de Souza, que me acolheram no curso e em suas vidas. Sem vocês, as aulas não seriam tão marcantes e as dificuldades no caminho pareceriam muito maiores.

À todas e todos os professores do programa de mestrado, com carinho especial à professora Helena Midori Kashiwagi e ao professor Emerson Joucoski, que me acolheram desde os meus primeiros dias no curso.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Agência Nacional das Águas (ANA), pelo apoio à Rede PROFCIAMB.

Aos meus amores, Moises Chiamenti e Maria Clara Lopes Chiamenti, pelo amor, generosidade e paciência com os quais me esperavam em casa para que eu pudesse realizar esse sonho. Aos meus pais, Marília Teresinha Freitas e Paulo Lopes de Freitas, e irmã, Amanda Lopes de Freitas, pelo amor e apoios moral e logístico, pois se tornaria quase impossível voltar a estudar sem que vocês ajudassem a tecer uma rede de cuidado para minha família. E aos meus sogros, Marta Chiamenti e Vilson Chiamenti, exatamente pelos mesmos motivos.

*“lembre-se do corpo
da sua comunidade
respire o ar do povo
que costurou seus pontos
é você quem se tornou você
mas as pessoas do passado
são parte do seu tecido”*

Rupi Kaur, “O que o sol faz com as flores”, Honre as raízes, 2018.

“Eu te amo mais”.

Lilia Ferreira, minha avó, em todos os anos da minha vida.

RESUMO

A reflexão e análise conjunta com os docentes sobre seu trabalho é essencial para a manutenção da saúde e produção desses sujeitos, transformando-se no fortalecimento dos coletivos e na melhoria do dinâmico processo de ensino. Pensando acerca de tais questões, esta pesquisa teve como referencial teórico-metodológico os conceitos da ergonomia do trabalho e da clínica da atividade desenvolvida por Yves Clot (2005, 2007, 2010a, 2010b, 2017) e Daniel Faïta (2002, 2004), sendo o método utilizado a Instrução ao Sósia (ODDONE, 2008; CLOT, 1999, 2007, 2010; ROGER, 2007, 2013). O objetivo foi coanalisar a atividade e as transformações da atividade dos professores sob os olhares dos próprios trabalhadores durante o período de suspensão de aulas presenciais devido à pandemia COVID-19. Por meio das análises, demonstramos que as professoras e professores participantes da pesquisa constataram a ocorrência de adaptações e substituições na organização do trabalho após a suspensão das aulas presenciais, de maneira a transformar a atividade docente durante o ensino remoto pandêmico. Diversos motivos levaram às transformações, sendo a interação o tema mais citado durante as discussões, seja como fonte de impedimentos e/ou como superações para a realização dos trabalhos prescrito e planejado, subdividido em: interações humanas, didático-pedagógicas, didático-tecnológicas, promotoras da saúde do trabalhador e como instrumentos psicológicos de aprendizado. Sobre as interações humanas, identificamos que, embora ambas as redes tenham aderido ao ensino remoto, de maneira geral e ao contrário da rede particular, as professoras e professores das redes públicas municipais e estadual não tiveram comunicação síncrona com seus alunos, resultando em pouca ou nenhuma interação com estes e os demais membros da comunidade escolar. Observamos nas interações didático-pedagógicas que houve adaptações das planificações pelas professoras da rede particular e substituições e/ou supressões das planificações para as professoras e professores da rede pública. Nas interações didático-tecnológicas, houve transformações tanto nos artefatos materiais, através da obrigatoriedade do uso dos meios digitais, quanto nos artefatos simbólicos, com a transformação inversamente proporcional à maior frequência com as quais as prescrições foram substituídas e o menor tempo que as professoras e professores tinham para reelaborá-las. Identificamos o aumento da frequência de alterações nas prescrições e a consequente diminuição da interação prévia com as mesmas, o aumento das tarefas burocráticas e a diminuição do tempo de interação necessária para o aprendizado dos novos instrumentos didático-tecnológicos relatados como as principais interações que diminuem o poder de agir dos docentes; enquanto o contato com os coletivos de trabalho possibilitam aumentar o poder de agir e, consequentemente, promover a saúde docente. As interações atuaram como instrumentos psicológicos, sobretudo através dos coletivos de trabalho, que se transformaram em espaços de formação coletiva e individual ou auto-formativa. Devido à falta de tempo para completar os processos de instrumentalização e instrumentação docente, constatamos que as professoras e professores realizaram durante todo o ensino remoto pandêmico “atividades reguladoras” (LIMA, 2010, 2016) ou, como especificamos para esse gênero profissional, atividades didático-reguladoras.

Palavras-chave: Clínica da atividade. Instrução ao sósia. Trabalho do professor. Ciências ambientais. Pandemia COVID-19.

ABSTRACT

The reflection and mutual analysis with the faculty about their work is essential for the maintenance of the health and production of these subjects, transforming itself in the strengthening of the collectives and in the improvement of the dynamic teaching process. Thinking about such issues, this research had as theoretical and methodological reference the concepts of work ergonomics and the Clinic of activity developed by Yves Clot (2005, 2007, 2010a, 2010b, 2017) and Daniel Faïta (2002, 2004), being the method used the Instruction to the Double (ODDONE, 2008; CLOT, 1999, 2007, 2010; ROGER, 2007, 2013). The objective was to co-analyze the activity and the transformations of the teachers' activity under the eyes of the workers themselves during the suspension period of in-person classes due to the COVID-19 pandemic. Through the analyzes, we demonstrated that the teachers participating in the research found the occurrence of adaptations and replacements in the work organization after the suspension of the face-to-face classes, in order to transform the teaching activity during the pandemic remote education. Several reasons led to the transformations, with interaction being the most cited theme during the discussions, either as a source of impediments and/or overcoming the prescribed and planned works, subdivided into: human interactions as well as didactic-pedagogical, and didactic-technological promoting workers' health and also as psychological learning tools. Regarding human interactions, we identified that, although both networks have adhered to remote education, in general and unlike the private sector, teachers from the municipal and state public systems have not had synchronous communication with their students, resulting in little or no interaction with them and the other members of the school community. We observed in the didactic-pedagogical interactions that there were adaptations of the plans by the teachers of the private system and exchanges and/or deletions of the plans for teachers of the public network. In didactic-technological interactions, there were transformations both in material artifacts, through the mandatory use of digital media, and in symbolic artifacts, with the transformation inversely proportional to the superior frequency with which the prescriptions were replaced and the shorter time teachers had to rework them. We identified an increase in the frequency of changes in prescriptions and the consequent decrease in previous interaction with them. In addition, an increase in bureaucratic tasks and a decrease in the necessary time of interaction for learning the new didactic-technological instruments reported as the main interactions that decrease the teachers' power to act; while the contact with work groups makes it possible to increase the power to act and, consequently, promoting the faculty members health. The interactions acted as psychological instruments mainly through work groups, which became spaces for collective and individual formation or self-training. Due to the lack of time to complete the implementation and implement faculty processes, we found that teachers throughout the pandemic remote education carried out "regulatory activities" (LIMA, 2010, 2016) or, as we specified for this professional genre, regulatory teaching activities.

Keywords: Clinic of activity. Instruction to the double. Teacher's work. Environmental sciences. COVID-19 pandemic.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – TRÍADE DO SISTEMA EDUCACIONAL COM BASE NA TEORIA VIGOTSKIANA.....	35
FIGURA 2 – ATIVIDADES DO TRABALHO DO PROFESSOR.....	36
FIGURA 3 – MEMÓRIA NATURAL, MEMÓRIA ARTIFICIAL E O INSTRUMENTO PSICOLÓGICO	47
FIGURA 4 – TRÍADE VIVA DA ATIVIDADE.....	54
FIGURA 5 – O INSTRUMENTO MEDIADOR COMO ENTIDADE COMPOSTA.....	67
FIGURA 6 – ATIVIDADE MEDIADA COMO CARACTERÍSTICA COMUM DO SIGNO E DO INSTRUMENTO	68
FIGURA 7 – A GÊNESE INSTRUMENTAL E OS PROCESSOS DE INSTRUMENTALIZAÇÃO E INSTRUMENTAÇÃO.....	69
FIGURA 8 – EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE CASOS, MORTES E PAÍSES ATINGIDOS PELA PANDEMIA COVID-19 ATÉ 11/03/2020.....	76
FIGURA 9 – EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE CASOS, MORTES E PAÍSES ATINGIDOS PELA PANDEMIA COVID-19 ATÉ 17/10/2020.....	76
FIGURA 10 – PLANO GERAL DA PESQUISA	121
FIGURA 11 – ELEMENTOS DO PLANEJAMENTO DOCENTE.....	133
FIGURA 12 – BALANÇA DA ATIVIDADE DOCENTE E SUA RELAÇÃO COM O MEIO E O SUJEITO.....	141
FIGURA 13 – A GÊNESE DIDÁTICO INSTRUMENTAL E OS PROCESSOS DE INSTRUMENTALIZAÇÃO E INSTRUMENTAÇÃO DOCENTE.....	202

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – OCUPAÇÃO ATUAL DAS PROFESSORAS E PROFESSORES PARTICIPANTES.....	102
GRÁFICO 2 – NÍVEL EDUCACIONAL DE ATUAÇÃO DAS PROFESSORAS E DOS PROFESSORES PARTICIPANTES.....	103

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – DADOS GERAIS DAS PROFESSORAS E DOS PROFESSORES PARTICIPANTES.....	104
QUADRO 2 – CRONOGRAMA DE PRODUÇÃO DE DADOS.....	113
QUADRO 3 – TEXTOS PRODUZIDOS.....	115
QUADRO 4 – CLASSIFICAÇÃO DOS TEMAS DISCUTIDOS.....	123

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – FREQUÊNCIA E CLASSIFICAÇÃO DE INSERÇÃO DE TERMOS NOS DIÁLOGOS.....	125
--	-----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	16
1.1. ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	17
1.1.1. O Homem como Natureza: Contextos Físico e Sociossubjetivo	19
1.2. RELEVÂNCIA E JUSTIFICATIVA	26
1.3. OBJETIVOS E PERGUNTAS DA PESQUISA	28
2. QUADRO TEÓRICO METODOLÓGICO	31
2.1. O TRABALHO DO PROFESSOR	31
2.1.1. Trabalhos Prescrito, Planificado e Realizado pelos Professores	40
2.2. OS CONCEITOS VIGOTSKIANOS.....	41
2.2.1. Pilares básicos do pensamento de Vigotski	42
2.2.2. Sócio interacionismo e aprendizagem.....	43
2.2.3. Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP)	44
2.2.4. Conhecimento científico e a construção e reconstrução dos conceitos	45
2.2.5. Consciência como transformação da experiência	46
2.2.6. Instrumentos psicológicos ou signos e Significantes.....	47
2.3. A CLÍNICA DA ATIVIDADE	50
2.3.1. Real da Atividade	52
2.3.2. Atividade como Unidade de Análise	53
2.3.3. Métodos Indiretos	55
2.3.3.1. Instrução ao Sósia (IS)	56
2.4. O AGIR LINGUAGEIRO SOBRE O TRABALHO	60
2.5. GÊNERO SOCIAL OU GÊNERO PROFISSIONAL, E <i>MÉTIER</i>	63
2.6. INSTRUMENTOS DO TRABALHO DO PROFESSOR	66
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	73
3.1. PERÍODO DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	73
3.1.1. Origem do tema da pesquisa	73
3.1.2. Surgimento e espalhamento da pandemia COVID-19.....	74
3.1.3. Isolamento social e os modelos de educação no período pandêmico.....	78
3.1.4. Breve linha histórica da COVID-19 e suas confluências com a educação	87
3.2. AS PARTICIPANTES E OS PARTICIPANTES DA PESQUISA	97
3.2.1. Convite e composição do grupo de professores participantes	97

3.2.2. As professoras e os professores por si mesmos	99
3.2.3. Dados gerais das professoras e dos professores	101
3.3. A PRODUÇÃO DE DADOS PARA A PESQUISA	107
3.3.1. Instrumentos de produção de dados	107
3.3.2. Cronograma da produção dos dados	113
3.3.3. Transcrições dos textos produzidos durante os encontros.....	114
3.3.4. Critérios de seleção dos dados a serem analisados	116
3.4. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS	117
3.5. ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA	118
4. ANÁLISES E RESULTADOS	120
4.1. ESTRUTURA E DINÂMICA INTERATIVA DOS TEXTOS.....	120
4.1.1. Plano geral da pesquisa	121
4.1.2. Plano global e conteúdo referencial dos textos	122
4.1.3. Tema selecionado para análise e frequência de termos	124
4.2. ANÁLISE DOS RELATOS INICIAIS	126
4.2.1. Interações relatadas na organização do trabalho docente antes e durante o afastamento das escolas.....	126
4.3. ANÁLISE DAS INSTRUÇÕES, RETORNOS E DISCUSSÕES	149
4.3.1. Interações humanas	151
4.3.2. Interações didático-pedagógicas.....	162
4.3.3. Interações didático-tecnológicas	178
4.3.4. Interações como promotoras da saúde do trabalhador	187
4.3.5. Interações como instrumento psicológico de aprendizado	197
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	223
REFERÊNCIAS.....	235
APÊNDICES	245
ANEXOS	427

1. INTRODUÇÃO

“E é impossível que o homem não seja uma parte da natureza e que não siga a ordem comum desta. Se, entretanto, vive entre indivíduos tais que combinam com a sua natureza, a sua potência de agir será, por isso mesmo, estimulada e reforçada. Se, contrariamente, vive entre indivíduos tais que em nada combinam com a sua natureza, dificilmente poderá ajustar-se a eles sem uma grande mudança em si mesmo”.
Baruch Spinoza, “Ética”, 2019, p. 205.

O trabalho é modelador dos sujeitos assim como os sujeitos são modeladores do seu trabalho. Basta observar qualquer início de conversa ou entrevista para compreender como nossa profissão nos apresenta para o mundo. Ou seja, “o ofício não existe somente entre os profissionais, mas em cada um deles” (CLOT, 2010b, p. 285).

E assim como o trabalho nos apresenta ao mundo, constrói o mundo. Exatamente por isso, entre as 17 metas estabelecidas em 2015 pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), conhecidas como os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e que visam a transformação do nosso mundo até 2030, o trabalho aparece como um dos principais eixos da proposta, sendo transversal em diversas outras áreas para a promoção do crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável.

Da mesma forma, a educação é base fundamental para o desenvolvimento da sociedade. E essa base é feita através do trabalho do professor, com seu trabalho de ensino. Assim, o trabalho do professor envolve múltiplas dimensões pessoais e relacionais (cognitivas, afetivas, sociais, históricas, psicológicas, culturais, identitárias, etc.), que são estudadas por diversas disciplinas (psicologia, sociologia, linguística, etc.) (SAUJAT, 2004; AMIGUES, 2004; MACHADO, 2007). Esse trabalho também envolve múltiplos conhecimentos, tecnologias e direcionamentos.

Então, como analisar o trabalho do professor, considerando todas estas dimensões? Como desconstruir essa imagem romantizada que muito comumente substitui o profissional qualificado pelo “sujeito que tem o dom de ensinar”? Essa dificuldade se dá por que as bases teóricas das abordagens em pesquisas sobre o ensino em geral buscam generalizar o trabalho, analisando ou apenas as tarefas do professor ou o desempenho dos alunos. Assim, segundo Amigues (2004, p. 38), “isso ocorre sem dúvida porque a atividade do professor e as situações de trabalho

são consideradas conhecidas pelos que tomam decisões sobre elas e pelos pesquisadores”.

Com isso, pesquisas que visam a coanálise¹ do trabalho do professor (por ele mesmo, em conjunto com os pesquisadores) podem favorecer que este profissional se reconheça em sua profissão, compreenda as atividades que realiza e, sobretudo, aumente seu poder de agir sobre elas, refletindo sobre e remodelando o seu fazer. Nesta perspectiva, a reflexão e análise conjunta com os trabalhadores sobre seu trabalho torna-se essencial para a manutenção da saúde e produção desses sujeitos, que, no caso da educação, transforma-se na própria melhoria do dinâmico trabalho de ensino, assim como para o fortalecimento dos coletivos de trabalhadores. Desta forma, a consciência sobre o real do trabalho pode ir sendo (re)construída do sujeito para o profissional e do individual para o coletivo. E, assim, a educação também pode ir se transformando, com sujeitos conscientes e autores de seu trabalho.

Pensando acerca de tais questões, esta pesquisa tem como referencial teórico e metodológico a clínica da atividade desenvolvida por Yves Clot (2005, 2007, 2010a, 2010b, 2017), o qual identifica a atividade como “sede dos investimentos vitais” (2010b, p. 8) e os trabalhadores como protagonistas da transformação no campo do trabalho, pois transforma seu organismo fisiológico em um “verdadeiro órgão funcional da atividade” (2010b, p. 19).

Portanto, o objetivo desta pesquisa foi coanalisar a atividade e as transformações da atividade dos professores sob os olhares desses próprios trabalhadores durante o período de suspensão de aulas presenciais devido à pandemia COVID-19.

Propomos nesta pesquisa o olhar integrativo do homem como natureza e, ao mesmo tempo, seu principal agente transformador. Para isso, utilizamos métodos já consolidados de pesquisa sob a ótica vigotskiana, mas ainda pouco explorados no campo das ciências ambientais: considerando o trabalho como instrumento do homem para transformação do meio físico e sociossubjetivo no qual vive e no qual precisa se reintegrar para reconstruir essa relação de complexidade.

1.1. ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

¹ A explicação para o conceito de coanálise pode ser vista na seção sobre os Métodos Indiretos.

As prescrições da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o ensino das Ciências da Natureza, bem como para todas as demais áreas do conhecimento, tem como fundamentos pedagógicos o foco no desenvolvimento de competências. Para isso, propôs-se apresentar um grau crescente de complexidade que exige a contextualização dos objetos de estudo cada vez mais aprofundada do professor e a introdução gradual e crescente dos estudantes nos processos de conhecimentos éticos, políticos, culturais, tecnológicos e, sobretudo, científicos.

Portanto, na BNCC, o ensino das Ciências da Natureza, que chamaremos também como Ciências Ambientais, deve ser orientado para o letramento científico e para a formação integral dos indivíduos, desenvolvendo a capacidade de atuação no e sobre o mundo, a fim de transformá-lo com base nos aportes teóricos e processuais das ciências. Para isso, o documento descreve o processo investigativo como elemento central da formação, que deve ser atrelado às situações didáticas planejadas e possibilite aos estudantes revisitar de forma reflexiva seus conhecimentos e sua compreensão acerca do mundo em que vivem, reconhecendo sua diversidade cultural (BNCC, 2018).

De acordo com a Lei nº 9.795/1999², podemos entender como Educação Ambiental (EA) os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências; voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade; devendo ser um componente essencial e permanente em todos os níveis da educação formal e não-formal nacional. Portanto, poderíamos entender a intenção da Base para o ensino das Ciências Ambientais como a própria educação ambiental.

Nesse sentido, cabe ressaltar que a linha teórica que adotamos neste referencial é, em partes, alinhada à de Dias (1998, p. 23), que destaca a base interdisciplinar da EA e a necessidade de desvinculá-la exclusivamente à ciências biológicas referentes à Ecologia, como a ideia ultrapassada e ineficiente que a abordagem dos livros didáticos insistem em fazer. Assim, o autor sugere a articulação entre as ciências sociais e ambientais, libertando a EA de uma única

² BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Lei nº. 9.795 de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, n. 79, 28 abr. 1999. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm>. Acesso em: 10 dez 2019.

área para sua transposição verdadeiramente interdisciplinar. Nesta pesquisa, além da base interdisciplinar, ainda será validada a abordagem transdisciplinar da EA nos pressupostos teóricos, bem como das ciências ambientais.

Então, constituída como tema transversal aos componentes educacionais obrigatórios, se considerarmos apenas as variáveis metodológicas possíveis de serem controladas na tomada de decisão por determinada linha teórica de EA a ser aplicada em escolas, por exemplo, como realidade local e tempo/espço de aplicação, pode-se optar, portanto, por mais de uma teoria aplicada à mesma realidade de acordo com a cosmovisão da comunidade escolar que a escolhe. Assim, a autora Lucie Sauvé (2005), por exemplo, apresenta uma cartografia das correntes de EA, agrupando concepções e práticas semelhantes (as correntes) dentro da exploração teórica deste território pedagógico (a cartografia). Para isso, fundamenta-se em 4 parâmetros: a concepção dominante do meio ambiente, a intenção central da EA, os enfoques privilegiados e os exemplos/modelos de estratégias que ilustram a corrente.

E assim como na sua abordagem prática, a construção do referencial teórico da EA também sofre influência direta da cosmovisão dos diferentes autores. Portanto, embora todas estas definições teóricas sejam convergentes no papel central da educação como protagonista da conscientização sobre a proteção do meio ambiente, divergem nas propostas metodológicas e nas sugestões do “modo correto” de *educar ambientalmente* as sociedades.

Nesse sentido, adotamos a linha de EA crítica e de consciência universal, no qual o homem é integrante da natureza, não apenas usufruinte de suas riquezas, e também seu principal transformador (LOUREIRO, 2003, 2006; PORTO-GONÇALVES, 2011). Tem-se, portanto, o direcionamento para a reintegração da natureza humana também como natureza, bem como sua produção, pois essa também pode ser compreendida como natureza. Afinal de contas, “o homem é a natureza que toma consciência de si mesma” (ENGELS, 1978, p. 26).

1.1.1. O Homem como Natureza: Contextos Físico e Sociossubjetivo

Embora seja parte integrante da natureza, o homem se diferencia dos demais seres vivos por sua capacidade de reagir ao mundo e refletir metodicamente

à ele (CARVALHO, 2003, p. 12). E, de acordo com a teoria desenvolvida por Vigotski³, somos capazes de criar o mundo da cultura por meio dos instrumentos de trabalho e dos instrumentos psicológicos (MOLON, 2006, p. 169).

Então, se nossas reflexões se devem à nossa consciência e esta é criada por instrumentos e signos através das nossas relações sociais, nossa idealização também constrói sócio historicamente nosso agir e, conseqüentemente, a natureza. Assim criamos nossa cultura e opostamente instituímos o conceito de natureza, criando modelos de relações idealizados e utópicos entre nós e ela.

A natureza se define, em nossa sociedade, por aquilo que se opõe à cultura. A cultura é tomada como algo superior e que conseguiu controlar e dominar a natureza. [...] Além disso, a expressão dominar a natureza só tem sentido a partir da premissa de que o homem é não-natureza ... Mas se o homem é também natureza, como falar em dominar a natureza? Teríamos que falar em dominar o homem também ... E aqui a contradição fica evidente. Afinal, quem dominaria o homem? Outro homem? Isso só seria concebível se aceitássemos a ideia de um homem superior, de uma raça superior, pura - e a História já demonstrou à farta as conseqüências destas concepções. (PORTO-GONÇALVES, 2006, p. 25-26).

A concepção do homem como “não-natureza” não resultou em novos conhecimentos sobre a natureza, mas apenas uma nova atitude sobre ela. Segundo Plastino (2006, p. 139), essas concepções hegemônicas da modernidade sobre o homem, a natureza e as relações entre ambos não teve como resultado descobertas de “verdades” científicas, apenas a construção teórica orientada para o objetivo de tornar possível o maior grau de controle e manipulação da natureza.

Se o conhecimento é uma construção, a intencionalidade que o orienta torna-se decisiva para avaliar sua pertinência. Ignorando a extrema complexidade da natureza, a perspectiva paradigmática da modernidade operou um recorte, decretando que a totalidade da natureza devia ser pensada como uma máquina cujo dinamismo era sustentado, exclusivamente, por leis de determinação conhecíveis e redutíveis à lógica identitária. O sujeito ativo desse conhecimento e dominação – o homem – foi também pensado de maneira reducionista: um corpo pensado como máquina e uma consciência racional separada dele. Convém insistir: todas estas concepções não resultaram de descobertas operadas pelas ciências modernas. Elas organizaram uma determinada perspectiva – paradigma – fazendo possível o desenvolvimento das ciências modernas. (PLASTINO, 2006, p. 140).

³Adotamos neste trabalho a grafia mais utilizada na língua portuguesa para o nome do autor - Vigotski, porém sempre respeitando a grafia utilizada por outros autores em suas citações. Desta forma, ao longo desse texto, aparecerão as grafias: Vigotski, Vigotsky, Vygotski e Vygotsky.

Assim, reintegrar o homem à natureza, nos reintegraria não apenas à nossa própria natureza, mas também à nossa organização autopoietica. A teoria autopoietica foi criada na década de 1970 pelos biólogos chilenos Francisco Varela e Humberto Maturana, na qual designaram a capacidade dos seres vivos de produzirem e reciclarem seus próprios componentes, produzindo a si próprios como um sistema organizado auto-suficiente. Assim, segundo os autores, a organização do ser vivo se explica ao ser vista como um operar circular fechado de produção de componentes que produzem a própria rede de relações de componentes que os gera (1995, p. 39), ou seja, são “unidades autônomas” (1995, p. 88). Porém, toda essa dinâmica depende das mudanças ambientais, sendo que a sobrevivência dos seres vivos depende da sua adaptação a tais mudanças, “ou seja, se as ‘incorporar’ em seu conhecer (processos cognoscitivos) reagindo adequadamente a elas” (MATURANA e VARELA, 1995, p. 32).

Entretanto, Maturana e Varela alertam para não cairmos na “armadilha” de que nossos conhecimentos sobre o ambiente são independentes de nossas próprias experiências perceptivas com as quais o experimentamos, pois sempre que observamos ou distinguimos algo, utilizamos nossa própria perspectiva (1995, p. 32-33). Desta forma, cada ser vivo não só se adapta à natureza, mas a transforma para si em sua experiência; e, ao transformá-la, transforma também a si mesmo.

Essa adaptação e o reconhecimento da importância em não cultivar essa dicotomia homem-natureza através da reintegração do homem à natureza não é recente. Os pensadores originários pré-socráticos já mencionavam a ideia da *physis* como a experiência do mundo físico até a dimensão do pensamento.

Nesta compreensão, cada ser (e a totalidade do que existe) é experienciado como uma manifestação desta dinâmica de surgimento. À *physis* pertencem o céu e a terra, a pedra e a planta, o animal e o homem, o acontecer humano como obra do homem e dos deuses, e os próprios deuses, como a expressão mais brilhante da *physis*. [...] E sobretudo, o que esta palavra evoca não é somente a pedra e a planta, o deus e o homem, mas ao próprio ‘surgir’. (UNGER, 2006, p. 26).

Morin (2015, p. 38) nos traz a *physis* como a natureza ordenada (constituente de sistemas cada vez mais complexos) e desordenada (entrópica) da matéria na sua concepção de meio ambiente “como horizonte de realidade mais vasta”, abrindo-se ao infinito como um “sistema aberto”. O autor explica esse conceito através das

trocas energéticas e materiais de sistemas fechados, que só o são exatamente pela possibilidade de serem abertos também.

Num primeiro sentido, o desequilíbrio alimentador permite ao sistema manter-se em aparente equilíbrio, isto é, em estado de estabilidade e de continuidade, e esse aparente equilíbrio só se degradará se for deixado entregue a si mesmo, isto é, se houver fechamento do sistema. Esse estado assegurado, constante e, no entanto, frágil – *steady state* [...], tem alguma coisa de paradoxal: as estruturas permanecem as mesmas, ainda que os constituintes sejam mutantes; assim acontece não apenas com o turbilhão, ou a chama da vela, mas com nossos organismos, onde nossas moléculas e nossas células renovam-se sem cessar, enquanto o conjunto permanece aparentemente estável e estacionário. Por um lado, o sistema deve se fechar ao mundo exterior a fim de manter suas estruturas e seu meio interior que, não fosse isso, se desintegraria. Mas é a sua abertura que permite esse fechamento. (MORIN, 2015, p. 21).

O que é corroborado por Capra (2004, p. 33) com a afirmação de que, embora sua forma seja mantida, há um fluxo contínuo de matéria através de organismos vivos, permitindo o entendimento de que a forma biológica “está inextricavelmente ligado ao entendimento de processos metabólicos e associados ao desenvolvimento”. Essa visão ainda está enraizada na cultura oriental, com a “consciência da unidade e da inter-relação de todas as coisas e eventos, a experiência de todos os fenômenos do mundo como manifestações de uma unidade básica” (CAPRA, 2005, p. 103).

Embora os sistemas precisem ser isolados para serem definidos, precisam interagir com o meio a fim de serem observados (STAPP, 1971, p. 1303 apud CAPRA, 2005, p. 107). Isso por que, de acordo com a teoria quântica, a observação passiva de um objeto isolado não seria possível devido à troca de energia discreta existente entre a agência de medição e o objeto medido; fato que desconstrói a linha que distingue *sujeito* e *objeto* (BOHR, 1983, p. 126 apud ARROYO, 2015, p. 30).

Aristóteles em sua *Ética a Nicômaco*, assim como traduzido por Marcondes (2006, p. 40), escreve: “é evidente que a cidade (*polis*) faz parte das coisas naturais e que o homem é por natureza um animal político (*zoon politikón*)” e “aquele que por natureza, e não simplesmente por acidente, se encontra fora da cidade ou é um ser degradado ou um ser acima dos homens”. Capra (2004, p. 34) também escreve que esse pensador apesar de distinguir entre matéria e forma, também ligava ambas por meio de um processo de desenvolvimento, no qual a matéria contém a natureza

essencial de todas as coisas, sendo separada da forma apenas pelo processo de abstração.

Espinosa⁴, no século XVII, no primeiro excerto de *Ética*, já fazia críticas à maneira dominadora de tratar a natureza, submetendo-a à vontade do homem. De acordo com Sawaia (2006, p. 79), o filósofo revelou sua visão unificadora, na qual todos os seres, embora na plenitude de sua especificidade, estão intimamente interligados. Assim, Espinosa reintegra o homem ao cosmos e promove a exaltação da natureza.

Ao demonstrar que Deus e Natureza constituem uma só coisa, Espinosa está afirmando que a Natureza é o ser fundante de todos os seres, é a substância que existe no interior de todos eles. Então, cada realidade individual é uma manifestação deste Todo, que se individualiza e se concretiza em unidades autônomas, como os homens, os animais e o meio ambiente. (SAWAIA, 2006, p. 81).

Para Espinosa, portanto, não sendo a causa nem o centro do mundo, o homem é parte desta rede de infinitas outras coisas que estabelecem entre si necessidades, causalidades e implicações que o afetam direta ou indiretamente (SAWAIA, 2006, p. 82).

E como estudioso da obra de Espinosa, Vigotski também ressaltou as conexões entre o biológico e o social e entre o natural e o cultural, ao mesmo tempo que estudava suas diferenciações. Para ele, a questão essencial da ontogênese⁵ são os instrumentos, pois fazem a mediação social, unindo os processos biológicos e históricos, bem como os naturais e culturais. A ontogênese, portanto, é qualitativamente diferente da filogênese, pois acontece na cultura durante o desenvolvimento histórico da humanidade, modificando a herança natural da humanidade de acordo com os critérios humanos (MOLON, 2006, p. 171).

Nesse sentido, pode-se compreender que a noção de meio ambiente na obra de Vygotsky diz respeito a um determinado espaço-tempo histórico, um lugar definido onde ocorrem as relações dinâmicas e as interações resultantes das atividades humanas e da natureza. Assim, todas as

⁴ Spinoza ou Espinosa, pois adotamos o nome de acordo com a referência utilizada.

⁵ Segundo Vigotski, o plano ontogenético é o percurso do indivíduo em seu próprio ciclo de vida, do nascimento à morte, em termos do seu desenvolvimento; e o plano filogenético, que é a história de espécie, com suas possibilidades e limites genéticos. (Vygotsky, Vida e obra. Depoimento de Marta Kohl de Oliveira. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/psicoeduc/chasqueweb/vygotsky/colegio-vygotsky.htm>> Acesso em: 02 jun 2019).

transformações produzidas nas relações dos sujeitos com o meio natural e construído constituem o meio ambiente. (MOLON, 2006, p. 171).

E por essa intencionalidade, mesmo que em menor ou maior grau de reflexão, podemos dizer que os homens fazem não apenas sua própria história, mas também fazem e contam a história da natureza (CARVALHO, 2003, p. 12).

Então, se fazemos ambas as histórias, somos os criadores e também teremos que ser os solucionadores da atual crise ambiental. Crise esta que “problematiza os paradigmas estabelecidos do conhecimento e demanda novas metodologias capazes de orientar um processo de reconstrução do saber que permita realizar uma análise integrada da realidade” (LEFF, 2007, p. 67).

Da mesma forma, para Porto-Gonçalves (2011, p.17), se tivermos como meta as necessidades socioambientais, somente superaremos as deficiências do atual paradigma ambiental se buscarmos outras racionalidades. Para isso, deveremos repensar o modelo tecnocrata, a racionalidade econômica e a razão objetiva. Desta forma, segundo o autor, emergirá um novo paradigma que respeite a complexidade não só da natureza, mas também dos diferentes processos sociais.

Portanto, Homem e Natureza são parte de um mesmo processo de constituição, sendo diferentes pela tomada de consciência do homem sobre sua racionalidade. Assim como Engels, Porto Gonçalves (2011, p. 9) também afirma que o homem é a natureza que toma consciência de si própria e que esta (re)descoberta é verdadeiramente revolucionária numa sociedade que disso se esqueceu ao se colocar o projeto de dominação da natureza.

“A noção de um universo orgânico, vivo e espiritual foi substituída pela noção do mundo como uma máquina, e a máquina do mundo tornou-se a metáfora dominante da era moderna” (CAPRA, 2004, p. 34). E essa substituição é evidente nos campos científicos através dos resultados das pesquisas que trazem uma tensão entre as partes e o todo: àquelas que enfatizam as partes, sendo chamadas de mecanicista, reducionista ou atomística; e aquelas que enfatizam o todo de holística, organísmica ou ecológica (CAPRA, 2004, p. 33).

Então é necessário mudar o olhar científico das pesquisas para o complexo, o sistêmico, pois já não é novidade alguma que o tratamento das crises ambientais de maneira fragmentada não resultou em avanços na preservação mínima e

conservação⁶ máxima da natureza. Poderíamos afirmar, portanto, que “o paradigma tradicional está, de algum modo, equivocado”, pois à medida que os problemas mudam, deve-se mudar também, seguidamente, “os padrões que distinguem uma verdadeira solução científica de uma simples especulação” (KUHN, 2009, p. 158 e p. 138).

Segundo Kuhn (2009, p. 130), a pesquisa normal é cumulativa e deve todo seu sucesso “à habilidade dos cientistas para selecionar regularmente fenômenos que podem ser solucionados através de técnicas conceituais e instrumentais semelhantes às já existentes”. Desta forma, a pesquisa científica sempre foi um fenômeno contextualizado, sendo construída sócio historicamente através do acúmulo e ampliação das descobertas científicas, mas que também pode ser condicionada à subjetividade do cientista na escolha dos pressupostos teóricos e dos métodos de análise.

E, quando uma tradição científica normal muda, a *gestalt* deve ser reeducada, ou seja, o cientista deve aprender a ver seu meio ambiente de uma nova forma. Isso exige reconstruir as percepções com as quais já estava familiarizado (KUHN, 2009, p. 148). Ainda segundo o autor, isso exige que os cientistas, mesmo que empregando instrumentos familiares, vejam coisas novas e diferentes nos mesmos pontos já examinados anteriormente, mudando os paradigmas e, com eles, o próprio mundo (2009, p. 147).

Portanto, propomos nesta pesquisa o olhar integrativo do homem como natureza e, ao mesmo tempo, seu principal agente transformador. Para isso, utilizaremos métodos já consolidados de pesquisa sob a ótica vigotskiana, mas ainda inexplorados no campo das ciências ambientais: considerando o trabalho como instrumento do homem para transformação dos meios físico e sociossubjetivo no qual vive e no qual precisa se reintegrar para reconstruir essa relação de complexidade.

⁶ Conforme a Lei nº 9.985 de 2000, conservação é o manejo do uso humano da natureza, compreendendo a preservação, a manutenção, a utilização sustentável, a restauração e a recuperação do ambiente natural, para que possa produzir o maior benefício, em bases sustentáveis, às atuais gerações, mantendo seu potencial de satisfazer as necessidades e aspirações das gerações futuras, e garantindo a sobrevivência dos seres vivos em geral; e preservação é conjunto de métodos, procedimentos e políticas que visem a proteção a longo prazo das espécies, habitats e ecossistemas, além da manutenção dos processos ecológicos, prevenindo a simplificação dos sistemas naturais (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19985.htm).

1.2. RELEVÂNCIA E JUSTIFICATIVA

Após a contextualização do posicionamento científico a ser utilizado dentro do campo das ciências ambientais, buscaremos apontar essa relevância para as pesquisas na área.

Como veremos adiante nos pressupostos teóricos, a atividade docente vem sendo pesquisada há muitos anos e não possui uma definição sobre *qual é o trabalho do professor*. Essa dificuldade se dá por que as bases teóricas das abordagens em pesquisas sobre o ensino em geral buscam generalizar o trabalho, analisando ou apenas as tarefas do professor ou o desempenho dos alunos.

Destacamos aqui, portanto, uma justificativa desta pesquisa, com pressupostos teóricos que consideram a análise do trabalho do professor como um fato sócio histórico, tratando a atividade docente como contextualizada, pessoal e única, interpessoal, impessoal, transpessoal, interacional, mediada por instrumentos, prefigurada pelo professor, fonte de aprendizagem e de impedimentos, conflituosa, etc (MACHADO, 2007, 2009, 2010b; BRONCKART, 2009). Assim, por mais que pesquisas similares que usam os métodos indiretos de coanálise já tenham sido realizadas, apenas podemos falar do trabalho docente a partir de cada profissional, com sua subjetividade.

Outra justificativa desta pesquisa é a contribuição na identificação das transformações do trabalho docente após o afastamento dos professores das escolas devido à pandemia da COVID-19 (coronavírus).

Uma recente pesquisa⁷ quantitativa realizada pelo Instituto Península entre 23 e 27 de março de 2020 com 2.400 profissionais das redes privada e pública de educação básica de todo o Brasil, sendo que 86% dos entrevistados são professores, apontou em sua primeira fase de coleta de dados que desde o início da pandemia, em meio à adaptação a essa nova forma de trabalho, aumentaram os níveis de ansiedade devido às aulas remotas e sobrecarga de trabalho, além de maiores responsabilidades e cobranças em suas tarefas. A pesquisa também revelou que os professores estão muito ou totalmente preocupados com a própria

⁷ INSTITUTO PENÍNSULA. Sentimento e percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios do Coronavírus no Brasil. Brasil: Instituto Península, 2020. Disponível em: <https://www.institutopeninsula.org.br/wp-content/uploads/2020/05/Covid19_InstitutoPeninsula_Fase2_at%C3%A9A91405-1.pdf> Acesso em: 19 jul. 2020.

saúde, que já podem ser notados pequenos efeitos na saúde mental dos docentes e que, ao serem questionados sobre qual tipo de apoio gostariam de ter, algumas das palavras que mais apareceram nas respostas foram: psicológico, emocional e saúde.

Já na segunda fase desta mesma pesquisa, realizada entre 13/04 a 14/05/2020 também de forma quantitativa, 67% dos professores revelaram que estão se sentindo ansiosos, 38% cansados, 36% entediados, 35% sobrecarregados, 34% estressados e 27% frustrados. Porém, de maneira geral, os professores demonstram estarem mais preocupados com a saúde de suas famílias do que com a própria saúde, além de mais preocupados com a saúde física que com a saúde mental.

Desta forma, assim como outras pesquisas quantitativas que devam ser feitas neste momento, apenas evidenciam os dados estatísticos, mas não indicam como se dão essas transformações do trabalho docente, nem como essas transformações estão ou não redefinindo e/ou ampliando a atividade docente. Portanto, a metodologia adotada não permite a apropriação da sua atividade pelos trabalhadores, tal como o método proposto, tão pouco, portanto, a transformação desta atividade.

Por fim, a última justificativa se dá pela busca para a inserção dos estudos sobre o trabalho do professor no campo das ciências ambientais. Durante as buscas bibliográficas realizadas, não foram encontradas pesquisas que correlacionam essas duas áreas do conhecimento.

Foram utilizadas 4 bases científicas de buscas de trabalhos (Periódicos Capes⁸, *Scielo*⁹, *Google acadêmico*¹⁰ e *Science Direct*¹¹ - todas apenas no conteúdo gratuito) e a busca direta no *Google*. Os principais termos utilizados para busca geral, ou seja, em todos os índices, e correlacionados entre si foram: da primeira área do conhecimento, ciências ambientais, natureza e ciências da natureza; de outra, trabalho do professor, trabalho docente, atividade, real da atividade, clínica da atividade, ergonomia e psicologia do trabalho.

Todos os trabalhos encontrados nestas buscas focam no trabalho de ensino da educação ambiental ou na aprendizagem, ou ainda na ergonomia ambiental, mas

⁸ Periódicos Capes (<http://www.periodicos.capes.gov.br/>).

⁹ Scielo (<https://scielo.org/>).

¹⁰ *Google acadêmico* (<https://scholar.google.com.br/>).

¹¹ Science Direct (<https://www.sciencedirect.com/>).

nenhum sob a perspectiva do homem como agente transformador do meio através do seu trabalho; e esse ambiente não apenas como espaço natural, mas como o ambiente físico, psíquico e social.

Portanto, apesar dos estudos do ambiente serem temas transversais dentro da educação, inclusive previsto em lei, atravessando também o trabalho do professor, estes não consideram o homem como parte integrante da natureza e seu principal agente transformador, ignorando, assim, as consequências desta exclusão para o trabalho de ensino.

Porém, o profissional, através de sua profissão, é capaz de transformar todos os meios nos quais atua. Pois, segundo Clot (2010a, p. 225), “não somos obrigados a escolher entre atividade e subjetividade”. O autor ainda afirma que, além de não serem contrárias, a subjetividade é uma relação entre atividades: “é uma atividade sobre a atividade” sendo assim “que se desenvolve a produção subjetiva de minha experiência”. E, para Vygotski, o subjetivo é a relação entre duas coisas reais (VYGOTSKI, 1999, p. 278-279 apud CLOT, 2010b, p. 205).

Desta forma, buscando alcançar nossos objetivos de pesquisa, apresentaremos agora as perguntas de pesquisa, que serviram de base para o desenvolvimento do método adotado.

1.3. OBJETIVOS E PERGUNTAS DA PESQUISA

Esta pesquisa tem como objetivo geral o desenvolvimento de um estudo sobre o trabalho do professor. Trata-se da coanálise da atividade e das transformações da atividade das professoras e dos professores sob os olhares desses próprios trabalhadores antes e durante o período de suspensão de aulas presenciais devido à pandemia COVID-19.

Para isso, descrevemos os relatos e as instruções sobre a organização dos trabalhos prescrito, planejado e realizado durante o processo de transformação do trabalho docente. E, devido à complexidade desta definição do que é o trabalho do professor, estabelecemos como delineamento da pesquisa os seguintes objetivos específicos:

- a) apresentar a descrição da organização do trabalho das professoras e dos professores participantes antes e durante o período de suspensão de aulas presenciais devido à pandemia;
- b) observar se ocorrem adaptações das prescrições para planificação do trabalho durante o período de suspensão de aulas presenciais;
- c) observar quais são as similaridades, as diferenças e as novas demandas no trabalho remoto durante o período de suspensão das aulas;
- d) realizar a coanálise do trabalho a fim de observar suas superações ou impedimentos de realização do trabalho prescrito e planejado.

Buscando atingir os objetivos, descrevemos os resultados dos diálogos com e entre os professores participantes, tanto nas instruções quanto no retorno das instruções. Também comparamos os relatos escritos inicialmente sobre a organização do trabalho antes do período de suspensão das aulas presenciais com as atividades desenvolvidas durante o período de trabalho remoto.

Para atingir esses objetivos específicos, estabelecemos as seguintes perguntas de pesquisa:

- 1. Ocorrem alterações na organização do trabalho das professoras e dos professores participantes antes e durante o período de suspensão de aulas presenciais devido à pandemia COVID-19?
- 2. Houveram adaptações ou até mesmo substituições da planificação inicial do trabalho pelas professoras e pelos professores participantes? Se ocorrem, quais os motivos que os levaram à essas adaptações/substituições?
- 3. Existem diferenças entre o trabalho prescrito para as professoras e os professores das diferentes redes de ensino durante o trabalho remoto? Se sim, quais são as novas demandas desta atividade?
- 4. Quais os impedimentos e superações relatados nas instruções para a realização do trabalho prescrito e planejado?
- 5. Pode a verbalização sobre seu próprio trabalho com o grupo de pesquisa auxiliar na superação de impedimentos e no desenvolvimento profissional das professoras e dos professores?

Com isso, através da criação de situações de observação e coanálise do trabalho dos professores, buscamos compreender quais dimensões estavam relacionadas à realização ou não dos trabalhos prescrito e planejado. Através destas respostas, a coanálise do trabalho do professor, assim como descrito nos trabalhos de Vigotski (1934, 1985), citado por Amigues (2004, p. 39), considerou “a atividade como unidade de análise da conduta do professor”.

2. QUADRO TEÓRICO METODOLÓGICO

*“O ofício não existe somente entre os profissionais, mas em cada um deles”
Yves Clot, “Trabalho e poder de agir”, 2010.*

*“Assim, a própria pessoa, sendo o resultado de uma micro-história experiencial, também é (em um determinado estado n) um quadro que exerce uma determinação sobre qualquer nova aprendizagem”.
Jean-Paul Bronckart, “O agir nos discursos”, 2008.*

Neste capítulo apresentaremos os pressupostos teóricos que validaram nossa pesquisa e a metodologia aplicada. Assim, em cada seção, serão apresentadas nossas principais bases referenciais a partir das teorias desenvolvidas por Yves Clot, Daniel Faïta, Lev Semenovitch Vigotski, Anna Rachel Machado, Jean-Paul Bronckart, Pierre Rabardel, entre outros.

2.1. O TRABALHO DO PROFESSOR

Se a educação é uma base fundamental para o desenvolvimento e o bom funcionamento de qualquer sociedade, então... como deve ser o trabalho de ensinar? Qual é o trabalho do professor? Este trabalho é bastante complexo e amplo, pois segundo Saujat (2004), Amigues (2004) e Machado (2007), envolve múltiplas dimensões pessoais e relacionais (cognitivas, afetivas, sociais, históricas, psicológicas, culturais, identitárias, etc.), que são estudadas por diversas disciplinas (psicologia, sociologia, linguística, etc.).

Esse trabalho também envolve múltiplos conhecimentos e tecnologias (formação pedagógica, didática e transposição de objetos de estudo, domínio de teorias e ferramentas, atualização constante, etc.), múltiplos direcionamentos e relacionamentos (aos alunos, aos seus responsáveis legais, à instituição de vínculo, ao coletivo de trabalho, aos demais profissionais da educação, etc.), bem como a subjetividade do profissional, suas experiências de vida e de trabalho, suas possibilidades e impedimentos e o contexto sócio-histórico do ambiente no qual está inserido.

Tal como resumido por Amigues (2004, p. 41) quando afirma que o professor, através de sua atividade, busca “meios de agir nas técnicas profissionais que se constituíram no decorrer da história da escola e do ofício de professor”, não sendo feita por “um indivíduo destituído de ferramentas, socialmente isolado e

dissociado da história”, mas sim sendo uma atividade “socialmente situada e constantemente mediada por objetos que constituem um sistema”, além de ser estabelecida e coordenada pelo professor nas relações entre vários objetos constitutivos desta atividade.

Constatadas todas essas dimensões e inter-relações, como definir com precisão e analisar o trabalho do professor? Segundo Saujat (2004, p. 5), as primeiras pesquisas sobre ensino revelaram o mais importante papel do professor, pois ao buscarem identificar indicadores da eficácia dos professores, acabaram ressaltando que a forma de ensinar de cada profissional é fundamental na produção dos resultados escolares. À isso, Saujat define como o *efeito professor*. Esse conceito ajudou a começar a desconstruir a ideia de eficácia apenas como um rótulo colocado no professor deslocado do contexto.

Outros modelos teóricos historicamente utilizados nas pesquisas sobre o ensino¹² também apresentam diversas limitações na identificação do trabalho do professor, acentuando ainda mais “a necessidade de se construir um ponto de vista mais integrativo, interacionista, capaz de melhor apreender a complexidade e a multidimensionalidade das práticas educacionais” (SAUJAT, 2004, p. 19).

Além disso, segundo Saujat (2004, p. 19), apesar do ensino ser o trabalho mais estudado, “não sabemos quase nada do ensino como trabalho”. Pois a maior parte dos resultados de pesquisas atuais mostram apenas a fragmentação ou a relação entre as tarefas dos professores e o desempenho dos alunos, considerando apenas e exclusivamente o trabalho observável em sala de aula.

E, a partir destas abordagens de análise, evidenciam-se dois problemas. A medição do desempenho dos alunos exclui completamente a identificação do trabalho do professor, pois por mais que o trabalho de ensino influencie muito o processo de aprendizado, este é um processo interno de cada estudante. Já a medição das tarefas dos professores como sendo apenas o executado durante uma hora aula, mostra apenas a “ponta do iceberg” do trabalho do professor, pois considera apenas o trabalho desenvolvido no campo praxiológico e exclui completamente toda a atividade docente desenvolvida no campo psicológico.

Os seres humanos, assim como todos os demais animais, estão em constante aprendizado, desde o seu nascimento até a sua morte. O ato de aprender

¹² Para mais informações sobre os diferentes modelos teóricos que encorajam atualmente o campo de pesquisa sobre o ensino sob a teoria da ergonomia da atividade, consultar Saujat (2004, p. 05-34).

é natural; mas também é biológico, cultural, histórico, social e, portanto, individual. Porém, ao contrário do aprendizado, o ensino não é natural. Segundo Chevallard (2013, p. 8) “é somente por causa do nosso condicionamento cultural que normalmente consideramos o ensino algo natural”. Mas o ensino não é e nunca foi uma atividade fácil e natural, pois o projeto de ter alguém aprendendo algum conhecimento e de conhecê-lo é uma empreitada bastante peculiar, pois pensamos as situações em termos binários, entre saber ou não saber (CHEVALLARD, 2013, p. 8-10).

Porém, conhecer não significa saber, assim como o saber apresentado fragmentado não significa saber fazer. Pois pode-se conhecer a teoria e os fragmentos da prática sobre algum assunto (como chamado por Chevallard: corpo de conhecimento), mas não saber reunir essas informações e realmente transformá-las em conhecimento internalizado e aplicá-las no contexto social do sujeito. E essa transição do conhecimento considerado como uma ferramenta a ser posto em prática para o conhecimento como algo a ser ensinado e aprendido é chamada de “transposição didática do conhecimento¹³” (Chevallard, 2013, p. 9).

E ainda que o professor prepare um bom ambiente de aprendizado, fazendo da contextualização dos conteúdos o instrumento mediatizante entre o corpo de conhecimento (ou o conhecimento científico) e o conhecimento ensinável (ou o conhecimento escolar), a internalização desse conhecimento é um caminho único e exclusivo do aluno, sendo muito influenciado, porém independente do trabalho de ensino.

Então, desviando a atenção única para análise de um único trabalho, o trabalho de ensino, têm-se a facilitação da observação das particularidades do ensino como trabalho, suas múltiplas atividades com suas multifinalidades. E ampliando as pesquisas sobre o trabalho do professor, conseqüentemente, amplia-se também o seu entendimento. Assim, a abordagem ergonômica da atividade do professor se mostra como um modelo de pesquisa capaz de reconhecer a “multifinalidade da atividade dos sujeitos” (SAUJAT, 2004, p. 28).

¹³ Esse conceito foi inicialmente discutido em 1975 por Michel Verret, na obra *Le temps des études*, que falava em tornar um objeto de estudo em um conhecimento efetivamente transmissível e assimilável às jovens gerações (Forquin, 1993, p. 16). Em 1982, foi rediscutido e aprimorado por Marie-Albert Joshua e Yves Chevallard, a fim de discutir a transposição de conhecimentos na análise sobre as transformações sofridas com a noção matemática de distância. Porém, a teoria da transposição didática foi descrita e embasada apenas em 1985, na obra *La Transposition Didactique* de Yves Chevallard.

Então, sabendo que não existe um único trabalho do professor, muda-se a pergunta inicial de *qual* para *o que é e como é* o trabalho do professor? A professora e pesquisadora Anna Rachel Machado (2010a) afirma que o trabalho do professor, assim como os demais trabalhos, tem se transformado continuamente no decorrer da história em relação direta com as transformações dos sistemas de produção. E algumas dessas modificações sócio-econômicas e tecnológicas permitiram projetar a tendência do desaparecimento do trabalho puramente braçal e a consideração das atividades intelectuais e, em particular as de ensino, como tendo direito de serem chamadas de trabalho (MACHADO, 2009, p. 82).

A autora reflete que essa exclusão do reconhecimento do trabalho intelectual tem diversos motivos, que vão desde o ponto de vista histórico, da própria origem da atividade educacional, por muito tempo vista como “missão”, dificultando a atribuição de um sentido profissional ao ofício (MACHADO, 2009, p. 81-82). Com isso, a relação feita por Schneuwly com a teoria vigotskiana, valida novamente esse reconhecimento do trabalho intelectual:

Se tomarmos as concepções de Vigotski (1978) [...], podemos expandir o escopo da concepção marxista. De fato, nessa atividade também temos um sistema triádico, que é constituído por um agente (o professor) que busca transformar os modos de pensar, de falar, de perceber, de fazer, de um outro agente (o aluno) em uma direção desejada, por meio da mediação de ferramentas, um conjunto semiótico complexo, sócio-historicamente construído. Nesse caso, os objetos a serem transformados seriam os processos psíquicos do aluno, e os produtos, esses mesmos processos transformados, o que permite a transformação dos processos naturais de desenvolvimento. (SCHNEUWLY, 2002 apud MACHADO, 2009, p. 82-83).

E, sendo o trabalho intelectual do professor uma atividade constitutivamente interativa, segundo Machado (2009, p. 82), “é preciso considerar que, nesse trabalho, emerge uma dimensão de liberdade, pois o professor não pode agir diretamente sobre os processos mentais do aluno”.

Ele apenas vai criar espaços, ambientes que permitam que as transformações desejadas possam ocorrer, o que nunca está garantido, dado que o aluno é o real agente de seu desenvolvimento e que sua liberdade pode levá-lo a recusar-se a entrar nos ambientes criados pelo professor, resistir a eles, ir em outra direção, etc. (MACHADO, 2009, p. 83).

Portanto, a autora afirma que torna-se possível não apenas considerar a atividade docente como trabalho, mas também classificá-la em níveis de trabalho, a

partir do reconhecimento desta como um sistema triádico vigotskiano constituído pelo sujeito da ação (professor), por outro agente (alunos) e pelo objeto a ser transformado (processos psíquicos dos alunos), sendo o produto final do seu trabalho, por exemplo, como os processos psíquicos transformados (MACHADO, 2009, p. 84), tal como a imagem a seguir (FIGURA 1):

FIGURA 1 – TRÍADE DO SISTEMA EDUCACIONAL COM BASE NA TEORIA VIGOTSKIANA.



FONTE: A autora (2020), baseada na teoria apresentada por Machado (2009).

Neste caso, o exemplo citado é o processo direto de ensino, sendo os processos psíquicos os objetos a serem transformados pela ação do sujeito professor. Mas essa é apenas uma das atividades que envolvem as multifinalidades do trabalho do professor. Em outras palavras, neste mesmo sistema triádico vigotskiano, poderíamos ter o sujeito da ação (professor) relacionando-se com diversos outros agentes, como os responsáveis legais pelos alunos, os agentes pedagógicos/administrativos/de manutenção da instituição de vínculo, os demais professores da escola, etc.; bem como com todos os objetos a serem transformados a partir dessas relações interpessoais, como os instrumentos materiais e simbólicos a serem elaborados/utilizados, as metas da escola, atividades administrativas e burocráticas, etc.

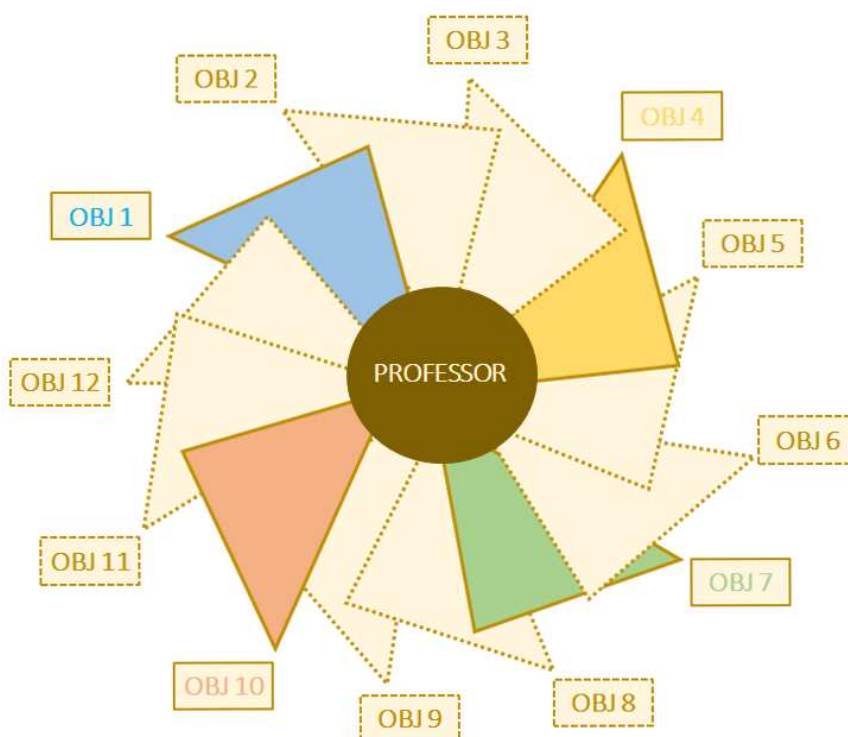
O que para Machado (2009, p. 37) são artefatos, também chamaremos de ferramentas, de acordo com os apontamentos de Clot (2006; 2010b). E o que seriam essas ferramentas em uma atividade do trabalho? São objetos produzidos pelo

próprio trabalhador ou sócio historicamente construídos e que são colocados para o agir do trabalhador (MACHADO, 2010a), sendo classificados como materiais quando são objetos físicos (como um lápis, um computador ou um martelo) e simbólicos quando são imateriais (como um gráfico ou um método) (RABARDEL, 1995). Ou seja, para o trabalho do professor, as ferramentas são desde o quadro negro e o giz, os materiais didáticos, até os mais modernos mecanismos tecnológicos.

Como o professor transforma ferramentas em instrumentos de agir na sua atividade? Machado (2010a) afirma que para uma ferramenta realmente se transformar em um instrumento é preciso que o professor se aproprie dela. A professora também aponta o livro didático como o maior exemplo de ferramenta que pode ou não se transformar em instrumento útil para o agir no trabalho do professor.

Ainda tentando ilustrar essa concepção das múltiplas atividades do trabalho do professor que podem ser detectadas em pesquisas, refizemos a figura a partir da ideia da professora Anna Rachel Machado (2010b) (FIGURA 2).

FIGURA 2 – ATIVIDADES DO TRABALHO DO PROFESSOR.



FONTE: Reelaborada pela autora, com base na palestra de Machado (2010b).

No centro da imagem, encontra-se o sujeito professor que se relaciona com outros agentes a fim de transformar um objetivo (OBJ) específico em cada uma dessas atividades. Em uma reunião de escola, como no exemplo dado por Machado

(2010b), na qual cada agente tem objetivos diferentes: avaliação de alunos, planejamento, etc., ilustra bem um momento no qual o professor não está interagindo diretamente com os alunos, mas está interagindo com colegas, coordenadores, etc.

E, nesta interação com tantas outras pessoas que não são apenas os alunos, os professores obviamente necessitam de muito mais instrumentos, que não são apenas lousa e giz. Além disso, as funções do professor têm aumentado muito, o que segundo Machado (2010b), leva à essa “indefinição do papel do professor” pela quantidade de funções que lhe são dadas: “de assistente social, de psicólogo, de enfermeiro, de tudo”.

No esquema apresentado, cada triângulo é a representação de uma atividade do professor. Os triângulos com perímetros completos representam as atividades realmente realizadas e percebidas no cotidiano do profissional. Os triângulos com perímetros incompletos, ou seja, pontilhados, representam as atividades que ainda são desconhecidas pelas pesquisas e, por muitas vezes, realizadas pelo professor sem que este reconheça essas atividades como partes do seu trabalho. Ou até mesmo as atividades que o professor realiza e que são despercebidas no seu cotidiano por ele mesmo.

Então, como não sabemos exatamente ao todo quantas e quais são as atividades “pontilhadas” dos professores, torna-se necessário “retirar cada triângulo” e analisá-lo “de fora”. Afinal de contas, é preciso “tomar distância para poder ver a atividade” (AMIGUES, 2013 apud FAZION e LOUSADA, 2016a). Apenas assim conheceremos e compreenderemos a complexidade do trabalho do professor.

Por isso, o trabalho do professor sempre será um “novo objeto de estudo em construção” a ser visto com “outros óculos”, a fim de amenizar as dificuldades de encontrar uma conceitualização que abarque todas as formas de realização do trabalho em espaços e momentos históricos diferentes, assim como todas as formas de realização que ele assume nos dias atuais (MACHADO, 2010a).

Ou seja, apenas se pode afirmar qual é o trabalho do professor no contexto em que este acontece: um público específico, um professor específico com condições de trabalho específicas e a partir de um longo trabalho de pesquisa (MACHADO, 2010a). Por essa perspectiva, o trabalho se torna único para cada professor. E, por mais que haja prescrições e planificações sobre as atividades a

serem desenvolvidas pelos profissionais da educação, o trabalho se realiza na forma de agir de cada docente em sua determinada realidade.

Do mesmo modo, torna-se possível analisar a “singularidade da experiência profissional, em suas dimensões subjetivas e emocionais, renunciando a qualquer generalização” (SAUJAT, 2004, p. 13). Isso também é evidenciado por Machado e Bronckart (2009, p. 36) e Machado (2007, 2010b), como uma “definição provisória” do trabalho do professor:

- *É uma atividade contextualizada*, pois se realiza em um contexto sócio-histórico específico;
- *É uma atividade pessoal e sempre única*, pois faz o trabalhador engajar nela todas as suas dimensões, ou seja, seu físico, suas capacidades mentais e práticas, suas emoções, etc;
- *É interpessoal*, pois envolve interação com os outros indivíduos envolvidos, direta ou indiretamente;
- *Também é impessoal e transpessoal ao mesmo tempo*, pois segue prescrições externas às decisões dos professores, mas também um padrão de agir da profissão;
- *É interacional e mediada por instrumentos*, pois, ao transformar ferramentas em instrumentos para agir sobre o meio (material ou simbólico), o trabalhador transforma esse meio e é por ele transformado;
- *É prefigurada pelo próprio trabalhador*, pois na medida que reelabora as prescrições, reconstrói essas prescrições e objetivos para si mesmo para cumprir as prescrições que lhe foram dadas, dentro de seus próprios limites físico e psíquico;
- *É fonte para aprendizagem de novos conhecimentos*, pois pode desenvolver novas capacidades do trabalhador;
- *É conflituosa*, pois coloca o trabalhador permanentemente em processo de escolhas para (re)direcionar o seu agir diante de vozes contraditórias interiorizadas, do agir de outros envolvidos, do meio, das prescrições, etc;
- *É fonte de impedimentos*, pois, pelo fato de ser conflituosa, ao apresentar dilemas intransponíveis que diminuem ou tiram o poder de agir, pode gerar sofrimento, fadiga, estresse e até a desistência de agir no ofício.

Desta forma, pode-se ver que os elementos básicos do trabalho do professor não estão isolados, mas “em uma rede múltipla de relações sociais existentes em um determinado contexto sócio-histórico e inserido em um sistema de ensino educacional específico” (MACHADO, 2007, p. 92).

Assim, a conceitualização do que é esse trabalho só deveria ser feita em correlação à um determinado contexto sócio-histórico, a partir de pesquisas também contextualizadas e que analisem o trabalho em suas constantes adaptações e transformações. Sendo ainda que esta pesquisa precisa ser baseada em pressupostos metodológicos que aceitem também as inúmeras definições de trabalho e uma constante discussão sobre as transformações deste trabalho, além de permitir análises que façam emergir o não observável do trabalho docente.

Nessa perspectiva, Amigues (2004, p. 39-40) propõe que, para analisar o trabalho docente, é necessário compreender a distância entre o trabalho tal como é prescrito e o trabalho efetivamente realizado pelo professor, assim como a articulação entre a tarefa e a atividade.

A tarefa refere-se *ao que deve ser feito* e pode ser objetivamente descrita em termos de condições e de objetivo, de meios (materiais, técnicos...) utilizados pelo sujeito. A atividade corresponde *ao que o sujeito faz* mentalmente para realizar esta tarefa, não sendo portanto diretamente observável mas inferida a partir da ação realizada concretamente pelo sujeito. (AMIGUES, 2004, p. 39).

A tarefa é o trabalho tal como é prescrito para ser feito pelo professor, não sendo definida por ele mesmo, mas sim por outros planejadores, pela hierarquia (AMIGUES, 2004, p. 40). Já a atividade, segundo Clot (1999) não se limita apenas ao que é realizado efetivamente pelo sujeito, mas compreende também o que ele não chega a fazer, o que se abstém de fazer, o que queria ter feito, etc. “Esse ponto de vista teórico permite lançar um olhar sobre objetos geralmente ignorados pela pesquisa em educação e, assim, propõe um olhar renovado sobre as práticas dos professores” (AMIGUES, 2004, p. 41).

Ou seja, entre o trabalho observável e o não observável, encontram-se as prescrições passadas, a planificação das tarefas e as prefigurações construídas pelos professores para a realização do seu trabalho. Esses três níveis do trabalho do professor serão explicados a seguir.

2.1.1. Trabalhos Prescrito, Planificado e Realizado pelos Professores

Após analisar diversas pesquisas realizadas em situações de trabalho, a autora Anna Rachel Machado (2009, p. 80) descreve três níveis de trabalho: o prescrito, o planificado e o realizado.

a) Trabalho prescrito:

Para a psicologia do trabalho ou a chamada ergonomia da atividade, as prescrições desempenham um papel decisivo do ponto de vista da atividade, pois não atuam apenas como desencadeadoras da ação do professor, mas também são partes constitutivas de sua atividade, exigindo uma reorganização tanto do meio de trabalho do professor como dos alunos (AMIGUES, 2004, p. 42). As prescrições, portanto, são um conjunto de normas e regras, textos, programas e procedimentos que regulam as ações, “homogeneizado pela instituição escolar, envolvendo a organização das classes, a distribuição do tempo disponível, as finalidades, as rotinas da interação, etc.” (TARDIF e LASSERRE, 1999 apud MACHADO, 2009, p. 83). Estabelece as ações mais amplas a serem desenvolvidas sob nossa responsabilidade, as finalidades mais amplas, o tempo de sua execução e os outros agentes a quem se pretendia atingir (MACHADO, 2009, p. 86). O trabalho prescrito é impessoal e homogeneizado pela instituição escolar, sendo delineado através dos textos prescritivos, que definem a organização do gênero profissional dos professores com a distribuição do tempo disponível, os objetivos do ensino, as rotinas da interação, as ações a serem desenvolvidas etc. (MACHADO e BRONCKART, 2005, p. 187). Portanto, para Clot (2006), o trabalho prescrito é anterior à realização efetiva das tarefas do trabalhador.

b) Trabalho planificado:

Segundo Machado (2009, p. 80), em sua atividade, assim como em qualquer outra área institucional ou empresarial, o professor encontra restrições ao seu trabalho em forma de textos instrucionais ou procedimentais, que dão a configuração

inicial à sua ação e pré definem as suas ações como trabalhador. E, nesse conjunto de textos predeterminantes do trabalho, podemos incluir os textos de planificação, que “explicitam o conjunto de tarefas, seus objetivos, suas condições materiais e a forma de desenvolvimento das ações projetadas pelo próprio trabalhador para atingir seus objetivos” (MACHADO, 2009, p. 80-81).

c) Trabalho realizado:

É o conjunto de ações efetivamente realizadas pelo trabalhador em sua atividade laboral. Segundo Machado (2009, p. 81), “é o conjunto de condutas (verbais ou não verbais) efetivamente observáveis na situação, que sempre vai apresentar algum distanciamento em relação ao que lhe foi prescrito”. É variável, que tem por objeto as interações com os alunos e que se realiza continuamente pela transformação dos objetivos na ação cotidiana (TARDIF e LASSERRE, 1999 apud MACHADO, 2009, p. 83). Enquanto as prescrições são homogeneizadas pela instituição escolar para todos os profissionais, o trabalho realizado é pessoal, através da reelaboração permanente das prescrições e da variação das situações de ensino e das necessidades específicas com as quais o professor se confronta (MACHADO e BRONCKART, 2005, p. 187).

E apesar desses conceitos serem amplamente utilizados nas pesquisas sobre situações de trabalho, tanto no Brasil quanto no exterior, apenas recentemente começaram a ser utilizados para a compreensão do trabalho educacional. E também serão utilizados nesta pesquisa.

2.2. OS CONCEITOS VIGOTSKIANOS

Lev Semenovich Vigotski nasceu em 1896 na cidade de Orsha, na hoje extinta União Soviética. Desde jovem buscou a construção de uma “nova psicologia”, idealizando uma teoria que consistisse numa síntese entre duas fortes tendências presentes na psicologia do início do século, pós-Revolução: a psicologia como ciência natural, que procurava explicar processos elementares sensoriais e reflexos, tomando o homem basicamente como corpo e a psicologia como ciência mental, que

descrevia as propriedades dos processos psicológicos superiores, tomando o homem como mente, consciência e espírito (OLIVEIRA, 1993, p. 22).

Desta forma, desenvolveu diversos conceitos que permeiam muitas e diferentes áreas do conhecimento, alguns dos quais utilizamos para fundamentar teoricamente nosso trabalho e que serão apresentados no decorrer das próximas seções.

2.2.1. Pilares básicos do pensamento de Vigotski

Para formular sua teoria, Vygotsky buscou identificar uma unidade de análise do funcionamento e do desenvolvimento humano que integrasse as dimensões biológicas, emocionais, cognitivas, semióticas, sociais e históricas da conduta humana (BRONCKART, 2008, p. 64).

Essa abordagem integradora, que se propõe à desestruturar a dicotomia entre corpo e mente, estaria explícita em três pilares básicos do pensamento de Vygotsky, segundo Oliveira (1997):

- 1º) as funções psicológicas têm um suporte biológico pois são produtos da atividade cerebral;

O homem, enquanto espécie biológica, possui uma existência material que define limites e possibilidades para o seu desenvolvimento. O cérebro, no entanto, não é um sistema de funções fixas e imutáveis, mas um sistema aberto, de grande plasticidade, cuja estrutura e modo de funcionamento são moldados ao longo da história da espécie e do desenvolvimento individual. Dadas as imensas possibilidades de realização humana, essa plasticidade é essencial: o cérebro pode servir a novas funções, criadas na história do homem, sem que sejam necessárias transformações no órgão físico. Essa ideia da grande flexibilidade cerebral não supõe um caos inicial, mas sim a presença de uma estrutura básica estabelecida ao longo da evolução da espécie, que cada um de seus membros traz consigo ao nascer. (OLIVEIRA, 1997, pág. 24).

- 2º) o funcionamento psicológico fundamenta-se nas ações sociais entre o indivíduo e o mundo exterior, as quais desenvolvem-se num processo histórico;

O homem transforma-se de biológico em sócio-histórico, num processo em que a cultura é parte essencial da constituição da natureza humana. Não podemos pensar o desenvolvimento psicológico como um processo

abstrato, descontextualizado, universal: o funcionamento psicológico, particularmente no que se refere as funções psicológicas superiores, tipicamente humanas, está baseado fortemente nos modos culturalmente construídos de ordenar o real. (OLIVEIRA, 1997, pág. 24).

3º) a relação homem/mundo é uma relação mediada por sistemas simbólicos.

Um conceito central para compreendermos o fundamento sócio-histórico do funcionamento psicológico é o conceito de mediação, que nos remete ao terceiro pressuposto vygotskiano: a relação do homem com o mundo não é uma relação direta, mas uma relação mediada, sendo os sistemas simbólicos os elementos intermediários entre o sujeito e o mundo. (OLIVEIRA, 1997, pág. 24).

Esses pilares fundamentam a teoria de desenvolvimento Histórico-Cultural Vigotskiana, abrangendo as interações sociais na aprendizagem humana e explicando a integralidade do processo de desenvolvimento dos indivíduos.

2.2.2. Sócio interacionismo e aprendizagem

Vygotsky não ignora as definições biológicas da espécie humana, todavia atribui uma enorme importância à dimensão social. Para ele, as interações sociais do indivíduo com o mundo que o cerca, fornecem instrumentos e símbolos que acabam por fornecer também seus mecanismos psicológicos e formas de agir nesse mundo. “Portanto, o desenvolvimento pleno do ser humano depende do aprendizado que realiza num determinado grupo cultural, a partir da interação com outros indivíduos da sua espécie” (REGO, 1995, p. 70).

O sócio-histórico para Vygotsky, entretanto, não é sinônimo de "coletivo" ou de "sistema social", no sentido de uma força opressora que se impõe monoliticamente ao indivíduo. É pensado, isso sim, como processo, onde o mundo cultural, em seus múltiplos cortes macroscópicos e microscópicos, apresenta-se ao sujeito como o *outro*, a referência externa que permite ao ser humano constituir-se como tal. Se, por um lado, o processo de internalização do material cultural molda o indivíduo, definindo os limites e possibilidades de sua construção pessoal, é exatamente esse mesmo processo que lhe permite ser autenticamente humano: na ausência do outro o homem não se constrói homem. (OLIVEIRA, 1992, p. 67).

Nessa perspectiva, o aprendizado possibilita e movimenta o processo de desenvolvimento dos indivíduos (REGO, 1995, p. 71). Para Vygotsky, o aprendizado

pressupõe interações sociais e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam, sendo, portanto, o aspecto necessário e universal do desenvolvimento das características psicológicas especificamente humanas e culturalmente organizadas (REGO, 1995, p. 71).

2.2.3. Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP)

Vygotsky relaciona a aprendizagem e o desenvolvimento, aproximando-os através do conceito da zona de desenvolvimento proximal (ZDP). Para isso, segundo Rego (1995, p. 72-73), Vygotsky identifica dois níveis de desenvolvimento: o desenvolvimento potencial ou real, que se refere às funções ou capacidades já efetivadas e que podem ser utilizadas sem assistência de alguém mais experiente da cultura, e o desenvolvimento potencial, que diz respeito àquilo que o sujeito é capaz de fazer mediante a ajuda de outro mais experiente.

A distância entre ser capaz de fazer algo de forma autônoma (nível de desenvolvimento real) e realizar algo em colaboração com outros elementos de seu grupo social (nível de desenvolvimento potencial) é caracterizada por Vygotsky como a ZDP (REGO, 1995, p. 72-73).

O aprendiz é o responsável por criar a zona de desenvolvimento proximal, na medida em que, em interação com outras pessoas, a criança é capaz de colocar em movimento vários processos de desenvolvimento que, sem a ajuda externa, seriam impossíveis de ocorrer. Esses processos se internalizam e passam a fazer parte das aquisições do seu desenvolvimento individual. (REGO, 1995, p. 74).

Assim, Vygotsky (1991, p. 97), a zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário, podendo ser chamadas de "brotos" ou "flores" do desenvolvimento, ao invés de "frutos" do desenvolvimento, pois "o nível de desenvolvimento real caracteriza o desenvolvimento mental retrospectivamente, enquanto a zona de desenvolvimento proximal caracteriza o desenvolvimento mental prospectivamente.

Como possibilita analisar a compreensão da dinâmica interna do desenvolvimento individual e os limites da internalização das competências, é possível verificar não somente os ciclos já completados, como também os que estão

em via de formação. Desta forma, esse conceito da ZDP é de extrema importância para as pesquisas no plano educacional (REGO, 1995, p. 74).

2.2.4. Conhecimento científico e a construção e reconstrução dos conceitos

As ideias de Vigotski também são utilizadas no contexto científico como ferramenta para uma análise muito mais completa do comportamento dos indivíduos, sobretudo a partir da linguagem, tema central de suas investigações. De acordo com o autor, as diferentes formas de linguagens, falada, escrita e/ou gestual, são desenvolvidas, juntamente com o pensamento, a partir da interação social dos indivíduos, sendo mediada por instrumentos e signos. Isso permite que os seres humanos, através da linguagem e do pensamento, façam, refaçam, transformem e organizem as suas atividades, mudando sua realidade e, por consequência, o espaço à sua volta e seu contexto social e cultural.

Em seu livro “Lev Vigotski: mediação, aprendizagem e desenvolvimento”, Janete Friedrich aponta que Vigotski insistia para o fato de que “cada fenômeno do mundo é inesgotável e infinito em seus traços e que essa diversidade faz com que o mundo real tal qual é não possa nunca ser o objeto de uma pesquisa científica” (2012, p. 26). Desta forma, Vigotski aponta que qualquer ciência precisaria dessas abstrações primárias para traçar e delimitar seu campo de atuação, permitindo converter um fato qualquer em um fato científico: “o que é analisado em uma pesquisa em ciência da vida depende do modo como a vida é conceitualizada” (FRIEDRICH, 2012, p. 26).

Ou seja, uma pesquisa poderá ter além de múltiplos formatos, gerando múltiplos dados, inesgotáveis interpretações desses dados. Então, o que transforma um evento em um objeto de conhecimento científico? Em uma pesquisa científica?

Qual é a diferença entre a observação de um eclipse solar feita por um astrônomo e por um leigo? O astrônomo utiliza conceitos, métodos, formas de fazer que transformam esse fenômeno natural em um fato de astronomia, em um objeto do conhecimento astronômico. No eclipse solar, o astrônomo vê mais, ou melhor, vê além do que um simples curioso, não porque ele utiliza instrumentos sofisticados que não temos à nossa disposição, mas porque tem um aparelho conceitual que transforma um eclipse em um objeto de conhecimento científico. (FRIEDRICH, citando Vigotski, 2012, p. 25-26)

Trata-se do conhecimento necessário para distinguir e filtrar o que, de fato, torna-se um conhecimento científico e, portanto, deve ser analisado em um evento. Esses mesmos filtros não seriam capazes de impedir novas interpretações no caso de eventos reais contínuos e constantemente mutáveis, sem demarcação de início e fim, como no caso da relação do trabalhador da educação com o seu trabalho, como se propõe analisar neste trabalho?

Vigotski mesmo responde esta pergunta quando afirma, segundo descrito por Friedrich (2012, p. 34), que o conhecimento científico se distingue do simples registro do fato pela escolha do conceito para análise do fato e do conteúdo. Desta forma, o conhecimento científico somente poderá refletir “o conteúdo real dos conceitos” se produzir um conhecimento verdadeiro sobre a realidade, buscando descrever não apenas o fato, mas também o conteúdo que explica o fato. E, no caso de fatos contínuos e mutáveis, a metodologia de investigação deverá considerar, no desenvolvimento da pesquisa científica, todo esse movimento necessário de visitação e revisitação dos fatos e dos dados, de construção e reconstrução dos conceitos. Pois “o homem está pleno, em cada minuto, de possibilidades não realizadas”, sendo o comportamento um “sistema de reações vencedoras” (VIGOTSKI, 2003, p. 74 apud CLOT, 2010b, p. 103).

2.2.5. Consciência como transformação da experiência

Para Vygotski (1925/2003, p. 82-83), a consciência vive nas marcas dos sujeitos através das suas atividades não observáveis e suas reações não explícitas, como sua linguagem interior, reações somáticas e ruídos. Clot (2014, p. 127) relata que Vygotski propõe “não estudar a consciência em si, mas fazê-la ‘viver’ para estudá-la”. Assim, “quanto mais somos capazes de perceber e de relatar aos outros a experiência vivida, mais ela é vivida conscientemente”, pois ela é sentida e pode se fixar nas palavras (VYGOTSKI, 1925/2003, p. 78 apud CLOT 2004, p. 127).

O sujeito é a ação e a transformação de sua atividade e a consciência “é uma forma particular de transformação da experiência ou de fracasso dessa transformação” que “tira paradoxalmente o sujeito dele mesmo”, “assegurando a passagem de uma atividade para outra” (CLOT, 2004, p. 127). “Ter consciência de suas experiências vividas nada mais é que tê-las à sua disposição como um objeto

(um excitante) para outras experiências vividas. A consciência é a experiência vivida de experiências vividas” (VYGOTSKI, 1925/2003, p. 78-79 apud CLOT, 2004, p. 127).

Para Vigotski, a consciência não é meramente a imagem analógica do real, mas sim uma atividade prática de seleção, que resulta de uma intenção de agir que venceu outras intenções rivais, surgida no ponto de colisão de várias possibilidades de realizações, realizando apenas uma ínfima parte daquilo que é realizável (CLOT, 2004, p. 127).

2.2.6. Instrumentos psicológicos ou signos e Significantes

Para Vigotski, existem dois tipos de memória: a memória natural e a memória artificial. A memória natural seria resultante do processo psíquico direto entre um estímulo, ou a tarefa de memorizar determinada informação, e uma reação a esse estímulo, ou a memorização efetiva dessa informação) (FRIEDRICH, 2012, p. 53). Quando esse processo de memorização exige um instrumento mediatizador, Vigotski o chama de memória artificial (FIGURA 3).

FIGURA 3 – MEMÓRIA NATURAL, MEMÓRIA ARTIFICIAL E O INSTRUMENTO PSICOLÓGICO.



FONTE: A autora (2020), reelaborada de acordo com as imagens de Friedrich (2012).

Podemos exemplificar o processo de memorização artificial com um exemplo de uma criança aprendendo as letras do alfabeto. Para ajudar a criança a memorizar a letra “S”, diz-lhe que parece com uma “minhoca”; a letra “D”, que deve desenhar um risco e uma “barriga”; a letra “B” teria o mesmo risco e “duas barrigas menores”. Essas associações com a minhoca e a quantidade e tamanho de “barrigas” são os

instrumentos que a criança usa para memorizar o formato das letras do alfabeto. Vigotski chamou esses instrumentos de instrumentos psicológicos ou signos, através dos quais a criança “transforma o processo de lembrança numa atividade externa” (VYGOTSKY, 1991, p. 58). Desta maneira, os instrumentos psicológicos “são ferramentas que auxiliam nos processos psicológicos e não nas ações concretas” (VYGOTSKY, 2007, p. 30) como atuam as ferramentas materiais.

Juntamente com a memória artificial, a consciência, a atenção voluntária, a fala, o pensamento e os conceitos de emoções também são classificadas por Vigotski como Funções Psíquicas Superiores (FPS), componentes do sistema psicológico. As FPS “surtem com o auxílio dos instrumentos psicológicos e, conseqüentemente, se constituem como fenômenos psíquicos mediatizados” (FRIEDRICH, 2012, p. 53). Assim, as funções psicológicas passam de natural a cultural quando mediadas e o sujeito, pela mediação do outro, converte as relações sociais em funções psicológicas, que passam a funcionar como sendo próprias de sua personalidade (VIGOTSKI, 1927/1995 apud SOUZA e ANDRADA, 2013, p. 357).

Os fenômenos psíquicos permitem a aquisição de novos conhecimentos através da mediação entre o homem e o ambiente. Para Vygotsky, essa mediação é realizada através dos instrumentos e dos signos. Ambos divergem na maneira com que orientam o comportamento humano: enquanto a função do instrumento é servir como um condutor da influência humana sobre o objeto da atividade, sendo um meio pelo qual o humano domina a natureza; o signo não modifica em nada o objeto da operação psicológica, pois é orientado internamente e se constitui de um meio da atividade interna de controle do próprio indivíduo (VIGOTSKY, 1991, p. 62).

Assim, os instrumentos ampliam as possibilidades de domínio e transformação da natureza. E os signos, como são mediações exclusivamente humanas, permitem a representar algo diferente de si mesmo. Por exemplo, quando ouvimos a palavra ‘cadeira’, conseguimos idealizar este objeto em sua forma e função através de uma representação mental. Ou, conforme Saussure (1975, p. 98), “a impressão psíquica desse som, a representação que nos é fornecida pelo testemunho de nossos sentidos”.

Essa possibilidade de construção de representações mentais substitui os objetos do mundo real. Assim, os seres humanos são capazes de aprender através do relato pela linguagem e da experiência vivida do outro. Não é necessário colocar

a mão na chama de uma vela para sabermos que vamos nos queimar. Através da significação da palavra, conseguimos criar uma representação mental da possibilidade de queimadura, internalizando esse conhecimento em forma de um signo.

Desse modo, a significação da palavra é ao mesmo tempo um fenômeno verbal e um fenômeno intelectual, mas isso não significa, para ela, um pertencimento puramente exterior a dois domínios diferentes da vida psíquica. A significação da palavra é um fenômeno do pensamento somente na medida em que o pensamento está vinculado à palavra e encarnado na palavra – e, inversamente, essa significação é um fenômeno da linguagem somente na medida em que a linguagem está vinculada ao pensamento e em que é esclarecida por este último. A significação é um fenômeno do pensamento ou da linguagem dotada de sentido, é a unidade entre a palavra e o pensamento. (VIGOTSKI, 1997, p. 418).

A partir disso, Bronckart e Bulea (2011, p. 149) definem que os significantes, ou a significação, são concebidos como fenômenos psíquicos únicos, dependendo indissoluvelmente do pensamento e da linguagem. Os autores resumem a teoria de Schneuwly, que as capacidades de representação passam a ser investidas nas trocas comunicativas e as representações do mundo físico anteriormente constituídas passam a ser investidas e reorganizadas pelos significados dos signos da língua natural do círculo próximo. Ou seja, as imagens mentais, que até então constituíam entidades inorganizadas e idiossincráticas, passariam a ser verdadeiras unidades delimitadas, o que permitiria o estabelecimento de operações do pensamento propriamente dito (SCHNEUWLY, 1988 apud BRONCKART e BULEA, 2011, p. 149).

A relação do pensamento com a palavra é antes de tudo não uma coisa, mas sim um processo, é o movimento do pensamento para a palavra e, inversamente, da palavra para o pensamento [...] O pensamento não se exprime na palavra e sim se realiza nela. Por isso se poderia falar de um devir (de uma unidade do ser e do não ser) do pensamento na palavra. (VIGOTSKI, 1997, p. 428).

E, como as significações da palavra não são imutáveis, constantes e invariáveis, para compreender essa dinâmica é preciso analisar “o papel funcional da significação da palavra no ato de pensamento” ou “o funcionamento das significações no curso vivo do pensamento verbal” (VIGOTSKI, 1997, p. 427-428 apud BRONCKART e BULEA, 2011, p. 150).

Desta forma, a metodologia que propomos se alinharia também ao princípio da teoria de Vygotsky que, sob a perspectiva do materialismo histórico e dialético, acreditava que todos os fenômenos, para se transformarem em objetos do conhecimento científico, deveriam ser estudados como processos em movimento e em mudança (VIGOTSKI, 1991, p. 7).

2.3. A CLÍNICA DA ATIVIDADE

A clínica da atividade nasceu do resgate de Yves Clot (2005, 2007, 2010a, 2010b, 2017) e Daniel Faïta (2002, 2004) à necessidade de novas interpretações ergonômicas que não fossem herdadas do positivismo. Tais como defendia Alain Wisner (1995, p. 153 apud CLOT, 2010b, p. 46) quando alertava para a necessidade de considerar o trabalhador como “criador repetidor de sua tarefa”, pois não poderia apenas ser executante de um programa que não corresponde à realidade técnica que lhe é transmitida.

Ao interessar-se em compreender o trabalho prioritariamente nos seus limites da ação, A. Wisner “parece ter sempre como horizonte fazer recuar os limites do ofício de ergonomista, aumentando concretamente o raio de ação dos profissionais da ergonomia” (CLOT, 2010b, p. 48). Essa expansão da ciência ergonômica permitiu novos mecanismos de reflexão sobre o trabalho, permitindo a expansão dos limites do próprio trabalho. Isso permitiu que a metodologia da clínica da atividade se desenvolvesse ao mesmo tempo na filiação da ergonomia francófona e da psicopatologia do trabalho (CLOT, 2017, p. 18).

Desta forma, Clot propõe uma metodologia de ação para mudar o trabalho, através de “meios de agir sobre as relações entre atividade e subjetividade, indivíduo e coletivo” (VYGOTSKI, 2010). O que permitiu, portanto, juntar a ergonomia da atividade e clínica da atividade a partir de uma perspectiva vigotskiana em relação ao trabalho, ao ensino, à aprendizagem e ao desenvolvimento (MACHADO, 2010b).

Assim, a ergonomia deixa de ser puramente *patológica* e começa a ser mais *clínica*, na medida que substitui a análise dos riscos físico de antes da realização e psicológico do pós realização da atividade pela apropriação do seu trabalho pelo próprio trabalhador (CLOT, 2017, p. 18). Volta-se mais atenção à preocupação de

redescobrir com o trabalhador os prazeres do seu ‘bem-fazer’, pois esta sim é “a mola propulsora da saúde no trabalho” (CLOT, 2017, p. 18).

A clínica da atividade reconhece, portanto, a íntima ligação entre trabalho e saúde, pois “longe de ser um dado natural, a saúde é um poder de ação sobre si e sobre o mundo” (CLOT, 2010b, p. 111). E estando “ligada à atividade vital” e “na preservação do que o sujeito se tornou” (CLOT, 2010, p. 111), “sob coação externa, o poder de agir se desenvolve ou se atrofia na ‘caixa preta’ da atividade” (CLOT, 2010, p. 15).

Sem estar – ao menos de tempos em tempos – na origem do que lhe acontece, o trabalho se torna rapidamente insustentável aos seus próprios olhos. No entanto, o que lhes cabe fazer é cada vez mais desatado daquilo que conta realmente para eles. Sua própria atividade é, então, desafetada. Pode-se, dessa forma, perder a saúde antes mesmo de ficar doente. A passividade que se impõe aos sujeitos diminuídos por um ‘trabalho nem feito, nem a fazer’ envenena uma existência profissional abortada. É no encontro da atividade contrariada que se coloca uma clínica da atividade a serviço do trabalho. (CLOT, 2017, p. 18).

Assim, a *psicologia do trabalho* pôde ser renovada para uma “*psicologia do trabalhador*”, permitindo novos entendimentos sobre as questões do desenvolvimento e dos impedimentos na atividade (CLOT, 2010b, p. 88).

Com a mesma intenção, Clot & Leplat (2005) escolhem nomear esta metodologia como *clínica do trabalho* e não *psicologia clínica do trabalho*, contrapondo o adjetivo pelo substantivo por 2 motivos: o primeiro, para privilegiar a ação da clínica na atividade real; e o segundo, para aproximar a subjetividade do trabalho através deste novo conceito de atividade.

Segundo Clot (2010b, p. 12), a psicologia do trabalho poderia, ainda, seguir uma terceira via, se transformando em uma psicologia do *desenvolvimento dos sujeitos no trabalho*, incluindo suas *ferramentas, coletivos e organizações*. Assim, a ação direta da clínica no desenvolvimento dos sujeitos poderia restaurar a atividade onde essa se encontra bloqueada e transformá-la, através do resgate do poder de agir dos trabalhadores.

A abordagem mencionada aqui propõe a implementação de um dispositivo metodológico destinado a tornar-se um instrumento para a ação dos próprios coletivos de trabalho. Ela propõe um enquadramento para que o trabalho possa ser ou voltar a ser um objeto de pensamento para os interessados que formulam tal demanda. Portanto, a contribuição de uma

clínica da atividade é, em primeiro lugar, metodológica. (CLOT, 2010b, p. 118).

A metodologia da clínica da atividade está em ação quando existe a participação direta do trabalhador na observação e na interpretação do seu trabalho, tendo como objetivo sempre a libertação, tanto quanto possível, de suas reflexões usuais para agir (CLOT, 2010b, p. 37).

[...] a análise das situações de trabalho nos exige de modo tal, que nela se manifesta toda a complexidade das relações estabelecidas entre os componentes da atividade. Esses componentes se apresentam a nós em sua totalidade e não sob um único aspecto, mesmo que pretendessemos apreender tão somente seus contornos. (FAITA, 2002, p. 49).

Entre os componentes da atividade estão todas as tarefas que podem ou não ser realizadas efetivamente pelo trabalhador. Por isso, a análise do trabalho durante sua realização por quem a realizou permite compreender não apenas a complexidade das relações estabelecidas, mas também os trabalhos aparente e não aparente, ou seja, o real da atividade.

2.3.1. Real da Atividade

Nos estudos da clínica da atividade, o real da atividade é composto pelos trabalhos observável, não observável, prescrito, planejado, realizado, planejado e não executado, refeito ou reorganizado, etc.

O real da atividade é, igualmente, o que não se faz, o que se tenta fazer sem ser bem sucedido - o drama dos fracassos - o que se desejaria ou poderia ter feito e o que se pensa ser capaz de fazer noutro lugar. E convém acrescentar - paradoxo frequente - o que se faz para evitar fazer o que deve ser feito; o que deve ser feito, assim como o que se tinha feito a contragosto. (CLOT, 2010b, p. 103).

Então, para compreender o quadro teórico-metodológico que propomos neste trabalho, faz-se necessário delinear o que é a atividade a ser analisada, definida sob dois ângulos:

1) o ângulo da atividade realizada. Nós a designaremos como uma ação constituída de gestos (uso de instrumentos, posturas, atitudes etc.) e de atos languageiros (intervenções orais, trocas dialógicas etc.); 2) o ângulo do conjunto do que se produz no desenvolvimento da atividade, muito mais

amplo, englobando dimensões subjetivas. É um real da atividade não aparente por natureza. (CLOT, 2002 apud ROGER, 2013, pág. 111).

Ou seja, a atividade é composta pelo trabalho aparente e pelo trabalho não aparente. Para ilustrar melhor essas definições, podemos citar o trabalho do professor: como trabalho aparente, pesquisa, seleciona, prepara, leciona, avalia e conceitua os objetos de estudo para uma turma de estudantes; e como trabalho não aparente, precisa remodelar seu planejamento de aula por que o computador não entra na tomada sem adaptador, precisa preencher novamente um novo modelo de formulário para solicitação de material, precisa parar a aula para amparar um estudante passando mal, precisa negociar com a coordenação a data para uma saída à campo, etc. Apesar de tudo isso ser parte integrante da atividade do professor, ao questionar o que este faz em seu ambiente de trabalho, apenas ouvimos a descrição do trabalho aparente.

Toda atividade possui uma parte consciente e uma parte inconsciente. A parte consciente é aquela da qual o sujeito se apropriou, da qual a memória possui fácil resgate por sua reelaboração no pensamento e na fala. A parte consciente compõe as atividades realizadas, ou “o sistema de reações vencedoras” (VYGOTSKI, 2003, p. 74). Já a parte inconsciente engloba tanto as realizações não apropriadas pelo sujeito, quanto às atividades suspensas, contrariadas, impedidas de serem realizadas e as contra atividades, pois também são dilemas da atividade, não tendo o trabalho realizado o monopólio sobre o real (CLOT, 2010b, p. 104).

Com isso, observa-se que a atividade, seja ela prática ou psíquica, é sempre a sede de investimentos vitais, pois transforma os objetos do mundo em meio de viver ou pode fracassar ao fazê-lo (CLOT, 2010b, p. 8). Também é uma provocação subjetiva mediante a qual o indivíduo se avalia a si próprio e aos outros para ter a oportunidade de vir a realizar o que deve ser feito (CLOT, 2010b, p. 104).

2.3.2. Atividade como Unidade de Análise

Para a clínica da atividade, a análise conjunta dos trabalhos aparente e não aparente é o real da atividade. E, segundo ROGER (2013, pág. 111), “o real da atividade é um espaço de conflitos entre (e no interior de) diversos polos aos quais aquele que age dirige sua atividade”.

Analisar a atividade significa compreender o que o sujeito faz mentalmente para realizar essa tarefa, resgatando o que não é diretamente observável, mas inferido a partir da ação concretamente realizada pelo sujeito. Assim, a pesquisa tem a possibilidade de acessar os processos cognitivos, aos cálculos mentais ou estratégias que o sujeito recorre para organizar os meios que lhe permitiram alcançar o objetivo da ação (AMIGUES, 2004, p. 39-40).

Para Souto *et al.* (2015, pág. 14), este quadro teórico-metodológico apresentado define como objeto de estudo, “a história do desenvolvimento da atividade de trabalho e seus empecilhos”. Ou seja, trata-se de um o quadro teórico-metodológico no qual se estuda o real da atividade, através das mudanças nas relações dos trabalhadores com seu trabalho e entre seus pares, principais objetos de estudo deste campo.

Propomos, portanto, teórica e metodologicamente, uma alternativa dialética na qual se supere a separação entre atividade e subjetividade, de modo a constituir uma unidade de análise em que estes dois termos estejam contemplados, ou melhor, intrinsecamente relacionados (PINHEIRO *et al.*, 2016, pág. 115). Porque é no processo dialógico que se acessam os instrumentos psicológicos para a análise na clínica da atividade.

Nesse sentido, propomos o que Clot (2010b, p. 22-23) sugere como unidade de análise na clínica da atividade: substituir o dualismo do fazer, que se refere diretamente aos objetos da atividade, e do agir, que o excede, pela tríade viva da atividade (FIGURA 4).

FIGURA 4 – TRÍADE VIVA DA ATIVIDADE.



FONTE: A autora (2020), conforme a teoria de Clot (2010b).

A análise da atividade, portanto, transpassa apenas o feito, o que é observável no passado, indo até o agir. Permite ver o instante da atividade no presente que, segundo Vygotski (1978 apud ROGER, 2013, p. 112), “é um momento para o qual converge de modo singular um conjunto de antecedentes que poderiam ter sido outros e um futuro de saídas possíveis”.

2.3.3. Métodos Indiretos

Sob a perspectiva da teoria histórico-cultural, a reflexão sobre a ação realizada se dá através da consciência. Pois, conforme observava Vygotsky (1994, p. 226), “a ação passada pelo crivo do pensamento se transforma em outra ação que é refletida”.

Desenvolvendo sua teoria também com inspiração vigotskiana, Clot propõe romper com a proposta da ergonomia anglófona, considerando em sua análise não apenas a atividade realizada, isto é, a ação do trabalhador em seu trabalho; mas também aplicando métodos que o ajudem a visualizar o trabalho além do observável, ou o que não é traduzível, a atividade real ou o real da atividade.

Assim, através de seus métodos, a metodologia da clínica da atividade incita os participantes a começarem a centrar seu olhar e reflexão sobre as atividades que lhes são próprias, envolvendo-os em um processo de auto-observação. Desta forma, uma verdadeira aprendizagem se efetua, através da criação de novos caminhos para a atividade (ROGER, 2013, pág. 115).

Assim, “a verbalização é uma atividade do sujeito em si mesma e não apenas um meio de acessar outra atividade”, sendo essa “a razão pela qual se pode falar de coanálise do trabalho” (CLOT, 2010b, p. 146). Pois, a partir da verbalização do seu trabalho, o trabalhador faz o pesquisador participar de seus atos e pensamentos, sintonizando e direcionando a atividade de pesquisa à sua própria atividade (CLOT, 2010b, p. 146). Ou seja, coanalizamos o trabalho a partir da linguagem, pois a partir dela somos direcionados às ações e aos pensamentos do trabalhador no e sobre a sua atividade.

No caso desta pesquisa, a ação estará no nível da consciência, porque a atividade não se resume apenas ao observável. Nela está incluído um potencial que permite ao sujeito buscar novos modos de proceder quando as formas cristalizadas

de agir já não dão conta das vicissitudes que se acumulam e podem paralisá-lo, sendo, portanto, um dentre os inúmeros caminhos que permanecem como possíveis no real da atividade (PINHEIRO *et al.*, 2016, pág. 121).

Mas, como fazer para trazer à tona o real da atividade para que este seja assim reconhecido e (re)trabalhado por quem age? Para Clot (2010b, p. 201-202), “nenhuma reflexão *direta* é possível de si para si”, pois “a experiência vivida não é diretamente acessível pelo fato de que a ação que se exerce sobre ela para alcançá-la acaba por afetá-la de volta”. Assim, alcançar o real da atividade implica proceder de maneira indireta (ROGER, 2013, pág. 113). Em outras palavras, é preciso ‘provocar’ o desenvolvimento da atividade para poder estudá-la e, assim, compreender seus movimentos. Ou seja, para compreender o trabalho é necessário a ação do trabalhador.

Para isso, busca-se “provocar” o desenvolvimento da atividade mediatizante sobre o sujeito e sobre a situação para resgatar o real da atividade, através de métodos indiretos de análise. Existem duas principais ferramentas para esta análise indireta: o método de Autoconfrontação e o método de Instrução ao Sósia. Para essa pesquisa, aplicamos o método de Instrução ao Sósia, que chamaremos por IS, e sobre o qual a próxima seção discorre.

2.3.3.1. Instrução ao Sósia (IS)

Buscando compreender como eram realizadas as atividades dos trabalhadores de uma fábrica da FIAT, em Turim, o italiano Ivar Oddone desenvolveu no início da década de 70 o método de *Istruzione per il sosia*, ou Instrução ao Sósia (IS). O método consistia na descrição de sua atividade pelo próprio trabalhador, que instruía o pesquisador para ser seu “sósia perfeito”, através da seguinte forma:

Se ci fosse un'altra persona perfettamente uguale a te dal punto di vista fisico, come gli diresti di comportarsi in fabbrica rispetto alla mansione, ai compagni di lavoro, alla gerarchia aziendale, all'organizzazione sindacale (o ad altre organizzazioni dei lavoratori), in modo tale che non fosse possibile accorgersi che non sei tu? (ODDONE, RE e BRIANTE, 2008, p. 96).

Na tradução livre, o pesquisador solicitava para que o trabalhador o guiasse para dentro da sua atividade:

Se existisse outra pessoa perfeitamente igual a você do ponto de vista físico, como você diria a ela para se comportar na fábrica em relação à sua ocupação, aos companheiros de trabalho, à hierarquia empresarial, à organização sindical (ou outra organização dos trabalhadores), de modo que não fosse possível perceber que não é você? (ODDONE, RE e BRIANTE, 2008, p. 96 – tradução nossa).

Ou seja, para aplicar o método, pede-se ao indivíduo que dê a um interlocutor todas as instruções mais precisas para que este possa substituí-lo no trabalho, sem que essa substituição seja perceptível aos outros. Assim, é possível provocar a “reentrada” na ação e, por seu intermédio, a entrada em cena dos componentes e contradições do real da atividade (ROGER, 2013, p. 114).

Desta forma, o trabalhador era deslocado do seu lugar de trabalho, tendo a oportunidade de se recolocar no lugar de observador de sua própria atividade pela instrução à um “eu auxiliar”, um sósia seu. Não se trata de um simples apego à experiência já vivenciada, mas sim de conseguir desligar-se dela a fim de que esta se torne um meio de fazer outras experiências, ou seja, colocando-a disponível para experiências ainda a fazer (CLOT, 2010b, p. 92).

Com isso, Oddone buscou um novo modelo de desenvolvimento para a psicologia do trabalho, que visasse ampliar o poder de ação dos coletivos de trabalhadores no meio de trabalho real e sobre eles mesmos, inventando ou reinventando instrumentos para superar suas restrições de trabalho (CLOT, 2010b, p. 84).

Estimulando a participação mais efetiva desses operários sobre a compreensão da sua própria atividade e na tentativa da criação de novos critérios para as definições de nocividade, o método proposto por Oddone colocou o trabalhador como protagonista da própria pesquisa e um instrumento vivo da avaliação dos riscos e de validação das soluções elaboradas (CLOT, 2010b, p. 85).

Segundo Clot (2010b, p. 83), as ideias de Oddone se aproximam às da filosofia de Spinoza na busca pelas inconstâncias humanas sem deplorá-las com a análise de apenas um vício qualquer da natureza humana. Durante sua experiência na fábrica da FIAT, Oddone tenta compreender as reais condições de trabalho a partir dos apontamentos realizados pela IS feita pelos próprios operários. Ou seja, buscou compreender as inconstâncias da atividade através das reflexões sobre as inconstâncias humanas de quem realiza esta atividade.

Trata-se, então, de fazer de outra maneira a psicologia do trabalho, consagrando todos os esforços na perseguição deste único objetivo: ampliar o poder de ação dos coletivos de trabalhadores no meio de trabalho real e sobre eles mesmos. A tarefa consiste, então, em inventar ou em reinventar os instrumentos dessa ação: em vez de começar por protestar contra as restrições ou por 'barganhá-las', trata-se de empreender a via de sua superação concreta. (CLOT, 2010b, p. 84).

Assim, com a busca pela ampliação do poder de ação dos trabalhadores através de uma psicologia mais dialógica, Oddone também aproxima seu método da psicologia histórico-cultural de Vygotski. Conforme citado por Clot sobre a experiência de Oddone (2010, p. 86-87), “na psicologia do trabalho, a história acaba ocupando uma posição central”, pois “o meio profissional nunca é somente um meio social, mas sempre, de alguma forma, um meio histórico”.

A psicologia do trabalho praticada por ele não se empenha em adotar boas ideias, em vez de ideias menos boas. Sua preocupação não é substituir os médicos e psicólogos tradicionais por outros que agissem em nome de outra psicologia ou medicina de trabalho. [...] Trata-se, então, de fazer de outra maneira a psicologia do trabalho, consagrando todos os esforços na perseguição deste único objetivo: ampliar o poder de ação dos coletivos de trabalhadores no meio de trabalho real e sobre eles mesmos. (CLOT, 2010b, p. 84).

Ou seja, Odonne não pretendia propor uma nova psicologia do trabalho, mas sim novas maneiras de fazer ciência para desenvolver uma “psicologia do trabalho diferente” (1981, p. 217 apud CLOT, 2010b, p. 84). Para isso, reinventou e inventou novos instrumentos de pesquisa que não se focaram nas restrições do trabalho, mas sim na sua via de superação concreta.

Em síntese, o observado no método de Oddone é que: por culminarem em um desenvolvimento dos sujeitos no decorrer da experiência, a participação direta dos trabalhadores na análise do próprio trabalho suscita problemas teóricos bastante novos. Desta forma, relacionando o “pensável com o possível”, seria possível desdobrar as diversas hipóteses e soluções escolhidas pelos trabalhadores no decorrer de suas funções (ODONNE, 1981, p. 214 apud CLOT, 2010b, p. 88).

Assim como Vygotski (2003, p. 76) propôs um “método indireto”, Clot considerou o método de IS capaz de organizar a replicação da experiência vivida em histórica, sem petrificar a objetividade do real da atividade ou reduzi-la artificialmente à atividade realizada (2010, p. 202-203).

E pela possibilidade de observar e compreender as soluções que o trabalhador encontra para a execução da sua atividade dentro do seu movimento de realização, o método de IS foi recuperado e apropriado pela Clínica da Atividade (CA) por meio do francês Yves Clot. Segundo ele, o método é capaz de observar “o desenvolvimento do vivido no âmago da ação” (2010, p. 201).

Segundo Clot *et al.* (2001, n.p), a IS, como método indireto adotado pela Clínica da Atividade, pode ser descrito em três fases:

- 1) Constituição do grupo de análise: no método tradicionalmente aplicado na clínica da atividade, utiliza-se a imagem como principal suporte para as observações, filmando as situações de trabalho o mais próximas possível da realidade, a fim de abrir a comparação entre os pares sobre as formas de fazer as coisas (CLOT *et al.*, 2001, n.p). No caso desta pesquisa, utilizaremos para coanálise do trabalho a gravação das reuniões de IS com as informações cotidianas relatadas pelas professoras e professores participantes da pesquisa, assim como as discussões originadas a partir de cada instrução.
- 2) Escolha e aplicação do método IS: segundo Roger (2013, pág. 114) os métodos, por si só, não são suficientes, pois só atingem validade total na medida em que se inscrevem em um processo de desenvolvimento que as abrange e as ultrapassa.
- 3) Extensão do trabalho analítico ao sujeito e/ou ao coletivo profissional: a partir da reunião do material de filmagens, a última fase é a apresentação ao sujeito e/ou ao coletivo, que retoma o trabalho de análise. Tem-se, a partir disso, a “percolação da experiência profissional, trazida à discussão sobre situações estritamente delimitadas” (CLOT *et al.*, 2001, n.p). Desta forma, uma verdadeira aprendizagem se efetua, através da criação de novos caminhos para a atividade. (ROGER, 2013, pág. 115). Esse caminho é feito em nossa pesquisa através da solicitação dos retornos de IS e das discussões sobre esse retorno entre as professoras e os professores participantes.

Ambos os métodos são técnicas comprovadas à medida que possibilitam o retorno sobre o vivido a fim de viver outros vividos. Para Vigotski (2003, p. 91 apud CLOT, 2008), essa ação é a representação da consciência mais próxima da realidade. Mas, segundo Roger (2013, pág. 114) elas por si só não são suficientes, pois só atingem validade total na medida em que se inscrevem em um processo de desenvolvimento que as abrange e as ultrapassa.

Portanto, a linha teórica adotada busca compreender as situações de trabalho e suas reflexões a partir da consciência, pois esta é “a vivência das vivências” (VIGOTSKI, 1931/1991, p.8), moldando o agir profissional e, conseqüentemente, nosso meio. Ou seja, da mesma forma que nosso trabalho nos forma enquanto sujeitos, também somos capazes de compreender e (trans)formar nosso trabalho através da sua apropriação consciente.

2.4. O AGIR LANGUAGEIRO SOBRE O TRABALHO

Ao tomarmos o sócio interacionismo como base de nosso trabalho, partimos do pressuposto vigotskiano que os sujeitos representam sua realidade, ou seu cotidiano, através de símbolos e signos. Para Vigotski (2000, p. 398), o signo é um traço constitutivo indispensável para a palavra que, sem esse significado, se torna um som vazio. Portanto, é a partir do processo de interpretação dos signos que a linguagem se revela.

Vigotski também descreve que no processo de internalização da linguagem e do surgimento do pensamento verbal, tem-se a linguagem como um sistema de signos e o desenvolvimento humano biológico se tornando também sócio-histórico (OLIVEIRA, 1993, p. 45).

A linguagem então é um processo ativo e criativo, sendo, ao mesmo tempo, produtora de objetos de sentido e constitutiva das unidades representativas do pensamento humano (BRONCKART, 2008, p. 71), pois o pensamento não se exprime na palavra, mas se realiza através dela (VIGOTSKI, 2000, p. 409). E é a nossa capacidade de abstração a partir da linguagem juntamente com sua função generalizante que a torna um instrumento do pensamento (OLIVEIRA, 1993, p. 51-52).

De fato, a palavra e o objeto que ela nomeia formam uma estrutura única. Mas essa estrutura é absolutamente análoga a qualquer vínculo estrutural entre as duas coisas. Não contém nada de específico da palavra como tal. Quaisquer coisas, seja uma vara, um fruto, a palavra ou o objeto que ela nomeia, confluem em uma estrutura uma segundo as mesmas leis. Mais uma vez a palavra não é outra coisa senão um objeto ao lado de outros objetos. No entanto, permanece fora do campo de visão dos pesquisadores o que distingue a palavra de qualquer outra coisa e a estrutura da palavra de qualquer outra estrutura, como a palavra representa o objeto na consciência, o que torna a palavra palavra. (VIGOTSKI, 2000, p. 404-405).

Podemos considerar a palavra como um fenômeno de discurso, por carregar consigo um conceito, e ao mesmo um fenômeno intelectual, pois toda formação de conceitos é um ato específico e indiscutível de pensamento (VIGOTSKI, 2000, p. 398). Desta forma, o discurso é a unidade entre a palavra e o pensamento, é a *palavra consciente* (VIGOTSKI, 2000, p. 398), na medida em que revela a *natureza psicológica* do seu significado (VIGOTSKI, 2000, p. 400), que não pode proceder da atividade dos indivíduos separadamente, mas sempre em caráter dialógico, ou seja, a partir dos discursos produzidos no quadro de interações sociais (BRONCKART, 2008, p. 75).

O *discurso* é definido por Bronckart (2008, p. 87) como as práticas languageiras, ou seja, a atualização da linguagem por indivíduos em situações concretas. O discurso, portanto, pode ser considerado como a prática da linguagem como mediadora da interação do homem com seu meio. Ou seja, a realidade da linguagem é construída de práticas situadas (BRONCKART, 2008, p. 87).

Para designar essas práticas, Bronckart (2008, p. 87) sugere o termo *agir languageiro* em vez de atividades discursivas, pois atrela a linguagem à uma prática situada, dando sentidos precisos e profundos ao discurso. Assim, as ações de linguagem, ou o agir social, são as condutas verbais que constituem o próprio agir humano (BRONCKART, 2009, p. 13).

Como não se pode acessar diretamente o agir humano apenas a partir de observações, Bronckart (2009, p. 59) orienta que a interpretação das ações humanas sejam feitas através das produções verbais realizadas durante o agir. A partir dessa compreensão, e desenvolvendo pesquisas que agregam a análise do discurso ao interacionismo, o Interacionismo Sociodiscursivo - ISD (BRONCKART, 2008, 2009; BRONCKART e MACHADO, 2004; MACHADO, 2004, 2009; MACHADO, FERREIRA e LOUSADA, 2011) busca pesquisar e compreender o agir

humano a partir do agir languageiro, sobretudo quando este é aplicado em atividade, no agir social, nas situações de trabalho.

Para Bronckart e Machado (2004, p. 155), o agir se desenvolve temporariamente em um *curso do agir*, no qual podem ser identificadas cadeias de processos envolvendo *atos* ou *gestos*. Portanto, o *agir* indica as intervenções humanas no mundo em suas diferentes ordens e contextos, constituindo trabalhos que envolvem diversos tipos de profissionais e cuja estrutura pode ser decomposta em diversas tarefas. (BRONCKART e MACHADO, 2004, p. 155).

O enunciado é o protótipo de toda atividade humana, razão pela qual a linguagem é um analisador de toda atividade. Ao se compreender bem o conflito do enunciado, compreende-se que todo enunciado é uma luta, fonte vital de energia. Se o enunciado volta as costas aos enunciados de outrem, só se ocupando de seu objeto, ele se torna um monólogo, perde sua fonte de desenvolvimento, portanto, da vida. Para mudar a vida e falar de outra maneira, é necessário, obrigatoriamente, atravessar a atividade de outrem. (CLOT, 2016, p. 93).

As atividades, então, podem ser reveladas através da linguagem. Nesse sentido, lhe serviriam como práticas languageiras para falar “como”, “no” e “sobre” o seu trabalho, conforme descreve Nouroudine (2002, p. 18). Para o autor, a *linguagem como trabalho* possui a mesma complexidade de toda atividade de trabalho, pois se materializa do sujeito que se dirige aos outros sujeitos, do sujeito para orientar-se a si mesmo, seus próprios gestos no momento em que trabalha, bem como do sujeito consigo mesmo através de um pensamento ou um julgamento simultâneo ao fazer, sem necessariamente externalizá-los em palavras (NOUROUDINE, 2002, p. 20). A *linguagem no trabalho* difere da ‘linguagem como trabalho’ pelo fato da diferença existente entre os conceitos de “atividade” e “situação”, pois enquanto a ‘linguagem como trabalho’ é expressa pelo sujeito e seu coletivo no tempo e lugar do desenvolvimento constitutivo da atividade, a ‘linguagem no trabalho’ faz parte da realidade constitutiva da situação (NOUROUDINE, 2002, p. 22-25), a qual favorece trocas entre os sujeitos na situação de trabalho (NOUROUDINE, 2002, p. 24), intercâmbios informais nos atos discursivos e momentos fortuitos de interação necessários à atividade (FAÏTA e DONATO, 1997, p. 155).

O terceiro e último tipo de linguagem abordado por Nouroudine (2002, p. 26) é a *linguagem sobre o trabalho*, que seria a linguagem interpretativa do trabalho, ou

seja, as práticas de linguagem que permite aos protagonistas do trabalho falarem sobre sua atividade, que transmite saberes através dos coletivos de trabalho e que permite a leitura do saber que acompanha o gesto na atividade. Sem essa diferenciação e leitura das linguagens de trabalho, os pesquisadores correm o risco de neutralizar e até desqualificar o protagonismo e o agir linguageiro dos trabalhadores falando dos processos de produção do saber sobre suas atividades e sobre o seu próprio trabalho (NOUROUDINE, 2002, p. 27).

Assim, utilizando essas diferentes formas de linguagens como, no e sobre o trabalho, bem como àquela dirigida ao seu grupo ou coletivo de trabalho, os sujeitos, as professoras e os os professores trabalhadores, realizaram seu agir linguageiro e nós, pesquisadores, abordamos conceitual e analiticamente nesta pesquisa suas relações com a “ação tematizada” (BRONCKART, 2008, p. 129), identificando os aspectos do trabalho e “suas condições de realização explicitamente tematizados no texto” (BRONCKART, 2008, p. 140).

Portanto, os pressupostos teórico metodológicos adotados, assim como nas pesquisas relatadas por Machado e Bronckart (2004, p. 157), mostraram-se adaptados e eficazes para responder às nossas perguntas de pesquisa e também nos permitiram analisar os aspectos do agir educacional que nos foram apresentados como atividades que estavam sendo realizadas pelos professores neste período pandêmico.

2.5. GÊNERO SOCIAL OU GÊNERO PROFISSIONAL, E *MÉTIER*

Segundo Clot (2007, p. 38-39), as atividades ligadas às situações de trabalho, como de aprender as coisas e as pessoas de um ofício, são frequentemente invisíveis e impalpáveis do exterior de uma atividade. Entretanto, essas atividades são distribuídas naturalmente e acabam *apreendidas* na ação (CLOT, 2007, p. 39).

Esse conjunto de conhecimentos organizados ao longo da história pela nossa herança cultural, caracterizam-se como nossos “resquícios” relacionais ou um “achego” profissional ao qual reconhecemos que, desta forma, nos tornamos professores (GERALDI, 2015, p. 82). Esse reconhecimento das práticas é possível,

segundo o professor Yves Clot (2010b, p. 87), apenas porque “o meio profissional nunca é somente um meio social, mas sempre, de alguma forma, um meio histórico”.

Há então entre o prescrito e o real um terceiro termo decisivo que designamos como o gênero social do *métier*, o gênero profissional, isto é, as “obrigações” que partilham aqueles que trabalham para conseguir trabalhar, frequentemente, apesar de tudo, às vezes apesar da organização prescrita do trabalho. Sem o recurso dessas formas comuns da vida profissional, assiste-se a um desajuste da ação individual, a uma “queda” do poder de ação e da tensão vital do coletivo, a uma perda de eficácia do trabalho e da própria organização. (CLOT e FAÏTA, 2016. p. 35).

Assim, a história de um coletivo de trabalho é transpessoal, ultrapassando e perpassando os trabalhadores ao mesmo tempo. Segundo Clot (2011, p. 73), trata-se de “uma história que não é apenas a história dos sujeitos concernidos, mas a história de um ofício (*métier*) que não pertence a ninguém em particular mas pela qual todos, no entanto, se sentem responsáveis”.

Desta forma, essa parte subentendida da atividade pode ser definida como o gênero profissional, que Yves Clot define da seguinte maneira:

[...] o que os trabalhadores de determinado meio conhecem e observam, esperam e reconhecem, apreciam ou temem; o que lhes é comum, reunindo-os sob condições reais de vida; o que sabem que devem fazer, graças a uma comunidade de avaliações pressupostas, sem que seja necessário re-especificar a tarefa a cada vez que ela se apresenta. (CLOT, 2010b, p. 121-122).

Assim, o gênero é composto por uma parte explícita e uma parte implícita, ou “sub-entendida” (CLOT, 2007, p. 41). Trata-se de um interposto social coletivo, composto pelas prescrições que funcionam como “uma ‘senha’ conhecida apenas por aqueles que pertencem ao mesmo horizonte profissional” e situada como um corpo intermediário entre os profissionais e também entre estes e o objeto de trabalho (CLOT, 2007, p. 41).

Como intermediário social da atividade, o gênero social da atividade, ou gênero profissional, apresenta-se como “um conjunto de avaliações compartilhadas, que, de maneira tácita, organizam a atividade pessoal” (CLOT, 2010b, p. 122). Além disso, estabelecem a ponte entre a operacionalidade formal e prescrita dos equipamentos materiais, as maneiras de agir e de pensar do meio, englobando também, tal qual proposto por Bakhtin, seu próprio gênero discursivo (CLOT, 2010b, p. 89).

Assim, os gêneros são os falares sociais “emprestados” aos profissionais, para que estes possam falar e serem entendidos pelos seus pares: recriando-a na melhor das hipóteses, mas sem criá-la (CLOT, 2010b, p. 121). Ou seja, cada sujeito pode recriar essa fala docente sócio-historicamente produzida por seu gênero profissional sem precisar criá-la individualmente. Em outros termos, “o indivíduo se vale de uma memória transpessoal, que é o gênero, e a recria de acordo com sua individualidade” (ARIATI e LIMA, 2018, p. 199). À essa recriação personalizada do trabalho, dá-se o nome de estilo.

A relação entre estilo e gênero se dá quando, ao realizar determinada atividade, o sujeito opta por uma variante pertencente a um gênero de atividade daquela esfera social, isto é, escolhe um modo de agir comumente conhecido e dado pela sociedade, mais precisamente por um coletivo. Mas, ao empregar essa variante, ele também a recria ou a estiliza de acordo com sua memória pessoal e a situação concreta na qual age. (ARIATI e LIMA, 2018, p. 199).

Assim, quando necessário, os trabalhadores ajustam e retocam os gêneros, colocando-se em um movimento oscilante entre aproximação e distanciamento do gênero, ao que Clot e Faïta (2016, p. 39) chamam de “criações estilísticas”. Desta forma, os sujeitos podem recriar os modos de agir do gênero, transformando-os em seu modo de agir personalizado através do seu estilo. Ou seja, o sujeito estiliza o trabalho que aprendeu com o gênero.

Por isso Clot (2007, p. 108) também ressalta que não podemos subestimar o gênero de atividade se desejamos reconhecer seu dinamismo, pois este atua como um repertório social de atividades disponíveis, nunca apenas como um conjunto de conhecimentos já que o homem não é apenas uma memória. O gênero, além de conservar a história, é também a história de um grupo e a memória impessoal de um local de trabalho (CLOT, 2007, p. 38).

O gênero é o mediador da atividade dirigida dos sujeitos, influenciando sua atuação sobre os objetos e os outros sujeitos. É aberto, pois não começa e nem acaba no próprio sujeito, e apresenta reticências, que indicam que vem sendo construído e reconstruído coletiva e sócio-historicamente em um ofício. E não é amorfo e muito menos é apenas organizador do trabalho, pois atua como instrumento constantemente exposto à prova do real; não apenas imposição a respeitar, mas recurso a renovar e método a ajustar pelos trabalhadores que agem

através dos gêneros enquanto respondem às exigências da ação (CLOT e FAÏTA, 2016, p. 39).

Portanto, o gênero é “a mediação através da qual o sujeito age sobre o objeto e sobre os outros no fluxo da atividade dirigida em situação” (CLOT, 2007, p. 94). Assim, podemos considerar o trabalho como uma atividade dirigida em situação real, pois se realiza dando acabamento ao gênero na ação e não existe sem um sujeito (CLOT, 2007, p. 94-95).

2.6. INSTRUMENTOS DO TRABALHO DO PROFESSOR

Os instrumentos, assim como os signos, são mediadores das nossas relações, sejam estas com os outros sujeitos ou com o mundo que nos cerca. Para Vygotsky (1991, p. 62-63), ao contrário dos signos que são internos, como os instrumentos são orientados externamente, sua função é servir como um condutor da influência humana sobre o objeto da atividade, transformando necessariamente esses objetos. Através da atividade mediada, o homem é capaz de transformar e ser transformado pelos instrumentos que utiliza.

Béguin e Rabardel (2000, p. 179) explicam que o instrumento é composto por dois tipos de estruturas: *psicológicas*, que organizam a atividade, e *de artefatos*, que são os signos e símbolos usados para pensar e expressar os objetos. Contudo, Vygotski alerta que um instrumento não pode ser confundido com um artefato, pois um artefato só se torna um instrumento por meio da atividade do sujeito: enquanto um instrumento é claramente um mediador entre o sujeito e o objeto, ele também é constituído pelo sujeito e pelo artefato (BÉGUIN e RABARDEL, 2000, p. 175).

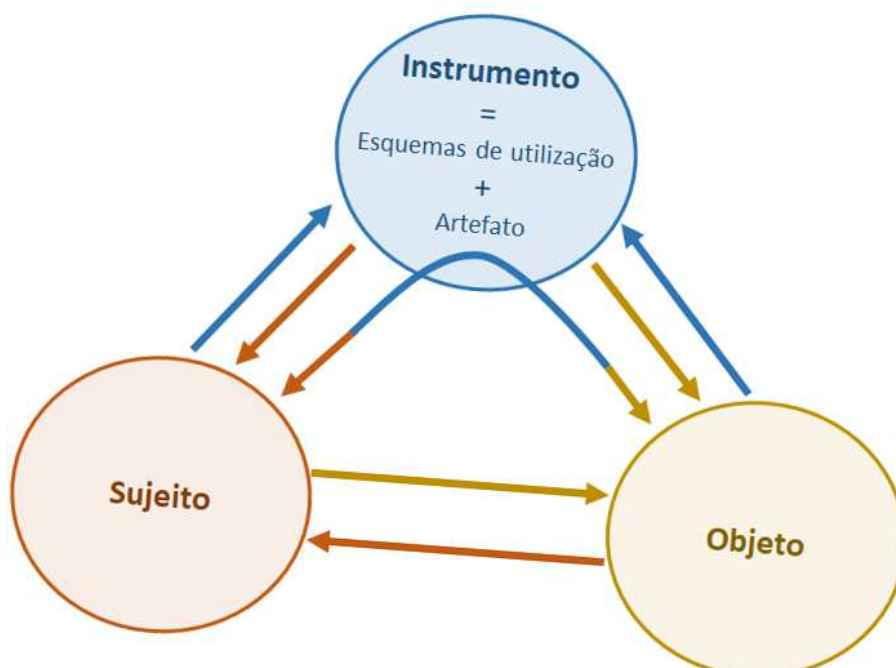
Rabardel (1999, p. 5-6), também revisitando as ideias de Vigotski, conclui que o instrumento, muitas vezes, se funde entre o signo, ou o próprio objeto pensado, e o artefato ou o próprio objeto técnico. Para Vigotski, o signo age como um instrumento da atividade psicológica de maneira análoga ao papel de um instrumento no trabalho, porém essa analogia não implica uma identidade similar desses conceitos (VYGOTSKY, 1991, p. 59-60).

Seguindo a visão oriunda da antropologia, Rabardel (1995, p. 49) denomina como *artefato* qualquer coisa que tenha sofrido uma transformação de origem humana, mesmo mínima, mas que não restringe seu significado apenas às coisas

materiais (do mundo físico), compreendendo sem dificuldade os sistemas simbólicos. Portanto, dentro desses sistemas simbólicos, poderíamos citar como artefatos os objetos imateriais utilizados pelos trabalhadores, como por exemplo uma imagem, a linguagem, “as prescrições” (BUENO E MACHADO, 2011, p. 304) e “os modos de agir” (LOUSADA E MACHADO, 2010c).

O instrumento, portanto, não é apenas uma parte do mundo externo ao sujeito, mas sim uma mistura entre o artefato material ou simbólico e os esquemas de utilização com suas dimensões representativas e operacionais (RABARDEL, 1999, p. 14), conforme podemos observar na imagem a seguir (FIGURA 5).

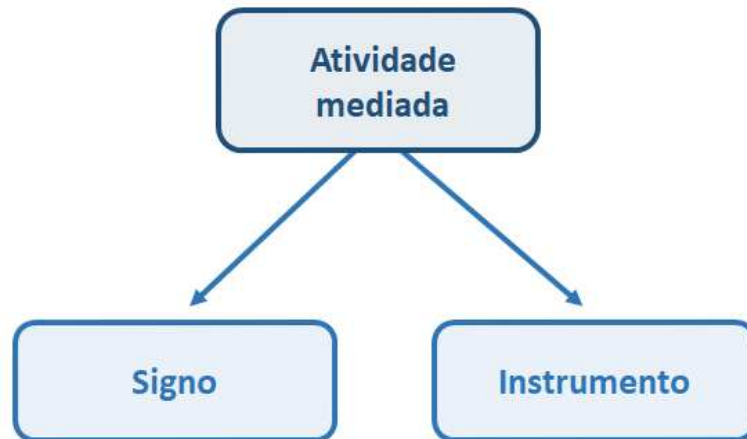
FIGURA 5 – O INSTRUMENTO MEDIADOR COMO ENTIDADE COMPOSTA.



FONTE: Reelaborada pela autora, conforme figura de Béguin e Rabardel (2000).

Béguin e Rabardel (2000, p. 180) explicam que o instrumento mediador tem dois componentes: um inteiro, parte ou um conjunto de artefatos materiais ou simbólicos, produzido pelo sujeito ou por outros; e um ou mais esquemas de utilização associados, decorrentes de uma construção específica ao assunto, ou por meio da apropriação de esquemas sociais pré-existentes. Juntos, eles representam o instrumento como uma entidade composta tanto pelo sujeito quanto pelo objeto, atuando como mediadores entre o sujeito e o objeto de sua atividade (BÉGUIN e RABARDEL, 2000, p. 180), conforme visto na imagem a seguir (FIGURA 6).

FIGURA 6 – ATIVIDADE MEDIADA COMO CARACTERÍSTICA COMUM DO SIGNO E DO INSTRUMENTO.



FONTE: Reelaborada pela autora, a partir de Vygotsky (1991) e Rabardel (1999).

Desta forma, o instrumento é composto tanto pelo artefato material ou simbólico e os esquemas de utilização, quanto pelo objeto em si e o signo que o representa. E todos esses mantêm uma relação de independência em suas significações (RABARDEL, 1999, p. 14). Assim, “a analogia básica entre signo e instrumento repousa na função mediadora que os caracteriza”, podendo, “a partir da perspectiva psicológica, ser incluídos na mesma categoria” (VYGOTSKY, 1991, p. 61). Por isso, a utilização da combinação entre instrumento e signo é denominada de função psicológica superior - FPS, pois à medida que ocorre a transição para a atividade mediada, amplia-se as funções psicológicas que operam no interior das atividades (VYGOTSKY, 1991, p. 63).

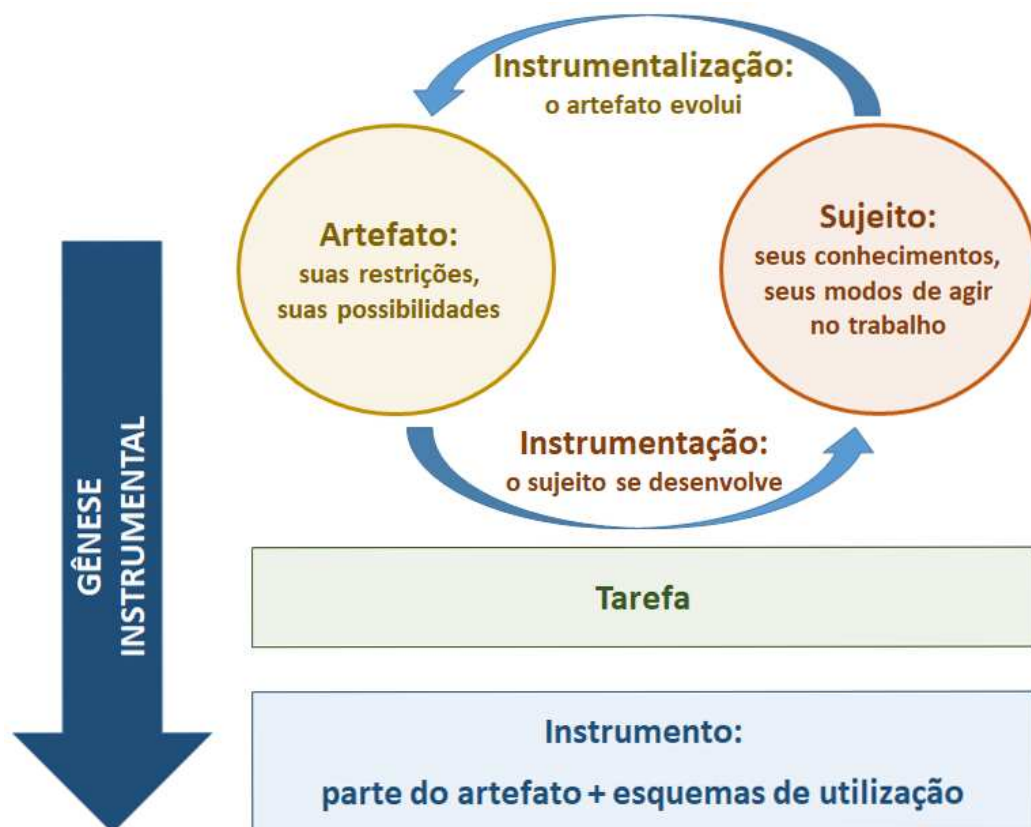
A partir dessa ampliação, Vygotsky relaciona a atividade mediada com as relações de trabalho, sobretudo a partir das estratégias coletivas para superação de impedimentos e pela criação e utilização de instrumentos para o trabalho. Pois além de distinguir o homem dos outros animais, a mediação é um processo essencial para tornar possível atividades psicológicas voluntárias, intencionais, controladas pelo próprio indivíduo (OLIVEIRA, 1997, p. 33). Da mesma forma, a apropriação da totalidade dos instrumentos de trabalho é, precisamente por isso, o desenvolvimento de uma totalidade de capacidades nos próprios indivíduos (MARX e ENGELS, 2007, p.73).

Assim, o instrumento tem como sua origem a relação constitutiva própria dos sujeitos, ou seja, através do uso do artefato como um meio de realizar a sua ação (RABARDEL, 1995, p. 27). Por isso, Béguin e Rabardel (2000, p. 186) falam sobre a

mediação pelo instrumento do que apenas pelo artefato, distinguindo ambos também através do processo de gênese instrumental.

De acordo com Béguin e Rabardel (2000, p. 181), a gênese instrumental ocorre em ambos os pólos da entidade instrumental: o artefato e seus esquemas de utilização. Assim, segundo os autores, esse processo possui duas dimensões relacionadas, que se diferenciam pelo foco: a instrumentalização, que é orientada para o artefato, e a instrumentação, que é orientada para o sujeito (2000, p. 181), conforme podemos observar a seguir (FIGURA 7).

FIGURA 7 – A GÊNESE INSTRUMENTAL E OS PROCESSOS DE INSTRUMENTALIZAÇÃO E INSTRUMENTAÇÃO.



FONTE: A autora (2020), elaborada com inspiração nas imagens de Clauzard (2016).

Assim, segundo Clauzard (2016, s/n), durante a gênese instrumental, ocorre um duplo movimento entre o artefato e o sujeito:

- Instrumentalização (movimento do sujeito em direção ao artefato): é o processo baseado nas características e propriedades intrínsecas do artefato, no qual o trabalhador adapta a ferramenta às suas necessidades

utilizando o seu conhecimento para selecionar e usar as funções de que necessita para realizar a tarefa. Pode ser definido como um processo de enriquecimento das propriedades do artefato pelo sujeito (CLAUZARD, 2016, s/n). Desta forma, no processo de instrumentalização é o artefato que evolui (BÉGUIN e RABARDEL, 2000, p. 181).

- Instrumentação (movimento do artefato em direção ao sujeito): é a descoberta progressiva das restrições e potencialidades do artefato pelo sujeito, que é acompanhada pela acomodação de seus esquemas e por mudanças no significado do instrumento resultante da associação do artefato à novos esquemas de utilização que influenciam e condicionam a ação do indivíduo (suas representações, seus gestos, procedimentos, etc.). Portanto, o trabalhador modifica sua atividade, seus esquemas de ação, de uso a fim de utilizar as funcionalidades da ferramenta (CLAUZARD, 2016, s/n). Assim, no processo de instrumentação é o sujeito que se desenvolve (BÉGUIN e RABARDEL, 2000, p. 181).

Os dois processos contribuem conjuntamente e por muitas vezes de forma dialética para a construção e evolução do instrumento, ainda que, dependendo da situação, um dos processos possa ser mais desenvolvido ou proeminente que o outro, ou mesmo ser o único a ser implementado (BÉGUIN e RABARDEL, 2000, p. 181).

O conceito de gênese instrumental abrange tanto a evolução de artefatos conforme a atividade se desenvolve, quanto a construção de esquemas de utilização, os quais participam do surgimento e desenvolvimento de um instrumento (BÉGUIN e RABARDEL, 2000, p. 181). Os instrumentos surgem da forma específica de atividade através do processo de transformação dialética de artefatos e esquemas sociais de utilização, durante o qual o indivíduo e seus recursos irão se desenvolver (BÉGUIN e RABARDEL, 2000, p. 186).

O instrumento, portanto, é mediatizador da atuação de um sujeito sobre um objeto para dar forma concreta a um motivo, ou seja, realizar uma tarefa de sua atividade (BÉGUIN e RABARDEL, 2000, p. 175). Assim, os instrumentos de trabalho, desenvolvidos e/ou apropriados para um determinado objetivo ou realização de tarefas da atividade, carregam consigo também um objetivo sócio

histórico do próprio desenvolvimento do trabalho, sendo mediadores da relação entre o sujeito e o mundo, ou do trabalhador com o seu trabalho.

Na prática docente e no contexto dos instrumentos analisados nesta pesquisa, podemos exemplificar as teorias da seguinte maneira:

- A instrumentalização ocorre quando o(a) professor(a) utiliza um aplicativo para criação de questionários *online* como instrumento para elaborar um questionário avaliativo, que possui forma e função similares às avaliações tradicionais impressas. O professor usa uma função do aplicativo para realizar a tarefa de construir a avaliação. Neste caso, dizemos que o artefato que acaba evoluindo, pois além de se transformar em instrumento para o professor, tem seu leque de possibilidades de uso ampliado em comparação com sua função original.
- A instrumentação seria a adaptação do uso do questionário *online*, após o professor testá-lo e conhecer suas funcionalidades, para realizar atividades como coleta de dados, pesquisas, recebimento de trabalhos, envio de *feedback* para alunos, etc. Nesse processo, novas tarefas são acomodadas por novos esquemas de utilização da mesma função que utilizou para realizar a avaliação (o questionário como coleta de dados e não como avaliação), enquanto outras tarefas são acomodadas a outras funcionalidades do mesmo artefato (recebimento de trabalhos dos alunos). Desta maneira, o professor domina melhor a ferramenta e adapta as tarefas às suas funcionalidades. Por isso dizemos que o sujeito é quem se desenvolve, pois amplia sua capacidade de realizar suas tarefas.

À medida que a atividade do professor se transforma ao longo da história, transformam-se também os seus instrumentos. Machado (2007, p. 93) então ressalta que, para que o professor desenvolva seu trabalho de forma efetiva, é necessário que esse trabalhador possa sempre ter recursos materiais e simbólicos, internos e externos, para apropriar-se de artefatos, transformando-os em instrumentos por si e para si, quando os considera úteis e necessários para seu agir (MACHADO, 2007, p. 94).

Assim, para o trabalho do professor, artefatos podem ser tanto materiais (caneta, computador, quadro, câmera) quanto simbólicos (uma imagem, um método de ensino, um aplicativo, uma plataforma digital). Assim, a gênese instrumental docente se torna um processo complexo de reconhecimento das potencialidades e impedimentos dos artefatos, adaptadas à realidade do professor e ao contexto sócio histórico no qual está imerso com sua atividade.

Ou seja, no plano dos recursos para o agir, os professores definem seus instrumentos, que podem ser *ferramentas concretas* ou *modelos para o agir*, disponíveis no ambiente social, das *capacidades*, que são os recursos mentais ou comportamentais atribuídos à esse sujeito (BRONCKART e MACHADO, 2004, p. 155). Portanto, a busca pelo objeto “artefactual” possível para cada profissional deve ser feita tendo em vista o desenvolvimento da sua própria atividade, sendo, portanto, a ferramenta possível que o sujeito vê na ferramenta realizada (CLOT, 2007, p. 104-105).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

“É que ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, sem aprender a refazer, a retocar o sonho por causa do qual a gente se pôs a caminhar”
Paulo Freire, “Pedagogia da Esperança”, 1992.

Nos capítulos anteriores, apresentamos o quadro teórico metodológico que fundamenta nosso trabalho e que orientaram as escolhas sobre os procedimentos metodológicos utilizados para analisar os dados desta pesquisa, os quais serão apresentados mais detalhadamente neste capítulo.

As duas primeiras seções serão destinadas à descrição do contexto no qual a pesquisa foi realizada. Na primeira seção, descreveremos o período no qual essa pesquisa foi realizada, o início do período pandêmico da COVID-19, sua correlação com a educação e o desenvolvimento do ano letivo de dois mil e vinte. Na segunda seção, apresentaremos mais detalhadamente os sujeitos que participaram desta pesquisa, ou seja, as professoras e os professores que compuseram nosso grupo de discussões durante as reuniões e os pesquisadores.

Na terceira seção, explicaremos os instrumentos, o método e as etapas do método para a produção de nossos dados, bem como os critérios utilizados para seleção dos dados a serem analisados. E na quarta e última seção, descreveremos os procedimentos de análise dos dados.

3.1. PERÍODO DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Nesta seção, explicaremos a origem do tema da pesquisa, resumimos o surgimento e o espalhamento mundial do vírus Sars-CoV-2, causador da atual pandemia de COVID-19, bem como seu impacto na educação e, consequentemente, no desenvolvimento do ano letivo de dois mil e vinte. E, para compreensão do contexto geral da pesquisa, descreveremos também os sujeitos participantes.

3.1.1. Origem do tema da pesquisa

Através de meus orientadores e de nosso grupo de estudo sobre o trabalho, ao rever os conceitos vigotskianos e entrar em contato com os fundamentos da

clínica da atividade, encantei-me demasiadamente. Afinal, como nas palavras do professor Yves Clot, compreender nosso trabalho é resgatar nosso poder de agir.

Desta forma, estruturamos minha pesquisa baseada na análise do trabalho de outra colega pesquisadora do mesmo curso de mestrado com o tema alimentação, saúde e a construção social do gosto. Assim, enquanto a outra pesquisadora desenvolveria sua sequência didática em sala de aula com seus alunos do ensino fundamental I da rede municipal de Matinhos/PR, nós coanalisaríamos posteriormente os desdobramentos e/ou impedimentos de seu trabalho com a educação alimentar.

No início da execução dos planejamentos, descobri um forame oval patente (FOP), que permitia a comunicação entre o lado esquerdo e direito do coração, que me levou a uma cirurgia cardíaca. Em recuperação, não poderia me deslocar para acompanhar as práticas desenvolvidas na escola do litoral paranaense.

No penúltimo dia do meu atestado de recuperação, as escolas foram fechadas em todo o Estado do Paraná devido à pandemia da COVID 19. Inteligente e rapidamente, meus orientadores propuseram que a pesquisa acompanhasse também os desdobramentos pandêmicos e suas consequências para a educação.

Assim, adaptamos o método indireto de Instrução ao Sócia (IS) a ser utilizado e realizamos os encontros no mesmo formato remoto com o qual todos nós professores estávamos tendo que nos adaptar, levando à prática a ideia desenvolvida por Vygotsky (1991, p. 7), sob os preceitos do materialismo histórico dialético de Marx, de que os fenômenos devem ser estudados como *processos em movimento, em mudança*.

A partir dessa reorganização da pesquisa, ampliamos o número de professores participantes e buscamos compreender como estava sendo o desenvolvimento e as transformações do trabalho docente concomitantemente às consequências do espalhamento do vírus. A descrição de todo esse contexto será feita nas próximas seções.

3.1.2. Surgimento e espalhamento da pandemia COVID-19

A pandemia da COVID-19, que causa a Síndrome Respiratória Aguda Grave Coronavírus 2, é causada pelo vírus SARS-CoV-2. Segundo a Fundação Oswaldo

Cruz¹⁴ - FIOCRUZ (2020), esse vírus compõe uma grande família de vírus comuns em muitas espécies de animais, desde gado e gatos, até camelos e morcegos. E apesar de raramente infectarem seres humanos, em dezembro de 2019, a cidade de Wuhan, China, registrou a primeira transmissão do SARS-CoV-2 para um humano e, em seguida, a transmissão de uma pessoa para outra. Mas não a divulgou.

Então, depois que algumas autoridades chinesas notificaram que já tinham 40 casos confirmados de uma então misteriosa pneumonia na cidade de Wuhan, em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) emitiu o primeiro alerta sobre a doença. Em meio à desconfianças e omissões¹⁵ de informações sobre a doença, a China divulgou oficialmente a primeira morte por COVID-19 em 11 de janeiro de 2020.

Nesta mesma data, o governo Chinês publicou a codificação genética¹⁶ do vírus, nove dias após seu sequenciamento completo e seis dias depois de obter ao menos três análises confirmadas, segundo uma reportagem investigativa da agência *Associated Press*¹⁷. Porém, a revelação de que esse novo coronavírus era transmissível para e entre pessoas foi feita apenas no dia 20 de janeiro. Ambas as informações permitiram compreender o salto genético¹⁸ responsável pela adaptação do vírus para infecção em humanos.

Desde essa primeira transmissão registrada e depois divulgada pela China, o vírus se alastrou de maneira assustadoramente rápida, aumentando diariamente o número de mortes em quase¹⁹ que a totalidade dos países do mundo. Em 11 de

¹⁴ FIOCRUZ. Coronavírus: Perguntas e respostas. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/coronavirus/perguntas-e-respostas>>. Acesso em: 10 out 2020.

¹⁵ Ver artigos Li R, Pei S, Chen B, Song Y, Zhang T, Yang W, *et al.* Uma infecção substancial não documentada facilita a rápida disseminação de novos coronavírus (SARS-CoV2). *Ciência*. (2020) 368: 489–93; China sabia do risco de pandemia em Wuhan antes de alertar público, diz agência. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2020/04/16/china-sabia-do-risco-de-pandemia-em-wuhan-antes-de-alertar-publico-diz-agencia>>. Acesso em: 16 out 2020.

¹⁶ Após esse, diversos outros sequenciamentos genéticos foram realizados, permitindo identificar a mutação natural ocorrida no vírus que o permitiu infectar também seres humanos. Alguns dos sequenciamentos genéticos estão disponíveis na internet em sites de livre acesso como o GenBank da National Library of Medicine do National Center for Biotechnology Information, EUA (<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/genbank/sars-cov-2-seqs/>).

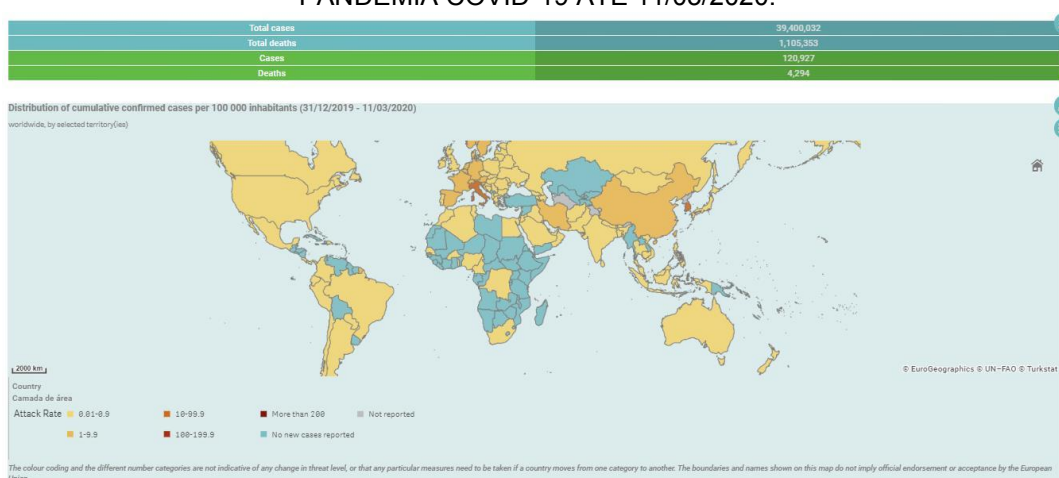
¹⁷ Ver reportagem China delayed releasing coronavirus info, frustrating WHO. Disponível em: <<https://apnews.com/article/3c061794970661042b18d5aeaaed9fae>>. Acesso em: 17 out 2020.

¹⁸ Ver estudo O salto genético que transformou o novo coronavírus em um especialista em infectar humanos. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/o-salto-genetico-que-transformou-o-novo-coronavirus-em-um-especialista-em-infectar-humanos/>>. Acesso em: 17 out 2020.

¹⁹ Ver artigo Pandemia de coronavírus: os únicos 10 países que não tiveram nenhum caso de COVID-19 até hoje. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-53867527>>. Acesso em: 16 out 2020.

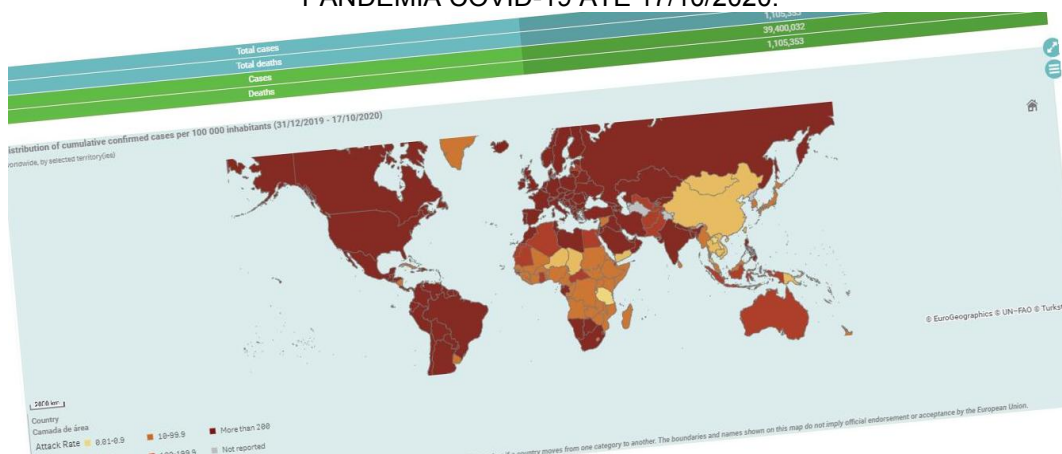
março de 2020, data em que a OMS declarou oficialmente a doença do Coronavírus (COVID-19) como uma pandemia global²⁰, a doença já havia contaminado 120.927 pessoas e feito 4.294 mortes nos 5 continentes, conforme o *print* de tela (FIGURA 8) da COVID-19 *Situation Dashboard*, retirado do site do *European Centre for Disease Prevention and Control* (ECDC)²¹. E, até 17 de outubro de 2020, última data de atualização deste texto e coleta dos números no site, o mundo já acumulava 39.400.032 casos e 1.105.353 mortes (FIGURA 9).

FIGURA 8 – EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE CASOS, MORTES E PAÍSES ATINGIDOS PELA PANDEMIA COVID-19 ATÉ 11/03/2020.



FONTE: Base do ECDC (2020).

FIGURA 9 – EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE CASOS, MORTES E PAÍSES ATINGIDOS PELA PANDEMIA COVID-19 ATÉ 17/10/2020.



FONTE: Base do ECDC (2020).

²⁰ Ver artigo OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&Itemid=812>. Acesso em: 16 out 2020.

²¹ COVID-19 *Situation Dashboard*. European Centre for Disease Prevention and Control (ECDC). Disponível em: <<https://qap.ecdc.europa.eu/public/extensions/COVID-19/COVID-19-mobile.html#global-overview-tab>>. Acesso em: 17 out. 2020.

Uma pesquisa²² realizada pelo Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz) buscou estimar a data provável do início da disseminação do Sars-CoV-2 a partir do número cumulativo de mortes relatadas durante o estágio inicial da epidemia na Europa Ocidental e nas Américas. Utilizando uma metodologia estatística de inferência a partir dos registros de óbitos, a pesquisa indicou que a circulação do vírus teve início em muitos países ocidentais entre meados de janeiro e início de fevereiro de 2020, portanto, até quatro semanas antes dos primeiros casos serem registrados e da implementação de medidas de controle para restringir as viagens aéreas e promover o distanciamento social na Europa, na América do Norte e na América do Sul.

Desta forma, o estudo confirma que o vírus teria começado a se espalhar no Brasil desde a primeira semana de fevereiro, coincidindo assim com a expansão da epidemia na América do Norte e Europa Ocidental e precedendo em mais de 20 dias o primeiro caso diagnosticado²³ de transmissão para um brasileiro fora do país, em 26 de fevereiro, e 40 dias antes das primeiras confirmações oficiais de transmissão comunitária²⁴, em 13 de março.

Esses dados são corroborados pelos dados divulgados pelo sistema InfoGripe²⁵, da FIOCRUZ. Através do monitoramento nacional semanal do número de hospitalizações de pacientes com febre, tosse ou dor de garganta e dificuldade para respirar, observou-se que o número desses casos em fevereiro de 2020 teve aumento acima do observado no mesmo período em 2019.

Assim, desde o início da pandemia, a real taxa de mortalidade da COVID-19 ainda é incerta. Segundo dados divulgados pelo domínio da Universidade de São Paulo²⁶ (USP), resultados de pesquisas de um grupo de cientistas independentes e voluntários de várias instituições brasileiras de pesquisa, as subnotificações da

²² DELATORRE, Edson, MIR, Celinaana, GRÄF, Tiago e BELLO, Gonzalo. *Tracking the onset date of the community spread of SARS-CoV-2 in Western Countries*. Mem Inst Oswaldo Cruz. E-pub: 24 Abr 2020. Disponível em: <<https://memorias.ioc.fiocruz.br/article/10702/0183-tracking-the-onset-date-of-the-community-spread-of-sars-cov-2-in-western-countries#back>>. Acesso em: 16 out 2020.

²³ Ver artigo Brasil confirma primeiro caso de infecção pelo novo coronavírus. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6113:brasil-confirma-primeiro-caso-de-infeccao-pelo-novo-coronavirus&Itemid=812>. Acesso em: 17 out 2020.

²⁴ Ver artigo Coronavírus: Brasil tem primeiros casos de transmissão comunitária. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6113:brasil-confirma-primeiro-caso-de-infeccao-pelo-novo-coronavirus&Itemid=812>. Acesso em: 17 out 2020.

²⁵ InfoGripe, sistema da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Disponível em: <<http://info.gripe.fiocruz.br>>. Acesso em: 17 out. 2020.

²⁶ COVID-19 Brasil: Análise Subnotificação. Disponível em: <<https://ciis.fmrp.usp.br/covid19/analise-subnotificacao/>>. Acesso em: 17 out. 2020.

doença se devem, sobretudo, ao desconhecimento da quantidade total de pessoas infectadas devido à falta de testagem de infecção da população.

E, no Brasil, dificultando ainda mais esse levantamento, após sucessivas trocas de ministros e ações políticas insuficientes e incoerentes com as indicações científicas para o controle da doença, o atual governo federal mudou o formato de divulgação²⁷ dos dados de COVID-19. Desde junho de 2020, os casos e mortes são divulgados apenas por data de ocorrência, de forma regionalizada, deixando de apresentar dados totais da doença e retirando dados que permitiam a territorialização da pandemia²⁸.

Assim, seja pela falta de disponibilidade e/ou aplicação dos testes de infecção ou por estratégias políticas de diminuição da transparência dos dados sobre a COVID-19, os dados mundiais de controle e estudo da doença acabam discrepantes no cenário internacional, dificultando muito a implementação de políticas públicas realmente eficazes e rápidas para o controle da situação pandêmica.

Apesar de muitos estudos e testes estarem sendo realizados em todo o mundo, inclusive no Brasil, infelizmente até o momento de entrega desta dissertação, não existe vacina para a doença COVID-19. Desta forma, a única maneira comprovada de prevenção do aumento de casos de infecções ainda são o distanciamento e o isolamento sociais, dos quais trataremos no próximo item.

3.1.3. Isolamento social e os modelos de educação no período pandêmico

Segundo o Ministério da Saúde - MS (2020), a COVID-19 possui um amplo espectro clínico, que varia entre infecções assintomáticas até quadros graves resultantes em morte. Os sintomas geralmente começam gradualmente, sendo os mais comumente registrados da doença estão febre, cansaço, tosse seca, dores, congestão nasal, dor de cabeça, conjuntivite, diarreia, perda de paladar ou olfato,

²⁷Ver artigo Ministério da Saúde muda formato de divulgação de dados de COVID-19. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-06/ministerio-da-saude-muda-formato-de-divulgacao-de-dados-de-covid-19>>. Acesso em: 17 out 2020.

²⁸ Ver artigo Ministério da Saúde retira dados que permitiam a territorialização da pandemia. Disponível em: <<http://www.labcidade.fau.usp.br/denuncia-ministerio-da-saude-retira-dados-que-permitiam-a-territorializacao-da-pandemia/>>. Acesso em: 17 out. 2020.

erupção cutânea na pele ou descoloração dos dedos das mãos ou dos pés (OMS, 2020).

De acordo com dados da OMS²⁹ (2020), cerca de 80% das pessoas que são infectadas podem ser assintomáticos ou oligossintomáticos, ou seja, apresentam apenas sintomas muito leves da doença. A organização também constatou que aproximadamente 20% dos casos requer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória, dos quais aproximadamente 5% podem necessitar de internação para suporte ventilatório.

Entre os grupos de risco estão as pessoas idosas e que tenham outros problemas de saúde que se confirmaram como agravantes da doença, tais como problemas cardíacos, pressão alta, problemas pulmonares ou doenças respiratórias, câncer, anemia falciforme, hipertensão, diabetes, doença renal crônica, obesidade e tabagismo (OMS, 2020; MS, 2020; FIOCRUZ, 2020; REZENDE *et al.*, 2020). Desta forma, entre 53 a 86 milhões de brasileiros estariam no entre os grupos de risco com um ou mais desses fatores agravantes da doença, ou seja, de 34% a 54% da população adulta (maior de 18 anos) do nosso país (REZENDE *et al.*, 2020).

Pesquisas mais recentes do período pandêmico que envolvem estudos do desenvolvimento da doença em crianças e adolescentes, publicadas em setembro de 2020, apontam que mesmo sendo menos frequentemente infectados pelo SARS-CoV-2 em comparação aos adultos³⁰, em sua grande maioria, quando infectados, são assintomáticos ou apresentam apenas sintomas leves. Porém, em dados recentes e inesperados, identificou-se o surgimento de uma síndrome inflamatória grave de início tardio, associada temporalmente ao SARS-CoV-2 (SAFADI e SILVA, 2020).

Portanto, segundo a OMS (2020), como qualquer pessoa pode pegar a COVID-19 e ficar gravemente doente e desenvolver quadros ainda não descritos ou completamente desconhecidos, a única medida cientificamente indicada até o momento para diminuir o número de infecções pelo novo coronavírus na ausência de uma vacina é o isolamento social de toda a população ou isolamento horizontal.

²⁹ ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE - OMS. Folha informativa COVID-19 - Escritório da OPAS e da OMS no Brasil. 14/10/2020. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19>>. Acesso em: 15 out 2020.

³⁰ SAFADI, Marco Aurelio Palazzi; SILVA, Clovis Artur Almeida da. O espectro desafiador e imprevisível da COVID-19 em crianças e adolescentes. Rev. paul. Pediatr. São Paulo, v. 39, e2020192, 2021. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-05822021000100101&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 17 out. 2020.

Inclusive, no dia 16 de março deste ano, a atual diretora da área de Doenças e Zoonoses Emergentes da OMS anunciou³¹ a morte de crianças pela doença e disse que não era possível afirmar que essa doença sempre se caracterizasse como “leve” em crianças.

Esse pronunciamento desmistificou totalmente a ideia de que apenas os grupos de risco poderiam ser gravemente afetados pela doença, pois, no início da doença, alguns³² cientistas e líderes mundiais, incluindo o atual³³ presidente do Brasil e o atual³⁴ presidente dos EUA, propuseram que apenas os idosos e pertencentes a alguns grupos de risco fossem isolados, ou seja, o isolamento vertical da população. Sugestão que se mostrou cientificamente ineficaz³⁵.

Com o aumento dos casos mundiais e o avanço da pandemia, os governos municipais e estaduais do Brasil, na contramão das indicações da atual presidência e em concordância com as indicações médico-científicas e os governos de quase todos os outros países do mundo, decretaram, de maneira geral e cada um à seu tempo, o afastamento de profissionais de atividades consideradas não essenciais e, com isso, a suspensão das aulas presenciais.

No Estado do Paraná, as aulas em escolas e universidades públicas estaduais foram oficialmente suspensas a partir de 20 de março de 2020 por tempo indeterminado, enquanto perdurar o estado de emergência nacional pelo COVID-19, através do Decreto Estadual nº 4.230, de 16 de março de 2020³⁶. O decreto também

³¹ Ver artigo OMS diz que só isolamento controlará COVID-19 e anuncia morte de crianças. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/16/oms-coronavirus.htm>>. Acesso em: 17 out. 2020.

³² Ver artigo O que é o isolamento vertical que Bolsonaro quer e por que especialistas temem que cause mais mortes? Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52043112>>. Acesso em: 17 out. 2020.

³³ Ver artigo Bolsonaro vai propor isolamento vertical para conter coronavírus. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2020/03/25/bolsonaro-nao-estou-preocupado-com-a-minha-popularidade>>. Acesso em: 17 out. 2020.

³⁴ Ver vídeo Coronavírus: A ideia de isolar idosos e 'doentes' que ganha apoio de Trump e Bolsonaro. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tswfOREFwLg>>. Acesso em: 17 out. 2020.

³⁵ DUCZMAL, Luiz Henrique, ALMEIDA, Alexandre Celestino Leite, DUCZMAL, Denise Bulgarelli, LINDGREN, Claudia, MAGALHÃES, Flávia Costa Oliveira, LIMA, Max Sousa de, SILVA, Ivair Ramos. Isolamento Social Vertical e ineficaz para conter a pandemia COVID-19 (coronavírus). Relatório Técnico. Minas Gerais: Grupo de Trabalho COVID-19 da Universidade Federal de Minas Gerais, 2020. Disponível em: <<https://ufmg.br/comunicacao/noticias/isolamento-vertical-e-quase-tao-ruim-quanto-nenhum-isolamento-aponta-relatorio>>. Acesso em: 18 out. 2020.

³⁶ PARANÁ. Decreto nº 4.230 de 16 de março de 2020. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do Coronavírus – COVID-19. Diário Oficial Executivo. Ano CVII, n. 10646, p. 1-4, 16 mar. 2020. Curitiba, 2020. Disponível em: <http://www.cedca.pr.gov.br/arquivos/File/2020/DecretoEstadual4230_COVID19.pdf>. Acesso em: 17 out. 2020.

orientou a iniciativa privada à adoção das medidas em regime de colaboração no enfrentamento da disseminação da doença, bem como sua reavaliação a qualquer tempo, de acordo com a evolução da pandemia.

A rede pública estadual de ensino, organizada pela Secretaria da Educação e do Esporte do Paraná, através da Resolução nº 1.016 de 03 de abril de 2020³⁷, estabeleceu, em regime especial em decorrência da pandemia causada pelo COVID-19, as atividades escolares na forma de aulas não presenciais. O regime foi retroativo à 20 de março, com a oferta das atividades não presenciais para anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, sendo ampliado no mês de maio para os anos iniciais do Ensino Fundamental (aqueles sob responsabilidade da secretaria estadual), Educação Especial e conveniadas EJA – Fase I, EJA – Fase II, EJA – Ensino Médio e Profissionalizante através da Resolução nº 1.522³⁸.

Para o governo, sob a Resolução Seed nº 1.016, são consideradas *atividades escolares não presenciais*: I - as ofertadas pela mantenedora e/ou pela instituição de ensino, sob responsabilidade do professor da turma ou do componente curricular, de maneira remota e sem a presença do professor e do estudante no mesmo espaço físico; II - metodologias desenvolvidas por meio de recursos tecnológicos, inclusive softwares e hardwares, adotadas pelo professor ou pela instituição de ensino e utilizadas pelos estudantes com material ou equipamento particular, cedido pela instituição de ensino, ou mesmo público; III - as incluídas no planejamento do professor e contempladas na proposta pedagógica curricular da instituição de ensino; IV - as submetidas ao controle de frequência e participação do estudante; e V - as que integram o processo de avaliação do estudante.

Essas atividades podem ser realizadas através de orientações impressas, estudos dirigidos, *quizzes*, plataformas virtuais, correio eletrônico, redes sociais, *chats*, fóruns, diário eletrônico, videoaulas, audiochamadas, videochamadas e outras assemelhadas. Em maio, através da Resolução nº 1.522, foram adicionados à essa

³⁷ PARANÁ. Resolução nº 1.016 de 03 de abril de 2020. Estabelece em regime especial as atividades escolares na forma de aulas não presenciais, em decorrência da pandemia causada pelo COVID-19. Secretaria da Educação e do Esporte. Curitiba, 2020. Disponível em: <http://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2020-05/resolucao_1016_060420.pdf>. Acesso em: 18 out. 2020.

³⁸ PARANÁ. Resolução nº 1.522 de 07 de maio de 2020. Estabelece em regime especial as atividades escolares na forma de aulas não presenciais em decorrência da pandemia causada pela COVID-19. Secretaria da Educação e do Esporte. Curitiba, 2020. Disponível em: <http://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2020-05/resolucao_gsseed_1522_2020.pdf>. Acesso em: 18 out. 2020.

lista os materiais impressos. Sugere-se que esses recursos sejam utilizados pelo(a) professor(a) da turma ou pelo componente curricular para a interação com o estudante.

Segundo as resoluções, para garantir maior abrangência das aulas não presenciais, foram disponibilizados, sem custo para o usuário, três principais meios de acesso:

- 1) Transmissão de Videoaulas: aulas gravadas por professores da própria Rede Estadual de Ensino, selecionados por meio de ato específico, e disponibilizadas aos estudantes e demais professores que não foram selecionados em três canais abertos com cobertura estadual. A transmissão é ininterrupta, visando contemplar cinco aulas diárias, de quarenta e cinco a cinquenta minutos, bem como replicar a rotina diária de aulas de cada turma no seu contexto escolar, de acordo com a carga horária curricular de cada disciplina. As videoaulas são transmitidas em TV aberta para todas as disciplinas constantes no currículo de cada ano/série, sendo também disponibilizadas através da plataforma de vídeos Youtube, no canal “Aula Paraná”³⁹.
- 2) Serviços *Google Classroom* e *Google Forms*: vinculados ao e-mail institucional do estado e disponíveis a todos os estudantes e professores da rede estadual de ensino. As resoluções o descrevem como “uma sala de aula virtual sincronizada com o aplicativo “Aula Paraná”, permitindo ao professor autonomia em organizar de forma didática os materiais complementares da respectiva disciplina por meio de fóruns, imagens, vídeos, links, quizzes etc”.
- 3) Aplicativo “Aula Paraná”: aplicativo disponível para *download* em Android e IOS, que deve ser acessado durante o horário de disponibilização das aulas, através do login com o Cadastro Geral de Matrícula (CGM) pelo aluno e do número do RG do professor. O aplicativo também serve para registrar a frequência dos professores, mediante seu *login*. Permite acesso às videoaulas gravadas, ao *Google Classroom* e possibilidade de interação em tempo real com um ou mais professores da

³⁹ Youtube. Canal “Aula Paraná”. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCfbFento2_mCEyUgeiwlmiQ>. Acesso em: 18 out. 2020.

turma na qual o aluno encontra-se regularmente matriculado, mediante sincronia automática via plataformas de gerenciamento de dados.

Inicialmente, ainda sem ter obrigatoriedade na paralisação com o decreto nº 4.230, a rede particular estadual de ensino também estava discutindo a suspensão das aulas presenciais. Nesta data, o Sindicato das Escolas Particulares do Paraná (Sinepe/PR), mesmo reconhecendo a autonomia de decisão dos estabelecimentos educacionais, acatou e divulgou a recomendação da Federação Nacional das Escolas Particulares⁴⁰ (FENEP) para substituição excepcional das aulas presenciais por virtuais também a partir do dia 20 de março, tendo como apoio o uso de ferramentas tecnológicas.

A entidade também orientou que esta opção de atendimento ao aluno fosse contabilizada como atividade letiva e que as escolas que ainda não utilizavam plataformas digitais de ensino a distância estudassem a sua implantação em caráter emergencial, diante de um possível avanço da doença no país. E, para as escolas que já disponibilizavam suas plataformas, a sugestão do órgão foi de reforço dos servidores e dos respectivos planejamentos pedagógicos.

Porém, através do Decreto Estadual nº 4.258 de 17 de março de 2020⁴¹, o governo do Estado, compreendendo que a eficácia das medidas de vigilância epidemiológica em âmbito estadual dependia da sua adoção pelo setor privado, alterou o art. 8º do decreto do dia anterior e ampliou o texto para abrangência também das escolas privadas na suspensão das aulas presenciais a partir de 20 de março de 2020. O novo decreto também previu que, a critério da autoridade superior dos Órgãos e Entidades, as escolas poderiam antecipar o recesso escolar de julho de 2020 neste período inicial de suspensão das aulas, a fim de amenizar os prejuízos ao calendário escolar.

A partir dessa decisão, o que observamos nos meios de comunicação e nos relatos dos professores participantes desta pesquisa é que cada escola, com suas

⁴⁰ Ver artigo Orientações da FENEP às escolas particulares sobre o Coronavírus. Disponível em: <<http://sinepepr.hospedagemdesites.ws/noticias/2020/03/16/orientacoes-da-fenep-as-escolas-particulares-sobre-o-coronavirus/>>. Acesso em: 18 out. 2020.

⁴¹ PARANÁ. Decreto nº 4.258 de 17 de março de 2020. Altera dispositivos do Decreto nº 4.230, de 16 de março de 2020, que dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do Coronavírus – COVID-19. Diário Oficial nº. 10647 de 17 de Março de 2020. Curitiba, 2020. Disponível em: <<https://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=232889&indice=1&totalRegistros=12&dt=21.2.2020.18.10.26.709>>. Acesso em: 17 out. 2020.

próprias normativas e ferramentas tecnológicas, adaptou e estabeleceu à seu tempo e à seu modo as prescrições para o ensino remoto emergencial⁴² e as atividades escolares não presenciais.

Na instituição educacional na qual trabalhavam as professoras da rede particular participantes de nossa pesquisa, o primeiro momento de adaptação do ensino remoto emergencial ocorreu entre 20 de março a 06 de abril. Neste período, as professoras relataram que mantiveram contato assíncrono com seus alunos, por meio de roteiros de estudos disponibilizados na plataforma digital *Teams*, do *Microsoft Office 365*, adotada pela instituição educacional na qual os professores participantes desta pesquisa trabalham.

No segundo momento, entre 06 de abril e 25 de maio, iniciaram com a filmagem e edição de videoaulas, com duração entre 10 a 20 minutos, que seriam disponibilizadas juntamente com os roteiros de aulas na mesma plataforma digital. No terceiro momento adaptativo, entre 25 de maio e 20 de julho, a instituição estabeleceu, inicialmente, uma atividade de estudos para cada aula semanal, como forma de validação da presença. Essa atividade era desenvolvida no aplicativo *Microsoft Forms*, sendo disponibilizada como uma pergunta (aberta ou de múltipla escolha) que os alunos deveriam responder para confirmar sua presença. Posteriormente, ainda durante esse terceiro momento, a escola determinou que os professores fizessem apenas um formulário com o número de questões condizente ao número de aulas semanais, facilitando a conferência das presenças pelos professores em um único formulário. Ainda no mesmo período, também determinaram uma aula semanal de cada componente curricular para retomada de conteúdos com cada turma no formato síncrono, a qual chamavam de *lives*. As *lives* de retomada tinham a duração de 50 minutos, uma hora aula como no ensino presencial, e eram realizadas pelo próprio *Teams*, sendo gravadas ao vivo e disponibilizadas posteriormente no mural da plataforma, juntamente com os roteiros de estudo, as atividades de estudo e as videoaulas gravadas.

⁴² Cabe a recomendação de Behar (2020) para que o ensino remoto emergencial (ERE) não seja confundido com a educação à distância (EaD), pois só é remoto porque os professores e alunos estão impedidos legalmente de frequentarem instituições educacionais para evitar a disseminação do vírus, e é emergencial devido ao “engavetamento” do planejamento pedagógico para o ano letivo de 2020, pois o currículo da maior parte das instituições educacionais não foi criado para ser aplicado remotamente.

E, a partir de 20 de julho, a escola determinou que 3/5 do seu conteúdo planejado fosse abordado através de videoaulas gravadas e 2/5 de toda carga horária fosse transformada em *lives*, ainda com duração de 50 minutos, que seguiam a proporcionalidade da carga de cada componente curricular e a grade horária do período presencial. Todas as *lives* realizadas eram gravadas ao vivo e disponibilizadas juntamente com os roteiros de estudo, as atividades de estudo e as videoaulas gravadas, também ainda com 10 a 20 minutos de duração, na plataforma digital utilizada pela escola.

Da mesma forma, a Prefeitura de Curitiba, através do Decreto nº 421 de 16 de março de 2020⁴³, suspendeu as atividades nas unidades educativas municipais gradativamente entre os dias 17 e 20 de março de 2020, a fim de que os responsáveis pelas crianças pudessem se adequar às medidas temporárias de prevenção. E no período entre 23 de março a 12 de abril de 2020, determinou-se a suspensão total das atividades desenvolvidas nas unidades educativas, inclusive de formação continuada e a semana de estudos pedagógicos da unidade.

O decreto também previa que esse período de suspensão fosse considerado como antecipação do recesso escolar de julho/dezembro de 2020, a fim de amenizar também as perdas do calendário estudantil, tentando assegurar o cumprimento dos 200 dias letivos e das 800 horas previstas. E, por fim, ainda estabeleceu a permanência da alimentação escolar, autorizando que as famílias interessadas retirassem *kits* alimentação na escola.

Mesmo com a obrigatoriedade de interrupção das atividades letivas presenciais pelos governos estadual e municipal, algumas escolas particulares, temendo seu futuro por perdas de alunos mensalistas (fato constantemente noticiado durante todo o período pandêmico até o momento), tentaram continuar suas atividades escolares. A partir disso, foram noticiadas fiscalizações e fechamentos de escolas sob denúncias⁴⁴ feitas pela população através da Central 156 da Prefeitura de Curitiba. As demais prefeituras dos municípios do Estado do Paraná também

⁴³ CURITIBA. Decreto nº 421 de 16 de março de 2020. Declara Situação de Emergência em Saúde Pública, em decorrência da infecção humana pelo novo Coronavírus (COVID 19). Diário Oficial Eletrônico de 16 de Março de 2020. Atos do município de Curitiba, nº 49, ano IX. Curitiba, 2020. Disponível em: <<https://mid.curitiba.pr.gov.br/2020/00295150.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2020.

⁴⁴ Ver artigo Duas escolas particulares que funcionavam normalmente durante a pandemia são fechadas pela Prefeitura. Disponível em: <<https://bandnewsfmcureitiba.com/duas-escolas-particulares-que-funcionavam-normalmente-durante-a-pandemia-sao-fechadas-pela-prefeitura/>>. Acesso em: 19 out. 2020.

foram estabelecendo decretos para suspensão de diversas atividades e, consequentemente, das atividades educacionais.

A Prefeitura de Matinhos, no litoral do Paraná, através do art. 10º do Decreto nº 266 de 16 de março de 2020⁴⁵, também suspendeu as aulas em escolas públicas e recomendava a suspensão das aulas nas redes privadas a partir do dia 18 de março, pelo prazo inicial de quinze dias. Então, a partir de 05 de maio de 2020, através do decreto⁴⁶ nº 336, a prefeitura instituiu também o regime especial para o desenvolvimento de atividades e estudos escolares não presenciais às Unidades de Ensino credenciadas e autorizadas de Educação Básica, ofertada no município de Matinhos-PR.

Na esfera nacional, a Medida Provisória nº 934 de de 1º de abril de 2020⁴⁷, estabeleceu as normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública. Com isso, o Ministério da Educação dispensou as escolas de educação básica da obrigatoriedade de observar o mínimo de 200 dias letivos de efetivo trabalho escolar, em caráter excepcional, porém cumprindo-se a carga horária mínima de oitocentas horas, nos termos das normas a serem editadas pelos respectivos sistemas de ensino.

⁴⁵ MATINHOS. Decreto nº 266 de 16 de março de 2020. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus - COVID19. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/pr/m/matinhos/decreto/2020/26/266/decreto-n-266-2020-dispoe-sobre-as-medidas-para-enfrentamento-da-emergencia-de-saude-publica-de-importancia-internacional-decorrente-do-coronavirus-covid19>>. Acesso em: 19 out. 2020.

⁴⁶ MATINHOS. Decreto nº 336 de 05 de maio de 2020. Institui normas para o desenvolvimento de atividades e estudos escolares não presenciais no âmbito do Sistema Municipal de Ensino de Matinhos - PR e decorrência da legislação específica sobre a pandemia causada pelo novo Coronavírus - COVID-19 e das outras providências. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/pr/m/matinhos/decreto/2020/33/336/decreto-n-336-2020-institui-normas-para-o-desenvolvimento-de-atividades-e-estudos-escolares-nao-presenciais-no-ambito-do-sistema-municipal-de-ensino-de-matinhos-pr-e-decorrencia-da-legislacao-especifica-sobre-a-pandemia-causada-pelo-novo-coronavirus-covid-19-e-das-outras-providencias>>. Acesso em: 19 out. 2020.

⁴⁷ BRASIL. Medida Provisória nº 934, de de 1º de abril de 2020. Estabelece normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública de que trata a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Publicação: DOU de 1 de 4 de 2020. Disponível em: <<https://www.congressonacional.leg.br/materias/medidas-provisorias/-/mpv/141349>>. Acesso em 29 nov. 2020.

No mesmo dia, o Ministério da Educação publica a Medida Provisória nº 936, de 1º de abril de 2020⁴⁸, que instituiu o Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda e dispõe sobre medidas trabalhistas complementares para enfrentamento do estado de calamidade pública. Com isso, o governo federal autorizou a suspensão temporária de contratos de trabalho e a redução proporcional de jornada de trabalho e de salários em 25, 50 ou até 70%⁴⁹.

A partir da adoção dessas medidas legais em decorrência da emergência sanitária da pandemia, houve a paralisação das atividades escolares e, com isso, houveram diversas transformações na educação através das prescrições governamentais. Desta forma, na próxima seção, apresentaremos uma linha do tempo com as principais confluências entre o espalhamento da pandemia e esses eventos e determinações educacionais.

3.1.4. Breve linha histórica da COVID-19 e suas confluências com a educação

Nesta seção, apresentaremos uma breve linha do tempo com as principais confluências entre os principais acontecimentos pandêmicos e suas implicações às prescrições educacionais governamentais para o Estado do Paraná.

Em geral, as informações a nível mundial foram coletadas a partir da *Timeline: WHO's COVID-19 response*⁵⁰ da *World Health Organization* - WHO (ou,

⁴⁸ BRASIL. Medida Provisória nº 936, de 1º de abril de 2020. Institui o Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda e dispõe sobre medidas trabalhistas complementares para enfrentamento do estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020, e da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (covid-19), de que trata a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/mpv/mpv936.htm>. Acesso em: 29 nov. 2020.

⁴⁹ A nova lei manteve as regras gerais da MP 936, mas estabeleceu novas regras e limites salariais para realização do acordo individual com trabalhadores com curso superior que recebem até três salários mínimos (R\$ 3.135) ou mais de dois tetos do INSS (acima de R\$ 12.202,12); e mediante acordo coletivos para os trabalhadores que recebiam salários entre esses dois valores (R\$ 3.135 e R\$ 12.202,12). Neste trabalho, durante a instrução realizada no dia 09 de julho de 2020, tivemos o relato da professora Alice que, a partir dessa lei, teve seu contrato de trabalho suspenso e seu salário reduzido em 50% (apêndice IV). Também constatamos que a lei foi transformada em ferramenta de pressão e ameaças de redução salarial dos professores, tanto na rede pública quanto na rede particular, conforme podem ser observados no relato inicial do professor Luciano (anexo I) e nas instruções das professoras Kátia e Celina, bom como nas discussões subsequentes às instruções (apêndices II e III, respectivamente).

⁵⁰ *Timeline: WHO's COVID-19 response* da *World Health Organization* - WHO (ou, em Português, a Organização das Nações Unidas - ONU). Disponível em: <<https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/interactive-timeline#event-0>>. Acesso em: 10 jan 2021.

em Português, a Organização das Nações Unidas - ONU). No nível federal, dos Gráficos Interativos⁵¹ disponíveis no site do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações - MCTIC, e no nível estadual, do portal Transparência - Enfrentamento ao Coronavírus - Legislação⁵², do Governo do Estado do Paraná. As demais fontes consultadas foram indicadas nas referências, no final da linha do tempo.

⁵¹ Gráficos Interativos disponíveis no site do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações - MCTIC. Disponível em: <<http://covid19.mctic.gov.br/graf/>>. Acesso em: 10 de jan 2021.

⁵² Transparência - Enfrentamento ao Coronavírus - Legislação, do Governo do Estado do Paraná. Disponível em: <<http://www.coronavirus.pr.gov.br/Campanha/Pagina/TRANSPARENCIA-Enfrentamento-ao-Coronavirus-Legislacao>>. Acesso em: 10 jan 2021.

COVID-19 x Educação no Paraná/Brasil

Linha do tempo*

Autora: Maria Fernanda Lopes de Freitas



**Essa linha do tempo é parte integrante da dissertação de mestrado de Maria Fernanda Lopes de Freitas intitulada "A TRANSFORMAÇÃO DO TRABALHO DO PROFESSOR: COANÁLISE DAS ATIVIDADES DOCENTES DURANTE A PANDEMIA COVID-19 ATRAVÉS DA CLÍNICA DA ATIVIDADE", defendida no Programa de Mestrado em Ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Portanto, o uso deste material é livre e gratuito, porém devendo ser obrigatoriamente referenciado.*

MOMENTO PANDEMICO

11/02

OMS anunciou que a doença causada pelo novo coronavírus se chamaria COVID-19.

14/02

O Egito confirma o primeiro no continente africano.

26/02

Confirmado o primeiro caso importado de coronavírus no Brasil.

27/02

A OMS publicou orientações sobre o uso de equipamentos de proteção individual.

29/02

A OMS publicou considerações para a quarentena de indivíduos para contenção da COVID-19.

FEV

MOMENTO EDUCACIONAL

16/02

No primeiro dia de registro do monitoramento mundial do fechamento de escolas feito pela UNESCO, a China mantém parte das escolas abertas e a Mongólia é o primeiro país a fechar todas as escolas devido a COVID-19.



MAR

10/03

A OMS, o UNICEF e a Federação Internacional das Sociedades da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho (IFRC) emitiram orientações descrevendo considerações críticas e listas de verificação práticas para manter as escolas seguras, com dicas para pais e responsáveis, bem como para crianças e alunos.

11/03

A OMS caracteriza COVID-19 como uma pandemia.

12/03

Confirmada a primeira morte por COVID - 19 no Brasil. (Confirmada por exames e divulgada apenas em 26/06/2020 pelo Ministério da Saúde)

13/03

A Europa foi declarada o epicentro da pandemia.

19/03

Através do Decreto nº 4.298, o Estado do Paraná declarou situação de emergência em todo o território paranaense para fins de prevenção e enfrentamento à COVID-19.

23/03

O Governo do Paraná declarou o estado de calamidade pública como medida para enfrentamento da emergência sanitária decorrente da COVID-19 através do Decreto nº 4.319.

29/03

A ONU estimou que cerca de 3,3 bilhões ou 4 de cada 10 pessoas estariam confinadas e 7,79 bilhões ou 43% da população global foi "obrigada ou aconselhada" a ficar em casa pelas autoridades de 78 países num esforço global para conter a propagação do novo coronavírus.

11/03

No dia da caracterização da pandemia, 21,7% dos alunos matriculados no mundo já estavam sem aulas devido ao fechamento de escolas.



12/03

As escolas começam a fechar também no Brasil.



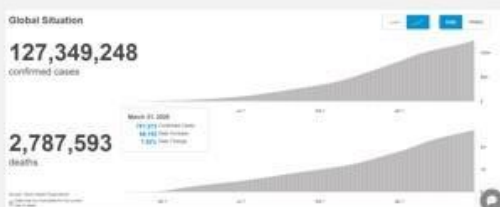
16/03

O Governo do Estado do Paraná publica o Decreto nº 4230, no qual suspende as aulas presenciais para a rede pública de ensino a partir do dia 20. O decreto também orientou a iniciativa privada à adoção das medidas em regime de colaboração no enfrentamento da disseminação da doença, bem como sua reavaliação a qualquer tempo, de acordo com a evolução da pandemia.

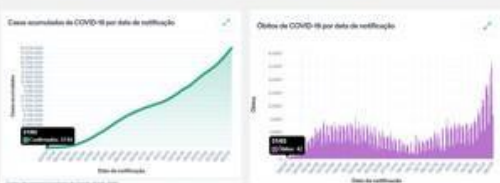
MOMENTO PANDEMICO

31/03

Ao todo, o mundo registrou 791.973 casos e 39.308 mortes causadas pela COVID-19.



E o Brasil registrou 5.744 casos e 42 mortes.



MAR

MOMENTO EDUCACIONAL

17/03

O Governo do Estado do Paraná publica um novo Decreto, nº 4.258, que amplia a suspensão das aulas também para a rede particular de ensino. O novo decreto também previu que as escolas poderiam antecipar o recesso escolar de julho de 2020 neste período inicial de suspensão das aulas, a fim de amenizar os prejuízos ao calendário escolar.

20/03

No dia da suspensão no Estado do Paraná, 52,4% das escolas do mundo já estavam fechadas.



ABR

02/04

A OMS relatou evidências de transmissão de COVID-19 de pessoas sintomáticas, pré-sintomáticas e assintomáticas, sendo possível a transmissão por pré-sintomáticos antes do início dos sintomas. O número de infecções confirmadas ultrapassou 1 milhão em todo o mundo e 50 mil mortes.

11/04

A OMS publicou um esboço do panorama das vacinas candidatas COVID-19, com base em uma avaliação sistemática de candidatas de todo o mundo (https://www.who.int/blueprint/priority-diseases/key-action/Novel_Coronavirus_Landscape_nCoV_11April2020.PDF).

Foram contabilizadas 67 vacinas candidatas em avaliação pré-clínica e 3 vacinas em avaliação clínica.

15/04

Os casos de infecções confirmadas ultrapassou 2 milhões em todo o mundo, atingindo 185 países e territórios e matando mais de 134 mil pessoas.

16/04

Em meio à pandemia, o atual presidente demite o Ministro da Saúde, após diversos embates entre eles sobre a adoção dos protocolos científico-sanitários.

24/04

A OMS e o G20 lançam a COVAX, um acelerador de acesso às ferramentas contra a COVID-19 a fim de garantir o desenvolvimento, a fabricação e a alocação global justa e equitativa da futura vacina (https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52648/OPASWBR_ACOVID-1920105_por.pdf?sequence=3&isAllowed=y).

01/04

Na esfera nacional, a Medida Provisória nº 934, estabeleceu as normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública. Com isso, o Ministério da Educação dispensou as escolas de educação básica da obrigatoriedade de observar o mínimo de 200 dias letivos de efetivo trabalho escolar, em caráter excepcional, porém cumprindo-se a carga horária mínima de oitocentas horas, nos termos das normas a serem editadas pelos respectivos sistemas de ensino.

03/04

A Secretaria da Educação e do Esporte do Paraná (SEED), através da Resolução nº 1.016, estabeleceu as atividades escolares na forma de aulas não presenciais para os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, como regime especial retroativo à 20 de março em decorrência da pandemia da COVID-19. Essas atividades podem ser realizadas através de orientações impressas, estudos dirigidos, quizzes, plataformas virtuais, correio eletrônico, redes sociais, chats, fóruns, diário eletrônico, videoaulas, audiochamadas, videochamadas e outras semelhantes.

06/04

A SEED anunciou a transmissão de aulas à distância a partir dessa semana através de canais de televisão da rede aberta e pela internet e futuramente também por um aplicativo.

MOMENTO PANDÊMICO

28/04

Os EUA se tornaram o epicentro da pandemia, com mais de um milhão de casos confirmados, superando a somatória dos casos confirmados na Espanha, Itália, França, Alemanha e Reino Unido, representando cerca de um terço do total mundial de infecções.



15/05

A OMS divulgou um Resumo Científico sobre a Síndrome Inflamatória Multissistêmica Pediátrica (SIM-P) em crianças e adolescentes temporariamente relacionados ao COVID-19.

A apenas 29 dias no cargo, o ministro da Saúde pediu demissão do cargo, sem dar detalhes sobre os motivos que o levaram a deixar o comando da pasta.

19/05

O Brasil ultrapassou a simbólica marca de mais de 1.000 mortes diárias por COVID-19, registrando 1.179 novos óbitos em 24 horas e o total acumulado de 17.971 óbitos e 271.628 casos confirmados.

20/05

Após alertas em diferentes países, o Ministério da Saúde publicou uma Nota de Alerta para detecção de casos da nova apresentação clínica da SIM-P no Brasil, possivelmente associada com a infecção pelo SARS-CoV-2.

22/05

A OMS declarou a América do Sul como o novo epicentro da pandemia, sendo o Brasil e o Peru os países mais atingidos pelo novo coronavírus.

23/05

A China anunciou que, pela primeira vez desde o início do surto de coronavírus, não registrou nenhum novo caso de COVID-19 em seu território. Também não houve novas mortes ligadas à doença.

27/05

Os EUA superaram a simbólica marca de 100 mil mortes por COVID-19 e se aproximaram de 1,7 milhão de casos em seu território.

ABR

MOMENTO EDUCACIONAL

06/04

Até 06/04, desenvolveu-se o primeiro momento de adaptação do ensino remoto na instituição educacional particular na qual algumas professoras participantes de nossa pesquisa trabalhavam. Neste período, as professoras relataram que mantinham contato assíncrono com os alunos por meio do *chat* e do roteiro de estudo disponibilizado semanalmente na plataforma digital adotada pela instituição educacional. No segundo momento, a partir de 06 de abril (e até 25 de maio), iniciaram com a filmagem e edição de videoaulas (com duração entre 10 a 20 minutos) e elaboração de atividades de estudos para validação de presença em número igual à quantidade de aulas semanais da disciplina, que seriam disponibilizadas semanalmente com um roteiro de estudos na plataforma digital utilizada pela escola.

MAI

07/05

A SEED, através da Resolução nº 1.522, ampliou a abrangência das atividades escolares na forma de aulas não presenciais como regime especial em decorrência da pandemia causada pelo COVID-19 também para os anos iniciais do Ensino Fundamental (aqueles sob responsabilidade da secretaria estadual), Educação Especial e conveniadas, EJA, Ensino Médio e Profissionalizante.

25/05

Com o fim do segundo momento de adaptação ao ensino remoto, a instituição educacional particular na qual trabalhavam as professoras participantes de nossa pesquisa iniciou um terceiro momento (compreendido entre 25 de maio a 20 de julho).

Durante o período, foi estabelecido que as professoras desenvolvessem, semanalmente: uma atividade de estudos de validação da presença para cada aula e que posteriormente foi substituída por uma única atividade com número correspondente à quantidade de aulas semanais; um roteiro de estudo; videoaulas gravadas em quantidade igual ao número de aulas semanais do componente curricular descontando uma aula; uma aula síncrona semanal de 50 minutos com cada turma para retomada de conteúdos (chamada de *live*), que deveria ser gravada e disponibilizada posteriormente no mural da plataforma adotada pela escola, assim como todos os materiais produzidos.

MOMENTO DA PESQUISA

30/05 – CONVITE DE PARTICIPAÇÃO

Início do período de aplicação da metodologia do nosso trabalho, com o envio do convite para participação e estabelecimento do grupo de pesquisa e número total de professores participantes.

MOMENTO PANDÊMICO

05/06

A OMS publicou orientações atualizadas sobre o uso de máscaras para o controle de COVID-19. O modelo indicado para o uso em ambientes e situações públicas, como em escolas, são as máscaras higiênicas (ou máscaras de tecido), sendo reservado ao controle de disseminação do vírus por pessoas infectadas e não como medida preventiva, devendo ser sempre complementado com frequente higiene das mãos e distanciamento físico

(<https://apps.who.int/iris/handle/10665/332637>).

12/06

Brasil passa Reino Unido e é o segundo país com mais mortes por COVID-19, com 41.828 óbitos, sendo também o segundo lugar mundial no número de infectados diagnosticados, cerca de 828 mil casos.

18/06

Autoridades de Pequim, China, isolaram onze bairros após o registro de 7 novas infecções por coronavírus relacionadas a um mercado de carne.

26/06

A rede global de laboratórios SARS-CoV-2 da OMS organizou a primeira reunião do Grupo de Trabalho de Evolução do Vírus, que é composto por especialistas em sequenciamento, bioinformática e estudos de laboratório, sendo responsável pelo monitoramento de mutações desde o início da pandemia.

28/06

O mundo registrou oficialmente mais de meio milhão de mortes por COVID-19 e dez milhões de casos de infecção desde que a epidemia foi declarada na China em dezembro.

30/06

Ao todo, o mundo registrou 10.182.990 casos e 502.118 mortes causadas pela COVID-19.



E o Brasil registrou 1.402.041 casos e 59.594 mortes.



JUN

MOMENTO EDUCACIONAL

01/06

O MEC, através do Parecer CNE/CP nº 5/2020, propôs a adoção de atividades pedagógicas não presenciais, mediadas ou não por TICs, para cumprimento da carga horária escolar mínima anual enquanto persistirem restrições sanitárias para a presença dos estudantes nos ambientes escolares.

17/06

A SEED anunciou a criação do Comitê de Planejamento de Retorno às Aulas pós-Pandemia com a intenção de discutir um plano de retorno das aulas presenciais em todo Paraná.

18/06

Após 14 meses de polêmicas, o ministro da Educação anunciou sua saída do governo. Durante a pandemia, o MEC não criou nenhuma linha de financiamento para mitigar a crise, não definiu protocolos de retorno às aulas e se manteve praticamente ausente na manutenção de aulas remotas.

MOMENTO DA PESQUISA

06/06 – RELATO ESCRITO

Envio da solicitação do relato escrito como objetivo de conhecer a organização do trabalho docente antes e depois do fechamento das escolas devido à pandemia COVID-19.

11/06 – 1º ENCONTRO

Realização do 1º encontro para apresentar os objetivos gerais da pesquisa, os pesquisadores, os participantes e agendar a primeira entrevista de Instrução ao Sósia - IS.

12/06 – QUESTIONÁRIO DE COLETA DE DADOS

Envio do questionário para coletar as informações básicas para caracterização dos professores participantes para descrição do contexto da pesquisa.

18/06 – 1ª E 2ª INSTRUÇÕES AO SÓSIA - IS

Realização da 1ª e da 2ª IS. O objetivo das entrevistas foi produzir o material audiovisual com as instruções para análise e posterior envio para os professores instrutores prepararem seu retorno de instrução.

24/06 – 3ª INSTRUÇÃO AO SÓSIA - IS

Realização da 3ª IS. Mais uma vez, o objetivo da entrevista foi produzir o material audiovisual com a instrução para análise e posterior envio para os professores instrutores prepararem seu retorno de instrução.

MOMENTO PANDÊMICO

JUL

MOMENTO EDUCACIONAL

09/07

A OMS publicou um resumo científico atualizado sobre a transmissão do COVID-19, fornecendo informações sobre como, quando e em quais ambientes o vírus se espalha entre as pessoas. O resumo descreveu os possíveis modos de transmissão, incluindo contato, gota, via aérea (por disseminação de gotículas – aerossóis), fômites, fecal-oral, transmitida pelo sangue, transmissão de mãe para filho e de animal para humano.

(<https://www.who.int/news-room/commentaries/detail/transmission-of-sars-cov-2-implications-for-infection-prevention-precautions>).

15/07

O COVAX Facility, um mecanismo projetado para garantir acesso rápido, justo e equitativo às vacinas COVID-19 em todo o mundo, garantiu o envolvimento de mais de 150 países, representando mais de 60% da população mundial. O Brasil não aderiu ao instrumento.

16/07

Menos de cinco meses depois de registrar oficialmente o primeiro caso de COVID-19 e menos de um mês depois de o país ter atingido o número de 1 milhão de infectados, o Brasil ultrapassou a marca de 2 milhões de casos confirmados de coronavírus.

17/07

A Secretaria de Estado da Saúde do Paraná divulgou 1.900 novas confirmações e 46 mortes pela infecção causada pelo novo coronavírus. O Estado já soma 50.761 casos e 1.273 mortos em decorrência da doença.

20/07

Segundo os resultados preliminares divulgados, a vacina contra a COVID-19 desenvolvida pela Universidade de Oxford, no Reino Unido, e pela empresa farmacêutica AstraZeneca se mostrou segura e estaria induzindo boa resposta imunológica.

Da mesma forma, pesquisadores chineses anunciaram que a fase 2 da vacina Ad5-nCoV, desenvolvida pela empresa CanSino Biologics, também mostrou resultados semelhantes: segurança e indução de resposta imune.

21/07

O governo do Estado de São Paulo anunciou oficialmente o início dos testes com a vacina contra o coronavírus, chamada Coronavac. Ao todo, nove mil voluntários vão receber a vacina em 11 centros de pesquisa. O governo estima que o estudo deverá ser concluído até setembro e, se os testes forem bem-sucedidos, a vacina pode começar a ser produzida no início de 2021.

08/07

Enquanto a SEED afirmava que o ensino remoto estabelecido para a rede pública era um sucesso por atingir 99% dos estudantes, os professores questionavam a qualidade da aprendizagem. Assim, o Ministério Público do Paraná (MPPR) afirmou ter aberto procedimentos administrativos em Curitiba e no interior do estado com o intuito de acompanhar o cumprimento das horas obrigatórias do ano letivo.

Em nossa pesquisa, os principais questionamentos levantados pelos professores durante as discussões foram a porcentagem distorcida de alunos com acesso às aulas e/ou materiais disponibilizados e as inadequações dos conteúdos aos níveis das turmas (sobretudo da EJA), à realidade local e ao planejamento iniciado no ano letivo.

20/07

Terminava o terceiro e se iniciava o quarto e último momento de adaptação ao ensino remoto da rede particular de ensino acompanhado pela nossa pesquisa. Durante o período, foi estabelecido que as professoras desenvolvessem semanalmente a abordagem de 3/5 de sua carga horária e do seu conteúdo planejado através de videoaulas (assíncronas, com duração entre 10 e 20 minutos) e 2/5 em *lives* (síncronas, com duração de 50 minutos) que seguissem a grade horária do período presencial. Ambas abordavam conteúdos inéditos e, em vésperas de avaliações, eram de revisão, e deveriam ser disponibilizadas na plataforma adotada pela escola juntamente com o roteiro e a atividade de estudos.

MOMENTO DA PESQUISA

09/07 – 4ª INSTRUÇÃO AO SÓCIA - IS

Realização da 4ª IS. O objetivo da entrevista foi produzir o material audiovisual com a instrução para análise e posterior envio para os professores instrutores prepararem seu retorno de instrução.

16/07 – 5ª IS E RETORNO DA 4ª IS

Realização da 5ª IS e do retorno da 4ª IS. Também com o objetivo da entrevista foi produzir o material audiovisual com a instrução para análise e posterior envio para os professores instrutores prepararem seu retorno de instrução.

29/07 – 6ª IS E RETORNOS DA 2ª E 5ª IS

Realização da 6ª IS e dos retornos da 2ª e 5ª IS. Mais uma vez, o objetivo da entrevista foi produzir o material audiovisual com a instrução para análise e posterior envio para os professores instrutores prepararem seu retorno de instrução.

MOMENTO PANDÊMICO

08/08

Menos de seis meses após a identificação do primeiro caso de covid-19 no Brasil, o país cruzou a marca de 100 mil mortes pela doença. O número de casos chegou a 3 milhões. Mesmo num ritmo de mil mortes por dia, o governo do país segue defendendo a flexibilização do isolamento e minimizando os impactos do vírus.

21/08

A OMS, em colaboração com o UNICEF, publicou orientações sobre o uso de máscaras para crianças na comunidade no contexto do COVID-19. O documento apresentou dados de estudos de transmissão que sugerem que crianças mais velhas (por exemplo, adolescentes) podem desempenhar um papel mais ativo na transmissão do que os mais jovens. Também apontou a necessidade de dados de estudos prospectivos sobre o papel de crianças e adolescentes em transmissão de SARS-CoV-2 em diferentes cenários, priorizando-se os ambientes educacionais, sobretudo em escolas de baixa e média renda

(https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/333919/WHO-2019-nCoV-IPC_Masks-Children-2020_1-enq.pdf?sequence=1&isAllowed=y).

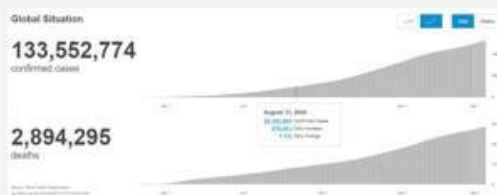
30/08

Os resultados de 5 estudos realizados entre março e junho/2020 por 5 grandes instituições no Brasil evidenciam o reflexo das desigualdades que marcam a sociedade brasileira no contexto educacional. Professores, estudantes e seus familiares percebem dificuldades para avançar no aprendizado e disseram-se sobrecarregados, ansiosos e estressados

(<http://movinavacaonaeducacao.org.br/wp-content/uploads/2020/12/Pesquisa-Retratos-da-educacao-no-contexto-da-pandemia-de-coronavirus.pdf>).

31/08

Ao todo, o mundo registrou 23.395.665 casos e 846.359 mortes causadas pela COVID-19.



O Brasil registrou 3.908.272 casos e 121.381 mortes.



AGO

MOMENTO EDUCACIONAL

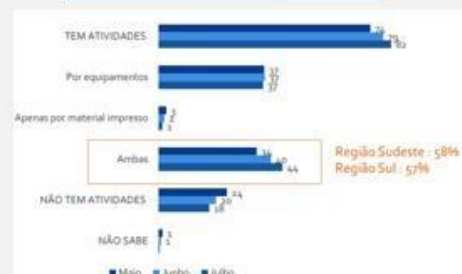
01/08

A SEED apresentou o protocolo básico de retorno de aulas presenciais na rede estadual de ensino, previsto para setembro. Entre as medidas apresentadas, vazou na internet um modelo de termo de responsabilidade que deveria ser assinado pelos pais para confirmar a ciência do agravamento e dos riscos que envolvem o retorno às aulas presenciais, isentando o Governo do

Paraná e as instituições de ensino de possíveis responsabilizações por eventual contaminação ou desenvolvimento de COVID-19. Horas depois, a secretaria divulgou outro modelo que não constava mais a cláusula sobre a responsabilidade de contágio (http://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2020-08/protocolo_retorno_as_aulas.pdf).

18/08

A terceira pesquisa de uma série histórica encomendada ao Datafolha buscou traçar um panorama da educação pública na pandemia sob o ponto de vista dos pais e responsáveis e dos seus estudantes. Ao todo, foram entrevistados 1.056 pais ou responsáveis por 1.556 estudantes de escolas públicas via telefone, de 7 a 15 de julho de 2020. Como principais resultados, mostrou que 82% dos estudantes da rede pública municipal e estadual tiveram algum tipo de atividade para fazer em casa durante o período de fechamento das escolas, mas apenas 37% tinham acesso a atividades por TV, rádio, celular ou computador



28/08

A Secretaria da Saúde do Estado do Paraná não validou o retorno das aulas presenciais no Paraná. A medida também está amparada no decreto nº 4.230/2020, assinado em março pelo governador e que previu a suspensão das aulas na rede pública e privada durante a pandemia.

MOMENTO DA PESQUISA

05/08 – RETORNO DA 6ª IS E ENCERRAMENTO

Realizar o retorno, produzir o material audiovisual com as instruções/retornos para análise. Agradecimento e encerramento das reuniões.

REFERÊNCIAS:

- AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DO PARANÁ. Governo e prefeitos discutem protocolo de retorno às aulas. Disponível em: <<http://www.aen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=108419>>. Acesso em: 01 abr. 2021.
- AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DO PARANÁ. Paraná ultrapassa 50 mil casos de Covid-19. Disponível em: <<http://www.aen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=107950&tit=Parana-ultrapassa-50-mil-casos-de-Covid-19>>. Acesso em: 01 abr. 2021.
- BBC News Brasil. Brasil: o novo epicentro da pandemia de coronavírus? Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52732620>>. Acesso em: 30 mar 2021.
- BEM PARANÁ. Covid-19: Governo do PR quer que pais assinem termo de responsabilidade para retorno às aulas. Disponível em: <<https://www.bemparana.com.br/noticia/covid-19-governo-do-pr-quer-que-pais-assinem-termo-de-responsabilidade-para-retorno-as-aulas#.YG7x0ehKjU>>. Acesso em: 01 abr. 2021.
- BRASIL. Medida Provisória nº 934, de 9 de abril de 2020. Estabelece normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública de que trata a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Publicação: DOU de 1 de 4 de 2020. Disponível em: <<https://www.congressional.leg.br/materias/medidas-provisorias/-/mpv/141349>>. Acesso em: 29 nov. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP Nº 5/2020. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1 jun. 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14511-ppc005-20&category_slud=marco-2020-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 01 abr. 2021.
- COVID-19 Situation Dashboard. European Centre for Disease Prevention and Control (ECDC). Disponível em: <<https://qap.ecdc.europa.eu/public/extensions/COVID-19/COVID-19-mobile.html#global-overview-tab>>. Acesso em: 17 out. 2020.
- DW - DEUTSCHE WELLE. O mês de abril em imagens. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/o-m%C3%AAs-de-abril-em-imagens/g-52987597>>. Acesso em: 30 mar 2021.
- DW - DEUTSCHE WELLE. O mês de maio em imagens. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/o-m%C3%AAs-de-maio-em-imagens/g-53307533>>. Acesso em: 30 mar 2021.
- DW - DEUTSCHE WELLE. O mês de março em imagens. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/o-m%C3%AAs-de-mar%C3%A7o-em-imagens/g-52601509>>. Acesso em: 30 mar 2021.
- DW - DEUTSCHE WELLE. O mês de agosto em imagens. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/o-m%C3%AAs-de-agosto-em-imagens/g-54458666>>. Acesso em: 30 mar 2021.
- DW - DEUTSCHE WELLE. Vacina de Oxford é segura e induz produção de anticorpos, indica estudo. Disponível em: <[https://www.dw.com/pt-br/vacina-de-oxford-%C3%A9-segura-e-induz-produ%C3%A7%C3%A3o-de-anticorpos-indica-estudo/a-54245646#:~:text=A%20vacina%20contra%20a%20covid,feira%20\(20%2F07\).>](https://www.dw.com/pt-br/vacina-de-oxford-%C3%A9-segura-e-induz-produ%C3%A7%C3%A3o-de-anticorpos-indica-estudo/a-54245646#:~:text=A%20vacina%20contra%20a%20covid,feira%20(20%2F07).>)>. Acesso em: 01 abr. 2021.
- FIOCRUZ - Fundação Oswaldo Cruz. Atenção com a Síndrome Inflamatória Multissistêmica Pediátrica. Disponível em: <<https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1987-atencao-com-a-sindrome-inflamatoria-multissistêmica-pediátrica>>. Acesso em: 31 mar 2021.
- FOLHA DE SÃO PAULO. Reação a efeitos da pandemia na educação é principal desafio de próximo ministro. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/06/reacao-a-efeitos-da-pandemia-na-educacao-e-principal-desafio-de-proximo-ministro.shtml>>. Acesso em: 31 mar 2021.
- GLOBO PLAY. Secretário de Educação do Paraná se reúne com Bolsonaro em Brasília. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8647249/>>. Acesso em: 30 mar. 2021.
- GOVERNO DO BRASIL. Brasil confirma primeiro caso do novo coronavírus. 26/02/2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/02/brasil-confirma-primeiro-caso-do-novo-coronavirus>>. Acesso em: 09 out 2020.
- ISTO É. Mundo supera meio milhão de mortes e 10 milhões de casos de COVID-19. Disponível em: <<https://www.istoedinheiro.com.br/mundo-supera-meio-milhao-de-mortes-e-10-milhoes-de-casos-de-covid-19/>>. Acesso em: 30 mar. 2021.
- ISTOÉ. Testes da vacina chinesa contra covid-19 começam em São Paulo. Disponível em: <<https://www.istoedinheiro.com.br/testes-da-vacina-chinesa-contra-covid-19-comecam-em-sao-paulo/>>. Acesso em: 01 abr. 2021.
- JOHNS HOPKINS UNIVERSITY & MEDICINE. Coronavirus resource center. Disponível em: <<https://coronavirus.jhu.edu/map.html>>. Acesso em: 30 mar 2021.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Painel Coronavírus. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 30 mar 2021.
- MINISTÉRIO PÚBLICO DO PARANÁ. COVID-19 - Ensino remoto no Paraná. Disponível em: <<https://crianca.mppr.mp.br/2020/07/320/COVID-19-Ensino-remoto-no-Parana.html>>. Acesso em: 01 abr. 2021.
- PARANÁ. Decreto nº 4.230 de 16 de março de 2020. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do Coronavírus - COVID-19. Diário Oficial Executivo. Ano CVII, n. 10646, p. 1-4, 16 mar. 2020. Curitiba, 2020. Disponível em: <http://www.cedca.pr.gov.br/arquivos/File/2020/DecretoEstadual4230_COVID19.pdf>. Acesso em: 17 out. 2020.
- PARANÁ. Decreto nº 4.258 de 17 de março de 2020. Altera dispositivos do Decreto nº 4.230, de 16 de março de 2020, que dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do Coronavírus - COVID-19. Diário Oficial nº. 10647 de 17 de Março de 2020. Curitiba, 2020. Disponível em: <<https://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=232889&indice=1&totalRegistros=12&dt=21.2.2020.18.10.26.709>>. Acesso em: 17 out. 2020.
- PARANÁ. Decreto nº 4.298 de 19 de Março de 2020. Declara situação de emergência em todo o território paranaense, nos termos do COBRADE nº 1.5.1.1.0 - doenças infecciosas virais, para fins de prevenção e enfrentamento à COVID-19. Diário Oficial nº. 10649 de 19 de Março de 2020. Curitiba, 2020. Disponível em: <<https://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=233015&indice=1&totalRegistros=12&dt=21.2.2020.18.8.59.97>>. Acesso em: 18 out. 2020.
- PARANÁ. Decreto nº 4.319 de 23 de Março de 2020. Declara o estado de calamidade pública, como medida para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do Coronavírus - COVID-19. Diário Oficial nº. 10653 de 23 de Março de 2020. Curitiba, 2020. Disponível em: <<https://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=233068&indice=1&totalRegistros=23&dt=23.2.2020.21.35.42.638>>. Acesso em: 18 out. 2020.
- PARANÁ. Resolução nº 1.016 de 03 de abril de 2020. Estabelece em regime especial as atividades escolares na forma de aulas não presenciais, em decorrência da pandemia causada pelo COVID-19. Secretaria da Educação e do Esporte. Curitiba, 2020. Disponível em: <http://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2020-05/resolucao_1016_060420.pdf>. Acesso em: 18 out. 2020.
- PARANÁ. Resolução nº 1.522 de 07 de maio de 2020. Estabelece em regime especial as atividades escolares na forma de aulas não presenciais em decorrência da pandemia causada pelo COVID-19. Secretaria da Educação e do Esporte. Curitiba, 2020. Disponível em: <http://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2020-05/resolucao_gsseed_1522_2020.pdf>. Acesso em: 18 out. 2020.
- SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTE DO PARANÁ. Rede estadual do Paraná começa a transmitir aulas pela TV aberta nesta segunda-feira (6). Disponível em: <<http://www.educacao.pr.gov.br/Noticia/Rede-estadual-do-Parana-comeca-transmitir-aulas-pela-TV-aberta-nesta-segunda-feira-6>>. Acesso em: 10 out. 2020.
- SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTE DO PARANÁ. Secretaria de Educação anuncia criação do Comitê de Retorno às Aulas no Paraná. Disponível em: <<http://www.educacao.pr.gov.br/Noticia/Secretaria-de-Educacao-anuncia-criacao-do-Comite-de-Retorno-Aulas-no-Parana>>. Acesso em: 30 mar. 2020.
- SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTE DO PARANÁ. Seed emite protocolo para retorno das aulas presenciais aos membros do comitê "Volta às Aulas". Disponível em: <<http://www.educacao.pr.gov.br/Noticia/Seed-emite-protocolo-para-retorno-das-aulas-presenciais-aos-membros-do-comite-Volta-Aulas>>. Acesso em: 30 mar. 2020.
- SECRETARIA DA SAÚDE. Retorno presencial das aulas no Paraná vai acontecer somente com a queda efetiva nos números da Covid-19. Disponível em: <<https://www.saude.pr.gov.br/Noticia/Retorno-presencial-das-aulas-no-Parana-vai-acontecer-somente-com-queda-efetiva-nos-numeros>>. Acesso em: 01 abr 2021.
- UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Monitoramento mundial do fechamento de escolas devido à COVID-19. Disponível em: <<https://pt.unesco.org/covid19/educationresponse>>. Acesso em: 10 out 2020.
- UOL. Coronavírus chega à Oceania. 25/01/2020. Disponível em: <<https://bandnewsfm.band.uol.com.br/2020/01/25/coronavirus-chega-a-oceania/>>. Acesso em: 09 out 2020.
- WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION. Timeline: WHO's COVID-19 response. Disponível em: <<https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/interactive-timeline#event-0>>. Acesso em: 10 out 2020.
- WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION. WHO Coronavirus (COVID-19) Dashboard. Disponível em: <<https://covid19.who.int/>>. Acesso em: 30 mar 2021.

Essa “nova realidade” modificou profundamente a organização e a realização do trabalho dos professores de todos os níveis de educação, em todo o mundo. Consequentemente, mudamos também nossas relações sociais em todas as dimensões do nosso trabalho e nossos instrumentos do trabalho de ensino, fatos que se tornaram o objeto principal de análise nesta nossa pesquisa. Para isso, mudamos também nossos instrumentos de coleta de dados, conforme descreveremos nos próximos tópicos.

3.2. AS PARTICIPANTES E OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Para compreensão do contexto geral da pesquisa, juntando-se aos dados já apresentados sobre o período, nesta seção descreveremos também os sujeitos participantes, ou seja, como se formou este grupo de professores, as principais características que as professoras e os professores destacam de si mesmos e os dados gerais obtidos através dos instrumentos de produção de dados e suas etapas de execução, que também serão descritos nas próximas seções.

3.2.1. Convite e composição do grupo de professores participantes

Para esta pesquisa, compusemos, inicialmente, um grupo de 8 trabalhadores participantes, sendo 6 mulheres e 2 homens. E, após o primeiro encontro, mais uma professora se juntou a nós, totalizando então 9 professores e professoras participantes. Todos são professores atuantes no ensino presencial em escolas e, no período da pesquisa, estavam atuando remotamente de maneira síncrona e/ou assíncrona pelo fechamento das escolas devido à pandemia da COVID-19 (coronavírus).

Essa formação do grupo se deu pela resposta ao convite feito pela pesquisadora-mestranda no dia 30 de maio de 2020, com a sinalização dos professores com o interesse em participar. O endereçamento do convite à esses profissionais se deu pelo fato do convívio entre a pesquisadora-mestranda e os professores, sendo todos colegas de trabalho e/ou amigos próximos, com os quais já haviam conversas formais ou informais sobre o trabalho docente antes da pandemia e suas transformações após o início do período pandêmico de afastamento das

escolas. Ou seja, já havia a demanda por um espaço de reflexões sobre o trabalho docente e suas transformações.

Apesar da possibilidade de formação de um grupo de pesquisa⁵³ de uma única escola, mesmo que em menor número de participantes, optamos pela composição ampliada tanto em número de professores quanto em realidades experienciadas.

Desta forma, como atuam não apenas em escolas, mas em redes de ensino e municípios diferentes, acabamos formando o que Oddone chamou de “comunidades científicas ampliadas” (CLOT, 2010b, p. 85). Essas comunidades são grupos de trabalho nos quais existem diferentes realidades, as quais nos permitiram visualizar as diferenças, mas sobretudo reconhecer as similaridades nas transformações do trabalho docente.

Outra possibilidade com a ampliação da comunidade científica foi a possibilidade de evitar receios dos participantes de exposição e avaliação por parte dos colegas de trabalho. Buscamos estimular, assim, a participação dos professores da maneira mais aberta e confortável possível.

No convite enviado, sugerimos ao grupo de professores, inicialmente, apenas 3 reuniões: apresentação da proposta de pesquisa e dos participantes, instrução e retorno da instrução. Também foram explicitadas a duração, o formato online, os agendamentos de acordo com a disponibilidade dos participantes e a confidencialidade dos dados dos professores, conforme exposto no texto enviado:

“Amigo/a professor/a...

Venho, por meio desta mensagem, convidá-lo/a, agora oficialmente, para participar da minha pesquisa de mestrado sobre o Trabalho do Professor, utilizando uma metodologia baseada na Clínica da atividade.

Caso aceite, sua participação se dará através de uma sequência de aproximadamente 3 relatos e reuniões. Os relatos poderão ser escritos ou narrados, como for de sua preferência. E as reuniões terão duração de aproximadamente 1 hora, sendo no formato de entrevista online e necessitando, portanto, de um computador com câmera, microfone e

⁵³ Adotamos o padrão de diferenciação de “grupo de pesquisa”, que são as professoras e os professores participantes desta pesquisa, para “coletivo de trabalho”, que são compostos pelas professoras e professores juntamente com seus colegas de trabalho nas escolas onde atuam.

acesso à internet. Os dias e horários serão definidos de acordo com a disponibilidade dos participantes e o cronograma inicial do trabalho seguirá a sequência descrita no documento anexo.

A participação é anônima, não aparecendo os nomes dos/as entrevistados/as, apenas uma caracterização básica e se o/a profissional leciona na rede pública ou particular de ensino; e também é voluntária, sem remuneração.

Então... pense com carinho e me responda se aceita esse convite. Agradeço a atenção na leitura e deixo aqui um abraço virtual!

Maria Fernanda Lopes de Freitas (Mestrado em Ciências Ambientais – UFPR).

*‘O ofício não existe apenas entre os professores, mas em cada um deles’
(Parafraseando Yves Clot em ‘Trabalho e poder de agir’, 2010, p. 285).”*

Desta forma, o primeiro encontro de apresentação da proposta de pesquisa e dos participantes foi agendado para o dia 11 de junho de 2020, através de envelope enviada pelo aplicativo *WhatsApp*⁵⁴ com sugestões de datas e horários, conforme apresentado no tópico anterior.

Assim, sempre por meio de mensagens e negociações diretas com os participantes, fizemos nosso calendário de reuniões e repassamos os áudios dos encontros para que os participantes pudessem fazer seu retorno da instrução, que serão relatados nas próximas seções.

3.2.2. As professoras e os professores por si mesmos

Como descrito no início da seção, apresentaremos a autodescrição das professoras e dos professores participantes da nossa pesquisa. O objetivo é que os professores se apresentem por si mesmos enquanto trabalhadores ao leitor. Para isso, através de um questionário do *Google Formulários* enviado por meio de um link

⁵⁴ O *WhatsApp* é um aplicativo disponibilizado gratuitamente para troca de mensagens e comunicação em áudio e vídeo pela internet, podendo ser instalado em *smartphones* e utilizado em computadores na versão remota *WhatsApp Web* (https://www.whatsapp.com/about/?lang=pt_br).

no *Whatsapp*, convidamos todas e todos à responder a seguinte questão: *Como você SE DESCREVE na sua profissão? Como você atua COMO PROFESSOR(A)?*

A pergunta foi propositalmente ampla em seu contexto e aberta como discursiva, exatamente para pontuar quais as principais características com as quais as professoras e os professores mais se identificam como sendo sua descrição como profissional. As respostas, que tiveram sua liberação para publicação através do próprio formulário, estão apresentadas individual e nominalmente nos tópicos a seguir.

Alice

Eu amo minha profissão e a desempenho com muito amor e dedicação. Por mais que tenhamos muitas dificuldades a enfrentar em nosso dia a dia, sendo uma vida de estudos e pesquisas, faço o meu melhor, acreditando em uma educação de excelência e qualidade. Afinal, estamos ajudando no desenvolvimento integral de nossos alunos, sendo um agente de transformação em nossa sociedade. Temos a função de ensinar e também aprender.

Celina

Professora de Arte em busca de uma educação do ser sensível. Atuo como arte educadora, numa postura freireana, trazendo a Arte como forma de ver e sentir o mundo.

Dagmar

Sou dedicada, procuro identificar as dificuldades dos alunos e criar possibilidades para ajudá-los, mediando o desenvolvimento de forma integrada no meio físico, pessoal, intelectual e psicológico.

Helena

Atuante, busco pela minha qualificação através das novas possibilidades para ampliar meu conhecimento profissional. Revendo sempre o que deu certo ou não procurando renovar minhas atividades para aplicar junto aos meus alunos.

Kátia

Tento ver como apenas mais uma profissão, como outra qualquer, mas sinto ser diferente e uma sociedade que espera ser diferente. Eu atuo de maneira muito apaixonada e dedicada, busco realmente fazer a diferença como professora na vida dos alunos.

Luciano

Sou um profissional responsável e dedicado com as minhas obrigações no trabalho. Realizo minhas atividades pertinentes a docência de maneira correta, honesta e de acordo com as prerrogativas descritas no estatuto do servidor público.

Rita

É uma profissão complexa e constantemente desafiadora, por isso procuro me apropriar cada vez mais do meu trabalho para realizar as reconcepções das prescrições estabelecidas, visando o meu bem-estar.

Rubens Valmiqui

Gosto da frase sempre dita pelos alunos: "professor gente boa". Sou muito de dialogar com os alunos sempre com um tom crítico dentro dos conteúdos nas minhas aulas. Nesse diálogo, tento me colocar no lugar do aluno questionando: que tipo de aula eu gostaria de ter? Que tipo de professor eu gostaria que entrasse na minha sala todas as manhãs? E, principalmente, esse professor não grita. Sempre, ao fazer esse exercício consigo, aos meus olhos, realizar boas aulas, com diálogos densos com meus alunos, tenso, às vezes, pois os pensamentos divergem mas, ainda assim, com muito respeito. Ao respeitá-los, sou respeitado.

Sônia

Sou proativa e dinâmica. Gosto de desafios. E quando penso em uma aula, tento sempre fazer algo diferente, que seja inovador. Não tenho medo do novo e nem de errar. E, se erro, utilizo a meu favor... Tenho mais medo é de estagnar, de desanimar, de perder o ânimo de tentar...

Como o objetivo era que o leitor conhecesse as palavras utilizadas por cada um para sua autoapresentação, passaremos então para as apresentações dos dados gerais também informados pelas e pelos professores, os quais foram sintetizados nos gráficos e no quadro da próxima seção.

3.2.3. Dados gerais das professoras e dos professores

Como já relatamos no início desse capítulo, as professoras e os professores participantes responderam um questionário com dados básicos para caracterização de cada uma e de cada um deles.

De maneira geral, trabalhamos com um grupo de professores experientes, com no mínimo 10 anos de docência, e apenas uma professora iniciante, ou seja, do gênero iniciante⁵⁵ (SAUJAT, 2004b), com 1,5 ano de experiência pedagógica. Todos pós-graduados na área pedagógica, sendo 5 deles também mestrands em ensino das ciências ambientais.

Todos os professores atuam no estado do Paraná, sendo 3 da rede particular de ensino de Curitiba, 3 são da rede pública estadual, sendo 2 deles atuantes em outros municípios, e 3 da rede pública municipal, sendo 2 atuantes em outros municípios do estado, conforme demonstramos no GRÁFICO 1.

GRÁFICO 1 – OCUPAÇÃO ATUAL DAS PROFESSORAS E PROFESSORES PARTICIPANTES.

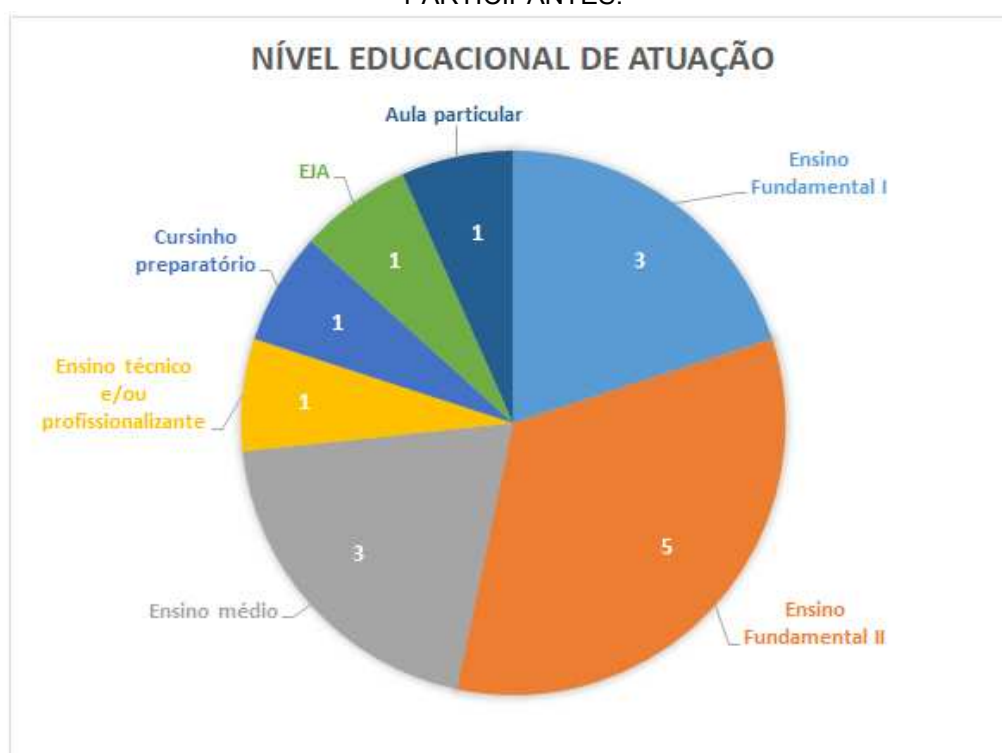


FONTE: A autora (2020).

⁵⁵ Segundo Saujat (2004b, p. 79), o gênero profissional seria um organizador da ação de cada um nas ocupações compartilhadas com os outros profissionais da área e também de sua própria atividade. Para o autor, o gênero é que ilumina a atividade dos professores iniciantes, que procuram sobrecompensar suas dificuldades temporárias de início de sua atividade através do desenvolvimento de recursos intermediários, a fim de estabelecer uma estrutura que possibilite aos alunos aprender, mas também seu próprio aprendizado. Este comportamento comum dos professores em início de carreira permite que os classifiquemos como um gênero iniciante (*genre débutants*).

Os professores atuam em todos os níveis do ensino fundamental, alguns conjuntamente com mais de um nível de ensino, sendo 3 do Fundamental I, 5 no Fundamental II, 3 no Médio, 1 no Técnico e/ou profissionalizante, 1 para Educação de Jovens e Adultos (EJA), 1 em um Cursinho preparatório e 1 com Aulas particulares, conforme demonstrado no GRÁFICO 2.

GRÁFICO 2 – NÍVEL EDUCACIONAL DE ATUAÇÃO DAS PROFESSORAS E PROFESSORES PARTICIPANTES.



FONTE: A autora (2020).

As demais particularidades das professoras e dos professores participantes da pesquisa estão compiladas e apresentadas no QUADRO 1.

QUADRO 1 – DADOS GERAIS DAS PROFESSORAS E DOS PROFESSORES PARTICIPANTES.

TRABALHADOR	IDADE	FORMAÇÃO ACADÊMICA	FORMAÇÃO COMPLEMENTAR	DISCIPLINA QUE LECIONA	NÍVEIS NOS QUAIS ATUA	Ocupação Atual	TEMPO DE TRABALHO DOCENTE	TEMPO DE TRABALHO NA ATUAL INSTITUIÇÃO	TRABALHOU MAIS TEMPO COMO	OUTRAS EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS
Alice	52	Pedagogia	Especialização em Psicopedagogia	Artes	Ensino fundamental I	Professor(a) da rede pública municipal de Curitiba	22 anos	8 anos	Professor(a) da rede pública municipal de Curitiba	Não teve
Celina	34	Licenciatura em Teatro	Graduação em Mídias na Educação; Metodologia do Ensino de Arte; Mestranda em Ensino das Ciências Ambientais	Arte	Ensino fundamental II e médio	Professor(a) da rede pública estadual atuante em outros municípios	13 anos	06 anos	Professor(a) da rede pública estadual atuante em outros municípios	Atriz e Cantora
Dagmar	46	Pedagogia	Especialização em Educação Especial Inclusiva. Mestrando em Ensino das Ciências Ambientais	Ciências, Geografia e História	Ensino fundamental I e II	Professor(a) da rede pública municipal de outro município	15 anos	13 anos	Professor(a) da rede pública municipal de outro município	Técnico de segurança no Trabalho; Cursos profissionalizantes para área Portuária

QUADRO 1 – DADOS GERAIS DAS PROFESSORAS E DOS PROFESSORES PARTICIPANTES.

(continua)

TRABALHADOR	IDADE	FORMAÇÃO ACADÊMICA	FORMAÇÃO COMPLEMENTAR	DISCIPLINA QUE LECIONA	NÍVEIS NOS QUAIS ATUA	OCUPAÇÃO ATUAL	TEMPO DE TRABALHO DOCENTE	TEMPO DE TRABALHO NA ATUAL INSTITUIÇÃO	TRABALHO MAIS TEMPO COMO	OUTRAS EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS
Helena	45	Graduação em História e Geografia	Pós-graduação em Neuropsicopedagogia e Atrativo Turístico Natural	Geografia	Ensino fundamental II	Professor(a) da rede particular de Curitiba	25 anos	14 anos	Professor(a) da rede particular de Curitiba	Atualmente não atuo
Kátia	39	Licenciatura em Língua Portuguesa	Especialização em Metodologias Ativas	Língua Portuguesa	Ensino médio e cursos preparatórios	Professor(a) da rede particular de Curitiba	19 anos	15 anos	Professor(a) da rede particular de Curitiba	Professora particular e de educação infantil
Luciano	43	Educação Física	Especializações em EJA, Saúde e Educação Profissional. Mestrando em Ensino das Ciências Ambientais	Educação Física	Ensino fundamental II e EJA	Professor(a) da rede pública estadual atuante em Curitiba	17 anos	11 anos	Professor(a) da rede pública estadual atuante em Curitiba	Comércio

QUADRO 1 – DADOS GERAIS DAS PROFESSORAS E DOS PROFESSORES PARTICIPANTES.

(conclusão)

TRABALHADOR	IDADE	FORMAÇÃO ACADÊMICA	FORMAÇÃO COMPLEMENTAR	DISCIPLINA QUE LECIONA	NÍVEIS NOS QUAIS ATUA	Ocupação Atual	TEMPO DE TRABALHO DOCENTE	TEMPO DE TRABALHO NA ATUAL INSTITUIÇÃO	TRABALHO MAIS TEMPO COMO	OUTRAS EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS
Rita	42	Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Inglesa	Psicologia Educacional e Psicopedagogia Clínica e Institucional	Língua Portuguesa	Ensino fundamental II e aula particular	Professor(a) da rede particular de Curitiba	11 anos	11 anos	Professor(a) da rede particular de Curitiba	Assistente Administrativa
Rubens Valmíqui	39	Licenciatura em Geografia	Mestrando em Ensino das Ciências Ambientais	Geografia	Ensino médio e técnico e/ou profissional	Professor(a) da rede pública estadual atuante em outros municípios	15 anos	14 anos	Professor(a) da rede pública estadual atuante em outros municípios	Auxiliar de escritório e atendente de Call Center
Sônia	32	Licenciatura em Linguagem e Comunicação	Mestranda em Ensino das Ciências Ambientais	Português, matemática, ciências, história e geografia	Ensino fundamental I	Professor(a) da rede pública municipal de outro município	2 anos	2 anos	Professor(a) da rede pública municipal de outro município	Projetos em escolas municipais com anos iniciais

FONTE: A autora (2020).

Após a apresentação das principais características das professoras e dos professores participantes para composição do contexto, apresentaremos como se deu a produção dos dados de nossa pesquisa.

3.3. A PRODUÇÃO DE DADOS PARA A PESQUISA

Com o início da pandemia e o isolamento social, consideramos as nossas novas possibilidades de encontros, ou seja, nosso novo contexto. Optamos, portanto, pela análise principalmente dos textos originados através da transcrição das entrevistas e retornos das instruções ao sócio, bem como das discussões que ocorreram após a aplicação do método, pois seria o método mais adequado no momento às informações necessárias para responder nossas perguntas estabelecidas nesta pesquisa. Além disso, segundo os pressupostos teóricos já apresentados anteriormente, as instruções se apresentam como um método de reflexão e discussões sobre o trabalho, que são ações muito importantes em qualquer período, mas sobretudo neste período de isolamento em decorrência da pandemia.

3.3.1. Instrumentos de produção de dados

Nesta seção, descreveremos o processo de produção dos dados para a pesquisa, ou seja, o detalhamento dos instrumentos utilizados para coleta de dados e suas etapas de desenvolvimento. Também serão descritos os critérios de seleção dos dados e como foram os procedimentos das suas análises.

- Relato inicial

Conforme já descrevemos anteriormente, após o aceite do convite e juntamente com a enquete para agendarmos a data do primeiro encontro, solicitamos aos professores a produção de um primeiro relato sobre a organização do trabalho de cada um deles antes e durante o trabalho remoto na pandemia. O pedido foi realizado através das seguintes mensagens de texto:

“Bom dia, profes! Tudo bem com vocês?”

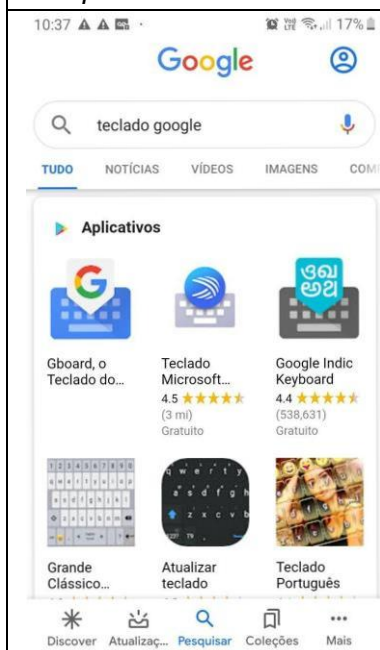
Escrevo para agradecer novamente o aceite em participar da minha pesquisa de mestrado!!

♥♥♥♥♥Muito muito obrigada!!

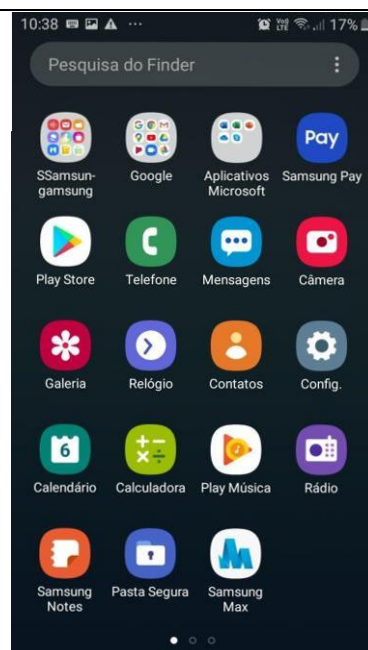
E também para tranquilizá-los sobre a produção do primeiro texto relato. Trata-se de algo real e simples, sobre como era a organização do seu trabalho antes da pandemia, ainda em sala de aula, e agora após o afastamento das escolas durante a pandemia. Podem me enviar da maneira que acharem mais conveniente: texto ou áudio (aqui no WhatsApp mesmo).

Caso queira fazer um texto (ou para os próximos), deixo aqui uma dica para facilitar a vida de vocês (que eu entendo que não deve estar muito calma nesse período, né? Hehe...eu sei): o teclado google. Esse teclado tem a função de transcrição de fala diretamente no whats ou em documentos de texto no celular. Então, junto com esta mensagem, estou enviando um tutorial de como baixar e usar o teclado. Isso facilita minha vida no dia a dia e acho que pode facilitar também a vida de vcs!

1 – Busque no google o “teclado google” (que na verdade se chama Gboard) e clique em baixar.

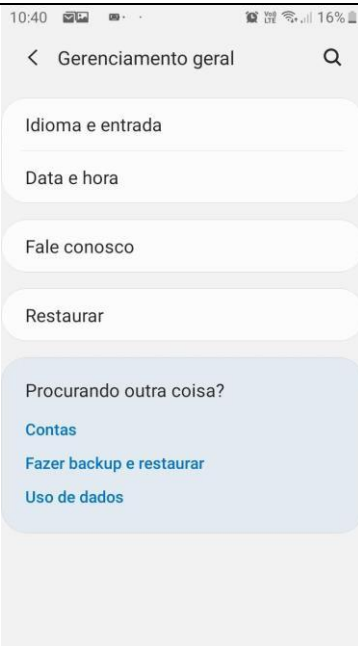
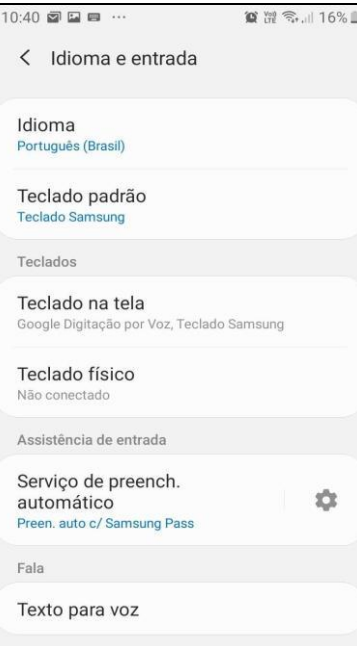
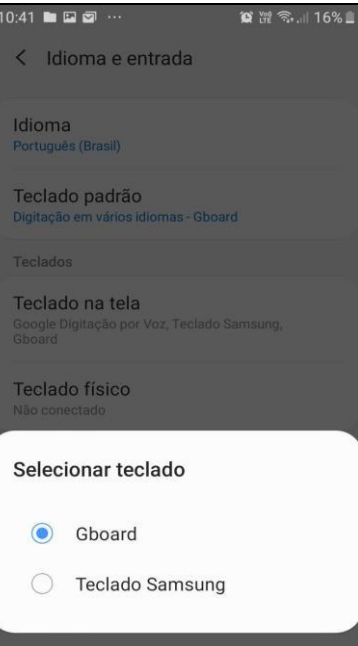
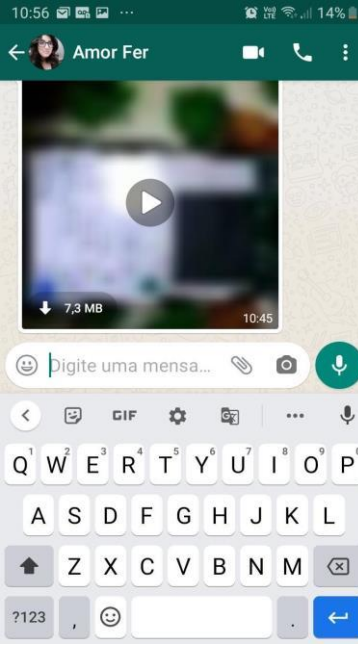




2 – Após baixar o aplicativo “teclado google”, vá até as configurações do seu celular.



3 – Clique em “Gerenciamento geral” ou procure as configurações de “Idioma e entrada”.



<p>4 – Clique em “Idioma e entrada”.</p>	<p>5 – Clique em “Teclado padrão”.</p>	<p>6 – Selecione o “Gboard”.</p>
		
<p>7 – Esse será o aspecto do seu teclado google. Para iniciar a transcrição, aperte o microfone preto do teclado, logo abaixo do microfone do WhatsApp.</p>	<p>8 – O microfone ficará azul. Para desligar a função, aperte novamente o microfone. Após um tempo sem áudio, ele desliga a função sozinho.</p>	<p>9 – Dica: fale o nome da pontuação (“vírgula”, “ponto de interrogação”, etc) para inserí-las no texto e não precisar de revisão posterior.</p>
		
<p>Obs.: Também estou enviando um vídeo para vcs verem a maravilhosidade acontecendo. Hehe... Qualquer dúvida, me procure.</p>		

Também gostaria de saber qual o melhor dia e horário para que possamos fazer uma primeira reunião de boas-vindas e explicação da pesquisa.

QUINTA-FEIRA 11/06/2020 18:00 – 19:00 ou (sugestão de horário?)	SÁBADO 13/06/2020 09:00 – 10:00 ou (sugestão de horário?)
--	--

Um beijo!

Os relatos enviados em formato de áudios foram transcritos pela pesquisadora-mestranda através da mesma ferramenta indicada aos professores nas mensagens, o aplicativo *Gboard*⁵⁶. E os relatos enviados em formato de texto, estão em seu formato integral nos anexos desta pesquisa. Ambos os formatos encontram-se nos anexos deste trabalho.

Esses textos serviram de base para as análises comparativas com as instruções, sobre o trabalho antes e durante a pandemia, conforme apresentados nos resultados deste trabalho.

- As reuniões e as Instruções ao sócia (IS)

Conforme descrito nos pressupostos teóricos desta pesquisa, a metodologia utilizada se insere no quadro teórico-metodológico da clínica da atividade, a qual observa o professor trabalhador na relação com o seu trabalho, não como um “sistema de tratamento de informações”, mas sim como co-autor da atividade e um “núcleo de contradições vitais às quais ele procura dar uma significação” (CLOT, 2010b, p. 101).

Desta forma, o método de análise do trabalho aplicado foi a instrução ao sócia (doravante IS), pois este método permite a verbalização na análise do trabalho, sendo, portanto, um instrumento de ação intrapsicológica e social (CLOT, 2010b, p. 146).

⁵⁶ O *Gboard*, também conhecido como *Google Keyboard* ou teclado *google*, é um aplicativo de teclado virtual do *Google*, que possui diversas funcionalidades como digitação por voz, autocorreção, digitação gestual, sugestão de palavras, dicionários de diversos idiomas e diferentes *layouts* (<https://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/google-keyboard.html>).

Além das IS, existiram outros instrumentos de coleta de dados, que nos permitiram delinear o contexto da pesquisa para analisar os dados, os quais serão descritos nos tópicos abaixo.

a) Primeiro encontro de apresentação da pesquisa e dos participantes

Pela impossibilidade de encontros presenciais devido à pandemia da COVID-19 (coronavírus), todas as reuniões foram realizadas remotamente através do *Google Meet*⁵⁷. Desta forma, na data e horário marcados, os participantes e os pesquisadores acessavam o *link* da sala virtual e realizavam as reuniões.

O primeiro encontro aconteceu dia 11 de junho de 2020, das 17:45 às 18:40. Como já era conhecida por todos os participantes e demais pesquisadores, a pesquisadora-mestranda iniciou o encontro apresentando a todos o objetivo geral e o método a ser utilizado na pesquisa. Então os demais pesquisadores se apresentaram e, na sequência, os professores participantes.

E, devido às diferentes cargas horárias e aos diferentes períodos de trabalhos, a primeira instrução e as demais reuniões foram agendadas sempre no final de cada conversa, a partir do acordo geral sobre dia e horário para os participantes.

b) Questionários de coleta de dados gerais dos participantes

Após o primeiro encontro de apresentação da proposta da pesquisa e dos professores participantes e pesquisadores, no dia 12 de junho de 2020, foi enviado pelo *WhatsApp* o *link* de um questionário online do *Google Formulários*⁵⁸ para coleta de dados gerais. Os resultados, já apresentados no QUADRO 1, serviram para descrição dos dados gerais e caracterização dos professores participantes desta pesquisa.

⁵⁷ O *Google Meet* é uma ferramenta de comunicação por vídeo desenvolvido e disponibilizado gratuitamente pelo *Google*, que pode ser utilizado em computadores, através de navegadores da *Web*, ou em celulares, através do aplicativo (<https://apps.google.com/intl/pt-BR/meet/how-it-works/>).

⁵⁸ O *Google Formulários* é um serviço gratuito do *Google*, usado para criar pesquisas, formulários e questionários online (<https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/2018/07/google-forms-o-que-e-e-como-usar-o-app-de-formularios-online.ghtml>).

Com o encerramento das reuniões com este grupo de pesquisa, foi enviado para os participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE⁵⁹ também através do *link* do *Google Formulários*, no dia 21 de outubro de 2020. Nele, havia a descrição dos objetivos de pesquisa e a solicitação para cessão de publicação dos dados desta pesquisa. Neste documento também constavam as informações sobre participação voluntária e não remunerada na pesquisa, bem como demais esclarecimentos sobre proteção de identidade, áudios e imagens do participante.

c) Filmagem das entrevistas de IS

Conforme descrito sobre o primeiro encontro, as demais reuniões também foram realizadas remotamente através do *Google Meet*, no qual os participantes e os pesquisadores acessavam o *link* para entrar nas salas virtuais de reuniões. Inicialmente, a filmagem foi feita através da gravação da tela e áudios da conversa com o aplicativo *Loom*⁶⁰ e, depois, gravado a partir do próprio *Google Meet*.

Juntamente com a filmagem de tela, a pesquisadora-mestranda gravou áudios pelo aplicativo *WhatsApp*, especificamente durante a parte das instruções, aproximando o celular da saída de áudio do computador. Essas gravações tiveram a intenção de facilitar a audição das instruções pelos professores participantes para que os mesmos fizessem os seus retornos de instrução.

Após cada encontro, portanto, todos os materiais audiovisuais produzidos eram armazenados pela pesquisadora-mestranda e, os áudios, repassados aos professores instrutores através do *WhatsApp* para o retorno das suas instruções.

Ao todo, realizamos 6 instruções e 4 retornos de instruções com professores diferentes, que fizeram o papel dos instrutores, e 3 pesquisadores, dos quais 2 fizeram o papel dos sócios (a pesquisadora e a pesquisadora-mestranda). As reuniões aconteceram durante o período de afastamento das atividades escolares presenciais, no período de junho a agosto de 2020, sendo que apresentaremos o cronograma com as datas de cada instrução no próximo tópico.

⁵⁹ Apêndice I.

⁶⁰ O *Loom* é uma extensão gratuita nos primeiros meses de uso desenvolvida para o navegador de internet do *Google*, o *Google Chrome*, que permite gravar a tela do computador sem precisar instalar *softwares* adicionais (<https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/2019/01/como-gravar-tela-do-computador-com-a-extensao-para-chrome-loom.ghml>).

3.3.2. Cronograma da produção dos dados

A partir desse recorte metodológico, as etapas desenvolvidas seguiram a sequência apresentada no QUADRO 2:

QUADRO 2 – CRONOGRAMA DE PRODUÇÃO DE DADOS.

DATA	AÇÃO	OBJETIVO
30/05	Envio do convite para participação na pesquisa	Estabelecimento do grupo de pesquisa e número total de professores participantes.
06/06	Solicitação do 1º relato escrito	Conhecer a organização do trabalho docente antes e depois do fechamento das escolas devido à pandemia COVID-19.
11/06	Realização do 1º encontro	Apresentar os objetivos gerais da pesquisa, os pesquisadores, os participantes e agendar a primeira IS.
12/06	Envio do questionário para coleta de dados	Coletar as informações básicas para caracterização dos professores para descrição do contexto da pesquisa.
18/06	1ª IS	Realizar a instrução, produzir o material audiovisual com as instruções/retornos para análise e posterior envio para os professores instrutores prepararem seu retorno de instrução.
	2ª IS	
24/06	3ª IS	Realizar a instrução, produzir o material audiovisual com as instruções/retornos para análise e posterior envio para o professor instrutor preparar seu retorno de instrução.
01/07	Reagendamento do encontro devido ao temporal em Curitiba, que deixou alguns participantes sem luz e, conseqüentemente, sem internet em suas casas.	
09/07	4ª IS	Realizar a instrução, produzir o material audiovisual com as instruções/retornos para análise e posterior envio para o professor instrutor preparar seu retorno de instrução.
16/07	5ª IS	Realizar a instrução, realizar o retorno, produzir o material audiovisual com as instruções/retornos para análise e posterior envio para o professor instrutor preparar seu retorno de instrução.
	Retorno da 4ª IS	
29/07	6ª IS	Realizar a instrução, realizar os retornos, produzir o material audiovisual com as instruções/retornos para análise e posterior envio para o professor instrutor preparar seu retorno de instrução.
	Retornos das 2ª e 5ª IS	
05/08	Retorno da 6ª IS e encerramento dos encontros	Realizar o retorno, produzir o material audiovisual com as instruções/retornos para análise. Agradecimento e encerramento das reuniões.
21/10	Envio do TCLE	Coletar assinaturas virtuais para autorização de publicação dos dados da pesquisa.
	Envio do questionário complementar	Coletar informações complementares para caracterização dos professores participantes.

FONTE: A autora (2020).

O quadro acima compreende o período de organização do grupo de pesquisa, aplicação do método e desenvolvimento dos pressupostos teóricos metodológicos nesta pesquisa. Entretanto, o período de pesquisa e análise das informações não constam no quadro, pois até a entrega deste texto de dissertação e posteriormente à entrega deste produto de mestrado ainda estarão acontecendo as análises dos textos originados durante as entrevistas, os quais apresentaremos na próxima seção.

3.3.3. Transcrições dos textos produzidos durante os encontros

As transcrições das reuniões foram fundamentais para obtenção dos textos escritos analisados neste trabalho e realizadas pela pesquisadora-mestranda. De maneira parcial e sempre corrigidos manualmente, os áudios das instruções, gravados pelo *WhatsApp*, foram transcritos através do aplicativo *Transcriber*⁶¹. Os demais trechos das reuniões, foram transcritos manualmente pela pesquisadora-mestranda de modo livre, guardando fielmente as falas dos professores e pesquisadores participantes.

As pontuações foram utilizadas com base na entonação dos discursos e/ou na intenção de transmitir ao leitor as pausas e construções das estruturas da fala, sendo organizadas de acordo com as explicações a seguir.

- (!) Pontos de exclamação: foram utilizados para expressar a entonação de uma fala exaltada, seja esta emotiva, surpresa, indignada entusiasmada, etc;
- (...) Reticências: foram sinalizadas quando houve uma pausa no discurso, podendo ser indicativa de um pensamento inacabado na fala, uma reflexão interrompida pelo próprio enunciador ou pelos demais participantes da pesquisa, uma hesitação, uma emoção, uma insinuação, etc;
- (Risos) Risadas: as risadas, sejam individuais e/ou coletivas, foram sinalizadas com a palavra “risos” entre parênteses. Nos momentos

⁶¹ O *Transcriber* é um aplicativo gratuito desenvolvido especificamente para conversão de mensagens de voz do *whatsapp* para texto (<https://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/transcriber-whatsapp.html>).

coletivos, a sinalização se encontra isolada, em um novo parágrafo e com letra maiúscula. E nos momentos individuais, de entonação da fala do interlocutor da vez, encontram-se no meio do texto da própria fala, iniciando-se com letra minúscula. Esse momento também pode sinalizar uma risada coletiva provocada no grupo, a qual optamos por não sinalizar em parágrafo separado para permitir o fluxo de leitura e compreensão do contexto pelo leitor;

- (Inaudível) Palavras e/ou expressões não transcritos: transcrições impossibilitadas de uma palavra ou de trechos curtos de falas que não puderam ser compreendidas pela qualidade da gravação, por sobreposição de falas dos participantes do encontro ou pelo vídeo/áudio travados por causa do sinal de internet;
- (Falas inaudíveis) Falas não transcritas: transcrições impossibilitadas de falas inteiras que não puderam ser compreendidas por erro na gravação, que foi descoberto apenas após o término do encontro.

Desta forma, organizamos os textos em anexos e apêndices, os quais apresentamos no QUADRO 3.

QUADRO 3 – TEXTOS PRODUZIDOS.

TEXTO PRODUZIDO	APÊNDICE/ANEXO
Relatos iniciais de organização do trabalho antes e depois do fechamento das escolas devido à pandemia COVID-19	Anexo I
1ª IS - Luciano	Apêndice II
2ª IS - Kátia	
Retorno 1ª IS - Luciano	Apêndice III
3ª IS - Celina	
Retorno 3ª IS - Celina	Apêndice IV
4ª IS - Alice	
5ª IS - Sônia	Apêndice V
Retorno 4ª IS - Alice	
6ª IS - Rita	Apêndice VI
Retorno 2ª IS - Kátia	
Retorno 5ª IS - Sônia	
Retorno 6ª IS - Rita	Apêndice VII

FONTE: A autora (2020).

Portanto, a fim de ilustrar como as discussões foram evoluindo ao longo dos encontros, os textos analisados foram apresentados em sua ordem cronológica nos apêndices. A integralidade dos textos obtidos a partir das gravações audiovisuais salvas estão disponibilizados nos apêndices, e destacados apenas trechos dos diálogos no corpo desta dissertação a fim de ilustrar os temas discutidos.

Desta forma, colocamos todos os excertos e textos ilustrativos dentro de caixas de textos, a fim de destacá-los e os delimitar dentro do texto desta dissertação. E além dessas sinalizações nas transcrições, nos excertos apresentados também usamos os colchetes com reticências [...] para sinalizar a subtração de parte do diálogo, a fim de trazer partes complementares do tema abordado sem que o excerto fique muito longo dentro do capítulo dos resultados.

E, a partir do reconhecimento da recorrência de alguns temas, estabelecemos os critérios de seleção dos dados a serem analisados, os quais serão descritos no item a seguir.

3.3.4. Critérios de seleção dos dados a serem analisados

Conforme descrevemos, os dados desta pesquisa foram analisados a partir das transcrições dos textos produzidos durante seis entrevistas de instruções ao sócia, 4 retornos de instrução e de discussões a partir das temáticas inseridas nos encontros com as professoras e os professores participantes. Após a leitura e a análise desses textos, fizemos o reconhecimento dos temas apresentados pelos discursos das professoras e dos professores participantes.

Os temas observados foram classificados em três grandes grupos, de acordo com o sujeito que os apresentava e o momento de inserção na pesquisa, sendo subdivididos, portanto, em três recortes:

- a) Temas apresentados pelas professoras e professores participantes em seus relatos iniciais sobre a organização do seu trabalho;
- b) Temas apresentados pelas professoras e professores participantes durante os encontros de IS, retornos e discussões;
- c) Temas apresentados pelas pesquisadoras e pelo pesquisador durante os encontros de IS, retornos e discussões.

A partir dessa classificação, como muitos temas permeavam o trabalho dos professores durante o período pandêmico, muitos caminhos analíticos seriam possíveis para esta pesquisa. Então, optamos por temas que identificamos que, recorrente e descritivamente, foram relatados como impactantes do trabalho docente neste período pandêmico, a fim de identificar as maiores transformações desta atividade de acordo com o objetivo da nossa pesquisa.

Então, selecionamos excertos das transcrições que ilustram as três classificações acima, dentro dos dois grandes temas identificados para análise e que serão apresentados no capítulo dos resultados. E, após a definição dos critérios de seleção, descreveremos os procedimentos de análise dos dados na seção a seguir.

3.4. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

Como apresentado nos pressupostos teóricos, nossa pesquisa se baseia na teoria vigotskiana, no Sócio Interacionismo (REGO, 1995) e na Clínica da Atividade (CLOT, 2005, 2007, 2010a, 2010b, 2017; FAÏTA, 2002, 2004). Desta forma, os dados foram analisados com base nessa fundamentação teórico-metodológica, com o objetivo de responder às questões de pesquisa apresentadas no início deste trabalho.

Após analisar os temas globais encontrados nos discursos, pudemos observar muitas situações que permearam as atividades educacionais em decorrência do início da pandemia do coronavírus. E, conseqüentemente, muitos temas foram recorrentes nos discursos observados durante os encontros com o grupo de professores participantes.

Então, para análise de dados nesta pesquisa, observamos os temas mais recorrentes nos relatos iniciais e durante as instruções, retornos e discussões sobre o trabalho durante o período do afastamento das atividades presenciais. A partir disso, selecionamos um tema global e suas subdivisões para análise, pois foram os mais revisitados nos discursos dos professores participantes.

Após a seleção dos temas a serem analisados na pesquisa, selecionamos excertos para ilustração dos temas recorrentes, correlacionando-os com os pressupostos teóricos apresentados. Os resultados dessas correlações serão

apresentados na sequência, nos resultados deste trabalho, bem como os aspectos éticos que regulamentam nossa pesquisa nesta próxima seção.

3.5. ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

Para esta pesquisa, além do cuidado para seleção de pressupostos teóricos e metodológicos validados cientificamente e que melhor descreveriam o movimento educacional deste período pandêmico e as transformações do trabalho do professor, também seguimos as diretrizes oficiais nacionais para o desenvolvimento de pesquisas envolvendo seres humanos.

Como não existe comitê de ética no setor litoral, no qual está sediado o curso de mestrado no qual esta pesquisa está sendo desenvolvida, orientamos nossa pesquisa sob as normas regulamentadoras estabelecidas pela Resolução nº 466⁶², de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde.

Desta forma, todos os participantes receberam e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE⁶³, inicialmente no formato digital e posteriormente como documento físico, para o assentimento dos termos da pesquisa. O documento esclareceu a natureza da pesquisa, seu objetivo, a ausência de riscos e remuneração por participação, bem como sua garantia de desistência até o envio do texto desta dissertação para publicação.

Buscamos assegurar a vontade dos professores em contribuir e permanecer na pesquisa, salientando, desde o primeiro momento, o objetivo da pesquisa, como se daria o desenvolvimento do método, sobre o papel dos pesquisadores e que não haveria sob qualquer hipótese juízo de valor nas suas falas. Da mesma forma, todos foram avisados a cada encontro do início das gravações do material audiovisual, bem como do livre acesso àqueles que quisessem revê-lo posteriormente.

Também durante os encontros, a postura dos pesquisadores foi balizada pelo respeito aos participantes da pesquisa em sua dignidade e autonomia, buscando amenizar as vulnerabilidades do momento pandêmico através da criação

⁶² BRASIL. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Conselho Nacional de Saúde. Ministério da Saúde. Disponível em: <<http://www.saude.ufpr.br/portal/cometica/wp-content/uploads/sites/7/2015/03/RESOLUCAO-466.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2020.

⁶³ Apêndice I.

de um ambiente confortável e saudável para discussão sobre os impedimentos da atividade docente. Desta forma, nos alinhamos à ideia de Clot (2010b, p. 136) quando orienta os pesquisadores a não “alisar as asperidades do real vivido”, privilegiando a relação dialógica na qual tentamos com os professores e não para eles encontrarmos as palavras.

4. ANÁLISES E RESULTADOS

*“O professor é a pessoa a quem é delegada, em razão da aptidão especial para a tarefa, a função da sociedade, que consiste em ajudar os homens a exercerem o seu poder de forma racional. Em certo sentido, o professor é o currículo. Porque ele entende o aluno e seu meio ambiente comum, ele é capaz de interpretar e dirigir a sua interação. Ele pode organizar e dividir performances e pode desenvolver problemas mais ou menos artificiais, mas seu critério é o fato de que o homem é um membro da sociedade”.
RABENORT, “Spinoza como educador”, 2016.*

Neste capítulo apresentaremos os resultados das análises, que tiveram como objetivo de pesquisa a coanálise do trabalho e as transformações da atividade dos professores durante o período de suspensão das aulas presenciais devido à pandemia COVID-19.

Desta forma, na primeira parte deste capítulo, nestas primeiras seções, analisamos a estrutura e dinâmica interativa dos textos, a partir da apresentação do plano geral da pesquisa e o plano global e conteúdo referencial dos textos, buscando identificar os aspectos do *agir linguageiro* (BRONCKART, 2008). Na segunda apresentaremos o levantamento dos temas gerais que permearam os discursos durante os encontros, bem como o tema selecionados para análise mais aprofundada e sua frequência de aparecimento nos diálogos. Por fim, na terceira parte deste capítulo, subdividimos o tema selecionado e ilustramos as abordagens nos encontros a partir de excertos dos textos transcritos, correlacionando-os aos pressupostos teóricos e metodológicos anteriormente apresentados.

4.1. ESTRUTURA E DINÂMICA INTERATIVA DOS TEXTOS

No primeiro capítulo deste trabalho, discutimos nos pressupostos teóricos a linguagem como algo plurissemiótico, criado, adquirido, aperfeiçoado e transmitido sócio-historicamente. Através da linguagem, a apropriação e a interiorização dos signos, em suas relações sociais, gerou o pensamento significativo dos indivíduos (BRONCKART, 2008, p. 64). Também já descrevemos no capítulo anterior o procedimento de coleta dos nossos dados, que consistem em um conjunto de textos extraídos essencialmente de dados escritos, através dos textos iniciais elaborados pelos participantes, ou verbais, com as transcrições dos encontros.

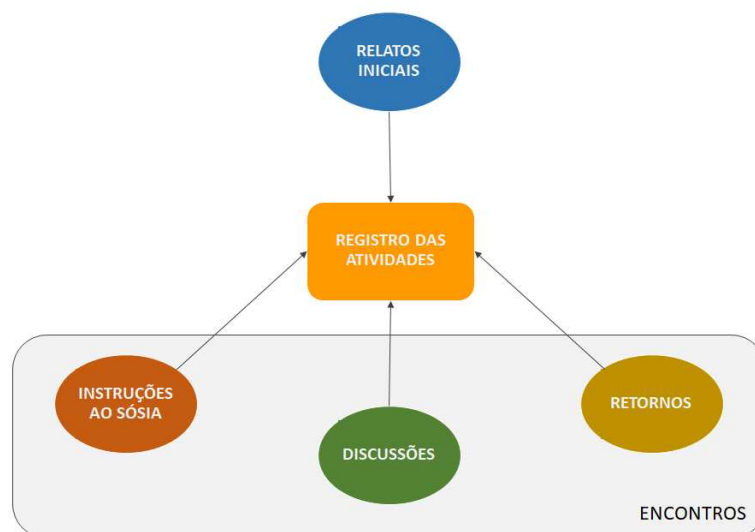
Então, a fim de identificar o agir na linguagem, buscando responder nossas perguntas de pesquisa e descrever as transformações no trabalho docente durante esse período pandêmico, iniciamos as análises da estrutura geral dos textos levantando o conteúdo referente das discussões, o tema selecionado para análise e sua frequência de aparecimento nos diálogos, conforme apresentados nas próximas seções.

4.1.1. Plano geral da pesquisa

Para contextualizar a análise do plano geral dos textos, primeiramente apresentaremos o plano geral da pesquisa. Nossa pesquisa incide sobre 4 conjuntos de produções textuais referentes ao trabalho do professor antes e durante o período de afastamento das escolas.

Como apresentamos na imagem a seguir (FIGURA 10), nosso conjunto central de dados se constitui no registro das atividades relatadas pelos professores, através de textos orais ou escritos, resultantes de quatro grupos de textos: o relato inicial sobre sua organização do trabalho antes da pandemia; os relatos verbais durante a projeção de execução de suas tarefas, através da aplicação do método IS; os relatos verbais depois da realização das tarefas, com os retornos de instrução; e as discussões após as entrevistas de instrução e que permearam os retornos durante as reuniões.

FIGURA 10 – PLANO GERAL DA PESQUISA.



FONTE: A autora (2020), baseado na teoria de Bronckart (2008).

Então, a partir dessa produção textual, analisamos o plano geral das produções verbais referentes a esses segmentos de agir, buscando identificar os aspectos do *agir*⁶⁴, como sendo o próprio “dado” da nossa pesquisa, ou seja, o *agir linguageiro*. Para isso, começamos o trabalho de análise identificando os conteúdos referenciais dos textos, os quais apresentaremos na próxima seção.

4.1.2. Plano global e conteúdo referencial dos textos

Para identificação do conteúdo referencial e do plano global dos textos, seguimos as orientações de Machado e Bronckart (2004), ou seja, a leitura dos textos produzidos, o levantamento e a classificação dos conteúdos referenciais identificados.

Os conteúdos referenciais identificados estão apresentados no QUADRO 4, respeitando a ordem cronológica de inserção no decorrer dos encontros e, consequentemente, na concomitância do desenvolvimento do trabalho docente com o espalhamento da pandemia.

⁶⁴ Como já discutimos nos pressupostos teóricos, para Bronckart e Machado (2004, p. 154), o termo *agir* designa as diferentes ocorrências de intervenções de seres humanos no mundo, sendo o próprio *dado* da pesquisa sobre o trabalho educacional.

QUADRO 4 – CLASSIFICAÇÃO DOS TEMAS DISCUTIDOS.

CLASSIFICAÇÃO DOS TEMAS DISCUTIDOS DURANTE OS ENCONTROS	
INTERAÇÃO	<p>Mudanças na interação humana (com alunos, coletivo de trabalho, demais membros da comunidade escolar etc)</p> <p>Mudança na interação com os coletivos para trocas de experiências sobre a atividade e instrumentos de trabalho</p> <p>Falta de interação dos alunos com seus pares</p> <p>Mudanças na interação didático-pedagógica com antigos instrumentos</p> <p>Falta de interação didático-pedagógica com novos instrumentos</p> <p>Estratégias limitadas para conseguir interação dos alunos</p> <p>Conflito interações com alunos e demais serviços da escola fora do horário de trabalho</p> <p>Falta de interação com os artefatos tecnológicos suficiente para converção em instrumentos didático-tecnológicos</p>
INSTRUMENTOS/TECNOLOGIA	<p>Falta de competências digitais próprias</p> <p>Falta de competências digitais dos colegas de trabalho</p> <p>Falta de competências digitais dos alunos</p> <p>Dificuldades dos alunos de acesso à internet</p> <p>Transposição didático-tecnológica dos objetos de estudo para ilustração do conteúdo</p> <p>Conflito sobre o uso de equipamentos eletrônicos pessoais para o trabalho</p>
QUESTÕES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS	<p>Funcionamento do planejamento</p> <p>Mudanças constantes das prescrições</p> <p>Dificuldades dos alunos com os objetos de estudos</p>
MOTIVAÇÃO	<p>Estratégias para motivar os alunos</p>
GESTÃO DO TEMPO/ESPAÇO	<p>Afetos manifestados pelo aumento de carga horária</p> <p>Conflito entre horário de trabalho e horários pessoais</p> <p>Conflito entre ambiente de trabalho e de casa</p> <p>“Escola invadindo a casa”</p>
CARGA DE TRABALHO	<p>Aumento na quantidade de tarefas</p> <p>Aumento do número de horas trabalhadas para realizar novas tarefas</p> <p>Conflito entre demandas de trabalho e demandas pessoais</p> <p>Conflito entre atenção à família e aumento de exigências no trabalho</p>
INSEGURANÇA	<p>Pandemia</p> <p>Futuro da profissão docente</p> <p>Futuro escolar dos alunos</p> <p>Futuro da educação na cidade/no estado/no país</p>

FONTE: A autora (2020).

Ao todo, identificamos 30 conteúdos temáticos, os quais dividimos em 7 classificações de inserção dos temas nos discursos: gestão do tempo/espço, carga de trabalho, interação, instrumentos/tecnologia, motivação, insegurança e questões didático-pedagógicas.

Essa classificação foi importante para reconhecer os conteúdos que mais se mostraram como evidentes da transformação do trabalho do professor neste período, a fim de responder nossas perguntas de pesquisa e, conseqüentemente, para escolha do tema selecionado para análise neste trabalho, o qual será apresentado na próxima seção.

4.1.3. Tema selecionado para análise e frequência de termos

O principal objetivo durante os encontros foi promover um ambiente de respeito às manifestações discursivas sobre o delicado momento de trabalho pelos quais todos nós professores estávamos passando, a fim de oportunizar trocas coletivas sobre as transformações, superações e impedimentos do trabalho durante o período de aulas remotas. Então, foram momentos de reflexão da atividade pelos próprios profissionais, além do desenvolvimento da interpretação das situações pelos próprios sujeitos dessa ação.

Buscamos, na posição de pesquisadores, não imprimir em nosso discurso nenhum termo ou conceito científico que não fosse de comum compreensão no gênero profissional ou imediatamente explicado para os participantes da pesquisa. Da mesma forma, e como já descrito na seção sobre os aspectos éticos desta pesquisa, buscamos não “alisar as asperidades”⁶⁵ das situações apresentadas como transformadoras e/ou impeditivas do trabalho dos professores neste momento, bem como compreender o contexto das produções textuais e os valores do ato e as formas de perguntar que favoreceram a veiculação das pressuposições dos pesquisadores sobre a informação demandada no agir linguageiro dos entrevistados (MACHADO e BRITO, 2009, p. 140-141).

Assim, neste ambiente, avaliamos o principal tema recorrente nos relatos sobre as mudanças no trabalho das professoras e professores participantes da pesquisa, estabelecendo o seguinte recorte temático para nossa análise:

⁶⁵ Ver Clot (2010b, p. 136).

- **INTERAÇÃO:** confluências entre a situação pandêmica e a possibilidade ou não de interações humanas, didático-pedagógicas e didático-tecnológicas, através das prescrições educacionais que dirigem a atividade docente, bem como as interações como fonte de saúde e aprendizado do trabalhador.

Para levantarmos a frequência de aparecimento do termo selecionado para análise nos textos iniciais e durante os encontros, foram contabilizadas a palavra *interação* e os derivados encontrados, as quais estão sublinhadas nos textos dos apêndices, resultando nos dados apresentados abaixo, na TABELA 1.

TABELA 1 – FREQUÊNCIA E CLASSIFICAÇÃO DE INSERÇÃO DE TERMOS NOS DIÁLOGOS.

FREQUÊNCIA DE INSERÇÃO DE TERMOS NOS DIÁLOGOS		
Inserção no diálogo	Professores	Pesquisadores
Textos iniciais	7	-
Encontros	52	32
TOTAL	58	32

FONTE: A autora (2020).

Como derivados do termo *interação*, consideramos as variações linguísticas da palavra, como diminutivos ou conjugações, sinônimos ou outras palavras que, no contexto, expressavam a mesma intenção. Assim, de todas as palavras pesquisadas e que foram encontradas no texto, podemos apresentar: *interação*, *interaçãozinha*, *interagindo*, *interage*, *participar*, *participa*, *participam*, *participem*, *participação*, *participaram*, *relação*, *relações*, *comunicação*, *comunicar*, *comunica*, *comunicam*, *comunicaram*, *acompanhar*, *acompanha* e *acompanham*.

As palavras que não retornaram em resultados na busca pelo texto não foram listadas acima e aquelas que não foram aplicadas no discurso como sinônimo de interação, não foram contabilizadas e, portanto, também não foram sublinhadas.

O tema será apresentado através de ilustrações com excertos retirados dos textos produzidos nas próximas seções.

4.2. ANÁLISE DOS RELATOS INICIAIS

Conforme já apresentamos nos conteúdos referentes e na frequência de aparecimento dos temas, o tema interação foi discutido em todas as reuniões. Para Vigotski, a associação entre pensamento e linguagem se deve à necessidade de interação entre os indivíduos durante a atividade especificamente humana do trabalho (OLIVEIRA, 1993, p. 45). Pois “o trabalho é uma atividade que exige, por um lado, a utilização de instrumentos para a transformação da natureza e, por outro lado, o planejamento, a ação coletiva e, portanto, a comunicação social” (OLIVEIRA, 1993, p. 45). Com o afastamento dos professores das escolas, transformaram-se radicalmente as formas de interação desses profissionais com seus alunos, com seus colegas, com os demais profissionais da educação e com as prescrições de sua atividade.

Como já mencionado anteriormente neste trabalho, durante o período de 02 a 18 de junho de 2020, recebemos os textos iniciais solicitados às professoras e professores participantes da pesquisa sobre a organização do trabalho antes, no ensino presencial, e depois, durante o ensino remoto, com o afastamento desses trabalhadores das escolas, devido à pandemia da COVID-19. Nestes textos, que se encontram em sua integralidade no anexo I, os professores relataram que tiveram que lidar com situações inusitadas no seu contexto de trabalho, adaptando-se às constantes mudanças de prescrições neste período e, sobretudo, à reorganizar a sua atividade nos moldes do ensino remoto emergencial e a ensinar com pouca ou nenhuma interação com seus alunos, colegas de trabalho, os demais profissionais dos serviços escolares e da comunidade escolar, além das adaptações dos instrumentos didáticos e tecnológicos já utilizados e o aprendizado de novos. São as análises desses relatos escritos que apresentaremos na próxima seção.

4.2.1. Interações relatadas na organização do trabalho docente antes e durante o afastamento das escolas

Como nas pesquisas de Bronckart (2008, p. 128), a descrição do agir, o vivido nesse agir, assim como o contexto e as condições de realização do agir

podem ser consideradas uma produção verbal oriunda do agir languageiro das professoras e dos professores participantes da nossa pesquisa.

Podemos observar o agir languageiro nos excertos apresentados que, logo na produção textual dos relatos iniciais sobre a organização do trabalho antes da pandemia e o fechamento das escolas, os professores já frisavam a importância da interação com os colegas professores na criação de instrumentos de trabalho, com os seus alunos, a fim de melhor desenvolver sua atividade de ensino e um ambiente favorável à aprendizagem, bem como com seus instrumentos de trabalho, sejam os antigos ou novos.

Interação entre professor e aluno

Celina

*Nas primeiras semanas de aula, o planejamento vai acontecendo enquanto ocorre também o **reconhecimento da turma**, pois além de cada aluno possuir suas individualidades, a turma também possui características únicas, como um pequeno universo dentro de um Cosmo todo. [...]*

*Acho fundamental em meu trabalho esse **sentir e estar presente em sala de aula**. Esse se fazer presente para **trazer forma aos processos de ensino-aprendizagem** fazem luz ao que acredito na educação. [...]*

*Tudo isso só acontece através da **interação entre professor e aluno**, entre docente e discente. Confesso que tenho minha sensibilidade a florada em sala de aula. Gosto de sentir o clima da aula, o clima da turma. E a **partir disso a aula vai acontecendo**. Mais visual, mais auditiva, mais explanação, menos representação... enfim.*

Interação entre os alunos

Alice

*Preparamos as aulas no dia da permanência⁶⁶, **juntos ou não com as professoras da mesma área**. Fazemos planejamento, separamos os materiais para semana. [...]*

⁶⁶ Na rede municipal de ensino de Curitiba, a permanência é a chamada hora-atividade, que equivale a 33% da jornada do professor e é destinada a atividades extraclasse. Desde 2014, a secretaria de educação municipal orienta que os(as) professores(as) regentes e os(as) professores(as) assistentes (ou corretores) façam a permanência ao mesmo tempo para trabalharem juntos nos planos de aulas, dividindo responsabilidades no desenvolvimento do plano pedagógico. Disponível em: <<https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/organizacao-escolar-e-quadro-de-professores-da-rede-municipal-terao-mudancas-em-2014/31371>>. Acesso em 28 dez 2020.

*Minha prática de trabalho é diversificada. Início a aula sempre com uma boa conversa, dando espaço para o aluno expor seus desejos e vontades, ou contar algo que queiram. Logo mais temos uma conversa informal sobre o conteúdo, apresentando esse de maneira criativa, por meio de história, vídeos, cartazes, filmes ou algo que preparei em casa para mostrar-lhes e terem como exemplo, para construirmos outros, como: bonecas de pano, instrumentos musicais e etc. [...] Dessa maneira percebo que se interessam pelas atividades e **sentem-se integrados**. Geralmente na conclusão das atividades os alunos são separados em grupos de 6, ou em duplas, trios ou mesmo individual. Assim **a troca de experiências entre eles resulta em novos saberes**.*

Na abordagem sócio interacionista, conforme já discutimos nos pressupostos teóricos, Vigotski, sob os princípios do materialismo dialético, considera o desenvolvimento humano como um processo de apropriação pelo homem da experiência histórica e cultural (REGO, 1995, p. 93). Assim as interações entre professores e alunos, dos professores com seus colegas (portanto, com seu coletivo de trabalho) e entre os alunos, faz com que, na prática, os conceitos vigotskianos expliquem as afirmações dos professores de que a interação *traz forma aos processos de ensino-aprendizagem*, pois *a troca de experiências entre eles resulta em novos saberes*⁶⁷.

Constatamos, portanto, que biológico e social não estão dissociados, sendo ambos constituintes do desenvolvimento humano, transformando e sendo transformado pelas interações dialéticas entre o sujeito e o meio social e cultural no qual está inserido (REGO, 1995, p.93).

Essa importância também foi apontada pela professora Rita, que afirmou em seu relato inicial que, com a interação de sala de aula, a aprendizagem *ocorria de maneira mais fácil* devido à *interação e cooperação*. Além disso, relata sua *constante preocupação* para que, mesmo com a falta de interação diária, nenhum aluno seja prejudicado quanto ao aprendizado.

Interação e cooperação nas aulas presenciais

Rita

⁶⁷ As palavras em *italico* foram retiradas dos excertos das transcrições das produções orais das professoras e professores participantes da pesquisa, a fim de destacá-las e diferenciá-las do corpo do texto da dissertação.

*E, nas aulas presenciais o crescimento do processo de **aprendizagem** ocorria de maneira **mais fácil** ao se estabelecer uma relação de **cooperação e interação**. [...]*

*Garantir a comunicação com os alunos por meio de videoaulas e lives tem sido um dos maiores **desafios**. [...]*

*Sem contar a **constante preocupação** para que nenhum aluno fique para trás durante a suspensão das aulas.*

A professora também relatou que, após a interrupção das aulas presenciais, a falta de interação era um dos seus maiores *desafios*. Essa é a realidade de trabalho da professora Alice que, durante os encontros⁶⁸, nos relatou que não teve nenhuma aula síncrona com seus alunos desde o fechamento das escolas. Então, a partir de seu relato inicial, nos apresenta seu trabalho como desafetado neste período, pois a tecnologia *não substitui* o professor e sua *afetividade* no trabalho de ensino.

Diferença entre a aula presencial e a aula online

Alice

*Ao meu ver, está muito **monótono** esse trabalho, tanto para os professores, como para os alunos, que também se sentem perdidos e, às vezes, sem estímulo. Pois **há diferença entre uma aula presencial e uma aula online**. Perde-se o encanto, a vibração, o contato, **a afetividade que é a essência da aprendizagem**. Realmente a tecnologia não substitui o professor.*

Neste trabalho, interpretamos o afeto de acordo com Espinosa (2019, p. 98), que o compreende como “as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções”. Assim, o afeto tem a ver com ação, sendo essa definição um sinônimo de transformação, força de trabalho e desenvolvimento de sua atividade (CLOT, 2016, p. 91).

Vygotski (1998, p. 106) afirma que “uma mudança geral na vitalidade” se dá através de um nível mais elevado de atividade. O afeto, sob a ótica dos pressupostos teórico-metodológicos adotados, seria, portanto, a passagem de um

⁶⁸ Apêndice IV.

nível de atividade a um outro, permitindo uma mudança de vitalidade (CLOT, 2016, p. 92).

Isso pode explicar a *monotonia* apontada pela professora durante esse período de trabalho, assim como os sentimentos percebidos por ela em seus alunos, que se *demonstram* perdidos e *sem estímulo*. Pois, se para Alice “a *afetividade é a essência da aprendizagem*”, neste momento em que não pode ser expressada e/ou reconhecida pela falta de interação e *contato* direto entre ela e seus alunos, *perde-se o encanto e a vibração* e, conseqüentemente, a vitalidade de sua atividade, seu poder de ação.

Assim como Alice, que afirma haver diferença *entre uma aula presencial e uma aula online* devido à falta de interação entre ela e seus alunos, a professora Helena também indica essa interrupção da interação como um problema a ser resolvido, algo que precisava de uma *solução*.

Falta de socialização

Helena

*No início do segundo trimestre, ocorreram algumas mudanças como a postagem das aulas. Então, um dia da semana, no teams, são postadas duas videoaulas, atividade de casa, Forms de atividades e o surgimento da Live. A Live veio como uma contribuição muito importante tanto para a professora quanto para o aluno. Penso que é maneira onde posso tirar dúvidas, retomadas, **contato visual deles, ouvi-los e conversar também** como eles estão se sentindo. No meu caso o que **estou sentindo é a falta de socialização** e as práticas, pois obviamente não é possível aplicar tudo que estava em planejamento. Mas **acabei criando uma solução** para tentar motivar e envolver eles ainda mais na Live. Já faço com que eles participem através de correções, leituras, dúvidas, comentários. Então lancei um desafio por semana curiosidades para enriquecer a aprendizagem. Nossa, a aceitação foi sensacional! Até maquetes sugeriram. Foi uma maneira que encontrei para motivar e envolver ainda mais nas aulas on-line.*

No caso da professora Helena, que é da rede de ensino particular de Curitiba, a solução foi criada como prescrição pela própria escola, através da criação das “*lives*”, que foram aulas remotas em formato síncrono que surgiram para complementar as videoaulas assíncronas que já estavam sendo oferecidas aos alunos desde o mês de março, quando da paralisação das aulas presenciais.

Porém, dependendo das prescrições passadas e a qual rede o professor pertencia, pública ou privada, essas soluções foram possíveis ou não durante o período da pesquisa. Como é o caso da professora Celina, pertencente ao quadro de profissionais da rede estadual, atuante no município de Matinhos, onde essa solução não foi possível. A professora relata em seu texto inicial, entregue dia 10 de junho de 2020, que desde o início da suspensão das aulas presenciais, os professores e professoras da rede estadual não tiveram contato síncrono com seus alunos, apenas por meio da sala de aula virtual da plataforma *Google*.

A professora também relata que muitos dos seus alunos sequer tinham acesso às aulas, seja por conectividade (*muitos problemas de conectividade e adaptação*) ou falta de conhecimento para o uso da ferramenta (*os alunos que têm acesso estão cheios de dúvidas*), assim como os professores. Por isso, conforme podemos ver no trecho abaixo, embora a professora considere que essas são *boas ferramentas e a melhor opção que temos nesse momento*, considera *excludente e desumana* a forma como o ensino remoto foi implantado.

Problemas de conectividade e adaptação de professores e alunos

Celina

Como organização, é função do professor fazer o Plano de Trabalho Docente de acordo com o Plano Político Pedagógico da Escola. Em minha escola ele é trimestral e dessa forma organizo meus conteúdos básicos e específicos a serem trabalhados. **Confesso que tenho uma angústia quanto a quantidade de conteúdos exigidos – antes pelas DCOE's e agora pela BNCC** - sendo que na disciplina de arte, ela engloba 4 linguagens artísticas (artes visuais, música, dança e teatro) com apenas duas aulas por semana. Mas essa é uma luta da minha classe. Vamos adiante. [...]

Planejar a aula era na verdade uma organização de materiais e tópicos, mas que podem ser adaptados de acordo com as individualidades que surgem. Em arte, o processo é mais significativo que o resultado. Então o caminhar, respeitando o passo de cada ser, as coletividades e individualidades, trazem consigo uma constante adaptação nos conteúdos, nas abordagens, nas avaliações... É um verdadeiro emaranhado de materialidades que transbordam quando a arte se efetiva.[...]

Sobre a rotina... acho que a rotina do professor é sim, sobrecarregada. Quase impossível não levar trabalho pra casa. Tento deixar provas e trabalhos de pesquisa na escola. Mas o planejamento de cada aula, baixar vídeos, procurar imagens, montagem de slides,

organização do material necessário à aula... tudo isso acabo fazendo em casa. Além disso... em determinadas situações “problema”, estamos lidando com seres humanos em formação. Não há como deixar o “problema” no trabalho e acabamos não dormindo pensando no que fazer... Mas nada se compara ao que está me acontecendo agora... [...]

*Nesse período de isolamento social, o Paraná implementou o Canal Aula Paraná (tv digital e Youtube), aplicativo Aula Paraná e uma parceria com o Google Classroom. A qualidade das aulas começou de forma muito duvidosa, mas vem sendo trabalhada e modificada aos poucos. **É uma forma excludente de educação, uma parcela significativa não tem acesso a estes meios ou não tem o conhecimento suficiente para manejá-los.** [...]*

*Como professora, eu tenho 15 turmas com cerca de 30 alunos cada. A carga de trabalho online fica desumana pois eu permaneço com celular, interagindo em todas as plataformas e ainda no meu WhatsApp, e-mail, Facebook... Não há horários, correção o tempo todo. A formação ocorreu após tudo isso ter começado gerando ainda mais dúvidas. **Os alunos que têm acesso estão cheios de dúvidas. E nós também.** Tenho a impressão que passo o dia procrastinando na frente do computador, pois o trabalho online não vai pra frente. Tem dificuldades em mandar as fotos, em mexer nos aplicativos, **muitos problemas de conectividade e adaptação.** Sem falar no Registro de Classe Online. Me sinto exausta e ansiosa o tempo todo. **Sei que são boas ferramentas e a melhor opção que temos nesse momento.** E a ponte pra tudo isso? Como isso irá se sustentar? Um aluno que entra mas não responde... outro que não consegue entrar... **É o Colapso da Educação! Não existe como não ser excludente! Mas é muito mais que isso... é desumano! Enfim... não sei onde vamos parar.***

Antes da pandemia, a professora Celina utilizava o Plano de Trabalho Docente (PTD), que é seu planejamento individual de trabalho. Para ela, o PTD era um instrumento maleável para adaptar-se às *coletividades e individualidades*, e que traziam consigo *uma constante adaptação nos conteúdos, nas abordagens, nas avaliações*.

O Estado do Paraná orienta seus docentes para elaboração do PTD como sendo um instrumento reelaborado e planejado a partir de metodologias pessoais de personalização curricular do próprio docente e de três textos prescritivos. As prescrições possuem textos de três dimensões reguladoras do trabalho do professor: nacionais, pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC); estaduais, através do Diretrizes Curriculares Orientadoras da Educação Básica (DCOE) e do Currículo da Rede Estadual Paranaense (CREP); e locais, com as prescrições da própria escola, como o Plano Político Pedagógico (PPP). Podemos observar essa dinâmica no print

da imagem disponibilizada no site da SEED⁶⁹ (FIGURA 11).

FIGURA 11 – ELEMENTOS DO PLANEJAMENTO DOCENTE.

Além do CREP, o que precisamos considerar ao planejar?



FONTE: SEED, (2020).

E mesmo que a professora Celina tenha *angústia quanto a quantidade de conteúdos exigidos* por todas essas prescrições, ela afirma que *é função do professor fazer o Plano de Trabalho Docente* para sua *organização*. Afirmção corroborada por Ariati e Lima (2018, p. 204), que afirmam que, como o trabalho humano vai além da prescrição, torna-se indispensável adaptar o planejamento docente conforme as exigências do meio.

Porém, conforme discutimos na seção sobre interação, o planejamento da professora Celina foi completamente substituído por planos de aula homogêneos para toda rede estadual de ensino. E, ao tentar interagir com seus alunos utilizando suas redes sociais como instrumento de trabalho, a professora foi advertida e acabou não apenas refletindo sobre o uso desse instrumento, mas também a fez decidir não mais utilizar o WhatsApp como instrumento de trabalho.

Como manter o poder de agir do trabalhador e, conseqüentemente, a

⁶⁹ PARANÁ. Estudo e planejamento 2020. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/estudos_planejamento/fevereiro_2020/escolas_regulares_eja/segundo_dia/professores/roteiro_professores_escolas_regulares_eja.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2020.

qualidade do trabalho sem qualquer possibilidade de adaptar e/ou se apropriar de instrumentos próprios de sua atividade? Essa será uma questão que somente no futuro, com os resultados desse processo educativo remoto adotado durante esse ano pandêmico, poderemos investigar e responder.

Em seu texto inicial, entregue dia 16 de junho de 2020, a professora Sônia também relatou que a possibilidade de adaptação dos instrumentos para o trabalho havia mudado, bem como a interação com seus alunos e colegas de trabalho. Da mesma maneira que escrito por Celina, a professora Sônia também citou a dificuldade de acesso pelos seus alunos, uma turma do ensino fundamental I da rede municipal de Matinhos, cidade litorânea do Estado do Paraná.

Dificuldade de acesso às aulas pelos alunos

Sônia

*Então, eu acordo 8 horas da manhã, dou 'Bom dia' no grupo para as crianças e depois vou lá no canal da TV Curitiba e coloco as vídeo-aulas disponível no grupo do WhatsApp. Porque tem crianças que **não conseguem assistir** pela televisão, daí elas assistem pelo... pelo Youtube, pelo celular. [...]*

*Elas assistem pelo celular. Então eu tenho que postar todos os dias as aulas do dia. Eu teria que assistir as aulas junto com a minha filha. No caso, eu assistia junto com a minha filha antes, quando eu tinha mais tempo e esse é o ideal a gente assistir porque a gente tem que fazer o plano de trabalho docente **da aula da professora da televisão**. Então, a gente precisa saber como que ela está abordando conteúdo e como que ela tá fazendo a metodologia. [...]*

*Eu tenho uma demanda de alunos que eu atendo pela plataforma que estão sendo acho que bem atendidos. Assim, além das teleaulas eles estão tendo as conversas com os assuntos comigo e **eles estão gostando bem mais dos nossos encontros do que da teleaula**. [...]*

*Eu acordo, **atendo os pais que mandam mensagem pelo WhatsApp, alunos também com dúvida, porque não são todos os alunos que eu tô conseguindo atender via plataforma zoom**. São alguns, em torno de 9. Eu cheguei a conseguir o número quanto... quantitativo de 9 crianças. Agora já deu uma diminuída porque teve uma que ficou doente, outras e assim vai indo né? Então é desse jeito mesmo. A gente tem que persistir!*

Como também vimos nas instruções que serão apresentadas nas próximas seções, alguns professores conseguiram estabelecer aulas síncronas com suas turmas, não sendo uma prescrição geral, mas sim mediante a apresentação de projetos individuais e liberação da direção da escola, e que não eram atividades oficiais e/ou avaliativas. Como é o caso da professora Sônia, com seu projeto individual com os alunos através do *Zoom Meetings*⁷⁰. E, como resultado da interação anteriormente construída com seus alunos, os professores relataram que sempre eram preferidos por eles (*“eles estão gostando bem mais dos nossos encontros do que da teleaula”*).

Porém, da mesma forma como nem todos conseguem acessar as aulas oficiais, nem todos conseguem participar desse momento síncrono com sua própria professora. Conforme vemos na fala da professora Sônia, são *apenas alguns*, por isso é necessário *persistir*.

No entanto, como visto no relato da professora e também nas entrevistas de instrução, compreendemos que a regra geral era que, de forma assíncrona, os alunos das redes públicas municipais e estadual passaram a ter aulas com os *professores da televisão*, ou seja, aqueles escolhidos pelas secretarias de educação. Esses professores gravaram aulas que foram transmitidas para toda rede pública estadual por meio dos canais escolhidos por cada administração.

Ou seja, além de perderem o contato diário com seus alunos, os professores ainda foram substituídos por outros que não tinham qualquer tipo de relação com seus alunos (excetuando-se os casos dos alunos dos professores escolhidos, que eram a minoria absoluta da porcentagem total das redes analisadas).

Como a rede de educação pública municipal de Matinhos não criou nenhum canal de interação didática com os alunos durante a pandemia, a professora disponibilizava diariamente no grupo do *WhatsApp* da sua turma os links das videoaulas elaboradas através do canal TV Escola Curitiba⁷¹ no *Youtube* pela rede municipal de Curitiba, conforme podemos observar no trecho abaixo.

Interação com novos instrumentos e novas prescrições de trabalho

⁷⁰ O *Zoom Meetings* é uma ferramenta de videoconferência com algumas funcionalidades de uso gratuito e com conexão em qualquer dispositivo com acesso à internet (<https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/01/zoom-meetings-como-funciona-o-site-para-videoconferencia.ghtml>).

⁷¹ Canal TV Escola Curitiba (https://www.youtube.com/channel/UCNJWZ_JXiSnkAeYenC6nT0g).

Sônia

*Elas assistem pelo celular. Então eu tenho que postar todos os dias as aulas do dia. Eu teria que assistir às aulas junto com a minha filha. No caso, eu assistia junto com a minha filha antes, quando eu tinha mais tempo. E esse é o ideal, a gente assistir, porque a gente tem que fazer o plano de trabalho docente **da aula da professora da televisão**. Então, a gente precisa saber como que ela está abordando conteúdo, como que ela tá fazendo, a metodologia. Então, e o que que eu faço? Como eu estou atendendo os pais no período da manhã, eu atendo os pais e fico resolvendo algumas coisas da minha da minha pesquisa, preparando. Porque minha pesquisa está vinculada diretamente com **a reunião da plataforma Zoom que eu faço todos os dias das 10:30 às 11:30**, eu me reúno com os alunos via plataforma Zoom. Então eu tenho... eu tenho mais essa outra preocupação e essa outra fazer de tá preocupada com que eu vou passar para eles de conteúdo né? Eu tenho até um pouco... tenho meu planejamento e tudo que eu tenho que sentar e pôr em dia, **meu diário de bordo** e tal. [...]*

*E daí, então, esses que são os meus afazeres. Assim, eu tô cuidando para eu não ficar maluca, certo? Porque realmente isso é desumano né? Vivendo uma vida frenética assim. Tá sendo legal porque **eu estou gravando todas as minhas videoconferências com os meus alunos**. Eu tô arquivando, tá tudo no meu computador. Só que eu tô pensando o dia que eu tiver aqui revê-las. Eu já vi algumas, mas o dia que eu tiver que revê-las... que revê-las... que não vai ser fácil! **Então não vai ser fácil porque são muitas videoaulas e eu tenho que fazer uma análise.** [...]*

*Então daí eu tô com essas milhares de coisas na cabeça. Então o que que acaba acontecendo? Eu acabo não fazendo o plano de trabalho docente durante o dia. Sabe o que acontece? É isso que **eu divido o trabalho com outra professora, a gente está dividindo os afazeres. Ela faz o plano de trabalho docente de um dia, eu faço do outro. Ela faz atividade de um dia, eu faço do outro. Mas sempre o meu PTD eu mando atrasado.** Vamos dizer assim... hoje eu vou conseguir pôr em dia os dois ptd atrasado da semana passada.*

Sônia relata que assistia as aulas junto com sua filha, que está no mesmo ano escolar de seus alunos, na tentativa de unir seu trabalho docente ao acompanhamento letivo no ensino domiciliar pandêmico. Através deste acompanhamento, a professora tem a oportunidade de observar o funcionamento do mesmo instrumento de ensino, *a aula da professora da televisão*, sob dois aspectos: enquanto mãe de aluna, acompanhando a aprendizagem da sua filha, e enquanto

docente, como prescrição para planificação do seu Plano de Trabalho Docente (PTD).

Antes da pandemia, a professora utilizava o PTD como planificação para organizar previamente a sequência didática de suas aulas. Durante a pandemia, as aulas enviadas por Sônia para seus alunos seguiam a ordem do PTD apenas pelo fato de que a professora precisava utilizar as aulas da outra rede para fazê-lo. Ao invés do PTD ser um instrumento planejado, organizador e personalizante da sequência didática de suas aulas, as aulas disponibilizadas por outra rede de ensino é que se tornaram um instrumento para elaboração do seu PTD. Desta forma, *a aula da professora da televisão* se tornou o instrumento balizador do seu trabalho de ensino, pois o *ideal* era que seu planejamento e as atividades desenvolvidas por ela para seus alunos fossem alinhados à sequência didática e à metodologia utilizadas por esses outros profissionais da rede de ensino de outro município.

O PTD, que antes era um instrumento personalizado da sua atividade, agora, apesar de ainda serem balizadores do trabalho, como foram despersonalizados, estão sendo feitos pela professora apenas em dias alternados com uma colega com a qual a Sônia está *dividindo o trabalho*, a fim de cumprir apenas a parte burocrática do trabalho. Temos, portanto, uma desabilitação instrumental, que é quando um instrumento de trabalho anteriormente ampliado em seu uso através da instrumentação docente perde sua funcionalidade para se tornar apenas mais uma tarefa.

Para superar esse conflito entre o instrumento planejado e personalizado e o impessoal e burocrático, Sônia cria um terceiro e novo instrumento pessoal de trabalho, um *diário de bordo*, reelaborando personalizadamente a reelaboração burocrática e despersonalizada prescrita. Essa criação vem de encontro com o texto solicitado para sua apresentação própria como descritivo de seu trabalho, apresentado no capítulo de metodologia, no qual a professora escreve ter medo *é de estagnar, de perder o ânimo de tentar* e não *do novo* e nem *de errar*. E isso se demonstra antes mesmo do início dos encontros pelo ato de que, diante do tutorial enviado pela pesquisadora mestranda, Sônia foi a única que testou utilizar o aplicativo para transcrição.

Também se demonstra pelo fato de Sônia ser uma das primeiras professoras de sua escola a se apropriar de um outro novo instrumento para superar

a perda de sua interação com a sua turma e a possibilidade de outros profissionais/metodologias/realidades de ensino determinarem seu trabalho durante esse período pandêmico. A professora elaborou e está realizando um projeto no qual conseguiu estabelecer um canal de comunicação com parte de sua turma, utilizando a plataforma Zoom como um instrumento de trabalho, *todos os dias das 10:30 às 11:30*.

A professora também relata que está *gravando todas as suas videoconferências com os seus alunos* e que enxerga nessas filmagens, que fazem parte de sua pesquisa acadêmica de mestrado, também um novo instrumento auto-avaliativo de seu trabalho de ensino.

Porém, alguns instrumentos não mudaram, como no caso das atividades impressas que a professora envia para a escola para impressão e para que os responsáveis dos alunos que estão *meio isolados* e não estão conseguindo acessar as aulas neste novo formato *irem buscar na escola*, conforme podemos observar no trecho do seu texto inicial apresentado abaixo.

Adaptação dos antigos instrumentos com as novas prescrições de trabalho

Sônia

E também eu tô tendo que atender as crianças que não têm acesso a nada né televisão, celular. Então, assim, eu entro em contato com a diretora, peço para imprimir as coisas que combinam com esses pais para irem buscar na escola. Então, de vez em quando aparece uma mãe ou outra pedindo socorro também, porque tem essas crianças que eu não tô conseguindo atender porque elas estão meio isoladas. Não dizer assim, né, só por via WhatsApp eu consigo contato com elas.

Então, assim, esse é meu cotidiano, sabe? Que esses dias, essa semana passada, eu passei quase um dia inteiro, manhã e tarde, e eu trabalho só no período da manhã, só 20 horas de trabalho, mas eu... eu passei o dia inteiro fazendo prova. E, detalhe, não só a minha prova eu tive... eu tive que digitar prova de outros colegas porque elas não têm acesso à tecnologia, entendeu? Então eu tive que entrar no Google forms, tá, e aprender a mexer na marra, porque eu nunca tinha feito uma planilha. Mas não é difícil. Eu aprendi porque eu tenho facilidade com tecnologia, mas daí a coordenadora, ela falou para mim assim: "você passa as provas das professoras? Cada uma fez uma prova de uma matéria e você passa as provas dela para o pronto... para o prontuário... para o formulário?" Daí eu fui passando. Daí pensa... tive que passar a questão por questão. E

quando tinha imagem na questão tive que cortar imagem e colocar. Então a minha... o meu computador encheu de imagem recortadas na memória.

Só corrigindo uma coisa, Pesquisadora mestranda, eu falei que as professoras não têm acesso à tecnologia. Corrigindo essa parte: não é que elas não têm acesso, elas têm acesso. O problema é que elas não sabem mexer com a tecnologia do Google Forms.

Como prescrição de sua escola, a professora utiliza o *WhatsApp* como seu principal instrumento de interação, também através dele consegue acompanhar sua turma, enviar links de acesso às aulas, organizar a retirada de outros instrumentos desenvolvidos pela professora para os alunos com dificuldade de acesso ao conteúdo *online*, etc. Então, somente *via WhatsApp* como instrumento que a professora consegue *contato* com todos os seus alunos.

Da mesma forma que alguns alunos não têm acesso ao conteúdo durante o período pandêmico, como relatado no trecho acima, alguns colegas de trabalho também encontraram dificuldades em acessar os instrumentos por não possuírem competências digitais, ou seja, não possuírem conhecimento e/ou domínio das tecnologias utilizadas para o ensino remoto. Desta forma, ao reconhecer sua *facilidade com tecnologia*, a professora acatou a solicitação da coordenadora da sua escola para *passar as provas das professoras* para o formulário, porque *elas não sabem mexer com a tecnologia do Google forms*.

Para isso, Sônia relata que *teve que entrar no Google forms e aprender a mexer na marra, porque ela nunca tinha feito uma planilha*. Sua atividade, portanto, se torna fonte de aprendizado de novos conhecimentos e desenvolvimento de capacidades do trabalhador (MACHADO, 2007, p. 92). Assim, a professora Sônia mobilizou suas habilidades e capacidades pessoais para adquirir uma nova competência digital e, assim, superar seus próprios impedimentos e auxiliar o coletivo para o cumprimento das tarefas.

Da mesma forma, a professora Alice e seu coletivo de trabalho docente da rede pública de ensino em Curitiba-PR, também mobilizam habilidades e capacidades pessoais para o desenvolvimento de competências necessárias para o trabalho individual e instrumentos para usos individual e coletivo. Conforme apresentamos na seção sobre interação, a professora Alice elaborava seus planejamentos ao longo do ano no ensino presencial montando seus planos de aula semanalmente durante seus dias de permanência, sendo o da manhã para as suas

aulas de Artes e o da tarde em conjunto com a professora regente do ensino fundamental I. Assim, tanto o seu planejamento individual quanto o planejamento coproduzido para sua corregência, esses instrumentos poderiam ir sendo moldados ao longo do ano, seja apenas por si mesma, em conjunto com as outras professoras de Artes da escola ou conjuntamente entre ela e a professora regente, de acordo com as necessidades vislumbradas por ambas na sala de aula.

Alice também relata em seu texto inicial, enviado dia 18 de junho de 2020, que juntamente com seu coletivo preparam o *planejamento e separam os materiais para a semana*, assim como *solicitavam aos alunos* alguns *materiais recicláveis* ou objetos que ela *preparou em casa* e que serviam de instrumentos para as aulas no período antes da pandemia, conforme apresentamos no excerto abaixo.

Interações modificadas pelo meio

Alice

*Preparamos as aulas no dia da permanência, juntos ou não com as professoras da mesma área. **Fazemos planejamento, separamos os materiais para a semana.** Se necessário é solicitado materiais com antecedência para as diretoras. Assim como utilizamos muitos materiais recicláveis, solicitamos aos alunos ou mesmo levo de casa. Exemplos desses materiais: caixa de papelão, potes de sorvetes vazios, cascos de coqueiros, tecidos, botões. Quando solicitado esses materiais, a participação é quase unânime, muito boa. [...]*

*Logo mais temos uma conversa informal sobre o conteúdo. Apresentando esse de maneira criativa, por meio de **história, vídeos, cartazes, filmes ou algo que preparei em casa para mostrar-lhes e terem como exemplo, para construirmos outros**, como: bonecas de pano, instrumentos musicais e etc. [...]*

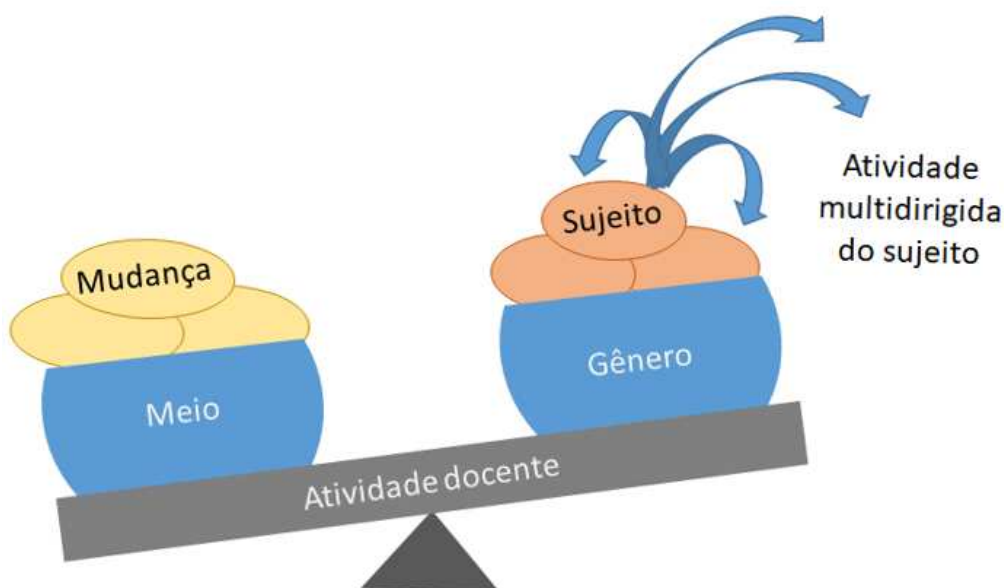
*Durante esse período de pandemia, que estamos vivendo, **nossa prática de trabalho mudou muito. Agora trabalhamos diretamente com o computador**, assistindo aulas online, todos os dias, fazendo planilhas, registrando todas as aulas, fazendo planejamentos e atividades para serem enviadas aos alunos. Ao meu ver, **está muito monótono esse trabalho, tanto para os professores, como para os alunos**, que também se sentem perdidos, e, às vezes, sem estímulo.*

Com o afastamento da escola devido à pandemia, a professora comenta que sua *prática de trabalho mudou muito*, pois *agora trabalha diretamente com o computador*. E para descrever essa mudança do seu meio, Alice traz consigo seu

coletivo de trabalho no seu agir discursivo, quando, para descrever a transformação de sua prática utiliza as palavras *nossa*, em *nossa prática de trabalho mudou muito*, e trabalhar alterando o tempo verbal para o coletivo *trabalhamos*, em *trabalhamos diretamente com o computador*.

Para interpretar essa situação, Ariati e Lima (2018, p. 199) utilizaram a metáfora com uma balança: quando as situações sociais concretas se modificam, ou o meio se modifica, o outro lado da balança, que é o sujeito, também deve se modificar a fim de garantir a tentativa da estabilidade em relação ao meio. Assim, “a cada mudança do meio é preciso atualizar o gênero para que este continue eficiente e eficaz na proporção que lhe cabe na organização social” (ARIATI e LIMA, 2018, p. 199).

FIGURA 12 – BALANÇA DA ATIVIDADE DOCENTE E SUA RELAÇÃO COM O MEIO E O SUJEITO.



FONTE: A autora (2020), inspirada na teoria de Ariati e Lima (2018).

Como vemos na imagem (FIGURA 12), a cada mudança do meio, o professor enquanto sujeito precisou adaptar e/ou modificar suas práticas para atingir os múltiplos destinatários da sua atividade. Então, consideramos como a atividade multidirigida do sujeito. De acordo com Ariati e Lima (2018, p. 199), o estilo corresponde exatamente à essa flexibilidade necessária para a existência e desenvolvimento da atividade. Então, ao imprimir estilo na atividade através da própria subjetividade, os professores reequilibram a balança do gênero, restabelecendo o meio e, consequentemente, a atividade docente.

Desta forma, quando motivado por uma intenção de agir, o sujeito produz um comportamento que busca o equilíbrio entre “dois pólos opostos, correspondentes a dois motivos antagonistas ou contraditórios, até que estabeleça entre eles um relativo equilíbrio” (LIMA, 2010, p. 207).

Então, com as mudanças advindas da atividade remota na pandemia, foi necessário que professoras e professores equilibrassem essa balança, adaptando e/ou modificando seu agir. Os professores precisaram desconstruir e/ou reconstruir seus instrumentos e, com o tempo, sua relação com esses instrumentos. Pois ao se tornar instrumento da ação, o gênero também está vivo na ação (CLOT, 2007, p. 94).

E com essas adaptações, o trabalho da professora Alice foi afetado a ponto de ela o considerar *muito monótono, tanto para os professores como para os alunos*, sobretudo devido à falta de interação entre eles. Porém, o próprio afeto “é uma desconstrução, uma desorganização, pois o vivido que é organizador genérico da ação” (CLOT, 2016, p. 94).

Da mesma forma que a falta de interação é apontada como uma preocupação, as novas formas de interação também acabaram aparecendo como uma preocupação logo nos relatos iniciais, como apresentado no próximo excerto, no qual o professor Luciano, que atua na EJA da rede pública estadual, escreve que atende os pais através do aplicativo de mensagens *WhatsApp*. O professor relata em seu texto inicial, entregue dia 10 de junho de 2020, que esse canal de comunicação acabou sendo forçadamente ⁷² instituído como um canal de comunicação com todos os elementos da comunidade escolar: alunos, pais e responsáveis, demais professores e administração escolar.

A escola dentro de casa

Luciano

Antes da pandemia, a organização do meu trabalho era bem definida: eu ia para a escola e exercia o meu ofício de professor e pronto. Antes eu voltava pra casa e os problemas da

⁷² Consideramos “forçosamente”, pois o próprio professor utiliza a palavra “força”. Além disso, nenhum professor durante os relatos iniciais entregues ou durante os encontros relatou que tenha recebido algum equipamento para uso no trabalho. Muito pelo contrário, todos os professores participantes concordaram que usaram equipamentos e aplicativos pessoais para fins profissionais durante esse período. Texto integralmente disponibilizado no anexo I.

*escola ficavam na escola. Agora está diferente: **a escola está dentro da minha casa, sem dia e horário pra ir embora.** A dinâmica na organização do trabalho é o mesmo: elaborar as aulas, aplicá-las e tirar dúvidas, porém eu fazia isso em um tempo determinado com cada turma (50 min). Agora a gente tem que fazer tudo isso, porém **você fica refém do aluno, da direção, equipe pedagógica. 24h por dia. Não tem mais dia e horário pra receber ligação, mensagem, e-mail.** [...]*

E por conta de toda essa dinâmica ainda aí, acaba sobrando pouco tempo para que você programe as aulas. Porque? Porque você fica, na maior parte do tempo, resolvendo problemas pequenos, assim de entrar em contato com alunos. Daí você liga para o aluno, o aluno não atende, você tem que retornar mais tarde, aí você tem que combinar com o aluno um dia para ele ir retirar essas atividades na escola. Aí, como se não bastasse, você tem que agendar também com a pedagoga para ver se ela vai estar disponível nesse dia na escola, enfim, né? E, sem contar também, alguns alunos que você tenta contato com ele (aconteceu comigo isso, né?) pelo WhatsApp, e ficou certo de eu encaminhar as atividades pelo WhatsApp e ele simplesmente bloqueia o professor. Simples assim: “não quero estudar, não me incomode, te bloqueei e depois eu resolvo”.

Por mais que esses canais de comunicação já existissem e fossem utilizados em muitos momentos com os diferentes sujeitos da comunidade escolar, a partir do momento que se estabeleceram como sendo os únicos possíveis para a rede pública de ensino, observamos que as transformações na interação dos professores com seus alunos foram profundas e sem previsões de suas consequências.

Se antes as relações poderiam ser mediadas pelos encontros, quais as consequências do *bloqueio* da persistência do *contato* do professor, considerado como *incômodo* aos alunos? Seria a frieza da palavra escrita, liberada de sua intencionalidade com a interpretação corporal e contextual nas aulas presenciais, responsável pela transformação dessas interações?

O professor Luciano, também traz consigo o seu coletivo de trabalho e seu gênero profissional em seu agir discursivo. Neste próximo trecho, fica claro que o professor fala de si em primeira pessoa de conjugação - *eu* - ao descrever seu trabalho no período anterior à pandemia da covid-19, alterando o sujeito da frase para seu coletivo - *a gente* - ao falar sobre o período do ensino remoto e para seu gênero - *nós, professores* - ao se referir sobre a classe de trabalhadores.

Equipamentos pessoais para interação profissional

Luciano

*Antes da pandemia, eu pensava que a minha vida no trabalho era um pouquinho agitada e estressante, né? Agora, pós pandemia, essa **minha** concepção mudou, né? Porque eu percebo que agora sim a minha vida tá extremamente estressante e mais atribulada, né? Porque? Porque antes eu saía da minha casa e eu ia para escola, fazia as minhas atividades, atendia os alunos, resolvia os problemas lá e acabaram. Eu só ia rever esses problemas, rever esses alunos no outro dia, em um outro momento, quando eu tivesse aula com esses alunos. Agora é o contrário, né? Ao invés de eu ir para escola é a escola que veio para dentro da minha casa. Então, a partir do momento que **a gente começou a dar aula à distância, literalmente a gente não teve mais sossego, né? Porque? Porque os nossos telefones foram disponibilizados para alunos**, então, e o aluno não tem essa sensibilidade de “hoje é sexta/hoje é sábado, não vou mandar mensagem”. Não! Eles mandam mensagem mesmo, de manhã, tarde e noite. Mesmo os dias sem vínculo que eu não teria aula na escola, né? [...] Então, o que que acontece? **A escola é que está dentro da minha casa e junto com ela estão todos os problemas**. Todos os problemas para resolver: de aluno que não está acessando as atividades, né, manda atividade por e-mail, manda atividade via WhatsApp, manda a atividade para escola para o aluno retirar na escola... Enfim, o trabalho, assim, ele dobrou, triplicou, né? E, **além das cobranças, né, a pressão psicológica que o Estado exerce ainda sobre nós, professores**. [...]*

Você ia para escola, resolvia os teus problemas lá: encarava a direção, os teus alunos e você vinha para casa e, entre aspas, você tinha aquele momento para você, né? E agora não, você tem todo mundo te ligando. É aluno te ligando, é a equipe pedagógica te ligando, é direção te ligando, mais as reuniões, né, enfim. [...]

*Agora a gente tem que fazer tudo isso, porém você fica **refém do aluno, da direção, equipe pedagógica. 24h por dia**. Não tem mais dia e horário pra receber ligação, mensagem, e-mail... No começo eu estava pirando pq queria resolver tudo. Agora não, eu respondo mensagem e e-mail e atendo ligações somente nos dias e horários que eu estaria na escola. Estou tentando me manter nessa organização, mas está bem difícil.*

O professor Luciano nos relata que, tanto o seu número de celular pessoal quanto de seu coletivo de trabalho *foram disponibilizados para alunos*, prescritivamente tornando aparelhos e aplicativos pessoais em instrumentos de trabalho. A partir dessa prescrição, o professor relata, também em nome de seu coletivo, que *não tiveram mais sossego*, pois se tornaram *reféns* desses

destinatários, 24h por dia.

No dia 02 de junho de 2020, a professora Kátia também escreve em seu texto inicial⁷³ que, a fim de não perder o *cenário de qualidade da escola no modelo “tradicional”*, o trabalho remoto acabou exigindo dos professores o aumento da sua carga horária para além do pessoalmente planejado e também do profissionalmente remunerado: *isso mudou, inclusive, o horário de trabalho, que se estendeu a momentos que, em uma situação normal, não seriam dedicados a ele*. A professora afirma, portanto, que a *aprendizagem* e o *domínio* desses novos recursos tecnológicos e suas *ferramentas digitais* foram seu *primeiro obstáculo*, como podemos observar no excerto a seguir.

Falta de instrumentalização e impedimento do trabalho docente

Kátia

*Sempre fui muito organizada. Eu trabalho há muitos anos em uma instituição que exige de certa forma isso, por conta do trabalho de registro e organização das atividades escolares. Assim, sempre tento estar uma ou duas semanas à frente: projeto minhas aulas, organizo materiais, verifico possíveis feriados e intervenções em minhas aulas. **O que sempre temi foi atrasar meu cronograma, atrapalhando, assim, realização de provas e fechamento de trimestre e a qualidade das minhas aulas. Obviamente isso também se deve à cobrança por parte da escola. [...]***

*Com a pandemia, o cenário de preocupações se alongou em relação às metodologias aplicadas e instrumentos de trabalho. Aprender a usar ferramentas digitais foi o primeiro obstáculo, pois a cada nova parte do processo de ensino e aprendizagem, o domínio de um novo recurso me era exigido. Minha organização se dá, agora, semanalmente: **uma lista de afazeres da semana** é feita na sexta-feira da semana anterior. Separo o que preciso fazer em fichas e com o dia da semana em que deve ser cumprido. Tenho conseguido manter de acordo com o previsto, mas por ter um cenário novo de comportamento, mas precisando manter **o cenário de qualidade da escola no modelo “tradicional”**, o desgaste tornou-se maior. Há que se manter uma rotina muito mais organizada. Isso mudou, inclusive, o horário de trabalho, que se estendeu a momentos que, em uma situação normal, não seriam dedicados a ele.*

⁷³ Anexo I.

A explicação para esse aumento do tempo de trabalho vem de encontro aos resultados obtidos pelo professor Lima (2010) em uma situação prática, batizada por ele de *instrução ao sócia in loco*. Lima relata que o trabalhador, quando não domina a forma relativamente estável do gênero, acaba confuso sobre *por onde* e *como* começar seu trabalho (LIMA, 2016, p. 38). Assim, a professora demanda muito de seu tempo para interação com os novos instrumentos de trabalho e sua autoformação tecnológica. Ou conforme a teoria de Béguin e Rabardel (2000, p. 181), na sua instrumentação⁷⁴.

Apesar disso, da mesma forma que os alunos do professor Anselmo de Lima, sua atividade também *começa por algum lugar* (2016, p. 44). Inicialmente, os professores também *tatearam desajeitadamente* a tecnologia em busca do desenvolvimento das aulas remotas, apegando-se às ideias de qualidade do seu trabalho de ensino de acordo com suas vivências em sala de aula e com o gênero no qual buscaram as “senhas” para sua formação profissional. De acordo com Lima (2010, p. 207), a atividade reguladora é um processo de reestruturação da atividade quando esta esbarra em uma dificuldade. Então essa busca pela apropriação dos instrumentos tecnológicos para fins didáticos, que chamamos neste trabalho de instrumentos didático-tecnológicos, pode ser definida com uma atividade reguladora, ou como chamada inicialmente por Lima (2010; 2016), uma “atividade egocêntrica”.

Para compreender essa aproximação, precisaremos revisitar os conceitos de Vygotsky (1991, p. 29), que define a fala egocêntrica como um fenômeno de transição entre a fala exterior e a interior. Isso ocorre no desenvolvimento da criança quando a fala social é internalizada, ou seja, quando a fala, que anteriormente era dirigida à um adulto, agora é capaz de orientar e organizar sua própria atividade “de acordo com uma forma social de comportamento”, transformando a linguagem interpessoal em intrapessoal (VYGOTSKY, 1991, p. 30). O momento de maior significado para o desenvolvimento da intelectualidade humana prática e abstrata, “acontece quando a fala e a atividade prática, então duas linhas completamente independentes de desenvolvimento, convergem” (VYGOTSKY, 1991, p. 27). Assim,

⁷⁴ Conforme já vimos na seção sobre os instrumentos do trabalho do professor, a gênese instrumental ocorre na união do artefato e seus esquemas de utilização, tendo, portanto, duas dimensões diferenciadas pelo foco: a instrumentalização, que é orientada para o artefato e no qual o artefato evolui, e a instrumentação, que é orientada para o sujeito e na qual o sujeito que se desenvolve (BÉGUIN e RABARDEL, 2000, p. 181).

da mesma forma que a fala egocêntrica evolui e não involui, as funções intersíquicas evoluem para as intrapsíquicas.

Porém, seja pelo cenário assustadoramente novo, pela urgência em ocupar as crianças e jovens em casa ou pela combinação desses dois fatores, esse tempo de aprendizado, de conversão de informações em conhecimento e, este, em sabedoria, para permitir que os professores significassem e tornassem seu trabalho de ensino uma atividade pessoal e única, não lhes foi oportunizado. *Pois a cada nova parte do processo de ensino e aprendizagem, o domínio de um novo recurso lhes era exigido.*

Podemos observar esse fato no relato da professora Helena, dia 06 de junho de 2020, que apresentamos no excerto abaixo retirado do texto inicial sobre seu trabalho antes da pandemia. Helena também relata que *não foi fácil no início pelo fato de aprender a lidar com novos recursos tecnológicos.*

Interação com novos instrumentos e aprendizagem

Helena

*Novos recursos e maneiras foram encontradas para adaptar esse momento. **Não foi fácil no início pelo fato de aprender a lidar com novos recursos tecnológicos. Mas, na medida do possível, as coisas foram ocorrendo de maneira mais tranquila e a facilidade em aprender sobre esses novos recursos ajudou tanto para a professora como para os alunos.** A organização é diferente das aulas presenciais. [...]*

*No meu caso o que estou sentindo é a falta de socialização e as práticas, pois **obviamente não é possível aplicar tudo que estava em planejamento.** Mas acabei criando uma solução para tentar motivar e envolver eles ainda mais na Live.*

Com o passar dos dias e com o apoio do seu coletivo de trabalho, que é o mesmo da professora Kátia, a professora Helena teve tempo para uma maior interação com os instrumentos e, com sua *facilidade em aprender sobre esses novos recursos*, suas tarefas *foram ocorrendo de maneira mais tranquila.*

A mesma dificuldade foi vista também no texto inicial da professora Rita, entregue no dia 11 de junho de 2020, que apresentamos no próximo trecho destacado. Rita, que é colega de trabalho de Kátia e Helena, descreve no texto⁷⁵

⁷⁵ Anexo I.

uma rotina profissional bastante intensa já antes do afastamento das escolas devido à pandemia. Após o início do ensino remoto, a professora afirma que seu *trabalho se intensificou ainda mais*, pois precisou de sua *adaptação*, pois além de não ter em sua casa *recursos apropriados* para o trabalho remoto, também não lhe foram ofertados *preparação* ou *treinamento* à nova realidade pandêmica.

Busca pela adaptação ao ensino remoto

Rita

Sem dúvida a minha rotina profissional mudou muito desde o início do isolamento social por conta da pandemia da COVID-19. As medidas de distanciamento social fecharam a escola onde trabalho no dia 20/03. Desde então, sem preparação/treinamento, sem planejamento adaptado e sem recursos apropriados, tive que me adaptar a modalidade de ensino à distância, portanto o meu trabalho se intensificou ainda mais.

Garantir a comunicação com os alunos por meio de videoaulas e lives tem sido um dos maiores desafios, pois, elaborar aulas nesse novo formato requer muito mais tempo de preparação, mais conhecimento tecnológico e desenvoltura diante das câmeras. Vale ressaltar que mesmo me considerando uma professora adepta às novas tendências relacionadas à educação, ensinar por meio de uma câmera ainda é o maior obstáculo.

Como trabalho em uma instituição privada, a qual está preocupada em perder seus clientes, e isso é muito compreensível, lidar com o aumento das exigências e da pressão por parte da gestão, adaptar-se a ferramentas virtuais, preparar aulas e atividades que mantenham os alunos estimulados, estar disponível para esclarecer dúvidas, vem tomando o meu tempo de domingo a domingo. Sem contar a constante preocupação para que nenhum aluno fique para trás durante a suspensão das aulas.

Muito tem se falado que os professores precisam se cuidar, precisam estar bem, dispostos e relaxados para poderem mediar o conhecimento da melhor forma. E, para que isso ocorra é importante priorizar o equilíbrio emocional, a prática de atividade física, uma alimentação saudável, sono regularizado, qualidade na vida familiar. Aí eu me pergunto – Como dar conta da vida pessoal se tenho priorizando, diariamente, a minha vida profissional?

Inevitavelmente, a preocupação com o bem estar é somada ao medo de perder o emprego⁷⁶.

Assim como sua colega Helena, a professora Rita se considera *uma professora adepta às novas tendências relacionadas à educação*. Seu maior obstáculo está em *ensinar por meio de uma câmera e garantir a comunicação com os alunos por meio de videoaulas e lives*. Para Rita, *elaborar aulas nesse novo formato requer mais conhecimento tecnológico, desenvoltura diante das câmeras, adaptar-se a ferramentas virtuais, preparar aulas e atividades que mantenham os alunos estimulados, estar disponível para esclarecer dúvidas e, conseqüentemente, muito mais tempo de preparação*. Então, para cumprir prazos prescritos e bem lidar com o aumento das exigências e da pressão por parte da gestão da sua escola, o trabalho vem tomando o seu tempo *de domingo a domingo*. Por isso, a professora finaliza seu texto inicial com uma intensa reflexão: *Como dar conta da vida pessoal se tenho priorizando, diariamente, a minha vida profissional?*

Então, mesmo com prescrições iguais e com o compartilhamento e a autoformação do coletivo sobre as ferramentas descobertas, como no caso da professora Kátia e suas duas colegas de trabalho nesta mesma escola e participantes desta pesquisa, todas relataram que tiveram seu tempo de trabalho muito ampliado para conciliar aprendizado pela interação com os novos instrumentos de trabalho e o seu trabalho de ensino, em decorrência da cobrança pela urgência no oferecimento dos conteúdos programáticos de estudo para os alunos da rede particular de ensino.

Todas essas mudanças nas interações decorrentes das transformações do meio estabelecido pelo afastamento das professoras e professores das escolas em decorrência da pandemia também foram relatados pelos participantes da pesquisa em todos os encontros. Na próxima seção, apresentamos fragmentos desses relatos e as análises originadas a partir da abordagem teórico metodológica.

4.3. ANÁLISE DAS INSTRUÇÕES, RETORNOS E DISCUSSÕES

⁷⁶Em hipótese alguma deixamos de observar a palavra *medo* utilizada pela professora como descritiva de sua possível prioridade ao trabalho em detrimento de seu bem estar. Apenas consideramos que, em virtude do tema apresentado nessa pesquisa, não caberia a discussão política e social que se apresenta nessa emoção, embora saibamos que essa discussão é fundamental para a saudável retomada das aulas em 2021, seja em trabalho remoto ou não.

Conforme apresentamos nas análises dos textos iniciais, as interações dos professores participantes da pesquisa com seus alunos, colegas e demais integrantes da comunidade escolar, bem como com seus instrumentos de trabalho se deram de maneiras distintas desde o início do isolamento. Portanto, analisando os textos originados a partir das transcrições dos encontros, subdividimos e analisamos a interação conforme a seguinte sequência: interação humana, interação didático-pedagógica, interação didático tecnológica, interação como promotora da saúde e a interação como instrumento psicológico.

Nas interações humanas, de acordo com os relatos das professoras e professores participantes da pesquisa, apresentamos as interações com seus alunos, seu coletivo e/ou colegas de trabalho, com os demais gêneros profissionais atuantes na escola (tais como pedagogos, coordenadores, diretores, gestores etc.) e com os pais ou responsáveis legais pelos alunos.

Como interações didático-pedagógicas, apresentaremos as interações relatadas durante os encontros das professoras e professores com suas prescrições, suas tarefas, seus planejamentos, seus materiais didáticos (adotados pela escola e/ou desenvolvidos pelas professoras e professores), com as avaliações e atividades construídas, bem como os meios de comunicação prescritos para fins pedagógicos (tais como *WhatsApp*, *Meet*, *lives* etc.) e com os antigos instrumentos de trabalho. Como interações didático-tecnológicas, apresentaremos a interação relatada pelas professoras e professores participantes com seus novos instrumentos tecnológicos de trabalho, tais como plataformas, programas, videoaulas etc.

A interação também foi classificada como promotora da saúde das professoras e dos professores participantes. Na perspectiva adotada pela pesquisa através da clínica da atividade, como a saúde é “um poder de ação sobre si e sobre o mundo, adquirido junto dos outros” (CLOT, 2010b, p. 111), a correlacionamos ao trabalho na medida em que afeta as trabalhadoras e os trabalhadores aumentando ou diminuindo seu poder de agir, impedindo ou permitindo a busca por superações de obstruções à realização de suas tarefas.

E, por fim, apresentaremos a interação como instrumento psicológico quando desempenha o papel de “fonte para aprendizagem de novos conhecimentos, pois pode desenvolver novas capacidades do trabalhador” (MACHADO e

BRONCKART 2009; MACHADO 2007, 2010b). Conforme apontado por Vygotski, a interação se torna fonte interpsicológica e recurso intrapsicológico para a atividade (CLOT, 2010b, p. 166), então a consideramos também como instrumento psicológico revelador das dimensões do *métier*.

Portanto, a partir das definições para cada uma das subdivisões da interação que observamos durante a pesquisa, apresentamos nossas análises nas cinco próximas seções.

4.3.1. Interações humanas

Conforme apresentamos no capítulo da metodologia, com a paralisação das atividades escolares devido à pandemia da COVID-19 (coronavírus), as aulas foram realizadas de maneira remota durante quase todo o ano letivo de 2020. Com isso, o tema “interação” foi abordado desde os textos iniciais, conforme apresentamos no último tópico deste capítulo, até o último encontro realizado, perpassando todas as instruções, retornos e discussões.

No dia 18 de junho de 2020, em ambas as instruções, o tema apareceu como uma das maiores mudanças no trabalho e um impedimento no desenvolvimento da atividade docente. No caso do professor Luciano, atuante em Curitiba na EJA da rede pública estadual, a interação com os alunos é completamente assíncrona. Como relatado pelo professor em outro momento da instrução, em comum acordo com a direção da escola e a secretaria da educação, como uma excepcionalidade da EJA por considerarem que a linguagem inadequada e o planejamento homogeneamente proposto pelo estado para o ensino regular não contemplavam o ensino de adultos, as atividades são elaboradas integralmente pelo professor.

Embora desenvolva materiais contextualizados e direcionados à realidade das suas turmas, o professor Luciano relata que a interatividade dos seus alunos durante as aulas remotas ainda se mostrou baixa, conforme podemos acompanhar no excerto abaixo.

Sósia: E essa aula às 09:10, então, quando eu entro online com eles, é com vídeo ou é só escrito?

Luciano: **Escrito. É uma aula descritiva.** Tem leitura, interpretação de texto, produção de texto em forma de resumo. E aí tem...

Sósia: É... eu não falo diretamente com eles então? Eu só escrevo?

Luciano: Exatamente. Vai ser **tudo pelo mural e pelo... pelo link de criar atividades** que tem no Google Classroom.

Sósia: E como é que eu sei, por exemplo... Quantos alunos eu tenho nessa sala?

Luciano: Nessa sala você tem vinte e um. [...]

Sósia: Normalmente os vinte e um alunos estão presentes?

Luciano: Não. **São poucos alunos que estão presentes.** [...]

Luciano: Mas você também deve ficar preparada, porque **dos vinte e um alunos, é, uns quatro, no máximo cinco, é que vão acessar a sala de aula nesse dia.**

IS – Professor Luciano

Podem existir diversas explicações para pouca interação dos alunos com o professor Luciano, desde a falta de acesso às ferramentas digitais até a falta de interesse dos alunos, sendo cada uma dessas ainda possível por inúmeras origens. Para alguns alunos, esses fatores ainda podem ser somados. E, para a EJA, considerando todas as obrigações de adultos somadas ao retorno aos estudos, essa constatação fica ainda mais complexa. Porém, uma das explicações para a falta de interação desses alunos que, aparentemente, não possuem qualquer impedimento pode estar no excerto abaixo.

Sósia: Então eu não posso montar minha aula com vídeo, por exemplo. Eu não posso trazer um vídeo porque por acaso aquele aluno que vai pegar em papel, não pode assistir o vídeo.

Luciano: É, exatamente. Você pode até trazer o vídeo, mas pra complementar alguma coisa, mas não que a tua aula seja baseada no vídeo. Só pra reforçar, como uma sugestão didática complementar. Nesse sentido, sim. Fora isso não.

Sósia: Não posso me basear naquilo. E nem filme? Eu posso sugerir algum filme, por exemplo? Um filme mais comum... ou também não?

Luciano: Também não. O que você pode trabalhar seria um trecho de filme, mas descritivos. **Escrito, pra leitura.** Fora isso é difícil.

Sósia: E atividades... link de Youtube? Eu não posso usar nenhum tipo desses recursos?

Luciano: Só como material complementar.

Sósia: Então é só texto escrito?

Luciano: *Exatamente. E o que você pode usar? Você pode buscar em banco de imagens do google... **muitas imagens, né? Pra poder deixar a tua aula mais dinâmica.***

Sósia: *Certo.*

Luciano: ***Pra não ficar só no texto.***

IS – Professor Luciano

Além das aulas estarem sendo assíncronas, são puramente textuais escritas. Ou seja, além de não possuírem nenhum momento de interação em tempo real, como relatado no decorrer da instrução, também não existe a possibilidade de usar qualquer outro material audiovisual que não esteja em formato de texto escrito ou, no máximo, uma ilustração estática em formato de imagem.

Nesse sentido, percebemos a preocupação do professor em planejar uma aula atrativa e *mais dinâmica*, a fim de aumentar a interação com seus alunos, porém impedido pelas limitações das prescrições para o formato remoto estabelecido. Apesar da limitação estar sendo justificada com a intenção de acessibilizar o ensino àqueles que não tem acesso às aulas, acaba tolhendo outras inteligências e formas de aprendizados possíveis tanto através da interação com o meio, impedida pelo ensino remoto, quanto com a multifuncionalidade das linguagens, impedida pelas prescrições⁷⁷.

A ausência de outros signos para formação de significantes no processo pedagógico durante esse período de ensino escolar remoto, completamente dependente dos meios digitais de comunicação, dificulta o trabalho de ensino e, consequentemente, dificulta também o processo de aprendizagem. Afinal de contas, tomando como base Vigotski (1991), o desenvolvimento cognitivo é mediado por ferramentas que são criadas e modificadas durante a interação com seu meio, possibilitando novas experiências e conhecimento.

Desta forma, quanto mais diversificados os signos com uma mesma significância são oferecidos aos alunos, maior a quantidade de experiências semióticas e a probabilidade de aprendizado. E, na mesma proporção, quanto maior o contato do professor com diferentes signos do meio digital, maior seu aprendizado para a transposição didática e melhor a contextualização desses conteúdos.

⁷⁷ Gostaríamos de registrar que caberiam inúmeras discussões sobre a real acessibilidade dos alunos ao ensino remoto durante o período pandêmico e suas incalculáveis consequências educacionais para a população mais desprovida economicamente, mas que, pela temática da pesquisa, não serão abordadas.

A leitura dos signos midiáticos, enriquecida por um adequado repertório teórico-metodológico, amplia o entendimento consciente do que se vê, bem como a capacidade de lidar com a linguagem e os recursos infinitos que ela nos oferece (SANTAELLA *et al.*, 2011, p. 76). E na medida em que a atividade de linguagem é atividade social, o pensamento ao qual ela dá lugar é também, necessariamente, semiótico e social (BRONCKART, 2008, p. 71).

Porém, mesmo explorando mais signos midiáticos, a professora Kátia nos revelou outra realidade. Durante a segunda instrução realizada ainda no primeiro encontro, a professora do ensino médio da rede particular de ensino em Curitiba, na data da instrução, estava ainda no terceiro momento de adaptação ao ensino remoto estabelecido pela escola na qual leciona, o qual detalhamos na seção da linha do tempo, no capítulo de metodologia. Ou seja, a professora grava, edita e disponibiliza videoaulas juntamente com roteiros e atividades de estudos para seus alunos, além de fazer as revisões durante as *lives*. Conforme relatado pela professora no excerto a seguir, esta destaca a restrição dos horários para interação com seus alunos, estes também interagiam muito pouco no momento nas oportunidades que lhe eram disponibilizadas através das prescrições da escola.

Sósia: Como que esses alunos... Como é que eu entro em contato com esses alunos? Eu posto no Teams e eu tenho, como a gente já falou, a gente tem um grupo de turma, um grupo da escola, alguma coisa? Ou não, nosso único contato é pelo Teams?

*Kátia: É **extremamente proibido contato com você e os alunos se não for pelo chat e no horário da live.***

Sósia: Então eles não vão me fazer pergunta no meio da live?

Kátia: Eles vão e você não vai responder.

Sósia: E eles não vão me fazer pergunta no WhatsApp? Eles vão me mandar no WhatsApp?

Kátia: Tudo pelo chat do Teams. [...]

Sósia: Certo. Eu recebo e eles não são obrigados a abrir o vídeo.

*Kátia: **Não são obrigados a abrirem o vídeo. A maioria prefere sequer falar, preferem o chat**, então você vai ter que se acostumar a ter o chat do seu lado ali, enquanto você fala. E você...*

Sósia: Lendo ao mesmo que eu tô aqui não interagindo por que não tem ninguém com o vídeo.

*Kátia: Aham. Mas a interação é quase zero. Então, você vai preparar uma aula de cinquenta minutos, você vai preparar quarenta e cinco minutos por esses detalhes de esperar eles chegarem e tudo mais, mas são quarenta minutos de um monólogo, porque **difícilmente alguém vai te interromper para questionar.** [...]*

Sósia: Mas justamente por você me dizer que a escola se diz uma escola que prima pela emoção, pela afetividade, é... esse argumento não vale pra eles permitirem ou pensarem nesta questão de alguns momentos de obrigatoriedade mesmo, né? Por que a obrigatoriedade do vídeo os alunos reclamam um monte no início, mas depois eles se habitua por que eles gostam de ver os colegas também. Né? Então...

Kátia: O que eu acho e o que... que teve muito é o medo da exposição obrigatória e isso gerar um processo. Um pai que se sentiu... uma família que se sentiu invadida ao colocar a obrigatoriedade de ligar o vídeo. Então, assim, eu sinto que há um receio por esse lado.

IS – Professora Kátia

Conforme relatado pela professora, durante as suas *lives*, os alunos não são obrigados a abrirem suas câmeras. Assim, a professora relata que a maioria dos estudantes não o faz. Legalmente, segundo a Constituição Federal⁷⁸, artigo 5º inciso X, são invioláveis a imagem e a intimidade das pessoas. Da mesma forma, conforme previsto na Lei de Direitos Autorais nº 9.610⁷⁹ de 19 de fevereiro de 1998, a produção de materiais audiovisuais depende da autorização expressa dos participantes.

Na prática, ao iniciar o ensino remoto, a questão se resolveria, pelo lado dos professores, com a autorização através de um termo ou um aditivo ao contrato de trabalho previamente estabelecido. E foi exatamente o que muitos professores relataram que aconteceu na rede de ensino particular de Curitiba, naquelas escolas que já não tinham essa autorização de uso da imagem entre os documentos assinados no momento da contratação dos docentes.

Porém, por mais que algumas instituições tivessem a autorização por parte dos responsáveis antes mesmo da pandemia, as questões legais e éticas que envolvem a abertura da câmera pelos estudantes para participação em aula foram e

⁷⁸ BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 20 nov. 2020.

⁷⁹ BRASIL. Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9610.htm>. Acesso em: 20 nov. 2020.

são motivos de muitas reportagens⁸⁰, muitos artigos de esclarecimentos jurídicos⁸¹, e, sobretudo, motivo de *angústia* para os professores, conforme observamos no próximo excerto, das discussões após a instrução da professora Kátia.

Sósia: Me diz uma coisa, Kátia. Eu insisti porque, assim, bom, tem um momento da live... Não tem interação... Já foi conversado sobre isso pra que a gente... pra que vocês possa, né? A gente, né? Eu já tava tão no “eu” ali. É... uma resposta para exigir um pouco mais a participação dos alunos dessa videoaula, pelo menos com a câmera ligada? Mesmo que eles fiquem mudos, mas quando a gente olha pras carinhas, né? A gente aqui eu tô olhando pra vocês, quando a gente se olha é diferente, né?

*Kátia: Sim. É uma das **angústias** que a equipe de professores passou pra coordenação, foi justamente **o distanciamento que continuou por conta dessa falta de interação de professores querendo interagir e alunos não interagindo.***

Sósia: Hm-huh.

*Kátia: Então é... até se pensou pela equipe de professores, isso foi levado a frente, a ideia das lives serem de conteúdo inédito até para promover, atrair mais alunos e isto levá-los a participar mais. Mas a rede não levou isso em consideração e se manteve ainda como lives de pura revisão, sem nenhuma novidade assim. Então o que que eu sugiro que você faça no final da live é, como é uma escola que diz pegar muito pela ideia também do... das emoções, é, eu sugiro que você abra o coração e fale: “olha, **eu estou com saudades, eu sinto falta de vocês, eu queria que um pelo menos ligasse o microfone e me desse bom dia**”.*

Discussões entre pares após IS – Professora Kátia

Mesmo com a possibilidade de dois estímulos a mais que o professor Luciano, auditivo e visual, de acordo com a professora, ambos não estavam sendo utilizados pelas suas turmas. Desta forma, a professora Kátia afirma que continuou sentindo que havia um *distanciamento* pela *falta de interação* dos alunos, relatando que tanto ela quanto seus colegas estavam *querendo interagir*.

⁸⁰ Ver O aluno é obrigado a ligar a câmera durante a aula online? Disponível em: <<https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/aluno-ligar-camera-aula-online/#:~:text=%E2%80%9CNo%20meu%20entendimento%2C%20a%20escola,a%20escola%20n%C3%A3o%20pode%20obrigar.>>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

⁸¹ Ver Retomada das atividades docentes de forma remota e emergencial na pandemia. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/84668/retomada-das-atividades-docentes-de-forma-remota-e-emergencial-na-pandemia>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

Um conceito vigotskiano importante que podemos abranger nessa análise é a experiência emocional ou a *perejivanie*. Para Vigotski (1994), a experiência emocional (ou *perejivanie*) é quando as características ambientais, ou a situação que se está vivenciando, une-se indivisivelmente às características pessoais, ou as particularidades de como o sujeito experiencia o mundo e o evento em questão. Ou seja, “todas as características pessoais e todas as características ambientais são representadas em uma experiência emocional (*perejivanie*)” (VYGOTSKY, 1994).

Os conflitos experimentados por e entre os sujeitos escolares, professores e alunos, são a base para o seu desenvolvimento. Ou seja, as contradições interpessoais são essenciais para o desenvolvimento intrapessoal, sendo o meio pelo qual “o indivíduo internaliza a experiência coletiva e se transforma por meio dela” (LIBERALI e FUGA, 2018, p. 366).

Quando a professora Kátia relata não perceber a interação dos seus alunos, podemos observar a dimensão definida como *perejivanie*. Desta forma, como cada sujeito experiencia a aula com sua própria emoção, de modo particular, não podemos afirmar que a interação está *quase zero*, pois tanto a percepção da interação pela professora quanto a interação propriamente dita dos alunos acaba refratada pelo que Vygotsky (1994) chamou de “prisma da experiência emocional” de cada sujeito.

De acordo com Rego (1995), o desenvolvimento humano se constitui na interação dialética, através das trocas recíprocas que se estabelecem entre indivíduo e meio, um influenciando o outro (REGO, 1995). Entretanto, para Vygotsky, o meio não é sinônimo de “sistema social”, mas sim o mundo cultural, em seus múltiplos cortes macroscópicos e microscópicos, apresentado ao sujeito através do *outro* (OLIVEIRA, 1992, p. 67). Assim, por mais que estejam conectados aos equipamentos eletrônicos ao mesmo tempo e no mesmo local virtual, o dito *online*, a professora relata sua percepção de que ela e seus alunos não se conectam entre si.

Essa percepção se confirma quando a pesquisadora, no papel de sósia, cita o fato de *olhar para as carinhas* durante a aula, a professora imediatamente relaciona essa falta de interação visual e auditiva com uma manifestação do seu coletivo de trabalho, da *equipe de professores*, para tentar superar essa situação. Porém, como um senso comum observado entre grupos de profissionais e corroborado pelos professores participantes desta pesquisa, observamos que as

escolas optaram por desobrigar os alunos a abrirem suas câmeras durante as aulas remotas.

Então, ao não realizar a troca gestual com seus alunos através do olhar, a professora se sente impedida de realizar seu trabalho da maneira como julga mais eficiente dentre suas capacidades docentes. E, ao não conseguir discutir esse impedimento identificado por ela para o desenvolvimento do seu trabalho, a professora se sente sem resposta, privada de um dos seus sentidos que é a observação dos seus alunos, e isso a atrapalha no uso de uma das suas principais habilidades para tornar sua aula eficaz.

Para Clot (2010b, p. 10), sob os pressupostos teóricos da clínica da atividade, o sentido da atividade se perde quando desaparece a relação entre os objetivos que lhe são impostos, os resultados a obter obrigatoriamente e o que é verdadeiramente importante para os trabalhadores. Assim, com a impossibilidade de discutir o que é verdadeiramente importante para a qualidade do seu trabalho, os professores perdem o sentido da sua atividade, a qual se encontra “atingida, então, em seu desenvolvimento”, o que acaba por “desvitalizá-la e por desafetá-la, tornando psicologicamente artificial o prosseguimento da ação” (CLOT, 2010b, p. 11).

Então, mesmo ao receber a negativa da solicitação por parte da instituição, a professora Kátia busca individualmente superar o desafeto de sua atividade, superando sua *angústia* e prosseguindo sua ação através da manifestação de suas *emoções*, *abrindo o coração* e pedindo aos seus alunos mais interação. Pois as emoções também são extra-orgânicas, fixadas no social e na linguagem (CLOT, 2016, p. 89). E conforme observamos no próximo excerto da continuidade das discussões, essa manifestação vem projetada na sua linguagem durante a instrução à sua sócia daquilo que ela mesma, enquanto professora, *gostaria de ouvir*.

*Kátia: Um ou dois fazem isso. Falei: “quem vai ligar a câmera e me mostrar, eu sei que pode tá descabelado, eu sei que você pode tá aí debaixo das cobertas ainda, porque tá frio, mas pr’eu ver o rosto de vocês, por que eu sinto falta de vocês”. **A sugestão que eu faço é você falar aquilo que você quer ouvir.** Então: “eu sinto falta de vocês, eu sinto falta de ver o rosto de vocês, eu gosto de ouvir a voz de vocês, as gargalhadas que vocês davam e que eu até brigava porque não deixava eu continuar com a aula”. **E você vai conseguir algumas migalhas de olhares e vozes.***

Celina: *Migalhas de afeto.*

Discussões entre pares após IS – Professora Kátia

Poderíamos também considerar que a professora Kátia lança mão de uma estratégia emocional para persuadir a abertura das câmeras e conseguir observar seus alunos durante as aulas e, conseqüentemente, acionar essa habilidade perceptiva em sua atividade. Para isso, a professora relata que verbaliza para eles sua ideia de *ver o rosto* de seus alunos.

Segundo Christian Dunker⁸², as aulas online trazem à luz as idiossincrasias privadas, bem como o desagradável efeito de que podemos estar sendo "olhados" por todos, o que não acontecia nas aulas presenciais. Para Dunker, estar diante de uma câmera evoca em nós um espontâneo efeito de posse ou de auto-observação, que pode ser terrivelmente invasivo para os adolescentes, que no presencial tinham o formato tradicional das carteiras dispostas em fileiras para "desaparecer" em sala, e um "pesadelo didático" para as professoras e os professores. Os docentes, sem interação com seus alunos durante a pandemia, não conseguem sentir a "temperatura" de sua aula, e, conseqüentemente, não conseguem perceber os efeitos do que estão dizendo para suas turmas. Não conseguindo ajustar a velocidade de passagem de um tema para outro, acabam "cantando sem retorno", "voando no escuro", ou melhor, "voando no espelho", pois precisam se contentar em olhar para sua própria imagem falante na tela (DUNKER, 2020).

Conseguimos observar ambas as situações nesta fala anteriormente apresentada e também no próximo excerto, no qual a professora Kátia relata que seus alunos, adolescentes e jovens, mudaram seu comportamento durante as aulas remotas. Aqueles que antes *a esperavam na porta com abraços*, hoje não conseguem ligar as câmeras, e outros com os quais brigava pelas *gargalhadas* que não a deixavam *continuar com a aula*, mal ligam o microfone para lhe desejar um bom dia. E, quando ocorrem, esses poucos momentos de interação visual e sonora são classificados pela professora Kátia como *algumas migalhas de olhares e vozes* e sendo corroborada pela professora Celina como *migalhas de afeto*.

⁸² Ver Quais são os impactos psíquicos das aulas online nos alunos e professores. Disponível em: <<https://blogdodunker.blogosfera.uol.com.br/2020/07/24/quais-sao-os-impactos-psiquicos-das-aulas-online-nos-alunos-e-professores/>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

Assim, a própria escolha do termo *migalhas* pode explicar o quanto seu “pesadelo didático” em “voar no espelho” durante as aulas remotas a afeta. Pois o pensamento e o discurso se unem em pensamento verbal através do significado, no qual podemos encontrar a resposta às nossas perguntas sobre a relação entre ambos (VYGOTSKY, 2001). Assim, se “ao lermos o mundo, usamos as palavras” (GERALDI, 2015, p. 32), também materializamos nossos pensamentos através delas.

*Celina: Então é uma **conquista** do professor, assim? **É a tua afetividade, é a tua sensibilidade. É você na tua personalidade fazer uma micagem ali.***

*Kátia: (inaudível) resistência muito grande dos alunos, que seriam aqueles que nós pensamos dominar mais as tecnologias, há uma resistência muito grande que eu sinto em se expor nessas tecnologias. **É... é... é muito interessante a maneira como são alunos que sempre na... nos antigos dias de aula, te esperavam na porta com abraços, de risadas e que hoje não conseguem ligar o microfone para dar ‘bom dia’.***

Discussões entre pares após IS – Professora Kátia

Observamos neste trecho do excerto que o fato dos alunos abrirem suas câmera e microfone para interagir sensorialmente é uma *conquista* através da *afetividade* e da *sensibilidade* da professora. Atribui-se, portanto, além de tantas outras relatadas nos encontros, mais uma atividade aos docentes neste período pandêmico: (re)conquistar a interação audiovisual, antes natural apenas pelos corpos presentes na sala de aula.

A incorporação dessa nova tarefa para as professoras da rede particular se apresenta através de dois mecanismos. O primeiro com a abstenção das instituições escolares na formalização do uso da câmera e do microfone como parte integrante e indispensável do processo pedagógico, repassando essa tarefa diretamente aos docentes, que, para realizá-la, podem lançar mão de *micagens*. E o segundo com a validação coletiva do discurso apresentado que observamos pelas professoras e professores participantes da pesquisa, formalizando⁸³ social e profissionalmente essa nova tarefa, tornando-a própria deste gênero profissional durante as aulas remotas. Porém, os professores nem sempre encontraram espaço para reelaborar as prescrições originadas a partir dessa condição e nem a interação dos gestores

⁸³ Ver CLOT, 2007, p. 38-39.

das instituições para compreender suas demandas, como podemos observar na reflexão da professora Kátia, realizada no seu retorno de instrução⁸⁴, dia 29 de julho.

Kátia: [...] A escola precisa pensar em professores que trabalhem com novidades ou que busquem essa metodologia que lhe garanta um conforto em trabalhar e em produzir, mas gestores que estejam dispostos também a evoluir com essa nova metodologia e com esses novos saberes. Porque eu sinto muito uma escola que quis que o professor fosse online, mas se pusesse o gestor lá, ele não saberia o que fazer. Mas o professor teve que aprender.

(Todos fazem sinal de concordância).

Sósia: E ele cobra uma coisa que ele não sabe fazer?

Kátia: Eu duvido, eu duvido que alguns gestores seriam capazes de ter quinze turmas no Teams como nós temos.

(Todos fazem sinal de concordância).

Sósia: E gerenciar tudo isso, né?

*Kátia: É o olhar... Exato. Eu acho que, que **olhar o papel de uma maneira mais conjunta. Nós professores nos juntamos**, como a Rita falou, fizemos grupo de WhatsApp **pra um ajudar o outro. Cadê o gestor pra poder aprender também?** Quantos gestores daí que fizeram formação pra aprender?*

(Todos fazem sinal de concordância). [...]

*Kátia: Então, e aí eu penso nisso, sabe? A gente... nós fizemos... e professor gosta muito dessa coisa, né? A gente quer carregar o mundo nas costas. Ah, mas qual vai ser a minha prática? O que que eu posso fazer? Por favor, precisamos delegar as atividades de uma maneira que a escola seja um processo de comunhão, comunitário. **A escola não é feita de professor apenas.** A gente reconhece o nosso protagonismo, mas a escola precisa... a escola é muito mais que isso. **A escola é muito mais que professor e aluno.** Pra... pra ver esse processo que nós já... já conversamos muito, eu aprendi muito aqui de ensino e de aprendizagem. É que são dois processos em que o professor está inserido, mas ele não é só. Sozinho você não é ninguém. Mas não é dele também o protagonismo único de reconhecer que, havendo uma gestão, é aquela famosa ideia de quem tá na sala de aula, né? **Quando um coordenador é, é, foi professor durante um tempo, tudo parece mais fácil.** *(Todos fazem sinal de concordância).**

Retorno da IS – Professora Kátia

⁸⁴ Apêndice VI.

Neste exemplo, a professora Kátia integra o gênero de professores, que está situado entre o gênero de coordenadores (também referenciados como gestores) e o gênero administrativo (representado pelas instâncias prescritoras do trabalho). Portanto, a atividade da professora é dirigida, sendo o resultado do eco à atividade dos outros dois gêneros e que busca imprimir um dado caráter à atividade que nela repercute (CLOT, 2007, p. 85).

Kátia relata que sentiu falta da interação com os demais gêneros sobre os quais sua atividade é dirigida, ou seja, dos coordenadores e gestores de sua instituição. Porém, a professora não cita apenas a interação de prescrição e supervisão, mas sim uma interação colaborativa na qual esses outros gêneros olhassem essas tarefas de busca, compreensão e uso dos artefatos tecnológicos, ou esse *papel, de uma maneira mais conjunta*⁸⁵. Pois os professores interagiram, se *juntaram* como puderam, *pra um ajudar o outro* e se tornarem *online*, conforme o que a escola *quis*. Por isso a professora questiona: “*Cadê o gestor pra poder aprender também?*” E, através da concordância unânime dos demais professores participantes do encontro sobre o seu retorno, podemos observar que essa é uma falta de interação também observada nas demais instituições e redes de ensino.

Para a professora, *quando um coordenador foi professor durante um tempo, tudo parece mais fácil*. Servir-se do gênero implica sua refinada apropriação (CLOT, 2010b, p. 126), pois o gênero é também um meio (CLOT, 2010b, p. 90). Pois *a escola não é feita de professor apenas, é muito mais que professor e aluno, a escola é muito mais que isso*. Assim, a interação colaborativa, esse olhar conjunto, se daria de modo a reviver na lembrança a função psicológica do gênero, compreendendo mais empaticamente as asperidades na realização do seu trabalho.

Com a concordância dos demais professores participantes, compreendemos que coube única e exclusivamente aos professores essa dupla tarefa de interação: a tarefa de interagir e de “saber lidar” com os artefatos tecnológicos para conseguir interagir pedagogicamente com seus alunos durante o período de aulas remotas.

4.3.2. Interações didático-pedagógicas

⁸⁵ Durante sua instrução, a professora relata que apenas recebeu um “tutorial caseiro” para realizar essas tarefas, fato que discutiremos nas próximas seções sobre Instrumentos.

À medida que os encontros foram acontecendo, as professoras e professores participantes desta pesquisa nos relataram mudanças nas diversas formas de interação que permeiam o trabalho docente, a partir das instruções, retornos e nas discussões subsequentes.

Iniciaremos as análises das interações didático-tecnológicas a partir de um excerto da instrução⁸⁶ da professora Rita, que trabalha a 11 anos como docente de Língua Portuguesa na rede particular de ensino da cidade de Curitiba-PR. A professora relatou em sua instrução como se dá parte da interação com seus atuais instrumentos de ensino: a videoaula, a sala de aula virtual (plataforma *Teams*) e os meios de comunicação prescritos para fins pedagógicos (*chat* e *live*). Da mesma forma, a professora relata a interação dos seus alunos com suas atuais ferramentas de aprendizagem: tanto as câmeras, microfones, computadores e celulares em casa, quanto o chat, as aulas assíncronas (videoaulas) e as aulas síncronas (*lives*), disponibilizados pela escola.

Sósia: Então assim, só pra eu ter uma noção que eu vou entrar sexta-feira pra te substituir. Quando que essa aula termina mesmo? Porque nessa eu posso ficar ali disponível no chat tudo. Quando, mais ou menos, qual o prazo dessa aula começar e terminar?

*Rita: Então, você começou às sete e vinte a sua live. Você encerrou a **gravação da sua live** às oito e dez, certo? E você vai continuar por que você tem outras lives, certo? Você vai continuar ali. **Quando todas as lives da manhã terminarem, tipo onze e cinquenta, você já pode começar a responder os... os seus alunos.** [...]*

Sósia: Eles participaram bastante?

*Rita: Eles participam mais, porque eles não se aguentam, eles querem falar. Aí na hora que eles estão falando, aonde que você vai... aonde que eles vão mandar você colocar a tal regra, **você vai instigando**: “Por que é aqui? Explique pra mim. Justifique”. E eles acabam falando. É... uma forma de que, **é uma forma de quebrar essa vergonha que eles têm de falar ao microfone, com câmera**. Ou nem precisa de câmera, quem não quiser liberar a câmera também não tem problema.*

Sósia: Aham. E eu posso falar pra eles que eles têm que abrir a câmera?

*Rita: Olha, você vai insistir pra eles, porque você vai fazer aquela **chantagem emocional**, né? Dizendo que tá com **saudade**, que **é muito melhor, você ver a pessoa falando ali do que só ouvir**, coisa e tal. Mas assim, você vai tentar, mas obrigar é difícil porque vai que*

⁸⁶ Apêndice VI.

você esteja obrigando alguém a liberar a câmera que não tenha, né? Só pra não colocar a pessoa numa situação meio constrangedora, assim. Então, obrigar, assim, não é muito legal.

IS – Professora Rita

Entre o início dos encontros até a data da sua instrução, realizada dia 29 de julho de 2020, houve uma nova prescrição da escola na qual Rita trabalha para o aumento no número de *lives* semanais em todas as disciplinas. Essas *lives* deveriam ser gravadas e disponibilizadas juntamente com os roteiros de estudo, as atividades de estudo e as videoaulas gravadas na plataforma digital utilizada pela escola. Mesmo já sendo um tema citado anteriormente durante todas as outras instruções dos professores das redes públicas municipais e estadual, como não foi relatado por nenhuma das professoras desta instituição, compreendemos que a falta de interação da maioria dos alunos durante as *lives* não se dava pela falta de acessibilidade à equipamentos eletrônicos e à internet⁸⁷.

Uma das alternativas que podem explicar a falta de interação dos alunos relatada pela professora, no que diz respeito à estrutura organizada pelas prescrições da instituição, é a combinação do fato de que as atividades de estudo eram as únicas atividades semanais responsáveis pela validação da presença, desobrigando a participação dos alunos nas *lives*, e a liberação em tempo integral do *chat* das turmas na plataforma para postagem de dúvidas, mais uma vez desobrigando os alunos à participarem do momento síncrono ofertado.

Contraditoriamente, portanto, *quando todas as lives da manhã terminam*, que são o momento prescrito pela instituição como sendo exclusivamente para esclarecimento de dúvidas, mesmo já sendo motivo de reivindicação⁸⁸ do grupo de professores para que fossem de conteúdos inéditos a fim de atrair mais a interação dos alunos, a professora Rita *já pode começar a responder* às dúvidas dos alunos no *chat* da plataforma.

Temos, portanto, uma nova prescrição das instituições de ensino, delegando única e exclusivamente aos professores a tarefa de atrair os alunos e criar momentos de interação com eles, seja para o primeiro contato com o conteúdo ou

⁸⁷ Comparativamente ao relatado pelos professores da rede pública e, sabidamente, pela característica da rede particular (salvo exceções, como em todo sistema educacional).

⁸⁸ Conforme discutimos anteriormente sobre a instrução da professora Kátia, nesta mesma seção.

para suas dúvidas, bem como manter esses mecanismos constantemente ativos. Desta forma, a professora planeja sua aula a fim de *instigar* e tentar *quebrar* a *vergonha* que seus alunos têm de *falar ao microfone, com câmera*, tentando explicar que, além de amenizar a *saudade*, também é pedagogicamente *muito melhor você ver a pessoa falando ali do que só ouvir*, conforme já discutimos nas análises anteriores.

Esse é um exemplo do trabalho com um dos pilares da tríade da atividade dirigida: da interação do professor com o seu objeto da atividade, que é o ensino. Porém, “para agir sobre o objeto da atividade, não há como não se levar em conta, simultaneamente, os outros que agem sobre o mesmo objeto” (CLOT, 2016, p. 93). Então, sem a corresponsabilidade pela participação dos alunos dos que agem sobre o mesmo objeto, ou seja, da instituição, fato inclusive que acreditamos ser o motivo da escolha da palavra *chantagem*, a professora afirma que *quem não quiser liberar a câmera também não tem problema* para conseguir mesmo assim realizar a sua tarefa.

Diferentemente da rede particular, que segundo o relato das professoras participantes apenas aumentou as prescrições e tarefas docentes, observamos durante as instruções que, com as novas prescrições durante o ensino remoto, houve a retirada de tarefas fundamentais para o trabalho dos professores da rede pública. Esse fato pode ser observado no próximo excerto, na instrução⁸⁹ da professora Celina, que leciona a disciplina de artes do 6º ano do ensino fundamental até o 3º série do ensino médio na rede estadual em uma escola da região litorânea, em Matinhos-PR.

Celina: A própria secretaria de educação posta essas atividades já de acordo com a videoaula.

Sósia: Ah. Essas atividades vem prontas, então?

*Celina: Aham. E a normativa que você recebeu na semana pas... essa semana, na segunda-feira, é dizendo que antes **você podia modificar a aula**, acrescentar alguma coisa, que você podia mexer nela. **Agora você não pode mais.***

Sósia: Aham. Essa semana eu parei de poder.

*Celina: **Parou de poder. Você engole. Com farinha. Sem água.** [...]*

Sósia: Então eu não sei, eu não sei o que que eu espero pra amanhã de manhã às 07:30

⁸⁹ Apêndice III.

da manhã?

Celina: *Amanhã de manhã você vê, daí você interage com os alunos se tiver alguém, se não tiver tudo bem. A maioria não pergunta, a maioria não posta foto. A maioria, na verdade, te procura tipo ontem. Ontem você conversou com uma aluna 00:18, do 6º ano, né? Tipo, 12 anos, ela tá 00:18 no celular de alguém da casa, perguntando como ela faz pra entrar no aplicativo por que é a primeira vez que ela tá entrando.*

Sósia: *E eu respondi?*

Celina: *Você queria não ter respondido, mas você respondeu. [...]*

Sósia: *Certo. E me diga uma coisa: essas aulas... tudo bem são as videoaulas, ok. E aí eles mandam a atividade. Isso acompanha minimamente o meu planejamento do início do ano ou já não segue mais o meu planejamento anual?*

Celina: *Não. Está totalmente fora de qualquer coisa que você tenha planejado.*

Sósia: *E como é que isso fica com relação à equipe pedagógica, daí entrando na escola. O que eles me dizem sobre isso? Eu tive que fazer um planejamento novo em cima dessas coisas que vem do governo?*

Celina: *Não.*

Sósia: *Não tem planejamento então?*

Celina: *Não, você engole com farinha o que eles estão mandando. Só.*

Sósia: *E como que eu preencho um RCO se eu não tenho um planejamento?*

Celina: *Você faz um “Ctrl + C”, “Ctrl + V” do que eles estão fazendo.*

IS – Professora Celina

No dia 24 de junho de 2020, durante sua instrução⁹⁰, a professora Celina relata que, até aquela semana, existia a possibilidade de planejar a sua aula, ou seja, até aquela semana, era possível adaptar os materiais disponibilizados pelo Estado para o seu contexto de ensino. Entretanto, a partir daquela nova prescrição advinda da secretaria de educação, a professora “*parou de poder*”, como no trocadilho feito pela sósia, tendo esta tarefa retirada do seu trabalho e, com ela, sua única possibilidade oficial de interação com seus alunos através da transposição didática do seu conteúdo.

Para Machado (2007, p. 93), o processo de planejamento, juntamente com a avaliação, são fases essenciais do trabalho docente para criação de um meio propício para a aprendizagem de conteúdos específicos das diferentes disciplinas e o desenvolvimento de capacidades específicas dos alunos. O trabalho docente

⁹⁰ Apêndice III.

mobiliza o professor no seu ser integral, orientando-se por um projeto de ensino que lhe é prescrito por diferentes instâncias superiores e com a utilização de instrumentos obtidos do meio social e na interação com diferentes outros que, de forma direta ou indireta, estão envolvidos na situação (MACHADO, 2007, p. 93).

Da mesma forma, Rabenort (2016, p. 188) arrisca-se na elaboração de uma teoria da educação em Espinosa na qual o professor seria o próprio currículo, pois é a pessoa a quem é delegada a tarefa de ajudar os homens a exercerem o seu poder de forma racional, já que entende o aluno e seu meio ambiente comum, sendo capaz de interpretar e dirigir a sua interação.

Assim, também é no planejamento que o professor se torna o próprio currículo escolar, pois expressa a integralidade do seu ser, transformando o trabalho de ensino na sua atividade e esta de impessoal para pessoal e única, mas sobretudo interpessoal e interacional. Mas, segundo a professora Celina, o planejamento que está sendo executado neste ano *está totalmente fora* do que ela havia planejado para suas turmas durante este ano letivo. Assim, a professora teve seus planejamentos praticamente impedidos.

O trabalho é o meio pelo qual os sujeitos se inscrevem numa obra coletiva e, na mesma medida, são capazes de personalizá-lo (CLOT, 1999). Assim, toda forma de impedimento da atividade induz a uma imobilização do dinamismo interno do sujeito, de sua energia vital, sem a qual o sujeito se esvazia, se retrai, perde a experiência do significado (BENDASSOLLI, 2011, p. 73). Portanto, ao perder a possibilidade de personalizar seu trabalho, o trabalhador é impedido de realizar sua atividade e perde sua energia vital, ou segundo os pressupostos teóricos da clínica da atividade, diz que o sujeito foi privado de seu poder de agir (CLOT, 1999, 2008, 2010).

Podemos observar que a professora Celina acaba duplamente impedida de realizar sua atividade para a transformação dos materiais pedagógicos encaminhados para as turmas do *Google Classroom* em instrumentos de seu trabalho. O primeiro impedimento, conforme já discutimos, está na impossibilidade de aplicar ou poder reelaborar os conteúdos dos anos e séries através do seu planejamento. Desta forma, a docente não teve a possibilidade de reorganizar suas tarefas através da personalização do seu conteúdo não apenas às suas turmas, mas ao contexto atual do ensino remoto. Como consequência da interação

descontextualizada pelos seus alunos com esses materiais, ela acaba se considerando impedida de realizar essa tarefa de elo de ligação de transposição didática entre os objetos de ensino e os objetos de aprendizagem, tendo que *engolir* a prescrição *com farinha e sem água*.

O segundo impedimento se deve à impossibilidade de sua interação prévia com os materiais pedagógicos postados pela secretaria de educação. Partindo dos pressupostos da gênese instrumental de Rabardel, a partir da construção de esquemas de utilização de uma ferramenta, surge e se desenvolve um instrumento, ou seja, ocorre a instrumentalização e a instrumentação (BÉGUIN e RABARDEL, 2000, p. 181). Sob a mesma perspectiva, Clot (2007), ressalta que um artefato, material ou simbólico, quando é devidamente apropriado pelo trabalhador, se constitui em instrumento para seu agir, para o seu trabalho. Assim, podemos concluir que, sem interação com os artefatos pedagógicos disponibilizados pela secretaria de educação, a professora não consegue trabalhá-los e/ou retrabalhá-los em seu agir neste período de ensino remoto, sendo impedida de transformá-los verdadeiramente em instrumentos.

Sendo assim, a professora acaba mais uma vez tendo que, mesmo contrariada, aceitar as prescrições, as *engolindo com farinha*. Ao ter que preencher seu RCO⁹¹, acaba copiando as informações disponibilizadas do planejamento do Estado, que é descontextualizado do seu, e reescrevendo-as como sendo o seu próprio planejamento, ou como na expressão comum da linguagem digital, fazendo um “Ctrl + C”, “Ctrl + V”.

Nesse mesmo excerto apresentado e assim como já discutimos para a rede particular de ensino, podemos observar a incorporação pela professora da tarefa de procurar novas formas de interação com seus alunos além da única oficialmente disponibilizada pela rede estadual, assíncrona, através do *Google Classroom*. Como relatado pela professora durante sua instrução, ela fez uma autoprescrição na forma de um projeto de reuniões no *Google Meet*, na tentativa de estabelecer mais um canal de comunicação para tentar maior interação com seus alunos, mas acabou

⁹¹ O RCO é o Registro de Classe On-line da Secretaria de Educação do Estado do Paraná (SEED-PR), que é um software que permite ao professor registrar conteúdos, avaliações e frequência dos alunos, dispensando o Livro de Registro de Classe impresso (<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1830>).

impedida pela falta de acessibilidade às ferramentas digitais e/ou à internet por parte dos seus alunos.

Na mesma intenção, mesmo não sendo um canal oficial de comunicação por prescrição do Estado, a professora relata durante toda sua instrução que acabou utilizando seu aparelho e seu aplicativo WhatsApp particulares para assuntos relacionados diretamente à realização das tarefas do seu trabalho. Além disso, também usava seu tempo pessoal para administrar as mensagens fora de seu horário de trabalho, as quais *queria não ter respondido*, mas *respondeu*, a fim de estabelecer esse como mais um canal de comunicação com seus alunos.

Ainda como relatado na sua instrução, a professora também já utilizou suas redes sociais para receber e divulgar os resultados dos trabalhos escolares de artes na tentativa de interagir com seus alunos, *resgatando-os*. Essa única atividade atual, de elaboração da própria docente, resultou em uma advertência escrita, a qual a fez refletir sobre os canais de comunicação que havia estabelecido para seu trabalho, conforme relatado pela professora nas discussões do dia 16 de julho, 3 semanas após a sua instrução.

*Celina: Aí... E aí aconteceu que... claro que na hora que eu recebi a denúncia, teve mais duas professoras que foram citadas e eu fiquei extremamente decepcionada, porque ela tava se referindo aquele trabalho das fotografias, que foi a única atividade extra que eu tinha feito, justamente **pra tentar resgatar os meus alunos**, né? Então, eu fiquei um tempo mal assim. E, de repente, numa revolta, eu lembrei de uma das nossas falas: “Grupo de WhatsApp não é canal oficial do Estado, o Estado não nos pediu que tivesse esse grupo de WhatsApp”. E começou... um monte de... as professoras começaram a postar um monte de coisa... e desabafo e os pais começaram a rebater... e **aquilo começou a me intoxicar**. E eu falei assim: “não, peraí, se for pra ter grupo de WhatsApp pra que eu fique ainda mais mal, eu prefiro que esse canal não seja usado”. **E eu saí do grupo**. Sai de todos os grupos que tinha e falei: “quer saber? **Meu trabalho... ele está condicionado ao Google Classroom**”. Lá eles me pedem o que eu tenho que fazer. E o outro canal é ir até a escola imprimir as atividades. Então, eu comecei a realmente usar só esses canais. **Confesso que eu tô bem mais feliz, tô bem mais satisfeita, mais tranquila sem aquele apito do WhatsApp o tempo todo no meu ouvido**.*

Discussões entre pares após retorno da IS – Professora Celina

Conforme relatado pela professora, o mesmo canal que permitia que ela interagisse com seus alunos, também acabava a *intoxicando*, pois era utilizado também para interação com seus colegas e os pais ou responsáveis dos alunos. Essa intoxicação acabou deixando a professora *mal* e causando sua *revolta*.

Segundo os pressupostos da clínica da atividade, a saúde não é um dado natural e nem se opõe à doença, mas apropria-se dela se manifestando como um poder de ação sobre o próprio ser e sobre o mundo, sendo adquirida junto aos outros para um novo uso da doença, ou seja, para um novo acesso dessa outra função na vida do sujeito (CLOT, 2010b, p. 111-113). Então, ao relatar essa intoxicação pelos conflitos de comunicação no aplicativo de conversas e ao verbalizar sobre sua situação de trabalho nas discussões com o grupo de pesquisa, a professora Celina estabeleceu uma nova função para o seu incômodo e *saiu do grupo* de WhatsApp. A partir disso, retomando o poder de ação sobre si, acaba relatando se sentir *mais feliz, satisfeita e tranquila* sem o *apito do WhatsApp* durante *o tempo todo*.

Relembramos que, nesta pesquisa, consideramos o afeto sob a ótica espinosana como a potência do agir. Consideramos também a maior intenção de clínica da atividade e, conseqüentemente, da nossa escolha desta metodologia para esta pesquisa: desenvolver a afetividade profissional para, como consequência, levar as emoções e os sentimentos a desempenharem o papel de instrumentos do desenvolvimento do afeto (CLOT, 2016, p. 91). Desta forma, o professor pode ter recursos, materiais e simbólicos, internos e externos, para escolher, manter ou reorientar o seu agir de acordo com as necessidades de cada momento e para que possa desenvolver seu trabalho de forma efetiva (MACHADO, 2007, p. 93-94) e saudável.

Mesmo não relatando viver uma situação semelhante, ao ser questionada sobre os canais de interação estabelecidos durante o período de pandemia, a professora Alice também citou durante sua instrução⁹², no dia 09 de julho de 2020, o alívio que sente pela prescrição da escola sobre não criar grupos de WhatsApp com os pais e responsáveis por seus alunos, conforme podemos acompanhar no trecho abaixo.

⁹² Apêndice IV.

Alice: Não. Eu não, né? Mas a diretora. **E daí a diretora manda pra nós, que nós não temos esse acesso do face.** Quer dizer, eu tenho face, mas eu não posso, só ela que pode mexer.

(Falas inaudíveis)

Alice: Não, graças a Deus. (risos) Senão era **terrorista**. [...]

Alice: Só o face da escola. É que, na verdade, assim, **a diretora não quis fazer esse grupo** por que tem mães lá que são muito bacanas, uma **clientela boa**, assim, sabe [...] mas existem mães e mães, né? Umas que são, assim, nossa, daí elas vão te encher, assim. Então a diretora falou assim: “não, melhor vocês não”. Sabe? Por que assim como tem umas que... [...]

Alice: É. E agora com essas eleições aí, a pedagoga, a diretora **vai ter que, ter que tirar o face**, sabe? Por causa das eleições, que não pode ter. [...]

Alice: E agora eles **vão ter que montar um whats** mesmo, né? E daí, de repente, dá pra fazer o que você sugeriu. Achei bem interessante.

IS – Professora Alice

Alice trabalha na rede pública municipal de Curitiba há 8 anos e atualmente é professora da disciplina de artes para o ensino fundamental I. Possui 22 anos de experiência como professora da educação infantil e do anos iniciais do ensino fundamental, tanto na rede pública de ensino quanto na rede particular.

Segundo ela, *graças a Deus* não pode ter comunicação com os pais e responsáveis, pois apesar da escola ter uma *clientela boa*, poderiam haver situações às quais a professora denominou como *terroristas*. Conforme podemos observar no excerto abaixo, a comunicação entre pais e os professores da escola é feita principalmente pela página do *Facebook*⁹³ da escola e por intermédio da diretora. Então, a professora Alice apenas tem contato direto com a diretora e as 3 pedagogas durante seu trabalho remoto, através do *WhatsApp* e do *Facebook* da escola. Porém, com a aproximação do período das eleições, o *Facebook* da escola teria que ser desativado, gerando a necessidade de outro canal de comunicação que, segundo a professora, muito provavelmente seria através da formação de um grupo de *WhatsApp*.

⁹³ O *Facebook* é uma rede social onde os usuários podem criar um perfil ou uma página para interagirem entre si através de *likes*, mensagens e compartilhamentos de imagens e textos na plataforma (<https://canaltech.com.br/empresa/facebook/>).

Com isso, observamos que, apesar do conflito em estabelecer esse canal de comunicação com o qual a professora considera que possa haver *terror*, ela também já o visualiza como uma possibilidade de interação com seus alunos. Alice considera *bem interessante* a sugestão de gravação e envio de pequenos vídeos com palavras de carinho e motivação recebida pela professora participante da pesquisa Dagmar durante nossas discussões. E é exatamente nestes conflitos que o trabalho do professor se transforma, pois colocam o trabalhador “permanentemente em processo de escolhas para (re)direcionar o seu agir diante de vozes contraditórias interiorizadas, do agir de outros envolvidos, do meio, das prescrições, etc” (MACHADO, 2007, p. 91).

Essa contradição na sua fala pode ser pela intenção de estabelecer uma interação com fins pedagógicos com seus alunos e não apenas de comunicação com pais e responsáveis, pois durante os primeiros *três meses* do ensino remoto, a professora viu parte de seus alunos apenas uma vez e ainda sem relação com o seu trabalho de ensino. Esse contato ocorreu porque a professora participou uma vez da entrega de cestas básicas que acontece na escola, tendo, então, a *chance até de revê-los*, conforme apresentamos abaixo no excerto da sua instrução.

Alice: Não, não, não. É só, **são só as pedagogas e os pedagogos que fazem e depois nós só fazemos o... essas atividades** de quinze em quinze dias, né? [...]

Alice: É. Eu mando tudo por e-mail para as pedagogas, né? E daí elas imprimem lá e eles vão buscar lá. E geralmente é no mesmo dia da cesta básica. Eles ganham uma cesta básica e frutas e verduras e tal. E essa entrega, geralmente, a gente vai pra ajudar, sabe? Ela pede, assim, não que seja obrigada. Mas eu já fui, quero ir de volta. **E assim a gente tem chance até de revê-los, né? Por que eu gosto.**

(Falas inaudíveis)

Alice: **Três meses.**

IS – Professora Alice

Alice elabora e envia quinzenalmente uma atividade para seus alunos, que vão buscá-la e voltam entregá-la na escola no dia da distribuição da cesta básica às famílias, para que a professora possa avaliá-los. Conforme relatado pela professora, a atividade é feita sempre sobre o conteúdo visto nas videoaulas disponibilizadas para os alunos no canal de TV aberta e também através do *Youtube*, e que são

gravadas por pedagogas pertencentes à rede municipal de ensino e selecionadas pela secretaria municipal de educação.

Portanto, a elaboração dessa atividade avaliativa se torna a única tarefa diretamente relacionada à interação com seus alunos que a professora ainda pode realizar. Porém, conforme podemos constatar neste próximo excerto, essa tarefa não é mais realizada apenas pela docente.

*Alice: Eu também, bastante. Não e depois agora, daí vieram as atividades, tá, as **atividades prontas que eu que planejei** e tal, né? Foi e vieram. Daí eu fui lá, entreguei as cestas básicas e eles trouxeram essa atividade pronta. Daí eu tenho que corrigir todas essas atividades e alguns nem colocaram nome nas atividades. E outros, assim, também, preencheram só pela metade. Daí a pedagoga agora mandou pra nós a lista de todos os alunos, esses que entraram, que saíram de escola particular e vieram pra prefeitura, né? **Aí... e daí tem esse alunos também, que eu vou ter que avaliar o que já veio e eu nem conheço.** E eu vou ter que lançar: atingiu, atingiu parcialmente ou não atingiu.*

(Falas inaudíveis)

*Alice: É. (Risos) **E como que eu vou lançar nota se, ó, eu tive pouco contato com esses alunos, né?** Quando você está em sala de aula é diferente, meu Deus do céu! (Risos) **É loucura!** [...]*

*Alice: Todo mundo olha! **E todo mundo bota o bedelho!** (Risos)*

IS – Professora Alice

Juntamente com o impedimento do trabalho de ensinar seus alunos, a avaliação também não é mais apenas sua atividade. Segundo o relato da professora durante sua instrução, cada avaliação de cada aluno passa por sua correção, pela correção das três pedagogas e da diretora da escola, além da correção feita no núcleo municipal de educação. Assim, uma atividade que antes era feita e confiada apenas ao professor em sala de aula, sendo o resultado de sua interação com seus alunos e o conteúdo trabalhado na disciplina, agora é validada em todas as instâncias educacionais municipais. Então, segundo a professora, *todo mundo olha e todo mundo bota o bedelho*.

Na clínica da atividade, Clot insiste que a principal causa do sofrimento no trabalho não está no sujeito e na sua relação com seus colegas, mas no próprio trabalho e, sobretudo, nas três formas de atividade impedida: pela falta de discussão

nos coletivos sobre os critérios de qualidade do trabalho; quando a organização do trabalho não oferece os recursos para que os sujeitos consigam realizá-la conforme sua aspiração; e quando a história de um determinado gênero profissional é suspensão, promovendo sofrimento do próprio *métier* através do bloqueio do poder dos coletivos em articular estratégias compartilhadas de ação (BENDASSOLLI, 2011, p. 84).

Podemos também considerar que mesmo a sua correção está parcial ou totalmente impedida, pois as prescrições da prefeitura com o planejamento unificado e despersonalizado e as aulas realizadas por professores que não conhecem as turmas, impedem que os professores analisem corretamente todos os aspectos necessários para completar o processo avaliativo, que se inicia no planejamento, perpassa as aulas realizadas e vai do início do ano letivo até o seu fim.

Então, como precisa elaborar uma atividade para avaliar a aula realizada pelos pedagogos durante as videoaulas, a avaliação de seus alunos está parcialmente impedida, ou seja, a organização do trabalho não oferece os recursos para que a professora consiga realizá-lo conforme sua aspiração, atrapalhando a realização da atividade docente. Com as aulas presenciais interrompidas logo no segundo mês de aula, a professora acaba considerando uma *loucura* ter que avaliá-los e ainda *lançar nota*, posto que teve *pouco contato com esses alunos*.

E, com relação os alunos novos na escola, que vieram transferidos durante o período pandêmico e entraram diretamente no ensino remoto, sua atividade de avaliação acaba totalmente impedida, pois terá que corrigir as avaliações elaboradas por professores de outras escolas, a partir de aulas com outros currículos e de alunos com os quais nunca interagiu, que *nem conhece*.

É necessário que o professor possa ter recursos materiais e simbólicos, internos e externos, para reelaborar continuamente as prescrições, readaptando-as de acordo com a situação, com as reações, interesses, motivações, objetivos e capacidades de seus alunos, de acordo com seus próprios objetivos, interesses, capacidades e recursos (corporais, sociais, institucionais, cognitivos, materiais, afetivos etc) (MACHADO, 2007, p. 93-94).

Desta forma, sem reelaborar os pilares fundamentais da avaliação, que são as autoprescrições adaptadas ao seu contexto sócio histórico em torno do planejamento e do desenvolvimento dos objetos de ensino durante as aulas, a

professora Alice têm importantes tarefas impedidas durante o desenvolvimento da sua atividade.

Contrariamente à professora Alice, o professor Luciano relata durante sua instrução⁹⁴ que, pelo fato de seus alunos *não terem livro* didático, ele *elaborou e adequou* instrumentos didáticos em forma de textos e atividades avaliativas, que, portanto, puderam ser feitos *para a realidade dos alunos*. Então, com base no *documento* do CREP, o Currículo da Rede Estadual Paranaense, que é prescritivo do trabalho de seu subgênero, o professor relata que os materiais que os alunos utilizam em aula são instrumentos elaborados pelo professor, ou seja, *cem por cento de sua produção*.

Sósia: Então eu vou à busca de textos que eles possam ler ou eu peguei os textos dos livros didáticos que eles têm?

Luciano: Não, é... Na realidade a gente não tem. Esse material você entrou na internet, você buscou, **você elaborou e você adequou pra realidade dos seus alunos**.

Sósia: Entendi.

Luciano: Na realidade eles... **eles não tem livro**.

Sósia: Eu selecionei os textos que eu vou mandar pra eles pra que eles possam tá lendo e fazendo resumo.

Luciano: Exatamente. Não só o resumo, né? Mas também o questionário, essa leitura e interpretação.

Sósia: E daí eu que também fiz o questionário.

Luciano: **Cem por cento produção sua**. Não tem nada é... nenhuma... tipo, você não vai buscar nenhuma atividade pronta lá na internet, você vai produzir esse material pra eles.

Sósia: Uh-huh. Em cima da do que tá proposto pra... curricularmente, pra eles.

Luciano: Exatamente. **Em cima de um documento que nós temos, que você tem, que é CREP**. Porque você vai montar uma aula, essa aula funcionar pro ensino fundamental fase dois.

Sósia: Uh-huh. E esse... me diz uma coisa... esses meus alunos, eles tão assistindo aquelas aulas de televisão também?

Luciano: Então, eu pedi pra eles... Não, alguns não, porque muitos até tão trabalhando no... no horário, enfim. E pra que não... **esses vídeos da televisão, pra educação de jovens e adultos, não tá condizente com a realidade deles**. Então, pra não tumultuar, né, pra não criar confusão e pra eles não se perderem, **nós combinamos que eles vão realizar**

⁹⁴ Apêndice II.

somente as atividades que o professor postar. Que você vai postar pra eles.

Sósia: Certo. Isso em todas as disciplinas, ou será que só nas minhas?

Luciano: Na... **na maioria das disciplinas. Quase todas elas, tá? A Secretaria de Educação ela vai te enviar um link lá que vai ter uma aula, uns slides, mas não tem não... não tem relação com a tua realidade ainda. Você ignora aquilo lá, apaga tudo e deixa somente o link da chamada, pra que eles possam registrar a, a chamada. Tá?**

[...]

Sósia: E como é que esses alunos vão me... me responder, me enviar esses resumos, essas atividades que eu vou pedir pra eles na segunda-feira?

Luciano: Olha, na, é, na... a grande maioria né? **Quando eles fazem as atividades, eles vão fotografar e vão te mandar ou pelo WhatsApp ou pelo e-mail do Google Classroom, tá?**

[...]

Sósia: Hm-huh. E a avaliação no questionário daí eu faço tipo google forms? Ou alguma coisa assim, ou não?

Luciano: Não. **Você vai pedir tudo pra eles fazerem no caderno também. Eles vão copiar lá no caderno, vão responder e vão te enviar essas fotos.**

Sósia: Tá. Então, eu tô mantendo o planejamento que eu tinha do começo do ano na verdade?

Luciano: Exatamente. **Cem por cento. Só que agora de uma forma online. Ah, você tem que tomar cuidado também com esse planejamento, porque você não pode, não vai poder propor uma coisa é, pra eles ali e mandar pra pro pros outros alunos fazerem em casa uma outra coisa. Então, você tem que tomar esse cuidado que seja uma coisa que eles consigam fazer. Por exemplo, você não vai poder pedir pra ele ali acessar um link pra responder algumas perguntas, referente aquele link, sendo que pode ser que a atividade tá indo pra casa, o aluno não vai ter acesso à internet, não vai ter essa possibilidade de acessar esse link. Então você tem que tomar muito cuidado nisso.**

IS – Professora Luciano

Com isso, o professor Luciano afirma que está mantendo *cem por cento* do seu planejamento do início do ano, só que agora de uma forma online: a *Secretaria de Educação ela vai te enviar um link lá que vai ter uma aula, uns slides, mas não tem não... não tem relação com a tua realidade ainda. Você ignora aquilo lá, apaga tudo e deixa somente o link da chamada, pra que eles possam registrar a, a chamada.* Desta forma, como os vídeos da televisão, para educação de jovens e adultos, não tá condizente com a realidade deles, o professor combinou com seus

alunos que *eles vão realizar somente as atividades que o professor postar*. Então, tanto o planejamento quanto as atividades se tornam instrumentos elaborados pelo professor para realização de seu trabalho de ensino.

E, de acordo com outra fala do professor, a direção está ciente de todo esse movimento de personalização dos instrumentos de ensino, pois essa substituição das aulas homogêneas e descontextualizadas para a EJA são reelaboradas e substituídas por estratégias de ensino e instrumentos personalizados pelos professor na sua disciplina, mas também *na maioria das disciplinas* da escola.

Porém, para que essa adaptação seja possível, Luciano orienta a sócia pesquisadora que, no caso da sua substituição, *quando os alunos fazem as atividades*, ela deveria *pedir tudo pra eles fazerem no caderno também*, ou seja, *eles vão copiar no caderno, responder, vão fotografar e enviar essas fotos ou pelo WhatsApp ou pelo e-mail do Google Classroom*.

Desta forma, temos mais um instrumento apresentado no trabalho do professor Luciano neste período após o início do ensino remoto em decorrência da pandemia: a plataforma do *Google Classroom*. Conforme apresentamos e discutimos na seção de interação, essa plataforma foi adotada por toda rede pública estadual sendo, oficialmente, o único canal de comunicação entre professores e alunos durante as atividades de ensino não presenciais. Também apresentamos que o ensino remoto esbarrou em um conflito bastante intenso no tocante à acessibilidade e ao uso desse instrumento, tanto por parte dos alunos quanto por parte dos professores.

Então, Luciano ressalta à sócia pesquisadora em sua instrução: *você tem que tomar esse cuidado que seja uma coisa que eles consigam fazer. Por exemplo, você não vai poder pedir pra ele ali acessar um link pra responder algumas perguntas, referente aquele link, sendo que pode ser que a atividade tá indo pra casa, o aluno não vai ter acesso à internet, não vai ter essa possibilidade de acessar esse link*. Assim, Luciano demonstra que, além de todas as suas preocupações com a exclusão e/ou a prescrição de instrumentos de trabalho, ainda precisa se preocupar com o acesso e/ou a apropriação dos instrumentos para o processo de

aprendizagem de seu alunos a fim de não reforçar o etnocentrismo digital⁹⁵ (CRUZ, 2014, p. 18).

Segundo o professor Dunker (2020)⁹⁶, o etnocentrismo digital visto no estabelecimento do ensino remoto envolveu o pressuposto de que todos os alunos tivessem “condições ideais de pressão e temperatura para uso de recursos digitais”, além da presunção da disponibilidade homogênea de equipamentos, bandas de transmissão estáveis e velozes, bem como as condições de ambiente com luminosidade e isolamento acústico que se observam em escritórios padrões.

4.3.3. Interações didático-tecnológicas

Conforme já apresentamos nos pressupostos teóricos, “um artefato só se torna um instrumento por meio da atividade do sujeito” (BÉGUIN e RABARDEL, 2000, p. 175). Para o trabalho, o sujeito pode recorrer a artefatos materiais e/ou simbólicos, que podem ser transformados em instrumentos de desenvolvimento se forem apropriados pelo trabalhador, o qual passará a vê-los como úteis para a realização de sua tarefa (BUENO e MACHADO, 2011, p. 304). Assim, na mesma medida que um instrumento é um mediador entre o sujeito e o objeto, também é constituído pelo sujeito e pelo artefato (BÉGUIN e RABARDEL, 2000, p. 175).

Mas a relação entre o sujeito, o objeto, os outros e os artefatos é bastante conflituosa, uma vez que os sujeitos, durante a atividade, “lutam” contra a própria atividade e sua prescrição, contra os seus destinatários, contra si próprios, contra o objeto, contra os artefatos, etc. para conseguirem realizar uma atividade (BUENO e MACHADO, 2011, p. 305). E são ilustrações dessa relação conflituosa que apresentaremos nesta seção: entre o sujeito durante sua atividade, as prescrições durante o contexto pandêmico e a apropriação ou não dos instrumentos fornecidos ou não pelas redes de ensino pelas professoras e professores participantes desta pesquisa.

⁹⁵ CRUZ, Ruleandson do Carmo. Cultura informacional e distinção [manuscrito]: a orkutização sob o olhar social da Ciência da Informação. Tese (doutorado) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/BUBD-9RFMCQ>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

⁹⁶ Ver Quais são os impactos psíquicos das aulas online nos alunos e professores. Disponível em: <<https://blogdodunker.blogosfera.uol.com.br/2020/07/24/quais-sao-os-impactos-psiquicos-das-aulas-online-nos-alunos-e-professores/>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

Nessa perspectiva, analisaremos o excerto apresentado a seguir, que relata as discussões⁹⁷ que ocorreram após o retorno da professora Kátia, no dia 29 de julho de 2020. Neste fragmento, as colegas de trabalho Kátia e Rita conversam sobre o fato de que, além do pouco tempo que tiveram para procurar, aprender e adaptar os instrumentos didático-tecnológicos para o trabalho de ensino, ainda tiveram que ensinar seus alunos a aprender a aprender com esses instrumentos.

*Rita: Eu quero dizer que, além do gestor não saber, **nós não sabemos e ainda temos que ensinar os alunos a mexer com a tecnologia.***

(Risos) (Todos fazem sinal de concordância)

Rita: É o mais incrível.

(Risos)

Sósia: Tem que saber pra você e pro outro!

(Risos)

*Rita: **Saber pro outro. Eu mal sei pra mim, como que eu vou ensinar o meu aluno a entrar no Teams, acessar os arquivos, baixar, se eu ainda não fiz direito? É interessante isso. Além de não saber, ainda tem que ensinar o outro.***

*Kátia: **É, foi uma quebra de paradigmas total nessa ideia de que a geração mais nova saberia lidar.** A geração mais nova sabe lidar com aquilo que lhe apetece, né? Mas, mas o Teams não apetece... não tinha graça pra ninguém. Eles não sabem nem formatar um texto no word! Quem dirá colocar... é... baixar... é... fazer download de videoaula que ele tá de saco cheio de pensar, né?*

Discussões após retorno de IS – Professora Kátia

Ambas as colegas de trabalho, assim como todas as professoras e professores presentes, concordaram que consideraram *uma quebra de paradigmas total a ideia de que a geração mais nova saberia lidar* com as tecnologias muito mais facilmente que os docentes. Para elas, essa situação foi classificada como o *saber pro outro*, pois elas não sabiam e ainda tiveram *que ensinar os alunos a mexer com a tecnologia*. Devido ao uso desses novos instrumentos, as professoras incrementaram mais essa tarefa de trabalho durante o período pandêmico. Por isso, a professora Rita exclama: *Eu mal sei pra mim, como que eu vou ensinar o meu*

⁹⁷ Apêndice VI.

*aluno a entrar no Teams, acessar os arquivos, baixar, se eu ainda não fiz direito?*⁹⁸

E toda essa demanda, aliada às próprias cobranças por qualidade no seu trabalho de ensino, causou bastante sofrimento aos professores no início do ensino remoto, a ponto de fazer a professora Rita parar de *assistir* suas próprias *videoaulas* e *lives*, conforme nos relata durante as discussões após sua instrução, como podemos observar no trecho abaixo.

Sósia: A gente tem toda uma... a gente tem uma imagem de si, primeiro, e a gente se cobra nessa imagem. A gente tem a imagem que a gente quer passar, que é... que as vezes corresponde às vezes, não corresponde com aquela imagem que a gente faz de si. E a gente tem aquela imagem que... que a gente imagina que os outros têm da gente.

Rita: Exatamente, por isso que eu parei de assistir as minhas videoaulas e as minhas lives. Do jeito que ficou, é assim que vai. [...] Por que no começo eu estava levando quatro horas pra gravar uma videoaula de quinze minutos. Então, foi uma coisa que eu me desapeguei também. No começo, eu aceitei essa condição, porque eu estava nova no processo, mas agora o jeito que foi vai ficar e fim da história. Porque além de tudo, por ser professora de língua portuguesa, você é muito cobrada no jeito de falar, né? É o plural, é o singular. E no dia a dia eu não sou uma caneta vermelha que sai corrigindo o mundo. E eu erro também. Eu erro também. Então eu odeio que olhem pra mim como se eu fosse uma caneta vermelha. Então se eu errei, vai ficar errado, eu não vou refazer. Coisa que jamais eu admitiria lá no começo. Agora eu consigo fazer três videoaulas em três horas, antes eu fazia uma em quatro horas.

Sósia: E o trabalho, né? Desestressa, porque você fez, acabou, mandou.

Rita: Exatamente, jamais assisto live, mas de jeito nenhum. Não quero me ver, porque eu sei que a hora que eu começar a me ver, eu vou começar a colocar defeitos e eu não estou podendo me por defeitos agora.

(Risos)

Sósia: Não nesse momento. Vamos deixar isso pra depois. (Risos)

Rita: É, porque agora eu não tenho tempo, agora eu não posso, eu tenho que fazer a

⁹⁸ Destacamos aqui que as professoras e professores participantes desta pesquisa, assim como as professoras e professor pesquisadores também inseridos nesse contexto, não ignoram o caráter democrático dos recursos tecnológicos para o acesso às informações diversificadas (científicas, sociais, históricas, artísticas, políticas, econômicas, etc), pois ignorá-lo seria um ato impossível nesta análise do trabalho de ensino e que deixaria toda essa riqueza pedagógica apenas para a superficialidade de suas possibilidades. Porém, destacamos que, neste contexto de falta de tempo para o aprendizado desses instrumentos por parte dos docentes, seria impossível reparar essa lacuna identificada por eles na grade formativa básica durante o aprendizado por todos da própria organização do ensino remoto.

coisa andar. (Risos)

Discussões após IS – Professora Rita

A professora Rita nos conta que, no início da pandemia, *estava levando quatro horas pra gravar uma videoaula de quinze minutos*, aceitando essa *condição* porque *estava nova no processo*. A professora afirma que, além de todos os impedimentos que teve com o uso dos novos instrumentos de trabalho, possui outro sofrimento peculiar ao seu subgênero de professores de língua portuguesa, em decorrência um peso maior na cobrança pela linguagem que utiliza em suas videoaulas.

Segundo Lima, enquanto os instrumentos técnicos são feitos da união entre dos artefatos com os gestos (2016, p. 35), os instrumentos semióticos, no caso da linguagem verbal oral, são feitos do som acompanhado do seu sentido, ou da sua significação (2010, p. 229). Podemos definir, portanto, que o instrumento mais utilizado pelas professoras e professores em seu exercício profissional são os instrumentos semióticos. E a professora relata que, devido ao seu subgênero profissional, acaba sendo *muito cobrada no jeito de falar*, mas *odeia* ser vista como *uma caneta vermelha que sai corrigindo o mundo*.

Porém, a professora considera que, neste momento, *não tem tempo* para revisar e editar ou regravar suas videoaulas, pois com a crescente demanda imposta pelas prescrições, ela *desapegou por ter que fazer a coisa andar* no uso dos instrumentos para realização das novas tarefas.

Contudo, algumas tarefas e instrumentos não se alteraram, pois como a professora Kátia relatou nos trechos acima, costumava *projetar* suas aulas antes da pandemia através de um *cronograma*, ou seja, do seu planejamento, utilizando-o como um instrumento balizador de seu trabalho. Tanto o preza por *cobrança* por parte da escola na qual trabalha, quanto por sua organização própria, sempre tentando *estar uma ou duas semanas à frente* nas idealizações de suas aulas. Portanto, mesmo que por prescrição da escola, *aquele planejamento*, feito muito similarmente ao modelo do presencial, é tido por ela como um verdadeiro instrumento de trabalho, pois apontava que, em caso de *atraso* na sua execução, poderia atrapalhar até mesmo a *qualidade* das suas aulas.

Suas colegas de trabalho, Rita e Helena, também citam o planejamento como sinônimo de instrumentos balizadores do agir docente quando citam,

respectivamente, que não lhes deram a possibilidade de reelaborar um *planejamento adaptado* à essa nova realidade pandêmica, sendo, portanto, *obviamente* impossível *aplicar tudo* que fôra planejado anteriormente ao ensino remoto.

No relato texto inicial da professora Helena também observamos que a professora utiliza o nome da aula síncrona conforme adotado pela escola - *live* - com letras maiúsculas em determinados momentos - *Live*, o que pode nos indicar que o considera como um substantivo para nomeá-lo como um novo instrumento de trabalho.

E, complementarmente ao planejamento, a professora Kátia criou também um novo instrumento de organização ainda mais específico e descritivo que o planejamento trimestral: *uma lista de afazeres da semana* com metas diárias do *que deve ser cumprido*. Essa lista semanal é feita através de fichas, as quais a professora explica o funcionamento no final da sua instrução, dia 18 de junho de 2020, conforme o excerto abaixo.

*Kátia: Eu quero... é... desculpa, eu quero só mostrar pra vocês como eu acho que vocês devem fazer, então. Ó... eu tenho fichas! Essas fichas antigas que nós fazíamos fichamento. E a minha tá toda riscada porque cada objetivo que eu consigo fazer eu risco. Mas então tem lá “semana primeira de junho” eu tenho... eu tenho que postar o roteiro da semana, as videoaulas, os power points e os formulários, turma por turma. Eu tenho que gravar as videoaulas da primeira série e da segunda série. Cinco pra primeira série e quatro pra segunda série. Eu tenho que escrever o roteiro da ooooooutra semana, as videoaulas da outra semana e gravar as videoaulas da ooooooutra semana. Tento preparar as lives que eu estou... você **vai estar sempre com três semanas na mesma semana trabalhando.***

IS – Professora Kátia

Ao resgatar suas antigas fichas de fichamento de leituras, a professora Kátia converte um artefato material atualmente em desuso e cria um instrumento analógico para lidar com seus novos desafios digitais. Assim, ao utilizar as fichas para elaborar uma lista com suas novas tarefas, a professora desloca o uso previsto das fichas para um uso imprevisto, personalizado à sua atividade, realizando uma catacrese. À essa (re)criação da funcionalidade da ferramenta, transformando-a em instrumento, Clot (2010b, p. 106) chama de catacrese. O uso deslocado ou a

readequação das significações existentes, conferem uma 'segunda vida' à serviço da atividade presente do sujeito (CLOT, 2010b, p. 106).

Desta forma, com as tarefas diárias listadas, a professora Kátia relata *estar sempre com três semanas na mesma semana trabalhando*: retomando e avaliando os conteúdos, atividades e instrumentos utilizados do passado; preparando e lecionando aulas remotas síncronas, postando os materiais prontos e acompanhando as dúvidas e ausências do presente; bem como (re)planejando, aprendendo novos instrumentos, elaborando materiais e gravando as videoaulas com os conteúdos do futuro⁹⁹.

Da mesma forma, durante a instrução da professora Rita, realizada dia 29 de julho de 2020, podemos observar no trecho abaixo que seus objetos de estudo também se estendem muito mais agora durante a pandemia.

Sósia: Então assim, só pra eu ter uma noção que eu vou entrar sexta-feira pra te substituir. Quando que essa aula termina mesmo? Porque nessa eu posso ficar ali disponível no chat tudo. Quando, mais ou menos, qual o prazo dessa aula começar e terminar?

Rita: Então, você começou às sete e vinte a sua live. Você encerrou a gravação da sua live às oito e dez, certo? E você vai continuar por que você tem outras lives, certo? Você vai continuar ali. Quando todas as lives da manhã terminarem, tipo onze e cinquenta, você já pode começar a responder os, os seus alunos.

*Sósia: Mas, digo assim, se eu, se eu preparei o conteúdo pra revisar, **então, essa aula, ela começou duas semanas atrás**. E o chat eles podem rolar solto e, e eu posso responder coisas ainda sobre essa aula duas semanas depois ainda?*

*Rita: Pode, pode. Você tem essa flexibilidade. Você não vai dizer: “ah isso daí já foi, acabou”. Porque as dúvidas talvez não aconteçam uma semana depois que você deu a aula, elas podem acontecer depois. E **você estará de boa, ali com seus alunos, disponível ali pra responder**.*

IS – Professora Rita

Embora os objetos de estudo possam ser constantemente retrabalhados durante o trabalho docente, seja este no ensino presencial ou remoto, o que buscamos discutir nesta pesquisa é a seguinte questão: o aumento do volume e da

⁹⁹ Essas informações podem ser verificadas durante as instruções e discussões, além da descrição das tarefas realizadas em cada fase do ensino remoto na rede particular na seção da linha histórica da covid-19.

frequência das prescrições que envolvem o uso dos instrumentos didático-tecnológicos, sem formação e o devido tempo para seu aprendizado e reelaboração, são responsáveis pelo aumento exacerbado da carga de trabalho das professoras e professores durante a pandemia da Covid-19.

Essa nossas análises, encontramos um conflito e uma aproximação aos resultados obtidos no ensaio de Souza *et al.* (2020, p. 3) do Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana da Fundação Oswaldo Cruz, que afirmam que professoras e professores da rede particular de ensino realizaram suas tarefas “de forma inesperada por meio de aparatos tecnológicos e plataformas digitais sem terem sido formados ou recebido condições materiais e prescrições mínimas para isso”.

De acordo com nossos resultados, o agir discursivo das professoras e professores desta pesquisa, tanto da rede particular como da rede pública estadual de ensino, conflitam os resultados ao apontarem o aumento da quantidade e da frequência das prescrições durante o trabalho no período pandêmico e nunca sua diminuição. Pois, conforme a teoria sobre o trabalho prescrito já discutida no capítulo dos pressupostos teórico metodológicos, podemos afirmar que as professoras e professores receberam prescrição para uso dos instrumentos didático-tecnológicos, entretanto sem receberem formação para o seu uso. Assim, as prescrições seriam as orientações sobre *o que* é necessário fazer, qual tarefa deve ser realizada, e as formações têm como objetivo, pelo menos na sua essência, a instrumentalização dos professores sobre *como* fazer a tarefa, constituindo-se de espaços de discussão nos quais são compartilhadas informações gerais sobre o uso propriamente dito das tecnologias. Um espaço para a construção de “esquemas de utilização de uma ferramenta” (BÉGUIN e RABARDEL, 2000, p. 181), a qual poderia ser aprendida e posteriormente reelaborada por e para cada professor, evoluindo a gênese instrumental da instrumentalização para a instrumentação docente.

Então, observamos um conflito que pode estar associado às diferenças do contexto no qual o professor realiza seu trabalho, conforme já discutimos sobre a “definição provisória” do trabalho de ensino (MACHADO e BRONCKART, 2009; MACHADO, 2007, 2010b). Porém, esse conflito valida mais uma vez nossa escolha dos pressupostos teórico metodológicos, na busca pela compreensão do real da atividade dentro da sua realidade sócio histórica.

E na aproximação de nossas análises, Souza *et al.* (2020, p. 10) encontraram uma “nova e complexa configuração do trabalho que se aprofunda no contexto de pandemia” acaba por fazer o uso “exacerbado da tecnologia, articulando novos modos de controle, extração de sobretrabalho e do mais-valor social”. Da mesma forma, encontramos nos relatos destes encontros uma nova e mais complexa ainda¹⁰⁰ configuração do trabalho, sobretudo com a obrigatoriedade do uso de diferentes instrumentos didático-tecnológicos e, em consequência disso, a sobrecarga de trabalho para as professoras e professores durante o período pandêmico de 2020.

Essa constatação permeou todos os nossos encontros a partir dos relatos das professoras e dos professores participantes da pesquisa. Porém, mesmo que os professores vivenciassem esse aumento de seu trabalho em decorrência dos novos instrumentos utilizados para o ensino remoto, conseguiam perceber também o real de sua atividade? Neste trecho abaixo, sobre a reflexão para elaborar seu retorno sobre sua instrução, a professora Rita relata que *se chocou pelo fato de não ter noção do quanto tempo levou para concluir um conteúdo*, ou como chama, um *objeto de estudo*.

¹⁰⁰ Pois, ao adotarmos a perspectiva da “definição provisória” do trabalho de ensino (MACHADO e BRONCKART, 2009; MACHADO, 2007, 2010b), a complexidade do trabalho mesmo em períodos ditos “normais” já fica bastante evidente.

Rita: *Eu até fiz por escrito, mas o meu computador não está me ajudando. Eu fiz alguns tópicos, mas eu lembro de algumas coisas do que eu fiz. Eu escutei até o final do encontro, depois a Pesquisadora mestranda me passou todos os áudios. Da parte da minha instrução, **o que me chocou é o fato de que, até então, eu não tinha noção do quanto tempo eu levava pra concluir um conteúdo, né, um objeto de estudo.** E eu também ainda não tinha processado quantas coisas que eu fazia no automático, uma coisa que pra mim eu fazia no automático e que pra mim já tá normal... é muita coisa.*

Pesquisadora 1: *Você pode me dar um exemplo de algumas dessas coisas que você fazia no automático?*

Rita: *Por exemplo, eu citei que antes daquela aula, daquela live que eu preparei as tabelas pra eles alimentarem, **eu comentei que eu fiz duas videoaulas, mas na verdade eu fiz muito mais, eu fiz no total de seis videoaulas. E eu já tinha trabalhado com eles duas lives. Mas, na hora, a sócia foi me instigando, me perguntando, o que veio na minha cabeça foi simplesmente da semana anterior e não o que eu tinha trabalhado até aquele momento.** Então eu cheguei a conclusão de que pra gente concluir um objeto de estudo, ok que é um objeto realmente assim bem complexo pra oitavo ano, eu levei dez aulas pra isso. E eu não tinha me dado conta, porque você vai seguindo o planejamento e no meio do como você vai elaborando as suas aulas você vai e fala, “eu vou fazer isso porque vai dar certo, vai ser melhor pra eles entenderem”. Aí quando eu achava que já estava finalizando, daí eu tinha uma outra ideia de fazer mais uma vídeo aula pra eles entenderem melhor. Então eu ficava sempre naquela de fazer mais uma pra ficar completo e como eu falei, quando se trata de gramática a gente acaba prevendo muito as dúvidas.*

Retorno de IS – Professora Rita

Quando a professora se conscientiza que havia elaborado o *total de seis videoaulas* e não apenas *duas* como nos relatou na instrução. Através da instigação da sócia, “a atividade dirigida ‘exterior’ transforma a atividade dirigida ‘interior’ que, por retroação, leva a primeira a entrar em uma zona de desenvolvimento potencial” (CLOT, 2010b, p. 225). A consciência, portanto, é essa variação da experiência (CLOT, 2010b, p. 226).

Sua linguagem retornou para o objeto analisado os efeitos da sua troca com seu sócia (CLOT, 2010b, p. 209), sendo essa tomada de consciência a reconversão que a inscreve em uma história em desenvolvimento, inacabada, uma transformação da sua experiência psíquica anterior (CLOT, 2010b, p. 222). Assim, a professora Rita

nos mostra o real que só é acessível através do realizado, relatando “uma parcela da experiência viva” na sua “experiência vivida” (CLOT, 2010b, p. 204).

4.3.4. Interações como promotoras da saúde do trabalhador

Conforme apresentamos nos pressupostos teórico-metodológicos, para a clínica da atividade, a saúde é a possibilidade de viver sem defesas ou de superá-las quando se tornam normas de vida restritivas (CLOT, 2010b, p. 111). Nessa abordagem, reconhece a íntima ligação entre trabalho e saúde, tratando-a não como um dado natural e sim como “um poder de ação sobre si e sobre o mundo, adquirido junto dos outros” (CLOT, 2010b, p. 111).

Ao perder esse poder de ação, o trabalhador pode perder a saúde antes de ficar doente, tendo seu trabalho rapidamente insustentável, pois a própria atividade é desafetada (CLOT, 2017, p. 18). O trabalho então se torna fonte da saúde quando permite que o sujeito busque possibilidades coletivas e/ou personalizadas para superação de impedimentos à sua realização.

Nessa perspectiva, a primeira análise que faremos será sobre o trecho da instrução¹⁰¹ do professor Luciano, realizada dia 18 de junho de 2020, no qual ele afirma que seu telefone pessoal *foi disponibilizado* para seus alunos pela escola. Com isso, o professor relata a sensação de ser refém o dia todo das mensagens da sua escola e ainda alerta a pesquisadora sósia: *se você não fornecer, a escola fornece*.

Sósia: Então eu tenho que disponibilizar ainda que eles (inaudível) meu WhatsApp para eles me postarem ainda um monte de foto?

Luciano: Exato. Mas não se preocupe, que se você não disponibilizar, é... em algumas situações a escola mesmo vai disponibilizar pra eles o teu contato. Então você vai “ter que”.

Sósia: De qualquer jeito eles vão ter meu contato.

*Luciano: Exatamente. **Se você não fornecer, a escola fornece.** Né? Pra que eles entrem em contato com você.*

Sósia: Ah... e eu vi que eu tenho ficado bem feliz com isso? (sorrindo e utilizando tom irônico)

Luciano: Muito. Muito feliz. Eu não vejo a hora de que o dia vire, pra eu iniciar uma nova

¹⁰¹ Apêndice III.

turma, novas atividades, mais atividades. (sorrindo e utilizando tom irônico)

Sósia: E como é que eu encerro a aula? Você me disse que a aula vai até perto do meio dia. Como é que a gente encerra a aula?

Luciano: Exatamente. Então as 11:30 você vai fazer uma nova postagem, e aí alertando eles que a aula tá finalizando, né? **Mas você não pode esquecer que você tem que deixar ali uma referência que você continua à disposição deles, né?**

Sósia: Aí eu continuo depois da aula?

Luciano: Exatamente. Por que? Por que pode ser que ele vá acessar essa atividade tipo dez, onze horas da noite, meia noite, né? Então, se eles tiverem alguma dúvida, eles vão te mandar no seu e-mail, daí pelo Google Classroom. **E daí, um outro dia, fora do teu horário, daí você vai ter que responder essas ... além da aula que você já vai ter que dar, daí na terça... você tem mais essas outras atividades que já ficaram pra trás pra resolver.**

[...]

Sósia: Mas aí durante a semana eu respondo dúvida, então?

Luciano: Exatamente. Você vai ficar...

Sósia: Na minha hora-atividade?

Luciano: **Se coincidir com a sua hora-atividade, ótimo. Se não, a hora que der, fora da tua hora-atividade.**

Sósia: E se eu não responder? E só responder na minha hora-atividade?

Luciano: É, o correto seria você responder só na sua hora-atividade. Mas pode ser que daí, eles entram em contato com a equipe pedagógica e digam que eles estão tentando entrar em contato com você a dias e o professor não tem respondido eles.

Sósia: E eu posso responder pra minha equipe pedagógica: “é, eu vi, mas eu estou esperando a minha hora-atividade”?

Luciano: É, mas agora a equipe pedagógica vai dizer pra você que... que **agora não tem mais essa, que você precisa resolver essas questões à medida que eles vão te mandando essas mensagens ou esses e-mails.** E que, se você deixar pra responder só na tua hora-atividade na outra semana, pode ser que você esqueça, que você passe despercebido. Até por que vão chegar várias mensagens no teu... várias mensagens, vários e-mails, né? Então ela vai dizer pra você **que o ideal é que você responda o quanto antes, não deixe eles esperando. Até por ter já aconteceu uma situação, um outro colega, ele que foi feito uma ouvidoria, né? Que professor...**

Sósia: Por que ele não respondeu na hora.

Luciano: Exatamente, né? Que o professor não tava respondendo as perguntas, as dúvidas do aluno. Então você... pra você não correr esse risco...

Sósia: Mas eu posso ir contra e me negar. E esperar minha hora-atividade.

*Luciano: Pode, pode sim. **Pode, pode se negar, mas também você tem que tá ciente que você pode sofrer alguma penalidade.***

Sósia: Posso correr o risco por isso?

Luciano: Mesmo que não administrativa, mas verbal, né? Em algum ponto nesse sentido.

IS – Professora Luciano

Desta forma, os telefones e aplicativos que eram considerados como um instrumento de comunicação e lazer, assim como a maior parte dos casos relatados pelas professoras e professores participantes da pesquisa, transformou-se em instrumento de interação com seus alunos e demais integrantes da escola. Ao instruir sua sósia de que *não pode esquecer que tem que deixar ali uma referência que continua à disposição deles*, posteriormente é explicada pelo professor através do fato de que responderá às dúvidas *um outro dia*, que *se coincidir com a hora-atividade, ótimo, se não, a hora que der, fora do horário, além da aula que já vai ter que dar*, tendo, portanto, *mais essas outras atividades que já ficaram pra trás pra resolver*.

O professor confirma que o uso do celular e do aplicativo de mensagens se tornou não apenas um instrumento prescrito, mas constante de comunicação com seus alunos, pois ao ser questionado pela sósia se poderia responder apenas em sua hora-atividade, responde que *agora não tem mais essa*, pois precisa *resolver essas questões à medida que eles vão te mandando essas mensagens ou esse e-mails*. Pois como já ocorreu *uma situação com um outro colega* sobre o qual foi feita uma reclamação na *ouvidoria* da secretaria do Estado, caso se negasse a responder fora de seu horário de trabalho, Luciano considera que *pode sofrer alguma penalidade* e que os demais serviços de sua escola o orientariam *que o ideal é que você responda o quanto antes e não deixe os alunos esperando*.

O que fazer, então, quando um instrumento de trabalho prescrito e de uso obrigatório se torna potencializador do adoecimento do trabalhador? Segundo Clot (2010b, p. 111), existe um poder de agir que pode ser corroído pela doença caso o sujeito não consiga se defender ao superá-la no momento em que se torna restritiva da vida. A saúde, portanto, pode ser definida como “a possibilidade de viver sem defesas” (CLOT, 2010b, p. 111).

Como a ilustração dessa forma de defesa, o professor Luciano nos relata durante sua instrução, no dia 18 de junho de 2020, que depois de quase *dois meses* foi *aprendendo muita coisa para não chegar à exaustão* e não ter mais *situações de pico de estresse*, devido ao uso desregulado do seu celular como novo instrumento de comunicação e, conseqüentemente, ao aumento do horário de trabalho durante a pandemia, conforme podemos observar no trecho abaixo.

Sósia: Quer comentar mais alguma coisa sobre essa aula?

Luciano: Ah... é... bom, assim, sobre a aula, em si, eu tenho tentado me, me, agora, né, **depois de sei lá, dois meses, eu fui aprendendo muita coisa**. Então eu tô tentando me policiar pra eu não me exaurir, **pra não chegar à exaustão**, né? Por que eu já cheguei... **já tive situações de pico de estresse**, assim. De ficar irritado até como meu cachorro, né? Meu cachorro tá se lambendo e eu ficar irritado com aquilo.

Sósia: Aham.

Luciano: Aí eu fui... aí eu aprendi a administrar, administrar isso.

Sósia: Hm-huh. É porque não tem controle de horário mais, né?

Luciano: Não tem, não tem. Antigamente você ia pra escola e você resolvia, né? Você dava a tua aula, fazendo o teu trabalho ali, você resolvia aquelas situações e você vinha pra casa e você literalmente vinha pra casa, né? E agora não, agora **a escola veio morar com a gente**, né? Então, **a escola está dentro da nossa casa**. Então, né? **Se a gente não aprender a administrar isso, a gente não tem mais vida fora da escola**. A gente vive só em função disso.

IS – Professora Luciano

Sobre o aumento da carga horária, relatado como agravado pelo uso do celular como instrumento de trabalho, o professor Luciano ressalta que, se *não aprender a administrar isso, não tem mais vida fora da escola*, pois, segundo o docente, a escola não somente *está dentro de casa*, mas *veio morar* com os professores durante o ensino remoto.

Da mesma forma, também podemos observar esse aprendizado na administração do tempo de trabalho em relação às novas tarefas da sua atividade pandêmica no relato da professora Rita. A professora relata que tenta levar os conflitos e impedimentos do seu trabalho *da melhor forma possível, de uma forma*

que não a faça sofrer. Em outros momentos da sua instrução¹⁰², a professora nos relatou que a quantidade de tarefas burocráticas prescritas durante o ensino remoto era superior do que no ensino presencial. Para Rita, o que a faz sofrer é a *burocracia*, o *preenchimento de tabelas*. Apesar de ser bem consciente e explicar para os seus alunos que a rotina faz parte de qualquer atividade, a partir de sua verbalização podemos compreender que ao realizar remotamente mais dessa repetição burocrática e menos o que ama, que é dar aula, faz com que Rita aja “sem se sentir ativa” (CLOT, 2010b, p. 8), sem desenvolver novos objetos ou destinatários de sua atividade e sem desenvolver novas emoções ou sentimentos, fazendo-a viver do “repertório das rotinas já vividas” (CLOT, 2006, p. 93).

Rita: Assim, você **vai tentar levar tudo isso da melhor forma possível, sem que você sofra**. Porque a partir do momento que você começar a sofrer, você vai ficar muito mal. Então, você vai... vai procurar resolver tudo isso de uma forma que não te faça sofrer. A partir do momento que aquilo começar a te fazer sofrer, daí você vai estabelecer alguns limites que até então não foram necessários.

Sósia: E isso já aconteceu Rita? Eu consigo não sofrer? [...] Você já passou por essa fase de sofrer e agora você está se distanciando?

Rita: Olha, quando se trata do meu trabalho direto com os alunos, eu não sofro. É um prazer, é uma alegria. **O que me faz sofrer é a burocracia, é o preenchimento de tabelas. Aí, quando eu vejo o que eu estou no... num sofrimento, num esgotamento físico e mental, eu recorro às minhas amigas que estão na mesma situação que eu e dali eu tenho que recorrer a coordenadora. Mas com os alunos, até o momento, eu não cheguei nesse momento assim: “ah eu não aguento mais”. Com eles não. [...]**

Rita: Isso. Mas enfim, tem coisas que são bem legais, tem coisas que não são tão legais. E quando eu começo a falar com eles sobre gramática, eu deixo bem claro que tudo na vida que você for fazer vai ter o lado bom e o lado ruim. Eu sempre falo pra eles: “eu amo dar aula, porém **eu não gosto de preencher chamada, eu não gosto de ficar... de ficar avisando quem faltou, quem não faltou, eu gosto de dar aula**”. Então, já que eu gosto de dar aula, eu **tenho que ser bem consciente, que tem a parte chata e eles a mesma coisa**.

Sósia: Aham. Né? Acompanha um pacote completo, né?

Rita: É o pacote. Faz parte do pacote.

Sósia: Eu perguntei por que do jeito que você falou, a impressão que deu e... mas não com

¹⁰² Apêndice VI.

relação aos alunos, mas com relação ao todo mesmo, que você tinha chegado nesse momento em que o estresse tava muito e teve que reorganizar.

*Rita: Ah, eu cheguei mesmo. Eu cheguei num **estresse** assim, é... **prejudicou bastante a minha saúde. Coisa que até então nunca tinha acontecido.** É... mas não com os alunos. Com os alunos é a parte boa.*

IS – Professora Rita

Para Clot (2007, p. 116), a fadiga profissional pode ser compreendida tanto a partir daquilo que os trabalhadores fazem quanto a partir daquilo que eles não fazem. Com o estabelecimento do ensino remoto e as novas tarefas, a professora perdeu os meios corporais e psíquicos, pois “as emoções e os sentimentos são meios de viver o afeto em situações nas quais uma pessoa se sente ultrapassada pelos acontecimentos” (CLOT, 2016, p. 94). O que explica que, a partir da transformação do trabalho com maior volume e necessidade de interação com os instrumentos didático-pedagógicos burocráticos do que interações com os alunos, prejudicou-a em seu poder de agir e, conseqüentemente, em sua saúde, causando-lhe *estresse como até então nunca tinha acontecido*.

No encontro do dia 05 de agosto, próximo excerto a ser apresentado, a professora Helena, que é colega de trabalho de Rita na mesma escola, corrobora sua fala anterior sobre seu desgosto em *preencher chamada*. Helena relata seu sofrimento e dos demais professores da escola (*a gente pode fazer*) para realizar a tarefa de verificação de faltas dos alunos neste novo processo, pois consideram que poderiam fazer de uma forma mais autônoma (*por si próprio*) algo que, *no sistema* em que trabalham, *leva muito tempo* do seu *serviço*. A professora também cita sua *frustração* com as constantes modificações das prescrições vindas da instituição, pois *numa semana era isso e você fazia e na outra semana não era mais*.

*Helena: Eu quero aproveitar o gancho do que as meninas estão falando... praticamente a gente trabalha no mesmo colégio, na mesma rede. Enfim. Esse sentimento que tá sendo colocado aqui é de **frustração**, porque se a gente parar pra pensar, e eu concordo com esse sentimento que colocaram aqui, essa questão de **não permitir que o professor venha a criar situações de aprendizagem nesse momento.** [...] E vinha um monte de coisa pra gente fazer da parte burocrática, e cadê o momento do professor? Pra ele poder respirar, pra ele poder entender como preparar tudo isso? Então, assim, eu senti muito isso*

no começo, a questão da ansiedade misturada com a frustração, e de estar pensando “o que eu faço?”. (Inaudível) e eu trabalhava no colégio com aulas presenciais com aquele contato com o meu aluno, onde não sai só conhecimento, mas ia muito pra prática. E agora como que eu faço isso online? Então foi uma coisa que demorou muito pra começar a compreender. Surgiu um turbilhão de sensações, assim, que eu acabei me perdendo no início. Eu falei: “meu deus, como? Se eu sempre tinha as coisas certinhas, sempre tendo mil ideias pra trabalhar com eles!” E, de repente, me vejo numa tela em que eu vou ter sim alunos, mas eu não vou poder trabalhar como eu gostaria. E talvez a situação desse sentimento que me afetou. E hoje, de pouco tempo pra cá, eu comecei a pensar assim “se não deu certo, não tem o que fazer, não deu”. Sabe? Vamos tentar fazer dentro daquilo que é possível, mas eu gostaria que fosse diferente esse processo, que desse mais oportunidade da gente tá desenvolvendo aquilo que a gente gosta de trabalhar com os nossos alunos, da nossa maneira. Quem sabe criar um pouco mais essas questões que até então não teria tanta necessidade. Que nem as meninas colocaram, que eu senti e os outros professores sentiram também, que é essa situação que **numa semana era isso e você fazia e na outra semana não era mais sabe?** Então isso foi atrapalhando tanto que **o nosso nível de estresse aumentou muito**. Não perguntaram pra gente: “olha, pessoal, o que vocês acham? Vamos trocar uma ideia? O que vocês estão sugerindo pra gente?”. Não houve essa troca. Então, o meu lado, o sentimento ficou essa frustração inicial com relação a isso.

Sósia: E agora, já mudou um pouco isso? Por exemplo, agora o Valmiqui estava falando que pra semana que vem já tem mudança pro Estado de novo, quer dizer que não mudou, né, continua vindo. E pra vocês mudou um pouco? Essa situação estabilizou? A situação que estava no começo, você conseguiu tomar um rumo ou ainda não?

Helena: Então, em algumas situações sim. As coisas foram mudando, em algumas situações alguns pontos, eu não digo facilitado, eu acho que daria pra ser ajustado. Com relação a situação que a gente tem, uma coisa que se bate muito a tecla é **em relação a falta dos educandos que a gente tem, no sistema que a gente trabalha, e que leva muito tempo do nosso serviço, sabendo que a gente pode fazer por si próprio essa situação, né, que não caberia tanto a gente**.

Discussões entre pares após retorno da IS – Professora Rita

Com a frequência de alterações nos procedimentos prescritos, o tempo necessário para que uma nova cultura profissional coletiva se descobrisse e se renovasse foi abreviado (CLOT, 2007, p. 39), não podendo ser apreendida *antes*, mas sim *na* própria atividade. Além disso, sem o tempo de interação necessário para

conhecer as prescrições, os professores também não conseguiram reelaborá-las a fim de prefigurar seu trabalho dentro de seus próprios limites físico e psíquico. Diante dessa nova realidade, a professora relata que *aumentou muito o nível de estresse*, tanto para si quanto para seus colegas (o nosso), o que impediu a atividade, não permitindo que *o professor venha a criar situações de aprendizagem nesse momento*.

Então, os esforços para resgatar o coletivo e seu gênero se reencontraram nos “grupos” dos aplicativos de mensagens, nos quais os professores conseguiram ampliar o seu poder de ação nas novas tarefas designadas e, de certa forma, sobre eles mesmos, conforme podemos ver neste próximo excerto e também como no caso já citado no penúltimo excerto, da professora Rita, no qual ela relata que quando se reconhece em sofrimento, em *esgotamento físico e mental*, recorre às *amigas que estão na mesma situação*. Podemos observar nesta nova fala da professora Rita que ela pode estar em um caminho e os colegas que optaram por outro podem lhe *ajudar* e lhe *abrir os olhos*.

Sósia: [...] Você disse que, então, primeiro recorre aos colegas, né? Às amigas que... o pessoal que... O pessoal que trabalha junto. E aí vocês debatem um pouco sobre isso pra ver se a coisa estabiliza um pouco entre vocês antes de chegar na coordenação?

Rita: Sim. Isso. Porque às vezes, por exemplo, eu tô lá no meu grupo, o grupo... o grupo que eu participo das minhas amigas, além de colegas de trabalho são amigas, se chama ‘sobreviventes’. Porque nós estamos sobrevivendo. E, para sobreviver, tem sim que ter o apoio. Porque, às vezes, eu tô num caminho que a colega está em outro e ela pode me ajudar, né? **A outra colega está em outro caminho que ela pode abrir meus olhos: “ó, faça assim e coisa e tal”.** Então esse grupo de apoio é muito importante. Agora...

Sósia: E você, daí, vocês trocam experiências ali dentro?

Rita: Isso. Isso é muito positivo, muito positivo. Se não fosse esse grupo, eu não sei como que as coisas estariam. Daí eu certamente me sentiria... eu me sentiria muito sozinha. Eu não me sinto **totalmente sozinha**, porque eu tenho na verdade dois grupos: esse do sobreviventes e de outros amigos que eu divido turma. Aí, claro, que chega uma hora que só conversar com os amigos, não vai resolver. Aí eu procuro a coordenação.

IS – Professora Rita

A vitalidade dialógica interna é que prepara o sujeito para suportar ou apreender os imprevisíveis do real da sua atividade diante dos quais ele deve se

determinar, sendo imprescindível que ele disponha de plasticidade subjetiva, o que define se ele vai conseguir ou não conquistar o desenvolvimento do seu poder de agir profissional (CLOT, 2010b, p. 31). Como a situação pandêmica das atividades de ensino não presenciais inicialmente destoa completamente do apreendido durante o vivido e/ou com seu gênero profissional, as professoras e os professores sentem esses imprevistos no corpo, pelo afeto. Segundo Clot (2016, p. 93), os trabalhadores sentem no corpo que estão diminuídos ou aumentados, isto é, tendo sua capacidade de agir maior ou menor. Com a diminuição de sua capacidade de agir, os trabalhadores têm sua saúde afetada e, conseqüentemente, o sofrimento.

O sofrimento no trabalho pode ser compreendido a partir das várias dimensões sobre as quais ele incide ou é pensado: do corpo; do psiquismo ou da subjetividade; do relacionamento entre os sujeitos; da perspectiva do sujeito moral; e do ponto de vista do próprio trabalho (BENDASSOLLI, 2011, p. 75-76). Durante nossos encontros, muitas palavras foram utilizadas pelas professoras e professores participantes da pesquisa para descrever esses afetos em relação com as emoções para descrever o sofrimento no trabalho neste contexto pandêmico: *desafio, tristeza, cansaço, angústia, estresse, frustração, perda, desestabilização, desconfiguração, horror* etc.

Uma das formas de superação desse sofrimento no estabelecimento do ensino remoto, por exemplo, foi a interação constante da professora Rita com seu coletivo de trabalho, que foi classificada pela professora como *muito importante*, pois não a deixa se sentir *totalmente sozinha*. Neste raciocínio, a professora ressalta que conversar com amigos que não fazem parte do seu gênero profissional não é suficiente para resolver as questões do trabalho. Nesta última frase, temos a professora relatando a importância do seu coletivo de trabalho para superar a situação vivida e *sobreviver* a este período pandêmico de trabalho. Neste movimento, observamos um funcionamento diferente nas relações entre as colegas, o que pode indicar a constituição de um coletivo de trabalho que funciona para auxiliar a atividade. Pois, para Clot (2007, p. 38), “um grupo não é uma coleção de indivíduos, mas uma comunidade inacabada cuja história define também o funcionamento cognitivo coletivo”.

Aprendemos a partir do social, do meio. Para Vygotsky, o sócio-histórico não é sinônimo de “coletivo” ou de “sistema social”, mas um processo onde o mundo

cultural, em seus múltiplos cortes macroscópicos e microscópicos, apresenta-se ao sujeito como o *outro*, a referência externa que permite ao ser humano constituir-se como tal (OLIVEIRA, 1992, p. 67). O "social" não é uma opressão, uma subordinação ou apenas o que se encontra no exterior ou entre os indivíduos, podendo ser descoberto, também, no próprio indivíduo, que tem de se haver com ele na indeterminação dos futuros em conflito na vida social, sempre plena de possibilidades não realizadas, que atravessa e circula na atividade, impelindo-a a se *determinar* (CLOT, 2010b, p. 13).

Pela falta de interação social, a professora Rita se disse *desconfigurada como profissional, triste*, porque sua vida se resumia *ao canto da sua sala*. Para a professora Rita, o social, neste momento, também foram as professoras e os professores participantes da nossa pesquisa, pois, *conforme os encontros foram acontecendo*, a professora relata durante seu retorno de instrução¹⁰³, apresentado a seguir, que foi *se resgatando* para não mais *sentir culpa: Eu deveria ter sido melhor? Deveria ter feito uma videoaula melhor? É como eu comentei na vez passada, do jeito que ficou agora vai, porque esse foi o meu melhor deste momento*. Rita encontrou no social o que *tinha desaprendido desde o início do ensino remoto* para superar o *cansaço físico e mental* e depois encontrar em si o necessário para se *reorganizar de novo*.

Rita: Com certeza, assim sabe, eu tinha desaprendido algumas coisas no início desse ensino remoto. E depois, com os encontros, eu até comentei com a Pesquisadora mestranda, que eu até resgatei... pelo tempo que eu tava levando com as coisas, com o tempo que eu estava trabalhando, pelo cansaço físico e mental. E com os encontros eu comecei a me reorganizar de novo. Porque eu não gosto de sofrer. Ninguém gosta! E eu percebi que, conforme os encontros foram acontecendo, eu comecei a resgatar aquela professora de não sentir culpa, de não sentir assim... ai, eu não estou conseguindo ser cem por cento pra eles. Eu deveria ter sido melhor? Deveria ter feito uma videoaula melhor? É como eu comentei na vez passada, do jeito que ficou agora vai, porque esse foi o meu melhor deste momento. E no começo eu tava me cobrando demais. Eu perdi a linha. E até então eu não tinha perdido a linha.

Sósia: Eu percebi que tinha um sofrimento geral, não era só de você, era um sofrimento com todas as coisas, de ter que gravar... Teve uma fala que veio de vocês que gravam as

¹⁰³ Apêndice VII.

vídeo aulas, da família, daquele horror que era aquele momento de gravar a aula, era um horror pra todo mundo. Foi uma fala que me marcou muito, porque em casa ninguém pode ouvir que vai gravar uma videoaula. Um chora pra um lado, um chora pro outro, outro se fecha pro outro, outro vai fazer fechado no carro, porque era muito forte esse movimento. E olha que interessante, você disse que você tinha esquecido algumas coisas e que você voltou a lembrar.

*Rita: Sim, eu me perdi, eu não sei o que aconteceu comigo que eu me perdi. **Parece, assim, que eu me desconfigurei como profissional.** Por mais que eu tivesse apoio das minhas amigas e dos grupos que eu participo, parece que eu acabei me desconfigurando. Teve um dia, numa reunião inclusive com a gestão, e eles pediram pra gente falar como a gente estava se sentindo e eu falei “**eu estou triste, porque a minha vida se resume ao canto da minha sala**”. **Agora eu não estou tanto, porque eu estou conseguindo caminhar melhor**, mas naquele momento eu estava me sentindo muito triste ainda, porque pensa... eu sou extremamente ativa em sala, gosto de levar aluno pra pracinha, gosto de levar aluno pro pátio. É língua portuguesa, mas eu gosto de misturar com matemática, porque dá pra misturar, já fiz trabalhos junto com geografia, com história.... E, de repente, eu tô aqui sozinha. Então, pra mim foi bem triste. E nessa tristeza eu acabei me perdendo um pouco no rigor com o trabalho, mas agora eu tô voltando e tô me sentindo mais leve.*

Sósia: E talvez fazer um trabalho menos rigoroso, voltar a ser mais divertido.

Rita: Exatamente, exatamente. Eu tô gostando mais agora.

Retorno da IS – Professora Rita

Portanto, após o contato com outros vividos, a professora Rita pode *reconfigurar* também o seu viver no trabalho. Vygotsky (1991, p. 101) explica que um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal, ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando o sujeito interage com pessoas em seu ambiente, com seu meio social.

4.3.5. Interações como instrumento psicológico de aprendizado

Apresentamos no capítulo de pressupostos teórico-metodológicos uma seção conceituando os instrumentos psicológicos. Vigotski chamou de instrumentos psicológicos ou signos todas as “ferramentas que auxiliam nos processos psicológicos e não nas ações concretas” (VYGOTSKY, 2007, p. 30), ou seja, àqueles instrumentos através dos quais transformamos o processo de lembrança em uma atividade externa (VYGOTSKY, 1991, p. 58).

Nesta seção, portanto, abordamos a interação como instrumento psicológico quando desempenha o papel de “fonte para aprendizagem de novos conhecimentos, pois pode desenvolver novas capacidades do trabalhador” (MACHADO e BRONCKART 2009; MACHADO 2007, 2010b).

Durante a instrução¹⁰⁴ realizada dia 18 de junho de 2020, a professora Kátia relata que, embora o cenário educativo, as prescrições e os instrumentos docentes tenham mudado, *a escola não lhe ensinou a usar os recursos mínimos necessários para que cumprisse sua nova prescrição de trabalho: o planejamento, a filmagem e a edição de videoaulas. Assim, mesmo sendo a videoaula o grande recurso para passar o conteúdo* para seus alunos e, portanto, seu único instrumento de ensino no início do período pandêmico, ela relata ter recebido da instituição na qual trabalha apenas *um tutorial caseiro* para desenvolvê-las.

Sósia: E me diz uma coisa. O meu planejamento com isso sofreu alguma alteração do início do ano? Ou eu continuo com o mesmo planejamento que eu tinha?

Kátia: O planejamento... você vai seguir **aquele planejamento**, organizando semanalmente quais são os conteúdos dele que você vai trabalhar com os seus alunos. E deixando claro nele quais são as páginas de exercícios. E, claro, agora, com o recurso **sendo a videoaula o grande recurso que você tem pra passar esse conteúdo pra eles**.

Sósia: E essa videoaula. Agora uma outra pergunta. E essa videoaula que eu gravei e disponibilizo, eu gravo em casa com o meu computador mesmo ou no meu celular? Como é que eu faço essa gravação?

Kátia: Exatamente. A sua escola permite que você vá até ela quando você não tem condições de gravar nas suas... na sua casa. Ela não incrementou o seu celular, o seu computador ou os seus dados de internet. Mas se você não tem condições de fazer em sua casa, você vai entrar em contato com o seu coordenador e vai avisar: “preciso ir até a escola, por que eu não tenho recursos aqui pra isso”. E ele vai lhe autorizar à ir no seu

¹⁰⁴ Apêndice II.

horário de trabalho para a escola e realizar lá suas obrigações nesse modelo online.

Sósia: Por que daí lá tem os equipamentos pra eu poder gravar a videoaula?

Kátia: Exatamente. Mas...

Sósia: Essas videoaulas... quando eu gravo, essa gravação, eu posto ela direto no Teams ou eu tenho que passar pelo YouTube?

Kátia: Não. Você vai fazer o modelo... eu uso o... principalmente o screenshoot, que é aquele que você fica reduzido na tela e aparece. Você recebeu 2 vinhetas pra você colocar uma antes e uma depois pra aula ter uma uniformidade, uma estética mais agradável. E aí você vai gravar essa videoaula, editá-la colocando as vinhetas e vai subir essa aula direto no Teams para suas turmas no prazo estabelecido e no dia combinado.

Sósia: Eu tive uma formação pra fazer isso, né?

*Kátia: **Você teve um tutorial caseiro pra fazer isso.***

Sósia: Mas ninguém me ensinou como é que eu faço produção de vídeo?

*Kátia: **A sua escola não te ensinou. Você foi muito inteligente e criou o grupo de WhatsApp dos seus colegas de trabalho e um foi te salvando, hora você salvando outro, hora outros foram te ensinando recursos que talvez seriam interessantes.** Por que a sua escola não te mostrou como usa o screenshoot, não te ensinou como adequa uma vinheta na outra, mas... e deixou até disponível um e-mail da TI para alguma necessidade, mas, ali no momento da emergência, você não vai ter resposta imediata como você espera na maioria das vezes.*

IS – Professora Kátia

Assim, a professora Kátia demonstra no seu agir discursivo recorrer ao coletivo de trabalho para superar os impedimentos da falta de formação para competências digitais neste momento: *Você foi muito inteligente e criou o grupo de WhatsApp dos seus colegas de trabalho e um foi te salvando, hora você salvando outro, hora outros foram te ensinando recursos que talvez seriam interessantes.*

Da mesma forma, sua colega Rita também nos descreve o grupo como um apoio na aprendizagem de competências tecnológicas, no qual *um pode ajudar o outro*, conforme podemos observar no trecho de sua instrução¹⁰⁵, no dia 29 de julho de 2020.

¹⁰⁵ ApêndiceVI.

Sósia: [...] Então tem o grupo que vocês se reúnem, que trocam ideias? Onde que surgiu essa... essa modo de vocês funcionarem?

Rita: Olha, com certeza, agora, eu não me lembro quem que fez, mas foi alguém ali do grupo. Tipo, vamos montar esse grupo porque **é um grupo de apoio mesmo**. Porque o que que aconteceu? Esse grupo...

Sósia: Isso foi... foi depois que começou as aulas remotas?

Rita: Isso, isso que eu ia comentar, desses dois grupos. O “Sobreviventes” que eu faço parte, ele já é um grupo antigo. Agora foi necessário montar um outro grupo. Porque o que que aconteceu? Na segunda semana, depois desse isolamento social, a escola simplesmente pediu assim: **“a partir de agora, vocês vão fazer videoaulas”**. **Ninguém tinha feito isso na vida, né? “Agora, vocês vão ter que fazer isso, isso, aquilo”**. **Daí: “gente, como é que isso se faz? Coloca a vinheta, coloca imagem no final”**. **Eu nunca falei diante de uma câmera, nunca!**

Sósia: Uhum.

Rita: Aí o que que aconteceu? Houve a necessidade de montar esse grupo porque sempre tem aquele que entende mais de tecnologia, sempre tem aquele que dá uma dica: “olha, faça assim pra você se desgastar menos”. Né? Aí foi assim uma troca alucinante, foi muito louco tudo que aconteceu. Porque a escola não deu é... suporte nenhum pra gente aprender. Nós tivemos que aprender na marra! Então, um entrava num negócio, uma colega, por exemplo, ela mandou vários tutoriais. Porque, assim, a escola até mandou alguns tutoriais pra nós, mas eu... eu não tenho paciência, eu me nego a ficar assistindo aqueles vídeos de dez, quinze minutos. Porque passou de cinco minutos, eu não presto mais atenção. Aí eu sempre perguntava lá no grupo: “alguém tem um videozinho bem caseiro me ensinar, jogo rápido?”. Uma colega ía lá e fazia o videozinho caseiro e era onde eu aprendia. **Então, esse grupo, ele surgiu justamente pra um poder ajudar o outro, porque nós não sabíamos mexer com nada de tecnologia. Essa tecnologia que nós estamos forçados a usar agora.**

IS – Professora Rita

A professora relata que para compreender as funcionalidades dos novos instrumentos de trabalho, ou essa *tecnologia que estão forçados a usar agora*, ignorou os tutoriais caseiros prescritos pela escola em detrimento dos tutoriais também caseiros feitos por suas colegas de trabalho. Isso nos leva a compreender que, por mais que ambos os tutoriais tenham tido a intenção de guiar os aprendentes sobre as funcionalidades básicas de uma ferramenta tecnológica, a linguagem utilizada pode ter sido decisiva para que a professora optasse pelo de

suas colegas, pois estas falavam a *linguagem no trabalho* e não *sobre o trabalho*, ou seja, suas colegas, de seu coletivo de trabalho, vivenciaram os percalços do aprendizado e testaram as ferramentas que estavam compartilhando entre si.

Rita, assim como Kátia, também encontra no seu coletivo de trabalho o compartilhamento dos aprendizados construídos por ela e pelos colegas, a partir da navegação contra o tempo, no mar revolto das inúmeras possibilidades da internet ainda desconhecidas pela maioria deles, e do tateamento de ferramentas com potencialidade de conversão em instrumentos didático-tecnológicos. Em ambos os casos, portanto, o coletivo aumentou a capacidade de agir conjuntamente, pois, segundo Clot (2010b, p. 167), o grupo criou “uma história comum de reorganização do trabalho coletivo por um coletivo de trabalho”, mobilizando “instrumentos genéricos”, pois, “caso contrário, “crescem os riscos de desregulação da atividade individual, relativamente tanto à segurança das instalações quanto à saúde dos trabalhadores”. Assim, o próprio fato de dividirem o trabalho é o objeto de um trabalho (CLOT, 2007, p. 84).

No entanto, parafraseando as conclusões encontradas na tese de Lima (2016, p. 44), se a cada etapa do trabalho de ensino foi exigido dos professores o domínio de novos recursos, então esse novo recurso não era o mesmo instrumento de acordo com a situação em que se encontra em uso e, por isso, o gesto, isto é, a maneira de utilizá-lo também não pode ser a mesma.

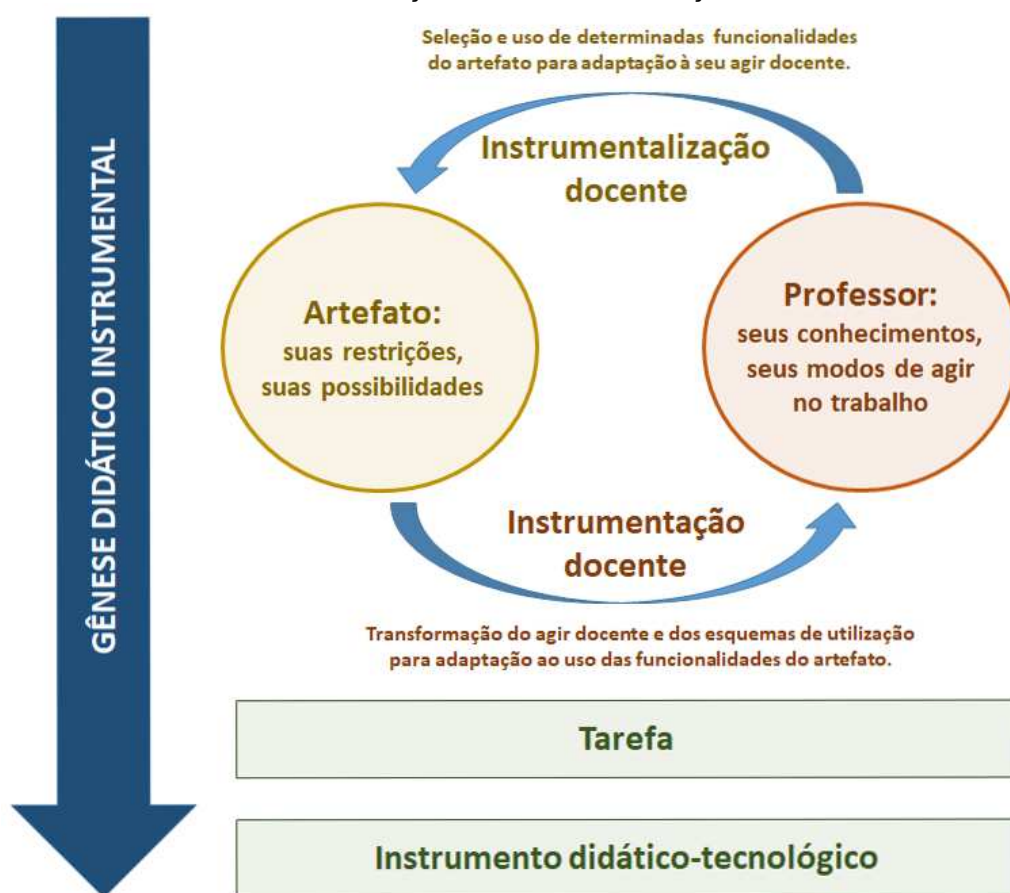
Embora o coletivo tenha auto regulado o trabalho neste período de ensino remoto, não houve tempo hábil para a transformação do trabalho docente na personalização da atividade, desenvolvendo essas informações do meio intrapsíquico do coletivo para o conhecimento interpssíquico a ser reelaborado e transformado em instrumentos.

Desta forma, podemos identificar que, com a falta de tempo para completar o processo de internalização dos novos aprendizados sobre as ferramentas tecnológicas com potenciais didáticos e, conseqüentemente, sua instrumentalização, os professores realizaram durante todo esse período pandêmico de ensino remoto uma atividade reguladora ou, como podemos especificar para esse gênero profissional, uma atividade didático-reguladora. Essa atividade pode ser definida como o movimento de interiorização gradual e contínua de busca, reconhecimento, desenvolvimento e/ou apropriação, uso, avaliação e reelaboração de ferramentas

para a atividade docente, passíveis de se tornarem instrumentos didático-tecnológicos e capazes de auxiliar na transformação dos objetos de ensino em objetos de aprendizagem.

E também utilizando a analogia com a teoria da gênese instrumental de Béguin e Rabardel (2000), poderíamos sugerir que à medida em que os professores conseguem completar os processos de instrumentalização e instrumentação docente, ocorre o processo da gênese didático-instrumental (FIGURA 13).

FIGURA 13 – A GÊNESE DIDÁTICO INSTRUMENTAL E OS PROCESSOS DE INSTRUMENTALIZAÇÃO E INSTRUMENTAÇÃO DOCENTE.



Fonte: A autora (2020).

Assim, além de todo trabalho de ensino sendo realizado, acrescentou-se ao real da atividade o processo obrigatório, contínuo e urgente de aprendizagem de novos instrumentos, que, assim como todo processo de aprendizagem, é individual. Por isso, por mais que o coletivo se auxiliasse, a atividade de aprendizagem foi reguladora e única para cada professor.

Como as demais professoras e professores participantes até o momento, a professora Alice, atuante na rede pública de ensino da cidade de Curitiba, também possui a incorporação de diferentes tarefas no seu trabalho durante a pandemia, que lhe exigiram diferentes aprendizados.

Durante o ensino remoto, as pedagogas e os pedagogos selecionados pela prefeitura para gravação das videoaulas foram avaliados pelas professoras e professores da rede pública municipal. Esta avaliação tornou-se uma parte das atividades docentes de Alice, bem como de todas as professoras e professores que não realizavam essas gravações, sendo prescrita pela prefeitura de Curitiba. Para isso, os professores precisavam assistir, descrever e comentar o desenvolvimento didático dos colegas durante as videoaulas. Segundo a professora Alice e conforme podemos observar no excerto de sua instrução ¹⁰⁶ a seguir, muitos colegas *escreveram* para dar seu *parecer* na intenção de *melhorar* o desempenho dos colegas, *corrigindo esses pedagogos que estão dando as aulas*.

Alice: Depois, é. Agora eles recebem lá no núcleo de educação, né, a gente dá esse parecer, assim, né, se foi válido, se não foi. O que você achou, as observações e até pra corrigir esse pedagogos que estão dando as aulas, entendeu? É, pra melhorar. Por que daí que nem um vídeo lá que eu assisti, a fala ficou muito baixa, ela mostrava lá as imagens lá da... do trabalho do artista, né, da arte do artista lá e ficava muito pequena, mal visualizada e tal. Então tudo isso eu coloquei no papel. E com essa professora, daí eu assisti outros vídeos com ela, melhorou, assim, 100%, entende? Sinal que já deu retorno. Não só eu escrevi, várias, né, escreveram.

(Falas inaudíveis)

Alice: Claro. Com certeza. Agora, como te falei, lá com as pedagogas da escola, nós vamos ter essa, esse fechamento depois, né? Agora, com o núcleo, assim, as, as planilhas que já foram enviadas e o que eles puderam melhorar, assim, né, nossa, do que quando começou essas lives, era uma coisa, hoje em dia tá outra, entendeu? Melhorou, assim, muito. Por que? Por causa das nossas anotações também, né, nossas observações de melhoramentos. E é, eu acho que é importante, né? Agora, lá na escola, não tem muito, só, só nas videochamadas, assim, a gente comenta alguma coisa e tal, mas não dá pra fazer esse fechamento por que não dá pra ficar presencial, né, também. É complicado, né? [...]

Alice: Não. E eu vejo assim, as amigas, eu tenho amigas, né, pedagogas, que fazem doze

¹⁰⁶ Apêndice IV.

*anos já de prefeitura, sabe? As minhas amigas que trabalharam comigo, pedagogas, daí a gente só vê no vídeo lá, sabe? É engraçado. “Ó lá, aquela lá trabalhou comigo!”. Várias, sabe, eu só vejo lá no vídeo. Daí você fica **analisando** até: “vamos ver se se sai bem nessa”. E você ainda que dá nota. (Risos) Assim é bom, né? Queria ver se eu tivesse lá!*

IS – Professora Alice

Na clínica da atividade, Clot explica que o trabalho é o principal operador tanto do desenvolvimento psicológico do sujeito como de sua saúde e bem-estar, sendo triplamente orientado: para o sujeito (alcance de seus próprios objetivos), para o objeto da atividade (ou o real da atividade) e para o outro (a atividade do outro, com a qual o sujeito tem de lidar para cumprir a sua própria) (BENDASSOLLI, 2011, p. 83). Essa constitui a “célula viva” (CLOT, 2007, p. 101), ou seja, é a “tríade viva” da atividade (CLOT, 2007, p. 102) e a “unidade elementar de análise” do trabalho (CLOT, 2007, p. 97). Portanto, toda atividade é dirigida porque não existe atividade sem sujeito (CLOT, 2007, p. 95). Então, ao *analisar* as condutas das pedagogas e dos pedagogos nas videoaulas, a professora Alice reconhece suas antigas colegas e (re)conhece outras maneiras de agir no trabalho docente, inclusive de trabalhadoras que estão a mais tempo que ela atuando, com *doze anos já de prefeitura*, conhecendo a atividade do outro e, com ele e através dele, dirigindo e aprendendo a lidar com a sua própria atividade.

Desta forma, mesmo que seja *só lá no vídeo*, lidando com o outro através da prescrição de avaliar a atividade dos pedagogos durante as videoaulas, a professora Alice incorporou mais essa tarefa à sua atividade, reelaborando suas funções psicológicas através da interação com seu “gênero profissional” e, com isso, “na interseção do passado e do presente” (CLOT, 2010b, p. 169) da sua profissão. Pois quando um círculo profissional consegue transformar seu passado em um meio para viver o presente, conserva seu passado e constrói o seu futuro (CLOT, 2010b, p. 170). Assim, quanto maior o número de pontos de contato de um professor com o agir sócio historicamente estabelecido por seu gênero profissional, “mais fecundo e mais flexível será seu manejo das técnicas e linguagens do gênero, e menos ‘ingênuos’ serão no ofício” (CLOT, 2010b, p. 170).

Ou seja, ao assistir as videoaulas de suas colegas e conhecer novas práticas, novos jeitos do agir docente, a professora tem a chance de reelaborar suas próprias práticas, sua própria conduta profissional. Afinal, os modelos do agir sócio

historicamente construídos por seu coletivo de trabalho também fazem parte dos recursos para o agir docente (MACHADO, 2007, p. 93-94), pois “na ausência do outro o homem não se constrói homem” (OLIVEIRA, 1992, p. 68).

Essa mesma discussão vale para as pedagogas e os pedagogos que recebem as análises críticas sobre seu trabalho. Para Clot (2010b, p. 15), o poder de agir se desenvolve ou se atrofia na ‘caixa preta’ da atividade de trabalho, avaliando o raio de ação efetivo do sujeito ou dos sujeitos em sua esfera profissional habitual, ou seja, a irradiação da atividade e seu poder de recriação. A atividade é sempre uma resposta à atividade dos outros, sendo o eco de outras atividades (CLOT, 2007, p. 97). Então, discutir os critérios de qualidade do trabalho é condição fundamental para a saúde dos professores, além de permitir que esses sujeitos abram a “caixa preta” de sua atividade, através do eco das atividades de seu gênero, e amplie sua potência de agir, recriando suas ações.

Afinal de contas, segundo a professora Alice, os apontamentos feitos já deram *sinais de retorno*, pois em comparação às aulas do início do ano, as aulas de hoje *melhoraram muito*. A professora acredita que essa melhora de “100%” se deve às suas *anotações* e de seus colegas.

Com o avançar da pandemia e a continuidade das atividades não presenciais através da gravação de videoaulas, as pedagogas e os pedagogos também foram se adaptando ao novo modelo de ensino remoto e, individualmente, recriando suas formas de agir. Para Vygotski, a atividade coletiva é duplamente integrante da atividade individual, pois a vida coletiva se torna fonte e recurso para a atividade individual que, a partir do surgimento da forma de conduta própria do sujeito, atua interpsicologicamente no plano social e intrapsicologicamente em seu plano psicológico (CLOT, 2010b, p. 166).

Podemos observar que houve também a atividade intrapsicológica por meio da interação interpsicológica entre os professores participantes da nossa pesquisa, através da troca de experiências e sugestões, pois no retorno de sua instrução¹⁰⁷, dia 16 de julho, a professora Alice relatou que refletiu sobre a sugestão da professora Dagmar.

Em nossa pesquisa, essa reflexão durante o retorno da sua instrução se mostra importante para identificar o ciclo demonstrado por Clot “entre o que os

¹⁰⁷ Apêndice V.

trabalhadores fazem, o que eles dizem que fazem e, por fim, o que eles fazem do que eles dizem” (FAZION e LOUSADA, 2016b, p. 200 apud CLOT *et al.* 2001, p. 21-23). Então, a professora Alice nos conta que, ao apresentar para a diretora a ideia proposta durante sua instrução, conseguiu apoio da escola para superar um dos seus impedimentos de interação com seus alunos e estabelecer um novo canal de comunicação com eles, conforme podemos observar no trecho a seguir.

*Alice: Na verdade, assim, **tudo que eu ouvi, inclusive da Dagmar**, sobre orientar as crianças, **fazer um videozinho pra que eles possam estimular mais eles a trabalhar...** Eu até comentei com a minha diretora de um vídeo por turma e ela achou muito legal a ideia. E, a partir da semana que vem, nós vamos começar a fazer esses videozinhos. Até pra ajudar as crianças a fazer, nos (inaudível) corrigir os trabalhos que eles levam pra casa. No quarto ano, umas treze crianças não fizeram e são trinta alunos. Praticamente a metade. Alguns só escreveram o nome e mandaram em branco as atividades. Então, assim, **a gente** tem todo o trabalho de preparar, de planejar, pesquisar pra montar as atividades pra eles não fazerem. Então é complicado! **É desestimulante inclusive pra nós**. Então vamos fazer esses vídeos na escola pra aproveitar já que essa semana, dia vinte, nós vamos fazer as entregas dos trabalhos lá. Daí nós já vamos aproveitar pra enviar esses vídeos. [...]*

*Alice: E as vídeoaulas, elas são feitas todas pelas pedagogas (inaudível). São aulas boas, a gente vê que são **bem preparadas**, são **criativas**, mas ao mesmo tempo **falta esse contato com o professor mesmo**. **E eles estão sentindo falta**. Por mais que sejam aulas bem diversificadas, **não podemos tirar os nossos méritos!***

Retorno da IS – Professora Alice

Também observamos que a professora carrega consigo seu coletivo de trabalho quando relata não apenas o seu próprio trabalho de *preparar*, de *planejar* e *pesquisar* para *montar as atividades* avaliativas, mas sim usando a expressão *a gente*. Também coloca seu coletivo de trabalho no desestímulo sentido pela falta de interação com os alunos (*É desestimulante inclusive pra nós*), assim como insere o gênero nas conquistas coletivas (*não podemos tirar os nossos méritos*). Assim, o gênero se faz vivo na ação, pois se tornou instrumento da ação (CLOT, 2007, p. 94).

No seu retorno, a professora Alice também cita novamente que seus alunos *estão sentindo falta* da interação com ela e que, apesar das vídeoaulas serem *bem preparadas* e *criativas*, falta o *contato com o professor mesmo*. Esse destaque dado

através da palavra *mesmo* sinaliza que, por mais que as pedagogas e os pedagogos que estão ensinando seus alunos neste momento através das videoaulas sejam seus colegas, muitas vezes até como antigos colegas de trabalho na mesma escola que da professora, não são os professores atuais de artes daquela turma, de suas turmas.

Mais uma vez, como já vimos em outras análises nesta mesma seção, temos a/o profissional não apenas *realizando*, mas *sendo* seu próprio trabalho. Assim, não temos a intenção de reduzir o sujeito ao seu trabalho, pois a subjetividade não é “a projeção mecânica da atividade”, tampouco o seu desenvolvimento é uma “simples progressão ou a metamorfose das suas funções psicológicas” (CLOT, 2010b, p. 30-31), mas sim sob a perspectiva de ilustrar que o ofício da docência não existe somente *entre* os profissionais, mas *em* cada um deles (CLOT, 2010b, p. 285).

Da mesma forma, durante sua instrução¹⁰⁸ neste mesmo dia 16 de julho, a professora Sônia, professora regente do ensino fundamental I da rede pública municipal de Matinhos-PR, também nos mostra ser e também estar em seu trabalho antes mesmo de estar *na ação*.

Sósia: Então Sônia, se segunda-feira eu fosse te substituir no teu trabalho, sem ninguém perceber, seria sua sósia no trabalho, o que eu deveria fazer pra que ninguém perceba essa substituição?

*Sônia: Olha, isso seria muito interessante. Então eu vou contar desde o começo. Primeiro porque **a minha aula de segunda-feira já começa no domingo, mentalmente falando, não na ação**. Eu já fico pensando o que eu vou fazer no domingo na verdade. Mas isso quando eu não tenho alguma coisa planejada ou quando eu tenho alguma coisa planejada e eu fico pensando no que eu posso aprimorar pra segunda-feira. Então, **a minha cabeça já tá, de certo modo, cheia no domingo**. Às vezes, eu vou na igreja no domingo e já tô pensando no que eu vou fazer.*

IS – Professora Sônia

Segundo Clot (2007, p. 116), o real da atividade é aquilo que não se faz, aquilo que não se pode fazer, aquilo que se busca fazer sem conseguir - os fracassos -, aquilo que se teria querido ou podido fazer, aquilo que se pensa ou que

¹⁰⁸ Apêndice V.

se sonha poder fazer em outro lugar ou outra parte, aquilo que se faz para não fazer aquilo que se tem a fazer e ainda aquilo que se faz sem querer fazer. A atividade possui “uma dimensão que uma abordagem demasiado cognitiva da consciência como representação do objeto, como intenção mental, priva de seus conflitos vitais” (CLOT, 2007, p. 116). A fim de superar esses conflitos vitais, os sujeitos transformam parte de sua atividade em intenções mentais, que, se não consideradas nas análises sobre o trabalho, tornam-as amorfas, dissociadas do real e da ideia de desenvolvimento (CLOT, 2007, p. 116).

Ao afirmar que *mentalmente falando sua aula de segunda-feira já começa no domingo*, a professora Sônia nos desvela traços desse real da sua atividade, através da intenção mental do planejamento da sua aula. Essa estratégia permite que a professora possa imaginar suas tarefas e aprenda a criar respostas cada vez mais assertivas para superação de impedimentos, pois mesmo que não aconteçam ou sejam diferentes da sua prática, o contato imaginário com suas tarefas lhe permite ampliar suas possibilidades de agir sobre seu trabalho. Portanto, através dessa projeção mental da sua atividade, a professora pode aprender sua atividade antes mesmo de realizá-la, estando nela antes mesmo de estar.

Como exposto no quadro 1, com os dados gerais dos professores participantes da pesquisa no capítulo da metodologia, a professora Sônia atua a menos de 2 anos como professora, sendo, portanto, a única professora iniciante participante de nossa pesquisa. Esse lugar que a professora ocupa dentro do gênero, como gênero iniciante, lhe confere também esse planejamento mais minucioso de sua atividade.

A atividade dirigida ao outro, ou o terceiro ponto da tríade viva do trabalho, só existe ao “estar exposto às discordâncias entre a atividade dos outros, suas próprias atividades e os objetos do mundo” (CLOT, 2007, p. 102). Então, ao contrário da maioria das suas colegas, a professora Sônia relata no próximo excerto que conseguiu estabelecer um canal de interação síncrona semanal com seus alunos, por *iniciativa sua*, através da plataforma *Zoom*, com um projeto aprovado pela direção da escola. Professora e alunos se encontram no mínimo 3 vezes na semana durante 40 minutos, que é o tempo máximo de duração de uma reunião disponibilizado de forma gratuita pela plataforma. Caso a aula se estenda, a professora relatou em sua instrução que agenda uma nova reunião e reencaminha

para sua turma o *link* de acesso. A professora relata em outros trechos de sua instrução que cerca de $\frac{1}{3}$ de sua turma está interagindo com ela semanalmente e que, em sua maior parte, retornam para aula quando ela encaminha o novo *link* para continuarem a reunião. Alice também relata que pelos problemas de acessibilidade dos alunos, que vão desde a falta de equipamentos e/ou internet em casa até a falta de conhecimento no uso das ferramentas digitais, esse projeto teve que ser excluído do seu planejamento após o início da pandemia.

Sônia: Tá. Dez horas acaba a aula da televisão, né? Dez horas você abre o teu zoom ou umas nove e pouco você abre, agenda uma reunião. [...]

Sósia: Tá, então, às dez e meia da manhã eu vou me logar em que plataforma?

Sônia: Você vai, a partir das dez que acaba a reunião deles, você... no zoom pra dez e meia... Você faz o agendamento.

Sósia: A escola que disponibilizou essa plataforma zoom pra mim?

*Sônia: Não, essa plataforma é sua. Você baixou no seu computador e você utiliza os quarenta minutos que é liberado da plataforma zoom. Isso é iniciativa sua, isso não tem... **não tem nada a ver com a escola. É iniciativa sua**, entendeu?*

Sósia: Então, às dez e meia, eu poderia liberar os alunos e não fazer isso, não fazer esses encontros já que não é uma ideia da escola, uma determinação da escola?

*Sônia: Você poderia não liberar os alunos. Você ficaria à disposição igual os outros professores ficam. Depois que termina às dez horas as aulas da televisão, eles ficam ali, à disposição pra tirar as dúvidas dos alunos e dos pais e pra fazer a chamadinha que na verdade eu não faço. Você não faz chamadinha, porque você acha que, **no teu caso, não tá funcionando a chamadinha**. No máximo às dez horas você coloca ali no grupo: “coloquem seus jinhos para ver a participação”. Você explica no grupo que é bem importante você ver a participação no grupo, mas **não coloca igual outros professores**, “quero ver a chamadinha”. Não, você não estabelece. Você só fala que quer ver a participação que isso é importante. Coloca ali uma mensagem explicando que isso é **importante porque a gente só tem esse canal de comunicação** e tal, mas não estabelece a chamada. Você não faz isso.*

IS – Professora Sônia

Assim, para ter interação síncrona com seus alunos, além apenas da interação assíncrona prescrita, a professora utiliza recursos próprios: notebook, cadastro na plataforma, aplicativo Zoom instalado no seu computador e, assim como

os demais professores participantes da pesquisa, o aplicativo de mensagens *WhatsApp*.

A professora Sônia relata que usa o *WhatsApp* como seu único *canal de comunicação* oficial com toda sua turma que, mesmo sendo pessoal e particular, foi prescrito pela prefeitura para uso neste período. Assim, através deste aplicativo de mensagens, a professora interage com seus alunos, repassa atividades de estudos, tira dúvidas e verifica a participação e a presença diária dos seus alunos nas aulas. Segundo a professora, ela optou por executar essa tarefa de forma diferente dos *outros professores*, pois percebeu que, *no seu caso, não estava funcionando a forma como os colegas a realizavam*, ou seja, o agir estabelecido pelos outros professores. A professora, então, imprime à tarefa o seu próprio agir.

Para determinadas prescrições, a professora iniciante se apoia nas suas habilidades com os meios digitais para reelaborar seu agir, que também foi aprendido através da observação de outro agir docente na interação com suas colegas, mas, neste caso, não sendo determinante para que ela estabelecesse sua autoprescrição das reuniões semanais síncronas com seus alunos. Suas habilidades com as ferramentas tecnológicas acabam acelerando parcialmente sua autonomia, sobretudo neste período pandêmico e de estabelecimento do ensino remoto.

O conhecimento da professora se revela como um artefato que permite que a professora “trabalhe suas próprias escolhas e ganhe autonomia” (LONGHI, 2017, p. 235) em relação ao agir estabelecido pelas professoras experientes, imprimindo seu estilo individual ao seu trabalho. Para Clot e Faïta (2016, p. 42), “o estilo é o que, no interior da própria atividade, permite ultrapassar a atividade”, ou seja, é a emancipação e o duplo enriquecimento dos pressupostos genéricos da ação: “o enriquecimento dos contatos sociais consigo mesmo e aquele das relações pessoais firmadas com os outros”. Portanto, o estilo individual é a transformação dos gêneros na história real das atividades, no momento de agir em função das circunstâncias, e que conserva a vitalidade e a plasticidade do gênero (CLOT, 2010b, p. 126). Assim, seu gesto se libera do gesto dos seus colegas, não por sua negação, mas por “vencer o gesto transmitido graças ao seu aperfeiçoamento” (CLOT, 2010b, p. 161).

Porém, para outras tarefas, a professora Sônia ainda acompanha o agir docente com o qual interage dentro do seu coletivo de trabalho para adquirir novos aprendizados, como é o caso da autoprescrição da tarefa de disponibilização do *link*

das videoaulas no *Youtube* para seus alunos através do *WhatsApp*, conforme podemos observar no trecho abaixo.

Sósia: A aula é na televisão ou no WhatsApp?

Sônia: Na televisão a cabo, dez horas.

Sósia: E o link do Youtube?

*Sônia: O link do Youtube é no WhatsApp. É que alguns alunos que têm acesso a televisão e tem alunos que não tem acesso ao canal rede massa TV aberta. Então **você tem que disponibilizar o link no WhatsApp**, porque tem aluno que só tem o acesso no Youtube. Por isso que você precisa disponibilizar no WhatsApp, entendeu? O WhatsApp é a ponte de tudo, da comunicação.*

Sósia: E eu fui comunicada pela escola que esses alunos não têm acesso a televisão ou os alunos mesmo me disseram que não tem acesso a esse canal?

*Sônia: Foram os alunos mesmo. **Eles entraram em contato**, falaram que não tinham acesso à televisão. Mas a escola, também por outros professores, tiveram problemas, comunicaram os professores. Você também ficou sabendo que tava tendo o mesmo problema, por isso que ficou essa **obrigação** de colocar no grupo do WhatsApp, dar 'bom dia' e colocar os link do Youtube.*

Sósia: Depois que a escola ficou sabendo é que eu tenho que entrar no WhatsApp e disponibilizar o link?

Sônia: Isso, porque não é todo mundo que tem acesso ao canal aberto.

Sósia: Antes eu já fazia isso de disponibilizar o link do Youtube?

*Sônia: Não. No comecinho da pandemia não precisava, **depois que a gente, que você começou a ver a dificuldade das crianças**.*

Sósia: Então foi uma iniciativa minha?

*Sônia: Não foi uma iniciativa sua. As professoras começaram a ver as dificuldades que estavam acontecendo e todo mundo começou a disponibilizar. Foi uma decisão do grupo. **Isso virou uma prescrição**. Você tem que por lá no WhatsApp pras crianças se logar.*

IS – Professora Sônia

A prescrição, ou o trabalho prescrito, não é o contrário do trabalho, mas sim o resultado 'esfriado' de outras atividades de gestão e concepção (CLOT, 2007, p. 95). Machado e Bronckart (2005, p. 187) explicam que a prescrição é a homogeneização feita pela instituição escolar através dos textos prescritivos, que incidem, por exemplo, sobre a organização das classes, a distribuição do tempo

disponível, os objetivos do ensino, as rotinas da interação, as ações a serem desenvolvidas etc. Assim, quando um coletivo de trabalho reelabora suas prescrições, podemos entender que houve uma transformação permanente das prescrições, diante das necessidades específicas com as quais se confronta (MACHADO e BRONCKART, 2005, p. 187).

As prescrições não são estabelecidas apenas através de textos escritos, podendo também se delinear através de orientações verbais na forma de acordos coletivos em reuniões ou, neste período pandêmico, como um consenso sobre a conduta a ser seguida após uma discussão do coletivo através de e-mails ou mensagens, por exemplo. E foi exatamente esse o caso dos colegas de trabalho da professora Sônia, após reconhecerem a dificuldade relatada pelos alunos da escola em encontrar e acessar as videoaulas no *Youtube*. Desta forma, a professora relata que depois que o grupo *começou a ver a dificuldade das crianças*, incorporaram a tarefa de *disponibilizar o link* das videoaulas no *WhatsApp* e *isso virou uma prescrição*. E percebe-se que a tarefa não é individualizada, ou apenas uma autoprescrição comum entre esses professores, quando a professora relata que *não foi uma iniciativa sua*, mas sim *uma decisão do grupo*, e que acabou virando uma prescrição reelaborada pelo grupo, uma *obrigação* coletiva. Da mesma forma percebemos que não era uma prescrição da instituição, pois a gestão da escola ficou sabendo pelos professores dessa dificuldade que os alunos *entraram em contato* para relatar primeiramente à professora.

Esse trecho também indica que as professoras e professores desta escola estão em constante interação para discussão sobre a sua atividade neste momento pandêmico, pois, ao reconhecerem a dificuldade de acesso dos alunos às videoaulas, buscaram uma solução para superação coletiva deste impedimento. Desta forma, aprenderam a superar esse impedimento coletivamente.

Esse também é o caso do trecho da discussão desse mesmo encontro, no qual a professora Dagmar cita o desenvolvimento dos professores em decorrência dos seus aprendizados profissionais em meio à pandemia, recorrendo aos saberes anteriores de seu gênero profissional: *Então, isso foi difícil, porque a gente não tinha esse suporte psicológico e não tinha nada antecipado*.

Dagmar: Então, falando um pouco mais sobre essa situação que a Rita colocou, que no

começo foi uma mudança muito grande, e essa desestabilização... Eu acredito que é normal, porque mexeu muito com todo mundo na vida pessoal, na vida profissional. A Rita chegou a olhar... É natural, muito natural! Porque já viram que quando alguma coisa vai mudar na escola, na vida profissional, alguma coisa vai mudar, aí então se dá essa notícia, geralmente se faz uma ata e todo mundo assina e todos estão cientes? E aí, dali a pouco, começam aqueles cursos, a gente vai se preparando psicologicamente pra isso. Só que aconteceu tudo muito rápido! **Então, a gente teve que aprender enquanto ensinava.** Então, isso foi difícil, porque a gente não tinha esse suporte psicológico e não tinha nada antecipado. Principalmente nós que fazemos planejamento. Eu faço até hoje, que a escola, minhas coordenadoras pedem, eu tenho o diário o registro de tudo que foi feito e agora eu não tenho mais isso. Então tudo muda de repente, **não é aquele tempo normal que a gente teve para se adaptar.** Então eu acho que isso que a Rita passou todos nós passamos. Alguns já se recuperaram, outros ainda vão levar um tempo, mas feliz de quem já está passando, pra conseguir levar da melhor forma possível. A diferença que eu acho, assim, do começo pra agora... **agora digamos que nós estejamos mais suaves com tudo, mais adaptados.** Fácil não é. Talvez continuem com desafios, talvez vai aparecendo mais coisas. Mas eu acho que a gente tem um tempo pra se ambientar, está acontecendo. **Assim como os alunos, tem alguns que aprendem lendo, outros escrevendo, outros se comunicam melhor falando, como a Pesquisadora mestranda falou. Então a gente tem um tempo pra tudo. Cada um tem seu tempo!**

Discussões entre pares após retorno da IS – Professora Rita

Para Vygotsky (1991, p. 101), apesar do aprendizado não ser sinônimo de desenvolvimento, quando adequadamente organizado, resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. Assim, durante nosso último encontro, a professora Dagmar relata que, no início da pandemia, os professores não tiveram o *tempo normal para se adaptar*, como antes no ensino presencial nas escolas *quando alguma coisa vai mudar na escola, na vida profissional*, mas que *agora*, depois de alguns meses sob o modelo do ensino remoto para conseguir organizar seu aprendizado, *estão mais suaves com tudo, mais adaptados*, conforme podemos acompanhar no próximo destaque.

Esse trecho das discussões também nos levou a refletir sobre as formas como muitas vezes o uso do termo ensino-aprendizagem confunde ou até mesmo funde esses dois processos. Para Vygotsky (1991, p. 90-91), aprendizado e

desenvolvimento também não coincidem, mas estão inter-relacionados. Em resumo, sob a ótica vigotskiana, essas diferenças poderiam ser compreendidas da seguinte maneira: ensinar é criar as possibilidades para a produção pessoal do aprendiz (FREIRE, 1996, p. 21), através da abertura nas zonas de desenvolvimento proximal. Aprender é diminuir a distância no nível de desenvolvimento potencial, ou seja, aquilo que somos capazes de fazer com mediação do outro, e o que somos capazes de fazer sozinhos, ou o desenvolvimento real; e desenvolvimento é a internalização da interação social, o aproveitamento da potencialidade para aprender através da interação com o meio, o resultado da mediação entre o sujeito e o mundo.

Assim, professores experientes, que já dominavam sua atividade, tornaram-se iniciantes com o início da pandemia, *tendo que aprender enquanto ensinava*. Porém, mesmo compreendendo que sua responsabilidade na construção do meio para que o aluno trabalhe os conceitos na sua zona de desenvolvimento proximal, identificando e personalizando o tempo individual das aprendizagens, acabou impedido de interação com seu meio, esquecendo ou sendo impedido de compreender o seu próprio tempo de aprender e lembrar que *a gente tem um tempo pra tudo. Cada um tem seu tempo!*

Esse tempo de aprendizado foi citado pela professora Alice como ando ela *demorava quase que o dia inteiro* para realizar suas tarefas no computador, mas que *agora é bem mais rápido*, conforme podemos constatar no trecho de seu retorno¹⁰⁹, realizado no dia 16 de julho de 2020.

*Alice: Na verdade, no começo, como eu te falei... eu tinha mais dificuldade, até pelo computador e tal. Eu tinha contato, mas não tinha facilidade de mexer. Hoje em dia eu peguei mais prática, é bem mais rápido. **Antigamente eu demorava quase que o dia inteiro, agora não, agora é bem mais rápido.** Às vezes em uma hora e meia eu consigo fazer. Às vezes... mas precisa assistir as videoaulas pra fazer né, pra ver as partes principais pra depois fazer as planilhas, pra fazer o preenchimento. E aí são quatro horas por dia que eu também tenho que anotar lá que eu assisti essas quatro horas de aula, ou de live né, ou de um filme que fale sobre educação, reunião pedagógica. Live nós fazemos quase toda semana ou é feita a reunião com as pedagogas e as diretoras, são duas diretoras na escola, **ou a gente faz entre nós, as amigas, pra tirar as dúvidas, pra troca de experiência.***

¹⁰⁹ Apêndice V.

Sósia: Que bacana, entre professores vocês fazem? E aí pode pôr na planilha também?

Alice: Sim, a gente troca ideias sobre atividades, uma dá ideia pra outra.

Retorno da IS – Professora Alice

A escolha da palavra *antigamente* para se referir ao tempo anterior ao seu aprendizado, sugere-nos a superação do impedimento no uso dos seus novos instrumentos didático-tecnológicos. Com isso, a professora revela em seu agir linguageiro o seu processo de instrumentalização docente.

A professora Alice relata que seu coletivo de trabalho, colegas pelas quais a professora se refere como suas *amigas*, se reúne *quase toda semana* para momentos de *troca*, de aprendizado, que vão desde *ideias sobre atividades* até sobre *dúvidas* e *troca de experiência*. Esse momento de troca de experiência sobre o trabalho individual da professora e de cada colega de seu coletivo, permite que estes profissionais não apenas elaborem e compartilhem coletivamente instrumentos para o seu trabalho, mas também delimitem e se reconheçam em sua profissão, não apenas compreendendo as atividades que realizam, mas aprendendo coletivamente sobre seu *métier*. Com isso, o coletivo aumenta seu poder de agir sobre sua atividade, remodelando seus instrumentos e os seus fazeres.

Além disso, essa reflexão e análise conjunta com as demais professoras e professores sobre a atividade também se torna essencial para a manutenção da saúde emocional desses trabalhadores neste momento de pandemia. A atividade real é a atividade que se realiza entre duas memórias, uma pessoal e outra impessoal (CLOT e FAÏTA, 2016, p. 42). Desta forma, a atividade se torna fonte de aprendizado e pode ir sendo (re)construída do sujeito para o profissional e do individual para o coletivo.

Durante sua instrução¹¹⁰, no dia 09 de julho de 2020, a própria professora constata que, através da interação com os novos instrumentos didático-tecnológicos e das trocas de experiências que realiza com seu coletivo de trabalho, houve a aprendizagem desses instrumentos e, conseqüentemente, a instrumentalização docente e o desenvolvimento da professora, conforme observamos no excerto abaixo.

¹¹⁰ Apêndice IV.

Alice: [...] *Mas, ah, mas ainda tá bem light até. Por que no começo que eu sofri mais, sabe? Uma que eu não tinha tanta experiência assim, com planilha, essas coisas, e fazer no computador, sabe? Como eu já falei, minha área era outra, né? Então, eu tinha dificuldade mesmo.*

(Falas inaudíveis)

Alice: **Mas, olha, aprendi, viu? E foi bom. Aprendi mesmo, olha. Tô esperta agora.**
(Risos)

IS – Professora Alice

A professora relata que *não tinha tanta experiência assim, com planilha, essas coisas, e fazer no computador*, mas que ao longo do período pandêmico, acabou aprendendo: *Mas, olha, aprendi, viu? E foi bom. Aprendi mesmo, olha. Tô esperta agora.*

Segundo Machado *et al.* (2009, p. 19), “ao agirmos, deixamos sempre esse agir sujeito à descrição/interpretação/avaliação não só dos outros, como de nós mesmos”. Ao interpretar sua experiência vivida, a professora Alice se auto avalia *esperta no agora* para desenvolver suas atividades com os novos instrumentos, ou seja, em planilhas e no computador. O trabalho da professora Alice a permitiu conhecer e se apropriar de novos instrumentos, aumentando seu poder de agir (CLOT, 2010b), com o desenvolvimento de suas capacidades, tornando-se fonte de aprendizado desses novos conhecimentos (MACHADO, 2007, p. 92).

Também conforme apresentamos no capítulo dos pressupostos teórico-metodológicos, o *métier* é a história de um ofício, ou seja, é a história transpessoal que ultrapassa e perpassa os trabalhadores ao mesmo tempo, pois mesmo não pertencendo a ninguém em particular, todos se sentem responsáveis” (CLOT, 2011, p. 73).

Para os docentes, assim como para qualquer gênero profissional, conhecer seu *métier* é, até certo ponto, (re)conhecer os impedimentos e superações através dos aprendizados acumulados pelos seus pares profissionais. Em outras palavras, conhecer o *métier* docente é conhecer as dimensões do trabalho do professor. Para as professoras e os professores, conhecer seu *métier* pode se tornar um instrumento psicológico mediatizador entre o indivíduo e sua profissão, permitindo que desenvolvam individualmente seu ofício através do desenvolvimento sócio-histórico coletivo de sua profissão.

Durante nossos encontros, reconhecemos as dimensões do *métier* docente através do seu agir discursivo das professoras e dos professores participantes. Esse é o caso do primeiro relato a ser analisado nesta seção. Com o passar dos dias em isolamento social, maior interação com os novos artefatos e meios de trabalho, houve também a maior adaptação das tarefas, conforme relatado pela professora Helena durante as discussões¹¹¹ do encontro do dia 05 de agosto de 2020 e também por todos os professores participantes. Neste excerto, a professora descreve suas emoções de *ansiedade misturada com frustração* sobre seu início de trabalho no ensino remoto e a prescrição do uso das ferramentas digitais sem formação, *sem direcionamento*. A professora retoma o momento da lembrança desse afeto: *e de repente me vejo numa tela em que eu vou ter sim alunos, mas eu não vou poder trabalhar como eu gostaria. E talvez a situação desse sentimento que me afetou*. Então, a professora define esse momento como *uma coisa que demorou muito pra começar a compreender*, conforme podemos observar no excerto.

Helena: [...] Chegou tudo de repente, como foi colocado aqui... “Vocês façam isso”, mas sem dar o direcionamento de como usar essas ferramentas. Por mais que no presencial a gente já usasse algumas, mas agora é um outro momento, (inaudível) e seria um momento (inaudível) e vinha um monte de coisa pra gente fazer da parte burocrática. E cadê o momento do professor? Pra ele poder respirar, pra ele poder entender como preparar tudo isso. Então, assim, eu senti muito isso no começo, a questão da ansiedade misturada com a frustração, e de estar pensando “o que eu faço?”. (Inaudível) e eu trabalhava no colégio com aulas presenciais com aquele contato com o meu aluno, onde não sai só conhecimento, mas ia muito pra prática. E agora? Como que eu faço isso online? Então foi uma coisa que demorou muito pra começar a compreender. Surgiu um turbilhão de sensações, assim, que eu acabei me perdendo no início. Eu falei “meu Deus, como? Se eu sempre tinha as coisas certinhas, sempre tendo mil ideias pra trabalhar com eles!” e de repente me vejo numa tela em que eu vou ter sim alunos, mas eu não vou poder trabalhar como eu gostaria. E talvez a situação desse sentimento que me afetou. E hoje, de pouco tempo pra cá, eu comecei a pensar assim “se não deu certo, não tem o que fazer, não deu”, sabe? “Vamos tentar fazer dentro daquilo que é possível”. Mas eu gostaria que fosse diferente esse processo, que desse mais oportunidade da gente tá desenvolvendo aquilo que a gente gosta de trabalhar

¹¹¹ Apêndice VII.

com os nossos alunos, da nossa maneira. Quem sabe criar um pouco mais essas questões que até então não teria tanta necessidade. Que nem as meninas colocaram, **que eu senti e os outros professores sentiram também, que é essa situação que numa semana era isso e você fazia e na outra semana não era mais, sabe? Então isso foi atrapalhando tanto que o nosso nível de estresse aumentou muito. Não perguntaram pra gente: “olha, pessoal, o que vocês acham? Vamos trocar uma ideia? O que vocês estão sugerindo pra gente?”. Não houve essa troca. Então, o meu lado, o sentimento ficou essa frustração inicial com relação a isso.**

Sósia: E agora, já mudou um pouco isso? Por exemplo, agora o Valmiqui estava falando que pra semana que vem já tem mudança pro Estado de novo, quer dizer que não mudou né? Continua vindo. E pra vocês mudou um pouco? Essa situação estabilizou? A situação que estava no começo, você conseguiu tomar um rumo ou ainda não?

Helena: Então, em algumas situações sim. As coisas foram mudando, em algumas situações, alguns pontos, eu não digo facilitado, eu acho que daria pra ser ajeitado, com relação a situação que a gente tem.

Discussões entre pares após retorno da IS – Professora Rita

A professora Helena cita que essa adaptação inicial às novas ferramentas, juntamente com o afastamento das escolas e a perda e/ou alterações nas interações corriqueiras do ambiente de trabalho, conforme já discutimos nas seções anteriores, provocou nela *um turbilhão de sensações* e que ela acabou *se perdendo no início*. Tanto que a professora chega a verbalizar os pensamentos ao se referir à lembrança do início do trabalho, sobretudo na adaptação dos novos instrumentos didático-tecnológicos para sua atividade: *Eu falei “meu Deus, como? Se eu sempre tinha as coisas certinhas, sempre tendo mil ideias pra trabalhar com eles!”*.

Para Helena, *agora é um outro momento* e, ao “dramatizar” a voz de seu pensamento reflexivo sobre esse novo momento (*Eu falei “meu Deus, como?”*), a professora desvela sua voz da “fala interior reconstituída” (LOUSADA; DANTAS-LONGHI, 2014; DANTAS-LONGHI, 2017). Essa fala, anteriormente chamada de “vozes da fala egocêntrica reconstituída”, são as vozes sociais que se encontram no plano discursivo da situação de trabalho (DANTAS-LONGHI, 2013, p. 191) e que surgem para ajudar a professora “a reviver o momento vivido, propiciando a recriação do objeto em outra situação, como uma maneira de adquirir novas possibilidades de ação em relação a essa situação” (LOUSADA; DANTAS-LONGHI, 2014, p. 18).

Nesta fala, além das prescrições e das suas tarefas, a professora convoca outras duas dimensões do seu *métier*: inter e transpessoal. Helena revela a dimensão interpessoal quando fala pelo seu coletivo, pois, em sua lembrança, não fala por si, mas pelos seus pares quando escolhe utilizar “a gente” como sujeito de sua ação. A professora também nos mostra a dimensão transpessoal quando reflete sobre a falta de interação prévia e tempo para compreensão e reelaboração das prescrições de trabalho para o período pandêmico - *E cadê o momento do professor? Pra ele poder respirar, pra ele poder entender como preparar tudo isso* - assim como sobre a falta de oportunidade de seu gênero para externalizar esses sentimentos: *Não perguntaram pra gente: “olha, pessoal, o que vocês acham? Vamos trocar uma ideia? O que vocês estão sugerindo pra gente?”*. Não houve essa troca. Então, o meu lado, o sentimento ficou essa frustração inicial com relação a isso. Em seguida, ao retornar ao seu coletivo, a professora já se recoloca como sujeito da ação novamente ao falar sobre seus sentimentos: *o meu lado*.

Através de seu agir linguageiro na descrição de sua atividade, na convocação de seu coletivo e do seu gênero e dessas “dramatizações” de diálogos, como em muitas verbalizações durante nossos encontros, podemos observar a interação nas e entre as quatro dimensões do trabalho do professor durante toda a fala da professora Helena:

- 1ª) dimensão impessoal: representada pelas prescrições do trabalho remoto repassadas à professora, as quais são inseridas na sua fala como *isso* ou *coisa(s)*, podendo ser ilustradas pelas frases abaixo.

<i>“Vocês façam isso”</i>
<i>vinha um monte de coisa pra gente fazer da parte burocrática</i>
<i>como preparar tudo isso</i>
<i>“Como que eu faço isso online?”</i>
<i>Então foi uma coisa que demorou muito pra começar a compreender</i>
<i>numa semana era isso e você fazia e na outra semana não era mais</i>

<i>Então isso foi atrapalhando tanto que o nosso nível de estresse aumentou muito</i>
<i>Então, o meu lado, o sentimento ficou essa frustração inicial com relação a isso</i>
<i>As coisas foram mudando</i>

A partir dessa sequência, podemos observar que, nesta dimensão, o termo mais utilizado para se referir às prescrições - *isso* - pode nos indicar o quanto a falta de reelaboração de uma prescrição pode afastar os objetivos no cumprimento das tarefas pelos trabalhadores. *Isso*, enquanto prescrição não reelaborada, torna-se diferente do *planejamento*, como a professora se refere durante os encontros e que também é uma prescrição da escola na qual Helena trabalha, mas que foi por ela reelaborado.

2ª) dimensão pessoal: corresponde à apropriação das prescrições pela professora, bem como seu trabalho nos aprendizados individual e pelo compartilhamento com seu coletivo dos novos instrumentos de trabalho, sendo representados pela forte presença do *eu*, seguindo por um verbo de seu agir discursivo, e ilustrados por algumas das seguintes frases do texto apresentadas abaixo.

<i>eu senti muito isso no começo</i>
<i>“o que eu faço?”</i>
<i>eu acabei me perdendo no início</i>
<i>Eu falei “meu deus, como? Se eu sempre tinha as coisas certinhas”</i>
<i>e de repente me vejo numa tela</i>
<i>E talvez a situação desse sentimento que me afetou</i>
<i>eu comecei a pensar assim “se não deu certo, não tem o que fazer, não deu”</i>
<i>Então, o meu lado, o sentimento ficou essa frustração inicial com relação a isso</i>

A partir das ênfases da dimensão pessoal dadas pela professora durante sua fala, podemos observar que suas ações vêm carregadas de sentimentos e emoções, o que pode nos indicar mais uma vez o peso sentido inicialmente por Helena com o afastamento das escolas e o estabelecimento das atividades não presenciais do ensino remoto.

3ª) dimensão interpessoal: observada pela citação dos colegas professores, dos alunos de Helena e também da equipe de gestão da escola, ilustrada através das seguintes frases.

<i>“Vocês façam isso”</i>
<i>Por mais que no presencial a gente já usasse algumas</i>
<i>vinha um monte de coisa pra gente fazer da parte burocrática</i>
<i>com aquele contato com o meu aluno</i>
<i>Mas eu gostaria que fosse diferente esse processo, que desse mais oportunidade da gente tá desenvolvendo aquilo que a gente gosta de trabalhar com os nossos alunos</i>
<i>que eu senti e os outros professores sentiram também</i>
<i>Então isso foi atrapalhando tanto que o nosso nível de estresse aumentou muito</i>
<i>Não perguntaram pra gente: “olha, pessoal, o que vocês acham? Vamos trocar uma ideia? O que vocês estão sugerindo pra gente?”</i>

No quinto fragmento apresentado acima, a professora inicia sua frase na dimensão pessoal ao falar sobre seus sentimentos, mas, ao falar do trabalho, retorna ao seu coletivo. E essa mesma dança das palavras, com seu agir discursivo costurando as dimensões pessoal e interpessoal com seu coletivo pode ser vista em outros momentos do texto, como por exemplo na seguinte frase: “*eu acho que daria pra ser ajustado, com relação a situação que a gente tem*”. Esse fato pode nos indicar o quanto as interações entre seu coletivo, sobre a seleção e uso dos novos instrumentos, mas também sobre os sentimentos e emoções vividas neste período

de trabalho, acabaram orientando sua *linguagem sobre o trabalho* para um agir discursivo coletivo de trabalho sobre o trabalho do coletivo.

- 4^a) dimensão transpessoal: que se reflete no discurso como um conhecimento que todos os professores possuem, o saber comum entre seu gênero profissional, e que pode ser ilustrado a partir das duas frases elencadas abaixo.

<i>E cadê o momento do professor? Pra ele poder respirar, pra ele poder entender como preparar tudo isso</i>
<i>da nossa maneira</i>

Conforme observamos, a análise do agir languageiro foi reveladora do *métier* docente à medida que, ao develar suas dimensões, permite-nos seu reconhecimento e estudo. Contudo, necessitaríamos de mais encontros e análises para compreender como se dará esse aprendizado, posto que, de uma forma geral, o gênero docente se tornou um gênero iniciante ¹¹² no aprendizado dos instrumentos didático-tecnológicos com o início do período pandêmico. Portanto, necessitaríamos também compreender não somente como se iniciou, mas como se desenvolveu essa adaptação do gênero e, por consequência, como as dimensões do *métier* serão perpassadas e transpassantes desse processo, o que ultrapassa nosso período de pesquisa de mestrado.

¹¹² Saujat (2004b).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos. Como manifestação presente à experiência vital, a curiosidade humana vem sendo histórica e socialmente construída e reconstruída. Precisamente porque a promoção da ingenuidade para a criticidade não se dá automaticamente, uma das tarefas precípuas da prática educativo-progressista é exatamente o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita, indócil. Curiosidade com que podemos nos defender de “irracionalismos” decorrentes ou produzidos por certo excesso de “racionalidade” de nosso tempo altamente tecnologizado. E não vai nesta consideração de quem, de um lado, não diviniza a tecnologia, mas de outro a diaboliza. De quem a olha ou mesmo a espreita de forma criticamente curiosa.”
Paulo Freire, “Pedagogia da autonomia”, Ensinar exige criticidade, 1996.

“Pois há diferença entre uma aula presencial e uma aula online. Perde-se o encanto, a vibração, o contato, a afetividade que é a essência da aprendizagem. Realmente a tecnologia não substitui o professor.”
Alice, professora da rede pública municipal em Curitiba-PR, 2020.

Através do estudo sobre o trabalho do professor dentro dos pressupostos teórico-metodológicos da clínica da atividade, nossa dissertação teve como objetivo principal a coanálise da atividade e das transformações da atividade de professoras e professores sob os olhares desses próprios trabalhadores antes e durante o período de suspensão de aulas presenciais devido à pandemia COVID-19.

Para atingir nosso objetivo, estabelecemos objetivos específicos, perguntas delineadoras da pesquisa e organizamos um grupo de pesquisa composto por 9 professoras e professores das redes particular e pública de ensino, com os quais nos encontramos virtualmente durante o período de junho a agosto de 2020. Antes do início dos encontros, solicitamos que as professoras e professores elaborassem um relato inicial escrito sobre a organização do seu trabalho antes e durante o ensino remoto emergencial decorrente da pandemia. Após a realização e a filmagem desses encontros, juntamos aos relatos iniciais as transcrições das instruções ao sócia (IS), retornos e discussões, que compuseram os textos analisados nesta pesquisa, com os quais buscamos compreender o processo de transformação da atividade, bem como responder nossas perguntas de pesquisa.

Sobre os pressupostos teórico-metodológicos adotados, percebemos que, através das discussões sobre o trabalho, foram possibilitadas diversas reflexões sobre as realizações e os impedimentos à atividade de cada professora e professor neste momento. Durante nossos encontros, ouvimos relatos de que a verbalização

sobre sua atividade com o grupo de pesquisa auxiliou as professoras e os professores na superação de impedimentos e no desenvolvimento profissional. Apesar das instruções transmitidas ao sócia serem sempre as de um profissional e unicamente dele, identificamos diversas situações compartilhadas por todos, que foram potencialmente suscetíveis de enriquecer, ao mesmo tempo, o sujeito e o grupo durante as discussões. Desta forma, a metodologia e o método adotados nesta pesquisa realizaram um duplo movimento: da experiência individual para o reconhecimento coletivo e do reconhecimento nas experiências compartilhadas no coletivo para reflexão e transformação da prática individual. Afinal de contas, “a ação sobre si - mas, sobre si como um outro - enriquece a ação no mundo” (CLOT, 2010b, p. 226).

Após o período de produção de dados para a pesquisa, analisamos os relatos iniciais sobre a organização do trabalho das professoras e dos professores antes e durante o trabalho remoto na pandemia, bem como os textos produzidos a partir dos encontros para as IS, os retornos e as discussões coletivas, sob a luz dos pressupostos teórico-metodológicos da clínica da atividade. Desta forma, subdividimos triplamente nossas análises: estrutura e dinâmica interativa dos textos, análises dos relatos iniciais e análises das instruções, retornos e discussões.

Na análise da estrutura e dinâmica dos textos produzidos, levantamos os temas globais mais recorrentes e que foram inseridos nas discussões pelas professoras e professores participantes da pesquisa. Ao todo, identificamos 30 conteúdos temáticos, os quais dividimos em 7 classificações de inserção dos temas nos discursos: gestão do tempo/espço, carga de trabalho, instrumentos/tecnologia, motivação, insegurança, questões didático-pedagógicas e interação. A partir disso, a fim de identificar as maiores transformações desta atividade de acordo com o objetivo da nossa pesquisa, selecionamos o tema interação para análise, pois apareceu recorrente e descritivamente relatado como o mais impactante do trabalho docente neste período pandêmico.

A análise dos relatos iniciais demonstraram alterações na organização do trabalho das professoras e dos professores participantes durante o período de suspensão de aulas presenciais devido à pandemia COVID-19. As interações relatadas pelas professoras e professores participantes da pesquisa com seus alunos, colegas e demais integrantes da comunidade escolar, bem como com seus

instrumentos de trabalho, se deram de maneiras distintas desde o início do isolamento. Entre as principais mudanças apontadas comparativamente ao período das aulas presenciais, apresentamos a sequência de temas abordados de excertos que, de certa maneira, resume o movimento da interação no trabalho docente desde o início do ensino remoto: Interação entre professor e aluno; Interação entre os alunos; Interação e cooperação nas aulas presenciais; Diferença entre a aula presencial e a aula online; Falta de socialização; Problemas de conectividade e adaptação de professores e alunos; Dificuldade de acesso às aulas pelos alunos; Interação com novos instrumentos e novas prescrições de trabalho; Adaptação dos antigos instrumentos com as novas prescrições de trabalho; Interações modificadas pelo meio; A escola dentro de casa; Equipamentos pessoais para interação profissional; Falta de instrumentalização e impedimento do trabalho docente; Interação com novos instrumentos e aprendizagem; e Busca pela adaptação ao ensino remoto.

A partir da análise mais aprofundada, observamos que o tema interação apresentado nos encontros pelas professoras e professores poderia ser classificado de acordo com suas confluências entre o ensino remoto emergencial na situação pandêmica e os principais impedimentos e superações relatados nas instruções para a realização do trabalho prescrito e planejado. Desta forma, subdividimos o tema interação em 5 análises temáticas: interações humanas, interações didático-pedagógicas, interações didático-tecnológicas, interações como promotoras da saúde do trabalhador e interações como instrumentos psicológicos de aprendizado.

Como principal resultado sobre as interações humanas, de acordo com os relatos das professoras e professores participantes da pesquisa, observamos que, de maneira geral, os professores da rede pública, municipal ou estadual, não tiveram comunicação síncrona com seus alunos, salvo as exceções que estabeleceram seu próprio canal de comunicação como uma autoprescrição extraoficial. Desta forma, os relatos apresentados sobre a comunicação assíncrona sempre afirmavam as baixas frequências e interatividade dos alunos e, portanto, a percepção de pouca efetividade do processo de ensino¹¹³, ou seja, o impedimento do trabalho do professor. Conforme discutimos nos resultados, podem existir diversas explicações para a pouca interação relatada pelas professoras e professores participantes da

¹¹³ Consequentemente, as professoras e professores também relataram a percepção da provável baixa efetividade no processo de aprendizagem.

pesquisa, desde a falta de acesso às ferramentas digitais até a falta de interesse dos alunos, sendo cada uma dessas ainda possível por inúmeras origens. Para alguns alunos, esses fatores ainda podem ser somados. Portanto, em um primeiro momento, pode-se pensar que, para aqueles alunos da rede pública que não demonstraram qualquer impedimento ao acesso às aulas, a falta de contato síncrona com seus professores poderia ser uma indicação do motivo da baixa participação.

No entanto, com o desenvolvimento das discussões, presenciamos o relato das professoras da rede particular sobre sua percepção das baixas frequência e interatividade durante as aulas síncronas. Entendemos como resultado que, embora as escolas particulares tenham estabelecido prescrições de interação síncrona, a baixa frequência foi resultante da falta de obrigatoriedade de presença para os alunos. Então, entramos em uma “bola de neve” didático-tecnológica: como cobrar presença virtual dos alunos, visando a melhoria dos processos de ensino e de aprendizagem, se não existe garantia de impedimentos no uso das ferramentas e acesso às aulas? Porém, constatamos que essa mesma pergunta não foi feita com a mesma profundidade com relação às professoras e professores de ambas as redes de ensino. Afirmamos isso pois mesmo com a instituição particular oferecendo o empréstimo de equipamentos para as professoras, não realizou movimentos efetivos quanto à formação docente para competências digitais, incentivo financeiro parcial para garantia da rede de internet domiciliar ou garantia de organização suficiente para que todos os docentes de seu quadro efetivo pudessem ir até a instituição para realização das aulas.

Sobre as interações didático-pedagógicas, constatamos que, de maneira mais frequente, houveram adaptações das planificações pelas professoras da rede particular e substituições e/ou supressões das planificações para as professoras e professores da rede pública. Com isso, apresentamos como principais resultados a planificação do trabalho, através da personalização do planejamento, como um instrumento antigo que foi adaptado para o ensino remoto na escola particular e suprimido da escola pública, que teve como prescrição a elaboração de uma ferramenta homogeneizada pelas videoaulas disponibilizadas nas redes municipal (Curitiba) e estadual. Destacamos a exceção da modalidade de ensino da EJA, que pela inadequação dos conteúdos das videoaulas padronizadas, pôde também adaptar seu planejamento para o ensino remoto assíncrono. É através do

planejamento que o professor se torna o próprio currículo escolar, pois expressa a integralidade do seu ser, transformando o trabalho de ensino na sua atividade e esta de impessoal para pessoal e única, mas sobretudo interpessoal e interacional. Com seu trabalho impedido, os docentes perderam a experiência da significação do ensino e os alunos, conseqüentemente, podem perder a experiência da contextualização da aprendizagem.

A respeito da análise das interações didático-tecnológicas, houveram transformações tanto nos artefatos materiais quanto nos artefatos simbólicos. De maneira geral, as principais mudanças nos artefatos materiais, estão a obrigatoriedade do uso dos meios digitais e, conseqüentemente, a abstração da interatividade reduzida à possibilidade de percepção unidimensional entre as professoras e os professores e os seus alunos. Ou seja, toda a multifuncionalidade dos corpos no processo de ensino foi reduzida à uma tela com a projeção da imagem do professor e que, muitas vezes, não reproduzia novamente a imagem do aluno. Através dos relatos, observamos a transformação dos equipamentos eletrônicos pessoais de todas as professoras e professores participantes da pesquisa em instrumentos de trabalho durante o período pandêmico, assim como a necessidade de incrementação tecnológica desses equipamentos, como a instalação de programas ou a compra de câmeras para notebook, por exemplo.

Entre os artefatos simbólicos, identificamos principalmente a transformação que se dava de maneira inversamente proporcional à maior frequência com as quais as prescrições foram substituídas e o menor tempo que as professoras e professores tinham para reelaborá-las. Através dos relatos das professoras e professores participantes, identificamos o aumento das prescrições de trabalho, com o conseqüente aumento das tarefas a serem realizadas, e a diminuição das planificações, resultando no menor poder de agir docente sobre essas tarefas. Constatamos que o aumento das tarefas se deu sobretudo em decorrência da obrigatoriedade de interação com os novos instrumentos de trabalho remoto, para os quais não receberam qualquer formação relevante para o início do uso. Não houve a criação de espaços para a construção de esquemas de utilização por parte das instituições antes do início da execução das novas prescrições para o ensino remoto. No entanto, as professoras e professores relataram que tiveram como incremento à sua lista de tarefas o trabalho de ensinar seus alunos a acessar e a

aprender a aprender através dessas novas ferramentas. Essa tarefa é um exemplo das transformações também da parte “invisível” da atividade no contexto pandêmico, ou do real da atividade docente, pois embora não seja uma tarefa oficialmente prescrita é determinante para a realização do trabalho do professor.

A interação também foi classificada como promotora da saúde das professoras e dos professores participantes. Como resultado dessa seção, está a constatação da transformação dos aplicativos pessoais de conversas *WhatsApp* em ferramentas de trabalho. No caso de uma professora da rede municipal e um professor da rede estadual, o aplicativo se tornou obrigatório na comunicação com os demais membros da comunidade escolar, ou seja, tornaram-se prescrições para uso no trabalho. O *WhatsApp* se tornou uma abertura constante na janela de comunicação dos professores com os demais gêneros profissionais atuantes nas escolas, com os seus alunos, e, por vezes, com seus responsáveis legais. Antes que aprendessem a administrar o seu uso, dois docentes participantes relataram que se sentiram adoecidos antes mesmo de ficarem doentes, relatando *mal-estar*¹¹⁴ e *estresse*.

Outras interações apontadas como afetantes da saúde dos docentes foram o aumento da frequência de alterações nas prescrições e a consequente diminuição da interação prévia com as mesmas, o aumento das tarefas burocráticas e a diminuição do tempo de interação necessária para o aprendizado dos novos instrumentos didático-tecnológicos. Todos esses fatores foram agravados pela urgência na adaptação da atividade de ensino e o afastamento físico dos coletivos de trabalho. Segundo as professoras e os professores participantes da pesquisa, para atender às prescrições e realizar suas tarefas no breve tempo demandado para cada nova adaptação ao ensino remoto, lhes causaram sofrimento e exigiu que a carga horária de trabalho aumentasse muito em relação ao ensino presencial. Para superar as altas demandas em curtos intervalos de tempo, os coletivos de trabalho foram resgatados através da formação de grupos de *WhatsApp*, que se tornaram fonte de aprendizado para a superação das situações vividas na atividade durante o período pandêmico.

Na última seção do capítulo de análises, sobre a interação como instrumento psicológico, temos como principais resultados o coletivo de trabalho mais uma vez

¹¹⁴ De acordo com a sequência de diálogos que podem ser conferidos dos Apêndices III e IV.

apontado como fonte de aprendizado, pois conforme as professoras e os professores participantes relataram, a cada etapa do trabalho de ensino as prescrições eram alteradas. Com isso, lhes era exigido o domínio de novos recursos para executar as novas tarefas, tornando constantes os processos de interação e aprendizagem de novos instrumentos. A busca por essas ferramentas tecnológicas com potencialidade para conversão em instrumentos didáticos se deu por duas vias: individual e coletivamente.

A busca individual exigiu dos professores o “tateamento” digital de ferramentas, sobretudo no caso das professoras da rede particular de ensino. Com a falta de tempo para completar o processo de instrumentalização, os professores realizaram durante todo esse período pandêmico de ensino remoto uma atividade reguladora ou, como podemos especificar para esse gênero profissional, uma atividade didático-reguladora. Portanto, podemos considerar que, à medida em que o sujeito consegue completar os processos de instrumentalização e instrumentação docente, ocorre também o processo da gênese didático-instrumental.

Essa busca constante também provocou a mobilização dos coletivos de trabalho em grupos de *WhatsApp*, transformando o coletivo de trabalho em um espaço de interação e compartilhamento dos instrumentos didático-tecnológicos descobertos. Como no caso relatado pelas professoras da rede particular, no qual mesmo a escola oferecendo alguns tutoriais formativos para o uso de ferramentas tecnológicas, essas apenas se tornaram instrumentos didático-tecnológicos a partir do momento que eram “traduzidas” com a *linguagem no trabalho* (dos seus pares) e não *sobre o trabalho* (dos tutoriais genéricos). Portanto, a instrumentalização foi confirmada pelas professoras apenas quando os coletivos de trabalho (re)descobriam coletivamente as ferramentas, compartilhando seus aprendizados a partir da interação com as funcionalidades possíveis para adaptações didáticas dos instrumentos tecnológicos¹¹⁵.

Durante o ensino remoto pandêmico, o coletivo de trabalho se transformou em um espaço de dupla formação: a formação coletiva, através do compartilhamento dos aprendizados, e a individual ou de auto-formação, através do ensino das interações digitais. Afirmamos ser uma formação coletiva, pois “quem ensina

¹¹⁵ Por isso, conforme explicamos no corpo do texto, desde o início deste trabalho optamos pelo uso do termo instrumentos didático-tecnológicos quando esses são objetos de interação com objetivo didático.

aprende ao ensinar e quem aprender ensina ao aprender” (FREIRE, 1997, p. 23); da mesma forma que é uma auto-formação, porque, segundo Freire, quem ensina reconhece um conhecimento antes aprendido e, observando a curiosidade do aprendente, acaba por se ajudar a descobrir seus próprios acertos, incertezas e equívocos (2001, p. 259).

Ainda como resultados desta seção, observamos em nossas análises que o agir linguageiro foi revelador do *métier* docente à medida que, ao develar suas dimensões, permitiu-nos seu reconhecimento e estudo. Com esses dados iniciais, levantamos a possibilidade do reconhecimento das dimensões sobre o *métier* docente poder atuar como instrumento psicológico mediatizador entre o indivíduo e sua profissão. Contudo, para comprovar nossa teoria, necessitaríamos de mais encontros e análises para compreender como se dará esse aprendizado, posto que, de uma forma geral, o gênero docente se tornou um gênero iniciante¹¹⁶ no aprendizado dos instrumentos didático-tecnológicos com o início do período pandêmico. Portanto, necessitaríamos também compreender não somente como se iniciou, mas como se desenvolveu essa adaptação do gênero e, por consequência, como as dimensões do *métier* serão perpassadas e transpassantes desse processo, o que ultrapassa nosso período de pesquisa de mestrado.

Por fim, respondendo nossa última pergunta de pesquisa, identificamos que houveram diferenças entre o trabalho prescrito para as professoras e os professores das redes de ensino pública e privada analisadas neste trabalho. Para as professoras da rede particular, a falta de conhecimentos sobre os instrumentos tecnológicos mínimos, o seu uso e as constantes prescrições para o domínio de novos recursos a cada etapa de ensino foram o maior impedimento e fonte de sofrimento docente no início da pandemia. Porém, com um maior tempo de uso, o foco dessa preocupação foi se voltando aos poucos para a questão da mudança das formas de interação com seus alunos, colegas e demais serviços da escola.

Já para as professoras e professores da rede pública, a maior preocupação no início se mostrou a falta de interação com seus alunos, posto que utilizavam basicamente 2 instrumentos de trabalho: o *WhatsApp*, o qual já dominavam o funcionamento, e/ou a plataforma do *Google*. E, com o passar do tempo, as

¹¹⁶ Saujat (2004b).

constantes alterações e/ou impossibilidade de reelaborar seus próprios instrumentos foram sendo adicionados à essa preocupação.

Entretanto, observamos que há um consenso entre as professoras e os professores desta pesquisa de que nenhuma tecnologia será capaz de substituir a experiência em sala de aula e o conhecimento resultante da interação pessoal e única de cada pessoa com o seu meio. Entretanto, as transformações e os impedimentos do trabalho que muitas vezes causaram sofrimento no início de 2020, aos poucos foram se transformando em aprendizado sobre os instrumentos didático-tecnológicos e desenvolvimento destes como suporte da atividade docente.

Isso não significa afirmar que as professoras e os professores não sofram mais com a falta da interação em sala de aula do ensino presencial, mas sim que, conforme o tempo foi passando e a pandemia permaneceu mantendo-nos em isolamento, essas e esses profissionais foram descobrindo formas individuais e/ou coletivas de sobrevivência tecnológica, através do desenvolvimento de competências digitais.

Para Machado e Lousada (2010, p. 630), para que os professores se desenvolvam e para que haja evolução do gênero profissional, é necessário que o professor se aproprie das finalidades e dos procedimentos de ensino a ponto de torna-las seus próprios objetivos. Em outras palavras, é preciso que o professor se aproprie do artefato (por si e para si), certificando-se de que ele pode ser útil para o seu trabalho, para si mesmo, para sua transformação, para seu bem-estar, e não apenas para o aluno (MACHADO e LOUSADA, 2010, p. 630). Desta forma, os artefatos se transformam não apenas em instrumentos para sua ação sobre o outro, mas também sobre si mesmo, sobre seu próprio desenvolvimento e o de seu *métier* (MACHADO e LOUSADA, 2010, p. 630).

Portanto, deixamos apontado para pesquisas futuras o possível surgimento de um novo gênero profissional dentro da classe dos professores, o gênero social dos professores didático-tecnológicos. Nossos resultados indicam que esse gênero seria composto por professores que, anteriormente à pandemia, embora inseridos na cibercultura¹¹⁷, muitas vezes não participavam do ciberespaço¹¹⁸ ou participavam

¹¹⁷ Cibercultura é “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1999, p. 17).

apenas restritamente, através do uso superficial de poucos aplicativos e redes sociais apenas para comunicação, mas que, após o início do ensino remoto, desenvolveram competências tecnológicas para conduzir aulas híbridas, iniciando o processo de gênese instrumental¹¹⁹ deste novo gênero profissional. Desta forma, são trabalhadoras geradoras e trabalhadores geradores de novos saberes e conhecimentos, que ao entrarem em conflito com as antigas “senhas” da profissão, poderão ser incorporados e transmitidos às novas gerações de coletivos de trabalho.

De acordo com nossas observações, esses profissionais podem ser também classificados em dois subgêneros: 1) professores formados em ferramentas didático-tecnológicas pouco tempo antes da implantação e desenvolvimento do ensino remoto durante a pandemia da covid-19, que já conheciam e/ou utilizavam essas ferramentas como complementação das metodologias aplicadas em suas aulas presenciais; 2) professores sem nenhuma formação em ferramentas didático-tecnológicas antes da implantação e desenvolvimento do ensino remoto durante a pandemia da covid-19 e que, portanto, não conheciam e nem utilizavam essas ferramentas como complementação das metodologias aplicadas em suas aulas presenciais. E ambos os subgêneros tiveram a característica comum de serem compostos por professores que, mesmo com pouca ou nenhuma formação e prática sobre o ensino híbrido, aplicaram-no na prática ao mesmo tempo com que aprendiam ou aprimoravam esse conhecimento.

Esse pré-gênero, ainda em estado zigótico, irá se consolidar como um gênero profissional, com os aprendizados de 2020 sendo aprimorados e melhor desenvolvidos a partir de 2021? Embora a pandemia possa estar chegando ao fim com a vacina já à caminho (SIM! Dia 17 de janeiro de 2021, a Agência Nacional de Saúde - ANVISA liberou o uso emergencial de duas vacinas no Brasil), não sabemos ao certo o que esse período temeroso nos reservará para o futuro.

Quais dessas práticas serão apropriadas pelas professoras e pelos professores e efetivamente retornarão conosco para o ensino presencial?

¹¹⁸ Ciberespaço, também chamado de rede, é “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores”, não sendo “apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (LÉVY, 1999, p. 17).

¹¹⁹ Béguin e Rabardel, 2000.

As professoras e os professores abandonarão ou aprimorarão suas competências digitais após o retorno do ensino presencial com o fim do período pandêmico? Aceitarão a tecnologia de forma ingênua, como se presenteados pelo ensino híbrido? Ou a utilizarão de forma criticamente curiosa, estabelecendo para si a apropriação de suas facilidades sem se deixar seduzir pelo etnocentrismo digital?

As ferramentas tecnológicas se tornarão instrumentos didático-tecnológicos da atividade docente? Quais desses subgêneros identificados converterão mais ferramentas em instrumentos?

Caminhamos para uma inteligência coletiva do gênero profissional?

A prescrição sem formação para o uso dos instrumentos didático-tecnológicos também são responsáveis pelo aumento exacerbado da carga de trabalho das professoras e professores durante a pandemia da Covid-19 nos demais estados do país?

O quanto um período de entendimento da situação pandêmica, estabelecimento de formas mais humanizadas e personalizadas de interação e a formação mínima inicial para o uso das ferramentas tecnológicas das e dos docentes amenizaria os impactos em suas emoções, sentimentos e, conseqüentemente, em sua saúde mental?

Quais os custos emocionais dessa transformação do trabalho na saúde das professoras e dos professores?

À exemplo dos mestres Paulo Freire e Rubem Alves, que estimulam pedagogias de perguntas e espantos, deixo aberto à investigação futura de todas essas respostas. E de todas as perguntas feitas também sob o aspecto dos alunos, pois quais serão as conseqüências deste período escolar tão conturbado para os processos de aprendizagem de todas essas gerações de estudantes? Quais as perdas sócio-históricas dessa falta de interação escolar para as crianças, adolescentes e jovens? O ensino remoto pandêmico abrirá precedentes para

instalação do ensino remoto de forma permanente, conforme já se discutia antes da pandemia pelo atual governo federal? Se sim, quais serão as consequências educacionais, sócio-subjetivas, econômicas, políticas e culturais dessa mudança para professores, alunos e para a comunidade escolar? Em que profundidade uma decisão com esse cunho etnológico digital afetaria a qualidade da educação básica no nosso país?

De acordo com a filosofia de Spinoza, a educação deve ser compreendida e estimada através do estudo da própria natureza humana (RABENORT, 2016, p. 204). Desta forma, continuar estudando o trabalho do professor para compreender as consequências dessas transformações na própria atividade, e desta em todas as dimensões nas quais se alimenta e também nutre, se torna um tema de pesquisa contínuo e imprescindível.

Não somos a única espécie que se comunica, mas somos a única que se comunica através do tempo, sócio-historicamente. Então, deixo minha contribuição neste processo de entendimento profissional do trabalho docente que vem de muito antes de mim e vai para muito depois. Afinal, “o trabalho é um fato subjetivo e um fato social (CLOT, 2007, p. 103).

*“Dois problemas se misturam.
A verdade do Universo, a prestação que vai vencer.”
Raul Seixas, “Eu também vou reclamar”, 1976.*

*“After climbing a great hill, one only finds that there are many more hills to climb”.
Nelson Mandela, “O longo caminho para a liberdade”, 1994.*

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G.P. **Transposição didática**: por onde começar? São Paulo: Cortez, 2007.

AMIGUES, R. Trabalho do professor e trabalho de ensino. In: MACHADO, A. R. (Org.) **O ensino como trabalho**: uma abordagem discursiva. Londrina: Eduel, 2004. p. 35-54.

ARIATI, Solange; LIMA, Anselmo. Questões de estilo no exercício da docência na Educação Superior. **Rev. bras. linguist. apl.**, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 193-212, Mar. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982018000100193>. Acesso em: 07 Jan. 2021.

ARROYO, Raoni Wohnrath. **O problema ontológico da consciência na mecânica quântica**. 2015. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Departamento de Filosofia, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá. Disponível em: <<http://repositorio.uem.br:8080/jspui/bitstream/1/2754/1/000220605.pdf>> Acesso em: 18 jul. 2020.

BEHAR, Patricia Alejandra. **O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância**. Jornal da UFRGS. 6 de julho de 2020. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/#:~:text=O%20ensino%20%C3%A9%20considerado%20remoto,2020%20teve%20que%20ser%20engavetado.>>. Acesso em: 08 de mar. 2021.

BÉGUIN, P; RABARDEL, P. *Designin for instrument-mediated activity*. **Scandinavian Journal of Information Systems**. Vol. 12. Iss. 1, Article 1, 2000. Disponível em: <<http://aisel.aisnet.org/sjis/vol12/iss1/1>>. Acesso em: 30 nov. 2020.

BENDASSOLLI, Pedro F. Mal estar no trabalho: do sofrimento ao poder de agir. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 11, n.1, p. 65-99, mar. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 dez. 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 31 mar. 2020.

_____. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 28 de abril de 1999. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9795.htm>. Acesso em: 31 mar. 2020.

BRONCKART, Jean-Paul; BULEA, Ecaterina. Como o psiquismo humano se torna histórico-cultural? As contribuições da análise saussuriana às teses

desenvolvimentais de Vigotski. **Cadernos Cenpec** | Nova série, [S.l.], v. 1, n. 1, dez. 2011. ISSN 2237-9983. Disponível em: <<http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/42>>. Acesso em: 25 jun. 2020.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sócio-discursivo. 2.ed. São Paulo: Educ, 2009.

BRONCKART, Jean-Paul. **O agir nos discursos**: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2008.

BUENO, L.; MACHADO, A. R. A prescrição da produção textual do aluno: orientação para o trabalho de aluno ou restrição do seu agir? **Scripta**, v. 15, n. 28, p. 303-319, 18 jul. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4321>>. Acesso em: 30 nov 2020.

CAPRA, Fritjof. **A teia da Vida**: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. 9 ed. SP: Editora Cultrix, 2004.

_____. **O tao da física**: Um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental. 23 ed. SP: Editora Cultrix, 2005.

CARVALHO, Marcos B. de. **O que é natureza?** São Paulo: Brasiliense, 2003.

CHEVALLARD, Y. Sobre a teoria da transposição didática: algumas considerações introdutórias. **Revista de Educação, Ciências e Matemática**, v.3, n.2, mai/ago, 2013. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/recm/article/view/2338/1111>> Acesso em: 15 jan 2020.

CLAUZARD, Philippe. **Artéfact, instrument, genèse instrumentale, catachrèse selon Rabardel**. *Spip d'archivages*. Institut Universitaire de Formation des Maîtres, 2016. Disponível em: <<http://www.archives.philippeclauzard.com/spip.php?article356>>. Acesso em: 10 jan 2021.

CLOT, Y. **A função psicológica do trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2007.

CLOT, Yves. A interfuncionalidade dos afetos, das emoções e dos sentimentos: o poder de ser afetado e o poder de agir. In: BANKS-LEITE, L; SMOLKA, A. L. B; ANJOS, D. D. **Diálogos na perspectiva histórico-cultural**: interlocuções com a clínica da atividade. Campinas: Mercado de Letras, 2016.

_____. A psicologia do trabalho na França e a perspectiva da clínica da atividade. **Fractal, Rev. Psicol., Rio de Janeiro**, v. 22, n. 1, p. 207-234, Apr. 2010a. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922010000100015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 jul. 2020.

_____. Clínica da Atividade. **Revista Horizontes**, v.35, n.3, pp.18-22, set/dez, 2017.

_____. Clínica do trabalho e clínica da atividade. In P. F. Bendassolli, & L. A. Soboll, (Orgs.), **Clínicas do trabalho**: Novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade (pp. 188-207). São Paulo: Atlas, 2011.

_____. **Trabalho e poder de agir**. Belo Horizonte: FabreFactum, 2010b.

_____. Vygotski: a consciência como relação. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 26, n. spe2, p. 124-139, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822014000600013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 jun. 2020.

CLOT, Y.; FAÏTA, D. Gêneros e estilos em análise do trabalho: conceitos e métodos. Trad. Rozania Moraes. **Revista Educação e Trabalho**, Belo Horizonte, UFMG, v. 25, n. 2, p. 33-60, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9555/6806>>. Acesso em: 03 jan 2021.

CLOT, Y.; Leplat, J. **La méthode clinique en ergonomie et en psychologie du travail**. *Le travail Humain*, 68, 4, 289-316, 2005.

DANIELLOU, F., LAVILLE, A. & TEIGER, C. Ficção e realidade do trabalho operário. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, 17 (68), 7-13, 1989.

DANTAS-LONGHI, Simone Maria. **Como os jogos podem revelar outras dimensões do trabalho do professor de língua estrangeira?**. 2013. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Francesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/D.8.2013.tde-30072013-103516. Acesso em: 12 mar 2020.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental**: Princípios e práticas. 5ª ed. São Paulo: Editora Gaia, 1998.

ENGELS, Friedrich. **Dialética da natureza**. Lisboa: Editorial Presença, 1978.

FAÏTA, D. & DONATO, J. *Langage, travail: entre compréhension et connaissance*. In: SCHWARTZ, Y. **Reconnaissance du travail: pour une approche ergologique**. Paris, PUF: 1997.

FAZION, Flavia. **A elaboração de Livro Didático baseado em gêneros textuais por professores de francês**: análise de uma experiência. 2017. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Francesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Université de São Paulo, São Paulo, 2016.

FAZION, Flavia; LOUSADA, Eliane Gouvêa. A entrevista em autoconfrontação como motor para o desenvolvimento: diálogo de uma professora com sua prática. **Delta**, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 215-236, abr. 2016a. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502016000100215&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 mar. 2020.

FAZION, Flavia; LOUSADA, Eliane Gouvêa. O trabalho do professor-elaborador de material didático em debate: o que a linguagem revela sobre os impedimentos ao agir. In: BANKS-LEITE, L; SMOLKA, A. L. B; ANJOS, D. D. **Diálogos na perspectiva histórico-cultural**: interlocuções com a clínica da atividade. Campinas: Mercado de Letras, 2016b.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Trad. Guacira Lopes Louro. Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.

FREIRE, Paulo. **Carta de Paulo Freire aos professores**. Estud. av., São Paulo, v. 15, n. 42, p. 259-268, Ago 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000200013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 Abr 2021. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142001000200013>.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 22a.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'Água, 1997.

FRIEDRICH, J. **Lev Vigotski**: mediação, aprendizagem e desenvolvimento: uma leitura filosófica e epistemológica. Trad. Anna Rachel Machado e Eliane Lousada. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.

KUBO, Olga; BOTOMÉ, Silvio P. Ensino-aprendizagem: uma interação entre dois processos comportamentais. **Interação**, Curitiba, n. 5, p. 123-132, 2001. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/3321>>. Acesso em: 05 dez. 2020.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

LEFF, E. **Epistemologia ambiental**. Tradução: Sandra Valenzuela. Revisão técnica: Paulo Freire Vieira. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

LIBERALI, Fernanda Coelho; FUGA, Valdete Pereira. **A importância do conceito de perejivanie na constituição de agentes transformadores**. Estud. psicol. (Campinas), Campinas, v. 35, n. 4, p. 363-373, Dec. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2018000400363&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 mar. 2021.

LIMA, Anselmo Pereira de. Atividade, instrumento e desenvolvimento humano em situação de ensino-aprendizagem profissional: um protótipo de análise. In: BANKS-LEITE, L; SMOLKA, A. L. B; ANJOS, D. D. **Diálogos na perspectiva histórico-cultural**: interlocuções com a clínica da atividade. Campinas: Mercado de Letras, 2016.

LIMA, A. P. de. Atividade, instrumentos(s) e desenvolvimento humano na educação profissional: o que um martelo pode nos ensinar? / Activity, instrument(s) and human development in vocational education: what can a hammer teach us? **Trabalho & Educação**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 175–205, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9325>>. Acesso em: 1 dez. 2020.

LIMA, Anselmo Pereira de. **Visitas técnicas**: interação escola-empresa. Curitiba: CRV, 2010.

LIMA, Anselmo Pereira de. **Visitas técnicas: um processo de "conciliação" escola-empresa**. 2008. 332 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/14031>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

LONGHI, Simone Maria Dantas. **A formação como trabalho - análise da atividade do tuteur-formador de professores de francês como língua estrangeira**. 2017. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Francesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. doi:10.11606/T.8.2018.tde-12042018-130159. Acesso em: 12 mar 2020.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **O movimento ambientalista e o pensamento crítico: uma abordagem política**. Rio de Janeiro: Quartet, 2003.

_____. **Trajetória e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Cidadania e meio ambiente**. Salvador: Centro de Recursos Ambientais, 2003. 168p.

_____. Educação ambiental e movimentos sociais na construção da cidadania ecológica e planetária. In: LOUREIRO, F. B.; LAYARARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. de (orgs.). **Educação ambiental**: repensando o espaço do cidadão. São Paulo: Cortez, 4. ed. 2008. p. 69-98.

LOUSADA, E.G.; DANTAS-LONGHI, S. M. Vozes em confronto: o papel das entrevistas de confrontação no desenvolvimento do professor e de sua atividade de trabalho. In: NASCIMENTO, E. L. ; ROJO, R. H. R. **Gêneros de texto/discurso e os desafios da contemporaneidade**. Campinas: Pontes Editora, 2014, p. 143-166.

MACHADO, Anna Rachel. BRONCKART, Jean-Paul. (Re-)Configurações do Trabalho do Professor construídas nos e pelos textos: a perspectiva metodológica do grupo ALTER-LAEL. In: MACHADO, Anna Rachel. **Linguagem e Educação**: o

trabalho do professor em uma nova perspectiva. ABREU-TARDELLI, L. S.; CRISTOVÃO, V. L. L. (orgs). Campinas: Mercado de Letras, 2009.

MACHADO, Anna Rachel; BRONCKART, Jean-Paul. De que modo os textos oficiais prescrevem o trabalho do professor? Análise comparativa de documentos brasileiros e genebrinos. **Delta**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 183-214, Dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502005000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 dez. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-44502005000200002>.

MACHADO, A. R; LOUSADA, E. G. A apropriação de gêneros textuais pelo professor: em direção ao desenvolvimento pessoal e à evolução do *métier*. **Linguagem em (Dis)curso**, Palhoça, SC, v. 10, n. 3, p. 619-633, set./dez. 2010.

MACHADO, Anna Rachel *et al.* Relações entre linguagem e trabalho educacional: novas perspectivas e métodos no quadro do interacionismo sociodiscursivo. In: MACHADO, A. R. e colaboradores; ABREU-TARDELLI, L. S.; CRISTÓVÃO, V. L. L.(orgs.). **Linguagem e Educação**: o trabalho do professor em uma nova perspectiva. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2009.

MACHADO, Anna Rachel; BRITO, Célia. O agir languageiro em questionário de pesquisa. In: MACHADO, A. R. e colaboradores; ABREU-TARDELLI, L. S.; CRISTÓVÃO, V. L. L.(orgs.). **Linguagem e Educação**: o trabalho do professor em uma nova perspectiva. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2009.

MACHADO, Anna Rachel; FERREIRA, Anise D'Orange; LOUSADA, Eliane Gouvêa. Breve definição dos fundamentos e procedimentos dos estudos do Trabalho do professor. In: MACHADO, Anna Rachel; FERREIRA, Anise D'Orange; LOUSADA, Eliane Gouvêa; (orgs.) **O Professor e seu trabalho**: a linguagem revelando práticas docentes. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2011.

MACHADO, Anna Rachel. **Linguagem e Educação**: o trabalho do professor em uma nova perspectiva. ABREU-TARDELLI, L. S.; CRISTOVÃO, V. L. L. (orgs). Campinas: Mercado de Letras, 2009.

_____. **O ensino como trabalho**: uma abordagem discursiva. Londrina: Eduel, 2004.

_____. **Palestra língua portuguesa – 9**. 2010a. (9m58s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TADPyUTAO-k&feature=emb_logo> Acesso em: 14 mar 2020.

_____. **Palestra língua portuguesa – 12**. 2010b. (7m40s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_S2Xw_r2U6I> Acesso em: 14 mar 2020.

_____. Por uma concepção ampliada do trabalho do professor. In: GUIMARÃES, Ana Mariade Mattos; MACHADO, Anna Rachel; COUTINHO, Antónia. (Orgs.). **O interacionismo sociodiscursivo**: questões epistemológicas e metodológicas. Campinas: Mercado de Letras, 2007. p. 77-97.

MARCONDES, Danilo. Aristóteles: ética, ser humano e natureza. **Pensar o Ambiente**: bases filosóficas para a Educação Ambiental. / Organização: Isabel Cristina Moura de Carvalho, Mauro Grün e Rachel Trajber. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao4.pdf>> Acesso em: 01 jul 2020.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MATURANA R., Humberto; VARELA G., Francisco. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas do entendimento humano. Campinas: Psy II, 1995.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Coronavírus - COVID-19**: o que você precisa saber. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/>> Acesso em: 06 set 2020.

MOLON, Susana Inês. Vygotsky: um pensador que transitou pela filosofia, história psicologia, literatura e estética. **Pensar o Ambiente**: bases filosóficas para a Educação Ambiental. / Organização: Isabel Cristina Moura de Carvalho, Mauro Grün e Rachel Trajber. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao4.pdf>> Acesso em: 01 jul 2020.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução: Eliane Lisboa. 5ª ed. Porta Alegre: Sulina, 2015.

NOUROUDINE, A. A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho. In: SOUZA-E-SILVA, M. C. P.; FAÏTA, D. (orgs.). **Linguagem e trabalho**: construção de objetos de análise no Brasil e na França. São Paulo: Cortez, 2002, p. 17-30.

ODDONE, I., Re, A., & Briante, G. **Esperienza operaia, coscienza di classe e psicologia del lavoro**. Torino: Otto, 2008. Disponível em: <https://www.diario-prevenzione.it/ebook/Esperienze_operaie_70.pdf> Acesso em: 02 jun 2020.

OLIVEIRA, M K. Vygotsky: alguns equívocos na interpretação de seu pensamento. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 81, p. 67-74, 1992.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1993 (Série Pensamento e Ação no Magistério).

PARANÁ. Secretaria da Educação e do Esporte. **Aula Paraná – Municípios**. Disponível em: <<http://www.educacao.pr.gov.br/Pagina/Aula-Parana-Municipios>>. Acesso em: 18 out. 2020.

PARANÁ. Agência Estadual de Notícias. **Transparência - Enfrentamento ao Coronavírus – Legislação**. Disponível em: <<http://www.coronavirus.pr.gov.br/Campanha/Pagina/TRANSPARENCIA-Enfrentamento-ao-Coronavirus-Legislacao>>. Acesso em: 18 out. 2020.

PINHEIRO, F. P. H. A. *et al.* Clínica da Atividade: conceitos e fundamentos teóricos. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 68, n. 3, p. 110-124, dez.

2016. Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672016000300009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 jan 2020.

PLASTINO, Carlos Alberto. Freud e Winnicott: a psicanálise e a percepção da natureza – da dominação à integração. **Pensar o Ambiente**: bases filosóficas para a Educação Ambiental. / Organização: Isabel Cristina Moura de Carvalho, Mauro Grün e Rachel Trajber. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao4.pdf>> Acesso em: 01 jul 2020.

PNUD. **Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. 2015. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/ods.aspx>>. Acesso em: 07 jan 2020.

PORTO-GONÇALVES. C. W. **O desafio ambiental**; Org: Emir Sader – Rio de Janeiro: Record, 2011.

RABARDEL, P. *Le langage comme instrument, éléments pour une théorie instrumentale élargie*. In: CLOT, Y. **Avec Vygotsky**, 241-265, Paris, La Dispute, 1999. Disponível em: <<https://www.rabardel.fr/app/download/14429088835/1999-Rabardel-Langage+instrument.pdf?t=1589991217>>. Acesso em: 04 jan 2021.

RABARDEL, Pierre. **Les hommes et les technologies; approche cognitive des instruments contemporains**. Armand Colin, 1995. Disponível em: <<https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01017462/document>>. Acesso em: 06 jan 2020.

RABENORT, William. **Spinoza como educador**. Pref. Juliana Merçon; introd. Trad. Bras. Fernando Bonadia de Oliveira; tradução para o português Coletivo gt Benedictus de Spinoza; coordenação Emanuel Angelo da Rocha Fragoso/Francisca Juliana Barros Sousa Lima. – 1. Ed. – Fortaleza: Eduece, 2016.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação I Teresa Cristina Rego. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

REZENDE, Leandro F. M. *et al. Adults at high-risk of severe coronavirus disease-2019 (COVID-19) in Brazil*. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 54, 50, 2020. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102020000100239&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 out. 2020.

ROGER, J.-L. Metodologia e métodos de análise em clínica da atividade. **Cad. psicol. soc. trab.**, São Paulo, v. 16, n. spe, p. 111-120, 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172013000300011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 jan. 2020.

_____. **Refaire son métier. Essais de clinique de l'activité**. Toulouse: Éd. Érès, 2007.

SANTAELLA, L.; FRANCO, Juliana Rocha; DE BONA, Carla Marangoni; ESPINOLA, Vanessa. **Por uma semiótica não-tergiversante**: análise do site Conductor - mta.me. **Líbero (FACASPER)**, v.14, p.67 - 76, 2011. Disponível em:

<<http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/3-Por-uma-semiótica-não-tergiversante.pdf>>. Acesso em: 19 nov 2020.

SAUJAT, Frédéric. Especificidades da atividade dos novos professores e “tipos de atividade docente”. **Polifonia**, nº 8, p. 67-94. Cuiabá: 2004b. Disponível em: <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1128>>. Acesso em 09 nov. 2020.

SAUJAT, Frédéric. O trabalho do professor nas pesquisas em educação: um panorama. In: MACHADO, A. R. (Org.) **O ensino como trabalho**: uma abordagem discursiva. Londrina: Eduel, 2004. p. 05-34.

SAUSSURE, F. **Cours de Linguistique Générale**. Paris: Payot, 1975.

SAUVE, L. Uma cartografia das correntes em Educação Ambiental. In: SATO, M.; CARVALHO, I. C. M. (Orgs.). **Educação Ambiental** - pesquisas e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SAWAIA, Bader Burihan. Espinosa: o precursor da ética e da educação ambiental com base nas paixões humanas. **Pensar o Ambiente**: bases filosóficas para a Educação Ambiental. / Organização: Isabel Cristina Moura de Carvalho, Mauro Grün e Rachel Trajber. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao4.pdf>> Acesso em: 01 jul 2020.

SINEPEPR. Coronavírus. **Orientações | Notícias | Prevenção**. Disponível em: <<http://www.sinepepr.org.br/Coronavirus/coronavirus.html>>. Acesso em: 18 out. 2020.

SOUTO, A. P.; LIMA, K. M. N. M.; OSORIO, C. Reflexões sobre a metodologia da clínica da atividade: diálogo e criação no meio de trabalho. **Laboreal**, Porto, v.11, n.1, p.11-22, jul.2015. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1646-52372015000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 jan. 2020.

SOUZA, Katia Reis de *et al.* Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 19, e00309141, Jan. 2021. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462021000100401&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 Jan. 2021.

SOUZA, Vera Lucia Trevisan de; ANDRADA, Paula Costa de. Contribuições de Vigotski para a compreensão do psiquismo. **Estud. psicol.** (Campinas), Campinas, v. 30, n. 3, p. 355-365, Set. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2013000300005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 Jun 2020.

SOUZA-E-SILVA, M.C.P.; FAITA, Daniel (Orgs.). (2002) **Linguagem e trabalho**: construção de objetos de análise no Brasil e na França. Trad.: Ines Polegato e Décio Rocha. Revisão Técnica: Décio Rocha. São Paulo: Cortez. 240 p.

SPINOZA, B. **Ética**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

UNGER, Nancy Mangabeira. Os Pré-Socráticos: os pensadores originários e o brilho do ser. **Pensar o Ambiente**: bases filosóficas para a Educação Ambiental. / Organização: Isabel Cristina Moura de Carvalho, Mauro Grün e Rachel Trajber. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao4.pdf>> Acesso em: 01 jul 2020.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKI, Lev Semenovitch. **Conscience, inconscient, émotions** (F. Sève & G. Fernandez, trad.). Paris: *La Dispute*, 2003.

_____. **Défectologie et déficience mentale**, textes publiés par K. Barisnikov et G. Petitpierre. Lausanne: *Delachaux & Niestlé*, 1994.

_____. **Pensée et langage**. Paris: *La Dispute*, 1997. [edição original: 1934].

_____. **Signification historique de la crise en psychologie**. Paris, *La Dispute*, 2010.

_____. **Théorie des émotions. Étude historico-psychologique**. Paris, France: L'Harmattan, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Organizadores Michael Cole et al. Tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **Pensamento e Linguagem**. Trad. Nelson Jahr Garcia. Ed Ridendo Castigat Mores. 2001. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2477786/mod_resource/content/1/pensamentolingagem.pdf>. Acesso em: 28 nov 2020.

_____. The problem of the environment. In: R. Van der Veer & J. Valsiner (Eds.), **The Vygotsky reader** (pp.338-354). Oxford: Blackwell, 1994. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/vygotsky/works/1934/environment.htm>>. Acesso em: 10 mar 2021.

APÊNDICES

APÊNDICE I - Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

Prezado(a) Senhor(a): _____.

Gostaria de convidá-lo(a) para participar da minha pesquisa de mestrado com título ainda provisório **“A TRANSFORMAÇÃO DO TRABALHO DO PROFESSOR - COANÁLISE DAS ATIVIDADES DOCENTES DURANTE A PANDEMIA COVID-19 ATRAVÉS DA CLÍNICA DA ATIVIDADE”**. O objetivo desta pesquisa é coanalisar a atividade e as transformações da atividade dos professores sob os olhares desses próprios trabalhadores durante o período de suspensão de aulas presenciais devido à pandemia COVID-19. Sua participação é muito importante para ampliar meus resultados e, com seu consentimento, se dará através da resolução de um questionário, da produção de textos e de reuniões *on line*, sempre com links enviados para o seu e-mail e/ou através de aplicativos de conversas. Todas as etapas de sua participação nesta pesquisa poderão ser realizadas, portanto, em sua residência ou em local com internet disponível que considerar mais cômodo. Esclareço que a sua participação deverá ser voluntária, podendo o(a) senhor(a) solicitar a recusa ou desistência de participação deste a qualquer momento antes da publicação desta pesquisa, sem que isto lhe acarrete qualquer ônus ou prejuízo. Nós, pesquisadora e seus orientadores, garantimos que todas as suas informações sob nossa responsabilidade serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, sempre preservando a sua identidade. Esclareço, ainda, que o(a) senhor(a) não pagará ou será remunerado(a) pela participação. A participação nesta pesquisa não apresenta qualquer malefício ou risco às integridades física e moral dos participantes envolvidos. Caso o(a) senhor(a) tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos poderá contatar a pesquisadora a qualquer momento através do e-mail particular (freitas.mfl@gmail.com). Portanto, para o aceite da sua participação, este termo deverá, inicialmente, ser lido e validado de forma online, em decorrência da indicação de isolamento social devido à pandemia COVID-19. Posteriormente,

em momento oportuno, deverá ser preenchido, assinado e entregue, sendo guardado por mim pelo prazo de um (01) ano ou até que a pesquisa seja publicada.

Curitiba, 10 de outubro de 2020.

Pesquisadora Responsável:

Maria Fernanda Lopes de Freitas

CPF: 048.492.229-78

E-mail: freitas.mfl@gmail.com

Programa de mestrado:

Mestrado em Ensino das Ciências Ambientais

Universidade Federal do Paraná – UFPR

Site do programa: www.profciamb.ufpr.br

Assentimento Livre e Esclarecido do Professor Participante

Eu, _____
(Nome completo **DO PARTICIPANTE** da pesquisa), portador do CPF nº _____, tendo sido totalmente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar voluntariamente da pesquisa descrita acima.

Data: ____/____/____ Assinatura: _____

APÊNDICE II – 1ª IS – Luciano e 2ª IS - Kátia

1ª IS – Luciano

Luciano: Então faz, pode ser comigo, enfim.

Pesquisadora 1: É? Então, tá bom. Já que está todo animado. Então a gente vai começar com o Luciano. Nós vamos pegar pros dois... Eu vi lá... Eu dei uma lida no relato de vocês. Então, segunda-feira vocês trabalham bastante, vocês tem muitas aulas, muitos estudos, muitas atividades. Então, qual vai ser nosso ponto de referência? Vai ser a aula que vocês vão dar na segunda-feira. Que eu imagino que, de hoje pra segunda, vocês já estão planejando o que vocês vão fazer segunda-feira cedo.

Luciano: Exatamente.

Pesquisadora 1: Então assim, nós vamos pegar pros dois, a primeira aula de segunda-feira, ok? E a gente vai, vocês vão instruir sobre essa primeira aula de segunda-feira. Então, Luciano, eu vou te substituir segunda-feira na tua primeira aula e você vai me dizer tudo que eu preciso fazer pra te substituir nesta primeira aula de segunda-feira, pra que ninguém perceba que eu tô te substituindo.

Luciano: Hm-huh. Ah, então vamos lá. Vou tentar, né? Me expressar aqui, conforme eu entendi. Então, Pesquisadora 1, pra que você possa me substituir na segunda-feira na escola. Eu começo a trabalhar às sete e meia, né? Só reforçando que eu trabalho como educação de jovens e adultos. Sete e meia da manhã.

Pesquisadora 1: Certo.

Luciano: Você precisa chegar pelo menos com quinze minutos antes.

Pesquisadora 1: Ok.

Luciano: Para que você possa organizar todo o material que você vai levar pra sala, né? Como eu trabalho com a educação de jovens e adultos, eu acabo usando muito livro, dicionários, né? Então, eu já deixo esse material todo separado pra... pra usar em sala.

Pesquisadora 1: Ok. Então segunda, eu vou pra sala. Mas essa minha aula vai ser presencial? Ou vai ser, tá sendo ainda alguma coisa presencial? Ou tá sendo toda ela, remota?

Luciano: Ah, não, toda remota, tá? Eu devo me reportar, então, não como eu trabalhava, como estou trabalhando, né?

Pesquisadora 1: Hoje. A aula de segunda-feira agora. Próxima segunda.

Luciano: Beleza. Então, você vai então acessar, né, o *Google Classroom* é... e você vai já... eu tenho aula com eles às nove horas e dez, às nove e dez.

Pesquisadora 1: Ah, então minha aula é às 09:10, não é às 07:30?

Luciano: Não, às nove e dez. Porém, eu vou chegar às sete e meia, acessar o *google classrooom* e já vou fazer uma postagem de “bom dia” pra eles. Explicando que...

Pesquisadora 1: Eu... eu que vou fazer isso, né?

Luciano: Exatamente.

Pesquisadora 1: Eu vou abrir 07:30 e vou dar bom dia.

Luciano: Exatamente. Aí você vai postar lá uma saudação de “bom dia” e já vai fazer uma prévia do que vai acontecer às nove e dez, né? Lá no mural você vai fazer uma postagem e explicando qual é a atividade, qual vai ser a atividade do dia. E deixando claro que você, né, vai estar online pra poder atendê-los a partir das nove e dez.

Pesquisadora 1: Ah, entendi. Então eu organizo a aula sete e meia, faço uma postagem detalhando o que que eles tem que fazer e entra online nove e dez.

Luciano: Exatamente, nove e cinco pra ser mais exato, né? Você tem que ficar um pouquinho antes do que eles na, na sala. Às nove e dez, ou nove e cinco, você já pode fazer a postagem da aula propriamente dita, né? Com novas instruções e se colocando ali a disposição deles pra tirar dúvidas, pra fazer esclarecimentos e o que se fizer necessário.

Pesquisadora 1: E essa aula às 09:10, então, quando eu entro online com eles, é com vídeo ou é só escrito?

Luciano: Escrito. É uma aula descritiva. Tem leitura, interpretação de texto, produção de texto em forma de resumo. E aí tem...

Pesquisadora 1: É... eu não falo diretamente com eles então? Eu só escrevo?

Luciano: Exatamente. Vai ser tudo pelo mural e pelo, pelo link de criar atividades que tem no *Google Classroom*.

Pesquisadora 1: E como é que eu sei, por exemplo... Quantos alunos eu tenho nessa sala?

Luciano: Nessa sala você tem vinte e um.

Pesquisadora 1: Vinte e um alunos.

Luciano: Vinte e um alunos.

Pesquisadora 1: Normalmente os vinte e um alunos estão presentes?

Luciano: Não. São poucos alunos que estão presentes. Aí eu já coloco ali na, quando eu entrei... quando você entrar às sete e meia, você já vai pedir ao lerem aquela mensagem que eles já se manifestem com um OK, pra você saber que alunos vão estar na aula, né? E... e pra você ter essa... essa noção.

Pesquisadora 1: Controlar quem está presente?

Luciano: Exatamente, mas... é o... não necessariamente controlar quem tá presente, mas pra saber com quem você tá, né, falando naquele momento ali. Mas você também deve ficar preparada, Pesquisadora 1, porque dos vinte e um alunos, é, uns quatro, no máximo cinco, é que vão acessar a sala de aula nesse dia.

Pesquisadora 1: E os outros alunos, o que que eu faço com eles? Eu mando por escrito alguma coisa?

Luciano: É, os outros alunos... é ... você pode mandar pelo *e-mail*, né? A atividade por *e-mail*. Você pode também encaminhar pra escola no *e-mail* da equipe pedagógica, o material da aula, né? Porque alguns alunos eles vão buscar na escola, esse material, no dia que tem a merenda. E se você ainda tiver com bastante disposição, você pode usar o teu telefone no WhatsApp e mandar pra alguns por meio do WhatsApp.

Pesquisadora 1: Quer dizer... Eu tenho... Eu entro em aula, eu mando por *e-mail*, eu mando pra escola e eu só tenho a disposição... É... Eu tenho disposição pra mandar pro WhatsApp?

Luciano: É, geralmente a gente não tem disposição, a gente se sente na pressão e na obrigação.

Pesquisadora 1: Tá... eu faço porque eu sinto a obrigação de fazer?

Luciano: É. Exatamente.

Pesquisadora 1: Então eu vou fazer isso segunda-feira?

Luciano: Sim, se possível, sim.

Pesquisadora 1: Aham.

Luciano: Aí você vai interagindo com eles durante a aula. Então a aula vai até o meio dia.

Pesquisadora 1: Começa às 09:10 e vai até o meio dia?

Luciano: Exatamente. São 3 aulas seguidas, né? 3 aulas encaixadinhas uma na outra. Aí quando for 11:30, você vai fazer uma nova postagem ali no mural, dizendo, lembrando eles que tá quase finalizando a aula, que tem 30 minutos ainda, né?

Pesquisadora 1: Eu consigo acompanhar... me diz uma coisa... quando eu postar as atividades às 09:10 e a aula começar, eu consigo acompanhar quem tá fazendo. Com é que é esse (inaudível).

Luciano: Não. Você não vai conseguir acompanhar. Você só consegue ali dúvidas que eles tenham e depois quando eles devolvem essa atividade.

Pesquisadora 1: Eu não fico online, mas eu fico assim, esperando que alguém fale comigo?

Luciano: Exatamente. E pode ser que, em algumas situações, você não tenha interação nenhuma.

Pesquisadora 1: Ninguém faz nenhuma pergunta? Então o que eu planejei pra aula de segunda-feira?

Luciano: Na realidade é uma atividade de recuperação. Por que na aula anterior nós tivemos uma avaliação sobre consciência corporal.

Pesquisadora 1: Tá. Então nessa aula agora eu vou tá fazendo uma recuperação da revisão do que eu trabalhei na aula anterior.

Luciano: Exatamente. Você já vai aplicar uma atividade pra recuperar essas notas ou para melhorar a nota de quem precisa. Né?

Pesquisadora 1: Vai ser uma aula avaliativa, então?

Luciano: Exatamente.

Pesquisadora 1: E como que eu preparei essa... essa recuperação?

Luciano: Ah... Eu preparei... essa recuperação ela foi preparada no que eu já tinha trabalhado anteriormente com eles sobre ginástica. E essa atividade é basicamente só leitura, interpretação de texto e produção de um resuminho, né? E o questionário também com perguntas abertas e fechadas.

Pesquisadora 1: Então eu vou à busca de textos que eles possam ler ou eu peguei os textos dos livros didáticos que eles têm?

Luciano: Não, é... Na realidade a gente não tem, Pesquisadora 1. Esse material você entrou na internet, você buscou, você elaborou e você adequou pra realidade dos seus alunos.

Pesquisadora 1: Entendi.

Luciano: Na realidade eles... eles não tem livro.

Pesquisadora 1: Eu selecionei os textos que eu vou mandar pra eles pra que eles possam tá lendo e fazendo resumo.

Luciano: Exatamente. Não só o resumo, né? Mas também o questionário, essa leitura e interpretação.

Pesquisadora 1: E daí eu que também fiz o questionário.

Luciano: Cem por produção sua. Não tem nada é... nenhuma... tipo, você não vai buscar nenhuma atividade pronta lá na internet, você vai produzir esse material pra eles.

Pesquisadora 1: Uh-huh. Em cima da do que tá proposto pra... curricularmente, pra eles.

Luciano: Exatamente. Em cima de um documento que nós temos, que você tem, que é CREPE. Porque você vai montar uma aula, essa aula funcionar pro ensino fundamental fase dois.

Pesquisadora 1: Uh-huh. E esse... me diz uma coisa... esses meus alunos, eles tão assistindo aquelas aulas de televisão também?

Luciano: Então, eu pedi pra eles... Não, alguns não, porque muitos até tão trabalhando no... no horário, enfim. E pra que não... esses vídeos da televisão, pra educação de jovens e adultos, não tá condizente com a realidade deles. Então, pra não tumultuar, né, pra não criar confusão e pra eles não se perderem, nós combinamos que eles vão realizar somente as atividades que o professor postar. Que você vai postar pra eles.

Pesquisadora 1: Certo. Isso em todas as disciplinas, ou será que só nas minhas?

Luciano: Na... na maioria das disciplinas.

Pesquisadora 1: Hm-huh.

Luciano: Quase todas elas, tá? A Secretaria de Educação ela vai te enviar um link lá que vai ter uma aula, uns slides, mas não tem não... não tem relação com a tua realidade ainda. Você ignora aquilo lá, apaga tudo e deixa somente o link da chamada, pra que eles possam registrar a, a chamada. Tá?

Pesquisadora 1: Tá. Então, eu tô mantendo o planejamento que eu tinha do começo do ano na verdade?

Luciano: Exatamente. Cem por cento. Só que agora de uma forma online. Ah, você tem que tomar cuidado também com esse planejamento, porque você não pode, não

vai poder propor uma coisa é, pra eles ali e mandar pra pro pros outros alunos fazerem em casa uma outra coisa. Então, você tem que tomar esse cuidado que seja uma coisa que eles consigam fazer. Por exemplo, você não vai poder pedir pra ele ali acessar um link pra responder algumas perguntas, referente aquele link, sendo que pode ser que a atividade tá indo pra casa, o aluno não vai ter acesso à internet, não vai ter essa possibilidade de acessar esse link. Então você tem que tomar muito cuidado nisso.

Pesquisadora 1: Então eu não posso montar minha aula com vídeo, por exemplo. Eu não posso trazer um vídeo porque por acaso aquele aluno que vai pegar em papel, não pode assistir o vídeo.

Luciano: É, exatamente. Você pode até trazer o vídeo, mas pra complementar alguma coisa, mas não que a tua aula seja baseada no vídeo. Só pra reforçar, como uma sugestão didática complementar. Nesse sentido, sim. Fora isso não.

Pesquisadora 1: Não posso me basear naquilo. E nem filme? Eu posso sugerir algum filme, por exemplo? Um filme mais comum... ou também não?

Luciano: Também não. O que você pode trabalhar seria um trecho de filme, mas descritivos. Escrito, pra leitura. Fora isso é difícil.

Pesquisadora 1: E atividades... link de *YouTube*? Eu não posso usar nenhum tipo desses recursos?

Luciano: Só como material complementar.

Pesquisadora 1: Então é só texto escrito?

Luciano: Exatamente. E o que você pode usar? Você pode buscar em banco de imagens do google... muitas imagens, né? Pra poder deixar a tua aula mais dinâmica.

Pesquisadora 1: Certo.

Luciano: Pra não ficar só no texto.

Pesquisadora 1: E como é que esses alunos vão me... me responder, me enviar esses resumos, essas atividades que eu vou pedir pra eles na segunda-feira?

Luciano: Olha, na, é, na a grande maioria né? Quando eles fazem as atividades, eles vão fotografar e vão te mandar ou pelo WhatsApp ou pelo *e-mail* do *Google Classroom*, tá?

Pesquisadora 1: Ah... na própria plataforma que a gente tá online eles...

Luciano: Eles podem te mandar. Eles vão fazer foto e vão te mandar nesta mesma plataforma.

Pesquisadora 1: Ah, tá. Eles não podem, por exemplo, baixar o documento que eu mandei, preencher e reenviar.

Luciano: Não. Até porque ah... uma das... dos objetivos é estimular a leitura e escrita. Também, né?

Pesquisadora 1: Entendi.

Luciano: Então, a orientação é que eles façam as atividades no caderno.

Pesquisadora 1: Ah, eles fazem por escrito.

Luciano: Exatamente. Eles vão fazer no caderno, aí eles vão fotografar e vão te mandar por *e-mail* ou pelo WhatsApp.

Pesquisadora 1: Ah. Então eu vou privilegiar que eles escrevam e que eles anotem tudo.

Luciano: Exato.

Pesquisadora 1: Hm-huh. E a avaliação no questionário daí eu faço tipo *Google Forms*? Ou alguma coisa assim, ou não?

Luciano: Não. Você vai pedir tudo pra eles fazerem no caderno também. Eles vão copiar lá no caderno, vão responder e vão te enviar essas fotos.

Pesquisadora 1: Ah, eles copiam e daí eles, aí eles podem me mandar no meu WhatsApp?

Luciano: Podem mandar no seu WhatsApp.

Pesquisadora 1: Então eu tenho que disponibilizar ainda que eles (inaudível) meu whatsapp para eles me postarem ainda um monte de foto?

Luciano: Exato. Mas não se preocupe, que se você não disponibilizar, é... em algumas situações a escola mesmo vai disponibilizar pra eles o teu contato. Então você vai “ter que”.

Pesquisadora 1: De qualquer jeito eles vão ter meu contato.

Luciano: Exatamente. Se você não fornecer, a escola fornece. Né? Pra que eles entrem em contato com você.

Pesquisadora 1: Ah... e eu vi que eu tenho ficado bem feliz com isso? (sorrindo e utilizando tom irônico)

Luciano: Muito. Muito feliz. Eu não vejo a hora de que o dia vire, pra eu iniciar uma nova turma, novas atividades, mais atividades. (sorrindo e utilizando tom irônico)

Pesquisadora 1: E como é que eu encerro a aula? Você me disse que a aula vai até perto do meio dia. Como é que a gente encerra a aula?

Luciano: Exatamente. Então as 11:30 você vai fazer uma nova postagem, e aí alertando eles que a aula tá finalizando, né? Mas você não pode esquecer que você tem que deixar ali uma referência que você continua à disposição deles, né?

Pesquisadora 1: Aí eu continuo depois da aula?

Luciano: Exatamente. Por que? Por que pode ser que ele vá acessar essa atividade tipo dez, onze horas da noite, meia noite, né? Então, se eles tiverem alguma dúvida, eles vão te mandar no seu *e-mail*, daí pelo *Google Classroom*. E daí, um outro dia, fora do teu horário, daí você vai ter que responder essas ... além da aula que você já vai ter que dar, daí na terça, você tem mais essas outras atividades que já ficaram pra trás pra resolver.

Pesquisadora 1: Quantas aulas eu tenho com eles por semana?

Luciano: Você vai ter um encontro só com eles...

Pesquisadora 1: Que é na segunda-feira.

Luciano: Exatamente. Mas são 3 aulas, germinadas.

Pesquisadora 1: E ainda tem...

Luciano: Você só vai reencontrá-los na próxima segunda-feira.

Pesquisadora 1: Mas aí durante a semana eu respondo dúvida, então?

Luciano: Exatamente. Você vai ficar...

Pesquisadora 1: Na minha hora-atividade?

Luciano: Se coincidir com a sua hora-atividade, ótimo. Se não, a hora que der, fora da tua hora-atividade.

Pesquisadora 1: E se eu não responder? E só responder na minha hora-atividade?

Luciano: É, o correto seria você responder só na sua hora-atividade. Mas pode ser que daí, eles entram em contato com a equipe pedagógica e digam que eles estão tentando entrar em contato com você a dias e o professor não tem respondido eles.

Pesquisadora 1: E eu posso responder pra minha equipe pedagógica: “é, eu vi, mas eu estou esperando a minha hora-atividade”?

Luciano: É, mas agora a equipe pedagógica vai dizer pra você, Pesquisadora 1, que... que agora não tem mais essa, que você precisa resolver essas questões à medida que eles vão te mandando essas mensagens ou esse *e-mails*. E que, se você deixar pra responder só na tua hora-atividade na outra semana, pode ser que

você esqueça, que você passe despercebido. Até por que vão chegar várias mensagens no teu... várias mensagens, vários *e-mails*, né? Então ela vai dizer pra você, Pesquisadora 1, que o ideal é que você responda o quanto antes, não deixe eles esperando. Até por ter já aconteceu alguma uma situação, um outro colega, ele que foi feito uma ouvidoria, né? Que professor...

Pesquisadora 1: Por que ele não respondeu na hora.

Luciano: Exatamente, né? Que o professor não tava respondendo as perguntas, as dúvidas do aluno. Então você... pra você não correr esse risco...

Pesquisadora 1: Mas eu posso ir contra e me negar. E esperar minha hora-atividade.

Luciano: Pode, pode sim. Pode, pode se negar, mas também você tem que tá ciente que você pode sofrer alguma penalidade.

Pesquisadora 1: Posso correr o risco por isso.

Luciano: Mesmo que não administrativa, mas verbal, né? Em algum ponto nesse sentido.

Pesquisadora 1: Certo. E aí a aula chega ao fim?

Luciano: Exatamente. Então, você faz a última postagem no mural pra eles, finalizando, se colocando à disposição. Né? Pra eles terem as dúvidas. E aí, ao meio dia, tua aula vai encerrar. A da manhã. Tá? A tarde, à 01:10, você já tem outra aula daí.

Pesquisadora 1: É outra turma daí?

Luciano: É outra turma.

Pesquisadora 1: OK. Essa turma a gente deixa pra semana que vem, tá?

Luciano: Tranquilo, tranquilo.

Pesquisadora 1: Luciano, brigada.

Luciano: Imagina, não por isso.

Pesquisadora 1: Quer comentar mais alguma coisa sobre essa aula?

Luciano: Ah... é... bom, assim, sobre a aula, em si, eu tenho tentado me, me, agora, né, depois de sei lá, dois meses, eu fui aprendendo muita coisa. Então eu tô tentando me policiar pra eu não me exaurir, pra não chegar à exaustão, né? Por que eu já cheguei... já tive situações de pico de estresse, assim. De ficar irritado até como meu cachorro, né? Meu cachorro tá se lambendo e eu ficar irritado com aquilo.

Pesquisadora 1: Aham.

Luciano: Aí eu fui... aí eu aprendi a administrar, administrar isso.

Pesquisadora 1: Hm-huh. É porque não tem controle de horário mais, né?

Luciano: Não tem, não tem. Antigamente você ia pra escola e você resolvia, né? Você dava a tua aula, fazendo o teu trabalho ali, você resolvia aquelas situações e você vinha pra casa e você literalmente vinha pra casa, né? E agora não, agora a escola veio morar com a gente, né? Então, a escola está dentro da nossa casa. Então, né? Se a gente não aprender administrar isso, a gente não tem mais vida fora da escola. A gente vive só em função disso.

Pesquisadora 1: É. Por isso que eu perguntei e insisti na questão da hora-atividade da resposta, né? É... quais são os limites colocados com esses alunos, né? Como é que você pode, não sei os outros colegas aí... Agora podemos abrir. Quem quiser comentar antes da gente começar com a Kátia. Alguém quer comentar alguma coisa? Quem tá vivendo a mesma, quem tá vivendo de maneira diferente?

Kátia: Eu acho que o que mais me assustou foi o fato de não... não havendo uma regra pra essa hora atividade, em nenhum momento por, pelo que ele descreveu, por parte da escola, percebeu-se um aluno que estava abusando do horário, era sempre o professor que não estava disponível quando preciso. Então, eu não vi um coordenador que pensou assim, mas talvez o Luciano esteja agora preparando as aulas da semana que vem ou atendendo outra turma. Eu sempre o questionamento na via contrária. Por que você não atendeu? E não por que esse aluno não pensou talvez em outro horário ou teve um pouco de paciência? Isso me, isso me deixou muito intrigada, sabe? É uma coordenação fiscalizadora ou é uma coordenação para juntar forças e trabalhar em prol do ensino e aprendizagem que os dois lados consigam trabalhar mutuamente? Isso me incomodou muito.

Pesquisadora 1: Por exemplo, a Celina não é da mesma escola do Luciano ou é?

Celina e Luciano: Não.

Pesquisadora 1: Talvez seja uma realidade diferente que a gente possa encontrar ali, talvez, não sei.

Luciano: É, só deixa fazer mais um apontamento ali que na realidade você não tem só o... a... as mensagens dos alunos pra... pra responder, né? Você tem que prestar contas pra equipe pedagógica, porque vem também mensagens ou por *e-mail*, ou WhatsApp, então você tem que tá sempre atualizando eles, né, do que tá acontecendo. Você também tem, você precisa também tentar contato com esses alunos que não estão acessando as atividades. É você que tem que ir atrás pra ver

porque que eles não estão fazendo. O que que tá acontecendo com esses alunos, né? Por que que eles não estão acessando? Isso também virou uma... um trabalho do professor. Fazer essa seleção.

Celina: Aqui na minha escola uma proposta que foi feita que é diferente, é que montou-se um grupo de WhatsApp pra cada turma. Então eu tenho quinze. Quatorze. Mais dois grupos, um... um que é de cada pedagoga e mais um grupo que é o grupo da escola. Fora o light, que é aquele das piadinhas né? Então isso só relacionado a... a... ao universo aí do... da... da educação em casa que a gente tá tendo agora. E ali tenta-se sanar dúvidas e daí junta-se uma massa maior de professores e de equipe pedagógica, que tentam responder a pergunta dentro de um prazo menor. Facilita um pouco, né? Eh como eu disse, eu tenho quinze turmas. Quando o Luciano falou: “disponibilizam o meu WhatsApp, manda a foto pra mim”. Eu falei: “eu tenho mais de quatrocentos alunos”, “eu tenho quinze turmas”, “eu não tenho condição nenhuma de... de... eles mandarem a foto das atividades”. Eles estão tentando veementemente falar: “mas professor, eu não consigo postar, deixa eu mandar por aqui”. Daí eu falo: “meu amor, eu sei, eu tô tentando te ajudar, mas eu tenho todas as turmas, se todo mundo me mandar as quinze atividades, eu não vou ter celular suficiente pra essa quantidade de atividades, eu preciso que você aprenda a postar na plataforma”. E daí, claro, o tempo todo relatando isso, né? Entrando em contato com a equipe pedagógica, procurando uma solução procurando vídeo tutorial, tentando fazer vídeo tutorial. E aí a gente assume a outra função, né? Que é de técnico de informática.

Luciano: Exatamente.

Pesquisadora 1: Vai fazer tutorial pra ensinar a fazer postagens, né?

Celina: Exatamente.

Pesquisadora 1: Daí, o que você me diz aí, uma pergunta pro Luciano pra gente comparar. Então, Luciano, você atende... Por exemplo, você, vocês têm grupo nesse teu grupo, Celina, são todos os professores daquela turma junto com todos os alunos e faz um grupo?

Celina: Isso.

Pesquisadora 1: Então, assim, quando aparece alguma coisa, são os dez, com os dez professores. Você, os teus grupos também são assim, Luciano? Ou não? Ou não tem nem grupo?

Luciano: Não. Não, os meus grupos são bem reduzidos eu tenho dois grupos da... da escola e como eu trabalho os três períodos, né? É um curso que é de manhã, tarde e noite, então eu tenho que atender a três equipes pedagógicas. Então, eu tenho os dois grupos da escola de direção e mais os três grupos de cada pedagoga montou. E, as vezes, as informações elas acabam girando no mesmo sentido, porque uma informação é repassada três vezes, né? A parte boa é que não tem como você esquecer, né? Mas acaba atrapalhando, né? O diferencial assim que eu acredito que seja favorável para os alunos é que, assim, como os meus alunos eles são mais velhos, né? Além de outras dificuldades, eles já tem uma certa restrição, uma certa dificuldade com essa parte tecnológica, né? Então eles já tem esse analfabetismo tecnológico. Eles não sabem, a maioria, né? Não sabe lidar. Então, pra eles... o que que acontece? É... como ficou também pro professor fazer esse tutorial, de aluno por aluno, ensinado como entra e como que acessa o *Google Classroom*, em algumas situações você diz: “manda pelo WhatsApp”. Que fica mais fácil.

Pesquisadora 1: Claro. É por que a vantagem do grupo da turma, né, eu vi pelo que a Celina falou, que as vezes um posta lá uma dúvida, já sana a dúvida de mais 5, né, com a resposta, né? Você não recebe 5 vezes a mesma dúvida ou dúvidas muito parecidas, né? Me pareceu bastante... mais eficiente, vamos dizer assim, né? Essa situação, né? Não sei também, né? A Celina depois pode nos contar. Por isso né? Por que, as vezes, vem lá um faz uma pergunta, outro faz a pergunta, outro faz a pergunta... se tá no grupo, um faz e dá a resposta, já fica ali.

Luciano: É... eu penso que seria bacana essa questão do grupo ali se os alunos, não sei se no caso da Celina acontece, mas deles estarem online naquele momento e fazerem as perguntas e que essas perguntas sejam respondidas naquele momento, né? Mas, é... como a maioria dos alunos vai acessar isso mais tarde, mais tarde, eles vão ficar fazendo perguntas, perguntas e perguntas.

Pesquisadora 1: Mas uma última dúvida minha, daí a gente já vai passar pra Kátia. É... vocês, enquanto professores ali, com a coordenação, teve algum movimento de conversa... que eu fiquei preocupada com a questão do horário, acho que, que nem a Kátia, a gente ficou meio assim com essa coisa de não ter horário. É... teve algum movimento, alguma conversa, alguma tentativa de entendimento sobre essa questão dos horários. “Olha, a gente precisa estabelecer, com os alunos inclusive, umas

regras de horário”. Ou não teve nada e a coisa tá correndo solta. Os professores fizeram alguma solicitação?

Luciano: Olha, é... no meu caso, ontem teria uma reunião na escola, pra conversar com... com as equipes pedagógicas com os pedagogos, pra que os pedagogos somente mandassem mensagem, para os professores nos respectivos horários. Por exemplo, a equipe pedagógica da manhã tava mandando mensagem a tarde ou a noite. Então, se é equipe pedagógica da manhã, só pode mandar mensagem da manhã. Se é a tarde, é a tarde. Mas fora isso...

Pesquisadora 1: Sobre os alunos, não?

Luciano: Não.

Pesquisadora 1: Uhum. Alguma coisa pra se pensar aí, né? Um movimento, né? Porque esse é um movimento que precisa, né? Talvez, né?

Celina: Preciso fazer uma pergunta. Luciano, acontece com você também de justamente nos finais de semana, aumentar a procura e as dúvidas, e “olha, vou... vou colocar aquela atividade em dia que eu não tinha feito”?

Luciano: Então, pra minha sorte final, Celina, final de semana eu acho que eles também imaginam que é a folga deles, eles não se preocupam com isso. Então, pra mim, o final de semana é o mais tranquilo, mas durante a semana é muito corrido. Por exemplo, assim, eu tinha um... um dia sem vínculo que era na sexta-feira, que eu nem sei mais o que é isso, nunca mais, né? Então.

Celina: Pra mim acontece uma baita coincidência, porque justamente na sexta, que era o dia sem vínculo, né? É o dia que eu tenho mais aulas online, eu tenho todas as turmas de sexto ano à ensino médio. Então, é uma aula atrás da outra, justamente no dia que eu não teria vínculo. Então eu tenho que passar a sexta-feira inteira assistindo e os outros dias postando, fazendo atividades e todo o *Classroom* que cê falou muito bem como é.

Pesquisadora 1: Muito bem.

(fim da instrução Luciano)

2ª IS - Kátia

Pesquisadora 1: Então vamos passar pra Kátia.

Celina: Tá bom.

Kátia: Muito bem, Pesquisadora 1. Já que você vai me... Já que você vai me substituir na segunda-feira...

Pesquisadora 1: Calma... Eu... o... deixa eu me apresentar. Não quer deixar eu me apresentar. Que pessoa acelerada.

(Risos)

Kátia: Eu já tô preocupada com esses pais vão reclamar que eu não apareço nessa sala.

Pesquisadora 1: Eu vou te substituir na segunda-feira. Na primeira aula de segunda-feira. E você vai precisar me explicar detalhadamente o que eu tenho que fazer pra que ninguém perceba que eu tô te substituindo.

Kátia: Então, se é na segunda-feira, eu vou colocar aqui que segunda-feira é dia oito do mês, significa que no dia primeiro do mês, uma semana antes, você já postou lá cinco vídeo aulas com os assuntos sobre os quais eles devem assistir, fazer as atividades que estão na vídeo aula indicadas, que eles tem as apostilas de língua portuguesa. E você já deixou também isso num documento por escrito, porque nós usamos o Microsoft Office 365.

Pesquisadora 1: Tá? Então, calma lá. Calma, calma. Então, segunda-feira, que horas começar minha aula? Vamos começar por lá. Que horas começa a minha aula na segunda-feira?

Kátia: A aula... a nossa aula começaria provavelmente às nove horas da manhã também. Eles tiraram o primeiro horário por conta também da bo... da baixa procura dos alunos.

Pesquisadora 1: Tá. Então a minha aula começa segunda-feira... segunda é... 9 horas eu entro online?

Kátia: Eu vou entrar online... você vai estar lá online, mas essa aula é uma vez por semana com essa turma. Ao vivo, é somente uma vez por semana.

Pesquisadora 1: Ah, tá. A minha aula é diferente, então. A minha aula com essa turma é aula síncrona. (inaudível) como esse encontro, a gente vai abrir uma sala e vai todo mundo chegar.

Kátia: Na verdade, como nós trabalhamos com a ferramenta 365, cada turma já tem o seu grupo.

Pesquisadora 1: Aí já tem a sala.

Kátia: Então, cada equipe, a minha equipe. Então, está lá no calendário, porque eu já deixei agendada todas as segundas-feiras, às nove da manhã, o convite pra eles ingressarem nesta sala de reuniões.

Pesquisadora 1: Que é o *Teams*?

Kátia: Somente alunos daquela sala de reunião, daquela equipe.

Pesquisadora 1: É o *Teams* que eu uso então, né?

Kátia: O *Teams*. Nós vamos usar o *Teams*. E aí quando... pra estar lá às nove da manhã que verifica que, uma semana antes, as aulas sobre o assunto dessa aula, as vídeo aulas gravadas já estavam disponíveis pra eles. Então...

Pesquisadora 1: Então, quer dizer que... a minha aula é segunda, às nove. Então, na segunda-feira que passou agora, eu postei as vídeo aulas... essas vídeo aulas são de aulas que eu gravei ou são videoaulas que eu peguei do *YouTube*?

Kátia: São videoaulas que eu gravei com...

Pesquisadora 1: Eu gravei!

Kátia: Eu gravei utilizando...

Pesquisadora 1: Eu gravei!

Kátia: Você gravou utilizando o material que eles tem e você também tem. Você contextualizou com o material. Deixou também um documento em *World*, dentro de uma pasta do *Teams*, indicando qual é essa videoaula, qual é o exercício, qual é o assunto dela. E ele teve uma semana inteira para, como a sua... o seu componente são cinco aulas semanais, ele tem cinco vídeo aulas para assistir e cinco formulários para responder, provando que esse formulário prova que ele assistiu e respondeu e participou e estudou aquele assunto.

Pesquisadora 1: Tá, então a minha aula de segunda-feira que vem... segunda-feira agora, na verdade, ela acontece desde a segunda-feira passada? É uma aula que vem acontecendo... e que antes, por que eu tive que gravar essas videoaulas antes de segunda-feira passada? É isso?

Kátia: Exato. Então eu estou sempre 3...

Pesquisadora 1: Então segunda-feira retrasada eu gravei, e aí segunda-feira passada eu postei e nessa segunda-feira eu vou (inaudível) com ele.

Kátia: E na próxima eu vou encontrar e eu não vou trabalhar assuntos sobre os quais ainda não estudamos. Ao vivo são sempre aulas de no máximo 50 minutos, em que eu vou tirar dúvidas, resolver exercícios. E você vai ter o trabalho de não

fazer uma cópia daquilo que você já colocou nas videoaulas. Você vai procurar uma abordagem diferente, você vai procurar um exercício diferente, você vai corrigir com mais ênfase um exercício da apostila que nas videoaulas você não corrigiu.

Pesquisadora 1: Aham.

Kátia: E durante esses 50 minutos, você, então, começa as 9, cinco para as nove você entra na sala. De 35 alunos dificilmente vai ter mais do que 10, 15 alunos. Esses 10, 15 alunos não estão ainda lá. Então às 9 começam a chegar. Primeira coisa que você vai fazer é, com a câmera ligada, microfone ligado, é dar bom dia, perguntar se está tudo bem e também vai fazer a gentileza de pedir se... se estão ouvindo. “Ah, mas olha, você está com vergonha de mostrar se rosto? Ponha no chat: ‘estou ouvindo, professora’”.

Pesquisadora 1: Certo. Eu recebo e eles não são obrigados a abrir o vídeo.

Kátia: Não são obrigados a abrirem o vídeo. A maioria prefere sequer falar, preferem o chat, então você vai ter que se acostumar a ter o chat do seu lado ali, enquanto você fala. E você...

Pesquisadora 1: Lendo ao mesmo que eu tô aqui não interagindo por que não tem ninguém com o vídeo.

Kátia: Aham. Mas a interação é quase zero. Então, você vai preparar uma aula de cinquenta minutos, você vai preparar quarenta e cinco minutos por esses detalhes de esperar eles chegarem e tudo mais, mas são quarenta minutos de um monólogo, porque dificilmente alguém vai te interromper para questionar.

Pesquisadora 1: E aí como é que eu vou saber daqueles... então lá... eles já fizeram... ‘péra’, deixa eu me situar... eu cheguei na sala, por que eu tô chegando nessa sala e eu tenho lá aqueles dez com vídeo desligado e que vão me mandar talvez alguma coisa pelo chat. Mas eu mandei atividade pra eles fazerem e eles fizeram e eu recebi essas atividades já? Ou não?

Kátia: Essas atividades você recebeu, porque as atividades da semana... a live acontece uma semana depois e o prazo pra essas atividades relacionadas é na semana anterior. Então, eu postei na segunda anterior, videoaulas e as atividades que ele devem fazer para comprovar que estudaram e assistiram à essas videoaulas.

Pesquisadora 1: Aí eu já corriji todas essas atividades. Eu já corriji tudo?

Kátia: Essas atividades elas não têm a obrigação no *Forms* de presença de haver uma... uma correção individualizada.

Pesquisadora 1: Eu passo... eu montei então essas atividades no *Forms*, naquele no teste, que ele já faz auto-corretivo?

Kátia: Faz auto-corretivo e elas são apenas como principal objetivo para registrar a frequência por conta da burocracia que, pós pandemia, como vamos comprovar que esse educando realmente assistiu a minha aula.

Pesquisadora 1: Tá.

Kátia: Então...

Pesquisadora 1: Então, eu fiz cinco. São cinco na semana que eu tenho que dar. Mas se eu não faço live, então eu teria que fazer mais quatro.

Kátia: Não, a live não conta como essa videoaula se eu quiser, porque como ela é de revisão, dependendo do objeto... do conteúdo, eu vou colocar nessa live... eu vou precisar de muito mais aulas. E a live ela tem o objetivo de acordo com a instituição de não ser conteúdo inédito. O máximo que ela vai poder ser é a correção dos exercícios daquele conteúdo que já esteve na videoaula.

Pesquisadora 1: E... eu corrijo... Eles já foram auto-corrigidos. Então assim, eles já foram autocorrigidos os exercícios dos *Forms*. Das apostilas, teoricamente, na videoaula eu já trabalhei aqueles conteúdos...

Kátia: (inaudível) o gabarito.

Pesquisadora 1: Se eles não me perguntarem nada que eles tem dúvida, eu vou lá e corrijo aqueles que eu gosto mais. Posso escolher? Sorteio? Como que eu faço?

Kátia: Eu. Você. No... no meu caso, já que você vai fazer exatamente para me substituir, você preparou pra essa live uma aula especial. Então, o assunto era Renascimento.

Pesquisadora 1: Vai ser, nessa segunda-feira que vem. Que que vai ser nesta segunda-feira? Que que eu vou fazer nessa segunda-feira?

Kátia: Segunda-feira agora, você vai ter que fazer uma live sobre Classicismo, Camões.

Pesquisadora 1: Hum. Que eu... Sobre a videoaula que eu dei essa semana.

Kátia: Que essas videoaulas da semana foram sobre esse assunto. Então, significa que na segunda-feira que vem, você vai ter que preparar o material para tratar desse assunto, de maneira que seja revisional. Então...

Pesquisadora 1: Fazer uma revisão do classicismo.

Kátia: Revisão do classicismo e você busca outras imagens, busca outros exercícios que não estejam na apostila, levanta uma seleção dos principais exercícios da apostila que talvez na videoaula não deu tempo de contemplar e lá você vai corrigi-los. Mesmo que...

Pesquisadora 1: Tá. (inaudível) aqui tá. Uhum.

Kátia: Mesmo que esteja um silêncio sepulcral nos 40 minutos que lá você estiver.

Pesquisadora 1: E me diz uma coisa, eu posso pedir, não é obrigatório, mas eu posso por uma regra de que na minha aula todos tem que tá com vídeo?

Kátia: Não. A live é, de certa forma, um... um bônus pra esse educando poder tirar dúvidas. Por quê? Nós...

Pesquisadora 1: Mas se é um bônus, eu não posso pôr as minhas regras?

Kátia: Não, ela não tem nenhum... nós não temos... você não vai ter poder nenhum sobre ela a não ser a obrigação de estar lá e trabalhar em cima dele, tirar dúvidas, resolução de exercício e retomada dos conteúdos. Nesse caso você tem que estar lá.

Pesquisadora 1: Tá. E se eu vou entrar segunda-feira, vamos dizer que da minha turma vão entrar dez. Eu digo bom dia, ele responde com assim (fazendo sinal de like com a mão). Certo?

Kátia: Um bom dia lá no chat.

Pesquisadora 1: Um bom dia no chat. Aí eu peço pra eles abrirem a câmera, porque a gente vai fazer uma atividade diferenciada. Se eles não abrirem, eu não sou obrigada... eu não posso obriga-los a abrir?

Kátia: Não posso obriga-los a abrir. Você vai ter que ter uma estratégia diferente. Então, o que que eu recomendaria você a fazer....

Pesquisadora 1: O que que eu faço sempre? Me diga.

Kátia: Você vai montar uma apresentação em *power point* e quando... 9 horas começou, 9 e cinco você vai começar então: "Bom dia a todos vocês que estão aqui. Na semana passada estudamos todo o Classicismo de Camões, eu montei a apresentação pra gente poder acompanhar junto". E você vai explicar supondo quais seriam as dúvidas que eles teriam.

Pesquisadora 1: Então eu preparo um *power point*, compartilho a tela e vou explicando aquele *power point*?

Kátia: Vou explicando... você, por favor, mostre qual é a apostila que foi usada. E aí na apostila você escolhe um ou dois exercícios e fala mais aprofundadamente sobre eles. Na montagem deste *power point*, procure um exercício que... no caso que é a primeira série do médio, procure um exercício de vestibular que já tenham condições de realizar e realize com eles a resolução desse exercício. E a medida que o tempo for passando, claro, você preparou uma aula de revisão imaginando que ninguém vai participar dela, mas você obrigatoriamente tem que estar nela por, pelo menos, uns 40 minutos. Então prepare uma aula de 40 minutos solo, porque, se tudo der errado, você vai ter que ter mostrado que trabalhou.

Pesquisadora 1: E eu vou ter que apresentar... Me diz uma coisa. Então, eu preparei as vídeoaulas e aí junto eu já preparo essa minha aula, porque assim, eu já sei o que eu fui fazendo, eu faço, já preparei todas essas aulas juntos, quer dizer, a minha aula de segunda-feira já tá o pacote, já tá todo feito.

Kátia: Exato. Então, você está sempre uma semana atrás e uma semana a frente. A semana atrás é no dia da live, porque você voltou uma semana pra retomar aqueles conteúdos. E você está uma semana à frente porque você, ao preparar as... as aulas daquela semana que vai surgir as vídeoaulas, você já tem que pensar que “opa, depois dessa semana eu vou ter que retomá-la”. Então, você já prepara o material específico pra esta live que se você incluir como uma das aulas da semana, como você pode ter pensado “ah, são cinco, essa que vale como live, o máximo que ela pode ser é de correção de do material que eles têm”.

Pesquisadora 1: Mas eu tenho essa opção, quer dizer, eu posso propor quatro aulas e a live ser obrigatória.

Kátia: Posso, posso fazer isso também.

Pesquisadora 1: Como que esses alunos... Como é que é entre em contato com esses alunos? Eu posto no *Teams* e eu tenho, como a gente já falou, a gente tem um grupo de turma, um grupo da escola, alguma coisa? Ou não, nosso único contato é pelo *Teams*?

Kátia: É extremamente proibido contato com você e os alunos se não for pelo chat e no horário da live.

Pesquisadora 1: Então eles não vão me fazer pergunta no meio da live?

Kátia: Eles vão e você não vai responder.

Pesquisadora 1: E eles não vão me fazer pergunta no WhatsApp? Eles vão me mandar no whatsapp?

Kátia: Tudo pelo chat do *Teams*. E o que que vai acontecer? Como cada turma é uma equipe, cada vez que você lançar as videoaulas da semana você vai enviar um recadinho nas postagens, postar essas videoaulas, o roteiro delas, o objetivo delas, os exercícios que devem fazer, os formulários no *Forms* que eles devem preencher, lá na segunda-feira, sete horas da manhã.

Pesquisadora 1: Eu posso...

Kátia: Lembra do horário...

Pesquisadora 1: Eu faço isso todas de uma vez ou eu faço isso cada um num dia?

Kátia: Todas as turmas na segunda-feira pela manhã. Eles vão receber como que o plano semanal, não tem esse nome, mas você pode colocar como plano semanal. Então, toda segunda-feira, sete da manhã, você vai levar seu computador e lançar tudo daquela semana. Lembrando que tem live tal hora, tarara, tarara. E, na hora da live, você volta uma semana no passado pra retomar aquilo que eles estavam estudando por suas videoaulas.

Pesquisadora 1: E com a equipe pedagógica? A equipe me acompanha pelo *Teams* também? Eles fazem parte dessa equipe?

Kátia: A equipe pedagógica nos acompanha, faz parte de todas as equipes, mas ela está desautorizada a assistir as nossas lives por não querer... A princípio, pela assessoria, o momento da live não seria nenhum momento só de aprendizagem, mas pra manter a interação com o professor, manter uma proximidade com o professor. Você está numa escola católica confessional e uma escola que sempre trabalhou muito a ideia de proximidade entre educando e educador. Por mais que...

Pesquisadora 1: Por isso que eles não podem falar comigo eu não posso responder nenhum momento?

Kátia: Por isso mesmo um coordenador não pode fazer isso, mas eu não posso responder esse educando fora do horário de atendimento daquela turma por uma questão que aí eu acho que você vai pensar, mas ninguém nunca te contou, que é trabalhista.

Pesquisadora 1: Uh-huh. Porque se eu trabalho no meu horário de trabalho...

Kátia: Eu estou atendendo um educando, você vai atender um educando às nove da manhã de uma quarta-feira, quando a live dele é segunda-feira às nove da manhã,

você está trabalhando para duas turmas e isto, num processo trabalhista, pode ser muito ruim pra uma escola particular.

Pesquisadora 1: Ah, porque não é meu horário de trabalho, porque o meu horário de trabalho é todas as manhãs. Eu trabalho na escola todas as manhãs?

Kátia: O seu horário de trabalho é todas as manhãs para se dedicar a produzir o material, produzir as videoaulas, atender a essas lives e preencher...

Pesquisadora 1: E me diga uma coisa. Com isso, então, acho que o cronograma de horários que a gente tinha no começo do ano, não existe mais.

Kátia: Não existe mais, não existe. Você vai receber o horário que é de acordo com o número de turmas. Se você tem cinco turmas, você vai ter cinco horários de lives, respeitando o seu horário na escola, comercial.

Pesquisadora 1: Durante a manhã, no horário que eu deveria tá na escola, certo?

Kátia: Exato. E aí você...

Pesquisadora 1: E me diz uma coisa. O meu planejamento com isso sofreu alguma alteração do início do ano? Ou eu continuo com o mesmo planejamento que eu tinha?

Kátia: O planejamento... você vai seguir aquele planejamento, organizando semanalmente quais são os conteúdos dele que você vai trabalhar com os seus alunos. E deixando claro nele quais são as páginas de exercícios. E, claro, agora, com o recurso... sendo a videoaula o grande recurso que você tem pra passar esse conteúdo pra eles.

Pesquisadora 1: E essa videoaula. Agora uma outra pergunta. E essa videoaula que eu gravei e disponibilizo, eu gravo em casa com o meu computador mesmo ou no meu celular? Como é que eu faço essa gravação?

Kátia: Exatamente. A sua escola permite que você vá até ela quando você não tem condições de gravar nas suas... na sua casa. Ela não incrementou o seu celular, o seu computador ou os seus dados de internet. Mas se você não tem condições de fazer em sua casa, você vai entrar em contato com o seu coordenador e vai avisar: "preciso ir até a escola, por que eu não tenho recursos aqui pra isso". E ele vai lhe autorizar à ir no seu horário de trabalho para a escola e realizar lá suas obrigações nesse modelo online.

Pesquisadora 1: Por que daí lá tem os equipamentos pra eu poder gravar a videoaula.

Kátia: Exatamente. Mas...

Pesquisadora 1: Essas videoaulas... quando eu gravo, essa gravação, eu posto ela direto no *Teams* ou eu tenho que passar pelo *YouTube*?

Kátia: Não. Você vai fazer o modelo... eu uso o... principalmente o *screenshoot* que é aquele que você fica reduzido na tela e aparece. Você recebeu 2 vinhetas pra você colocar uma antes e uma depois pra aula ter uma uniformidade, uma estética mais agradável. E aí você vai gravar essa videoaula, editá-la colocando as vinhetas e vai subir essa aula direto no *Teams* para suas turmas no prazo estabelecido e no dia combinado.

Pesquisadora 1: Eu tive uma formação pra fazer isso, né?

Kátia: Você teve um tutorial caseiro pra fazer isso.

Pesquisadora 1: Mas ninguém me ensinou como é que eu faço produção de vídeo.

Kátia: A sua escola não te ensinou. Você foi muito inteligente e criou o grupo de whatsapp dos seus colegas de trabalho e um foi te salvando, hora você salvando outro, hora outros foram te ensinando recursos que talvez seriam interessantes. Por que a sua escola não te mostrou como usa o *screenshoot*, não te ensinou como adequa uma vinheta na outra, mas... e deixou até disponível um *e-mail* da TI para alguma necessidade. Mas, ali no momento da emergência, você não vai ter resposta imediata como você espera na maioria das vezes.

Pesquisadora 1: Até por que ela tem o horário de trabalho dela trabalhista, né? Então, ela não vai me atender fora do horário de trabalho, assim como eu não posso atender minha aluna.

Kátia: E a sua TI não atende só os seus professores, atende aos seus dois mil e quatrocentos alunos da escola.

Pesquisadora 1: Certo. Entendi. E aí como é que acaba essa minha aula live?

Kátia: Então, você vai lá, monologicamente na maioria das vezes e falando, falando, falando, falando, quando você percebe que tá chegando ao fim, provavelmente os seus slides também se encerram, você vai agradecer a presença daqueles que estão lá, lembrar que o chat funciona vinte e quatro horas, mas que no horário da live você estará à disposição para tirar as dúvidas pessoalmente e que você espera que eles acompanhem pelos roteiros semanais nas segundas-feiras, tudo, realizem as atividades e que voltem na outra semana pra gente... pra vocês continuarem essa conversa que, na verdade, não é conversa.

Pesquisadora 1: Mas agora deixa eu tirar uma dúvida. Então, se eu digo que o chat fica disponível vinte e quatro horas, mas eu não posso responder nem nos meus períodos da manhã. Eu só posso responder no horário da minha live?

Kátia: O seu chat fica aberto porque o *Teams* deixa o chat aberto, mas você já foi orientado a, nas configurações, bloquear as notificações desse chat se não for no seu horário de trabalho.

Pesquisadora 1: Tá. Mas aí assim, minha aula começa às nove, minha live, se eles me mandarem pergunta às sete e meia eu posso responder?

Kátia: Provavel... Não, você vai esperar o seu horário da live e lá você vai responder à esse educando. Claro que se você está vendo que é um problema que a sua videoaula não funcionou, não consegue fazer o download dessa videoaula. Provavelmente se você responder, você não vai receber uma advertência. Você não vai ser punido porque você respondeu fora do horário da live nesse sentido, mas você deve evitar isso de maneira forte para isso não virar um tira dúvidas à qualquer momento. Porque aí você está...

Pesquisadora 1: A... a minha equipe pedagógica está acompanhando tudo que é dito e falado nesses chats, pelo visto.

Sim. É... a sua equipe pedagógica participa de todas as suas turmas do *Teams*.

Pesquisadora 1: E aí, se eu tô lá fazendo a live e explicando as coisas, como é que eu vou responder no mesmo momento? Como é que eu respondo no chat?

Kátia: Quando você está fazendo a live, a prioridade são as dúvidas dos educandos.

Pesquisadora 1: Então eu paro o que eu tô explicando pra responder se alguém me perguntar alguma coisa?

Kátia: A sua primeira ideia é, ao abrir a live, dar bom dia e testar ali quem está presente se está te ouvindo, é justamente questionar sobre o conteúdo, se houve dúvidas, se algum exercício da apostila surtiu efeito pior do que o outro, se houve algum problema no entendimento do assunto. E, em noventa e nove por cento dos casos, você vai ter um sonoro silêncio. Paradoxalmente falando, um sonoro silêncio. Então aí você vai ter essa carta na manga que são as suas... os seus slides em que você vai conseguir retomar tudo da semana passada porque você precisa dar essa live...

Pesquisadora 1: Porventura, no momento que eu tô explicando ali, de repente, alguém pode ter uma dúvida.

Kátia: E aí a prioridade é esse educando com essa dúvida. Você então tá explicando lá: “Camões chegou, quando chegaram lá nas índias”... “Professora, mas isso, isso, isso”... “Ah, então, espera ali, vamos voltar nisso que você me falou”. Você vai dar sempre prioridade pro educando que questionar você.

Pesquisadora 1: Certo. E eu posso aproveitar então esse momento que eu tô fazendo essa live, que eu fiz um slide, que eu expliquei tudo, que ninguém pergunta nada mesmo e que eu tô ali falando, falando... Eu não posso gravar e transformar isso numa videoaula?

Kátia: Pode. Pode. Se você, ao gravar essa live pra transformar numa videoaula, seja uma videoaula de correção de exercícios, de retomada. E aí você tem menos uma videoaula para gravar naquela semana. Pode.

Pesquisadora 1: E ninguém reclama disso? Pessoal da... da equipe pedagógica não vai achar ruim comigo se eu fizer isso?

Kátia: Não. Pelo menos na equipe do ensino médio, não. Porque cada nível vai ter orientações específicas sobre o uso da live com os educandos. Na equipe do ensino médio, você pode usar a live sendo uma das suas videoaulas.

Pesquisadora 1: Certo. Então a minha aula demora 50 minutos, então ela vai das 09 até as 09:50. Nove e cinquenta eu encerro. E aí depois das 09:50 eu fico disponível pra esses alunos ou acabou não fico mais disponível?

Kátia: Eu não fico. Você não vai mais ficar disponível. Você vai cuidar da sua vida. E eles vão cuidar da vida deles. E aí...

Pesquisadora 1: Cuidar da minha vida significa gravar as videoaulas da semana que vem?

Kátia: Ou provavelmente você vai levantar as faltas da semana passada, por que você tem os *Forms* de comprovação de frequência. Você vai estudar os assuntos para montar as videoaula que você tem que gravar para postar na segunda-feira. Você vai ter que fazer os relatórios relacionados aos educandos que precisam de segunda chamada. Você vai responder à mensagem dos seus coordenadores sobre as médias dos educandos em relação ao *Forms*. E você vai tentar, se você conseguir, estudar, pra poder melhorar em relação à isso, em relação ao conteúdo. E levar algo de interessante pra eles. A ideia é que você, Pesquisadora 1, nunca perca a esperança de que, por mais que estejam calados, estejam te ouvindo e aprendendo alguma coisa pra vida deles.

Pesquisadora 1: Eu não perdi ainda essa esperança?

Kátia: Eu não... você não pode perder essa esperança. Por que muitas vezes estão calados ali e a sua voz tá ecoando pra eles, sim. Mas eles não tem voz por vergonha, muitos por desinteresse, mas se um guardou alguma coisa, você vai ter coragem de gravar mais cinco. Até me emociono.

Pesquisadora 1: Ok. Vamos abrir para o pessoal comentar. Eu tenho mais algumas dúvidas, mas aí... dúvidas? Vamos abrir pro pessoal comentar a... a aula da Kátia. A aula de segunda-feira que a gente vai tá falando sobre classicismo e Camões.

Luciano: (risos) Na verdade eu fiquei bem tonto, com tanta informação, né? Com tanto trabalho, com tanta coisa. E eu me achando, né? Estressado com o meu trabalho, mas eu vejo que tem talvez pessoas numa situação mais é difíceis que a minha. É, uma coisa que a Kátia falou ali que me chamou atenção é que se professor não tiver os recursos, ele vai até a escola no horário de aula dele pra fazer esses vídeos, enfim, pra elaborar esse material. Mas se o professor tiver lá na escola, nesse horário, teoricamente, ele também teria que estar já online, conversando com... com esses alunos, né? Como que ficaria essa situação daí?

Kátia: Então, no horário das suas lives, se você não tem condições de fazer a live de casa, você pode fazer da escola. É só você comunicar o seu coordenador e avisar: “eu não tem condições de fazer”. Ou até o coordenador dizer: “olha, algum pai reclamou, porque enquanto você estava na live o seu filho pequeno estava gritando muito, o cachorro estava latindo demais, eu sugiro que você venha fazer essas lives aqui na escola”. Pra não haver reclamações dos pais.

Luciano: É. Ou você vai pra escola ou você monta um estúdio em casa. Você tem essas duas opções?

Kátia: É... você...

Pesquisadora 1: E o fato de você ir pra escola, agora, né? Esse deslocamento pra escola, isso também não tem problema trabalhista?

Kátia: O deslocamento da escola... pra escola eles não colocam mais com problema trabalhista, porque antes da academia já saiu uma lei trabalhista regulamentar, eu sei toda base por que eu sou da CIPA e deslocamento já não é considerado mais se for necessário se acontecer alguma coisa acidente de trabalho.

Pesquisadora 1: Quer dizer que se você for pra escola e nesse caminho você pegar COVID?

Kátia: Você não pode... A sua escola não pode ser responsabilizada sobre isso. A... a responsabilidade da escola é de gasto forte para realizar o seu trabalho, mesmo que seja indo lá.

Pesquisadora 1: Cortei o Luciano aqui na pergunta dele. Desculpa, Luciano.

Luciano: Não, eu conclui. Eu tinha concluído já, Pesquisadora 1.

Kátia: Eu quero... é... desculpa, eu quero só mostrar pra vocês como eu acho que vocês devem fazer, então. Ó... eu tenho fichas! Essas fichas antigas que nós fazíamos fichamento. E a minha tá toda arriscada porque cada objetivo que eu consigo fazer eu risco. Mas então tem lá “semana primeira de junho” eu tenho... eu tenho que postar o roteiro da semana, as videoaulas, os *power points* e os formulários, turma por turma. Eu tenho que gravar as videoaulas da primeira série e da segunda série. Cinco pra primeira série e quatro pra segunda série. Eu tenho que escrever o roteiro da ooooooutra semana, as videoaulas da outra semana e gravar as videoaulas da ooooooutra semana. Tento preparar as lives que eu estou... você vai estar sempre com três semanas na mesma semana trabalhando.

Pesquisadora 1: Me diz uma coisa, Kátia. Eu insisti porque, assim, bom, tem um momento da live... Não tem interação... Já foi conversado sobre isso pra que a gente... pra que vocês possa, né? A gente, né? Eu já tava tão no “eu” ali. É... uma resposta para exigir um pouco mais a participação dos alunos dessa videoaula, pelo menos com a câmera ligada? Mesmo que eles fiquem mudos, mas quando a gente olha pras carinhas, né? A gente aqui eu tô olhando pra vocês, quando a gente se olha é diferente, né?

Kátia: Sim. É uma das angústias que a equipe de professores passou pra coordenação, foi justamente o distanciamento que continuou por conta dessa falta de interação de professores querendo interagir e alunos não interagindo.

Pesquisadora 1: Hm-huh.

Kátia: Então é... até se pensou pela equipe de professores, isso foi levado a frente, a ideia das serem de conteúdo inédito até para promover, atrair mais alunos e isto levá-los a participar mais. Mas a rede não levou isso em consideração e se manteve ainda como lives de pura revisão, sem nenhuma novidade assim. Então o que que eu sugiro que você faça no final da live, é como é uma escola que diz pegar muito pela ideia também do... das emoções, é, eu sugiro que você abra o coração e fale:

“olha, eu estou com saudades, eu sinto falta de vocês, eu queria que um pelo menos ligasse o microfone e me desse bom dia”.

Pesquisadora 1: Hm-huh.

Kátia: Um ou dois fazem isso. Falei: “quem vai ligar a câmera e me mostrar, eu sei que pode tá descabelado, eu sei que você pode tá aí debaixo das cobertas ainda, porque tá frio, mas pr’eu ver o rosto de vocês, por que eu sinto falta de vocês”. A sugestão que eu faço é você falar aquilo que você quer ouvir. Então: “eu sinto falta de vocês, eu sinto falta de ver o rosto de vocês, eu gosto de ouvir a voz de vocês, as gargalhadas que vocês davam e que eu até brigava por que não deixava eu continuar com a aula”. E você vai conseguir algumas migalhas de olhares e vozes.

Celina: Migalhas de afeto.

Pesquisadora 1: Mas justamente por você me dizer que a escola se diz uma escola que prima pela emoção, pela afetividade, é... esse argumento não vale pra eles permitirem ou pensarem nesta questão de alguns momentos de obrigatoriedade mesmo, né? Por que a obrigatoriedade do vídeo os alunos reclamam um monte no início, mas depois eles se habituem por que eles gostam de ver os colegas também. Né? Então...

Kátia: O que eu acho e o que... que teve muito é o meda da exposição obrigatória e isso gerar um processo. Um pai que se sentiu... uma família que se sentiu invadida ao colocar a obrigatoriedade de ligar o vídeo. Então, assim, eu sinto que há um receio por esse lado.

Celina: Então é uma conquista do professor, assim? É a tua afetividade, é a tua sensibilidade. É você na tua personalidade fazer uma micagem ali.

Kátia: (inaudível) resistência muito grande dos alunos, que seriam aqueles que nós pensamos dominar mais as tecnologias, há uma resistência muito grande que eu sinto em se expor nessas tecnologias. É... é... é muito interessante a maneira como são alunos que sempre na... nos antigos dias de aula, te esperavam na porta com abraços, de risadas e que hoje não conseguem ligar o microfone para dar bom dia.

Pesquisadora 1: Mas que não tem problema nenhum e fazer mil postagens no Insta e no Face, né?

Kátia: Exato. Então, eu acho que a... a relação com a tecnologia e a educação, ela é muito mais em perceber que essa tecnologia à favor da educação porque se tem a ideia de que a tecnologia é para a exposição midiática e não para a educação.

Pesquisadora 1: Uh-huh. Bom, nem nós fomos educados ou formados pra isso, né? Vocês receberam lá tutorial pra fazer as videoaulas, né? E o pessoal do Estado recebeu tutorial pra acessar o *Google Classroom*.

Luciano: Exatamente.

Celina: Deixa eu fazer uma outra pergunta, Kátia. Você dá aula só de manhã?

Kátia: Não, eu de manhã eu trabalho com ensino regular de ensino médio e a tarde eu trabalho com o cursinho pré-vestibular.

Celina: Você tem filho pequeno que a gente já viu ali na câmera, né?

Kátia: É.

Celina: E garanto que ele também tá dentro de todo esse processo de... né?... Eu não sei... ele tá no pré, já? Tá no primeiro? Tá...

Kátia: Ele tá no infantil cinco. Ele vai entrar no primeiro aninho ano que vem.

Celina: Vai entrar no primeiro... então eles também tem algumas é... algumas atividades remotas bem pelo que eu sei, né? Então eles tão... E daí você como mãe tem que tá acompanhando, porque afinal é uma... é... tudo bem? Você dorme que horas? Você toma banho? Tá se alimentando do sol, né?

Kátia: Não.. assim... eu... eu... a... a instituição em que eu trabalho, eu falo que a primeira coisa que você tem que saber é ser muito disciplinada e organizada com os seus horários. Então, de segunda a sexta, seis e meia, eu estou de pé. As minhas lives começam às nove, mas eu estou de pé, segunda-feira, às seis e meia. E aí, eu ponho horário em tudo, horário em tudo. Lógico que durante muitos anos, eu não sabia pôr horário, hoje eu aprendi a pôr horário. Mas também pra eu poder comer e pra eu também dormir, tenho uma mãe que às vezes que às vezes não, todo dia eu tenho certeza que falhou e que deixou pra trás o filho em algum momento. Então...

Pesquisadora 1: Aí a gente entra com... com cobranças, avaliações, né? Eu digo que nós somos muito, agora que a maioria aqui é mulher, né? Nós temos aqui três meninos, mas a maioria mulher e é tem várias mães, não sei, a Rita, Rita, que eu não tô vendo. Tem dois, a Rita, eu não sei se tem filhos também.

Celina: Eu tenho dois. Uma de sete e um de nove.

Rita: Eu tenho um menino de quatorze.

Pesquisadora 1: Somos todas mães. E a gente vive com... a gente tem o agravante de viver numa cultura e aí eu vou falar da nossa cultura, de uma maneira geral, aqui da ocidental, mas a nossa brasileira é muito mais forte, a gente vive na cultura

juCelinaco cristã da cobrança da mãe, né? E da finalização da mãe, que não é a mesma do pai, né? Porque deve, né? Tem pai aqui também e eles não tem a mesma cobrança. E a gente, apesar de todo o avanço de tantos anos, num discurso, né? Do lugar da mulher. A gente ainda acaba aceitando esse papel. E a gente acaba... lá, né?...a Rita, a Celina perguntou e a Kátia levantou a mãe que falhou e “você come quando?”... a gente mesmo se cobra e se culpa. Tenha ou não tenha trabalho, mas quando é que a gente vai aprender a se desprender dessa cobrança que vem dessa cultura, é... patriarcal e machista que a gente vive e se desprender disso, porque ninguém tem culpa. Né? Ninguém tem culpa. Você ficou mais ou menos é... não tanto quanto todo mundo teria que ficar. É... a vida se constrói da maneira que ela se constrói, né? A gente precisa se liberar desses dessas culpas e desses pesos tanto na quanto mãe, quanto no trabalho, né? Aí a gente chega no filho...

Kátia: O meu filho tem pânico quando eu falo assim... ele olha pra mim e fala: “cê vai gravar?”. Porque ele sabe que quando eu vou gravar, a porta tem que tá fechada e a casa tem que tá em silêncio.

Pesquisadora 1: Hm-huh.

Celina: Sim.

Kátia: Então ele odeia, odeia. Então ele fala pra mim, ele olha pra mim, assim, desanimado: “cê vai gravar?”. Então, o que que eu faço? Eu organizo as aulas no dia, preparo o *power point*, tudo, tudo, tudo, tudo... e um dia eu gravo todas as videoaulas.

Rita: Cê veja, né Kátia?

Kátia: Oi?

Rita: Então, você veja, né, Kátia? O seu filho, com cinco anos, ele tem esse pânico, o meu tem quatorze e o pânico é o mesmo. Falou que eu vou gravar a videoaula aqui agora, eu preciso de um tempo silêncio em casa, que tem que colocar gato, cachorro, filho, marido, trancados num quarto, é pânico pra família toda. É incrível o que essa palavra “ter que gravar” causa na família.

Celina: O ter que gravar, o ter reunião, o ter o *Teams*, fazer a live...

Rita: É.

Kátia: Hoje eu gravei no carro.

Rita: Pois é.

Kátia: Eu tive que fechar o carro e gravar lá dentro. E perguntei pros meus educandos: “você sabem onde que a professora tá?”. E eles falaram: “tá no carro!”. Falei: “pois é”. Uma aluna me falou: “tá no carro!”. Falei: “pois é, eu tô no carro”. E eu falei... eu, assim, eu acho que... eu não sei que risco eu corro expondo certas coisas, mas se nós não humanizarmos essa nova escola que se obrigou a criar por conta da pandemia, nós vamos continuar ainda mais reféns do um modelo em que nós não podemos errar. Quando a gente vai errar ou a gente vai human... não é erro é humanização do processo!

Rita: Exatamente.

Pesquisadora 1: Então, né? E eu volto na questão da culpa, né, e do erro.

Rita: Sim.

Pesquisadora 1: Não é uma questão de erro é uma questão de... O Pesquisador 1 quer falar? Fala Pesquisador 1.

Pesquisador 1: Não... não.

Pesquisadora 1: Não tem erro, né? A gente tá em construção. É um processo, né? Então não tem erro nesse... né? O processo é de aprendizado, né? Às vezes o aprendizado que a gente torna em benefícios que a gente fica mais satisfeito, vamos dizer assim, as vezes aprendizados que a gente (inaudível) entre aspas, mas faz parte do processo. Tudo isso faz parte do processo. E aí, quanto disso, quanto desses pesos, a gente... por achar que é erro, que é culpa, a gente traz pro trabalho e acaba refletindo na vida familiar, né?

Kátia: Eu acho que o...

Pesquisadora 1: A família vê que vai gravar... Porque gravar pra nós também é... (inaudível)

Kátia: Eu acho que assim...

Pesquisadora 1: Fala!

Kátia: Eu tenho assim, eu cito também é aquele peso social, econômico, do tipo, nós tamos numa pandemia, eu não posso perder esse emprego, eu tenho que fazer o melhor. Ah, mas vão reduzir salário? Então, eu eu sinto que carregamos esse temor durante os primeiros meses, de uma maneira muito forte.

Pesquisadora 1: Hm-huh.

Kátia: E isto nos obrigou a aceitar certas condições de trabalho que, no momento, num modelo ideal nós não aceitaríamos. Sabe?

Celina: Ne verdade agora tem... Agora tem um agora com um agravante, né? Porque eu comecei a ouvir é... de... de uma frente que tá se tomando pro retorno das aulas e daí sinto dizer, mas é uma forçação de barra que vem de certa forma das escolas particulares e que tão alegando, tem escola que tá perigo de fechar, porque nós estamos perdendo alunos, porque nós estamos ali com alunos que não estão pagando a sua mensalidade, porque não se adequaram a esse formato de aula. Então, assim, é realmente uma pressão muito grande pra que você faça não só o teu trabalho, não só o teu melhor, mas o teu extraordinário. Porque você tem que ser muito bom pra se manter no meio de toda essa pandemia e com essa pressão. Eu acho isso desumano, desumano, de verdade, o que tão fazendo principalmente como a questão da escola particular nesse caso, né?

Pesquisadora 1: E eu comecei a ver, né, nessa questão da escola particular e concordo com a Kátia, né? Os primeiros meses foi muito assim, essa pressão. Agora eu tenho a impressão, mas escura impressão de que tem um... um... já começa a ter um outro tipo de visão sobre isso, porque assim, teve toda a renegociação, se diminui o salário agora, né? OK. Mas agora com as escolas... com as aulas online funcionando, se a escola perde o professor, ela não tem quem repor no lugar.

Rita: Sim. (Risos)

Pesquisadora 1: Então, o movimento começa a...

Rita: A inverter.

Pesquisadora 1: A inverter. Porque se o professor agora sai da escola, como... onde é que essa escola vai conseguir um outro professor que daí vai ter que pegar tudo aquilo que tá construído, os alunos que não conhecem, nunca viram e aí fazer todo... então, mudou. Não é que mudou, mas já não tá mais tão desequilibrada essa balança.

Rita: E veja só, Pesquisadora 1. É... Nesta semana, eu fiquei quatro dias de atestado por problema de saúde. A preocupação, obviamente não seria se eu estou bem ou deixo de estar, A preocupação foi: “você vai precisar se afastar?”.

Pesquisadora 1: Hm-huh.

Rita: Né? Se eu con... Ficar dez, quinze, trinta dias afastada? Então é bem isso. Eu já tô começando a perceber essa inversão.

Pesquisadora 1: Hm-huh. Então essa forçação de barra na escola particular já foi mais forte e agora começa a ficar meio equilibrado. E, pra se ter um retorno no

presencial também vai mudar isso da escola particular, eu acho que, no fim, vai ser ela que vai forçar pra não voltar. Porque a lista que a gente já recebeu essa semana, a lista de investimentos, de adequações que a escola tem que fazer pra voltar pro presencial, as escolas não tem como solicitar. Então não tem como readequar o espaço físico e pessoal pra dar conta do que se exige no retorno presencial. Então, as escolas não vão ter condição de fazer.

Kátia: Eu acho que... que nesse momento pensar na prática de sala de aula, pensar na sua aula, como eu tenho que pensar é você fazer uma... é você criar sim uma fé na educação, independente de onde ela esteja. Então, eu vou, eu vou fazer o melhor que eu posso, independente da pressão que eu carrego, porque eu escolhi ser professora e porque eu escolhi ser professora. É... é... é meio utópico, chega a ser utópico às vezes pra você conseguir fazer e... e independente das pressões, porque no... no caso da escola particular, o sistema burocrático é muito grande. Eu não tenho só que saber quem não fez o formulário, eu tenho que preencher isso num sistema. Eu tenho um sistema que vai pro sistema dos professores que vai pro sistema dos pais, que vai pro sistema da direção. Então há um leque burocrático gigantesco. Então, a Rita não pôde fazer as aulas dela por que ela estava de atestado. Eu não poderia gravar as aulas da Rita por que eu não sou professora das turmas dela. Então, essa... essa... mas eu sou professora de língua portuguesa como ela, da mesma escola que ela, por que não fazer isso? Então eu sinto que é uma escola... que tá... eu senti isso em alguns momentos que é o seguinte: “ó, já que você tá trabalhando de casa, então você vai honrar o seu salário direito! Já que você não tem mais o trabalho de sair, então agora você vai ter que trabalhar mesmo”. Sabe? Psicologicamente, eu senti assim terror, eu senti uma certa pressão do tipo: “não vamos reduzir o seu salário, mas vamos te colocar pra trabalhar pra você honrar esse salário até o último centavo, então!”.

Luciano: E o que que acontece também junto com isso, eu percebi também é que veio junto com isso uma desvalorização até por parte da... agora não tanto né? Mas no começo, uma desvalorização ainda do professor, né? Por que “ah, agora tá fácil de trabalhar, por que só estão postando um videozinho, ou tão fazendo isso, né?”. Além de ter aumentado o trabalho, a gente tem mais que convencer esse estigma.

Kátia: Eles não enxergam que a aula gravada, a minha videoaula de meia hora não foi feita com a cara no celular em uma live de Instagram. Há todo um estudo, foi todo um processo.

Luciano: Exato.

Kátia: Pra chegar... a videoaula foi a última etapa do processo ou a penúltima etapa do processo. Mas houve todo um estudo, uma metodologia repensada para transformar em formato de videoaula aquilo.

(fim dos áudios)

APÊNDICE III – Fragmentos retorno Luciano e 3ª IS – Celina

Fragmentos retorno Luciano

Alice: É, já colocando, né, a situação da prefeitura de Curitiba, nós não podemos ter whats, né, com os pais. Ela não deixa de jeito nenhum, a diretora, as duas diretoras, né. Somente o face da escola, mas mesmo assim, as vezes, tem uns comentários bem, sabe? Mas daí a gente consegue dar uma contornada, tal, né. Mas eu acho ótimo que não tenha esse contato mesmo. Imagine a enchecção, né?

(Risos)

Pesquisadora 1: (Fala inaudível).

Alice: É, quando eu trabalhava em um colégio particular, no final da tarde, assim, os pais vinham buscar as crianças, mas era todo dia: “ah, comeu? O que comeu? O que deixou de comer?”. Nossa, já tava anotado na agenda e nós tínhamos que explicar. Agora lá na prefeitura não, a gente tem o dia da permanência. “Quer conversar com a professora? Você marca o dia”. Não podemos atender fora do dia. Eu acho ótimo, por que é bem determinado.

Pesquisadora 1: (Fala inaudível).

Alice: É e daí eles colocam ordem também, né? Por que senão abre muito para os pais. E os pais ficam muito folgados, né? Cada vez mais.

Celina: (Fala inaudível).

Alice: Um pé na frente e outro atrás, né? É, e as vezes, acaba fazendo pela criança. Daí a gente puxa a orelha também, né?

Pesquisadora mestrande: Profe... profe, me permite só uma coisa, né? Que entrou a Dagmar aqui. A Dagmar é nossa colega lá do mestrado e o trabalho dela vai ser muito parecido com o meu. Então, à convite da professora Pesquisadora 1, à meu convite e à convite do professor Pesquisador 1 ela tá aqui observando hoje o nosso encontro, tá bom? Só pra apresentar vocês para a Dagmar, né?

Dagmar: (Fala inaudível).

Pesquisadora mestrande: Não, só pra comentar, na verdade, considerar o comentário da Dagmar, aí, que o Rubens colocou ali uma frase ali no chat que é bem o que a Dagmar estava falando, ó: “Não podemos servir de agenda para os alunos”; “Por que, na verdade, não existe nenhuma instrução oficial, né, pro uso do

whatsapp". Então, se não existe instrução, na verdade, a gente teria que criar instruções nesses grupos como professores, né, neste caso. Então, não servir de agenda para os alunos nestes casos, né? Aí é uma pergunta, é duas, é três e, as vezes, por muitas vezes e muito frequentemente são as mesmas perguntas de pessoas que não viram a resposta da pergunta anterior. Então vira uma bola de neve, né, esse uso do whatsapp.

3ª IS – Celina

Celina: Olá!

Pesquisadora 1: Tudo bem? Bom, hoje é quarta e eu não sei exatamente como é o teu ritmo de trabalho, se você tem aula todos os dias, amanhã, sexta? Ou segunda?

Celina: Tem amanhã e segunda é o dia que eu tenho mais aulas pra assistir. Seria meu dia sem vínculo é o dia que eu tenho mais aulas pra acompanhar de arte pela grade da aula Paraná.

Pesquisadora 1: E amanhã tem aula tua?

Celina: Tem também, mas é um dos dias mais tranquilos, assim.

Pesquisadora 1: Então que dia nós temos aula? Segunda?

Celina: Pode ser amanhã ou sexta, tanto faz. Ou segunda.

Pesquisadora 1: Então vamos para amanhã. Que turma que a gente vai entrar?

Celina: Amanhã você vai entrar nos 6º e 7º.

Pesquisadora 1: 6º e 7º. Então vamos pro 6º ano, adoro 6º ano.

Celina: Eu olho pra trás assim, por que você é uma pessoa que precisa se organizar, tá? Então você tem um quadro, assim, branco, né? No seu home office, onde você anota o horário das aulas e as aulas que você tem e os compromissos, senão você esquece.

Pesquisadora 1: Tudo prontinho ali. Então eu vou te substituir no 6º ano. Preciso saber de tudo detalhadamente o que eu vou fazer para que as crianças do 6º, por que as do 6º ano é ótimo eles são super animados, que eles não percebiam que eu tô te substituindo. Então, comece pela minha organização, o que eu preciso fazer para minha aula de amanhã.

Celina: OK. Então, vamos lá. É.. você como tem aula na quinta-feira, você já acorda 07:30, que seria seu horário, como você está em casa, você vai colocar uma água

pra esquentar e vai sentar no computador e já fazer, entre as 07:30 e as 08:20, as suas primeiras postagens de acordo com o seu horário. Pela instrução, pela normativa que veio e pela orientação da sua pedagoga, você não é obrigada a colocar exatamente no horário da aula, 07:35, 08:25. Mas, como os buchichos correm, suas colegas falam, então você decidiu que você procura fazer as postagens nos horários das aulas.

Pesquisadora 1: Eu cumpro meus horários para evitar falatórios dos meus colegas.

Celina: Não, eu cumpro os meus horários por que o governo muda as regras nos 45 do segundo tempo. Essa semana eles disseram que tudo bem postar em qualquer horário, contanto que seja no dia da aula, ou seja, até as 23:59, mas pode ser que amanhã venha uma outra normativa dizendo que não, que a regra do jogo mudou. Então você prefere se precaver e continuar seguindo com as suas obrigações. Seu horário é as 07:30, então entre as 07:30 e as 08:20, você posta ali a sua primeira aula, o seu recadinho lá no seu *Google Classroom*.

Pesquisadora 1: Eu entro as 07:30 com a minha turma, turma do 6º ano amanhã.

Qual é... O que que eu vou ensinar? O que eu eu planejei pra aula de amanhã?

Celina: Muito bem, é, você tem essa primeira obrigação que é a postagem no mural. Então a postagem no mural ela é mais livre, mas ela tem que ter mais de 40 caracteres.

Pesquisadora 1: Uma postagem... é um “Oi, tudo bem? Bom dia.” Uma apresentação, assim?

Celina: É, normalmente você ou faz algo meio coach, motivacional, “Vamos lá, queridos alunos. Inspirados a mais um tempo de aprendizagem?”. As vezes você dá uma puxadinha de orelha, dizendo “Olha, tá tudo em branco. Quem não tá entrando tem que entrar.” As vezes você faz uma piadinha. Então você é mais aberta. Sinta o clima, veja mais ou menos como você está ali e você vai fazer essa postagem com mais de 40 caracteres pra essa turma, então, de 6º ano. Hoje você vai postar 6º C, A e B, 7º C e A.

Pesquisadora 1: Tá, vamos começar com o 6º C. Uma turma só. Ou eu posto todas as turmas ao mesmo tempo?

Celina: Você pode postar todas as turmas se você quiser. Eu vou postando durante a manhã, assim, vou fazendo minhas atividades e já fazendo as postagens dessas turmas durante a manhã.

Pesquisadora 1: Eu divido 5 aulas e eu posto cada turma em uma aula.

Celina: Isso. Eu faço isso.

Pesquisadora 1: Tá. Eu. Então eu vou fazer isso amanhã. Quando eu começar 07:30, eu começo, por exemplo, com o 6º C.

Celina: Isso.

Pesquisadora 1: E eu vou dar, eu faço minha postagem, dou meu “bom dia” de acordo com... se o meu café ficou mais forte ou ficou mais fraco?

Celina: Isso mesmo.

Pesquisadora 1: Tá.

Celina: Você é uma pessoa que segue seus instintos.

Pesquisadora 1: E o que que eu planejei pra trabalhar com o 6º C amanhã?

Celina: Muito bem. Então, assim, você não precisa necessariamente também é... estar online. A sua equipe pedagógica não determinou que você tem que estar online neste período. Então, nesse sentido, seu trabalho está um pouco mais leve, você não tem que entrar no *Google Meet*, você não tem que estar online. Você precisa estar ali fazendo a sua função. Então, como professora, eu entro na minha sala do *Google Classroom*, então você pode entrar lá naquela turma do 6º ano, que seria o 6º C. Entrou na turma do 6º C você vai dar uma olhadinha se já foi postada a atividade, se algum aluno já fez ou já respondeu.

Pesquisadora 1: Ah, por que eu dei atividade na semana passada para eles me entregarem nesta aula. É isto?

Celina: A própria secretaria de educação posta essas atividades já de acordo com a videoaula.

Pesquisadora 1: Ah. Essas atividades vem prontas, então?

Celina: Aham. E a normativa que você recebeu na semana pas... essa semana, na segunda-feira, é dizendo que antes você podia modificar a aula, acrescentar alguma coisa, que você podia mexer nela. Agora você não pode mais.

Pesquisadora 1: Aham. Essa semana eu parei de poder.

Celina: Parou de poder. Você engole. Com farinha. Sem água.

Pesquisadora 1: Tá. Eles assistem a videoaula e a secretaria de educação manda uma atividade em cima daquela videoaula e posta na minha turma?

Celina: Isso mesmo.

Pesquisadora 1: E amanhã eu vou saber o que aconteceu com ela?

Celina: Exatamente.

Pesquisadora 1: E eu consigo saber antes que atividade, que tipo de atividade é essa ou não?

Celina: Geralmente 1 dia antes eles já programam essa atividade e você consegue abrir e visualizar. Antes você podia modificar ela já um dia antes, agora não mais.

Pesquisadora 1: Certo. Então amanhã eu vou ver se alguém fez a atividade que a secretaria mandou, enfim?

Celina: Isso. Vai corrigir, vai dar a devolutiva pra eles, você pode devolver a atividade se ela estiver incompleta ou em branco, o que acontece com muita frequência, tá? É... você... você vai ver lá a atividade em branco e vai ter que colocar lá uma descrição: "Olha, sua atividade veio em branco, procure refazer". Pra ver se o aluno vai refazer. O que geralmente acontece? Você aí ver atividades em branco, você vai ver alunos que conseguiram entrar, responder o *Google Forms*, mas que não conseguiram resolver a atividade. Várias atividades são atividades de desenho. São atividades práticas. E daí seus alunos tem... teriam, teoricamente, que postar uma foto pra te enviar, para que você possa ver o que eles fizeram e daí dar uma devolutiva.

Pesquisadora 1: E no próprio classroom tem onde eles colocarem essas postagens?

Celina: As vezes, sim. Depende de quem é o professor lá da SEED que fez a atividade. Então alguns colocam, outros não. E o que eles colocam lá e que joga muito contra você é que eles colocam assim: "guarde sua atividade para mostrar ao seu professor no retorno das aulas presenciais".

Pesquisadora 1: Aham. Então o aluno faz, mas você não fica sabendo, vai ser surpresa na volta presencial?

Celina: Exatamente, mas eles exigem que até o dia 30 você feche o seu RCO, que é seu registro de classe online, tá?

Pesquisadora 1: Tá. Mas aí eu vou ... eu registro presença e ... registro presença. Amanhã por exemplo, amanhã eu vou entrar. Que atividade que eles tem que ter entregue pra amanhã?

Celina: Certo. É, deixa eu abrir aqui o meu, pq você tem todas as turmas, tá? Então, como você tem todas as turmas, você é uma pessoa que a memória nem sempre é maravilhosa, então você vai lá e olha. Amanhã você terá a aula 20, certo? Eles postam como atividade obrigatória. Você vai ter lá o link da aula, o link do material

utilizado para essa aula. Ela é uma atividade que já tá aqui como uma atividade programada. E agora deixa eu ver se eu consigo abrir aqui, é o 6º C. Você vai ter o teu google drive, onde você poderá entrar para verificar a atividade. Então vamos ver... é a aula 20... ela não veio pro drive ainda, tá? Então você não pode olhar ainda, não. Você vai poder olhar só amanhã.

Pesquisadora 1: Então eu não sei, eu não sei o que que eu espero pra amanhã de manhã às 07:30 da manhã?

Celina: Amanhã de manhã você vê, daí você interage com os alunos se tiver alguém, se não tiver tudo bem. A maioria não pergunta, a maioria não posta foto. A maioria, na verdade, te procura tipo ontem. Ontem você conversou com uma aluna 00:18, do 6º ano, né? Tipo, 12 anos, ela tá 00:18 no celular de alguém da casa, perguntando como ela faz pra entrar no aplicativo por que é a primeira vez que ela tá entrando.

Pesquisadora 1: E eu respondi?

Celina: Você queria não ter respondido, mas você respondeu.

Pesquisadora 1: Eu li a mensagem e respondi?

Celina: Você respondeu.

Pesquisadora 1: Por que que eu tava com meu telefone ligado à 00:18?

Celina: Por que você é uma pessoa que tem laudo, toma remedinho e, quando você escutou o barulhinho, você acordou e falou: “droga, pode ser alguma coisa”. E você olhou o celular e daí lógico que você ficou acordada.

Pesquisadora 1: Claro. Daí você viu e respondeu.

Celina: Aham.

Pesquisadora 1: Certo. E me diga uma coisa: essas aulas... tudo bem são as videoaulas, ok. E aí eles mandam a atividade. Isso acompanha minimamente o meu planejamento do início do ano ou já não segue mais o meu planejamento anual?

Celina: Não. Está totalmente fora de qualquer coisa que você tenha planejado.

Pesquisadora 1: E como é que isso fica com relação à equipe pedagógica, daí entrando na escola. O que eles me dizem sobre isso? Eu tive que fazer um planejamento novo em cima dessas coisas que vem do governo?

Celina: Não.

Pesquisadora 1: Não tem planejamento então?

Celina: Não, você engole com farinha o que eles estão mandando. Só.

Pesquisadora 1: E como que eu preencho um RCO se eu não tenho um planejamento?

Celina: Você faz um “Ctrl + C”, “Ctrl + V” do que eles estão fazendo.

Pesquisadora 1: Então eu faço diário, eu não posso nem pensar em fazer alguma coisa extra.

Celina: É. Você, por tentar ser uma professora, né, coerente com o que você diz, você fez um diário de home office, aonde você tá registrado suas atividades, os seus conteúdos. Aonde você tá, inclusive, fazendo relatos do que tá acontecendo, quando tem alguma coisa fora do acontecimento, uma reunião, você tá colocando tudo isso dentro de um diário pra você. Pra que você consiga se organizar. Mas o que te instrui é que a gente tá... “se vira nos 30”, né? Como diz o populacho. Você vai fazer o melhor que você pode com os 30 segundos que você tem. O que mais tira seu sono atualmente é justamente essa questão de eles ‘tarem’ exigindo uma avaliação sua. Ou seja, você tem que fechar as notas, mas você tem mais de 85% dos alunos que não estão fazendo essas atividades, que não conseguiram entrar e que tão deixando em branco.

Pesquisadora 1: E aí deixa eu ver... quando eu entro lá no *Classroom*, por que eu nunca entrei na plataforma. Então eu preciso aprender como é que eu vou fazer ... funcionar com ela amanhã. Quando eu entro na plataforma é tipo um moodle, assim?

Celina: É tipo um moodle. É parecido com o moodle.

Pesquisadora 1: E aí eu consigo ver, eu consigo ver os alunos que estão online lá na hora que eu entrei?

Celina: Não. Não, você não vê os alunos online. Não. O que você vai ver são caixinhas, com a sua turma, 6º A, 6º B, 6º C... nã nã nã nã nã nã... você clica em cima dela. Você vai ter um mural, uma fixa que é o mural onde você tem os recados, uma agenda. Você vai ter as atividades, de 1 a 20 já que é o que a gente tá agora. E você vai ter daí um espaço onde você pode abrir a atividade. E aí, abrindo a atividade, você pode ser aluno por aluno. Nome por nome.

Pesquisadora 1: Todos ou o que tá online?

Celina: Não, todos, todos os alunos como se fosse uma lista de chamada.

Pesquisadora 1: Tá. Mas eu não consigo saber quem tá online a não ser que eu chame no meu grupo do WhatsApp. Eu posso chamar eles no meu grupo do WhatsApp e falar “bom dia”?

Celina: Se você quiser ficar de “grátis”, sim.

Pesquisadora 1: Pra ver que, se tem alguém online ou não? Se não, mas isso não faz parte da, das obrigações?

Celina: Não.

Pesquisadora 1: Então só no *Google Classroom*.

Celina: Isso. Isso, você ‘taria’ fazendo isso como um extra.

Pesquisadora 1: Uh-huh.

Celina: E, e na verdade não surte efeito, você já tentou isso no começo, falando assim, “olha, agora nós temos aula de arte, qualquer coisa eu tô por aqui”. Mas não surte efeito. Não, por que a maioria são os pais, né? Que tão naquele grupo do WhatsApp.

Pesquisadora 1: Não tem os alunos. Que horário que passam essas videoaulas? Essa aula, por exemplo, essa aula vai passar amanhã também? Ou essa aula passou hoje? Como é que é?

Celina: Isso nós falamos do horário da manhã, o que você tá fazendo de manhã, que é abrir o *Classroom*, fazer teus recadinhos. Só que essa aula você só vai assistir, a do 6º ano, às 15:50.

Pesquisadora 1: Ah, então eles tem atividade de manhã e nós vamos assistir aula só a tarde.

Celina: Eles não vão fazer a atividade de manhã. A atividade é postada de manhã automaticamente, a partir das 10:00 da manhã, mas eles, eles provavelmente vão entrar nessa atividade depois da aula. Então, eles vão entrar depois das 4, 5 horas.

Pesquisadora 1: Mas eu tenho que cumprir o meu horário, às 07:30.

Celina: Ah, você sim. Você tem que justificar o seu salário. Se o teu horário era 07:30, você entra 07:30.

Pesquisadora 1: E essa videoaula, ela fica... quanto tempo duram essas videoaulas? Uma meio hora? Ou mais? Ou menos?

Celina: Não, normalmente 45 minutos.

Pesquisadora 1: A videoaula dura 45 minutos? E essa videoaula ela fica disponível também no no grupo da sala lá do *Classroom*?

Celina: Eu não, não tenho essa, essa obrigação e você também não. Você não tem que disponibilizar. Eles sabem que existe o canal do *YouTube*, existe o aplicativo Aula Paraná e existe daí o *Google Classroom* que também disponibiliza um link na atividade pra poder você assistir essa vídeo aula.

Pesquisadora 1: Ah, quando eles abrem a atividade tem o link da videoaula. Se eles não viram na televisão. Ah, quando eles postam a atividade... então quando eu abrir amanhã de manhã, olhar lá atividade, eu já tenho o link da aula.

Celina: Isso.

Pesquisadora 1: Eu posso abrir e ver. Ela só passa as 15, mas eu posso abrir e ver.

Celina: Isso. Pode, pode sim.

Pesquisadora 1: E eu posso colocar lá no meu mural, então: “vou fazer uma atividade diferente amanhã”. Vou colocar: “todo mundo, entrando agora pra abrir a vídeo aula nesse momento”. Posso pôr?

Celina: Pode. Pode.

Pesquisadora 1: Arrisca de alguém assistir? Será que algum aluno meu vai assistir?

Celina: Olha, você fez umas maluquices aí esses dias que corre, sim, o risco de algum aluno teu fazer. Por exemplo, como você tem que avaliar seu aluno e essa semana você tava sim com essas atividades em branco e você tem que propor uma recuperação de 1º trimestre. E que tem muito aluno que não entra, você fez o que? Você começou a postar uns igTV no Instagram, falando sobre a arte, falando sobre educação a distância, se aproximando um pouco mais emotivamente dos seus alunos, certo? E você propôs uma ideia, postou em todas as redes possíveis: você postou no *Facebook*, no Instagram, no Twitter, no TikTok, você postou nos grupos do WhatsApp, você postou no *Google Classroom*, você postou em tudo, que você ia fazer uma atividade de recuperação bem legal, que é uma releitura artística a partir de fotografia. Aonde eles serão os personagens dessas releituras artísticas. Você fez uma, postou a ideia e claro que aqueles alunos que sabem quem você é, que gostam da matéria, começaram a fazer e já ficou lindo, maravilhoso e você já começou a compartilhar. Claro com autorização, né? Então, você já tá começando a criar um burburinho pra tentar fazer com que a sala de arte volte, volte a ter cor, volte a...

Pesquisadora 1: Que eles voltem de fato?

Celina: Exatamente.

Pesquisadora 1: Mas aí, a pergunta é que: eu tenho os meus alunos no meu Insta e no meu Face?

Celina: Ah, você tem. Você tem. Eles te seguem, eles te acompanham. Você é... eu... eu costumo brincar: eu sou uma professora digital má *influencer*.

Pesquisadora 1: Eu já sou digital antes da era (inaudível). Os meus alunos no meu face e no meu insta, de antes agora eu tô pensando, né? Agora a gente tá num momento (inaudível), se eles já me seguem desde antes, é... eles conseguem separar o que eu posto no insta e o que eu posto no face que não é a professora, mas que sou eu. Ou... E eles conseguem fazer essa separação? Ou eles me incomodam nas minhas redes particulares? Por que essas são minhas redes privadas, né?

Celina: Sim.

Pesquisadora 1: Eles fazem algum tipo de mistura? Não fazem? Como é que isso funciona?

Celina: É, já é uma constante há pelo menos 5 anos. Então não é uma conversa que começou agora. É uma conversa constante, né? As vezes acontece, claro, de um ou outro, raro, bem raro, não saber esse limite. Você dialoga, conversa, estabelece e eles sabem, sim. O que acontece, é o que a gente tava conversando no outro dia, é uma humanização dessas plataformas. Eles sabem o que é a professora Celina, que vai puxar a orelha e vai ter que fechar nota, mas eles sabem que é a professora Celina que é brincalhona, que é emotiva, que gosta do que faz, que gosta de arte. E daí tem aqueles que compram a ideia e vão junto, e tem aqueles que não tão nem aí. Mas acaba sim que dá certo. De certa forma é isso: é uma busca pela humanização dessas plataformas digitais pra aproximar eles da disciplina, da matéria, do aprendizado. É desgastante? É! Mas eu gostei e me senti muito mais realizada fazendo essa atividade desta forma, eu senti que eu consegui bons resultados do que esse martírio de ficar clicando botão e abrindo turma e vendo atividade em branco e vendo a dificuldade deles e não poder ajudar e não ter com quem contar.

Pesquisadora 1: Não ter ajuda. Então na minha aula de amanhã, então eu vou entrar às sete e meia, eu vou abrir lá o... o como é que chama, que eu vou abrir o negócio.

Celina: Você vai abrir o seu mural do *Google Classroom*.

Pesquisadora 1: Mural. Vou abrir o mural. Vamos procurar, vou lá, né, dar o meu bom dia, vou dar algumas instruções ou vou pedir pra eles postarem as atividades, pra eles assistirem a aula.

Celina: E é isso...

Pesquisadora 1: Mas minha aula vai até as oito e vinte. E o que que eu faço daí nesse período?

Celina: Cê vai fazendo essa... a correção das atividades e nessa turma não tiver ninguém, você tem a liberdade de ver de outras turmas.

Pesquisadora 1: Uh-huh.

Celina: Então, vai ali mexendo no *Google Classroom*, nas atividades.

Pesquisadora 1: Eu posso ir entrando de uma turma pra outra conforme eu tiver atividades.

Celina: Pode.

Pesquisadora 1: E eu tenho que ficar fazendo isso até o meio-dia.

Celina: Cê vai ficar fazendo isso até o meio-dia. Exatamente. Às vezes você tem um horário que você precisa ir até a escola, buscar as atividades que foram impressas e entregadas... entregues presencialmente. É uma quantidade bem significativa, tá?

Pesquisadora 1: Ah, eles não entregam então. Eu vou buscar na escola.

Celina: Isso, com horário marcado, com todas as precauções. Você mora bem perto da escola, então cê vai a pezinho lá e você usa o teu horário.... é...

Pesquisadora 1: Meu horário de trabalho...

Celina: Seu horário de trabalho pra ir buscar isso.

Pesquisadora 1: Uhum.

Celina: Normalmente entre segunda, quarta e sexta, entre as nove às onze, você escolhe um a cada quinze dias, um dia pra ir lá buscar essas atividades. Às vezes acontecem erros de impressão, você tem que ficar lá corrigindo, porque você não pode tirar atividade, porque atrás da sua tá de matemática, ou de português.

Pesquisadora 1: Uhum. Por que a gente imprime frente e verso, estamos no modo economia.

Celina: Isso mesmo.

Pesquisadora 1: Então daí eu fico, eu fico aqui, por que eu não tenho interação com eles, então, neste período, por esta plataforma. Eu não tenho interação com os meus alunos nesse período.

Celina: Não.

Pesquisadora 1: Eu faço alguma atividade ou eu planejei pra amanhã ou de repente pra semana que vem alguma atividade síncrona em que eu vou ver e falar com os meus alunos ou isso não existe?

Celina: Existe o seu projeto das reuniões *Google Meet*, mas você dá aula numa área muito carente e a maioria dos alunos, na verdade, estão tendo muita dificuldade nesses acessos. Apesar de terem celular, eles não tem habilidade de lidar com essas ferramentas, nem os pais. Nem os responsáveis e nem eles. Aluno do primeiro ano do ensino médio com dificuldade em lidar nessas plataformas. Então, você tá começando a tentar ver se existe a possibilidade, mas você descobriu que, por exemplo, do nono ano, cinquenta por cento dos seus alunos pegaram atividade impressa e vão entregar na escola impressa.

Pesquisadora 1: Então, eles não teriam, provavelmente, a possibilidade de entrar numa aula síncrona se eu puder, se eu quiser propor?

Celina: Exatamente. Você pode propor, mas você ainda tá pesquisando porque é uma minoria.

Pesquisadora 1: E seria alguma coisa muito extra, né? Seu se eu propuser uma atividade assim, vai ser extra.

Celina: Exatamente.

Pesquisadora 1: Para que o aluno que não pode entrar, não seja prejudicado.

Celina: Exatamente, bem isso.

Pesquisadora 1: Certo. E como que eu termino a minha aula, então, amanhã?

Celina: Muito bem. Você, então, na verdade, não é exatamente uma aula. Porque como você viu, você tem o teu dia, o teu horário pra cumprir, as atividades que você tem pra cumprir. Então, lá cinco e vinte e cinco, né, quando seria o horário que você estaria encerrando, você já vai tá com uma certa quantidade de atividades corrigidas e devolvidas, você tem a tua planilha individual que você vai preenchendo, se tiver que entrar com algum, em contato com algum aluno em individual, você também pode através da plataforma *Google Classroom*. Cê pode mandar um *e-mail*, colocar um recadinho no mural, individual ou coletivo. Você vai abrir o seu RCO, lançar os conteúdos que foram trabalhados, os alunos que respondem a atividade, essa atividade atrelada à presença, então, o aluno que entregou a atividade, você coloca

presença na RCO. E essas são as tuas atividades. Deu cinco e vinte e cinco, você pode fechar seu computador. Mas você não faz isso, já te aviso.

Pesquisadora 1: Ah, não vou fazer isso amanhã?

Celina: Ah, não, você é o tipo de pessoa que, assim, como você procrastinou bastante em cima das notas e das atividades que seus alunos não entregaram, acabou que você acumulou coisas pra fazer na RCO, faltas e presenças pra lançar, e você fica mais um tempinho ali trabalhando pra pôr em dia.

Pesquisadora 1: Pra finalizar meu trabalho.

Celina: Isso.

Pesquisadora 1: E eu já pensei em algum momento em dá presença pra todo mundo, apesar deles não entregarem as atividades?

Celina: Já. Você já pensou.

Pesquisadora 1: E já fiz?

Celina: Já. Você fez isso e a pedagoga falou que você tem que reorganizar por que eles querem saber se o sistema esta dando certo ou não. Você e os seu alunos são um número.

Pesquisadora 1: Mas a pedagoga tem acesso à essas... todas essas atividades também? Ela controla uma por uma?

Celina: Não, mas o RCO ela controla. Então se eu colocar presença pra todo mundo, ela sabe que eu coloquei presença pra todo mundo. Aí existe aquele fator, né? Ou você arranja dor de cabeça com a pedagoga ou você arranja dor de cabeça com pai de aluno. Mas você já pensou e continua pensando em lançar presença pra todo mundo e seja o que Deus quiser.

Pesquisadora 1: Por que a gente compreende que alguns não querem vir, mas a gente compreende que alguns não podem vir, não conseguem vir. E eles vão ficar com falta, daí? Eternamente, né?

Celina: Exatamente.

Pesquisadora 1: Então esse é um dilema que eu tô matutando como resolver.

Celina: Isso, isso mesmo.

Pesquisadora 1: Eu já conversei com os meu colegas sobre isso? Eles tão no mesmo dilema que eu?

Celina: Alguns, sim. Alguns, sim. Outros falam: “Ah, mas não fez, tem que levar falta mesmo”.

Pesquisadora 1: E é proporcional assim, tá meio a meio? Ou essa disputa ainda tá desequilibrada?

Celina: Tá desequilibrada. Tá bem desequilibrada.

Pesquisadora 1: Como que faz então pra conquistar o outro...

Celina: E além disso, né? Tem aquela coisa... a maioria das disciplinas, as atividades que tem propostas no *Google Classroom*, elas são aplicativos de múltipla escolha ou descritivas de resposta longa. Né? Então o aluno entra no *Google Classroom*, entra lá no formulário, no *Forms*, ele vai ler a questão, clicar A, B, C, responder ali com as palavras dele, enviar, enviar a segunda vez, o professor recebe e é toda a resposta automática. Né? Em arte e educação física, não. Né? Pelo menos, em arte o aluno vai ter que fazer o desenho, confeccionar o instrumento, tirar uma foto, assim, assim, assado. O que que acontece? Ele não faz. Ou se ele faz, ele faz no caderno, não te envia foto, ele não consegue ter esse diálogo com você. Pelo WhatsApp você tá indo contra, né? O que eles mesmos determinaram que é de usar a plataforma google. Mas mesmo que você topasse fazer isso, você tem quatrocentos alunos. São vinte atividades de cada aluno, né?

Pesquisadora 1: Depois, se eu aceito que eles me mandem no Whats, eu não tenho como registrar que foi enviado, né?

Celina: Exatamente.

Pesquisadora 1: Eu não tenho (inaudível) que nem no *Google Classroom*.

Celina: Exatamente. Então, você não tá... você tá com vários, cê tá em...um encruzilhada. Não só no... na chamada, mas nas atividades, nas avaliações, nos conteúdos, em tudo. Você tá...

Pesquisadora 1: Eu já fiz aula tutorial com os meus alunos, pra ensinar eles apertar os botões, né, meu Deus, de ligar o *Meet*, de ligar...

Celina: Sim.

Pesquisadora 1: Fiz várias?

Celina: Várias. Várias. E às vezes você continua fazendo até hoje. Volta e meia alguém te procura e você faz de novo. Aí você resgata todos os vídeos, todos os tutoriais, tudo que você já falou com outros alunos e você vai lá naquele indivíduo falar: "olha, vai aqui, acessa ali". E nisso, geralmente, vinte, trinta, quarenta minutos, que você fica com um aluno ali, ensinando ele. Porque você é legal, que também não é sua função, você não é técnica de informática.

Pesquisadora 1: Uhum.

Celina: Mas você faz por que você sabe que tem que ajudar eles, por que eles não tem esse conhecimento.

Pesquisadora 1: É, por que eles não conseguem entrar. E as vezes eu tô ali no meu horário de aula, eu aproveito e faço isso por que daí, pelo menos, eu resgato um aluno. É mais um! Do que ficar ali na plataforma.

Celina: Isso mesmo.

Pesquisadora 1: Certo. Então eu encerro meu dia amanhã. Fecho a plataforma, mas continuo lançando ainda umas faltas e presenças e notas?

Celina: Isso.

Pesquisadora 1: E me preparando pra assistir videoaula na sexta.

Celina: Isso mesmo, que daí nas sextas passa o dia assistindo o videoaula.

Pesquisadora 1: As aulas que foram durante a semana.

Celina: Isso e que são maravilhosos, porque assim, eles explicam conteúdo, daí eles fazem uma pergunta, daí eles dão três minutos com uma tela branca com a pergunta para o aluno responder em casa. E cê tem que ficar lá, com uma musiquinha sensacional.

Pesquisadora 1: E aí, depois? Eles corrigem minha pergunta depois?

Celina: Aham.

Pesquisadora 1: Mas eles dão essa videoaula, se eles mandam fazer atividade prática, a aula não é prática? Ele não faz coisas na aula para corresponder com a atividade que eles enviam depois?

Celina: Não, não. Na... eles chamam a atividade como *quiz*. Então é um *quiz*, que eles estão fazendo ali. E a atividade que eles postam no *Google Classroom* é uma atividade prática de arte, de acordo com aquele conteúdo.

Pesquisadora 1: Entendi. Tudo bem. Acabei minha aula, então.

Celina: Acabou.

Pesquisadora 1: Acabei cansada o dia?

Celina: Cansada, estressada, com coração acelerado, querendo uma solução desesperadamente e não não tendo. Você quer salvar todo mundo, mas você não é super-herói.

Pesquisadora 1: E eu tenho conversado com os meus colegas de trabalho mesmo da minha escola, eu consigo conversar com alguns e a gente debater essas questões de problemas?

Celina: Existe um pequeno grupo, mas que tá num nível de frustração tão grande já com a própria escola, com a direção, com outros problemas que vem acontecendo, que aí vira o famoso muro das lamentações, como diz o professor Pesquisador 1, e que a gente acaba às vezes se sentindo ainda pior. Por que daí fica aquela... aquela aura de negatividade, de ficar falando mal do mundo e você não consegue solução nenhuma. Então, eu já entendi também que isso não adianta nada, não é isso que você tá procurando. E você acaba meio que ficando de lado, assim, né? Ficando na tua, ali, quietinha, que cê ganha mais.

Pesquisadora 1: Ou procurar outros pequenos coletivos pra, porque a gente tem problemas, relata os problemas, né? A gente já tá encerrando aqui, já vamos abrir pra todo mundo poder debater. Mas a gente tem que ir um passo além, né? Aí então, que que a gente faz com esses problemas pra tentar achar minimamente caminhos? Não digo soluções, mas caminhos.

Celina: Os meus colegas eles estão tão cansados, esse grupo que é o coletivo do qual eu participo, ali, que é pequeno e tal. Que é super crítico, super reflexivo, mas assim... Tá todo mundo tão massacrado que é uma onda de “ninguém merece”, sabe? O tempo todo. “Ah, o aluno que ele não merece”. “Ah, outro professor, por que não merece”. “Ah, pq a direção não merece”, sabe? “Que os pais não merecem”, sabe? É uma zona de “ninguém tá merecendo nada”. Então “não vou me dar o trabalho por que ninguém merece”.

Pesquisadora 1: E acaba ficando aquilo... é sempre o outro, né? É sempre o outro.

Celina: É, tá bem complicado.

Pesquisadora 1: Gente, podemos abrir. Quem quiser comentar, perguntar, falar.

Celina: Cri, cri, cri...

Pesquisadora 1: Eu tô vendo o Luciano ali, procurando o botão.

Luciano: É. Exatamente. A Celina só esqueceu de comentar ainda que na sexta-feira ainda, fora todas essas atividades Pesquisadora 1 que você vai ter que fazer, você vai ter que ter tempo pra assistir uma live sobre as alterações que vão ter no *Google Classroom*. Então, pode ser que né? Você tenha surpresas na sexta.

Pesquisadora 1: Ah, eu tenho live na sexta-feira?

Celina: Isso mesmo. Isso mesmo.

Luciano: Vão ter mudanças, alterações. Então, tem que ficar preparada.

Pesquisadora 1: Mesmo no *Classroom*?

Celina: Então, lembra que eu falei que as regras vão mudar no segundo do segundo tempo. Então, nós estamos no segundo trimestre, já tamo indo pros quarenta minutos do jogo e eles mudaram as regras agora. Então, já veio uma normativa, uma instrução, mas eles vão fazer uma live explicando. E outra coisa que eu esqueci, porque olha, como eu falei, você tem que anotar, eu olhei agora e tá em vermelho, ali em cima. Amanhã, no meio das tuas aulas que você tem que fazer, você tem pré-conselho, tá? Com as suas pedagogas pelo *Google Meet*.

Pesquisadora 1: Ah, então amanhã é o dia de eu conversar com as pedagogas.

Celina: É, você vai conversar com as suas pedagogas. A de manhã é as 10. A da tarde é as 15:30. E a da noite é as 19:00. Você vai conversar com elas todas. E você vai fazer um pré-conselho, vai lavar um pouquinho de roupa suja.

Pesquisadora 1: Dessas atividades que não são entregues e eu preciso achar uma solução e elas que vão me ajudar nessa solução, né?

Celina: Isso mesmo.

(fim dos áudios)

APÊNDICE IV – Fragmentos retorno Celina e Fragmentos 4ª IS – Alice

Fragmentos retorno Celina

Pesquisadora mestranda: Ai, gente, eu vou contar também uma pequena transgressão. Eu tirei a vinheta dos vídeos e os alunos me agradeceram na live.

(Risos)

(Falas inaudíveis)

Pesquisadora mestranda: Eu coloquei a tela final e a tela inicial só. Coloquei só a tela final e a tela inicial e ainda numa reunião ontem que eu tive com a vice diretora ainda falei pra ela. Falei: “Olha”. Ela falou: “Não, vamos fazer umas coisas pra melhorar”, né? E daí eu peguei e falei pra ela: “Eu já tô fazendo, eu tirei a vinheta”. E daí ela deu risada e disse: “meu Deus, aquilo é horrível”. Então ó.

(Risos)

(Falas inaudíveis)

Pesquisadora mestranda: Eu quero dizer que eu fiquei absurdamente feliz da Celina não se preocupar com pelo menos uma das coisas que ela tem que fazer, pelo menos.

(Falas inaudíveis)

Pesquisadora mestranda: Gente, só uma dica, né? Pra quem gostou da ideia do Rubens. As vezes não é necessário comprar um outro aparelho. Eu tenho um aparelho que tem dois chips, né? Ele é dual chip, lá, não sei o que. E aparelhos assim ou até mesmo com um chip só, nos dois é possível, você cria uma conta que é chamada WhatsApp business. E você consegue baixar tipo um espelho do teu WhatsApp limpo, tipo como se fosse um novo aplicativo. Mas, na verdade, é um espelho do aplicativo que você já tem e você pode falar com as pessoas que você já tem contato lá, mas ele baixa, no teu celular, sem nenhum contato assim inicial. E daí você pode usar dois WhatsApps diferentes. Então uma dica, né? O meu aqui na tela ó, eu tenho o ícone do WhatsApp aqui que é o meu pessoal e, quando eu passo pro lado, eu tenho o outro ícone do WhatsApp alí ó, que é o WhatsApp business. Então, assim, na instituição onde eu trabalho acontecia muito disso de aluno mandar mensagem assim, tipo, onze horas da noite. Sábado, dez horas da noite, pra postar o trabalho meia noite. Então eu fiz isso por que daí eu separo o que é meu e o que é

trabalho e o que é trabalho não fica na minha tela inicial. Antes, eu tinha todos os *e-mails* de trabalho na minha tela inicial e agora eu não tenho mais.

(Falas inaudíveis)

Pesquisadora mestranda: Pode usar o mesmo número. Exatamente. Depois eu mando o link lá pra vocês se vocês quiserem. Inclusive, ele tem o ícone diferente.

(Falas inaudíveis)

Pesquisadora mestranda: Tutorial.

(Risos)

(Falas inaudíveis)

Pesquisadora mestranda: O ícone é diferente. Você baixa ele, é só baixar lá, normal, WhatsApp business. E você gastou dinheiro, Rubens, desculpa. (risos) Mas sabe o que é bom o aparelho ser diferente? Por que daí você joga ele num canto e você não vê mais ele se quiser.

Rubens: (Fala inaudível).

Pesquisadora mestranda: É. Isso aí. (risos)

(Falas inaudíveis)

Pesquisadora mestranda: Uma... uma coisa é que me fez refletir muito durante essa semana passada e essa semana agora que a gente tá vivendo. Foi... Teve um dia que eu me peguei e pensando assim quantas vezes eu tinha tomado café nesses últimos dias. Café mesmo. Parada em algum lugar, tomando café. Me concentrando no café. Nenhum! Aí eu pensei nas últimas duas semanas. Nenhum! Aí eu pensei nos últimos quatro meses. Nenhum! Eu não consigo me lembrar um dia que eu sentei tomar café num dia de semana. E daí eu comecei a reparar em mim mesma que eu é... primeiro eu ligava o meu computador e depois eu fazia xixi, escovava os dentes, pra não perder esse tempo do meu xixi, do meu dente escovado, pro computador já ir ligando. Por que... eu não sei por que. Eu achava que isso era uma, sei lá, uma perda de tempo, que eu poderia tá ali fazendo alguma coisa pra entregar no prazo de alguém que realmente não tá nem aí também pro meu prazo.

(Falas inaudíveis)

Pesquisadora mestranda: Nossa. Eu pensei isso, Rita. Pensei: “cara, eles vão ver que eu tô respondendo o chat”

(Risos)

(Falas inaudíveis)

Pesquisadora mestranda: E agora, em especial, professora. Assim, é, nos nossos contratos de trabalho dos lugares, a gente forneceu o uso dos nossos aparelhos. E aí é, assim, não existe a possibilidade nesses contratos pré-estabelecidos de eu não ter aparelho. Não existe nem essa possibilidade. Né? Então, assim, é, por que eu poderia. Eu não posso ser professora sem internet? Sem internet na minha escola? Eu não tenho internet em casa, eu não tenho aparelho em casa, eu não tenho computador em casa... eu poderia muito bem trabalhar em todos os lugares que eu trabalho. E se eu realmente não tivesse mesmo? Então, assim, só que nos contratos que nós recebemos, não existiu essa possibilidade. Não existia.

(Falas inaudíveis)

Pesquisadora mestranda: É, quando eu fui contratada numa escola aqui de Curitiba ano passado, eles pediam pra gente ir, assim, obrigatoriamente, as mulheres tinham que ir de cabelo preso, unha feita e roupa preta e amarela. Eu não fui um dia da minha vida assim. Por que? Por que eu não tenho roupa, não tinha roupa preta e amarela, né? Tinha até uma blusa amarela, mas não tinha amarelo pra 5 dias da semana. Tinha uma calça preta, mas não tinha 5 calças pretas, né? E eu não ia com meu cabelo preso, me recusei a ir. E eu nunca faço a unha. Hoje, por uma coincidência da vida, por que eu tô falando isso, por que, né? Óbvio que tem que ser assim a vida, né? (risos) A minha unha tá feita, que é a vez no ano que eu faço. Mas, assim, era assim, tava no contrato. Eu assinei o contrato e não fui. E, assim, me cobraram algumas vezes e tudo. As professoras corriam comprar roupa da cor e não sei o que e eu não fui. Eu falei que não tinha e pronto, né? Até falei: “se a escola tiver, eu levo pra casa e até lavo se for usado”. Mas...

Alice: Mas isso é assédio moral de trabalho.

Pesquisadora mestranda: É, mas vinha no contrato isso.

Alice: É assédio moral. Eles não podem.

Pesquisadora mestranda: É, mas daí eu acabei pedindo pra sair mesmo, então. Por que são regras absurdas.

(Falas inaudíveis)

Pesquisadora mestranda: Mas sabe qual o problema, Celina? É que daí o professor... o problema é que o professor vê o aluno que vai... o Estado não vai ver o aluno que vai pra escola só pra comer. Então, daí o professor ele se vira, o diretor

se vira. O certo, assim, a gente vive no dilema desgraçado que é: fazer o certo ou fazer o que tem que ser feito. O certo, com certeza, é não tapar o buraco do Estado. É cobrar do jeito adequado e do jeito que faz as pessoas verem as coisas, né? Mas, é, o que a gente precisa fazer, geralmente, é apagar fogo. Né? É baixar sim o aplicativo no celular, é usar sim o computador. E daí nessa, assim, é, no Estado é por que você sabe que os alunos precisam, e nós, da rede particular, é por que a gente precisa do emprego. Então você faz. E você vai fazendo sem olhar, sem ver, sem pensar e vai fazendo. E, quando você vê, você tá na bola de neve. Você tá lá apagando fogo sempre, você tá fazendo sempre, tá dando jeito sempre. E enfim.

(Falas inaudíveis)

Pesquisadora mestranda: O Rubens quer passar de patrola nas coisas. Não dá! (Risos) Patrola não dá. Infelizmente! Eu continuo ainda votando na patrola, mas eu tô vendo que não dá muito certo.

(Falas inaudíveis)

Fragmentos 4ª IS – Alice

Alice: Oi. Vamos!

(Falas inaudíveis)

Pesquisadora mestranda: Ai, eu queria fazer esse comentário. A Rita falou: “Ah, você não tem vontade de abrir, né, a câmera”. Só um comentário breve, antes de começar a instrução assim, mas eu achei tão legal, por que quando cada um de nós aqui tá falando, a gente vai mexendo a cabeça, mostrando claramente que a gente vai procurando os olhares na tela. E, assim, e como os nossos alunos não abrem as câmeras pra falar conosco, né? Então nesse momento a gente vê, assim, como seria diferente, quem sabe, a aula com as câmeras abertas, né? Por que os alunos, quem sabe, teriam a mesma percepção que eu tô tendo, que “o professor está me procurando pra falar comigo”. E é tão legal.

(Falas inaudíveis)

Pesquisadora mestranda: Eu vou só colocar o fone aqui, pois a gente vai dividir o fone. Como não tem dois lugares pra fone aqui, né?

Pesquisadora 1: Daí ela ouve melhor também.

(Falas inaudíveis)

Alice: Sim. Eu trabalho com os primeiros anos, né? Dois primeiros anos, um terceiro ano e dois quartos anos.

(Falas inaudíveis)

Alice: Isso. Amanhã, na verdade, eu, amanhã é quinta. Eu vou ter aula com os dois quartos... Amanhã é sexta, desculpe. Ixe. Essa quarentena deixa a gente... (risos) Então amanhã, na verdade, é o dia que eu não tenho aula. (risos) Eu só tenho janela, na verdade. Amanhã eu só tenho duas janelas e depois vou ter é, que é auxiliar duas professoras na, no final do, no final da manhã. Com regência, né?

(Falas inaudíveis)

Alice: É. Na segunda-feira eu tenho os 2 primeiros anos.

(Falas inaudíveis)

Alice: Bom, você diz na quarentena ou dentro da sala de aula mesmo?

(Falas inaudíveis)

Alice: Tá. Então você vai levantar às oito horas, né? Oito horas você já tem que tá lá.

(Falas inaudíveis)

Alice: É, levanta às sete! Sete horas! Sete horas, né?

(Falas inaudíveis)

Alice: Sete horas você levantando dá tempo de você tomar um cafezinho, ir ao banheiro, né, fazer um xixi tranquilo. Daí você abre o computador e daí você vai assistir umas duas lives.

(Falas inaudíveis)

Alice: Aula em vídeo, né?

(Falas inaudíveis)

Alice: Sim. Segunda-feira de manhã você tem duas aulas de artes, né? Você pode assistir uma aula. Geralmente eu assisto uma, né, uma aula de artes do primeiro ano, no caso, que é as pedagogas que estão dando essas aulas em vídeo. Então nós temos que assistir juntas, né? Anotar em planilha....

(Falas inaudíveis)

Alice: Vai assistir uma. Uma. Tá. É. Não é. É bem parecido. (risos)

(Falas inaudíveis)

Alice: Mas sabe que ela tem passado umas aulas bem criativas. Eu estou gostando, sabe? Então assim ó, você vai assistir...

(Falas inaudíveis)

Alice: São as pedagogas de várias escolas. Sabe? Várias escolas! E pedagogos também, sabe? E daí assim, você assiste essa aula e você vai marcar, vai assistir e vai fazendo as suas anotações, né? De toda a aula.

(Falas inaudíveis)

Alice: Vai anotar como foi a aula, vai anotar as atividades que a pedagoga lá, que é professora no caso, né, tá executando. Você vai anotar todas. Daí cê vai fazer anotações positivas ou negativas, né, sobre a aula.

(Falas inaudíveis)

Alice: Se você gostou, se você não gostou, se foi adequado pra aquela idade, se a proposta foi boa, né?

Pesquisadora mestranda: Sugestões de melhora.

Alice: Sugestões de melhora. Isso mesmo.

(Falas inaudíveis)

Alice: Ah, por que... de repente, tá fora de... é, não tá adequado para aquela faixa etária, sabe? Ou, as vezes, o professora lá, o pedagogo quando é homem, geralmente, as aulas são mais... parece, assim, mais técnica, sabe? Tem um professor lá que é bem assim, dá aula pro quinto ano, né? Quinto, quarto ano. Daí, as vezes, eu assisto do quinto também, pra preencher a planilha, senão não dá. Como eu tenho só essas aulas não fecha a semana. E pra fechar a semana, eu tenho que assistir as vezes algumas aulas de outra turma, de outra matéria, sabe? Por que eu só dou aula de artes lá de manhã, mas eu tenho que assistir aula de ciências, eu pego ensino religioso, assisto também pra ver como é que estão, educação física, sabe?

(Falas inaudíveis)

Alice: Só de artes. Daí eu assisto as outras daí pra preencher a planilha.

(Falas inaudíveis)

Alice: Aham. Tem que descrever ela inteirinha.

(Falas inaudíveis)

Alice: Inteirinha. E depois colocar as suas, as suas observações, sabe? Daí a planilha já tá toda separada lá, sabe? Desde a série, a aula, o número da aula. Oi?

(Falas inaudíveis)

Alice: Tem assim: a série, a data, a série que você vai assistir. Digamos segundo e terceiro ano. Daí depois a aula, aula 12, né, digamos. E daí depois tem o conteúdo

que foi executado, né, que foi abordado. E daí coloca o que você vai, você pode aproveitar em sala de aula, né? Sugestões em sala de aula que você pode aproveitar, você pode escrever ali. E daí vai colocar as atividades que foram aplicadas, e depois cê vai falar, vai colocar suas observações e o horário da aula em vídeo, qual o tempo que foi. E você tem que, é o tempo, digamos que dá 45 minutos lá dessa aula que você assistiu, né, você vai ter que registrar isso. Daí depois, nesse dia, você tem que fechar 4 horas.

(Falas inaudíveis)

Alice: Tá. Aham.

(Falas inaudíveis)

Alice: Não. Você que vai dar sugestões sobre a aula dele. Se você gostou, se você não gostou, como que você faria, sabe? Na sua, na sua aula como que você faria? Você adaptaria alguma coisa ou você achou que aquilo ficou muito bom ou não, entendeu? Ce dá o teu parecer, né?

(Falas inaudíveis)

Alice: É, as observações de toda a aula, né?

(Falas inaudíveis)

Alice: Daí depois cê marca lá o horário da aula, digamos que foi 45 minutos, daí você tem que preencher 4 horas naquele dia.

(Falas inaudíveis)

Alice: Não, não. Quatro horas, tem que fechar quatro horas. Você pode ler um livro. Você pode ler um livro, digamos, “hoje estudei sobre a história da arte”, né, um exemplo. Você vai ler um livro lá, então, “ah, eu li uma hora esse livro”. Então daí você coloca lá mais uma hora de leitura, né?

(Falas inaudíveis)

Alice: É diária, aham.

(Falas inaudíveis)

Alice: Uma videoaula, é. Assistiu a videoaula, 45 minutos. Daí você vai pra um livro lá, escolhe algum tema, né, relacionado à aula que você dá, né, digamos, você pode, você vai ler esse livro “História da arte”, digamos, né, sobre educação. Você vai escolher um livro sobre educação.

(Falas inaudíveis)

Alice: O livro que você tem em casa ou você acha na internet também. Pode ser. Ou você vai assistir uma live também.

(Falas inaudíveis)

Alice: Não, você já escolheu já. Já fez todas... Você já vai preparado. Então, assim, você pode...

(Falas inaudíveis)

Alice: Ah, Içami Tiba também que eu gosto bastante, ne, um autor que eu gosto, ne, sobre limites. Tem vários, né? Tem Daniel Goleman também, que é um autor ótimo também, que fala sobre inteligências múltiplas.

Pesquisadora mestrand: Inteligência emocional.

Alice: Inteligência emocional. (risos) Isso mesmo. Sabe?

(Falas inaudíveis)

Alice: Não, ainda não. Não escolhi ainda.

(Falas inaudíveis)

Alice: É. Mas eu já entrei lá e, tá, eu já entrei lá na Veredas, que é um site próprio da prefeitura. No Veredas tem um site que é somente para os professores, né? Cê entra lá e vê quais são as lives que tem relacionadas ao teu conteúdo, que você queira assistir, entendeu? Então são várias. Daí você faz a inscrição e depois você tem o certificado ainda.

(Falas inaudíveis)

Alice: É. Na hora, na hora. Aham. (risos)

(Falas inaudíveis)

Alice: É você vai escolher um livro. Na verdade você vai ler o livro pra fechar o teu horário também, entendeu? É o livro que você goste. É, pra completar tua planilha lá. Senão fica difícil completar quatro horas, né? Senão você vai ficar assistindo aula a manhã inteira. Por que é 45 minutos, 45 minutos, mais 45 minutos, então não dá. Daí você pega um livro, vai ler um livro. Ou você escolhe uma live e vai assistir a live, sabe? Você pode até assistir um filme também, que você queira. Como eu assisti "O Muro da Escola". Sabe aquele filme que fala sobre educação? "Entre os muros da escola". E tem também alguns documentários que fala sobre educação também bem interessantes e você pode escolher também.

(Falas inaudíveis)

Alice: É, as lives sim, Os filmes, o filme eu conversei com a minha pedagoga, ne, são 3 pedagogas, e daí elas me orientaram. Eu falei “oh, eu assisti esse filme”. Ela disse: “não, pode anotar, Alice. Tudo que vem pra acrescentar, né? É bem...”

(Falas inaudíveis)

Alice: Ela te envia também, ela te envia pelo whats, sabe? Você tem o whats direto com elas. Então ela...

(Falas inaudíveis)

Alice: Bom, você pode usar, é, os livros, a live, você pode usar o estudo no currículo, né? No currículo da escola.

(Falas inaudíveis)

Alice: Seria estudar as, as, a área, né, que você trabalha. Como você vai desenvolver é, no, e pegar as áreas e que você vai ter que planejar também as tarefas de casa pras crianças.

(Falas inaudíveis)

Alice: É quinzenal. É quinzenal, né? Daí você vai ter que planejar, então você vai fazer o que? Uma pesquisa na internet, né, procurando lá os conteúdos no currículo. Então, você vai ter que dar uma estudada no currículo pra poder achar, né, algumas atividades dentro da, pra aplicar com as crianças. Mas só que essas aulas essa, essa, aí, essa..

Pesquisadora mestranda: Atividade?

Alice: Essas atividades, você vai ter que estar, assim, segundo as aulas que foram dadas nas live, entendeu?

(Falas inaudíveis)

Alice: É, você vai ter que assistir pra poder, na verdade, pra dar uma continuidade, né, o, é, a continuidade daquela live. Foi... digamos que na live lá foi falada lá sobre som e silêncio, é, instrumentos musicais, orquestra, alguma coisa assim. Daí você vai ter que, seguindo essa linha, você vai ter que, é, é, planejar atividades para as crianças levarem. Daí em quinze em quinze.

(Falas inaudíveis)

Alice: É. Sim. Daí você vai pegar o nome dos artistas lá, tal. Daí você vai aprofundar um pouco mais e fazer atividade relacionada à tudo que foi passado lá na live, né? Na live.

(Falas inaudíveis)

Alice: Não, na verdade não tem. Só quando você manda um videozinho, que tava com saudades, como eu fiz com a Fernanda aqui, né? E daí eles mandam assim, dão retorno no, no face da escola agradecendo e tal.

(Falas inaudíveis)

Alice: Não, eu não, né, mas a diretora. E daí a diretora manda pra nós, que nós não temos esse acesso do face. Quer dizer, eu tenho face, mas eu não posso, só ela que pode mexer.

(Falas inaudíveis)

Alice: Não, não tenho.

(Falas inaudíveis)

Alice: Não, graças a Deus. (risos) Senão era terrorista.

(Falas inaudíveis)

Alice: Não, não, não. É só, são só as pedagogas e os pedagogos que fazem e depois nós só fazemos o, essas atividades de quinze em quinze dias, né? E...

(Falas inaudíveis)

Alice: É. Eu mando tudo por *e-mail* para as pedagogas, né? E daí elas imprimem lá e eles vão buscar lá. E geralmente é no mesmo dia da cesta básica. Eles ganham uma cesta básica e frutas e verduras e tal. E essa entrega, geralmente, a gente vai pra ajudar, sabe? Ela pede, assim, não que seja obrigada. Mas eu já fui, quero ir de volta. E assim a gente tem chance até de revê-los, né? Por que eu gosto. Eles assim...

(Falas inaudíveis)

Alice: Três meses.

(Falas inaudíveis)

Alice: Não.

(Falas inaudíveis)

Alice: Eu também, bastante. Não e depois agora, daí vieram as atividades, tá, as atividades prontas que eu que planejei e tal, né. Foi e vieram. Daí eu fui lá, entreguei as cestas básicas e eles trouxeram essa atividade pronta. Daí eu tenho que corrigir todas essas atividades e alguns nem colocaram nome nas atividades. E outros, assim, também, preencheram só pela metade. Daí a pedagoga agora mandou pra nós a lista de todos os alunos, esses que entraram, que saíram de escola particular e vieram pra prefeitura, né, ai, e daí tem esse alunos também. Eu vou ter que avaliar

que já veio. E eu nem conheço. E eu vou ter que lançar: atingiu, atingiu parcialmente ou não atingiu. Né? E como (risos)?

Pesquisadora mestranda: Ela tá vendo a Helena aqui. (Risos)

Alice: É. (Risos) E como que eu vou lançar nota se, ó, eu tive pouco contato com esses alunos, né? Quando você está em sala de aula é diferente. Meu Deus do céu, (Risos) é loucura!

(Falas inaudíveis)

Alice: Sim. Aham. É, em cima disso.

(Falas inaudíveis)

Alice: Sim. Nossa. São corrigidos, ó, eles tem, as três pedagogas lá da escola corrigem, passa pela direção e depois passa pelo núcleo da educação.

(Falas inaudíveis)

Alice: Todo mundo olha! E todo mundo bota o bedelho! (Risos)

(Falas inaudíveis)

Alice: Aham. Não, se você seguir a linha dele, assim, você pode até, não pode fugir do tema, entendeu? Por que eu faço, eu as vezes viajo assim um pouco, sabe? (Risos) O meu jeitão, assim. Eu gosto assim, ah, eu gosto de fazer as coisas mais práticas. Essa coisa muito de papel, principalmente arte. A criança já está esperando aquilo ali, né? Então você vai... eu gosto de cantar com eles, fazer instrumento de sucata, é, sabe? Colocar a mão na massa. Então, assim, essa coisa de ficar muito presa no papel, não. Daí eu, tanto é que geralmente eles mandam as atividades em preto e branco, né? Daí eu falei: “não, as minhas tem que ser coloridas, por que eu vou trabalhar cores com o primeiro ano”. Né? Como eu vou trabalhar cor se não tem cor? (Risos) Preto e branco sem condição. Sem condições. Daí ela falou: “Não, (Falas inaudíveis)

Alice”. Ela me acha exigente. “Não, a Alice tem que ser”. E daí as crianças, assim, adoram, por que eu sou meio louquinha. Né? Meu jeitinho você já notou. (Risos)

(Falas inaudíveis)

Alice: É, os pais dos alunos mais, né? Ou mães.

(Falas inaudíveis)

Alice: Na verdade essa atividade tem que tá dentro e geralmente são postadas essas atividades todas no face. São postadas. Só que...

(Falas inaudíveis)

Alice: Não, você pode até fazer uma atividade extra, tanto que você tenha feito essa que foi pedida, né? Foi obrigada, quase daí. (Risos) Daí você pode... a diretora é bem acessível, assim. Mas só que ela não, as vezes ela não abre, assim, muito, por que se você for fazer uma coisa diferente, os pais cobram muito: “por que que aquela professora mandou e a do meu não?”. Entendeu? Eles ficam comparando. Abre antecedentes, né? Então não pode muito fugir do padrão por causa disso.

(Falas inaudíveis)

Alice: É. E as professoras, as vezes, também. Daí elas não gostam muito também. Então, já viu né? Ainda mais se você faz um diferencial, assim, você não pode, né. Só que...

(Falas inaudíveis)

Alice: Agora, na escola, eu faço isso direto. Sabe? Gravo a voz deles, danço, imitamos, fazemos coreografias e vamos brincar de karaokê, desinibir. É tudo que eu gosto, sabe? É que eu vim de um colégio particular. Então, na verdade, nesse colégio a gente trabalhava muito dessa forma. Tinha que pintar as unhas, cortar cabelo, essas coisas também, sabe? Quando entrou a outra gestora foi bem terrível. Tanto é que eu saí, daí. (Risos) Vou fofocar um pouquinho. (Risos) Daí, então, daí eu não guentei o, ah, tá louco.

(Falas inaudíveis)

Alice: Então, na prefeitura, assim, nossa, eu brinco o tempo todo com aquela criançada. Ensino brincando, sabe?

(Falas inaudíveis)

Alice: É. Por que fica muito mais divertido e eles aprendem, né, de uma maneira muito mais gostosa.

(Falas inaudíveis)

Alice: É, uma professora do primeiro ano, que é a regente lá, sabe, a Aline, ela fez um, tipo uma videoaula com eles, né, bem engraçadinha, assim, uma brincadeira, eles amaram. Daí ela tá pedindo até que as outras façam também. Entendeu? Por isso que eu digo, daí: se uma faz, todas tem que fazer. Mas eu acho que é justo, por que senão daí um recebe e o outro não, né? E é por aí. Daí eu, como de artes, né, as atividades ficam assim. É complicado.

(Falas inaudíveis)

Alice: Tá, vamo lá.

(Falas inaudíveis)

Alice: Sim. Uma live, né, pra fechar, digamos uma live de uma hora e meia, né?

(Falas inaudíveis)

Alice: Sim, você pode até assistir mais uma videoaula lá de linhas do conhecimento. Essas linhas do conhecimento são, exploram todos os pontos turísticos de Curitiba, entendeu? Eles vão falar sobre a praça do Japão. Daí você vai ter um estudo mais aprofundado sobre a praça, não sei o que, tal. Daí você vai fazer a planilha do mesmo jeito e anotar lá: mais 30 minutos. Entendeu? Ou...

(Falas inaudíveis)

Alice: Tudo. Aham. O nome da professora. Tudo. Se você gostou, se você não gostou. O que que você achou, se foi bem explorada, né?

(Falas inaudíveis)

Alice: Ah, você vai ter que observar bem a aula e ver se você gostou, se você não gostou e anotar, né, por que você vai ter que dar teu parecer ali. Não quero saber.

(Risos)

Pesquisadora mestranda: O que é o gostar e o não gostar?

(Falas inaudíveis)

Alice: Ah, mas tem muitas que não vão mesmo, sabe? Ai, tem as meninas do, da pré escola lá que elas: “ah, aquela chata, só fica falando de boneca o tempo todo!”. É que, na verdade, essa professora ela vai com um monte de boneca e ela fala com as bonecas: “Ai, a Mariazinha! Ai, não sei o que”. E daí elas ficam louca: “Aquele chata, todo dia fica com aquelas boneca”. Nossa, ficam loucas.

(Falas inaudíveis)

Alice: É, isso mesmo. E daí é bem chatinho mesmo, que eu até assisti uma aula pra ver se era isso mesmo. Por que um tempo, na verdade, eu tinha um RIT a tarde. Daí eu trabalhava com RIT.

(Falas inaudíveis)

Alice: É um contrato de trabalho. Só que não, como eu não sou concur... não tenho 2 padrões na prefeitura, eu dou aula só de manhã e de tarde eu faço esse RIT, que é um contrato de trabalho. Mas, como veio essa crise aí, essa pandemia, eu perdi o meu RIT, daí eu tô ganhando metade do salário. (Risos) Ai, que triste.

(Falas inaudíveis)

Alice: Só. Aham. Só eu e Deus. (Risos)

(Falas inaudíveis)

Alice: É, bom, você pode, pode colocar pesquisa na internet, né, para fazer as atividades de casa, né?

(Falas inaudíveis)

Alice: Ou também, como eu já recebi algumas atividades prontas deles, posso colocar correção das atividades, é, que foram recolhidas de casa, né? Posso colocar assim. E, isso mesmo.

(Falas inaudíveis)

Alice: As suas quatro horas do dia. Que daí no outro dia tudo de novo.

(Falas inaudíveis)

Alice: Não, você manda por *e-mail* para as pedagogas. Já tem um *e-mail* do, *e-mail* do colégio lá especialmente pra isso, sabe?

(Falas inaudíveis)

Alice: Não, você manda toda sexta-feira, você vai mandar. Toda sexta-feira. É, daí você tem que fechar 20 horas, né? As 20 horas, tal, fechou, mandou, né, isso aí.

(Falas inaudíveis)

Alice: Ai, me atrapalhei um pouco. Desculpe, sabe? Que eu não tenho muita, muito jeito.

(Risos)

Pesquisadora 1: Então vamos abrir para os comentários.

Alice: Tá. Não perguntem muito, tá meninas?

Helena: (Fala inaudível).

Alice: Sim, nós vamos ter toda essa, quando voltar as aulas, tomara que seja breve, né? Ela vai fazer uma reunião sobre todos esses levantamentos nossos e vai expor e daí a gente expõe também o que nós achamos tal, como nós faríamos diferente, sabe? E, inclusive, teve a expo-educação agora, foram várias lives sobre educação, tal. Nós ficamos 2 dias nessas... acho que você já sabem. (Risos) Daí 2 dias aí assistindo e tal, né, internacional, até pessoas de outros lugares aí, né, que vieram pra fazer. E daí no outro, é, daí acabou essa expo-educação no outro dia nós já fizemos uma, uma videochamada com todos da escola pra discutir tudo que nós assistimos, se foi positivo, se não foi, sabe? É bem trabalhado, assim. Elas exigem bastante. Mas professor, eu acho que as professoras, docentes mesmo, que estão sofrendo mais. Daí elas, nossa, trabalham o dobro. No meu caso, como eu sou só

de artes, né, e como eu perdi o RIT também, senão eu estaria quase louca agora. Por que, daí eu teria que assistir o dia inteiro quase live também. Por que daí eu tenho de educação infantil também que, nossa, é muito, é bastante puxado que daí é muita brincadeira, muita coisa, daí que tem que anotar, que fazer tudo né? Eu amo, né, é a minha prática, né? Minha prática é essa, sabe? E daí, mas eu fui dispensada, né? Mas logo, logo vou ser chamada de novo.

(Falas inaudíveis)

Alice: Depois, é. Agora eles recebem lá no núcleo de educação, né, a gente dá esse parecer, assim, né, se foi válido, se não foi. O que você achou, as observações e até pra corrigir esse pedagogos que estão dando as aulas, entendeu? É, pra melhorar. Por que daí que nem um vídeo lá que eu assisti, a fala ficou muito baixa, ela mostrava lá as imagens lá da, do trabalho do artista, né, da arte do artista lá e ficava muito pequena, mal visualizada e tal. Então tudo isso eu coloquei no papel. E com essa professora, daí eu assisti outros vídeos com ela, melhorou, assim, 100%, entendeu? Sinal que já deu retorno. Não só eu escrevi, várias, né, escreveram.

(Falas inaudíveis)

Alice: Claro. Com certeza. Agora, como te falei, lá com as pedagogas da escola, nós vamos ter essa, esse fechamento depois, né? Agora, com o núcleo, assim, as, as planilhas que já foram enviadas e o que eles puderam melhorar, assim, né, nossa, do que quando começou essas lives, era uma coisa, hoje em dia tá outra, entendeu? Melhorou, assim, muito. Por que? Por causa das nossas anotações também, né, nossas observações de melhoramentos. E é, eu acho que é importante, né? Agora, lá na escola, não tem muito, só, só nas videochamadas, assim, a gente comenta alguma coisa e tal, mas não dá pra fazer esse fechamento por que não dá pra ficar presencial, né, também. É complicado, né?

(Falas inaudíveis)

Alice: Eu já... É, a gente já viu várias mudanças, assim, sabe. De pontos positivos, assim, sabe, de coisas que não estavam dando certo e mudaram, né? Sabe? A tendência é melhorar, né?

(Falas inaudíveis)

Alice: É, tomara! Fala Celina.

Celina: (Fala inaudível).

Alice: Ah, eu amo. (Risos)

(Falas inaudíveis)

Alice: Sim, intermediando, né? Aham.

(Falas inaudíveis)

Alice: É, é terrível. Agora o que que a nossa pedagoga propõe lá? Que a gente assista, anote tudo e coloque isso no caderno pra, posteriormente, é, poder dar essa continuidade, sabe? Explorar tudo isso e é isso que eu pretendo fazer, por que tem muitas ideias boas. Nossa, dá pra você aprimorar e, assim, até adequar, né, pra faixa etária deles. É importantíssimo. E eu... é bem isso que eu vou fazer.

(Falas inaudíveis)

Alice: É triste.

(Falas inaudíveis)

Alice: Aham. Quando eles vão buscar lá a cesta básica, que eu presenciei isso, né, eles dizem: “Meu Deus, quando que vão voltar, a gente não aguenta mais”; “é, professora, ele morre de saudade de vocês”; “eu não consigo ser professora”. Sabe? Nossa, eles reclamam muito. E as crianças também. Me dá dó! Sabe? De ver, assim, o jeitinho, né? E que não é a mesma coisa, né? E a gente vê pelas atividades, né? Alguns até tentam, a gente vê, fizeram até colagem, coisas assim que eu sugeri, né, pra fazer nas atividades. Alguns até capricharam, não vou dizer assim que, né? Mas outros, assim, Meu Deus. Por que dentro da sala daí você exige também, né? Você quer que seja assim, tal, e exige, e participa com eles. E eu procuro sempre trabalhar muito em grupo, sabe? Fecho com o grupo e vamo fazer isso. E cada grupo fazendo um tipo de atividade pra concluir no final, sabe, todos juntos. Vocês sabem como é gostoso fazer esse tipo de coisa, né?

(Falas inaudíveis)

Alice: Isso aí. (Risos)

Pesquisadora mestranda: Eu tenho uma pergunta.

Alice: Fale. (Risos)

Pesquisadora mestranda: Na verdade, assim, você, você que escolhe quais as coisas que você quer fazer durante a semana, assim, tipo “ah, hoje eu posso assistir, é, 3 lives e pronto” ou então vem um determinado número de coisas, assim “ó, você precisa, durante essa semana, assistir tantas videoaulas, tantas lives e fazer tantas horas de leitura”?

Alice: Não, você escolhe. Você escolhe e...

Pesquisadora mestranda: Não é obrigatório nada?

Alice: Não. Agora é obrigatório você assistir todas as aulas de arte. Todas, entendeu? As aulas de arte tem que, tem que cumprir, tem que ter ali na tua planilha.

Pesquisadora mestranda: Mas você pode assistir todas num dia só?

Alice: Pode assistir todas num dia só se quiser, mas toda terça-feira tem aula de artes. Daí a aula de artes terça-feira tem de primeiro ano ao quinto ano. Todas na terça-feira. Daí o que que eu faço? Eu pego da terça-feira... na segunda-feira eu assisto outra aula. Daí na terça-feira eu assisto aí eu jogo uma pra segunda, outra pra terça, outra pra quarta, jogo na minha planilha, entende? Daí eu pego e preencho. No começo, quando eu comecei a anotar e fazer as planilhas, eu assistia quase todas as aulas, daí aquilo tava, nossa, daí eu conversei com a minha pedagoga e ela falou: “Não, Alice, não faça assim, não”. Daí ela me orientou, entendeu? Daí e eu falei: “Ah, não, então beleza, então”. Agora eu aprendi. Eu jogo uma a cada dia e assisto. Daí eu preencho com live, preencho com leitura, preencho. Ficou bem mais sossegado.

Alice: É, por que daí tem todas essas lives no *YouTube*, né? E tá tudo gravado lá. Você joga lá, é, “aulas Curitiba”, “de artes”. Que todas do primeiro ano tem todas lá, todos os dias. Então você vai lá e assiste qual você quer, né?

(Falas inaudíveis)

Alice: Não, graças a Deus. (Risos)

(Falas inaudíveis)

Alice: Não. É bem mais tranquilo, nossa.

(Falas inaudíveis)

Alice: Não. E eu vejo assim, as amigas, eu tenho amigas, né, pedagogas, que fazem doze anos já de prefeitura, sabe? As minhas amigas que trabalharam comigo, pedagogas, daí a gente só vê no vídeo lá, sabe? É engraçado. “Ó lá, aquela lá trabalhou comigo!”. Várias, sabe, eu só vejo lá no vídeo. Daí você fica analisando até: “vamos ver se se sai bem nessa”. E você ainda que dá nota. (Risos) Assim é bom, né? Queria ver se eu tivesse lá!

(Falas inaudíveis)

Alice: É, colocar no fogo é fácil! (Risos)

Pesquisadora mestranda: Eu queria, eu queria mostrar uma coisa.

Alice: Não, não. (risos)

Pesquisadora mestranda: Queria mostrar uma coisa. Ela preparou o que ela ia falar hoje, ó.

Alice: E não falei nada do que eu... não, falei tudo, mas o que não era pra falar. (Risos) Não, esse aí já era da aula passada. Olha aqui, ó.

Pesquisadora mestranda: Ó. Quatro folhas.

Alice: Cinco, quase!

(Risos)

Alice: A gente não consegue falar exatamente. Embola, as vezes, né?

(Falas inaudíveis)

Alice: Fala amore.

Dagmar: (inaudível) Queria ser sua aluna! (inaudível).

(Falas inaudíveis)

Alice: Não vê. Triste!

Dagmar: (Fala inaudível).

Alice: (comentários positivos)

(Falas inaudíveis)

Alice: É, ó, eu fiz aquele videozinho com a Fernanda, né, ficou bem bonitinho, assim, eu tava bastante preocupada, que nunca tinha feito, né, aquele jeitão. Mas eu fui bem eu mesma, assim, esse jeitão que vocês já me conhecem, né? Daí...

Pesquisadora mestranda: Também fez roteiro. Não seguiu. (Risos)

(Risos)

Alice: Tudo eu faço roteiro e não sigo. A aula também, meu planejamento as vezes fica meio oculto, sabe? (Risos) A pedagoga diz: "Alice, você conseguiu seguir?". Eu digo "huuuuum". (Risos) Ela falou: "Já sei". Mas, ah, eu falei: "mas acredite se quiser, ficou bem melhor do que eu planejei". E ela entra na minha sala e ela dá muita risada, sabe, na minha aula, né? Um dia ela entrou, daí tava eu sentada lá atrás, e o menininho autista, né, por que, essa inclusão, né? Eu tinha pedido pra ele trazer... que daí na minha aula ele só fala de dinossauro, dinossauro, dinossauro, o Mateus. E daí eu falei: "Meu Deus". Tudo que eu pedia pra desenhar ele só desenhava dinossauro. Montar com argila, ele só montava dinossauro. E perfeitamente, sabe? Daí eu falei "ah, Mateus, você é tão inteligente. Não podia dar uma aula pra nós de dinossauro?". "Ai, profe, pode mesmo?" Eu falei: "pode, traga

teus dinossauro de casa, né?”. Daí ele trouxe, mas precisa de ver, ele veio com um, nossa, montou um teatro, assim. A floresta, fez tudo com papel, tudo com, sabe. O pai trouxe também, eles entraram a família inteira pra trazer, montaram tudo na sala e eu sentei lá atrás e fiquei como, né, aluno. E ele dando aula lá na frente. Daí a pedagoga entrou e falou: “Alice? Cadê a professora?”. Eu falei: “tô aqui!”. (Risos) Daí ela falou assim: “ai, que coisa mais linda, Alice, deixa eu filmar, deixa eu filmar”. E eu fiz assim ó, entendeu? (Fazendo positivo com o polegar) E daí chamou a pedagoga do núcleo e não sei o que. Eu falei: “ai, Meu Deus do céu!”. Deu uma, olha, não sabia que ia dar tanta euforia, né? E daí, assim, outra vez também ela entrou e a criança queria ensinar outro lá a fazer uma dobradura que ele aprendeu, não sei o que, não sei o que. Aí eu falei “então tá, então amanhã você apresenta a tua dobradura para os amigos”. Sentei lá atrás de volta e ela e ela ensinando lá na frente e tal e tudo passo a passo. Precisa ver que graça. Então, você organiza. E dessa forma também teu trabalho fica suave. Fica tranquilo e você joga um pouco a responsabilidade pra eles, né, e eles desinibem, eles participam, se sentem importante. E toda atividade que você vai fazer assim, você, eu coloco os caderninhos deles todos no quadro, naquele quadro grande, assim, coloco tudo em exposição, né, e daí um vê o do outro e um quer fazer melhor que o outro. Quer dizer, é uma maneira de você estimular, né? Estimular e fazer com que um possa observar outro, expor o trabalho dele, expor na parede.

(Falas inaudíveis)

Alice: Só o face da escola. É que, na verdade, assim, a diretora não quis fazer esse grupo por que tem mães lá que são muito bacanas, uma clientela boa, assim, sabe, a escola que eu trabalho fica perto do parque, ali, sabe? Uma escola antiga, já. Então é uma escola de primeiro ao quinto ano somente, né.

(Falas inaudíveis)

Alice: Então, assim, é, mas uma clientela bem boa, mas existem mães e mães, né? Umas que são, assim, nossa, daí elas vão te encher, assim. Então a diretora falou assim: “não, melhor vocês não”. Sabe? Por que assim como tem umas que...

(Falas inaudíveis)

Alice: Perde, perde.

(Falas inaudíveis)

Alice: Bem difícil. Mas é como eu falei, essa ideia dela eu gostei e até vou expor lá, sabe, de repente a gente faz umas...

(Falas inaudíveis)

Alice: É. E agora com essas eleições aí, a pedagoga, a diretora vai ter que, ter que tirar o face, sabe? Por causa das eleições, que não pode ter.

(Falas inaudíveis)

Alice: Não. Daí ela vai ter que excluir, sabe? E...

(Falas inaudíveis)

Alice: E agora eles vão ter que montar um whats mesmo, né? E daí, de repente, dá pra fazer o que você sugeriu. Achei bem interessante.

Dagmar: (Fala inaudível).

Pesquisadora mestranda: E será que essa atividade não poderia tar na planilha também?

Alice: É verdade. Eu até ia comentar com a minha pedagoga, lá, né, se esse trabalho que nós estamos fazendo, que eu comentei com ela e ela falou: “ah, que legal, Alice”. Falei: “pois é, é professora da Fernanda, tal, tão lá fazendo um trabalho bem importante” (Risos) “não tem como colocar também na planilha?”. (Risos) Né? Eu já quero incluir. Claro, é trabalho! Né? Daí ela falou: “ah, Alice, deixa eu dar uma pesquisada pra ver se pode. Por enquanto não coloque nada ainda”. Falei: “é, tá certo”. Mas, ah, mas ainda tá bem light até. Por que no começo que eu sofri mais, sabe? Uma que eu não tinha tanta experiência assim, com planilha, essas coisas, e fazer no computador, sabe? Como eu já falei, minha área era outra, né? Então, eu tinha dificuldade mesmo.

(Falas inaudíveis)

Alice: Mas, olha, aprendi, viu? E foi bom. Aprendi mesmo, olha. Tô esperta agora. (Risos)

(Encerramento e negociação do horário para o próximo encontro)

APÊNDICE V - 5ª IS - Sônia e Retorno Alice

5ª IS – Sônia

(Conversa descontraída)

Pesquisadora mestranda: Então Sônia, se segunda-feira eu fosse te substituir no teu trabalho, sem ninguém perceber, seria sua sócia no trabalho, o que eu deveria fazer pra que ninguém perceba essa substituição?

Sônia: Olha, isso seria muito interessante. Então eu vou contar desde o começo, primeiro porque a minha aula de segunda feira já começa no domingo mentalmente falando, não na ação, eu já fico pensando o que eu vou fazer no domingo na verdade, mas isso quando eu não tenho alguma coisa planejada, ou quando eu tenho alguma coisa planejada e eu fico pensando no que eu posso aprimorar pra segunda feira, então a minha cabeça já tá de certo modo cheia no domingo, às vezes eu vou na igreja no domingo e já tô pensando no que eu vou fazer.

Pesquisadora mestranda: E o que eu vou pensar nesse domingo?

Sônia: No domingo eu penso o que eu vou fazer com eles, nessa segunda eu já sei o que eu vou fazer com eles, quer dizer, eu prevejo...

Pesquisadora mestranda: Você tá prevendo ou eu? (risos)

Sônia: Ela tá prevendo que eles vão entrar na plataforma e vão querer mostrar os textos que eles produziram sobre os personagens, então você não vai chegar com o tema, eles vão vim com o tema, então de certa forma você não vai ficar tão preocupada como se fosse uma aula que você fosse chegar com o tema, porque você já trabalhou com eles em outras aulas, a gente tá pegando pela metade, mas eles já estão produzindo, produzindo, fazendo reuniões individuais, coisa mais fofa! Eles já estão fazendo, então na segunda feira, eles vão chegar com essas produções prontas e eles vão querer compartilhar, então não adianta, você vai ter que deixar um espaço da aula pra eles compartilhar os textos deles, e agora eles tão nesse onda de compartilhamento de tela, então você está num certo momento do meu, do seu trabalho, desculpa, que eles estão querendo dominar a plataforma, então já estão tendo uma certa autonomia, já estão bem craques, bem crânio. Eles produziram tudo coisa mais linda, você ficou até dez horas da noite escutando, opiniões deles, criando historinhas... isso na quarta, entende?

Pesquisadora mestrand: Espera ai... então na quarta, ontem, eu escutei os áudios deles sobre o assunto que eles vão apresentar na segunda?

Sônia: Ao vivo, é uma reunião no *Meet* que eles fazem, que você ajuda eles criando o link e eles ficam ali conversando, criando os personagens, mais de duas horas até (inaudível).

Pesquisadora mestrand: E como essa reunião de quarta se relaciona com a aula que eu vou dar na segunda feira?

Sônia: É que eu tô explicando essa questão das reuniões porque isso tá ligado as histórias, essa é a construção.

Pesquisadora mestrand: Ontem e hoje eu me loguei com eles e esses encontros fazem parte da construção das histórias que eles vão apresentar pra mim na segunda feira?

Sônia: Isso, eles já estão apresentando, tem um aluno por exemplo que já fez seis capítulos, então eles estão apresentando na plataforma, então cada vez que eles vão modificando essa história eles apresentam, então na segunda eles vão apresentar com um elemento novo. Entendeu?

Pesquisadora mestrand: Então é uma construção contínua dessa história e eles vão me apresentar na segunda feira uma parte dessa história.

Sônia: Isso, sim. Porque toda vez que eles entram na plataforma agora tá na moda de compartilhar a tela e mostrar pros amigos.

Pesquisadora mestrand: E qual o tema da história que eles vão apresentar pra mim? De qual matéria a história que eles vão apresentar pra mim?

Sônia: Eu deixei o tema meio livre não estreitei muito, mas como a gente tem uma temática no livro com a alimentação, educação da alimentação como tema geral, então eu, eu não, você pediu a eles que fizessem uma história com tema geral do que a gente fala no zoom, e o que mais a gente fala no zoom é sobre o soldado do pão, como você trabalhou o soldado do pão com eles, eles tem completa noção do que é o soldado do pão e é famoso o soldado do pão e tem alguns alunos que vão seguir a linha do soldado do pão e tem outros que não, eu deixei livre, dei asas pra eles criarem.

Pesquisadora mestrand: E quais são as instruções que você passou que eu vou passar para os meus alunos na segunda-feira pra eles continuarem criando pra mim?

Sônia: Eles tão criando essas histórias no google docs né, eu fiz um google docs, pra cada dupla.

Pesquisadora mestrand: A quanto tempo eles estão criando essas histórias?

Sônia: A gente começou... já tinha começado antes, só que no google docs mesmo foi essa semana.

Pesquisadora mestrand: Então eu vou chegar na segunda feira, e que horas eu vou me logar?

Sônia: Posso contar como vai ser o meu dia na segunda feira? O seu dia (risos) eu vou contar desde o começo, eu tô dormindo... você tá dormindo...

Pesquisadora 1: Sônia, ela não quer saber e a gente também não quer saber do seu dia, ela quer saber do seu trabalho da aula que você vai dar.

Pesquisadora mestrand: Eu vou me logar na segunda feira a partir de que horas?

Sônia: Então, eu acordo oito horas da manhã e dou bom dia no grupo dos alunos, dou bom dia, vou lá no *YouTube* pego as vídeo aulas e coloco no grupo dos alunos.

Pesquisador 1: Eu vou interromper de novo, vamos tentar... vamos fazer o esforço de se colocar no lugar do outro. Tem muito eu, eu, eu. Realmente você tem que se posicionar. Logicamente, esse é um lugar difícil, mas esse é fundamental esse esforço mental de se colocar: você vai me substituir. Você foca na pessoa que você vai ter que orientar pra que ela possa fazer o seu trabalho. Ai sim, ela fazer o teu trabalho.

Pesquisadora mestrand: Como que o meu dia de trabalho começa Sônia?

Sônia: Oito horas da manhã você dá 'bom dia' no grupo da sala.

Pesquisadora mestrand: Mas eu tenho que dar, tenho que estar lá obrigatoriamente oito horas no WhatsApp?

Sônia: Tem, tem que ser oito horas da manhã no WhatsApp.

Pesquisadora mestrand: E quem definiu esse horário pra mim, eu mesma?

Sônia: A coordenação, todas as professoras fazem esses horário que é das oito às dez. Porque eles tem as videoaulas na televisão, então você tem que dar 'bom dia' e disponibilizar as três aulas, ou duas aulas ali no grupo do WhatsApp pra eles assistirem, você tem que dar bom dia, ir lá no *YouTube* e postar lá no Whats.

Pesquisadora mestrand: E onde que eu acho essas aulas, pra eu poder disponibilizar pra eles no WhatsApp?

Sônia: Você vai no *YouTube*, digita, canal tv escola Curitiba, quinto ano a data de hoje e procura e coloca no WhatsApp no grupo.

Pesquisadora mestranda: Eu escolho a data de hoje ou já vem as aulas certas que é pra eu disponibilizar pra eles na segunda feira?

Sônia: Já vem as aulas prontas tem uma pasta que tem que ser seguida.

Pesquisadora mestranda: E quais serão as aulas que eu vou disponibilizar pra eles na segunda feira?

Sônia: É português, matemática e educação física.

Pesquisadora mestranda: Então eu vou disponibilizar... vou entrar no WhatsApp, as oito horas, vou dar bom dia, vou no *YouTube* procuro as aulas do dia e posto no WhatsApp? E depois o que eu faço?

Sônia: Isso. Daí depois você atende algum pai, ou algum aluno, se tiver alguém que tiver alguma dúvida e te solicitar. Mas você deixa eles assistirem e assiste também a aula. Na verdade, você também tem que assistir a aula.

Pesquisadora mestranda: Tá. E eu tenho que assistir a aula pra fazer o que depois?

Sônia: Pra fazer o plano de trabalho docente depois. Vamos supor que você não possa assistir naquele dia... você tem que assistir naquele dia, mesmo que seja na parte da tarde pra você poder fazer esse plano docente em cima desse outro trabalho, desse outro professor da teleaula da televisão.

Pesquisadora mestranda: Então eu posso deixar de assistir de manhã e posso escolher a tarde pra eu assistir esses vídeos?

Sônia: Pode, eu já fiz isso várias vezes. Desculpa, você já fez isso várias vezes, porque você não dá conta de assistir a aula no período da manhã. Porque tem os pais pra atender, tem os alunos, tem outras coisas pra fazer. Tem a sua preparação pra plataforma, as dez e meia, porque logo depois que eles terminam a aula ali da televisão, você dá um período de café, de banheiro e dez e meia você começa na plataforma online, na zoom. Você entra na plataforma com eles. Então você já tem que tá preparada antes né? Então, às vezes, é muito corrido. Se você não consegue assistir, daí você deixa pra de tarde. Daí você assiste e faz o PTD.

Pesquisadora mestranda: Tá. E o que deixa a minha manhã corrida pra não dar tempo pra eu poder assistir o vídeo na segunda feira de manhã?

Sônia: Geralmente as coisas de casa, os meus afazeres, os seus afazeres. Os teus afazeres em casa e, na maior parte das vezes, é a preparação pra plataforma.

Pesquisadora mestrandia: E segunda feira eu vou preparar o que pra eles pra plataforma?

Sônia: Como na segunda feira. Você vai só receber o que eles vão trazer pronto. Você vai abrir a plataforma e vai receber. Eles vão querer mostrar o que eles tem de “produto”, os textos deles. Como eu expliquei, que é texto que eles vão trazer, então você vai ficar um pouco mais relaxada porque você não vai trazer muita coisa tua, eles vão trazer os textos deles e em cima do que você receber deles você vai desenvolver.

Pesquisadora mestrandia: Então, tecnicamente, segunda-feira vai dar pra eu assistir os vídeos de manhã?

Sônia: Isso, tecnicamente. Você vai assistir às aulas.

Pesquisadora mestrandia: Como eu não preciso preparar muita coisa pras dez e meia porque são eles que vão trazer?

Sônia: Você tá mais tranquila.

Pesquisadora mestrandia: Tô tranquila mesmo?

Sônia: Tá, tá um pouco mais tranquila, porque na verdade você tem o seu planejamento. Mas como eles vão trazer o produto pra te mostrar, então você vai trabalhar em cima desse produto, entende, na aula.

Pesquisadora mestrandia: E eles vão me mostrar a continuidade desses trabalhos sobre a alimentação?

Sônia: Os personagens da alimentação, isso. Os personagens que eles criaram.

Pesquisadora mestrandia: E eu vou tá em que plataforma?

Sônia: Tá. Dez horas acaba a aula da televisão né, dez horas você abre o teu zoom, ou umas nove e pouco você abre, agenda uma reunião.

Pesquisadora mestrandia: A aula é na televisão ou no WhatsApp?

Sônia: Na televisão a cabo, dez horas.

Pesquisadora mestrandia: E o link do *YouTube*?

Sônia: O link do *YouTube* é no WhatsApp. É que alguns alunos que têm acesso a televisão e tem alunos que não tem acesso ao canal rede massa TV aberta. Então você tem que disponibilizar o link no WhatsApp, porque tem aluno que só tem o acesso no *YouTube*. Por isso que você precisa disponibilizar no WhatsApp, entendeu? O WhatsApp é a ponte de tudo, da comunicação.

Pesquisadora mestranda: E eu fui comunicada pela escola que esses alunos não têm acesso a televisão ou os alunos mesmo me disseram que não tem acesso a esse canal?

Sônia: Foram os alunos mesmo. Eles entraram em contato, falaram que não tinham acesso a televisão. Mas a escola, também por outros professores, tiveram problemas, comunicaram os professores, você também ficou sabendo que tava tendo o mesmo problema por isso que ficou essa obrigação de colocar no grupo do WhatsApp, dar bom dia e colocar os link do *YouTube*.

Pesquisadora mestranda: Depois que a escola ficou sabendo é que eu tenho que entrar no WhatsApp e disponibilizar o link?

Sônia: Isso, porque não é todo mundo que tem acesso ao canal aberto.

Pesquisadora mestranda: Antes eu já fazia isso de disponibilizar o link do *YouTube*?

Sônia: Não. No comecinho da pandemia não precisava, depois que a gente, que você começou a ver a dificuldade das crianças.

Pesquisadora mestranda: Então foi uma iniciativa minha?

Sônia: Não foi uma iniciativa sua. As professoras começaram a ver as dificuldades que estavam acontecendo e todo mundo começou a disponibilizar. Foi uma decisão do grupo. Isso virou uma prescrição. Você tem que por lá no WhatsApp pras crianças se logar.

Pesquisadora mestranda: Tá, então as dez e meia da manhã eu vou me logar em que plataforma?

Sônia: Você vai a partir das dez que acaba a reunião deles, você no zoom pra dez e meia. Você faz o agendamento.

Pesquisadora mestranda: A escola que disponibilizou essa plataforma zoom pra mim?

Sônia: Não, essa plataforma é sua, você baixou no seu computador e você utiliza os quarenta minutos que é liberado da plataforma zoom, isso é iniciativa sua, isso não tem nada a ver com a escola, é iniciativa sua entendeu?

Pesquisadora mestranda: Então as dez e meia eu poderia liberar os alunos e não fazer isso, não fazer esses encontros já que não é uma ideia da escola? Uma determinação da escola?

Sônia: Você poderia não liberar os alunos, você ficaria a disposição igual os outros professores ficam. Depois que termina as dez horas as aulas da televisão eles ficam

ali a disposição pra tirar as dúvidas dos alunos e dos pais e pra fazer a chamadinha que na verdade eu não faço, você não faz chamadinha, porque você acha que no teu caso não tá funcionando a chamadinha, no máximo as dez horas você coloca ali no grupo, “coloquem seus jainhas para ver a participação”, você explica no grupo que é bem importante você ver a participação no grupo, mas não coloca igual outras professores... quero ver a chamadinha... não, você não estabelece, você só fala que quer ver a participação que isso é importante, coloca ali uma mensagem explicando que isso é importante porque a gente só tem esse canal de comunicação e tal, mas não estabelece a chamada. Você não faz isso.

Pesquisadora mestranda: E como que eu faço esse controle da presença se eu não posso fazer a chamada lá na segunda feira?

Sônia: Então, com alguns alunos que não se manifestam no grupo eles se manifestam individualmente comigo, desculpa, com você, no pv, então eles pedem ajuda no teu WhatsApp eles aparecem, então você tem noção de quem tá realmente participando e de quem não tá e também você tem noção daquela pessoa que sumiu, como você tem um que sumiu também, então assim, esses casos sumidos você comunica a coordenação.

Pesquisadora mestranda: E pedagogicamente como que eu faço com os sumidos da segunda feira, que não aparecerem na minha aula?

Sônia: Você encaminha pra coordenação, quando não tá participando você encaminha pra coordenação, daí a coordenação encaminha pra assistente social.

Pesquisadora mestranda: E eu reponho essa aula com eles depois de alguma forma? Pra quem não participar?

Sônia: Não. Não repõe.

Pesquisadora mestranda: E eu elaborei algum material pra apresentar pra eles ou só eles que vão me apresentar, nessa segunda feira?

Sônia: Não, não elaborou. Porque você vai trabalhar em cima do que eles vão te trazer, e eles vão fazer a leitura do que eles vão te trazer e os outros que estão na plataforma vão opinar, vão dar dicas, vão ajudar na construção dessa história. Num primeiro momento você fala assim pra eles não se preocuparem muito com ortografia, com pontuação, mas o importante é criar, certo? Porque se não eles ficam muito preocupados com virgula, ponto, então é legal deixar eles livres assim, então eles vão falando, um vai dando dica pro outro, e vão lendo, eles vão estar

super ansiosos pra mostrar o texto e você não vai ter como controlar isso entende? E eles vão querer compartilhar a tela pra mostrar o texto, e perguntar pro colega se ele gostou.

Pesquisadora mestranda: E como que eu lido com essa ansiedade deles, de todos quererem mostrar os trabalhos? Quantos alunos tem na minha turma?

Sônia: Esse é um problema que eu tenho. Você tem vinte dois alunos oficialmente do quinto ano, mas que participa na plataforma são nove, dez. Então não são todos os alunos da sua turma que participam, mas a direção, a coordenação já tá sabendo disso, porque você já foi conversar com a direção. A direção já sabe que isso é uma iniciativa sua. Você já foi lá, já mostrou, já mostrou planejamento. Você teve que escrever montar projeto, você ficou ali uns dois finais de semana sentada escrevendo, fundamento projeto, escrevendo bonitinho, fazendo planejamento direitinho. Segunda, terça e quarta faz parte da sequência que você tá fazendo na plataforma. Porque é uma sequência didática que você tá fazendo na plataforma. Essa questão da construção textual. Então essa produção com o personagem é um pedacinho só do seu trabalho. O teu trabalho é enorme, entende o que eu quero dizer? Você trabalhou com degustação, teve uma sequência, essa é só uma partezinha, tem todo um projeto aí.

Pesquisadora mestranda: E como que a direção lidou com a participação de apenas um terço dos alunos na plataforma, como que a direção lidou? A direção falou comigo alguma coisa, me orientou de alguma forma, eu preciso retornar pra eles alguma coisa?

Sônia: Você fez uma reunião com a direção, a diretora amou sua proposta porque a diretora gosta muito, ela gostou muito ficou bem interessada porque ela já conhece a sua proposta de antes da pandemia, não veio do nada, ela já conhecia a sua proposta com os seus alunos na sala, então ela já sabia de todo esse teu interesse, então não veio do nada ela conhecia. Mas da plataforma, foi agora na pandemia e você teve que notificar a direção, e ela amou a proposta. E você e ela não sabia... sentaram e chegaram num determinado momento que é um dilema porque você não sabe o que vocês vão fazer, vocês não sabem como que vocês vão fazer com esses alunos que não estão participando, então não se chegou a nenhuma solução, então o que a diretora pediu pra você pra tentar oficializar porque é isso que você quer, você quer tentar fazer o mais oficial possível. A direção pediu pra você esse projeto,

esse planejamento e você fez, enviou pra ela, enviou pra ela esse termo de consentimento dos alunos tudo certinho, bonitinho e ela vai se reunir com o (nome do secretário inaudível), secretário de educação, e vai pessoalmente ela, direção, vai pessoalmente conversar com ele e tem certeza que ele vai chegar a alguma conclusão em alguma proposta pra tentar oficializar.

Pesquisadora mestranda: Eu fiz tudo isso pra esse sequência de aulas de quarenta minutos no zoom? Tudo isso, planejamento, reunião até com a secretaria da educação pra eu conseguir dar essa aula segunda feira na plataforma?

Sônia: Na verdade, essa sequência você já tinha planejado, a um bom tempo você só continuou na pandemia e você teve que usar a plataforma porque foi o recurso que você achou que seria exequível, tu só continuou mas já era um projeto que você tinha.

Pesquisadora mestranda: E como encerra o meu dia de trabalho na segunda feira? Encerra depois dessa aula ou eu ainda continuo trabalhando depois dessa aula de apresentação dos trabalhos?

Sônia: Tá, você tá ali com eles, eles apresentando os textos, se não der tempo de eles apresentarem todos os textos... são quarenta minutos certo, o zoom te corta, você cai.

Pesquisadora mestranda: E o que eu faço se me cortar?

Sônia: Os alunos já sabem isso é uma coisa que já estava combinada com os alunos, os alunos já sabem que se cair e tiver no meio de uma apresentação eles já sabem que tem que voltar, aí você vai lá no WhatsApp no “alimenta.ensina” que é o seu grupo da plataforma, porque você tem um grupo pra plataforma e tem outro grupo pra sala de aula, então você vai lá no alimenta.ensina, coloca lá, “voltem”, ou você grava uma mensagem de voz ou você escreve, daí eles voltam pelo link do zoom lá, eles já sabem disso e daí você volta e eles voltam.

Pesquisadora mestranda: E eles voltam mesmo?

Sônia: Voltam porque eles tão super animados, claro que as vezes um se perde no meio do caminho, isso já aconteceu, você sabe disso, mas você não vai ficar muito preocupada porque como você faz o encontro segunda, terça, quarta e quinta, e isso foi estabelecido os dias da semana, entre você e seus alunos e isso foi votado, então você fica tranquila, se faltar um aluno um dia ou outro não tem problema, e você também já criou um *e-mail* onde você disponibiliza os vídeos da plataforma pra

quem não vem, e diz: “olha, tá no *e-mail* o vídeo da plataforma”. Então você criou um *e-mail* com os vídeos do zoom, então eles tem o acesso, aí o que acontece... voltando ao assunto lá de que se eles caíram e você caiu também, aí eles vão entrando tudo de novo, aí você vai aceitando eles, aí você não deixa eles se dispersarem, se você tava lendo um texto você continua apresentando, pra eles não dispersarem... aí você termina, termina geralmente termina todos os dias se a gente for ver a frequência, termina cinco pro meio dia, só pra você tem uma noção de hora. Pesquisadora mestranda: Tá, eu fui das oito até cinco pro meio dia?

Sônia: Isso.

Pesquisadora mestranda: Acabou esse segundo encontro que eu vou fazer com eles, e o que eu faço agora?

Sônia: Acabou, aí você vai lá no grupo de WhatsApp no alimenta.ensina...

Pesquisadora mestranda: Então ainda não acabou o meu trabalho?

Sônia: Não, não acabou. Porque você precisa dar um feedback, você não vai deixar eles soltos, você vai falar o que rolou no encontro, algum comentário pertinente, se tiver algum vídeo você disponibiliza e diz que encerrou, e deixa ali disponível.

Pesquisadora mestranda: Agora acabou o meu trabalho?

Sônia: Não, ainda não, não sai correndo.

Pesquisadora mestranda: Eu tenho vontade de sair correndo?

Sônia: Não, você gosta, você é meio alucinada... você é meio neurótica, você tá só pensando nos seus cachorros que você tem que sair com eles todo dia depois do encontro, então é só isso que te preocupa, se não for teus cachorros você fica ali.

Pesquisadora mestranda: Tá, então coisas do trabalho não me preocupa mais?

Sônia: Não, não... você é uma pessoa que fica pensando no trabalho, o teu dia não acaba ali aos cinco pro meio dia, teoricamente acaba, porque você tem que passear com teus cachorros, você tem que fazer as tuas coisas de casa, mas a sua cabeça fica antenada, pensando na sua aula do dia seguinte, pensando no seu trabalho, pensando no seu projeto de pesquisa, pensando no seu PTD que talvez você não fez de manhã e você tem que fazer a tarde, entendeu?

Pesquisadora mestranda: Eu tinha tempo de fazer o PTD de manhã se eu tinha que ficar logada até o meio dia?

Sônia: Geralmente não muito, geralmente você costuma fazer a tarde.

Pesquisadora mestranda: E eu trabalho a tarde?

Sônia: Não, gloria a Jesus amém, você só trabalha vinte horas semanais, mas você trabalha a tarde porque você é uma pessoa certa, então você trabalha a tarde mas não ganha hora extra, olha que lindo, mas você é certa.

Pesquisadora mestranda: Eu poderia fazer as coisas corretamente, dentro do meu horário, mas sem ficar neurótica e trabalhando a tarde?

Sônia: Acho que seria impossível, e olha que você conta com uma ajuda de uma sua, você faz o PTD da segunda, quarta e sexta, ela faz a de terça e quinta, então você tem ajuda tá, amor, você tem a ajuda da Analu Rosas que é essa sua amiga, braço direito, vocês são professoras do quinto ano, no caso essa semana não teve como fazer o PTD porque você tava pensando na sua dissertação e tava falando com o seu orientador, então chuta o PTD pra lá.

Pesquisadora mestranda: Eu faço mestrado ainda!

Sônia: É, então tem isso também, e casa também, deixa a casa pra lá, só limpa se der. Então voltando ao raciocínio, segunda, quarta e sexta é o seu dia de fazer PTD, e terça e quinta é o dia dela, na outra semana inverte, entendeu a lógica? Então só pra você entender quando você sair com seus cachorros, você não sai correndo, cinco meio dia, você sai do WhatsApp mas você continua, porque ele é seu braço direito durante a pandemia, então você fica ali porque tem sempre ali um perdido, um pai perdido, um aluno perdido, e como você estava na plataforma você não poderia dar atenção pra esses perdidos, certo? Ai você escuta esses perdidos e ai responde eles ou não né, e depois você sai passear com seus cachorros feliz e pomposa.

Pesquisadora mestranda: E como eles estão perdidos eu posso não respondê-los?

Sônia: Poderia, mas você não consegue, porque você é uma pessoa que responde alunos onze horas, se pede ajuda a noite você responde, você não consegue deixar aluno sem repostas, você pensa que talvez o seu aluno não tem aquele horário pra estudar, você é uma pessoa que pensa no outro, você é uma pessoa que sabe se colocar no lugar do outro, você é massa! (risos) Mas você é massa só pro outro, pra você é só chicote no lombo.

Pesquisadora mestranda: E como que eu poderia ser massa pra mim também, estipulando horários para os meus alunos? Eu posso estipular horários pros meus alunos mandarem mensagem pra mim? Eu posso estipular pros perdidos se encontrarem?

Sônia: Você até estipula, mas é difícil.

Pesquisadora mestrand: Mas como é difícil?

Sônia: Porque mesmo você estipulando horários pra eles falarem com você, eles mandam fora do horário, eles não obedecem muito essa regra, e você é uma pessoa que não vai muito pela regra, o certo era você não responder, mas você é uma pessoa que não desliga também.

Pesquisadora mestrand: E como eu não consigo mudar o habito dos alunos me mandando perguntas, eu posso mudar o meu habito de responder em determinados horários?

Sônia: Pode, você pode, você tem essa possibilidade de você recusar sim. De ignorar, você pode, mas o duro é ver se você consegue. As outras professoras fazem isso, elas só respondem no outro dia no horário de trabalho.

Pesquisadora mestrand: E eu posso fazer isso?

Sônia: Você até pode, mas você não consegue, você acaba escutando porque você tem aquele aluno que precisa de ajuda e você tem aquele aluno nerd que te ajuda e você acaba se sentindo na obrigação de ajudar ele também, eu tenho, você tem um aluno desculpa, que ele entra em contato com você e vocês trocam ideias, e você é totalmente ligada.

Pesquisadora 1: Agora vamos abrir pro pessoal comentar.

Celina: Eu queria dar parabéns pra Pesquisadora mestrand, eu achei que foi ótimo a... valorizei. (risos) e a Sônia é engraçado que a gente consegue perceber a fala humanizada mesmo, você tem consciência de que você tá se doando mas esse se doar é pro outro, porque isso retorna pra você de alguma forma, é como se isso desse um sentido, isso traz um sentido pra tua pratica docente, e é muito legal de ouvir na tua fala. Até transcende o papel da felicidade, porque a felicidade é momentânea e você vê sentido realmente naquilo que você tá fazendo, é como se chegasse lá no final da vida e vê que todo sacrifício, as dores as lagrimas trouxessem um sentido, é essa a sensação que eu tenho, que as dores e as lagrimas que você traz como professora isso tem um sentido, pelo menos fica bem claro na maneira que você fala, no teu discurso. E sobre a questão de horários de WhatsApp e tudo mais, ai eu vou falar como mãe de aluninhos do município de Matinhos, eu percebo que todas as professoras, pelo menos as que eu conheço, estão abrindo exceções como essa de responderem os pais em horários

inadequados, eu já fui uma mãe sem noção que mandei atividade lá as dez horas da noite, mas porque eu também tinha o meu trabalho, e ela me respondeu, e eu disse que ela não tinha obrigação nenhuma de responder naquele horário e que eu mandei só pra não cometer a gafe de não mandar, e ela “não imagina, tá recebido”, e eu percebo em como o professor tem essa coisa de ultrapassar limites né, de saber o que é certo e mesmo assim ultrapassar, ultrapassar o seu horário, a sua carga de trabalho, pegar o horário sabendo que o horário é até dez pro meio dia mas não, você fica ali até uma, duas horas, fazendo PTD, escrevendo, conversando, discutindo, e aquilo foge do controle e parece que se você não fizer você não é um bom professor.

Pesquisadora 1: Parece pra quem Celina?

Celina: Pra nossa consciência distorcida da realidade. (risos)

Pesquisadora mestrande: Na verdade eu tenho uma pergunta, que é uma reflexão, uma pergunta, um desabafo, uma ideia, uma constatação, tudo junto. Até que ponto, Sônia, a gente humanizando o nosso trabalho nesse nível e dessa forma, a gente acaba também nos desumanizando, no sentido de virar um robô, uma máquina no trabalho? De horas de trabalho, de assim, multifinalidades no trabalho, da gente humanizar a tal ponto de abraçar tantas situações que a gente se robotiza a ponto de esquecer a casa, esquecer das outras pessoas, das minhas outras funções enquanto ser humano, meus outros desejos, meus outros horários, meu tempo de nada, de outras coisas que não seja pro trabalho.

Kátia: Pesquisadora mestrande, você sabe exatamente o que aconteceu e o porque eu não vim no outro encontro, que foi exatamente isso que você disse, a pilha do robô pifou e o robô travou, e você entrou num detalhe que eu acho que extremamente interessante e a Celina falou lindamente de como nós humanizamos o nosso trabalho, mas quando que o professor vai ser humanizado, eu atendo pelo *Teams* o meu aluno as dez horas da noite, uma mãe que como a Celina lembrou e não que quer dizer que é uma mãe relapsa a gente entende, e quando que uma mãe como a Celina vai poder ser ouvida as dez da noite? Será que em uma hora do dia essa mãe vai ser ouvida, como uma mãe as vezes na hora do almoço vai conseguir falar com a profe apenas, e a profe será que na hora do almoço vai ser o psiquiatra, vai ser o terapeuta. Então eu acho que é bastante interessante a gente pensar que nesse grupo enquanto nós estamos ouvindo as nossas reflexões, praticas, nós

estamos colocando o nosso protagonismo enquanto professores, mas nós estamos secundarizando enquanto seres humanos, então eu fui uma das primeiras a ser ouvida e eu fiz questão de deixar claro o quanto eu dou de protagonismo pra minha ação docente e eu estou pagando um preço agora alto nesse sentido, né, eu acho muito interessante a gente pensar nesse olhar de mão dupla que passa pela nossa ação, porque o ser humano precisa estar bem né.

Celina: Eu acho que se a gente fizer aqui uma perguntinha bem básica, se alguém aqui já teve problema psiquiátrico, mental ligado ao trabalho? (risos) ai tá a nossa resposta de tudo isso que você falou né Kátia, a gente se coloca mesmo a disposição, e a gente detona o nosso pessoal, o nosso psicológico, o nosso físico, eu não tenho muitos contatos, mas os contatos que eu tenho de pessoas que são filhos de professores de como sempre viram a mãe o pai trabalhando em casa, você não vê um profissional da educação que chegue em casa e se desligue profissionalmente, a gente fica, na verdade já ficava antes, agora com essa situação de pandemia nos levou a um nível extrema que nos leva a essa situação. E é bem isso que você falou.

Pesquisadora mestranda: Eu estava escrevendo hoje e uma frase da professora Ana Raquel Machado que é uma das professoras que eu tô usando muito na dissertação, ela escreveu assim, não, é num vídeo dela, ela disse assim, “essa multitfuniconalidade do professor, faz exatamente com que o nosso trabalho não consiga ser delimitado de uma maneira correta”, então assim, essas multifinalidades que a gente se dá, que a escola nos dá, que a sociedade dá para os professores digamos assim, faz com que a gente não consiga delimitar o que é o nosso trabalho, e a gente não delimitando o que é o nosso trabalho, a gente acaba tentando fazer tantas outras coisas que não nos cabem né.

Pesquisadora 1: E então o que eu vou falar junta com o que você falou e com o que a Celina disse, a necessidade, ai vem com o que a Kátia estava falando, que é mostrar, que é fazer um trabalho bem feito, porque fazer um trabalho bem feito da prazer, a Sônia disse que ela fica feliz, mas é isso fazer um trabalho bem feito nos realiza, mas a gente tá numa situação de não conhecer o nosso trabalho, e por não conhecer esse nosso trabalho, a gente perde quais são as dimensões desse trabalho bem feito, e ai isso está com a gente e isso está com o todo, porque todo mundo conhece o trabalho do professor, todo sabe o que o professor faz ou todo

mundo diz o que o professor deveria fazer, né. Então ser professor as vezes parece muito simples porque todo mundo sabe o que tem que fazer pra ser um bom professor, pra dar uma boa aula, então essa falta de conhecimento que parte de nós, porque se a gente dominar o nosso trabalho com todas as ferramentas, num sentido de conhecimento das dimensões do nosso trabalho, a gente nunca vai dominar tudo claro, mas quando outras pessoas vierem com outras dimensões a gente vai poder dizer... não isso não faz parte do meu trabalho, o meu trabalho é assim e não assim, o meu trabalho é este, ele acontece dessa forma, e quem conhece o meu trabalho sou eu, não é você de fora, então é colocar os limites, porque o que é fazer esse bom trabalho? É responder todo mundo? É eu fazer todas as coisas naquele dia? É eu lançar ou não lançar aquela presença? É eu fazer o trabalho extra como a Sônia tá fazendo? Consequentemente ela tem mais trabalho, e aí ela disse que ela é uma boa professora, tem uma coisa interessante na fala da Sônia, “é que eu sou uma boa professora, então eu respondo o meu aluno fora do meu horário”, então não adianta colocar horário para o meu aluno porque se ele não vai cumprir e eu também não... e isso é ser um bom professor? Ou então é mostrar pro meu aluno que a gente não respeita as regras que a gente mesmo faz?

Celina: Tem uma premissa que eu queria colocar aqui pra que a gente possa discutir, eu não tô dizendo que eu discordo ou concordo dela, mas é um senso comum que a gente ouve bastante, quando o aluno tem sucesso é um mérito dele e quando o aluno fracassa é falha do professor.

Pesquisadora 1: Porque a medição que se faz do trabalho do professor é pelo o aluno, toda a nossa organização escolar é dessa maneira, a gente quantifica o trabalho do aluno com nota, com prova Brasil, prova Paraná, ENEM, seja o que for, isso é uma quantificação do aprendizado do aluno, e a gente remete isso diretamente ao trabalho do professor, porem a aprendizagem do aluno é uma coisa e o trabalho do professor é outra coisa, são dois processos diferentes e separados, o trabalho de ensinar é um e o de aprender é outro, e os dois trabalhos eles não estão cem por cento diretamente ligados, é claro que um tem influência no outro, mas o meu ensinar não reflete diretamente na aprendizagem do aluno, porque o aprender é um processo interno, não adianta eu fazer aqui, eu falar as coisas pra vocês, eu não tô enfiando coisas na cabeça de vocês, eu estou falando coisas que vocês vão pensar, vão refletir, vão puxar uma coisa, vão ler, e talvez não vão fazer

nada, entrou de um lado e saiu do outro, então o aprender é um processo interno do aluno, então eu não posso ser responsabilizada diretamente nem pelo sucesso, nem pelo insucesso desse aluno, eu participo fortemente dele a medida que eu proporciono condições pra que ele possa aprender, mas assim, eu proporciono um ensino que oferece condições e ele vai aprender ou não, mas ele não depende diretamente de mim, então é um processo estranho mas é fundamental no nosso trabalho, a gente entender que a aprendizagem do aluno é um processo dele, eu tenho que desdobrar enquanto professora pra promover meios, mas que ele possa aprender, eu não posso aprender pra ela, falando em senso comum, eu não posso aprender pra você, não tem como. Então ele também depende de várias condições dele e somente dele, pra que ele aprenda, só que na nossa sociedade isso não é levado em conta, tanto que se escreve eu tenho até arrepio quando eu vejo, ensino hífen aprendizagem, como se as coisas fossem junto, não é assim, tem ensino e aprendizagem, são dois processos diferentes, separados desenvolvidos por atores diferentes, e aí o meu processo que é o de ensinar eu tenho e eu tenho que entender o surgimento de ações e eu tenho que entender seus tempos, porque não adianta eu ficar até dez, onze horas da noite respondendo aquele que no outro dia não vai vir na minha aula, então aonde é que está o meu espaço ser humano, que é dividido em facetas também porque eu sou mãe, esposa, professora eu gosto de fazer arte, e cadê? Eu gosto de cozinhar... então eu tenho que ter no mínimo essa divisão, agora se uma delas toma o tempo de todas as outras, mas não quer dizer que eu estou fazendo um trabalho bem feito, só por isso. Então como é que a gente dimensiona tudo isso, é difícil a gente dimensionar uma coisa e definir esses espaços e reposicionar os espaços, e ali, que nem a Sônia disse, as vezes a gente até faz a regra mas eu mesmo não sigo, aí como é que fica o negocio?

Celina: Teve uma outra colocação que surgiu essa semana, não sei se pra quem trabalha no estado aconteceu também, o núcleo de Paranaguá, não sei se foi geral ou foi só aqui, as tutoras entraram em contato com a equipe pedagógica e tiveram uma reunião e exigiram reuniões com os professores, para que os professores dessem os seus pareceres sobre “ensino hífen aprendizagem” dos alunos nesse período de isolamento e ambiente remoto, aí uma aconteceu ontem e outro antes de ontem e as pedagogas da manhã da tarde enfim, e eu até desligava a câmera pra poder rir sozinha, porque era assim: “que processo? não tem!”. Aí era o muro de

lamentações dos professores reclamando desse período. E engraçado que foi uma coisa que surgiu nessa semana, não sei se pra quem trabalha no estado, no outros lugares foi assim também aconteceu.

Pesquisadora 1: Não acompanhei, não sei, não ouvi sobre né. Mas é... o processo deve ter existido os alunos estão lá, o problema é como a gente acompanha isso, mas se não teve processo de aprendizagem e talvez a gente constate que também não tá tendo processo de ensino, porque por exemplo, quando a Celina vem e diz que ela senta lá, ou a Sônia, e tem que assistir aquela vídeo aula, aí tem que fazer o PTD do processo do outro, onde está o teu processo de ensino? E se você avalia que não tá tendo nenhum nem outro, o que a gente vai propor então, o que eu vou propor para que aconteça minimamente o processo de aprendizagem.

Pesquisador 1: é que o que acontece nesse contexto, é que chegou a época de apresentação das notas, chegando as férias... temos que avaliar, né? Então como o pessoal não estava sabendo o que fazer, foi todo mundo agindo conforme sua ação e sua experiência e nisso o sistema atual que é vigente e que está funcionando é o clássico, ou seja essa separação, esse entendimento do processo de aprendizagem, essas falácias que estão no nosso social, e aí entender o trabalho do professor de um ponto de vista profissional de como isso envolve todos os processos pedagógicos, todos os procedimentos, vira realmente uma loucura nesse momento, né, e aí vem as cobranças. Eu tava vendo que a Sônia na semana passada ela já começou a ficar preocupada com o tema da avaliação porque seguramente alguém cobrou dela na escola, que eles tinham que fazer a avaliação e ela já começou a ficar nervosa e pensar em como ia fazer....

Sônia: A gente teve um pré conselho de classe, porque como tem alunos que não fizeram a prova, ou que fizeram e não levaram na escola a gente não tá podendo fechar por causas desses perdidos e realmente depois daquela reunião eu fiquei mais ansiosa.

Pesquisador 1: O que eu queria comentar era isso né, o contexto que nos encontramos é aí vai surgir agora esse tipo de lives sobre a pressão do trabalho do professor.

Retorno Alice

Pesquisadora 1: E você, Alice? Você conseguiu ouvir a tua instrução essa semana?

Alice: Consegui.

Pesquisadora 1: Separou algum trecho pra fazer algum comentário com a gente?

Alice: Na verdade assim, tudo que eu ouvi inclusive da Dagmar sobre orientar as crianças, fazer um videozinho pra que eles possam estimular mais eles a trabalhar, eu até comentei com a minha diretora de um vídeo por turma, e ela achou muito legal a ideia e a partir da semana que vem nós vamos começar a fazer esses videozinhos até pra ajudar as crianças a fazer, nos (inaudível) corrigir os trabalhos que eles levam pra casa. O quarto ano, umas treze crianças não fizeram e são trinta alunos praticamente a metade, alguns só escreveram o nome e mandaram em branco as atividades. Então assim, a gente tem todo o trabalho de preparar, de planejar, pesquisar pra montar as atividades pra eles não fazerem então é complicado, é desestimulante inclusive pra nós, então vamos fazer esses vídeos na escola pra aproveitar já que essa semana dia vinte nós vamos fazer as entregas dos trabalhos lá, daí nós já vamos aproveitar pra enviar esses vídeos.

Pesquisadora 1: E daí vocês vão mandar como? Vão mandar pelo face, ou vão fazer grupos das turmas?

Alice: Grupos. E assim, eu acredito que vai ser em turma, grupo, porque nós não conversamos sobre isso, só marcamos, os pais estão pedindo muito também... as crianças estão muito desestimuladas né?

Pesquisadora 1: Pra quem não estava aqui na semana passada, a Alice na instrução dela ela contou que os professores lá, eles não tiveram nenhum contato desde que começou a pandemia, eles mandam atividade impressa mas eles não tem nenhum grupo, não tem live, não tem nada sabe? Então as crianças não veem os professores os professores não veem as crianças desde que parou. Foi uma coisa que me chamou atenção no que a gente conversou na semana passada.

Alice: E as vídeo aulas elas são feitas todas pelas pedagogas (inaudível) são aulas boas, a gente vê que são bem preparadas, são criativas, mas ao mesmo tempo falta esse contato com o professor mesmo, e eles estão sentindo falta, por mais que sejam aulas bem diversificadas não podemos tirar os nossos méritos.

Pesquisadora 1: E além desse passo que você estão dando pra retomar o contato com as crianças, mais alguma coisa da tua instrução? Que você contou sobre o seu dia, sobre preencher aquela planilha, como é que continua essa questão?

Alice: Na verdade no começo como eu te falei eu tinha mais dificuldade, até pelo computador e tal eu tinha contato mas não tinha facilidade de mexer. Hoje em dia eu peguei mais prática, é bem mais rápido. Antigamente eu demorava quase que o dia inteiro, agora não, agora é bem mais rápido, as vezes em uma hora e meia eu consigo fazer as vezes, mas precisa assistir as vídeos aulas pra fazer né, pra ver as partes principais pra depois fazer as planilhas, pra fazer o preenchimento. E aí são quatro horas por dia que eu também tenho que anotar lá que eu assisti essas quatro horas de aula, ou de live né, ou de um filme que fale sobre educação, reunião pedagógica. Live nós fazemos quase toda semana ou é feita a reunião com as pedagogas e as diretoras, são duas diretoras na escola, ou a gente faz entre nós, as amigas pra tirar as dúvidas, pra troca de experiência.

Pesquisadora 1: Que bacana, entre professores vocês fazem... e aí pode pôr na planilha também?

Alice: Sim, a gente troca ideias sobre atividades, uma da ideia pra outra...

Pesquisadora 1: E vocês reúnem todas as professoras da escola ou tem um grupinho mais chegado?

Alice: Na verdade assim, a gente tem, a gente fez os grupos das matérias, a minha turma é a turma da Arte, a turma do primeiro ano, do terceiro, sabe? Mas o grupo lá é muito bom, não tem picuinha, não tem isso, todo mundo é bastante unido, é uma escola que eu amo dar aula.

Pesquisadora 1: Daí vocês reúnem as professoras do grupo de Artes pra trocar ideia. Que bacana. Mais alguém que comentar alguma coisa?

Sônia: Eu queria perguntar por que a gente tem tanta dificuldade de passar a nossa ação pra outro fazer? E por que, ao mesmo tempo, depois que a gente fala a nossa ação pra outra pessoa, você se sente assim? Vem um sentimento de uma angústia parece... angústia! Vem uma certa angústia. Por que é tão difícil você passar a sua ação pra outra pessoa? Depois de um certo tempo você consegue dimensionar isso pro outro, mas te dá uma certa angústia, não sei, uma certa emoção não sei se é porque eu ando muito emocionada pelo que eu ando fazendo com os meus bichinhos, mas é difícil esse processo né Pesquisadora 1? De você passar o que você vive pra outra pessoa. Eu queria entender um pouquinho melhor isso.

Pesquisadora 1: Acho que o Luciano vai falar...

Luciano: Eu estava pensando aqui, talvez o fazer, quando a gente faz tá muito obvio, é muito automático aquilo. E quando a gente precisa delegar poderes, instruções pra outras pessoas, fica difícil, a gente não sabe orientar. O fazer é automático, a gente domina, então é fácil. Agora quando se trata de passar pra outras pessoas é que existem as dificuldades, no meu ponto de vista né.

Alice: E ainda quando você é muito perfeccionista, você sofre com isso. Porque você acaba orientando a pessoa ali, mas você acaba fazendo por ela também, principalmente quando se trabalha com auxiliar em sala, eu já trabalhei também (inaudível).

Sônia: Nossa, então eu acho que eu sofro de perfeccionismo em tudo né? Porque além de eu ser professora, eu cuido de um apartamento também, esqueci de falar, esse é meu outro trabalho. E faz muito tempo que eu cuido desse apartamento e eu sou muito perfeccionista nas coisas que eu faço, sabe? E daí se alguém faz o que eu tô fazendo eu vou lá e confiro. Então, até eu confiar que a pessoa tá fazendo do jeito que tem que fazer, eu vou lá e confiro. Então a gente tem um pouco essa angústia de se descolar, é difícil, não é fácil não.

Luciano: Quando a pessoa é muito perfeccionista, por mais que ela passe as instruções, por mais que a outra pessoa ouça todas as instruções, e por mais que ela vá fazer um trabalho certinho, a pessoa que é perfeccionista ela não vai desligar. Será que ela tá fazendo com eu orientei... enfim... só queria aproveitar e fazer um ganchinho ali em quando a Celina falou, levanta aí a mão quem não deu uma surtadinha... eu acho que eu só não dei uma surtada por causa dessas reuniões que pra mim foram muito libertadoras, eu aprendi muito no começo porque se não eu teria dado uma surtadinha bem legal nesses dias. Então eu aprendi a administrar melhor o meu trabalho.

Pesquisadora 1: Daí, você que já fez a instrução também o que você fala dessas indicações da Sônia, ou dessa dificuldade eu e outro, o outro e eu.

Celina: Eu tenho a impressão que justamente a gente coloca essa dificuldade, de colocar pro outro, quando a gente não tá dando a receita de bolo, porque se a gente se ater só ao nosso trabalho... você vai entrar as oito horas, responder os alunos, as dez acaba a aula e você vai responder os pais, cinco pro meio dia você desliga o computador e um abraço. Só que a gente fica ali... você é uma outra professora, você vai além... e como que a gente vai fazer pra que essa pessoa entenda que sou

eu essa pessoa, esse único ser fazendo do meu jeito, fazendo o que eu acredito que seja a forma correta. E concordo com o Luciano, passar por essa experiência, essa troca de informações é tão rico, esclarecedor, é como um espelho mesmo, você se vê nas ações do outro e fala, eu faço isso e tá errado, tá fazendo mal pra ele e pra mim, ou então... eu tô fazendo isso e também tem alguém que faz... é como brincar de espelho mesmo, o Boal trabalha muito com essa questão do espelho dentro do teatro, e a gente quando se vê representado, quando a gente se vê ali naquela ação dramática é que a gente se espelha e entende a onde eu tenho que mudar, a onde eu posso me transformar e a gente consegue se inserir na realidade de uma maneira transformadora. A minha ação enquanto professora durante a pandemia mudou durante as nossas reuniões, isso pra mim ficou muito claro.

Pesquisadora 1: A gente poder falar, não reclamar é falar sobre, questionar e ouvir que muitas situações não são minhas particulares, mas são do trabalho, por exemplo eu vou contar, mas a Celina também tem aquele problema, a Sônia também, então não é uma questão minha, não sou eu que faço o meu trabalho mal feito, o trabalho tem essa dificuldade, ou no trabalho a gente se depara com esse dilema... todos... aí a questão sai daqui e passa pra cá e nós todos em volta e vamos discutir isso e vamos buscar possibilidades, eu não acredito muito em solução, mas vamos buscar possibilidade e vamos entender que talvez naquele momento não á outra maneira então ok, então vamos aceitar, tirar o peso, tirar a culpa porque não é... então eu consigo viver aquela situação de uma outra forma e isso é o mais importante, é o objetivo de se fazer uma intervenção como a nossa, como a gente organizando com esse grupo, conseguir enxergar essas dimensões, isso é conhecer o trabalho, conhecer as dimensões do trabalho e conhecer o trabalho. Acho que a Dagmar queria falar alguma coisa agora pouco...

Dagmar: Sim, eu gostaria de falar sobre essa angústia que a Sônia falou ao descrever o trabalho dela. Eu acredito assim, que conscientemente a gente ao falar vê muito mais coisas, você fala muito resumidamente só que é muito mais coisas, do que você falou, então o teu próprio inconsciente, como você falou “depois que falei vem o sentimento”, então talvez esse inconsciente está falando... mas faltou esse, esse e esse... porque são muitas coisas que envolvem o trabalho, e quando a gente vai pensar no outro é como se a Pesquisadora mestranda estivesse fazendo o seu trabalho e depois falou, você falou assim “mas tinha muito mais coisas pra falar,

muito mais detalhes”, então é a vida né, a gente se cobra e esse se cobra assim, depois esse sentimento que a gente não entende é o inconsciente eu acredito porque é bastante coisa, bastante detalhe e a prova disso é que o nosso inconsciente fica ali trabalhando mesmo sem a gente se dar conta disso, sem perceber, mas você fica ali pensando o que você vai fazer amanhã, depois, o que vai falar, então eu acho que é isso, é essa sobrecarga, mas eu acredito também que quando a gente conseguir fazer, colocar os nosso horários, o nosso inconsciente se organiza pra que a gente não venha a ter essa ansiedade, se cobrar tanto.

Pesquisador 1: Eu quero perguntar pra Sônia.... se fosse pra aquela amiga dela que faz os PTD, se fosse pra ela que você estivesse falando, se há uma diferença?

Sônia: Eu acho que não, eu acho que a única diferença se eu estivesse falando com a Analu Rosas, é que eu tenho uma certa intimidade com ela, a gente desabafa e tal, mas eu acho que eu ia ficar angustiada da mesma maneira, porque ela não vai fazer o que eu faço, eu acho, entende? A gente sempre quer tá no controle acho que esse é o problema, acho que é isso.

Pesquisadora 1: Uma coisa é falar faz isso, isso e isso, e outra coisa é falar o que a gente faz, porque quando a gente vê na clínica uma coisa é a tarefa que você tem que fazer outra coisa é a atividade que a gente desenvolve, no nosso trabalho de professora a gente exerce uma atividade e essa atividade ela é feita de muitas coisas e essas coisas como disse o Luciano, essas coisas que não são vistas, elas se automatizam, porque a gente já sabe o que tá fazendo e vai no automático e aí tem muitas coisas que a gente realiza na nossa atividade que nem a gente mesmo dá conta do que a gente faz, mas que vai muito além do que as oito horas, dar bom dia, postar o link isso são tarefas, (inaudível) dez e meia os alunos leiam o texto e aí vai, e vai, e a acaba o horário e você continua depois do almoço, e a gente continua na noite pensando nas atividades de amanhã, as meninas que tem que gravar a vídeo aula tem que ficar lá pesquisando, pensar, gravar, (inaudível) e ninguém se dá conta do tempo que levou antes e nem a gente se dá conta, na nossa cabeça ao mesmo tempo que a gente tá fazendo aquilo, porque a gente tá lá explicando uma coisa na sala de aula e a gente tá olhando pros alunos que agora a gente não tem aqui e faz uma falta, a gente fica olhando a carinha deles e vendo, quem está entendendo ou não, então a gente vai, a gente vai, então eu tô falando e ao mesmo tempo eu tô com essa atividade na minha cabeça, essa dimensão enorme não é

vista, não é dimensionada, e acabou essa aula e passa pra outra a gente também fica guardada e a gente também não consegue recuperar, é por isso que a gente tenta fazer esse exercício, e aí eu sair do meu lugar e se ver no outro, é difícil eu me desvestir de mim e colocar outra pessoa pra eu tentar enxergar dimensões do meu trabalho que eu não enxergo sozinha porque a nossa memória não da conta, a memória da gente ela é extremamente recortada e seletiva, se eu tiver que contar o que eu fiz ontem é um recortezinho desse tamanho, porque a nossa memória é assim, é até um mecanismo de proteção nossa que ela funciona desse jeito. Ai a Sônia queria contar um monte de coisa e eu já cortei, porque a gente não quer saber que hora que você acordou, ai o Manuel... porque ela tava com muito “eu”, porque era aquilo que ela tava querendo contar, mas não era aquilo que tava na memória dela e que ela queria contar que ia ajudar a pensar no trabalho, então é difícil, ai cortou tudo. Ela aceitou ouvir as perguntas da Pesquisadora mestrande, mas as perguntas não são aquilo que a gente quer contar as vezes do trabalho da gente, não é aquilo que tá aqui, as perguntas são o que vão fazer eu acessar algumas coisas que não estão aqui na minha mão e por isso que é difícil a gente fica se batendo, tem que ir lá e se desvestir, mas é um exercício super necessário a gente fazer camadinhas.

Sônia; Meio que você cria um escudo, você se reveste, é meio que uma proteção pra você não passar por aquilo? Aquela experiência...

Pesquisadora 1: São mecanismos de proteção, esse exercício é difícil e fazer e na primeira vez na maioria das vezes a pessoa não consegue entrar nesse exercício a pessoa vai se esquivando das perguntas porque é difícil, as vezes doem as perguntas, o processo de entrar no seu fazer, na sua atividade pode ser dolorida, e como disse o Pesquisador 1 são vários cuidados, porque por vezes a pessoa se esquia tanto que é melhor não perguntar coisas, porque aqui vai fazer mal, naquele momento ela não tá pronta pra ver aquilo, talvez é só mais tarde que vai se abrir uma brechinha, é muito interessante esse processo, é muito interessante estar do lado de cá e do lado de lá, porque o outro lado também é muito interessante, porque é você tentar entender o outro desprovidos de julgamentos, é a busca da compreensão das atividades do outro, e esse exercício também não é fácil.

Sônia: Eu queria que essa amiga que divide PTD estivesse aqui também porque um pouco dessa angústia que eu tenho, e todos esses sentimentos ela também já desabafou comigo.

Pesquisadora mestranda: Eu queria que todos os professores do mundo, os que trabalham comigo estivessem aqui.

Pesquisadora 1: Mas talvez um coletivo muito grande não funcionasse, porque é um espaço de confiança, é como a Sônia falou que com a amiga ela consegue se abrir um pouco mais, e é um espaço que se constrói no coletivo, e esse espaço não se constrói com muita gente, isso se constrói num pequeno grupo, depois a gente consegue ir ampliando, nas relações humanas a gente consegue isso.

Pesquisador 1: Sobre o que você estava falando... primeiro que o que está ligado a memória é uma questão afetiva então a gente... o corpo e todo o sistema corporal se fecha e se abre, é claro que isso não depende só do aqui agora, mas de todos os sentimentos que estão acumulados, e assim por diante, é uma questão... mas o elemento principal disso aí é a questão da afetividade e efetivamente quando a gente tá trabalhando isso aí a níveis técnicos dos instrumentos que a gente tá usando hoje pra desenvolver o nosso trabalho, se existe coletivo, no caso ali quando se tava perguntado pra Sônia, é porque normalmente as escolas hoje elas são muito grandes, talvez as pessoas tenham um amigo, uma amiga como a Sônia tem ali né, com uma proximidade mas na escola se tem muita dificuldade em torno da construção de um coletivo de trabalho, é uma junção que só (inaudível) e fica num subjetivo enorme então, causa uma confusão enorme na construção do trabalho e isso afeta a saúde efetivamente né, então a Celina perguntou quem não sofreu, é impossível alguém não ter sofrido sem dúvida, alguns mais do que os outros, mas todos passam por uma crise no trabalho ou uma hora ou outra vão passar, então esse estoque de emoções que vão construindo as nossas afetividades, e saber lidar com isso também faz parte da nossa aprendizagem e estar aqui é uma maneira de construir esse entendimento sobre o trabalho, hoje infelizmente elas são mal desenvolvidas do ponto de vista teórico e isso é uma questão que com a Pesquisadora 1 a gente reclama muito também, a partir de que no Brasil foi muito desenvolvida a questão teórica do trabalho do professor ou do que o professor tem que fazer bilhões de cursos com um monte de gente dizendo o que você tem que fazer e é uma confusão enorme né. Realmente o ambiente que nós estamos é uma

ambiente perigoso, do ponto de vista da saúde... o professor deveria receber um adicional, é como o trabalho do bombeiro, do alpinista... as prescrições são altamente abertas, são milhares de prescrições porque todo mundo acha que sabe como fazer, na pandemia agora (inaudível) de que ensinar os filhos não é tão fácil assim (inaudível) (risos) talvez revalorize um pouco o trabalho do professor, mas a gente sabe que o dominante é o econômico, então é isso, né.

Pesquisadora mestranda: Então... eu queria dizer que não se sintam obrigados a participar, a gente conversou, eu, a professora Pesquisadora 1 e o professor Pesquisador 1 conversamos e chegamos a conclusão que o coletivo pode começar e terminar... então não se sintam obrigados, gostaria muito de coração a todos por todos os instantes por todas as palavras. Me perdoem pela confusão, muito obrigada pelas conversas no chat que eu leio tudo. Então é óbvio se semana que vem não quiser participar ou não puder, por favor venham pro grupo se você achar que você pode ser transformado e transformar o outro, eu não poderia deixar de falar isso.

Pesquisadora 1: Só antes de começar a entrar nos finalmentes, eu queria dizer que a gente ainda tem conosco a professora Dagmar, Rita, tem a Helena que ainda não passaram pela experiência não é obrigatório mas é aberto. A única sugestão que eu vou fazer é pra que não seja na semana que vem e ser na outra, porque a qualificação da Pesquisadora mestranda vai ser dia 03, e eu vou ter que revisar o texto dela pra banca, então até no máximo semana que vem tem que tá pronto, então a gente vai deixar ela se concentrar nesses dias. (Risos) a Sônia agora vai reescutar a tua instrução e vai selecionar um texto por algum motivo, ou porque te angustiou mais, ou porque você contou e queria contar outra, e aí pode fazer um comentário por escrito pra gente fazer o retorno dia 29. Não sei se alguém quer fazer mais algum comentário...

Sônia: É exatamente isso, eu tava lendo sobre resiliência, e ela sofre uma certa pressão pra poder se transformar se tornar resiliência e eu acho que esse sentimento que a gente não sabe o que é, angústia... ele deve ser um sinal do processo de transformação que tá se fazendo dentro da gente, pra gente poder se conscientizar da nossa ação, eu acho que é isso.

Pesquisadora 1: Mais alguém? Pesquisadora mestranda eu passo pra você então...

Pesquisadora mestranda: Então pessoal eu agradeço mais uma vez, mais um dia, eu espero que esteja sendo tão bom pra vocês quanto tá sendo pra mim, espero que

vocês tenham uma semana produtiva mas calma, espero que vocês fiquem bem, e se quiserem conversar o meu WhatsApp tá aí, e é um dia de cada. Um beijo, muito, muito obrigado.

APÊNDICE VI - 6ª IS – Rita, Retorno Kátia e Retorno Sônia

6ª IS – Rita

Pesquisadora mestrande: Então assim ó... é... Eu combinei com a profe que eu vou fazer tua... tua instrução também. (Risos)

Rita: Tudo bem.

Pesquisadora mestrande: Então, é... peraí.

Pesquisadora 1: A gente pode começar. Cê vai começar, daí a gente pede para todo mundo fechar os microfones.

Pesquisadora mestrande: Isso.

Pesquisadora 1: Pra ficar tranquilo, né?

Pesquisadora mestrande: Isso. Muito obrigada todo mundo, né? Fechar os microfones.

Sônia: Eu ia desabafar um negócio, Pesquisadora 1. Antes de começar.

Pesquisadora mestrande: Ah, fala Sônia.

Sônia: Eu vi o trecho do meu vídeo hoje, porque eu achei que a... o retorno da minha instrução seria hoje, não é hoje então?

Pesquisadora 1: É hoje, depois da instrução da Rita.

Sônia: Ah, então tá bom. Tranquilo. Enquanto ela vai falando eu vou escutando. Tá bom? Tô aqui.

Pesquisadora mestrande: Tá bom. Obrigada, Sônia. Então assim, é... só pra, né? Professora, como a gente já trabalhou junto e eu sei um pouco da rotina, alguma coisa assim, né? Se faltar alguma pergunta, alguma coisa, profe, me interrompa a qualquer momento. Professor Pesquisador 1 também. Se enfiem e vocês são eu também, tá bom? Vocês também vão, vão ser sócias hoje. Por favor, me ajudem.

Pesquisadora 1: Tranquilo. E assim ó? Porque no final a gente sempre abre pra discussão. Então se a gente anotar alguma coisa que ficar curiosidade no final a gente pergunta pra Rita.

Pesquisadora mestrande: Combinado, tá bom. Então tá bom. Então, Rita, é... na sua próxima aula que a gente já vai escolher, eu vou te substituir. E eu gostaria de saber, você vai ter que me passar todas as suas instruções pra que ninguém perceba que eu estou de substituindo, tá?

Rita: Uhum.

Pesquisadora mestranda: Ninguém pode perceber essa mudança.

Rita: Certo.

Pesquisadora mestranda: Então, vamos começar, então, do comezinho, né? Em qual turma que eu vou te substituir?

Rita: Então, você vai me substituir na sexta-feira...

Pesquisadora mestranda: Sexta-feira.

Rita: No primeiro horário no oitavo ano um.

Pesquisadora mestranda: Tá! Sexta-feira, no primeiro horário, no oitavo ano um. OK.

Rita: Isso.

Pesquisadora mestranda: E como que eu começo minha sexta-feira pra poder dar essa aula pro oitavo ano um?

Rita: Então assim, é... tudo que você vai mediar na sexta-feira você já preparou na semana passada, certo?

Pesquisadora mestranda: Certo.

Rita: Então, então assim, é... cê já preparou essa live, os alunos já estão sabendo o horário que eles devem acessar e eles já sabem sobre o objeto do estudo que você vai trabalhar com eles. OK? Aí, como você é uma pessoa assim que não gosta de correria, que é uma pessoa assim prevenida e detesta qualquer tipo de situação indigesta e de última hora, você vai já deixar tudo preparado pra live das sete e vinte da manhã, meia hora antes. O que é deixar preparado? Você vai pegar o seu livro didático, vai pegar o seu caderno de atividades, já vai deixar tudo no esquema, quais páginas você vai trabalhar e você também já vai deixar as telas que você preparou pra compartilhar, vai testar o seu microfone, a sua câmera, vai verificar se o teu wifi está OK, pra quando for sete e vinte, está tudo perfeito e não ter nem uma surpresa de última hora.

Pesquisadora mestranda: Então, que horas eu começo a fazer essa preparação toda?

Rita: Meia hora antes, então. Então dez para as sete você começa, pra sete e vinte estar tudo OK.

Pesquisadora mestranda: Então, dez para as sete. Então eu vou acordar, vou tomar meu café e dez pras sete eu tô na frente do computador pra deixar tudo OK. Sobre o que que eu vou dar aula pra eles na sexta-feira?

Rita: Na sexta-feira você vai fazer uma retomada dos conceitos, das diferenças entre complemento nominal e adjunto adnominal. Porque, assim, você já trabalhou com eles na semana anterior e durante essa semana com videoaulas, explicando os conceitos para os seus alunos. Você já... assim, você fez duas videoaulas apresentando os conceitos, umas três videoaulas mostrando a aplicação desses conceitos em exercícios contextualizados. Eles já estão por dentro do assunto, mas como é um objeto de estudo difícil pra um oitavo ano, pensando oitavo ano, aí, doze, treze anos, você já está pre... você está prevendo que eles ainda tem dúvidas pra diferenciar esses dois objetos de estudos. Então, como você já está prevendo essa... a dúvida, você já preparou uma tabela que você vai só mediar, eles que vão dizer assim. Você tem lá uma tabela com duas colunas, na primeira coluna, tem lá complemento nominal e na coluna ao lado tem... é... complemento nominal e adjunto adnominal. E você vai deixar lá, tipo, umas dezesseis frases mais ou menos. Dezesseis, dezoito frases prontas sobre os conceitos desses objetos de estudos pra que eles falem pra você: “Profe, é essa. Esse conceito cabe ao complemento nominal. Esse outro conceito cabe ao adjunto adnominal”. Um aluno de cada vez vai falar e vai justificar por que é complemento nominal e por que é adjunto adnominal. Pesquisadora mestranda: Tá. Então, pra essa aula de sexta-feira com o oitavo um, eu vou fazer uma revisão de um assunto que eles já viram. Então pra essa aula... eu estou preparando essa aula a duas semanas já, tecnicamente?

Rita: Exato. Exatamente. Exatamente.

Pesquisadora mestranda: Tá. E nessa aula que eu já previ o que eles vão ter de dúvida, eu sempre faço isso? Eu sempre faço essa previsão?

Rita: Sim, por que quando se trata de gramática, é realmente algo mais complicado. É diferente de quando você está trabalhando um gênero textual, quando você está trabalhando um livro literário. Então você já tem uma noção da dúvida, né? Por mais que você já tenha explicado nas videoaulas, você já tenha preparado e eles já tenham realizado exercícios, você sabe que alguma dúvida vai surgir. Então, mesmo aquele aluno que não tenha dúvida, que não tenha essa dúvida sobre as diferenças entre os dois objetos de estudo, (inaudível) ele ter mais propriedade com essa retomada, mais propriedade sobre aquilo que foi explicado. Então vai acabar ajudando quem tem um pouquinho de dúvida, quem tem muita dúvida e até mesmo aquele que não tem dúvida alguma.

Pesquisadora mestranda: Tá. E eu vou dar aula pra eles por onde? É uma aula remota?

Rita: Sim.

Pesquisadora mestranda: E como que eu faço essa aula? Eu entro dez pras sete, eu deixo todas as telas abertas. Quais são essas telas que eu deixo aberta?

Rita: Você diz assim, o aplicativo que eu uso?

Pesquisadora mestranda: Qual o aplicativo que eu vou usar e quais são essas telas que você... que você disse que eu vou ter que deixar aberta pra compartilhar com eles?

Rita: Ah, pra compartilhar com eles. Então, você vai utilizar o aplicativo do *Teams*, tá? Aí as telas que você vai deixar é uma tela bem simples do Word. Cê vai construir essa tabela com eles no Word. Uma... a tabela... ela não terá nenhuma informação. Todas as informações estarão abaixo e eles vão dizendo aonde que você deve colocar a... o conceito do determinado objeto de estudo.

Pesquisadora mestranda: Eu vou fazer com eles então, tipo, um quebra-cabeça da matéria?

Rita: Exatamente, você não vai interferir em nada na hora que eles estiverem falando, você vai apenas, digamos assim, ter que obedecer os comandos deles. Eles que vão dizer onde você deve colocar aquela regra e justificar aquela regra. Aí, é óbvio que, no final, você faz um apanhado geral de tudo que eles falaram nesta live, nesta aula, pra assim formalizar o que foi certo e o que não foi certo.

Pesquisadora mestranda: E eu já fiz aula assim com eles antes?

Rita: Já. Já.

Pesquisadora mestranda: Já fiz? E foi boa aula que eu fiz?

Rita: Foi, foi.

Pesquisadora mestranda: Eles participaram bastante?

Rita: Eles participam mais, porque eles não se aguentam, eles querem falar. Aí na hora que eles estão falando, aonde que você vai... aonde que eles vão mandar você colocar a tal regra, você vai instigando: “Por que é aqui? Explique pra mim. Justifique”. E eles acabam falando. É uma forma de que, é uma forma de quebrar essa vergonha que eles têm de falar ao microfone, com câmera. Ou nem precisa de câmera, quem não quiser liberar a câmera também não tem problema.

Pesquisadora mestrandia: Aham. E eu posso falar pra eles que eles têm que abrir a câmera?

Rita: Olha, você vai insistir pra eles, porque você vai fazer aquela chantagem emocional, né? Dizendo que tá com saudade, que é muito melhor, você ver a pessoa falando ali do que só ouvir, coisa e tal. Mas assim, você vai tentar, mas obrigar é difícil porque vai que você esteja obrigando alguém a liberar a câmera que não tenha, né? Só pra não colocar a pessoa numa situação meio constrangedora, assim. Então, obrigar, assim, não é muito legal.

Pesquisadora mestrandia: E essa aula, esse modelo dela, esse formato de aula bem dinâmico, bem participativo, assim. Eu tirei isso do meu planejamento? Ou isso... ou isso foi uma ideia minha, eu... eu inventei essa aula a partir da... de alguma... alguma coisa que a escola me determinou?

Rita: Não, eu inventei da minha cabeça, porque assim...

Pesquisadora mestrandia: Eu inventei. (Risos)

Rita: É... Você inventou sim, desculpa. (Risos) Você inventou da sua cabeça, porque existe um planejamento sim que você precisa seguir, que você precisa cumprir. Só que assim, você não anda naquele modelo engessado, você gosta de esticar os braços, esticar as pernas. Então você vai... é... sei lá, surgindo pequenas ideias, simples e que você vê... e que você vai ver que elas vão funcionar no dia a dia. Vamos supor que você tenha uma ideia que não tenha muito cabimento, você já vai sacar de primeira, que não deu certo e talvez você nem tente mais, mas geralmente você vai ter uma ideia que vá dar certo, porque você se coloca no lugar do aluno. Pense que chatisse ficar vendo conceitos e conceitos gramaticais e ele não participar, o seu aluno não participar. Então, você vai ter que dar um jeito. Sempre. Você sempre dá um jeito.

Pesquisadora mestrandia: E eu sempre dou um jeito?

Rita: Sempre dá um jeito de fazer... de instigar a piazada à participar da sua aula.

Pesquisadora mestrandia: E... e quando eu estico esse braço, além do planejamento, eu... eu posso fazer sempre isso?

Rita: Olha, se for uma forma discreta e no final das contas você conseguir cumprir o que precisa de fato, você não terá problema algum. O que não dá pra você, de repente esticar esse braço, além das possibilidades que a tua escola te oferece, além do número de aulas que você tem para tratar daquele objeto de estudo. Daí

talvez você se complique pra frente por questão de prazo, coisa e tal. Mas, assim, na dinâmica de um modo geral, você consegue.

Pesquisadora mestranda: E quais são essas possibilidades que a escola deixa eu abrir minhas asas?

Rita: Olha... Primeiro por que não vai ter ali uma coordenação assistindo todas as suas aulas, dizendo: “ah, aqui no teu planejamento você tinha que fazer isso, isso e aquilo”. De certa forma, a coordenação confia no que você está fazendo e ela também entende que as ideias, elas surgem no decorrer do processo, né? Essa ideia a mais não vai acontecer no momento que você está elaborando o seu planejamento lá no mês de fevereiro, né? Na outra semana você já teve uma outra ideia e uma coisa vai complementando a outra. Então você está acreditando que a sua coordenação confia em você, sabe que você está fazendo o melhor e que você não terá nenhum problema com isso. Até o momento deu certo assim.

Pesquisadora mestranda: Então eu posso todas as aulas esticar meu braço?

Rita: Ah, você sempre dá uma esticadinha.

Pesquisadora mestranda: Afinal de contas, se a minha coordenação confia em mim, eu posso então?

Rita: É...

Pesquisadora mestranda: Na sexta-feira, na aula do oitavo um, eu vou poder?

Rita: Isso. Vai sim, tranquilo. Tranquilo. (Risos)

Pesquisadora mestranda: Tá. Profe, falou da profe Pesquisadora 1. Você quer falar, profe?

Pesquisador 1: É... eu tava atentando que... é bom tu falar, no caso, assim, quando a gente pergunta, é... o presente. Eu, né? Eu tenho que fazer o que agora? Então assim... “eu sempre fiz assim”, lá no passado, remete à um processo de justificativa, né? Então é... eu hoje! O hoje, né, como é que eu faço? Então é nesse sentido, entendeu?

Pesquisadora mestranda: Não sei se eu entendi, mas vamos ver. (Risos)

Pesquisador 1: (Risos) A pergunta tem que ser o... “eu vou entrar amanhã o que eu faço?” Tu tá substituindo, tu não é ela, né? No caso, né, tu tá substituindo.

Pesquisadora mestranda: Vou ser ela só na sexta-feira.

Pesquisador 1: Isso, então ela. Eu aqui agora pro presente, né? Do presente pro futuro, vamos dizer assim.

Pesquisadora mestranda: Ah, tá bom. Então, vamos lá. Vamos lá. Vamos ver se eu entendi se eu não entendi me... me interrompa de novo.

Pesquisador 1: Aham. Não, tudo bem.

Pesquisadora mestranda: Então, tá bom. Então, Rita, eu vou estar lá com os alunos, as minhas telas abertas, vai começar a aula. É, como que eu falo com os alunos? Como é que eu começo a minha aula na sexta-feira?

Rita: Olha, primeiro você vai fazer uma acolhida com eles, vai fazer uma brincadeirinha, uma conversa descontraída, né? Para que todos já possam ingressar na, na aula, às vezes dá um probleminha ou outro, então você dá um tempinho ali pra eles se organizarem. Aí você vai avisá-los que a gravação começará dali um minutinho, que todos estejam prontos. Aí no primeiro momento, quando começa a gravação, você vai apresentar como será o, no, a aula, o que vai acontecer no decorrer da aula, certo? Aí você vai pedir pra que todos peguem o material, se você for trabalhar com livro, por exemplo, nessa aula eu vou... você vai trabalhar com livro. Então, você vai pedir pra que todos abram o livro naquelas páginas que foram trabalhadas na videoaula, porque lá, durante a videoaula, você pediu pra eles fazerem algumas anotações no próprio livro. E essas anotações ajudarão na hora que eles forem alimentar a tabela, né? Tem informações lá importantes que vão ajudar a alimentar a tabela e também vão ajudar na justificativa de cada resposta. Então, eles pegam esse material, aí você fala pra eles ficarem sentados, porque você não admite que eles assistam a sua aula deitado, no sofá, deitado na... na cama, lá derretidos, porque a concentração não será a mesma. Então, você pede, se eles vão fazer, daí é outra história, né? Aí você começa falando sobre o objeto de estudo e você deixa claro que, a partir de agora, a aula será por conta deles, que você apenas está ali, estará ali pra fazer o que eles... obedecer os comandos deles.

Pesquisadora mestranda: Tá. Então, vou eu, vou deixar minhas telas abertas, vou entrar no aplicativo, vou esperar os alunos chegarem, vou dar bom dia, vou pedir pra abrir o livro. Me acompanha, vê se eu tô certa. Vou pedir pra abrir o livro e daí, a partir das anotações que eles fizeram no livro, eles vão fazer essa... essa correlação com a tabela.

Rita: Isso, porque é um material de apoio deles.

Pesquisadora mestranda: E se eles não assistiram a vídeo aula e não tiverem essas anotações? O que que eu faço, daí?

Rita: Bom, aí é uma situação que não cabe a você resolver. Porque você deu a oportunidade, né?

Pesquisadora mestranda: E daí como é que fica a minha aula?

Rita: Ah, você vai ter que dar um jeito, tipo: “galera, vamos lá!”. Porque sempre vai ter um lá na sua turma, sempre terá um na turma, talvez dois, três, que já fizeram. Você tá acreditando que pelo menos uns três fizeram.

Pesquisadora mestranda: Eu posso acreditar que três vão fazer?

Rita: Acredite, acredite, seja confiante. Seja confiante, pode acreditar. Dos trinta e poucos alunos, pelo menos três certamente realizaram o que você pediu da forma como você pediu. Porque você pediu pra eles assistirem a videoaula, você pediu pra eles anotarem pra facilitar a vida deles.

Pesquisadora mestranda: Tá. E se e se eles não fizeram, o que que eu faço daí?

Rita: Ah, daí você vai ter que dar um jeito, vai ter que, num sei, cê vai ter que se virar nos trinta. Eles vão...

Pesquisadora mestranda: Como que eu me viro?

Rita: Eles vão... você vai fazendo perguntas. Vai fazer perguntas, por exemplo, assim: “o complemento nominal, o próprio nome diz, completa nome. O que que são nomes?”. Ah, aí eles vão... vão dizer: “substantivos, adjetivos e advérbios”. Né? “Então o nome é o que completa, nós chamamos de complemento nominal. Está completando o sentido de um nome. E por que que precisa ter um complemento nominal na hora de uma redação, por exemplo?” Porque, assim, você tem que mostrar pra eles o objeto de estudos no dia a dia deles, porque senão não vai fazer sentido, né? Aí você: “então, essa regrinha que está aqui, lá, primeira frase, ela condiz então com o complemento nominal ou com adjunto adnominal?”. Você vai ter que interferir um pouco mais, se ninguém tiver realizado a tarefa solicitada. Mas esse interferir não significa que você vai entregar todas as respostas de mão beijada. Eles vão ter que pensar e vão ter que se virar, da mesma forma como eu estou me virando nos trinta, eles vão ter que se virar também. Porque senão vai ficar muito fácil você chegar lá e só você falar e colocar, alimentar a tabela, sendo que é pra eles realizarem isso.

Pesquisadora mestranda: E... e... assim, ninguém viu minha videoaula, me virei nos trinta, os alunos, eu posso contar que eles vão se virar os trinta também? Que eles vão responder? E como que, como que eu finalizo, daí, essa aula? Porque eu tinha

previsto uma coisa, tinha previsto uma tabela, tudo bonitinho pra eles preencherem. E daí, se eu me virei nos trinta, como que eu encerro essa aula? Como que acabo encerrando a aula, né?

Rita: Você pode encerrar essa aula fazendo uma breve retomada. Agora é uma breve retomada porque você não tem mais tempo. O tempo disponível pra tudo isso, pra toda essa construção, já começou na semana passada, né? Então, se eles não... não tomaram propriedade daquilo que você ofereceu, agora você só tem o tempo de fazer uma breve retomada. Então, o que que pode... o que provavelmente vai acontecer? Eles vão pensar: “poxa, vida, tudo que a professora falou, eu não entendi direito”. Então, é o... é o momento deles retomarem isso, assistindo as videoaulas e terminarem todo esse processo revendo esta live, porque eu vou disponibilizar o link da live pra eles no grupo da turma. Então, cabe a eles fazerem a parte deles. Você fez a sua parte, você tentou mediar. E é isso daí é o que cabe a você.

Pesquisadora mestranda: Tá. E aí encerrei minha aula. A minha aula acabou agora, porque cê me falou que essa aula começou há duas semanas atrás, mas agora ela acabou de verdade, não tem mais?

Rita: Não. Ela não acaba porque sempre vai ter alguém que vai perguntar pra você no chat, alguma coisa sobre isso que foi tratado, tanto nas videoaulas, como na... na live. Aí você vai responder. Aí sim serão poucos alunos que vão se pronunciar no chat. E outra coisa, você vai deixar claro o seguinte, no final dessa aula, que você já construiu todo esse processo com eles e que eles estejam muito a vontade de se comunicar com você, pra tirar dúvidas após a aula, certo? Mas, assim, você tem que deixar muito claro pra eles que você vai conseguir sim ver se aquela dúvida ela provém de um estudo ou de um improviso. Então, ninguém vai se atrever a perguntar bobagem pra você antes de assistir. (Risos) Pelo menos é o que você, né, deseja. Antes de assistir, antes de tomar propriedade daquilo que foi trabalhado. Porque pela pergunta do seu aluno, você vai saber se ele fez realmente um estudo antes ou ele está perguntando só pra disfarçar ou então ele está improvisando uma pergunta que talvez seja até descabida.

Pesquisadora mestranda: Tá. Então, um aluno fez uma pergunta pra mim no chat, né? E eu vi, me certifiquei que a pergunta dele é válida, que ele assistiu a videoaula. Se ele não assistiu a live então é... eu... eu sei que ele tem a disponibilidade de

assistir depois porque ela foi gravada e você já falou que eu vou disponibilizar pra eles. E a pergunta dele? Quando que eu respondo essa pergunta dele?

Rita: Olha, não tem um prazo, eu não gosto de ficar colocando prazo. Por exemplo, se eu estou online...

Pesquisadora mestranda: Eu não tenho prazo pra responder?

Rita: Olha, o conveniente seria você responder digamos aí que num prazo de quarenta e oito horas, aquela coisa e tal. Mas se eu não conseguir responder em quarenta e oito horas, tudo bem. Certo? E se eu conseguir responder logo, em seguida, perfeito. A hora que eu tiver online, a hora que eu tiver online e for possível responder, eu vou responder da melhor forma possível. Claro que eu não vou demorar muito pra responder, porque, assim, quando se trata de gramática, uma coisa, puxa outra. Então, se eu demorar pra responder, talvez... se você demorar pra responder, talvez no próximo objeto de estudo, aquela falta, aquilo que ficou faltando venha prejudicar. Então, é de interesse que você responda o quanto antes. Mas se isso também não for possível, porque você está envolvida com outras coisas, também não é uma coisa assim que você vá se importar tanto. O importante é você responder e responder com propriedade pro aluno.

Pesquisadora mestranda: Eu posso não me importar tanto?

Rita: Ah... você não vai se importar tanto. Você está me imitando, então você não vai ficar pirada por causa disso. Não vai. (Risos)

Pesquisadora mestranda: Tá. (Risos)

Pesquisadora 1: Deixa eu fazer uma pergunta por que eu fiquei curiosa. Curiosidade. Você falou que essa interação é no chat, é do próprio *Teams*? Quer dizer, tudo acontece dentro do *Teams*, as conversas com os alunos?

Rita: Isso. Só que, assim, quando eu estou dando aula, quando eu estou explicando, eu não gosto de ficar ali do lado chat pra ver o que eles estão escrevendo. Eu não consigo processar várias coisas ao mesmo tempo. Eu me desconcentro, meu foco se perde. Mas o que que acontece? Entre em um intervalo e outro de uma aula, você poderá, no caso, Pesquisadora mestranda, responder esses alunos e se não der pra responder no intervalo, você responde depois quando você terminar todas as suas lives da manhã.

Pesquisadora mestranda: Tá. Então, essa aula, ela pode ir até o final de todas as aulas da manhã ou mais até depende da disponibilidade do aluno me mandar pergunta e da minha disponibilidade de responder.

Rita: Isso. Exatamente, porque você deixa claro pra eles, que eles não precisam perguntar só quando acabar a aula. Às vezes eles podem perguntar em qualquer momento, surgiu uma dúvida, eles podem voltar. Então, da mesma forma como eles têm a liberdade de perguntar a qualquer momento, uma semana depois, um mês depois, você tem uma certa liberdade pra responder um tempinho depois, né? Lógico que você não vai deixar o aluno esperando por muito tempo.

Pesquisadora mestranda: Então assim, só pra eu ter uma noção que eu vou entrar sexta-feira pra te substituir. Quando que essa aula termina mesmo? Porque nessa eu posso ficar ali disponível no chat tudo. Quando, mais ou menos, qual o prazo dessa aula começar e terminar?

Rita: Então, você começou às sete e vinte a sua live. Você encerrou a gravação da sua live às oito e dez, certo? E você vai continuar por que você tem outras lives, certo? Você vai continuar ali. Quando todas as lives da manhã terminarem, tipo onze e cinquenta, você já pode começar a responder os, os seus alunos.

Pesquisadora mestranda: Mas, digo assim, se eu, se eu preparei o conteúdo pra revisar, então, essa aula, ela começou duas semanas atrás. E o chat eles podem rolar solto e, e eu posso responder coisas ainda sobre essa aula duas semanas depois ainda?

Rita: Pode, pode. Você tem essa flexibilidade. Você não vai dizer: “ah isso daí já foi, acabou”. Porque as dúvidas talvez não aconteçam uma semana depois que você deu a aula, elas podem acontecer depois. E você estará de boa, ali com seus alunos, disponível ali pra responder.

Pesquisadora mestranda: Tá. Então, tá. Vai me dar muito trabalho, professora Pesquisadora 1. Você falou pra eu substituir a Rita, mas eu vou substituir ela umas quatro semanas. (Risos) Não vai ser uma aula só.

Rita: É que assim, Pesquisadora mestranda...

Pesquisadora 1: Você que vai substituir a Rita dessa vez, não sou eu. (Risos)

Rita: (Risos) Assim, Pesquisadora mestranda, você vai tentar levar tudo isso da melhor forma possível, sem que você sofra. Porque a partir do momento que você começar a sofrer, você vai ficar muito mal. Então, você vai... vai procurar resolver

tudo isso de uma forma que não te faça sofrer. A partir do momento que aquilo começar a te fazer sofrer, daí você vai estabelecer alguns limites que até então não foram necessários.

Pesquisadora mestranda: E isso já aconteceu Rita? Eu consigo não sofrer?

Pesquisadora 1: Eu já tô interrompendo aqui já. (Risos) Você já passou por essa fase de sofrer e agora você está se distanciando?

Rita: Olha, quando se trata do meu trabalho direto com os alunos, eu não sofro. É um prazer, é uma alegria. O que me faz sofrer é a burocracia, é o preenchimento de tabelas. Aí, quando eu vejo o que eu estou no... num sofrimento, num esgotamento físico e mental, eu recorro às minhas amigas que estão na mesma situação que eu e dali eu tenho que recorrer a coordenadora. Mas com os alunos, até o momento, eu não cheguei nesse momento assim: “ah eu não aguento mais”. Com eles não.

Pesquisadora 1: E eles têm... eles participam bem das lives?

Rita: Olha, depende. Por exemplo, se você vai trabalhar adjunto de... no caso, a Pesquisadora mestranda. Você tá trabalhando adjunto adnominal e complemento nominal, você vai ter um esforço maior pra fazer com que eles participem. Porque... a Kátia sabe muito bem do que eu estou falando... é um objeto de estudo muito complicado pra essa idade, certo? Então você vai ter um esforço maior. Agora, se for um outro objeto de estudo, uma letra de canção, um conto de terror, um conto de enigma, a participação é bem mais ativa.

Pesquisadora 1: Eles (inaudível).

Rita: Isso. Mas enfim, tem coisas que são bem legais, tem coisas que não são tão legais. E quando eu começo a falar com eles sobre gramática, eu deixo bem claro que tudo na vida que você for fazer vai ter o lado bom e o lado ruim. Eu sempre falo pra eles: “eu amo dar aula, porém eu não gosto de preencher chamada, eu não gosto de ficar... de ficar avisando quem faltou, quem não faltou, eu gosto de dar aula”. Então, já que eu gosto de dar aula, eu tenho que ser bem consciente, que tem a parte chata e eles a mesma coisa.

Pesquisadora 1: Aham. Né? Acompanha um pacote completo, né?

Rita: É o pacote. Faz parte do pacote.

Pesquisadora 1: Eu perguntei por que do jeito que você falou, a impressão que deu e... mas não com relação aos alunos, mas com relação ao todo mesmo, que você tinha chegado nesse momento em que o estresse tava muito e teve que reorganizar.

Rita: Ah, eu cheguei mesmo. Eu cheguei num estresse assim, é, prejudicou bastante a minha saúde, coisa que até então nunca tinha acontecido, é... mas não com os alunos. Com os alunos é a parte boa.

Pesquisadora 1: E aí, achei interessante. Você disse que, então, primeiro recorre aos colegas, né? Às amigas que... o pessoal que... O pessoal que trabalha junto. E aí vocês debatem um pouco sobre isso pra ver se a coisa estabiliza um pouco entre vocês antes de chegar na coordenação?

Rita: Sim. Isso. Porque às vezes, por exemplo, eu tô lá no meu grupo, o grupo... o grupo que eu participo das minhas amigas, além de colegas de trabalho, são amigas, se chama 'sobreviventes'. Porque nós estamos sobrevivendo. E, para sobreviver, tem sim que ter o apoio. Porque, às vezes, eu tô num caminho que a Pesquisadora mestranda está em outro e ela pode me ajudar, né? A Kátia está em outro caminho que ela pode abrir meus olhos: "ó, faça assim e coisa e tal". Então esse grupo de apoio é muito importante. Agora...

Pesquisadora 1: E você, daí, vocês trocam experiências ali dentro.

Rita: Isso. Isso é muito positivo, muito positivo. Se não fosse esse grupo, eu não sei como que as coisas estariam. Daí eu, certamente me sentiria, eu me sentiria muito sozinha. Eu não me sinto totalmente sozinha, porque eu tenho na verdade dois grupos: esse do sobreviventes e de outros amigos que eu divido turma. Aí, claro, que chega uma hora que só conversar com os amigos, não vai resolver. Aí eu procuro a coordenação. Mas, para procurar a coordenação, é aconselhável que você não faça isso num grande grupo. E sim em um coletivo pequeno ali. Ou então individual.

Pesquisadora 1: Ah, e por quê?

Rita: Porque senão você não será ouvida. (Risos)

Pesquisadora 1: Ah... Se for em muitos não é ouvido. Tem que ir de poucos para ser ouvido.

Rita: É. Por que o que que acontece? Se você acaba criando muito ibope para uma determinada situação, eles não vão dar o devido valor, sabe? Talvez você não tenha tempo, é, e a pessoa que está do outro lado não tenha total disposição pra te ouvir. Agora, se você está num coletivo menor ou então, até mesmo individual e assim, não adianta também apontar só os problemas, você, de repente, sugerir algumas

coisas, né? Daí se você vai com uma hipótese, aí talvez você mais escutada, talvez alguma coisa mude.

Pesquisadora 1: Essa... Já aconteceu alguma situação desse jeito? Como é que foi o encaminhamento?

Rita: Olha, a princípio, quando eu comecei a expor, porque eu nunca me exponho diante de um grande grupo. Esse não é o meu perfil. Mas quando é um grupo pequeno, aí sim, aí eu fui a primeira falar, é porque aquilo já tava aqui, eu precisava falar já fazia semanas, coisas e tal. Então, já que surgiu o momento, eu tenho que falar. Aí, quando eu comecei a falar, expondo a minha reclamação de um modo geral, mas também já apresentando uma solução. A princípio, eu fui muito bem entendida e parece que foi encaminhado pra frente. Agora eu só vou saber se isso tudo deu certo daqui a alguns dias.

Pesquisadora 1: Uhum. Aguardando o retorno, né?

Rita: Isso, está aguardando. Porque o que eu falei, o que eu reclamei, não é uma coisa só individual minha e sim do grupo, né? É uma coisa assim que eu já...

Pesquisadora 1: Que talvez fosse do grande grupo, inclusive, né? Que é de trabalho...

Rita: Exatamente, eu jamais faria uma reclamação pensando que está... é... que determinada situação está ruim apenas pra mim. Eu sei que está ruim para todos. E, nesta de estar ruim para todos, eu já fui pensando, maquinando o que poderia ser feito para otimizar o meu tempo, minimizar o meu trabalho, né? Então não foi uma coisa simplesmente ah tô reclamando por reclamar.

Pesquisadora 1: Uhum. Não, foi uma reivindicação sobre o, alguma coisa no trabalho que tá incomodando é, no, no executar do trabalho, vamos dizer assim.

Rita: Exatamente, exatamente.

Pesquisadora 1: Então, aguardemos o retorno de solução.

Rita: É verdade. (Risos)

Pesquisadora 1: Pra ver como é que isso volta, né? Bacana. De repente a gente pode abrir, se alguém quiser comentar ou perguntar alguma coisa pra Rita.

Dagmar: Eu gostaria de comentar que, assim, tudo depende a forma como a gente chega pra falar, né? Então consigo ver assim que a Rita é bem, é, ela procura as palavras certas pra falar. Ela diz muita coisa em poucas palavras assim.

Rita: Essa é... olha, você me resumiu. (Risos)

Dagmar: É isso que eu vi assim. Então, as vezes é melhor mesmo, um pequeno grupo vai ficar mais à vontade pra falar e tudo mais, né? Porque quando a gente chega na escola, pra uma coordenação ou pra direção, e começa a contar algumas coisas, aí já vem um monte de gente atrás falando a mesma coisa, parece que você criou um motim.

Rita: Exatamente. E eu detesto isso, sabe? Eu procuro sempre... eu não gosto do holofote virado pra mim, nunca na vida. Eu gosto de ser a mais discreta possível, mas aquela discreta que não se cala, entendeu?

Dagmar: Exatamente. E assim, eu gostaria de fazer uma perguntinha. É... dentro assim das reivindicações que você já fez, geralmente é atendida? Que agora você tá esperando uma resposta, né?

Rita: Olha... Isso, isso.

Dagmar: Mas das outras vezes?

Rita: Assim... Já aconteceu sim. É... eu não fui reclamando. Eu perguntei assim, olha, determinada situação lá, no primeiro trimestre foi super aceitável. Por exemplo, os alunos não fizeram uma atividade avaliativa minha lá no primeiro trimestre, mas como era uma novidade pra todos, eu fui atrás desses quinze alunos que não fizeram a atividade avaliativa, porque era novo pra mim e novo pra eles, tudo bem. No segundo trimestre o cenário mudou, de quinze foram pra quarenta alunos. Lá quando eu... quando quinze alunos deixaram de fazer, qual era o processo... o caminho? Eu tinha que entrar em contato com os alunos, pediram uma justificativa do porquê que eles não realizaram a minha atividade avaliativa. Dar um tempo pra eles responderem, vê se essa justificativa ela é realmente digna do trabalho continuar valendo cem por cento ou a metade, cinquenta por cento, aí eu teria que avaliar. Pra quinze alunos fazer isso, tudo bem, só que no segundo trimestre foram quarenta. Aí eu falei pra minha coordenadora assim: “eu preciso cortar o caminho, eu não posso ficar correndo atrás de quarenta alunos pedindo justificativa, lendo, porque eu tenho outras coisas pra fazer. E que eu considero muito mais importante, que no caso preparar a aula, preparar materiais, pra esses alunos”. Ela entendeu, ela falou: “então encurta o caminho, já manda o link de uma vez só”. Porque eu eu falei bem assim: “a justificativa do... que o aluno possa vir a me dar, pode ser uma mentira, por que ele pode estar faltando com a verdade comigo. E como que eu vou saber?”. Então disponibilizar de uma vez esses links pra esses quarenta alunos...

Pode passar! (Risos) Meu marido! Pra esses quarenta alunos, porque o que me interessa não é a justificativa, o que me interessa é que ele faça. E eu não gosto de ficar perdendo o meu tempo com esse caminho, porque pra mim, eu falei pra minha coordenadora: “esse caminho pra mim é muito tortuoso, é um sacrifício isso pra mim, eu posso esquecer de alguém” Agora se eu mando o link, fechou, eles vão fazer. O que me interessa é saber, não é nenhum resultado, não é nem a nota. E sim se na hora que ele estava fazendo aquela atividade avaliativa, ele entendeu, ele compreendeu, porque pela resposta dele, eu vou saber, se ele compreendeu ou não, e é isso que me interessa.

Dagmar: E é bem interessante que dá pra ver que a Rita ela sabe adequar, né? Porque, enquanto ela tinha quinze alunos, ela ia até um certo ponto, preenchia todo aquele espaço. Aí, daqui a pouco, quarenta alunos. Aí não tem como atingir. Então, você achou uma solução pra você tentar atingir a todos.

Rita: Exatamente.

Dagmar: E agora, o que que poderia ser uma outra atitude, que não fosse assim tão positiva, querer abraçar tudo isso, os quarenta alunos, e aí sim adoecer de vez. Porque, com certeza, não teria como abranger a todos. Então, bem isso.

Sônia: Parabéns, Rita.

Rita: Brigada Dagmar, mas é bem isso. É... eu... eu consigo enxergar até onde eu devo ir. Porque se eu passar... Porque, assim, como... como nós estamos no modelo novo de ensino, eu tive que reaprender muitas coisas em relação a isso até onde eu devo ir, sabe? Porque no... no começo eu tava querendo abraçar tudo, mas agora a coisa se multiplicou, se triplicou, então não... não é... não sou eu que tenho que resolver isso. E se for porque, se for o meu papel de resolver, então tem que ser rápido, porque eu não tenho tempo pra ficar passando por todos esses caminhos.

Celina: Eu ia comentar isso, Rita. Parabéns, porque dá pra ver que você é uma pessoa extremamente assertiva nas suas atitudes, nas suas respostas, na maneira como você se porta. Você consegue ter uma postura dentro do teu trabalho que é realmente admirável, sabe? É o tipo de profissional que a gente... que a gente tem como exemplo mesmo. Parabéns, de verdade. Isso fica muito visível mesmo.

Pesquisadora mestrande: É verdade.

Rita: Ai, obrigada. Muito obrigada. (Risos)

Pesquisadora 1: Eu queria fazer uma pergunta antes de abrir pra outras perguntas. Eu... eu fiquei... pensei, na hora que você tava falando, depois voltou, agora voltei de novo. Então tem o grupo que vocês se reúnem, que trocam ideias. Onde que surgiu essa... essa modo de vocês funcionarem?

Rita: Olha, com certeza... agora eu não me lembro quem que fez, mas foi alguém ali do grupo. Tipo, vamos montar esse grupo porque é um grupo de apoio mesmo. Porque o que que aconteceu? Esse grupo...

Pesquisadora 1: Isso foi... foi depois que começou as aulas remotas?

Rita: Isso, isso que eu ia comentar, desses dois grupos. O “Sobreviventes” que eu faço parte, ele já é um grupo antigo. Agora foi necessário montar um outro grupo. Porque o que que aconteceu? Na segunda semana, depois desse isolamento social, a escola simplesmente pediu assim: “a partir de agora, vocês vão fazer videoaulas”. Ninguém tinha feito isso na vida, né? “Agora, vocês vão ter que fazer isso, isso, aquilo”. Daí: “gente, como é que isso se faz?”. Coloca a vinheta, coloca imagem no final. Eu nunca falei diante de uma câmera, nunca.

Pesquisadora 1: Uhum.

Rita: Aí o que que aconteceu? Houve a necessidade de montar esse grupo porque sempre tem aquele que entende mais de tecnologia, sempre tem aquele que dá uma dica: “olha, faça assim pra você se desgastar menos”. Né? Aí foi assim uma troca alucinante, foi muito louco tudo que aconteceu. Porque a escola não deu é, suporte nenhum pra gente aprender. Nós tivemos que aprender na marra. Então, um entrava num negócio, a Pesquisadora mestranda, por exemplo, ela mandou vários tutoriais. Porque, assim, a escola até mandou alguns tutoriais pra nós, mas eu... eu não tenho paciência, eu me nego a ficar assistindo aqueles vídeos de dez, quinze minutos. Porque passou de cinco minutos, eu não presto mais atenção. Aí eu sempre perguntava lá no grupo: “alguém tem um videozinho bem caseiro me ensinar, jogo rápido?”. Pesquisadora mestranda ía lá e fazia o videozinho caseiro e era onde eu aprendia. Então, esse grupo ele surgiu justamente pra um poder ajudar o outro, porque nós não sabíamos mexer com nada de tecnologia. Essa tecnologia que nós estamos forçados a usar agora.

Pesquisadora mestranda: Quem criou o sobreviventes, Rita, foi a Kátia.

Rita: Sim, foi a Kátia.

Pesquisadora mestranda: Quando, no final de dois mil e dezoito, quando as meninas saíram da escola. E daí o grupo era sobreviventes, porque foi mandado uma leva de gente embora, né? E daí a gente sobreviveu.

Rita: Isso mesmo, bem lembrado.

Pesquisadora mestranda: E falando em Kátia, gente, a Kátia também precisava sair às sete horas, né? Então, a gente podia fazer o retorno com ela, profe, quem sabe rapidinho, só pra, né?

Retorno Kátia

Pesquisadora 1: Acho que sim. A Kátia tá aí, pode? Não sei. Vamos ver primeiro se ela pode ir agora.

Kátia: Eu tô sim. É que eu tava... eu tô na... andando com o celular na mão e falei: “eu vou desligar pra não acharem que eu não tô bem”.

(Risos)

Pesquisadora 1: Tudo bem Kátia?

Kátia: Tudo sim.

Pesquisadora 1: Então você foi a nossa primeira, nossa primeira instrução. Você conseguiu ver ou rever, de repente, depois de tanto tempo, reouvir a tua instrução e nos contar um pouco, nos comentar um pouco sobre ela?

Kátia: É engraçado, porque depois que eu... Baixa um pouquinho o volume, por favor, amor (falando com o marido, em casa). Depois que eu trabalhei com a, a apresentação pra vocês, a proposta de autorreflexão me vem com mais frequência do que eu imaginava. E aí eu fiquei assim, por um lado foi libertador, porque depois que eu ouvi outros colegas aqui do grupo de... de... de... escuta, eu fiquei pensando muito em às vezes não está na minha prática, mas no todo, num sistema que deveria ser repensado e eu inserida, foi parido de certa forma, de maneira que eu não tinha escolha. Diminuí bastante a minha culpa em relação às minhas fragilidades ou as fragilidades da minha prática. Nesse sentido, eu acredito que foi, foi bastante interessante, repensar. E, por outro, me motivou também a me colocar no lugar dos outros papéis dentro da escola, principalmente do meu aluno, principalmente do meu aluno. E eu percebi que eu sou uma pessoa que odeio live.

Então, como que eu posso motivar alguém a fazer aquilo que eu mais odeio? Me... me dê trinta horas pra gravar, não me dê uma live pra fazer.

Pesquisadora 1: Aham, que interessante.

Kátia: Então, assim, a ideia de que o professor, ele tem que se atualizar, mas eu tenho que admitir também que eu não sou obrigado a gostar ou realizar tudo sempre do mesmo jeito. E que às vezes o ensino tradicional não oferece a mim e ao meu trabalho como mudar a qualidade do meu trabalho. E isso, pra mim, assim, aceitar isso foi muito bom. Foi muito bom. Mas, claro, preso ainda nos possibilidades que nos deram, nos limites que nos deram, mas eu já arrisquei, por exemplo, as produções textuais de maneira mais ousada. E tentar quebrar o meu paradigma. (inaudível) ou (inaudível) pra eu gostar de ser professora.

Pesquisadora 1: Uhum.

Kátia: Então, eu acho que é nesse caminho que... que eu pensei mais, sabe? No olhar muito mais de avançar pelo projeto ensino e de aprendizagem do que na, na, na... E eu cheguei a segui... a... eu prometo que eu tô terminando.

Pesquisadora 1: Não, eu não tô com pressa.

Kátia: A gente pensa muito na, na ideia. A gente pensa muito na ideia da prática docente...

Pesquisadora mestranda: Ih, travou.

Kátia: Mas a gente (inaudível) na gestão escolar. Os nossos gestores querem um avanço na tecnologia, mas eles não sabem usar. (inaudível) simplesmente o professor...

Pesquisadora mestranda: Kátia, tá travando um pouco o teu áudio.

Kátia: É libertador (inaudível).

Kátia: Deixa eu ver se eu chegar aqui.

Pesquisadora mestranda: Tá bom!

Kátia: Deixa eu ver, aqui vê se vê se vocês tão me ouvindo melhor.

Pesquisadora 1: Acho que sim.

Pesquisadora mestranda: Sim. Se você puder repetir só essa última coisinha que você falou que eu não entendi nada aqui, não sei se foi só eu.

Pesquisadora 1: É, não, eu também não. E tava tão interessante.

Pesquisadora mestranda: Aham. Eu fui até me aproximando do computador.

Kátia: Assim tá melhor?

Pesquisadora mestranda: Sim, aham.

Pesquisadora 1: Acho que sim.

Kátia: Vê se...

Pesquisadora mestranda: Ih, não.

Kátia: Vê se você consegue me ouvir porque eu pensei bastante nessa ideia do nosso papel de adaptação do meu, da minha metodologia e tudo, mas eu pensei muito assim no papel do gestor da educação.

Pesquisadora mestranda: Ixe, travou.

Pesquisadora 1: Travou.

Kátia: Opa, não tô ouvindo vocês.

Pesquisadora mestranda: Agora sim.

Kátia: Não sei se vocês estão me ouvindo.

Pesquisadora mestranda: Agora sim.

Kátia: Ai amor, nossa internet não está funcionando e eles estão me esperando.

Pesquisadora 1: É, eu prefiro ver você, mas se de repente cê...

Kátia: Consegue me ouvir?

Pesquisadora 1: Sim, se você quiser fechar teu vídeo, apesar de eu preferir ver você do que você ficar com o vídeo fechado, mas, as vezes, se fechar o vídeo pra dar menos.

Kátia: Então olha, acho que agora vai.

Pesquisadora mestranda: Vai.

Kátia: Travei o vídeo. A ideia de uma... uma ideia de uma gestão da escola. A escola precisa pensar em professores que trabalhem com novidades ou que busquem essa metodologia que lhe garanta um conforto em trabalhar e em produzir, mas gestores que estejam dispostos também a evoluir com essa nova metodologia e com esses novos saberes. Porque eu sinto muito uma escola que quis que o professor fosse online, mas se pusesse o gestor lá, ele não saberia o que fazer. Mas o professor teve que aprender.

(Todos fazem sinal de concordância).

Pesquisadora 1: E ele cobra uma coisa que ele não sabe fazer.

Kátia: Eu duvido, eu duvido que alguns gestores seriam capazes de ter quinze turmas no *Teams* como nós temos.

(Todos fazem sinal de concordância).

Pesquisadora 1: E gerenciar tudo isso, né?

Kátia: É o olhar... exato. Eu acho que, que olhar o papel de uma maneira mais conjunta. Nós professores nos juntamos, como a Rita falou, fizemos grupo de WhatsApp pra um ajudar o outro. Cadê o gestor pra poder aprender também?

(Todos fazem sinal de concordância).

Kátia: Quantos gestores daí que fizeram formação pra aprender?

Pesquisadora mestranda: Aprender ou até mesmo apoiar, né Kátia?

Kátia: Apoiar e sabe aquela história? Pode falar, Rita.

Rita: Eu quero dizer, Kátia, que além do gestor não saber, nós não sabemos e ainda temos que ensinar os alunos a mexer com a tecnologia.

(Risos)

(Todos fazem sinal de concordância).

Rita: É o mais incrível.

(Risos)

Pesquisadora 1: Tem que saber pra você e pro outro.

Rita: Saber pro outro. Eu mal sei pra mim, como que eu vou ensinar o meu aluno a entrar no *Teams*, acessar os arquivos, baixar, se eu ainda não fiz direito? É interessante isso. Além de não saber, ainda tem que ensinar o outro.

Kátia: É, foi uma quebra de paradigmas total nessa ideia de que a geração mais nova saberia lidar. A geração mais nova sabe lidar com aquilo que lhe apetece, né? Mas, mas o *Teams* não apetece... não tinha graça pra ninguém. Eles não sabem nem formatar um texto no word. Quem dirá colocar... é baixar... é fazer download de videoaula que ele tá de saco cheio de pensar, né?

Pesquisadora 1: Mandar anexo. Mandar anexo parece uma coisa de outro mundo, né, pros meninos.

(Risos)

Kátia: Então, e aí eu penso nisso, sabe? A gente... nós fizemos, e professor gosta muito dessa coisa, né? A gente quer carregar o mundo nas costas. Ah, mas qual vai ser a minha prática? O que que eu posso fazer? Por favor, precisamos delegar as atividades de uma maneira que a escola seja um processo de comunhão, comunitário. A escola não é feita de professor apenas. A gente reconhece o nosso protagonismo, mas a escola precisa, a escola é muito mais que isso. A escola é muito mais que professor e aluno. Pra... pra ver esse processo que nós já... já

conversamos muito, eu aprendi muito aqui de ensino e de aprendizagem. É que são dois processos em que o professor está inserido, mas ele não é só. Sozinho você não é ninguém. Mas não é dele também o protagonismo único de reconhecer que, havendo uma gestão, é aquela famosa ideia de quem tá na sala de aula, né? Quando um coordenador é, é, foi professor durante um tempo, tudo parece mais fácil. Eu acho que eu (inaudível).

Pesquisadora 1: É. Com certeza, mas assim, só de, de você falar que, né? Que você se descarregou um pouco das culpas e de que você vê que o problema é um problema compartilhado, né? Não é um problema seu, né? É muito gratificante para todos nós aqui.

Pesquisadora mestranda: Muito, muito, muito.

Kátia: Não, é ótimo. A Pesquisadora mestranda sabe dos meus planos em querer aprender mais, em querer crescer mais. Eu devo muito disso também à semente que vocês plantaram aqui, à pulguinha atrás da orelha que me coça e que me motivou a ir fazer alguma coisa. Em sair desse senso de só reclamar ou de só colocar tudo sobre as minhas responsabilidades. Então, claro que eu tenho que agradecer.

Pesquisadora 1: Vamos trazer ela também, Pesquisadora mestranda pra... pra...
(Risos)

Pesquisadora mestranda: Pra tua aula. Aham, profe. Tem uma disciplina que a professora Pesquisadora 1 vai ministrar agora lá no mestrado que é sábado a tarde, né? Então se todo mundo esteja... todos estão convidados, né? A Celina, a Sônia e a Dagmar já sabem da disciplina, né? A Celina até que me avisou, profe, foi mal, viu?

(Risos)

Pesquisadora 1: Celina você vai fazer também?

Celina: Eu fui fazer ah... fui tentar fazer a matrícula em outra disciplina aí falei: "Pesquisadora mestranda".

(Risos)

Pesquisadora 1: Ai, que bom. Ia ser bastante interessante vocês junto porque como a gente já tem uma outra discussão aqui, né? Vocês podem trazer pras meninas que vão ser novas lá e que nunca viram e vão tar no curso. Dá uma conversa boa, né?

Pesquisadora mestranda: E até se vocês conseguirem se matricular como alunos externos, né? A Celina e a Kátia, vocês podem depois usar esses créditos em outro programa de mestrado, dependendo do programa de mestrado que vocês entrem.

Pesquisadora 1: Ah, sim, sempre usa os créditos. Kátia, você precisa sair? Pode sair, querida.

Pesquisadora mestranda: Isso.

Pesquisadora 1: Vai lá tranquila e, de repente, se... se der semana que vem você volta, que vai ser o nosso encerramento, se não, não, mas quem sabe a gente ainda consegue continuar se encontrando. Ia ser bem bem legal, né? Seja bem vinda.

Pesquisadora mestranda: Pode deixar, Kátia, eu te mando.

Pesquisadora 1: Tá joia.

Pesquisadora mestranda: Beijo!

Retorno Sônia

Pesquisadora 1: Ai, que bom. Bom, a gente tem a Sônia também. Sônia, você conseguiu assistir teu vídeo, ouvir teu áudio da instrução da semana passada? Meu Deus, Manuel, o que que é isso? Ih, a Sônia tá travada?

(Risos)

Pesquisadora mestranda: Ih, a Sônia travou.

Sônia: Vocês podem...

Pesquisadora mestranda: Ixe tá... travou o som e travou o teu vídeo pra mim.

Pesquisadora 1: É.

Pesquisadora mestranda: E travou o teu vídeo com uma cara muito hilária.

(Risos)

Pesquisadora mestranda: Uma cara bem de reflexão assim.

Pesquisadora 1: Quem sabe a Sônia... Sônia tenta fechar teu vídeo quem sabe melhora, consegue... a gente consegue te ouvir.

Pesquisadora mestranda: Então, é, Celina eu... eu não sei que horas que começa lá, mas se você é também tiver compromisso, não sei comé que... Ih...

Pesquisadora 1: Tá sem som.

Rita: É, lá começa sete e meia. Então quando for sete e vinte e cinco, pra eu poder aproveitar ao máximo, eu entro em outra.

(Risos)

Pesquisadora mestranda: Beleza. Combinado. Brigada.

Pesquisadora 1: Vamos ver a Sônia. A Sônia voltou?

Pesquisadora mestranda: Mas tá travada de novo.

Pesquisadora 1: É... Melhor fecha o vídeo, Sônia. A história da nossa vida em dois mil e vinte vai ser esse, né? Problemas de conexão, problema... “você tá me ouvindo? Vocês tão me ouvindo? Alguém tá me ouvindo?”.

Pesquisadora mestranda: Eu só vou desconstrair, né? Eu tava assistindo um programa superinstrutivo que é o da Maísa, né?

(Risos)

Pesquisadora mestranda: E ela fez um quadro assim de brincadeira, né? Tipo, responde ou trava, que daí era uma brincadeira com os convidados que se você não quisesse responder a pergunta que ela fez, você começava a responder e fazer assim, ó. E ficava. Eu achei um sarro. Falei: “vou usar essa tática!”. Do... do Agostinho Carrara, passando no túnel, lembra? “Ah...ah...ah...” Agora a gente faz e desliga a câmera.

Pesquisadora 1: Dá pra fazer com os alunos ó, é um jogo legal pra fazer com os alunos, né? Responde ou trava? Né?

Pesquisadora mestranda: Aham. Exatamente.

Pesquisador 1: Olha que eles aprendem mais rápido do que vocês imaginam, hein? E passam vocês, hein?

Pesquisadora mestranda: Com certeza. Com certeza. Não, sério...

Pesquisadora 1: (inaudível pra fazer isso com os alunos. Adorei.

Pesquisadora mestranda: Eu fiz, eu tive aula terça-feira agora com os alunos, né? E eu assisti esse programa no final de semana. Sabe o que eu fiz com eles? Eu fiz uma pegadinha porque eu comecei a explicar e fiz assim, e parei. Aí eles começaram assim: “Pô, professora, travou! Pô, professora, não tamo ouvindo! Não tamo ouvindo”. E eu assim. Daí uma hora eu não consegui e dei risada, sabe? Aí eu falei: “Não, era só pra brincar, pra ver se vocês estão atentos!”.

(Risos)

Pesquisadora 1: Eles vivem caindo, né? Meu Deus, como eles caem. Eu digo: “gente, como vocês caem! Na escola eu nunca reparei que cês caíam tanto, que vivem caindo pelos cantos”. Ai, ai.

Pesquisadora mestranda: Eles caíam, profe. Mas eles caíam assim ó. Nas... nas... olhando pras parede, pro teto, entendeu?

Pesquisadora 1: É, não. Vivem em Nárnia, né? Tem uns que vivem assim em Nárnia, né? Cê olha você... olha... na nossa turma, eles são obrigados a abrir o vídeo, né? Diferente da Rita, lá, né? Tem alguns que não podem já se justificaram, OK. Mas se não, são obrigados. Aí cê olha os vídeos, né? Tem uns que tão assim.

Pesquisadora mestranda: Aham. Exato. Mesmo em casa, cara! Não era só na escola. Não é a parede da escola que chama atenção, é a vida!

Pesquisadora 1: É, não. É muito engraçado. Ai. Sônia, conseguiu Sônia?

Pesquisadora mestranda: Áudio, não.

Pesquisadora 1: Não. Tá com a conexão ruim, a Sônia hoje.

Pesquisadora mestranda: Conseguiu. Ouvindo, não. Só vendo. Não tamo te ouvindo. Control+D. Não.

Pesquisador 1: Control+D o que que é?

Pesquisadora mestranda: Pra habilitar e desabilitar o microfone.

Pesquisador 1: Ah. Nova pra mim.

Pesquisadora 1: Eu vou fechar o som da Sônia. Ah, ela caiu. Eu ia fechar e abrir, bem nessa hora ela caiu.

Pesquisadora mestranda: Ela... ela falou que ela ia sair e entrar.

Pesquisadora 1: É... quando deu esses Control, o meu... meu computador tem um sistema diferente, não existe Control no meu quando tá... cada vez que dão esses comandos eu fico procurando: “onde é que será que é isso, né?”. Como é que eu traduzo isso no meu computador? Que eu não tenho control no meu.

(Risos)

Pesquisadora mestranda: Sônia.

Pesquisadora 1: Não, Sônia, tá sem som.

Pesquisadora mestranda: Sônia, tenta falar. Só tenta ir falando aí pra gente ver se dá boa.

Pesquisadora 1: Tá travado o teu microfone.

Sônia: Oi, tão me ouvindo? Tão me ouvindo?

Pesquisadora 1: Agora sim.

Pesquisadora mestranda: Só que cê vai ter que desabilitar o microfone do computador e deixar habilitado só o do celular, senão dá ECO.

Sônia: Peraí. Cês tão me ouvindo agora?

Pesquisadora mestrandia: Ah, agora sim.

Pesquisadora 1: Bem melhor.

Sônia: Eu saí dali do computador.

Sônia: Saí e fiquei só no celular, então deve ter dado algum panzinho ali no... no microfone do computador.

Pesquisadora mestrandia: Uhum.

Sônia: Tá, beleza. Ainda bem que a gente tem outras possibilidades, né?

Pesquisadora 1: A gente, aham. Como disse a Rita, é o se vira nos trinta funcionando a cada trinta.

(Risos)

Pesquisadora mestrandia: A cada trinta.

Rita: Verdade.

Pesquisadora 1: Então Sônia. Vou... vou reformular lá a pergunta: você conseguiu ouvir tua instrução, ou ver, né, a gente tá aqui no meio gravado, é esses dias? Conseguiu escolher algum pedaço, algum trecho que você... pra gente comentar com a gente? Pra gente retomar?

Sônia: Consegui. Primeiro, eu queria falar algo que eu queria falar antes e que me travaram, que não deu pra falar, enfim. Queria dar os parabéns pra Rita, que eu falei, né? E tava dando risada com vocês, mas a minha risada nem apareceu, então...

(Risos)

Sônia: Que coisa! Eu achei que tava tudo aparecendo, porque meu microfone tava ligado. Então tá. Eu assisti e fiz aqui uns, fiz aqui... comé que... comé que fala? Fiz um... umas anotações aqui sobre o que eu assisti de mim. E eu queria comentar, se der tempo pra fazer hoje, pra mim...

Pesquisadora 1: Pode começar, temos tempo.

Sônia: Então tá. Primeiro tópico que eu anotei com relação ao que eu ouvi, eu falando, eu vi eu, eu, né? Primeiro tó... (inaudível).

Pesquisadora mestrandia: Primeiro tópico o que?

Sônia: Primeiro tópico que eu... que eu percebi ali, né? O principal foi a dificuldade no processo de orientar o outro, principalmente na questão dos detalhes. Eu quero detalhar para que o outro faça exatamente como eu quero, né? Daí nesse primeiro

tópico eu coloquei ali que dá um indício de controle, né? É uma coisa do controle. Você quer que o outro faça aquilo, pois você está orientando... na verdade, eu não sei se você quer, você está orientando porque tem que orientar, mas o ser humano tem essa coisa do controle, você quer que você está orientando o outro a fazer, mas você quer que aquele outro faça exatamente de maneira como você faz. Então, assim, os detalhes que eu dei ali, eu coloquei: “daí você coloca figurinha, né?”. Eu falava aquela hora pra Pesquisadora mestranda, porque aquilo pra mim era importante, né? Os detalhes, aí eu queria que a Pesquisadora mestranda fizesse igual eu faço, né? Então é uma coisa de quem é perfeccionista que nem eu, né? Aí é a dificuldade de sair de mim, né? E coloquei até me personalizar, né? Que daí eu tô saindo de mim pra poder é... incorporar nela, né, minha ação, vamos dizer assim, né? Passar pra ela a minha ação. Essa foi a dificuldade, né? E tem mais uma coisa que eu anotei aqui, o terceiro. Eu... eu vi ali um destaque numa fala minha, que é que eu coloquei o meio ligadona, que eu... que eu falo: “eu sou meio ligadona”. E... e eu sinto assim que eu uso muito esse termo pra suavizar a minha fala. Na verdade, eu não sou meio ligadona. Eu... não existe meio ligadona. Enfim, eu não gostei, eu olhando pra mim falando, não gostei desse termo, porque que eu falo que eu sou... E eu na verdade, eu reparei que não só ali, eu falo, mas em todos os né? Âmbitos da vida pra várias coisas, é meio isso, meio aquilo. Então, esse termo eu não gostei. Eu olhando pra mim ali, não gostei. E tem mais algumas coisas que eu percebi em mim ali que eu tava pensando e falando ali e enquanto eu estava assistindo eu falando, eu estava pensando em outras coisas que eu teria que fazer também. Então, assim, eu já tava com uma super sobrecarga ali, falando das minhas da... das minhas ações, mas enquanto eu estava assistindo eu ali, eu também lembrei da minha dissertação aqui ao mesmo tempo, entende? No presente, que... que eu teria que que são as outras obrigações que eu tenho que fazer e vão se sobrepondo e vão se sobrepondo, né? Daí eu coloquei aqui: na verdade, eu olhando, assistindo, achei uma prática muito difícil de ser executada. (Risos) A minha síntese, né? Uma prática muito difícil de ser executada e com muita sobrecarga assim. E em certos momentos ali, eu achei que eu tava fazendo coisas assim, até demais. Por exemplo, por que que eu tenho que disponibilizar o link do *YouTube*, sendo que antes eu não disponibilizava? Por que que eu tô fazendo isso pras crianças que não tem acesso, mas por que que eu tô colocando ali, às vezes é um serviço que, claro, tem algumas

crianças que vão entrar pelo *YouTube*, né? E tem esse acesso e tal. Mas não são todas. São uma, duas, o resto é... eu acho que tá indo pela televisão, aberta, pelo canal, né? Rede Massa. Mas assim, acho que deve pelo *YouTube* deve ser uma cinco, acho que deve assistir seis, não sei. Então, assim, que eu achei assim que é muita coisa assim.

Pesquisadora 1: Você trouxe pra você e cê acabou acumulando coisas que não precisaria tá fazendo? Talvez seja isso.

Sônia: Eu acho que sim. Eu me senti, eu me coloquei num formato meio de crítica de mim mesma.

Pesquisadora 1: Eu acho que todo esse formato, né? Toda essa dinâmica da instrução, não é ser crítico de si mesmo, mas a como a gente vê lá na teoria. O objetivo é eu... eu me ver por... com outros olhos. Quer dizer, eu saio de... da minha posição do eu quando eu passo pra você. É como se eu saísse da minha posição e começasse a me observar. Então, eu saio daqui, vou pra cá e aqui eu vou olhar pra mim. Essa... esse é o objetivo e por isso que é tão difícil, é muito difícil. A gente sair dar da gente pra olhar como se a gente fosse um outro, né? Você já leu, você vai lembrar, o Vigotski que diz que assim, eu me torno um outro pra mim mesmo. Então, tornar-se um outro pra si mesmo, quer dizer, você conseguir sair do eu, passar por você projetar no você, o seu eu, pra você conseguir olhar pra você mesmo, pra conseguir tentar perceber coisas como essa, por exemplo, por que que eu tô fazendo isso, que eu não precisava tá fazendo? Ou, naquele, quando eu tô lá dando a minha aula, assim, ensinando o complemento nominal, né, pro meu aluno, eu faço assim, mas aí depois, eu digo que eu faço assim, depois eu vou ver, mas eu... eu disse que eu faço assim, mas eu não faço assim, eu faço assado. Mas e será que é melhor fazer assado? Será que a melhor fazer assim? Será que eu consigo misturar os dois? Quer dizer, você começa um processo de observador de si, né? E é esse o objetivo da... desse método todo, desse processo é que a gente consiga ter um pouco desse deslocamento, pra gente conseguir um pouco se olhar com o auxílio dos outros, né? Porque não é sozinho. Eu vou falar de outra de umas coisas aqui de... de teoria que a gente tava falando até esses dias aqui em casa, né? É na educação se fala muito do Shön e do professor reflexivo. “Ah, porque o professor reflexivo e tal”. É o professor reflexivo é muito lindo quando você fala só que eu sozinho num dou conta, com tudo isso que a gente já tem, ainda de ficar parando

em minha auto analisando. É... é um é um exercício extremamente complexo de fim e muitas vezes inacessível. Por que pra eu consegui observar o a minha atividade, nas suas várias pedacinhos, eu preciso de alguma coisa que me ajude a fazer esse caminho, né? Eu não consigo fazer isso sozinho, a nossa memória num dá conta de lembrar das coisas sozinha. As vezes que a nossa memória ela... ela recorta. Eu vou exagerar, mas é até um mecanismo de proteção, ela seleciona aquilo que eu vou lembrar. Quando eu vou falar, eu falo só daquele recortezinho. Então, eu preciso daquele outro que me pergunte outras coisas, que cutuque outros lados. Mesmo que pareça uma bobagem, mas aquilo vai ativando em mim outros espaços que eu não entro sozinho. Então é difícil o exercício como você falou de fazer essa saída. E às vezes a gente, como a gente fez aqui uma primeira vez com todo mundo, ainda fica meio travado, né? E aí a gente precisa de outros exercícios pra ir conseguindo, abrindo esse espaço, né? Ampliando na gente. Fala, Pesquisadora mestranda.

Pesquisadora mestranda: Nossa, e como é difícil também fazer essa... essa movimentação, quando você conhece a rotina do teu colega, assim, né? Apesar de eu não saber o que a Celina ia dar de aula, especificamente. Mas assim, é... como eu conhecia, assim, o desenrolar da rotina básica ali, meu Deus. Como é que eu vou interpretar alguém que não conhece, sendo que eu conheço? É muito difícil.

Pesquisadora 1: É, claro.

Pesquisador 1: Foi nesse caso que eu tava chamando atenção. Tua falava do passado, né? E aí, então é isso, tu tá falando dela, como ela fazia. Ou seja coisa que nós não tamos vendo, nem sabendo o que que é. E o, então, era dali pra frente, né? Esse é um tema interessante, né? São detalhezinhos, né?

Pesquisadora mestranda: Sim.

Pesquisadora 1: É porque é um jogo interessante pra Rita, por exemplo, que tá instruindo e pra Pesquisadora mestranda que tá sendo a sócia, né? Porque o sócia também o... é o mesmo exercício em outra posição. Porque eu também tenho que me descolar de mim pra me colocar, pra tentar me colocar, compreendendo o outro, né? É o mesmo exercício, né? Os dois fazem o exercício. É um exercício difícil dos dois lados. Não é simples também fazer o sócia, fazer as perguntas, ficar ali. Porque a gente tem que se lavar de qualquer tipo de julgamento, não interessa, isso não nos cabe. O interesse é pela atividade. O interesse é pelas curiosidades, pelas dificuldades, pelas descobertas. Então, é difícil o exercício, né? E por isso ele vai

ficando tão interessante, porque ele vai, ele vai girando mecanismos que depois, como a Kátia falou, é, ela foi, né? no primeiro encontro, ela foi a instrutora. Depois aquilo ficou fazendo nela movimento, né? Todo tempo ela tá fazendo o movimento. Então, o... o exercício é esse. E depois que a gente põe em movimento essa engrenagem, e aí a gente continua junto, porque engrenagem tem que funcionar junto, porque sozinho, né? Qualquer engrenagem que cê tirar uma peça lá, o negócio desmonta, né? Então é todo um... todo um jogo. Por isso que eu perguntei pra você, Rita, como é que foi que esse grupo de vocês surgiu? E comé que vocês fazem essas trocas? Porque vocês têm esse funcionamento, né, de... de falar, buscar ideias, soluções, reclamações. E um funcionamento que é muito interessante pelo que você descreveu, né?

Rita: Esse grupo é a base de tudo. Sem esse grupo ninguém sobrevive. E sabe o que que eu acho legal nesse grupo? A confiança que a... que esse coletivo acabou criando. Muito interessante. Assim, eu estou fazendo parte dum grupo de oitavos e novos anos, eu nunca participei de nada dos nonos anos. E assim, claro, conheço todos ali, do café, da entrada, da saída, mas assim, nunca interagi tanto com eles. E esse coletivo, ele acabou construindo essa confiança. E assim, muito interessante, antes era um grupo de dez pessoas, agora é um grupo de vinte e poucas pessoas. Né? Achei muito legal assim, não me lembro agora, quem teve a iniciativa, foi você, Pesquisadora mestranda que montou esse grupo?

Pesquisadora mestranda: Foi o Bruno.

Rita: Ah, foi o Bruno. Eu gostei muito porque é... foi uma forma de conhecer outras pessoas e, assim, é um grupo que tá ali pra ajudar mesmo.

Pesquisadora 1: E outras pessoas é que são colegas e pares de trabalho. Trabalham, fazem o mesmo, exercem a mesma função que você no mesmo local de trabalho que você. Quer dizer, compartilham das mesmas questões, compartilham das mesmas dificuldades, das mesmas obrigações.

Rita: Exatamente.

Pesquisadora 1: Então, a gente vai vendo aí traços do que a gente dentro de toda a questão teórica, chama de coletivo, né? O que que é um coletivo de trabalho.

Rita: Isso. E eu ainda sou privilegiada neste ano de ter entrado nesse outro grupo do nono ano, que todos são professores do meu filho. Então além de conhecê-los como colega, ter ali aquele... aquela convivência como colega, eu vejo eles entrando na

minha casa todos os dias como professores e eu acabo conhecendo ainda mais. Então eu sou privilegiada dos dois lados.

Pesquisadora 1: É, conhece o trabalho dos dois ângulos, né?

Rita: aham.

Pesquisadora mestranda: E a Celina... a Celina, dessa forma, ela consegue ver a... o antes, a ansiedade, o processo de construção, e o resultado final depois, né? Seja o professor no trabalho de ensino, seja o filho dela no... no aprendizado.

Rita: É, tanto que alguns professores até me falam, agora no... agora não, mas no começo falavam: “eu tava tão nervosa em tal videoaula”. “Mas não pareceu, fique tranquilo”. “Fique muito tranquilo, não pareceu”. Eu não vi nada de nervosismo, não vi nada de anormal, não sei se porque eu também tava no bolo, né? Mas assim, pode ter certeza que os alunos não perceberam. Que é o mais importante. (Risos) Porque assim, quando as videoaulas começaram a chegar, gente, impressionante, por mais que eu soubesse que fosse tudo novo pra todos, pareciam que todos já estavam na estrada há muito tempo, né? Então...

Pesquisadora 1: Infelizmente, a gente é muito autocrítico, né? Claro, faz parte, quando a gente tá fazendo ali, né? Como a Sônia falou e eu anotei aqui do meio ligadona, né? A gente tem toda uma... a gente tem uma imagem de si, primeiro, e a gente se cobra nessa imagem. A gente tem a imagem que a gente quer passar, que é... que as vezes corresponde às vezes, não corresponde com aquela imagem que a gente faz de si. E a gente tem aquela imagem que... que a gente imagina que os outros tem da gente.

Rita: Exatamente, por isso que eu parei de assistir as minhas videoaulas e as minhas lives. Do jeito que ficou, é assim que vai.

Pesquisadora mestranda: Entrega pra Deus.

Rita: Por que no começo eu estava levando quatro horas pra gravar uma videoaula de quinze minutos. Então, foi uma coisa que eu me desapeguei também. No começo, eu aceitei essa condição, porque eu estava nova no processo, mas agora o jeito que foi vai ficar e fim da história. Porque além de tudo, por ser professora de língua portuguesa, você é muito cobrada no jeito de falar, né? É o plural, é o singular. E no dia a dia eu não sou uma caneta vermelha que sai corrigindo o mundo. E eu erro também. Eu erro também. Então eu odeio que olhem pra mim como se eu fosse uma caneta vermelha. Então se eu erre, vai ficar errado, eu não

vou refazer. Coisa que jamais eu admitiria lá no começo. Agora eu consigo fazer três videoaulas em três horas, antes eu fazia uma em quatro horas.

Pesquisadora 1: E o trabalho, né? Desestressa, porque você fez, acabou, mandou.

Rita: Exatamente, jamais assisto live, mas de jeito nenhum. Não quero me ver, porque eu sei que a hora que eu começar a me ver, eu vou começar a colocar defeitos e eu não estou podendo me por defeitos agora.

(Risos)

Pesquisadora 1: Não nesse momento. Vamos deixar isso pra depois.

Rita: É, porque agora eu não tenho tempo, agora eu não posso, eu tenho que fazer a coisa andar.

(Risos)

Pesquisadora 1: Desapego como diz o Pesquisador 1.

Sônia: Depois a gente reflete sobre, né?

Pesquisadora 1: Fiquei lembrando de você aqui ainda do meio ligadona. (Risos) Fala.

Sônia: Então eu tinha duas coisinhas pra falar. Então uma das coisinhas que me veio a cabeça eu talvez não seja importante o que eu vou falar, mas é... agora que cê me explicou essa parte do... do... do outro, tava só explicando, isso... eu falei: “eu vou falar”. Porque, como pra Vigotski, o que a gente pensa, a gente fala na cabeça, mas não sai, é também, né? Então, é uma fala internalizada. Então, quando eu estava me assistindo, me veio a parte, eu não sei qual parte de leitura de Vigotski que foi, que fala do mal estar. Eu não sei qual é a parte, eu tava até procurando aqui se era no livro do Clot, que a gente tá fazendo o estudo de leitura na sexta, né? Eu tenho quase certeza de que é no livro do Clot que fala sobre o mal estar, né, que eu senti, né? A angústia, o mal-estar que né? Eu... eu até no dia eu falei sobre que é um mal-estar que eu tive. É... eu acho que foi devido à dificuldade mesmo de eu sair de mim e, enfim, reportar à outra pessoa aquilo que eu faço. Enfim, a gente tem essa coisa do desapego, né, muito forte, né? Então, é isso aí que eu queria falar e tem mais uma coisa, daí teve uma fala internalizada minha que quando eu tava assistindo a parte do *YouTube* ali, do link, eu mesmo e... pensei comigo. Pensei, até depois eu anotei aqui, o que eu pensei. Porque eu não... não falei, não verbalizei, eu só pensei essa fala, né? Aí depois, né? Depois eu falei: “não, mas eu tô sendo muito crítica”. Eu falei assim: “tá, mas não faz sentido disponibilizar as aulas em link, do

YouTube, se as crianças não tem acesso à TV, terão acesso ao *YouTube*?”. Eu fiz essa, essa fala, eu, né? Comigo mesma. Ainda bem até anotei. Por... mas depois eu pensei, falei: “ah não, mas tem aluno que vai assistir só pelo tu... pelo *YouTube*”. Depois eu me... eu mesmo me auto sabotei, vamos dizer assim, me critiquei, né? Por que a gente o tempo todo tá se sabotando, né? Na nossas práticas e tal, a gente tá... a gente... a gente é o pior juiz, a gente é o pior juiz da gente mesmo, né? Então eu, eu mesma me critiquei e depois eu mesmo amenizei a minha crítica. É isso.

Pesquisadora 1: Uhum. É. Não. Porque assim, ó, isso de você se questionar é normal mesmo, né? Mas por que que eu tenho que fazer isso? E não é se criticar, é se questionar, porque é diferente. A crítica, claro, é um questionamento, mas não na crítica no sentido negativo, né? Mas um questionamento sobre o que você tá fazendo, aí depois cê tenta, como cê mesmo diz, você se ameniza, né? Se justifica dizendo: “não, mas é porque tem um lá, sei lá eu aonde, que vai assistir”. Aquela... o teu questionamento é muito... é muito justificado, na verdade, né? Se eles não assistem nem na televisão eles vão assistir no *YouTube*, né? E você fica lá se matando pra mandar link?

Sônia: É. Entendeu? Às vezes eu fico perdendo... porque eu pensei assim, aquele monte de link lá, às vezes ninguém vai, vai dar bola praquilo. Eu não sei. Que seja uns dois, três, que assista, que dê... que vá lá e veja, entende? Que faça certinho o negócio. Mas eu fiquei pensando depois, refletindo isso, sabe? Por que a gente pensa que o mundo é perfeito, a gente tem muita coisa de ficar colocando flores, né? Nas coisas. Romantizar, né? É... eu tava assistindo hoje o... o curso do... do PROFCIAMB. A gente tem essa coisa de romantizar, de pôr flor em tudo, né? Mas a realidade é outra. Expectativa e realidade. É isso aí. Mas era isso que eu queria falar só, Pesquisadora 1. Eu cá aqui, meu celular desligou, enfim. Mas agora (inaudível).

Pesquisadora 1: A gente ficou esperando você voltar aqui, a gente tava esperando você voltar, porque vi que tinha caído ali, né?

Sônia: É. E hoje a internet tava ruim aqui em casa mesmo. Eu não sei por que desligou tudo a internet hoje durante o dia. Eu fiquei um tempão sem, tive que usar a internet do celular.

Pesquisadora 1: Deu muita ventania ontem, talvez isso... Deu muita ventania ontem, isso pode afetar.

Sônia: Eu acho que sim. Também... eu não consegui fazer nenhum encontro com os meus alunos hoje. É verdade.

Pesquisadora 1: É, então é por isso, por causa da ventania ontem deu alguma... atrapalha alguma coisa, né? Nas redes.

Sônia: Ah, tem uma mesma coisa que eu queria falar procês. Adivinha? Novidade. Entre aspa. Na verdade, entre aspas. Adivinha? Lá vem bomba, hein? É... eles vão querer que a gente faça reposição. Olha que palavra linda, reposição da... das... do tempo que a gente ficou parado, entre aspas, também em abril. Que na verdade a gente não ficou parado.

Pesquisadora 1: Como assim reposição?

Pesquisadora mestranda: Mas... mas agora desobrigaram a ter duzentos dias letivos. Por que que teria que ter?

Pesquisadora 1: Já tinha desobrigado.

Pesquisadora mestranda: É.

Sônia: Eles acham que a gente num fez nada em abril. E quando a gente trabalhou, a gente tava querendo... a gente tava provando pra eles, né? Naquela nossa movimentação lá, né? Que o Pesquisador 1 explicou e a gente conversou. A gente tava tentando provar pra eles que a gente tava trabalhando, mas agora ele... não... não adiantou nada nossa movimentação. Enfim, não deu em nada. Eles querem que a gente trabalhe no sábado também. Trabalhar pra eles, no caso, no sentido não de dar aula, né? Mas mandar atividades, essas coisas, pros alunos fazer no sábado. Ou seja, o sábado vai ser reposição. Ficaram todos azulzinho os sábados.

Celina: Eles conseguem ser piores que o Estado, hein Celina?

Celina: Conseguem.

Sônia: Ah, Jacó. Jacó já ia lançar bomba em tudo eles ali. Jacó, já ia meu Deus do céu. Jacó aqui: “oprimido! Lálálálá”. Né? Já ia ser uma coisa louca. Então é isso aí.

Celina: Eu fico imaginando é... o que que eles vão querer enfiar nesse sábado de reposição, sabe? Porque já é uma loucura isso que... que tão fazendo de segunda a sexta. A quantidade exacerbada de atividade de todos (inaudível) incoerente com a realidade do núcleo. Eu tô falando isso porque eu conheço quem são os alunos do município, que estudam na rede municipal, quais são as escolas, as do centro e as que são mais longe. E aí, o que que acontece? Você ainda colocar um sábado de

reposição? Você ainda colocar mais coisas? Gente, isso é desumano. É muito pior do que o estado.

Sônia: É muito pior. Alguém tem que reclamar. Será que esses pais vão reclamar? Tomara que vão reclamar, gente, tomara que joga uma bomba lá no negócio lá, faça uma manifestação.

Pesquisadora 1: As tuas crianças... as tuas crianças fazem aula no município de Matinhos?

Celina: As minhas estão no município.

Pesquisadora 1: Então, os filhos da Celina são alunos. Quer dizer, eles tão com essa carga, você tem acompanhado essa carga enquanto mãe. E agora vai vir esse negócio de sábado, né? Eles já avisaram pra vocês enquanto família, que isso vai acontecer, não?

Sônia: Acho que não foi avisado né, Celina?

Celina: Não, enquanto família não. Eu já tinha ouvido, mas eu sabia que enquanto família não. Bom, eu como mãe, deixo bem claro pras professoras, assim: “olha, não tem nada a ver com o trabalho de vocês, mas meu filho não vai fazer aula de direitos humanos, meu filho não vai fazer aula de ensino religioso, porque não é obrigatório. Meus filhos... a tua educação fica uma guerra e eu vou esperar recuperação, sabe?”. Vamos ver o que a professora vai propor, porque não existe possibilidade de acompanhar. Já é muito difícil, tanto que eu tava com a postura de... de fazer assim, é... pegar a apostila, o que foi proposto, ver o que vale presença. E eu sento do lado deles, a gente vai tentando fazer, tanto eu quanto o Maurício. E de repente, começou a vim uma coisa assim: “não, não, mas tem que fazer as que tão propostas lá na videoaula também”. Falei: “não tem, não. Não, não tem não. Cês não tinham falado que precisava fazer as da videoaula. Precisava fazer as que contam presença. Estou fazendo aquelas que constam como presença”. “Eu, como mãe, decido se eu quero que meu filho faça ou não. Vocês tão dando essa liberdade pra gente”. Daí a outra professora veio falar comigo: “pois é, é que eles botam pressão, Celina. Cê sabe comé que é, eles tão fazendo, a gente fazer tudo isso”. Tem que fazer as videoaulas, tem que fazer atividade da apostila, tem que fazer atividade extracurricular e ainda tem que ir lá na escola buscar avaliação pras crianças fazerem avaliação em casa e depois tem que ir lá devolver. Eu acho que o núcleo de

Matinhos está assim desumano com... com os... com os professores, eu acho que é absurdo que eles tão fazendo. É pior do que o Estado.

Pesquisadora 1: É. Porque agora é reposição do que, né? Porque assim, oficialmente a gente não tem que cumprir duzentas horas, não tem e... as... as duzentos dias, né? A gente tem que cumprir as oitocentas horas. Mas as oitocentas horas você consegue dar conta de provar o trabalho, pela ati... pelas atividades encaminhadas. Quer dizer, provar oitocentas horas é fácil, né? De... de pôr no negócio. E não tem que cumprir duzentos dias. Agora, por que que tem que repor no sábado, né? O que é isso, né? Coisa muito louca, mas enfim. O Pesquisador 1 falou alguma coisa do sindicato aí. Eu não sei se o município, se os professores do município de Matinhos tem sindicato. Que não é a APP. A APP não é dos professores do município.

Sônia: É... O sindicato nosso é em Paranaguá. As meninas hoje que já tinham ido lá pra fazer o...

Celina: O sindicato, na verdade, é o mesmo que o do estado, é a APP Sindicato, no Estado.

Pesquisadora 1: Também? A APP sindicato é pros professores do município também? Ah tá.

Pesquisador 1: É que eu acho que isso é um... tá pensando, né? Dá... de uma perspectiva da ergonomia clássica, né? Que é o que o pessoal trabalha. Então a gente dimensiona a quantidade de horas que um trabalhador trabalha. Como a Dagmar faria ali... eu vou lá e começa a dimensionar todas as atividades que faz um professor. Como a gente tava falando aqui na instrução ao sócia, né? Levanto tal hora, abro o vídeo tal hora, faço tal hora... faço... E aí dimensiona assim. Porque o... porque exatamente a... provar a quantidade de horas extras que são desenvolvidas e a sobrecarga do trabalho do professor, né?

Pesquisadora 1: E do aluno. Professor e aluno. Porque assim, aí manda aquele monte de atividade pras crianças fazerem em casa. Quanto tempo eles levam fazendo aquela atividade em casa, né? Leva duas, três horas fazendo atividade em casa, todo dia, todo dia, todo dia? Então, tem muita atividade.

Celina: São 3 videoaulas por dia. E eles sabem que são videoaulas de quarenta e cinco minutos. Pois é, a gente tá falando de aproximadamente três horas-aula Hm-huh. Se eles verem essas atividades propostas, tanto as da videoaula quanto a da

apostila, pelo menos mais 2 horas. Eu não consigo fazer meus filhos levarem menos tempo que isso. Então, são cinco horas de trabalho. Só com o aluno fazendo as atividades.

Pesquisadora 1: Então, já tá além das horas diárias normais, com quatro. Já tão cinco. Quer dizer, já tem uma hora sobrando por dia.

Sônia: Se não me engano, eles estão exigindo 6 horas de estudo que os alunos, né? Seis horas semanais. Então, é... deixa eu falar, é... Ai meu Deus, fugiu que eu ia falar agora. Ah sim, fora que aquilo que a Celina falou, fora que cada videoaula. São três videoaulas, né? Cada videoaula, a professora, ela não aborda, por exemplo, ela tá abordando um assunto, vamos supor sistema respiratório. Ela começa falando do sistema respiratório, depois ela vai pro cardiovascular, depois ela vai pras experiências. Então não existe só um assunto na videoaula. Eu sei porque eu faço os PPDs da videoaula. Então, ela coloca... aborda três, quatro temas numa videoaula. Eu acho que pro raciocínio, das crianças, né, isso, eu acho que pode ser que seja muita... muito assunto pra uma aula só. Ainda mais quando é a distância. A distância podia ser uma coisa mais sucinta, né? Mas assim, vamos pegar uma aula sobre isso, vamos falar só sobre isso, uma coisa mais pontual, entende? Isso aí sobrecarrega também.

Dagmar: Eu gostaria comentar. Aproveitar. Falando sobrecarregar e essa cobrança toda, é.... aqui no município de Paranaguá... ahm... na minha escola essa semana deu um desconforto, assim, geral. É, a coordenação e a direção da escola é... começou a cobrar os professores ahm como se deu a entender que não estavam fazendo o suficiente pra chamar a atenção dos alunos. Porque são alunos de primeira a quinto ano. Então colocaram: “ah professores não desanimem, é... vejam que tem oitenta por cento dos pais nos grupos”. E aí os professores ficaram chateados pela palavra, porque pode ter oitenta por cento dos pais no, nos grupos, mas quanto por cento tá participando? Então é uma coisa assim que... que se transformou numa cobrança. Os professores começaram a falar: “poxa a gente já... já grava em cima da apostila”. Tem uma professora que comprou até um quadro parecido com o da escola, sabe? Então pra fazer a chamada, colocou o nome de todos ali. Então assim, a gente faz tudo que pode. Aí no final de tantos comentários, aí a coordenação se justificou dizendo: “ai é porque nós somos cobrados”. Só que a gente... que mais que a gente vai fazer? Ir lá na casa do aluno? Não tem como dar

aula. Então, nós fomos cobrados, nós precisamos cumprir metas e essa carga horária de trabalho. Só que não tá tendo o público suficiente pra justificar isso. Eu acho assim que recaiu nos professores e a gente não tem mais o que fazer, ficaram todos frustrados. Quando...

Pesquisadora 1: É aquela... que a gente comentou outro dia. Eles cobram é... do professor o desemp... é assim, eles medem o desempenho do aluno e jogam isso pra cobrar do professor. Então, assim, os professores tão fazendo, mas como tem alunos que não participam, então não é o problema do aluno ou... ou vamos procurar qual a prova do aluno que participa. Não, joga pro professor, né? Então essa... Aí, como você falou, tem que cumprir meta, né? Os governos, né? Prefeitura, Governo do Estado ele... ele só mede o desempenho final, né?

Pesquisador 1: Em ano da eleição.

Pesquisadora 1: Oi? Ano de eleição. E eles contam número. É não sei o que, é IDEB, não sei o que, não sei quem. Eles contam só número. Então é... é muito é... desproporcional os funcionamentos, né? Aí o como... a importância de, é claro, é outro sistema, né? Como a Rita, a Rita tava contando pra gente do grupo que eles têm lá, mas se eles têm um grupo de vinte professores que tá trabalhando unido, cê pensa força que tem um grupo de vinte professores de na hora de reivindicar alguma coisa, né? Porque não é um. Ela falou que às vezes na hora de falar é melhor menos, mas um falou em nome de vinte. E vinte tem força pra falar, né? Não é simples assim, né? Pra você, né? Claro que ela tá no sistema privado, tem outras é... outros funcionamentos. Mas na... nós da rede pública, a gente tem, se a gente tem um grupo unido na escola pra rebater uma... uma coordenação dessa, uma direção dessas. “Olha, olha aqui. Então vamos mostrar todos os pedaços, não é assim”. Né? Quem que vai lá atrás do aluno? Quem que vai na casa do aluno então? Quem que tem lá aquele... aquele monte de programas que o Estado tem, o governo tem, o siga, o não sei o que, a rede de apoio? Quem que quem que tá fazendo qual papel, né? Pra dar conta de trazer esses que tão perdidos, desgarrado aí, que não tem conexão, que não sei o que. E o (inaudível) professor, né?

Dagmar: E tem professores que se sentem assim como se eles fossem culpados. Assumem uma culpa de não tá fazendo o suficiente. E eu disse: “gente, não tem mais o que fazer, a gente faz tudo que pode, a gente grava, a gente é, traz vídeos que chamem atenção, coloca ali no grupo”. Até usei a sua falta, professora

Pesquisadora 1, porque uma coordenadora falou: “ah, professores, temos que nos reinventar”. Eu disse: “não, a gente já passou da fase do reinventar. Isso foi uma necessidade, que a gente já está fazendo desde o começo”. Então agora ahm, não depende da gente, né? Nosso, nossa função é dar aula e ensinar.

Pesquisadora 1: Impossível, mas né? Fala Celina.

Celina: Não sei quem mais que é do Estado, mas vocês lembram que ano passado teve no final do ano uma proposta de recuperação da recuperação da recuperação, que era o projeto “Mais aprendizagem”, “aprendizagem feliz”, um nome ridículo dessa forma. E que diz assim: lá na última semana de aula, o aluno que ainda estivesse pendurado, ia fazer uma série de... de aulas, de uma avaliação final e ainda ali ele poderia ter sua nota revista. E essa semana a gente no nosso grupo lá, que o nosso é o ‘clandestino’.

(Risos)

Celina: Lá no nosso clandestino, eles comentaram que possivelmente após todo esse período, com tudo isso que a gente tá fazendo ainda lá no final, o aluno que não tiver participação, não tiver nota, não tiver acesso, não tiver nada, ele ainda vai ter essa possibilidade de novo de recuperação da recuperação da recuperação, que vai fazer ele passar pra próxima etapa, pura e simplesmente. E o que eles querem é isso, nada mais do que isso, bem como você comentou, Pesquisadora 1. Mas pra esse ano, Celina, então, assim, ó, pra gente até descarregar-se de qualquer sofrimento posterior para este ano já foi acordado que não haverá reprovação. Não importa se eles não participaram, se eles não vieram e se eles não fizeram. No final do ano todos serão aprovados para o próximo ano, este ano. E isso é na rede pública e na rede privada.

Sônia: Tomara então... tomara que os nossos alunos não saibam disso. Porque se eles souberem, aqueles que não fazem nada, vamos dizer assim, já não vão... aí que vão largar mesmo.

Pesquisadora mestrande: Eles já sabem.

Pesquisadora 1: Então, isso eles já sabem.

Sônia: Eles já sabem?

Pesquisadora 1: Isso já é um fato.

Pesquisadora mestrande: Já sabem.

Pesquisadora 1: Isso já é um fato, entendeu? Então, assim, não é pra gente largar a mão do que a gente tá fazendo. Não. É pra gente continuar no que a gente tá fazendo, mas é pra gente não carregar um sofrimento que isso pode causar lá no final. Quando assim: “a gente fez tudo com esses aqui, aqueles lá que não fizeram nada vão ser aprovado igual?”. Não vamos sofrer por isso porque isso já é um fato. A gente vai continuar assim, porque a gente sabe que tem as aqueles alunos que tão ali engajados sim. A gente valoriza que eles aprendam. A gente sabe da importância do trabalho, a gente da importância do nosso trabalho. Tem pessoas que tão ali e que tão querendo e que tão buscando. Tem muito, né?

Celina: Eu queria comentar uma outra coisa depois.

Pesquisadora 1: Pode falar, pode falar.

Celina: Então, eu tive uma... uma decepção que se transformou em uma libertação, que eu acho que faz parte de... de compartilhar aqui no grupo. A gente sempre falava dos grupos de WhatsApp e hoje voltou de novo o assunto da importância dos grupos de WhatsApp e tal. Semana passada nós estávamos em recesso e logo no começo da semana eu recebi uma mensagem do meu diretor dizendo que eu fui citada numa denúncia. Recebi um PA dizendo que eu fico inventando muita firula, que eu fico fazendo proposta de atividade que os pais não entendem como que é pra fazer e que eu deveria... é... Sentar. (Risos) Eu tô com os meus dois aqui mexendo no meu cachecol.

Pesquisadora 1: Deixa eles.

Celina: Aí. E aí aconteceu que... claro que na hora que eu recebi a denúncia, teve mais duas professoras que foram citadas e eu fiquei extremamente decepcionada, porque ela tava se referindo aquele trabalho das fotografias, que foi a única atividade extra que eu tinha feito, justamente pra tentar resgatar os meus alunos, né? Então, eu fiquei um tempo mal assim. E, de repente numa revolta, eu lembrei de uma das nossas falas. Grupo de WhatsApp não é canal oficial do Estado, o Estado não nos pediu que tivesse esse grupo de WhatsApp. E começou... um monte de as professoras começaram a postar um monte de coisa e desabafo e os pais começaram a rebater e aquilo começou a me intoxicar. E eu falei assim: “não, peraí, se for pra ter grupo de WhatsApp pra que eu fique ainda mais mal, eu prefiro que esse canal não seja usado”. E eu saí do grupo. Sai de todos os grupos que tinha e falei: “quer saber? Meu trabalho ele está condicionado ao *Google Classroom*”. Lá

eles me pedem o que eu tenho que fazer. E o outro canal é ir até a escola imprimir as atividades. Então, eu comecei a realmente usar só esses canais. Confesso que eu tô bem mais feliz, tô bem mais satisfeita, mais tranquila, sem aquele apito do WhatsApp o tempo todo no meu ouvido.

Pesquisador 1: É. Tem nesse tema... né, Pesquisadora 1? O... não, tem nesse tema só pra lembrar, né? Que infelizmente é o... é um trabalho que ao longo dos anos ficou muito degradado, o trabalho do professor no sentido desses coletivos, né? Então, ficou um trabalho muito individual. Tem sujeito que é mais ativo, então começa a gerar uma história de quem aparece mais, quem faz a maior criatividade, quem é o mais querido com os alunos. É uma confusão extraordinária, né? Infelizmente a gente vê isso diariamente no nosso cotidiano, né? E é um tal... hoje, né? No caso lá é um floreio. Aff. A gente gosta um pouquinho, mas assim é o excesso do floreio, né? Aquela... aquela... é um ridículo isso.

Pesquisadora 1: (Fala inaudível)

Pesquisador 1: Né? E é o que isso faz mal pra todo mundo e gera uma competição, né? Ou seja, vai desagregando as pessoas. Imagina um grupo de WhatsApp, o que que não deve ser quando uma pessoa propõe alguma coisa, né? E aí aquilo chama atenção dos outros. Meu Deus do céu. Olha, né? Então é... eu fico... é isso. Ou seja, nosso sistema societário. Infelizmente a gente... eu consigo lá como é a história do Sherlock Homes assim, né? A dedução. A gente acerta quase tudo, que é um movimento de boiada, assim que tu previne todos os sistemas como funciona. Evidentemente tem muito mais coisas do que isso, até desmanchar essas representações. As pessoas desmancham, mas elas não são assim. Mas é que o... é um movimento que leva isso, né? Por exemplo, essa história que nós tamo falando agora sobre... sobre essas coisas que eles impõem, o cara lá tem uma ideia, porque alguém falou, o qual cutucou: “Não, por que essas professoras não tão trabalhando, coisa e tal, não sei o que”. Dizem: “Ah, então vamo botar elas pra trabalhar”. E aí não sei o que. Vocês não imaginam o grau de... de, né? De... que que eu posso dizer?

Pesquisadora 1: Não diga que eu tô gravando.

(Risos)

Pesquisador 1: Desses grupos de... de trabalho, né? E efetivamente eles se validam porque exatamente os professores são fragmentados em quarenta mil pedaços e

não consegue construir coletivos de se posicionar. Mesmo até dizer pra eles é... sobre: “ó, cês tem que fazer dessa maneira”. De dar sugestões de como as coisas tem que ser feitas, né? Isso leva outro... outro elemento que eu tava colocando aqui. Que existem agora, neste momento, pouquíssimos trabalhos que estejam acompanhando o que está acontecendo no cotidiano. Logo, é um achismo fenomenal, né? Todo mundo acha e... e, como a gente sabe, boa parte desse pessoal não sabe nem o que que é tá na sala de aula, né? Então, e a gente diz o que que os outros devem fazer na sala de aula, né? O... então é um tema complexo. Então assim, quem é que realmente sabe o que está acontecendo e que tem... que pode fazer proposições, né? De... de fazer alternativas, de construir espaços de, nesse momento, nessa situação?

Pesquisadora 1: (Fala inaudível)

Pesquisador 1: A solução mais fácil é o que aconteceu que a Dagmar relatou, que tá acontecendo também no Matinhos. Passa tudo pro professor e ele que se vire, né? Que é como... Aí os professores, evidentemente nesse mundo que já que é tudo é... que são eles que tem que dar conta. Então...

Pesquisadora 1: É já do outro lado, quando o professor é... é... faz coisas, aí criticam porque faz coisas que chamou atenção, né? O trabalho das fotos lá da Celina. Quem é que vai reclamar dum trabalho daquele? E por quê, né? Qual é o... a motivação da reclamação? Quer dizer, não... não foi uma cobrança, não foi uma obrigação pros alunos, é... você fez no seu canal pessoal, respondeu quem quis, mas aquilo incomoda, incomoda porque chama atenção.

Pesquisadora 1: Em um grupo de WhatsApp, como Pesquisador 1 falou, um faz uma coisa, outro fala alguma coisa que ele vira uma coisa que não tem fim. Não tem essa pessoa... daquilo que é igual à um campo de futebol, Pesquisador 1 as vezes fala: “é igual à campo de futebol, né? Briga de torcida”. Ninguém sabe da onde veio, nem pra onde vai aquilo, né? E acaba virando nisso. Então ó, se liberte do grupo mesmo. Não tem que tá no grupo, não tem que fazer nada naquele grupo? Pra que? Né?

Sônia: É o contágio, né? É o contágio de Vigotski.

Pesquisadora 1: Agora quando falou da história da purpurina com o vírus, né? É uma purpurina na educação infantil, né? Um chega com a purpurina, purpurina todo mundo, né? E vai embora. E aí é... a gente tem que conseguir, conhecendo o nosso trabalho, a gente tem que conseguir ter a tranquilidade é... do nosso trabalho bem

feito. Eu vou usar o bem feito, por exemplo, eu proponho atividades que... que realizam os alunos e que tem sentido e que eles produzem coisas. Se os outros tão se incomodando com isso, eles que fiquem se incomodando, não eu. Ahm? Eles que se incomodem lá entre eles. Eu tô fazendo o meu trabalho bem feito, os meus alunos tão aprendendo e tão progredindo dentro desse que tá proposto. Eles que... eles que fiquem se incomodando entre eles, né?

Pesquisadora mestranda: É... Bem isso.

Pesquisadora 1: Enfim. Muito bem, meninas.

Pesquisadora mestranda: Tudo... era a Dagmar que queria falar?

Pesquisadora 1: Era.

Dagmar: É. Eu fiz uma expressão de fala. Não, eu fiquei imaginando assim uma colega que até numa dos... dos relatos, a professora Pesquisadora 1 aquela vez, que assim ela passa horas pra gravar dez minutos. Por que ela é bem inibida, sabe? E detalhista também. Uma pessoa bem exigente, mas uma excelente profissional. E aí eu perguntei pra ela o que que ela achou da... dessa situação, né? Do... do coordenação. Ela disse: “Dagmar, parece que tudo que eu faço nada é suficiente e nunca vai ser”. Ela se achando, assim, incompetente. Então, eu não absorvo isso, porque. Né? Tenho outra personalidade. Eu sei quem eu sou, eu sei o que tá acontecendo lá, mas tem pessoas que não, sabe? Se elas tivessem talvez num grupo, né? Desse privilégio que a gente tem aqui de tá nesse grupo ou em outros grupos, como as meninas falaram, talvez não pensasse assim.

Pesquisadora 1: Cê vê e uma professora, como diz você, que tá lá, se esforça pra... pra fazer um trabalho bem feito e aí ela fica num grau de desmotivação com um negócio desse ou de frustração, né?

Dagmar: Exatamente.

Pesquisadora 1: A pessoa se esforça um monte, né? Mesmo assim, ó, eu num sei, é isso, eu não sei manipular a câmera, não sei montar vídeo, eu tô lá, sento na frente do computador, faça aquele negócio, né? Morro de vergonha. E aí e os outros vem e pau, né, em cima. Não tem nenhum mínimo de, assim, uma empatia, né? Um... um olhar para o outro, né? E a coisa vem esse... e aí você frustra as pessoas no trabalho, quer dizer, frustra no trabalho do outro que não precisava acontecer, né? Fala Pesquisadora mestranda.

Pesquisadora mestranda: Ó, e, e isso que você falou da sua colega, é exatamente o... você me descreveu, assim. Eu demorava de quatro a seis horas pra gravar um vídeo de dez minutos. Por quê? Porque eu gravava o vídeo, eu regravava, a minha voz eu não gostava, eu regravava e regravava e regravava. Na hora de editar, eu ficava com fone, eu fechava a casa inteira, brigava com a minha filha que eu queria tirar a respiração que ficou ruim ali de ouvir. E assim, é... porque eu queria entregar pro aluno o melhor de mim, que eu também faço em sala de aula. Então, assim, pra mim foi uma neurose muito grande no começo. E OK, eu convivi com aquela neurose minha, porque sempre foi a minha neurose no *power point*, eu tô dando aula, eu vejo uma vírgula fora do lugar, eu paro a aula pra ir lá corrigir a vírgula no *power point*. Então, assim, é... o maior problema ali pra mim não foi a minha neurose que eu já convivia muito bem com ela, ela era minha amiga, dava a mão pra mim e a gente ia pra aula junto, mas um problema pra mim foi esse negócio de nunca tá bom, nunca tá bom, não... não existe um... um momento de a gente conversar com os professores, porque tá naquela... naquela roda e a gente não tinha mais um momento de falar assim: “ó, mas eu também faço assim, mas ah, tá tudo bem, vamos se ajudar”. O coletivo no primeiro momento da minha escola lá ele... ele foi muito esmiuçado, não teve esse fortalecimento, né? Então assim, a gente se ajudava apagando fogo pra gravar, mas a gente não conversava sobre o que a gente fazia. A gente conversava como resolver o problema do computador da tela do microfone, do não sei o que, mas não tinha conversa do como fazer, porque fazer. Então, isso foi me matando, foi me frustrando. Me matou, assim, no trabalho um pouco.

Pesquisadora 1: Ó, de repente, Dagmar, vai cê tá.... De você pensar com algumas colegas suas lá... é... de repente vocês se reunirem, né? Pra começar a ter um momento de falar sobre, né? Acho que, de repente, seria um caminho. Ainda mais agora que vem essa cobrança em cima, né? Pra discutir então um pouco: “e aí? Comé que nós vamos fazer? O que que é possível? O que que não é possível? O que que faz parte do meu trabalho? O que que não faz? O que que a gente vai dar conta? Com que que a gente não vai sofrer, né?”. Começar a ter um espaço de discussão sobre... sobre o trabalho, né? Que é muito, faz muita falta a gente não poder fazer isso.

Dagmar: Sim, por que elas tão assim....

Pesquisadora 1: Aham. Eu acho interessante. Tem um pessoal que já participou ali com você com os relatos, né? Então a Dagmar já tá começando o movimento lá na escola dela.

Dagmar: Vou começar um movimento, sim.

Pesquisadora 1: Ah. Muito bom. Muito bem, meninos e meninas. A Sônia se descobrindo. Sônia, adorei o meio ligadona. Teve outras falas tuas Sônia, naquele vídeo. Tem várias lá. Se você for pegar, tem várias, né? De que quando a gente se vê, escreve e daí a gente fica pensando né? Observando se você tava querendo se descrever pra nós ou se você tava se descrevendo pra você mesma, né? Assista o vídeo de novo, ouça lá de novo e fique pensando se você tava falando aquilo pra você mesma, querendo é... se... se ver naquela posição ou era pra gente que cê tava falando,omé que era aquele negócio. Tem várias desse meio ligadona lá. (Risos)

Sônia: Isso, eu vou escutar mais vezes, porque cada vez que cê escuta, se vai parando, se escutando, cê vai tendo uma, né? Vou escutar mais vezes. É verdade.

Pesquisadora 1: Isso. Aí a gente volta nele.

Sônia: Isso.

Pesquisadora 1: Muito bom. Gente, muito obrigada. As meninas tiveram que sair.

Pesquisadora mestranda: Muito obrigada.

Pesquisadora 1: A Rita pediu pra depois, na hora que eu passar o vídeo, você pode mandar pra ela, pra quem quiser, né?

Pesquisadora mestranda: Sim.

Pesquisadora 1: Todos que participam são todos co-proprietários do vídeo.

Pesquisadora mestranda: Eu vou mandar. Eu também fiz o áudio aqui no Whats, porque facilita depois pra enviar, fica mais fácil ali, né, com o celular, rapidinho, né?

Pesquisadora 1: Claro, claro.

Pesquisadora mestranda: Então, fiz também os áudios aqui, vou mandar pra todo mundo. Eu não sei, vou mandar pra quem quiser, né? Quem pedir eu mando. Eu vou mandar pra Celina, especificamente, né?

Pesquisadora 1: E aí o vídeo, quem quiser, também pode mandar.

Pesquisadora mestranda: Aham.

Pesquisadora 1: Obrigada por terem vindo.

Pesquisadora mestranda: Muito obrigada!

Pesquisadora 1: Celina, que bom que você saiu dos grupos. Adorei.

(Risos)

Celina: Eu me revoltei e agora se me perguntarem, ainda vou falar: “ué, não é canal oficial, não tenho obrigação de tá lá”.

(Risos)

Pesquisadora 1: (inaudível) da comunicação do *Classroom*.

Celina: Isso mesmo. (Risos) Eu quero saber se semana que vem, então, é pra gente comprar garrafa de vinho e deixar separadinha já pra gente tomar junto?

Pesquisadora 1: Opa.

(Risos)

Pesquisadora mestrande: Ai, é que vocês, vocês, do litoral, né? Todos moram muito longe, que agora eu só tô falando com gente do litoral aqui, né? Mas assim, pra quem mora em Curitiba, hoje eu já mandei uma mensagem e alguns já falaram que não, a Kátia, por exemplo, ela já falou que não quer o vinho, que ela quer fazer um artigo comigo. Ó, tudo bem, né? E aí, assim, então, praqueles que querem, que tá aqui comprado aqui em casa, eu vou mandar antes de quinta-feira, então, esses já vão ter o vinho disponibilizado pra brindar, porque eu vou entregar na casa de cada um aqui em Curitiba. Mas vocês eu não consigo, gente.

Pesquisadora 1: Ah, consegue sim. Você entrega na casa da minha mãe, que semana que vem eu vou lá.

Pesquisadora mestrande: Ah, pode ser. Pode ser, profe. Que que cê acha?

Pesquisadora 1: Aí eu trago o da Celina viu? Ó, aqui a gente tá mais perto, mais fácil de entregar pra ela.

Pesquisadora mestrande: Eu vou fazer isso então. Vou fazer isso então, combinado? Me passa o telefone... me passa o endereço da sua mãe, que eu vou mand... que eu vou levar lá. Daí vocês vão buscar na casa da professora Pesquisadora 1.

Pesquisadora 1: (inaudível) os meninos aqui do litoral, veja bem.

Pesquisadora mestrande: Tá comprado, gente, tá ali, bonitinho.

Pesquisadora 1: Não, mas a ideia é ótima, pra gente fazer aqui o nosso (inaudível) de encerramento. De encerramento não, assim de... de fase, né?

Pesquisadora mestrande: E travou, profe.

Pesquisadora 1: A gente faz um movimento que é bem bom e... e.... super topo. A gente providencia assim uns petisquinhos, ó.

Pesquisadora mestranda: Beleza. Combinadíssimo.

Sônia: Queijo, queijo, queijo.

Pesquisadora mestranda: Queijo, salaminho.

Pesquisadora 1: Queijo. Que se continuar esse frio vai ser bom.

Pesquisadora mestranda: Isso aí.

Celina: Muito bom.

Pesquisadora mestranda: Então gente, eu, mais uma vez, eu agradeço todos vocês por terem aqui e por terem participando não só da minha pesquisa, mas desse meu momento de vida assim, né? Que é... tá muito transformador pra mim, muito incrível. Eu lembro do começo do mestrado que o professor Pesquisador 1 falou pra mim, no começo mestrado não, né? Já tava ali mais encaminhado no mestrado, mas que ele falou pra mim bem assim: “o meu mestrado foi o meu momento decisivo de bibliografias e de estudos”. E daí ele bem assim, por que eu tava meio abandonando assim, né, num momento ali, num certo momento do mestrado. Acho que todo mundo teve essa fase, né, de meio que abandonar assim e depois voltar. Aí, o professor falou isso e eu realmente... nossa, é um outro mundo que eu vivo hoje, né? É, eu vivia num mundo antes da... desse mestrado e antes do nosso grupo de estudos e antes desse grupo aqui e agora eu vivo em outro mundo assim. É muito louco. Muito obrigada a todos vocês eu só tenho a agradecer.

Pesquisadora 1: Vamo engrossando o nosso grupo, daí. Aí as meninas todas quem não está, né? Depois você pode transmitir pros outros que não tão aqui, né? Quem quiser vir participar dos nossos grupos, continuar os estudos são super bem-vindos, né?

Pesquisadora mestranda: Tá bom.

Pesquisadora 1: Foram abertos.

Pesquisadora mestranda: Certo, gente? Então, só agradeço vocês. E assim, na... no dia cinco do oito, semana que vem, quarta-feira que vem, fica o convite então, do encerramento com vinho no final. Né? Na verdade com o que vocês quiserem, com água, com suco de laranja, né? Eu vou fazer com vinho, né? Enfim.

(Risos)

Pesquisadora mestranda: Mas fica... fica o convite. Venham, se não puderem me avisem ali, né? Pra gente poder conversar mais um pouquinho.

Pesquisadora 1: Pra gente poder erguer a taça, né, um em nome do outro, né?

Pesquisadora mestranda: Isso, exatamente. Tá bom? Brigada por terem vindo hoje, mais uma semana. Muito, muito, muito obrigada. Fiquem bem, fiquem com saúde e até a próxima.

Dagmar: Até.

Pesquisadora 1: Gente, beijos.

Pesquisadora mestranda: Um beijo.

Sônia: Até.

Pesquisadora mestranda: Brigada. Tchau. Minha qualificação é segunda!

(Risos)

Dagmar: Boa sorte!

Sônia: Linda!

Pesquisadora mestranda: Tchau gente.

Pesquisadora 1: Eu vou mandar o link pra Dagmar, né? A Sônia saiu. Não deu tempo, mas eu vou mandar pra Sônia assistir. A Dagmar se quiser. Eu vou mandar o link pra elas, viu Pesquisadora mestranda?

Pesquisadora mestranda: Ah Jesus.

Dagmar: Eu quero assistir. Então até sexta no nosso grupo também. Boa noite.

Pesquisadora mestranda: Tá bom. Tchau pra vocês, brigada.

Pesquisador 1: Tchau, tchau.

APÊNDICE VII - Retorno Rita

Pesquisadora 1: E aí Pesquisadora mestranda o que você achou da qualificação? Vamos falar rapidinho enquanto o pessoal chega...

Pesquisadora mestranda: Eu gostei muito dos comentários, achei todos assim, muito pertinentes. Não sei até que ponto a gente consegue abarcar tudo, mas acho que realmente falta muita coisa ali no texto escrito. Muitas das coisas que eles apontaram, mas também a gente tinha conversando e eu já tinha imaginado essas coisas que faltavam. Por isso que eu não fiquei tão desesperada, porque a gente já tinha previsto muito dessas que coisas que faltavam e muito do que eles comentaram pra fazer a adição no trabalho. Assim, por isso que eu fiquei tranquila, por isso foi muito bom, porque senão eu acho que eu teria infartado. (risos) Mas eu acho que eu vou ter que assistir de novo pra entender, eu só sei disso, porque eu anotei isso, porque eu não lembro a metade do que eu falei (risos). Aí por isso assim, eu não lembro de nada que eu falei, se eu falei besteira me desculpem os dois. (risos) Enfim, eu pensei que ter as meninas lá, iria me deixar muito ansiosa porque é mais gente, mais plateia, mas muito pelo contrário. Ter as meninas do grupo de estudos ali foi muito bacana, porque você sente mais segurança. As vezes você só olha lá o nome e sente mais segurança, porque ela tá lá com você construindo esses conceitos no grupo. E foi muito legal!

Pesquisadora 1: É o sentido do que a gente tem falado aqui varias vezes né, da gente tem quem nos suporta, quem nos suporta né? Em francês tem uma palavra que eu gosto muito que em português eu ainda não achei que é o *épauler*. Ombro em francês é *épaule*, e em francês se diz que a gente *épauler* uns aos outros. Que é isso né? A gente se apoia nos ombros, se apoia. Então essa ideia de que um te apoia de cada lado, nos ombros, é a *épauler*, eu gosto dessa imagem de dar segurança.

Pesquisadora mestranda: Eu gostei muito dessa expressão profe, porque foi bem isso que eu senti, de apoiar, de tá junto assim mesmo, enfim. A minha mãe e meu pai queriam assistir, daí eles me perguntaram se eu ia me sentir confortável deles assistirem, daí eu falei “não sei”, daí eles não assistiram. Porque é aquele negócio, eu nunca passei por isso antes, apesar de eu gostar de falar, eu sempre preferi na minha vida acadêmica apresentar do que fazer prova um bilhão de vezes. Assim, eu

acho que eu me expresso melhor na fala do que na escrita, então eu acho que pai e a mãe é um baque grande tá lá junto, porque a gente não quer decepcionar. Mas, enfim, eu acho que seria um grande suporte também.

Pesquisadora 1: A qualificação como a gente falou, na qualificação é um momento fechado, as meninas que estão no grupo vão passar e vão falar, mas é um momento muito fechado assim, porque é um momento muito bom mas pra quem tá no trabalho e não pra quem vai assistir né? Já a defesa não, a defesa tem outro ritmo, daí já é aberta, pai e mãe sentem muito orgulho. Eles não entendem nada, mas acham tudo muito lindo. Então é muito legal essa parte, é muito bacana. (Risos)

Pesquisadora mestrande: E tem muita coisa que a gente apresenta numa defesa de tese que o pai e a mãe não entendem, mas sente muito orgulho. Mas as meninas que vão passar ainda, principalmente quem tá aí na boca do leão, não é tranquilo, mas cara... é assim, é um momento muito louco, porque ele é muito rico. Dá muito medo, mas você ter alguém que olha o teu trabalho e quer ajudar a construir ele te sugerindo coisas... que nem a gente tinha falado né, profe, de fazer um histórico da pandemia, mas do jeito ali que a professora, não sei se você tinha pensado nisso, mas eu não tinha pensado nisso, de fazer uma linha do tempo e ir correlacionando as coisas, então tipo isso eu não tinha pensado, já pensei... na hora que ela falou eu pensei numa linha do tempo mesmo, numa imagem que resume e que depois eu possa me referir ao tempo dois, ao tempo três... muito legal.

Pesquisadora 1: Então a gente pode começar com a Rita, com o retorno da Rita, é bom que tá fresquinho a instrução da Rita, ela nos contando as atividades... como a Pesquisadora mestrande tem uma memória do teu trabalho, né, então tem aquela... o que fazia de hábito e depois a gente passou pro que vai fazer pra frente. Enfim, foi bem interessante esse jogo temporal que aconteceu ali. Rita, você ouviu a tua instrução? Você separou algum trecho escrito, ou você fez oralmente pra gente comentar?

Rita: Eu até fiz por escrito, mas o meu computador não está me ajudando. Eu fiz alguns tópicos, mas eu lembro de algumas coisas do que eu fiz. Eu escutei até o final do encontro, depois a Pesquisadora mestrande me passou todos os áudios. Da parte da minha instrução, o que me chocou é o fato de que, até então, eu não tinha noção do quanto tempo eu levava pra concluir um conteúdo, né, um objeto de estudo. E eu também ainda não tinha processado quantas coisas que eu fazia no

automático, uma coisa que pra mim eu fazia no automático e que pra mim já tá normal... é muita coisa.

Pesquisadora 1: Você pode me dar um exemplo de algumas dessas coisas que você fazia no automático?

Rita: Por exemplo, eu citei que antes daquela aula, daquela live que eu preparei as tabelas pra eles alimentarem, eu comentei que eu fiz duas videoaulas, mas na verdade eu fiz muito mais, eu fiz no total de seis videoaulas. E eu já tinha trabalhado com eles duas lives. Mas, na hora, a Pesquisadora mestranda foi me instigando, me perguntando, o que veio na minha cabeça foi simplesmente da semana anterior e não o que eu tinha trabalhado até aquele momento. Então eu cheguei a conclusão de que pra gente concluir um objeto de estudo, ok que é um objeto realmente assim bem complexo pra oitavo ano, eu levei dez aulas pra isso. E eu não tinha me dado conta, porque você vai seguindo o planejamento e no meio do como você vai elaborando as suas aulas você vai e fala, “eu vou fazer isso porque vai dar certo, vai ser melhor pra eles entenderem”. Aí quando eu achava que já estava finalizando, daí eu tinha uma outra ideia de fazer mais uma vídeo aula pra eles entenderem melhor. Então eu ficava sempre naquela de fazer mais uma pra ficar completo e como eu falei, quando se trata de gramática a gente acaba prevendo muito as dúvidas.

Pesquisadora 1: É interessante você dizendo que sempre queria fazer mais uma, mas nesse entre meio é porque eles tinham perguntas, tinham alguma dúvida, é porque... ou porque você tava prevendo dúvidas mas sem ter um feedback dos alunos?

Rita: Alguns alunos, poucos, mas alguns alunos me trouxeram algumas dúvidas via chat, aí eu vi que da forma que eu expliquei pra eles individual eles entenderam melhor. Aí eu utilizei aquela forma pra explicar no geral, pra todos, porque eu pensei “não posso finalizar aqui, eu tenho que fazer mais uma, porque vai repercutir pra todos”. E nessa de fazer mais uma e mais uma, nossa, eu já tinha feito várias videoaulas antes da última pra fazer a retomada geral. Por isso que na retomada eu queria que partisse deles, eu já tinha feito mais que o suficiente, porque eles tinham a opção, eles tinham material. Então aqueles que escolherem se aprofundar naquele material que eu tinha construído pra eles, com eles, porque assim, mesmo sendo uma videoaula eu peço pra eles realizarem junto comigo tal exercício, eu peço, “abram o livro e vamos realizar tal exercício juntos”. Eu até imito a voz deles, sabe,

pra ficar assim, uma forma mais real... eu respondo por eles no final. Até chegou ali no final e a Pesquisadora mestranda falou “e se eles não responderem? Se eles não seguirem o que você tá esperando?”, na minha fala eu tinha certeza que eles iriam conseguir porque eu estava tentando fazer com que aquele objeto tão complexo dentro da produção textual na hora de uma fala e do porque aprender aquilo. E isso na hora que eu estou fazendo parece que é tão louco que eu não paro pra pensar, na hora que eu vi lá aquele resultado de quantidade eu fiquei, assim, assustada.

Pesquisadora 1: E como é que foi na aula com eles?

Rita: Foi maravilhoso, eu tenho cinco turmas, mas uma turma infelizmente até o momento não tem correspondido da forma que a gente gostaria, mas se eles correspondem um pouquinho já tá valendo. Mas com as outras turmas, assim, duas turmas eles já começaram a falar de cara, eles se atiram mais, e olha que engraçado, uma das turmas que eu vejo que elas são muito mais ativas online, no presencial elas não eram nada ativas, eles estão funcionando muito melhor no online do que no presencial, e era uma turma que me preocupava, porque eu pensava: “se eles não estão me correspondendo no real imagina no online”? E foi ao contrário, bem interessante. E então duas turmas logo já foram reagindo logo, e duas eu tive que batalhar... “Vamos pessoal, eu não vou responder, quem assistiu as video clica na mãozinha”, porque tem a opção de clicar na mãozinha. Aí tinha aqueles que caíam, (risos) que saíam né, uma tentativa de fuga né? Ai uma outra turma também foi um pouco difícil, e outra que, por enquanto, não corresponde, mas eu tô tentando.

Pesquisadora 1: E essa que não corresponde, fazendo um paralelo com a outra, no presencial eles tinham uma boa desenvoltura?

Rita: Olha, por incrível que pareça eu trabalhei com eles uma atividade híbrida, estação por rotação, e foi uma das turmas que mais se destacou, sabe? Eles fizeram muito bem, a participação em grupo foi muito boa, mas no online eles ainda não acordaram, mas eu tenho esperança que eles vão. Temos o segundo semestre. Mas eu acho que foi muito legal. Outra coisa que eu achei muito interessante, foi que, quando eu comecei a instruir a Pesquisadora mestranda, eu tinha certeza que ela ia dar conta, que ela ia fazer até melhor que eu. Porque a Pesquisadora mestranda é assim, você fala pra ela e ela vai lá do jeito dela e se vira muito bem. Então eu não fiquei na dúvida que a Pesquisadora mestranda iria fazer muito bem o

meu papel, e talvez eles iriam perceber que seria uma outra professora por estar fazendo melhor. Porque o improviso eu sempre acho que é o melhor, não que aquele improviso não tenha uma planejamento, mas aquele improviso assim: “você vai dar aula disso e se vira”. Eu acho que esse improviso sempre dá certo.

Pesquisadora 1: Então você falou da capacidade de perceber a quantidade de coisas que você faz no automático, interessante esse automático que você colocou aí no teu fazer.

Rita: É, eu falo assim no automático porque eu quero que eles tomem propriedade de uma forma melhor daquilo que eu estou falando, e quando eu me disponibilizo a certas coisas. Aquilo que eu digo, aquilo que está relacionado com o aluno, o automático não me faz sofrer, esse tipo de automático não me faz sofrer. Porque eu sempre estou à procura daquilo que é melhor, no objetivo de que agora vai ser melhor, diferente do automático com a burocracia.

Pesquisadora 1: Meninas, o pessoal que ouviu que participou, querem entrar... o Pesquisador 1, a Helena não pôde vir no último encontro....

Helena: Eu realmente não pude comparecer por questão de curso. Mas aquilo que a Rita colocou aqui em relação aos procedimentos que estão sendo tomados no remoto, é bem isso que ela colocou! A gente tem grupos em cada sala, em cada turma que participam, que são desinibidos, não tem vergonha. E você percebe assim... por exemplo, vinte e dois alunos estão presentes numa live, eles estão te ouvindo, mas você vai encontrar cinco, seis alunos ativos nessa live. Você procura motivá-los. Você tá o tempo inteiro instigando esses alunos a trazer alguma informação complementar. Então, assim, eu acho que a nossa persistência... Eu acho sim que como a Rita colocou na continuação disso... Porque a gente não sabe quanto tempo ainda vai levar e mesmo que volte a gente ainda vai continuar trabalhando em aula remota. Então, quanto mais a gente conseguir fazer com que esse aluno entenda da importância que ele tem em sala de aula, se tem medo de errar ou não errar, é algo positivo pra gente, porque a gente tá em momento de construção. Tentar fazer com que eles se envolvam mais naquilo que e a gente tá trabalhando. Eu gosto muito de promover desafios nas lives, eu acho muito gratificante. Você lança um desafio para a próxima semana, complementar aquilo que você trabalhou. E se vocês me perguntarem, está dando certo? Pra um grupo de alunos está, eles trazem, eles produzem, eles querem apresentar, mesmo que

tenham momentos que dentro do aplicativo isso não funciona né? A gente vem se debatendo. (risos) Mas isso não sou eu, é o programa. E como a Rita colocou, o nosso maior desafio é fazer com que todos tenham essa participação, de falar, de perguntar, como acontece no presencial, no presencial é típico, mas a gente tem esse probleminha ainda pra tentar resolver.

Pesquisadora 1: É porque falta interação né? Por mais que estejamos todos aqui de câmera aberta como a gente tá, as vezes os alunos já não ficam. Essa questão da interação é fundamental na vida. E pra interação dos alunos, a gente já tem falado um pouco sobre isso, é essencial né, porque o aprendizado se dá na troca com o outro. A Rita falou uma coisa que eu achei muito interessante, daquela turma que tava meio apagada no presencial e chegou no... é uma questão da gente pensar. Quando a gente fala do aprendizado do aluno e do ensino do professor, o que a gente propõe diversificado pra que os alunos possam se apropriar pra aprender? Ai fica nítido que cada um aprende por um caminho. Então, assim, qual a nossa função de professor? A gente vai discutir isso mais pra frente... o que a gente vai ensinar... então dessa questão, talvez mais do que eu esmiuçar conteúdos profundos, é eu ter essa percepção de que eles precisam de movimentos diferentes pra que cada um possa se apropriar de um jeito, porque eles aprendem por caminhos diferentes.

Rita: Por isso que cada vez que vinha uma dúvida, que passava um dia... olha, eu vou fazer de um outro jeito, eu vou fazer de um outro jeito, até que chegou ao dia da tal tabela, e quando eles foram construir essa tabela, eu até falei pra eles “vejam como é importante a construção, isso você vão poder utilizar pra uma consulta na hora que vocês forem fazer uma atividade avaliativa, que vocês forem fazer uma prova”. E eu até brinquei com eles, “não joguem essa tabela fora, porque lá no primeiro ano, será muito importante vocês terem a tabela pra consulta, e olha que legal, foram vocês que fizeram a construção, eu só medie a construção pra vocês”. Então, lá no final que eu fiz a retomada da fala deles, eu falei, é diferente de eu chegar aqui com um material impresso, então eu espero que eles não se desfaçam dessa tabela. (Risos)

Dagmar: Eu achei interessante, bem interessante que a gente sabe, todo professor sabe que a gente pensa e achou que fez um determinado trabalho algumas vezes ali, como você falou e dentro de duas aulas você já tinha ali cinco ou seis né? Então, quando a gente pensa “eu fiz tal coisa em duas aulas”, aí você fala inclusive isso,

porque você acha que é aquilo que aconteceu. Mas depois que você escuta o que você falou, você reescreve tudo de novo. Isso nesta aula, né? Mas assim, quanto mais a gente faz no dia a dia em outras aulas, e da uma sensação de que a gente se engana um pouquinho no dia a dia, porque a gente faz muito mais do que fala.

Rita: Muito mais, eu me envolvo muito mais do que eu narrei pra vocês. E sabe Dagmar, eu ouvindo a tua fala no final do encontro, você comentou que algumas pessoas, algumas amigas suas até se sentem culpadas, e você falou “não, nós estamos fazendo além daquilo que é possível”. Por isso que eu não me sinto culpada, porque quando eu paro pra pensar em tudo que eu construí pensando nas várias possibilidades do aluno aprender, eu não posso me sentir culpada. E você segue esse caminho, né? Você sabe que você fez além daquilo que é o normal, porque todos nós estamos fazendo mais.

Dagmar: E não é só no momento que você gravou a live, antes disso a gente já tá ali pensando, pensando. Aí, daqui a pouco, “não, por esse caminho eu vou tentar isso”. Então, você já tá construindo a ideia, E esse tempo que a gente vai construindo a ideia, se nós formos cronometrar isso dá muito mais que as seis horas, você pesquisou e tudo mais.

Rita: Nossa! E, às vezes, as tentativas também de você preparar as aulas. Por exemplo, eu preparei uma aula hoje, mas amanhã já me vem uma outra ideia e aí aquilo já nem é mais tão importante, eu nem vou conseguir readaptar, eu tenho que refazer, mas pensando sempre na melhor forma de transmitir o conhecimento. Então por isso que a gente não deve se sentir culpado quando a gente não consegue atingir um aluno, eu sempre digo pra eles que a vida é feita de oportunidades e vai de cada um escolher essas oportunidades. E aí vai de cada um escolher fazer ou não, se ele não está fazendo, talvez ele não seja prejudicado esse ano, porque nós não sabemos se teremos ou não avaliações, mas eu digo pra vida, vai chegar uma hora que vai faltar pra eles.

Dagmar: E, uma outra coisa, uma outra característica que eu vejo assim, do trabalho do professor. Não é um trabalho que você só chega e já sabe toda uma instrução do que você tem que fazer. “Eu tenho que apertar o botão da máquina, eu tenho que esperar tanto tempo, pra sair lá o produto final”. O nosso produto final ele vai se formar como? Enquanto você tá digitando, enquanto você tá lá divagando, mas você tá pensando numa solução. É por isso que, às vezes, o professor não consegue se

desligar. Você quer resolver, você quer achar uma solução e aí pensa em várias possibilidades. E é até interessante, por isso que o trabalho do professor não para.

Pesquisadora 1: E como vocês falaram, né, de se sentir culpado... ele não cabe naquele resultado, resultado assim não que tenha um ponto final não é, na aprendizagem. A gente tá lá construindo um caminho de aprendizagem pro aluno, mas muitas vezes não é naquele ano que o aluno vai demonstrar o que ele aprendeu com a gente. As vezes é no outro ano, as vezes ele tá lá na frente. Então essa temporalidade também da aprendizagem dos alunos muitas vezes é interessante pra gente levar em conta, a gente não pode ficar medindo o trabalho do professor pelo resultado naquele momento né, porque não é mensurável. Muitas coisas não são mensuráveis. O aprendizado, o desenvolvimento não é assim tão facilmente mensurável. Então a gente consegue no aprendizado, na aprendizagem... a Dagmar falou da culpa né, nessa aprendizagem, então a gente consegue descolar um pouco de vocês essas duas coisas, essas duas atividades né? Eu posso entender que eu fiz alguma coisa, que eu atingi o meu resultado em um aluno numa velocidade e em outro em outra velocidade. E aí a gente vai vendo os frutos disso ao longo do tempo. Quando a gente tá lá numa escola que a gente vê o aluno no quarto, no quinto, no sexto é mais visual. Tem escolas que a gente não tem essa possibilidade de acompanhar tanto os alunos né? Fala, Pesquisadora mestranda.

Pesquisadora mestranda: Eu estava falando aqui com a minha tia, e a gente tava falando que cada um aprende num tempo e, às vezes, os professores que pegam os alunos lá muito pequenininhos... a gente que pega eles um pouco mais velhos, a gente consegue enxergar tudo isso um pouquinho mais fácil do que elas lá no começo. Porque, lá no começo, tá engatinhando toda essa conexão dos conhecimentos e tudo né? E que nem a Rita falou ali que uma turma se desenvolveu melhor na pandemia, no online. Então, assim, até isso agora a gente tá acelerando o modo de ver. Então, assim, numa atividade, alguma coisa que você precisa ter interação assim, em sala de aula exatamente por ser o presencial eles não falam muito. Então eu tô percebendo que agora, além de ter turmas que estão melhores que no presencial, tem alunos que estão numa interação que estão melhores agora com a câmera desligada. Não sei se é por causa da interação... não sei dizer, mas tem aluno que interage muito mais agora e com a câmera desligada do que antes. Porque antes ele meio que se apagava na sala, porque tinha conversa, tinha o

coletivo e agora na casa dele, com o microfone, com a palavra só pra ele e pra mais ninguém, porque todo tendo o hábito, a etiqueta de desligar o microfone, ele tá se sobressaindo. Então tá muito legal de identificar essas coisas.

Rita: Quando você tá falando isso Pesquisadora mestranda, você me fez lembrar de um aluno, que ele é bem ativo... e ele disse, “profe, eu espero que esse ano as aulas não voltem mais, porque eu já me habituei a estudar assim”. Porque, assim, ele é um menino ativo, porém ele não é muito aceito pelo turma. E ele tá se sentindo muito melhor em casa. Então eu achei super interessante ele dizer que não quer que volte, porque pra ele está muito melhor até porque ele já se habituou, já se acostumou.

Pesquisadora 1: É, tem várias variantes aí pros professores também, porque a gente também aprendeu um monte de coisa aqui, tem atividades que até eu ousar dizer que é muito mais prazerosa fazer aqui do que fazer em outro espaço. Então são muitos aprendizados em várias áreas. Como é que a gente vai daqui pra frente caminhar com tudo isso, vai haver um momento de retorno ao presencial, a gente não sabe quando, mas ele vai acontecer. E se a gente começar a conjugar de hoje que a gente tá aqui começando assim a primeira semana de agosto, e a gente começou a conversar no começo de junho, tem dois meses e a gente já percebe que na nossa conversa tem muita diferença, eu não sei como é que tá pra vocês, mas eu vou observando que existem muitas diferenças do que a gente conversou lá no primeiro encontro de como a organização do trabalho tá sendo feita. Não sei como que vocês observam também... vocês estão sentindo essa diferença de quando estava lá em maio, junho pra agora, pra agosto, o que está mexendo?

Rita: Com certeza, assim sabe, eu tinha desaprendido algumas coisas no início desse ensino remoto. E depois com os encontros eu até comentei com a Pesquisadora mestranda que eu até resgatei... pelo tempo que eu tava levando com as coisas, com o tempo que eu estava trabalhando, pelo cansaço físico e mental. E com os encontros eu comecei a me reorganizar de novo. Porque eu não gosto de sofrer. Ninguém gosta! E eu percebi que, conforme os encontros foram acontecendo, eu comecei a resgatar aquela professora de não sentir culpa, de não sentir assim... aí, eu não estou conseguindo ser cem por cento pra eles. Eu deveria ter sido melhor? Deveria ter feito uma videoaula melhor? É como eu comentei na vez passada, do jeito que ficou agora vai, porque esse foi o meu melhor deste

momento. E no começo eu tava me cobrando demais. Eu perdi a linha. E até então eu não tinha perdido a linha.

Pesquisadora 1: Eu percebi que tinha um sofrimento geral, não era só de você era um sofrimento com todas as coisas, de ter que gravar... Teve uma fala que veio de vocês que gravam as vídeo aulas, da família, daquele horror que era aquele momento de gravar a aula, era um horror pra todo mundo. Foi uma fala que me marcou muito, porque em casa ninguém pode ouvir que vai gravar uma videoaula. Um chora pra um lado, um chora pro outro, outro se fecha pro outro, outro vai fazer fechado no carro, porque era muito forte esse movimento. E olha que interessante, você disse que você tinha esquecido algumas coisas e que você voltou a lembrar.

Rita: Sim, eu me perdi, eu não sei o que aconteceu comigo que eu me perdi. Parece, assim, que eu me desconfigurei como profissional. Por mais que eu tivesse apoio das minhas amigas e dos grupos que eu participo, parece que eu acabei me desconfigurando. Teve um dia, numa reunião inclusive com a gestão, e eles pediram pra gente falar como a gente estava se sentindo e eu falei “eu estou triste, porque a minha vida se resume ao canto da minha sala”. Agora eu não estou tanto, porque eu estou conseguindo caminhar melhor, mas naquele momento eu estava me sentindo muito triste ainda, porque pensa... eu sou extremamente ativa em sala, gosto de levar aluno pra pracinha, gosto de levar aluno pro pátio. É língua portuguesa, mas eu gosto de misturar com matemática, porque dá pra misturar, já fiz trabalhos junto com geografia, com história.... E, de repente, eu tô aqui sozinha. Então, pra mim foi bem triste. E nessa tristeza eu acabei me perdendo um pouco no rigor com o trabalho, mas agora eu tô voltando e tô me sentindo mais leve.

Pesquisadora 1: E talvez fazer um trabalho menos rigoroso, voltar a ser mais divertido.

Rita: Exatamente, exatamente. Eu tô gostando mais agora.

Pesquisadora 1: E as outras meninas? Meninas e meninos. Esse caminhar, nesses meses que a gente tá junto, como é que tá sendo esse caminhar de vocês?

Celina: (Explicando o atraso na entrada para o encontro) Eu estava sentada aqui na frente do meu computador e eu estava justamente mexendo no meu projeto de mestrado. Vai sair um livro de poéticas visuais dos meus alunos. Então eu estava tão entretida, lendo, vendo as imagens, editando, organizando e não vi a hora

passar e quando eu olhei a Pesquisadora mestranda estava me chamando e eu estava viajando em outra galáxia.

Pesquisadora 1: Mas que lindo, uma hora você tem que mostrar pra gente! É de agora ou do ano passado?

Celina: Do ano passado, é de quando eu estava fazendo um projeto que se chamava “Coisas frágeis”. E ai vai sair um livro, que vai se chamar, que não é o mesmo nome do projeto, mas eu deixei: “Adolescer: como ser frágil sem quebrar”. E aí vão ser livros de poéticas visuais compostas por eles. Ai por isso, eu tava viajando aqui nas poesias que eles escreveram. Ai eu me perdi, desculpa.

Dagmar: Então falando um pouco mais sobre essa situação que a Rita colocou, que no começo foi uma mudança muito grande, e essa desestabilização... Eu acredito que é normal, porque mexeu muito com todo mundo na vida pessoal, na vida profissional. A Rita chegou a olhar... é natural, muito natural, porque já viram que quando alguma coisa vai mudar na escola, na vida profissional, alguma coisa vai mudar, ai então se dá essa notícia, geralmente se faz uma ata e todo mundo assina e todos estão cientes. E ai dali a pouco começam aqueles cursos, a gente vai se preparando psicologicamente pra isso. Só que aconteceu tudo muito rápido. Então a gente teve que aprender enquanto ensinava. Então isso foi difícil, porque a gente não tinha esse suporte psicológico e não tinha nada antecipado. Principalmente nós que fazemos planejamento, eu faço até hoje, que a escola, minhas coordenadoras pedem, eu tenho o diário o registro de tudo que foi feito e agora eu não tenho mais isso. Então tudo muda de repente, não é aquele tempo normal que a gente teve pra se adaptar. Então eu acho que isso que a Rita passou todos nós passamos. Alguns já se recuperaram, outros ainda vão levar um tempo, mas feliz de quem já está passando pra conseguir levar da melhor forma possível. A diferença que eu acho assim do começo pra agora, agora digamos que nós estejamos mais suaves com tudo, mais adaptados. Fácil não é. Talvez continuem com desafios, talvez vai aparecendo mais coisas. Mas eu acho que a gente tem um tempo pra se ambientar, está acontecendo. Assim como os alunos, tem alguns que aprendem lendo, outros escrevendo, outros se comunicam melhor falando, como a Pesquisadora mestranda falou. Então a gente tem um tempo pra tudo, cada um tem seu tempo.

Sônia: Eu acho assim, na questão das emoções... eu acho que eu não tive muita dificuldade na transição assim né, do presencial pro tecnológico. Acho que isso

deve-se ao fato de que eu tenho facilidade, eu sempre tive facilidade de mexer com as tecnologias. Mas eu digo assim, na questão emocional, psicológica assim, não só em mim, mas em todos os professores, nos meus colegas. É que tem dias, tem semanas, que tá tudo muito sobrecarregado nas emoções, que tá tenso. Que tem dias que você acorda e não quer saber de nada, e tem dias que você acorda diferente. Então eu percebi essas ondas nas emoções dos professores durante a pandemia. Que tinham momentos durante a pandemia que todo mundo acordava e queria fazer a melhor aula, o melhor plano, a melhor coisa. E tinham dias que você já não via manifestações. E eu percebi isso, ficou bem claro essa onda das emoções, desse movimento, bem forte. Eu acredito assim, que até depressivo também, depressivo também. Aquele professor que não queria nem levantar da cama, não tinha vontade... não digo todos os dias, mas alguns dias. O que eu tô tentando destacar é alternância nas emoções, uma emoção que alternava.

Pesquisadora 1: Essa alternância das emoções que realmente a gente pode notar... que relações podem estar funcionando nessas emoções? Porque se a gente pensar no trabalho, quais serão as implicações, as relações, ou as tarefas do trabalho que poderiam estar influenciando nessas relações com o trabalho? Porque a gente sabe que aí tem as outras relações, tem a família, pessoal... enfim... a gente não dá conta de tudo isso, se a gente pensar em relação ao trabalho. Podem ter relações externas que atingem o nosso trabalho sim, mas tem as influências do funcionamento do próprio trabalho. O que será que, do próprio trabalho, pode ter tido influência nessa onda, como disse a Sônia? O que você acha, Sônia? Que relações você traz aí dentro disso?

Sônia: Então, o que que pode tá causando isso no meu trabalho né? O que pode tá influenciando essa alternância no meu trabalho? Não só no trabalho, eu citei que teve dias que eu estava me sentindo assim, eu percebi isso nos professores de modo geral também. Mas o que pode tá causando isso é talvez uma sobrecarga, eu acredito, talvez não... Tenho certeza que é uma sobrecarga, porque o tempo que é demandado pra gente não condiz com a realidade. Aquele aluno que você tá querendo alcançar e não consegue alcançar. As vezes, tem aluno que você tá querendo alcançar até hoje, dois, três meses de pandemia. Então o que eles estão querendo fazer, é um monte de coisa, é curso de preparação... é um monte de exigências que não tão condizentes com o tempo cronológico, com o tempo do

desenvolvimento emotivo dessas pessoas envolvidas, não só dos alunos, mas dos professores, de todos que estão envolvidos nesse processo, nesse momento que a gente tá vivendo, nessa situação. Dá a impressão que os poderes públicos, as hierarquias de cima, estão desesperados pra mostrar que eles estão fazendo alguma coisa! Como se fosse slogan para outros verem, propaganda pra outros verem: “estamos ensinando os professores a mexer na tecnologia”. Porque tem professores que não conseguem, que tem dificuldades. Então dá impressão que esses governantes querem mostrar... mas é uma coisa que não convêm mostrar. E se tá sendo difícil pra gente, pra todo mundo tá sendo difícil. Então eu acho que o que causa isso, é isso, essa sobrecarga dos afazeres, das tarefas que são lançadas. E, além dessa sobrecarga das tarefas, é.... outras coisas que eles pedem pra gente poder participar de curso. E aí, por exemplo, você tem que ligar o teu zoom ali naquela reunião de professores, naquele horário, por exemplo, tem lá oito, nove horas formação de professores, o curso... eles marcam geralmente das oito às nove horas. É horário que você tá atendendo os teus alunos, você tá atendendo os pais... geralmente é o horário que você tá se preparando pra uma plataforma, que é o meu caso, você está... o que seja, você tá fazendo alguma outra coisa em casa, você tá fazendo um café, tá atendendo a sua família, porque tem isso também. Então nove horas pra você fazer um curso que você não vai participar, você vai ligar o zoom, que é o que a maioria tá fazendo, você liga e desliga a camerazinha e fica louca pra passar a lista de presença e você põe o seu nomezinho ali, escola... Eu não tô falando de mim, eu tô falando de todos que basicamente estão fazendo, então esse espaço de formação, que poderia ser de formação digamos assim, ele não tá sendo bem aproveitado, ele tá meio que aquele ditado: “pra inglês ver”. Você tá ali, mas você não tá, que nem diz a nossa professora de Artes lá de Vygotsky, você tá ali com o seu avatar virtual. Achei maravilhoso essa analogia que ela utilizou, você tá ali com o seu avatar virtual, mas você não tá ali, você tá atendendo uma mãe desesperada, você tá tirando a dúvida de um aluno. Então assim, não tá condizente isso com a realidade que a gente tá vivendo. E isso tudo causa uma sofrência no professor, de ele saber que não são assim as coisas, e de ele saber que tem aluno que não tá dando certo. Então eu acho que isso é o que deixa o professor bem cansado.

Pesquisadora 1: E essa sobrecarga vem disso também. Por exemplo, tem um curso, uma formação que poderia ser tão rica né? Os espaços de formação deveriam ser os espaços mais ricos para o professor. Aí você tá lá com o nome ligado, igual aluno né? Fica lá só pra ter o nome na lista, mas na verdade não está.

Sônia: Você vai ganhar presença e vai ganhar um certificado. Porque as pessoas lá de cima, o governo, vão saber que você estava participando daquela formação, daquele curso que você precisa participar, você tem que participar. E depois, futuramente, você tem esse certificado que vai te ajudar na progressão. Aí você faz, mas dessa maneira. Então, esse encontro não é articulado, não é de articulação. Teve um encontro de formação que eu participei que teve uma interaçãozinha. Os professores começaram... não sei o que, e não sei o que... e tomaram conta da plataforma! E eu gostei! Mas depois a professora, a palestrante que estava falando lá no curso, meio que cortou... “vamos, vamos porque se não, não vamos dar conta do curso”. Apaziguou a interaçãozinha nossa e meio que cortou.

Pesquisadora 1: Muta todo mundo né? (risos) Porque lá no zoom você muta todo mundo e acaba com a interação.

Sônia: Sim, é bem isso. Mas eu acho que é bem difícil explicar, né Pesquisadora 1? Quando entra na parte emocional. É bem difícil, mas eu acho que são muitas coisas que estão aí nesse processo.

Pesquisadora 1: Mas justamente porque é difícil que a gente tem que buscar entender. A gente tem que buscar compreender pelo menos alguns dos elementos né, porque se não a gente não consegue sair do difícil, a gente não consegue sair dessa questão se a gente não consegue pelo menos dimensionar pelo menos partes dela. É difícil a gente falar, mas a gente tem que buscar. Esse é o movimento. Porque a partir do momento que a gente dá nome às coisas, que a gente tira daqui e põe ali, aí a gente consegue olhar pra ela. E, a partir do momento que eu consigo olhar pra ela, então eu consigo começar a pensar nela, trabalhar com ela, pensar sobre aquilo. É diferente de pensar, não sei, então a gente avança né? Como naquele exercício, do passar do eu e pensar em você. É o mesmo exercício. Vamos tentar buscar essas questões, né? E aí gente? Quer falar Rubens? Fala.

Rubens: Boa noite a todos. Bom, eu confesso pra vocês que eu estava bem entusiasmado no começo com o uso da ferramenta que a gente usa no estado que é o *Classroom*. E eu sou extremamente ansioso, os meus colegas de mestrado sabem

disso. Eu posso tá quieto, mas minhas pernas estão balançando, pulando a todo instante (risos). E eu já estava querendo utilizar essa ferramenta a algum tempo. E, na ansiedade de querer, de ter esse contato com os alunos nesse período de pandemia, eu consigo o contato de todos, e criei o *Classroom* antes do estado. E aí comecei a usá-lo em atividades avaliativas e no processo das aulas nesse tempo de pandemia com uma esperança muito grande. Aí depois veio o *Classroom* do estado e a proposta daquelas aulas e tal, fiz a migração das atividades que eu já tinha no *Classroom*. Só que aí eu comecei a me dar conta de que o volume de informações para os alunos estava muito pesado. Não foi feita a transposição dessa relação de sala que a gente tem para o virtual de uma maneira responsável, eu diria. Então, por exemplo, eu já dava aula há algum tempo e deixava disponibilizado e tal. É sempre muito curioso com essas tecnologias, eu tenho uma especialização nessa área e tal, já usava muito tecnologias. E, assim, o que vem sendo feito, e que me apavorou muito e que me deixou muito preocupado, é que uma aula sei lá... o tempo de sala de aula que é de quarenta e cinco minutos que a gente tem, um tema que era pra ser trabalhado em três aulas, ele tava ali sendo enfiado em um vídeo de quarenta minutos. E aí isso somado às diversas disciplinas dos alunos... Eu tenho ensino médio e formação de docentes. Na formação de docentes, acho que são doze disciplinas. Então você imagine a quantidade de informação que esse aluno tem que lidar? Então eu comecei a desacelerar, a não colocar tanta coisa assim. Algumas aulas eu gravava mas não utilizando o *Meet*, o *Classroom*. Eu fazia uma narração da passagem de *power point* como se eu estivesse em sala de aula. Porque o que aconteceu? Eu comecei a receber relatos de alunos que não tinham uma internet adequada pra acompanhar no *Meet* ou mesmo no *YouTube* e aí eles contaram que alguns colegas baixavam o vídeo da aula e compartilhavam. Então, até nesse sentido, eu acabei pensando que quando subir essas aulas pra passar no *YouTube* eu tenho que subir numa qualidade baixa pra que o aluno possa fazer o download e pra que o celular dele suporte aquela situação. E aí, mas com aquele medo... será que eu tô fazendo certo ou tô fazendo errado? O estado só me cobrando se eu postava no mural ou não. Porque pra eles não interessa, só interessa se tá postado, e o diretor vai receber uma informação. Independente... Eu brinquei: “eu posso postar um nude no mural?” (risos) O que é, tá postado lá e ponto final. E aí quando veio a proposta desse trabalho, acompanhando o relato de todos, de tudo que já foi

dito aqui, aí você vai se tranquilizando de uma certa forma. Agora pouco eu estava aqui com vocês e no celular de trabalho, numa reunião. Porque agora eles estão querendo colocar, ainda não é obrigatório, mas acho que é só uma questão de tempo, dos professores usarem o *Meet*. Então, o que fazer se um professor marca no mesmo horário do *Meet*? Então tava tendo um debate. Essa semana começou com essa bomba do *Meet*.

Pesquisadora 1: Agora o Estado vai querer que tenha aula síncrona além daquelas videoaulas, é isso?

Rubens: Exatamente, eles falam que é um estímulo pra usar o *Meet*, mas na reunião foi dito que é só uma questão de tempo pra que isso se torne obrigatório. Eu, honestamente falando, eu não me atentei muito a essa reunião porque tudo tá se encaminhando pra que, semana que vem, eu saia em licença porque eu vou participar do pleito eleitoral né? Então eu vou ficar três meses fora. Então isso eu deixei um pouquinho de lado. Se vocês quiserem, eu posso até mandar as informações que eu recebi de uma diretora. É uma pressãozinha, mas não deixa de ser uma pressão na cabeça dos professores. E eu sei que eu tenho colegas que são professores que não tem equipamento suficiente pra realizar uma aula com *Meet*. Eu tenho uma professora, que é minha amiga, que ela tem quatro filhos, dois computadores na casa, dois notebooks, um tá no conserto e três filhos em idade escolar e todos eles tem que usar o computador, sejam eles pra estudar, seja ela pra trabalhar. Então você imagina né, a cabeça de professor nessa situação?

Pesquisadora 1: A gente comentou isso em cada encontro com as meninas que gravam videoaula e que fazem live né? E o Estado tá com aquelas videoaulas prontas, não são nem os professores que gravam né? Então aquilo vem naquela televisão ou naquela plataforma e não tem essa interação síncrona com os alunos, né? Até eu lembro que a Celina comentou, e a gente pode continuar depois, que ela tava buscando alternativas de se comunicar com os alunos né, de ter uma interação com eles. E agora vem essa determinação de cima pra baixo: “a partir de amanhã, façam *Meet* com os alunos”. Como assim?! Em que estrutura, em que funcionamento e em qual domínio das ferramentas pra fazer isso?

Rubens: Eu percebo assim, que os alunos estão muito cansados. Eu não fiz muito *Meet* não, pra ser bem sincero com vocês. Mas os colegas que fazem, falam que eles falam praticamente pras paredes né? E os alunos tem pouca adesão, pouca

participação. Eu acho... eu penso muito neles. A quantidade que eles devem tá recebendo na cabeça deles nesse formato e nesse contexto de pandemia é um negócio horroroso. Eu acho que haverá um trauma muito grande para os alunos nesse contexto, nessa situação.

Pesquisadora 1: Mas você disse que faz algumas vezes, alguns colegas também. Mas vocês fazem por conta? Vocês que começaram a chamar os alunos?

Rubens: Exatamente, não havia uma orientação, agora que tem essa orientação por parte da secretaria, né?

Pesquisadora 1: Porque eu me lembro... até pensando na Celina e no Luciano, na questão do Estado que no início não tinha nem a possibilidade de manter a comunicação com os alunos.

Celina: É que existe uma grande diferença entre você usar a ferramenta pra aproximar, pra humanizar, pra que realmente esse aluno sinta que você está li pra ele, e essa ferramenta ser uma ferramenta imposta como vai ser, dizendo: “olha, a videoaula vai continuar acontecendo, e já que você quer ficar em casa, pra você continuar recebendo o seu salarinho, você vai ter que ficar reproduzindo o *Meet*, que é aquilo que a gente já tá fazendo lá nas videoaulas”, “você vai fazer um repeteco do repeteco, engula com farinha”. É isso que eles estão fazendo. Então existe uma diferença entre você usar a ferramenta, que é sim uma ferramenta muito bacana, mas a maneira como eles fazem a gente usar. É o que a Sônia tava falando antes, desculpe me intrometer Rubens, tudo o que a Sônia falou na fala dela ali, pra mim é *burnout*. Eles estão injetando uma síndrome de *burnout* na nossa veia, na veia dos professores, dos alunos. Porque tá todo mundo depressivo, estressado, trabalhando muito mais que o normal, com doze horas, dezoito horas, vinte horas por dia. Eu sei de professor que já me falou que durante a noite dormiu quatro horas, não conseguia dormir, não conseguia parar de pensar no que tinha pra fazer. Hoje uma pedagoga me ligou aos prantos falando exatamente dessa reunião que ela sabe que o *Meet* vai ser imposto pra gente e ela falou que não sabe o que fazer. E ela falou “eu vou ter que cobrar isso de vocês”. E isso já veio. A gente sabe que as ferramentas elas podem ser bem usadas, mas a gente é forçado a usar elas da forma errada.

Pesquisadora 1: Eu me lembro, eu vou me lembrando de todos os nossos encontros... eu me lembro do Luciano falando lá na instrução dele que então tem as

videoaulas e aí ele chegava lá no *Classroom* com os alunos dele e apagava tudo, porque isso não interessa, apaga tudo e põe só o que ele queria pôr para os alunos né (risos) é uma transgressão linda das coisas né, porque aquilo não faz o menor sentido, pena que ele ainda não chegou pra nos dizer se deu algum problema até hoje, porque é isso. E aí, tem que fazer o negócio, eles querem que eu faça, tem até o script de como tem que fazer, mas eu vou fazer como? Eu me lembro até de uma brincadeira que a gente tem na escola, a partir do momento que eu entro na sala e fecho a porta, o que foi dito, o que foi organizado, o que foi falado na sala dos professores, na reunião com a pedagoga... muitas vezes é isso, e como é que a gente vai começar a viver com isso por meio das ferramentas? Mais um... em que horário, como é que vai funcionar? Aguardemos as orientações da semana que vem. Rubens: Hoje teve uma vídeo conferência a tarde sobre o ensino da utilização do *Meet*. Aí os professores estavam bravos (inaudível) pra subida de nível e essas coisas, mas a galera tava lá né? Nessa reunião teve professores que se queixaram e que estavam tentando se ajudar nessa questão do *Meet*, mas creio eu que logo, logo já vai estar aí com tudo essa questão obrigatória.

Pesquisadora 1: Aí aqueles alunos que não estavam alcançando vão continuar não alcançando e aí como a gente vai dar conta dessa situação?

Rubens: Eu estava agora pouco aqui preparando aula pra três alunas do curso de formação de docentes e duas delas moram em área rural, então elas tem acesso à internet via rádio quando elas vão na casa da avó, uma vez por semana, e é muito ruim. Elas não conseguem sequer acessar ao *Classroom*. Então eu tive que preparar um material diferenciado pra elas. E elas não tem também o livro didático porque pra geografia não tem livro didático na formação de docentes, é uma apostila com uma quantidade de material só que também não pode ser muito pesada pra que elas consigam fazer download, né? Então e agora como que elas vão participar disso? Não vão participar, vão ficar alheias a esse processo.

Pesquisadora 1: É, você falou dessa escola de formação de docentes. E aqui também tem uma escola de formação de docentes e também é muito interessante. Eu estava lá conversando com o pessoal essa semana, porque o currículo deles é completamente diferente do currículo do ensino médio normal. E aí aquelas vídeo aulas não correspondem ao que eles tem no currículo deles, de formação de docentes.

Rubens: Não. Tanto é que quando teve a formação do *Classroom* pra eles via Estado né? Eles entraram com duas ou três semanas de atraso, e depois os professores tinham que repor com os alunos esse tempo que não tinham trabalhado com o *Classroom*. Então as professoras estão cortando um dobrado pra poder preparar essas aulas e caminhar nesse sentido, porque via as plataformas oficiais do Estado não tem.

Pesquisadora 1: E tem as específicas do curso de formação de docentes, todas aquelas metodologias e tal que não contentam ali né, que eu me lembro que o Luciano falou que ele atende que é o pessoal do EJA, aquilo não faz o menor sentido pros meus alunos que é o pessoal do EJA, é outra história, apaga tudo e põe outra coisa lá dentro.

(Risos)

Sônia: Então, e na minha realidade também tem a questão do positivo integrado né, que o município tem a parceria, que é a apostila positivo e tem a plataforma que o professor entra lá e faz as suas atividades, avaliações. Ótimo, uma ferramenta ótima, porque você consegue fazer as coisas por lá. Mas as professoras do positivo, que geralmente são elas que fazem as formações pra gente elas estavam falando que o aluno poderá entrar na plataforma on, que o aluno também poderia entrar na plataforma on e fazer atividades. Mas eu fico pensando assim, se o aluno não consegue assistir as vídeo aulas da televisão quanto mais entrar na plataforma da positivo. A mesma coisa o professor, se tem professor que não sabe mexer no *Forms* quanto mais no *Meet* né? Então tá bem complicado mesmo essas coisas que vem do nada, caem do céu.

Celina: Fora, Sônia, que eles implementaram essa plataforma, e aí eu tenho propriedade pra falar como mãe de aluno que o conteúdo não corresponde com o da apostila e aí você tem que ficar fazendo umas adaptações mirabolantes pra poder justificar o uso da apostila e justificar aquelas videoaulas e vira uma salada desumana tanto pros professores, quanto pros coitadinhos. Alunos em fase de alfabetização, seis, sete anos, no máximo acho que os mais velhos tem onze né?

Pesquisadora 1: Porque as vídeo aulas são do Estado né, são daquele pacote que vem do Estado né, não condiz com o currículo da positivo, nem de perto nem de longe, né. Pesquisador 1 quer falar também?

Pesquisador 1: Vários temas interessantes surgiram aqui, mas eu gostaria de retomar lá no início e tem a ver com a continuação feita por vocês seguramente, pra Rita uma pergunta, não sei se tá acompanhando... então a questão lá quando tu estava falando com a Pesquisadora mestranda, falando do tema dos sentimentos, tu falou do medo. Quais foram os sentimentos que te apareceram naquele momento, o que te pré-ocupou, aquilo que você tá pensando na frente, e aqui vai atrapalhar ela... será que sentiu medo, ansiedade, que tipos de sentimentos que veio nesse momento?

Rita: Eu senti, assim, aquela preocupação de transmitir o conhecimento de uma forma que eu realmente chegasse até os alunos, que atingisse os alunos, porque pensando que no presencial não se consegue atingir todos eu fiquei muito preocupada com a questão de que no online pudesse se atingir menos ainda. Então essa preocupação de não dar conta também de fazer assim, videoaula, eu que pouco me exponho em redes sociais, pouco exponho a minha imagem, de repente estar ali e preparar aula e fazer lives e não conseguir atingir os alunos da forma que eu insisto tanto na sala de aula. Então, no começo, isso me preocupou muito, demais. Depois claro a gente vai se habituando, a gente vai aprendendo que nesse ensino remoto a gente vai atingir menos. Isso pra mim parece que é inevitável. Mas eu tenho me apegado nos pontos positivos, naqueles alunos que realmente estão produzindo, ou seja, tem um pequeno grupo que está acompanhando, mas eu gostaria que mesmo que não fosse cem por cento. Eu gostaria de atingir mais.

Pesquisador 1: Mas esse não dar conta é com relação a quem? Quem seriam esses outros? Quem é que tá me observando que eu não tô dando conta?

Rita: É bem isso! Eu mesma sabe? Porque eu preciso ter a sensação de tranquilidade, de que eu consegui atingir a maioria. E isso me incomodava muito. Até porque, no início, agora parece que as coisas estão sendo minimizadas pro nosso lado, mas a escola não estava me dando tempo pra me preparar melhor. A escola estava me sufocando com tanta burocracia, com tanto preenchimento de tabelas e cada vez que eu ia prepara uma aula, que eu tinha que fazer, eu já estava esgotada. E eu também tinha medo que esse esgotamento transparecesse pra eles. A escola não estava dando tempo pra gente respirar, era todo dia uma novidade, todo dia um novo cenário, não havia nenhuma segurança, sabe? E isso daí é uma coisa que atrapalha muito o nosso trabalho, porque nós precisamos de uma

organização. Dentro de uma organização as coisas se modificam, mas a forma como estavam acontecendo tão velozes isso me atrapalhou bastante. E isso me deixou bastante preocupada, com receio de não dar conta... “ah mas se eu não dar conta coordenação vai brigar, a direção vai brigar”. Não era nesse sentido. Eu precisava estar tranquila comigo mesmo, da forma como eu estou agora. Eu estou conseguindo fazer o meu melhor mas eu não estava conseguindo fazer o meu melhor pelo esgotamento mesmo de tanta coisa que tinha pra fazer.

Pesquisadora 1: Ou estava mas não estava conseguindo entender.

Rita: Exatamente, eu passava horas e horas preenchendo chamada, baixando *e-mail* e daqui a pouco tudo mudava. E esse tudo mudava era toda semana. Na sexta feira era o dia do caos. Na sexta feira se instalava a mudança. Então isso, nossa, me pegou muito. Na hora que eu comecei a enxergar uma luz no fim do túnel, as opções que eu poderia enxergar dali pra frente, mudava tudo. Ok, a escola não estava preparada, ninguém estava preparado, mas eu acho assim, eles erraram demais conosco, eles deveriam ter nos deixado aprender melhor, a desenvolver melhor. Então eles acabaram assim sugando as energias e, pra aquilo que importa, para o professor sobrava pouca energia.

Pesquisadora 1: Que são os alunos né?

Rita: Exatamente. Que é construir com eles, que é passar o conhecimento. E, quando chegava esse momento, você já estava acabado, já estava destruído. E isso foi muito ruim pra mim no começo. Eu me desconfigurei demais. Eu tinha tudo, digamos assim, a maior parte no meu controle, a maior parte dando certo, e daqui a pouco fugiu eu fiquei sem um caminho certo. E, quando eu encontrava um caminho, vinha a gestão, vinha a coordenação e mandava você sair daquele caminho. Porque assim, eu sabia que eu ia dar conta de aprender a usar a tecnologia, que eu ia ter que usar dali pra frente.

Pesquisador 1: Então esse tema é interessante. Tu sentiu, Pesquisadora mestrand, essa transmissão na transmissão dela? Não sei, porque as vezes a gente começa a se sintonizar (inaudível) evidentemente que você tá sentindo esses elementos, mas tu tá sentindo o que?

Pesquisadora mestrand: Na verdade o que eu sinto na fala de cada professor é exatamente essa ideia da falta de tempo pra adaptação. Acho que em todas falas daqui, e nas falas fora daqui, eu até brinco, que até o GPS precisa de um tempo pra

recalcular a rota e a gente não teve esse tempo. Então, ele precisa de um tempo. E na fala de todos assim... é muito difícil professor, ouvir isso e não me envolver nesse sentimento, porque ele também é meu. Inclusive esse sentimento máximo de desgaste, de desnorteamento e de medo. Porque todo mundo tava com um rumo e de repente todo mundo saiu do rumo, tava todo mundo achando, todo professor acha que tá tudo sob controle depois de um tempo de trabalho né? O professor se acha dominador da sua aula né? E, de repente, isso sai do plumo. Eu não sei se quem sabe, a Sônia que pode me responder, porque ela é a mais fresca aqui de nós de aula, se ela teve esse trauma tão grande, esse baque tão grande. Exatamente por ela estar a pouco tempo na profissão e por não achar que ela domina as técnicas, que não domina o processo todo. Então só ela pra responder né? Porque nos demais o que eu vejo foi o susto, foi um baque, foi um surpreendimento, foi uma surpresa, foi tanta coisa junto, mas nada muito bom. Mas daí a gente ouve a Sônia falar e ela fala que não teve problema que ela tinha afinidade com a tecnologia, mas será que é só afinidade com a tecnologia? Eu fico me perguntando isso. Ou será que é esse tempo de sala de aula? Ou será que ela ainda não se achava “macaca velha” e que tinha tudo dominado e foi mais fácil pra ela? Sônia, fica a pergunta.

Sônia: É tudo muito novo. Eu falei que não tive dificuldades da sala de aula presencial pra tecnologia, é que ali no mês de abril também eu já comecei a editar vídeos, de certo por causa da minha área de formação né? Eu sou de linguagens e comunicação e eu sempre trabalhei com edição, filmagens. A gente trabalhou muito com estudantes de Artes, a gente trabalhou muito fazendo a edição de vídeos sobre a crítica midiática. Então por eu ter essa afinidade com a tecnologia e por eu gostar de mexer com isso, pode ser que por essa particularidade não tenha sido tão difícil pra mim. Até mesmo antes de oficializar, vamos dizer assim, o tempo de trabalho que a prefeitura nos obrigou, digamos assim, achando que a gente tava de férias, mas eu não estava não. Eu, já em abril, por mim próprio, pela minha iniciativa o meu contato com eles, já tinha criado um grupo de WhatsApp, já estava gravando alguns videozinhos curtos que eu mandei até pro professor sobre porcentagem e tal, uns videozinhos caseiros, umas coisas assim. Então assim, faz sentido, porque como eu comecei recentemente mesmo, oficialmente a profissão pelo concurso oficial e tal, pode ser que eu esteja me acostumando a lidar com esse gênero, me habituando a lidar com a profissão e tal né, eu esteja apreendendo. Tanto é que eu vejo

professoras fazendo diários naqueles cadernos de matéria, dez, vinte matérias, dessa grossura (risos). Então a gente vê aquele monte de professor passando com aqueles cadernão, eu acho bonito, mas eu não faço. Eu faço, eu tenho a minha agenda, quando eu estava na sala de aula eu anotava ali a frase do dia mais ou menos, mas eu não me prendia. Até hoje eu percebo que na minha prática docente eu não me prendo muito ao diário de classe. Até na matéria de didática, que eu estou trabalhando, eu comecei aqui, eu comecei lá em vinte e cinco de maio, coloquei “vinte e cinco de maio, teve inicio a plataforma”, e fui tentando fazer o diáriozinho só que chegou uma hora que eu não quis fazer mais, entendeu? Acho que é bem isso que a Pesquisadora mestranda falou, acho que eu entrei tanto no cotidiano (inaudível) o meu encontro com os alunos entrou no meu automatismo. Tanto é que quando eu não encontro com eles eu sinto falta, entende?

Pesquisadora 1: Você quer falar Pesquisadora mestranda?

Pesquisadora mestranda: Eu quero, na verdade eu queria pedir pro Rubens falar. Porque assim, a Sônia falou que ela não teve esse baque, porque ela tinha afinidade com a tecnologia. Aí eu joga essa mesma pergunta por Rubens, porque se for por conta da afinidade com a tecnologia, o Rubens também fazia videoaula, também era super ativo nas redes sociais, no WhatsApp e tudo. Também teve um baque muito grande né, porque ele tem uma super afinidade com a tecnologia e em entrar em contato com os alunos por esse meio, né Rubens? Você já tinha grupo de WhatsApp, você já fazia videozinho, você já fazia interação muito forte com os alunos pelas redes sociais.

Rubens: Já vai de alguns anos. Até uma das minhas pesquisas passadas num curso de tecnologia foi a utilização do *Facebook* como ferramenta e por ai eu fui continuando né? Interação pelo Instagram, em grupos de WhatsApp. Aquela última semana, como a Sônia comentou, que antes da saída pra gente trabalhar em casa eu já tinha montado todos os grupos de WhatsApp com os alunos de cada turma e já tinha também organizado cada turma pelo classroom, antes dessa imposição de trabalho pelo governo. O que me assustou posteriormente foi a queda da interatividade com os alunos. Eu percebo que a gente tinha uma interação maior, que eu tinha um retorno maior quando a gente estava em sala de aula. Talvez seja porque não era mais novidade pra eles e também pelo volume de informações e conteúdo lançado pelo WhatsApp, mesmo que seja interessante, pra eles é

raríssimo. Os murais lá do *Classroom* também, onde você coloca as informações e se a aula disponibilizou ou não, é muito difícil você ter um retorno do aluno. Mas eu já fazia a um bom tempo.

Pesquisadora mestrand: E o baque quando saiu? Ou não teve baque, foi mais tranquilo? Teve adaptação exatamente porque teve interação antes? Ou o baque foi só porque você falou que os alunos não interagiam mais da mesma forma? Mas e você, como você se sentiu?

Rubens: Eu acho que pra mim foi tranquilo. Mas a minha preocupação era maior em relação as constantes mudanças de orientações né? Então, lá no começo, eu não sei se foi igual para os demais colegas que trabalham no Estado, mas lá no começo tinham muitas informações, só que nenhuma informação na forma de documento. Então, essa era uma das coisas que eu cobrava muito. Toda semana, eles diziam que tinha que fazer isso e aquilo, daí eu perguntava “em que documento que diz que eu tenho que fazer isso?”. Aí teve uma situação, mais ou menos recente, e que não existe nenhum documento que, por exemplo, diz que você tem que fazer o uso do WhatsApp. Só que se você fizer algum uso não totalmente voltado pra educação, você pode ser penalizado. Então, tem dessas questões também. Então o professor tem que sempre tá pisando em ovos nessa situação.

Pesquisadora 1: Ou no Instagram né Celina? Se você posta uma atividade no Instagram podem reclamar pra alguma coisa.

Celina: Exatamente, daí você tem que atender a um pronto atendimento, um PA, responder uma denúncia porque o grau de complexidade da sua atividade não é acessível. Que foi esse o teor da denúncia que eu recebi na semana passada. E a gente ainda monta um manual tipo receita de bolo: “pegue o seu celular, procure uma imagem, tire um print, procure um lugar em que você possa tirar a mesma foto e faça a mesma coisa”. Não precisava nem ficar bonito.

(Risos)

Pesquisadora 1: E pelo que eu me lembro, e pelo que você explicou, não era uma atividade obrigatória da escola.

Celina: Não. Era uma atividade que eu propus com recuperação pra eles fazerem. Mas era uma atividade que eu propus pra aproximar eles das rede sociais, pra eles verem que escola pode tá junto com o *Facebook*, Instagram com o *TikTok*, que pode sim ter uma relação produtiva naquilo. Ai ia vir uma segunda etapa que a gente ia

falar sobre a cidade, sobre memória afetiva e aí eu ia propor um *Meet* pra gente conversar sobre o isolamento, sobre a nossa cidade, sobre o nosso lugar. Não rolou, não deu certo. E daí eu fui meio que.... E essa semana teve mais uma, sou professora de Arte né, e eu trabalho muito com grafite. Todo ano eu trabalho muito com grafite, então a gente pega o muro da minha escola e a gente faz obras de arte no muro com as minhas turmas e sempre fica muito legal, gera uma comoção. Os alunos sempre falam “professora, você não vai fazer com a gente?”, aí eu “não, porque grafite é um conteúdo do nono ano, então no nono ano vocês vão fazer”. Então eles esperam chegar no nono ano pra fazer o grafite. Hoje eu fui até a escola... era bem legal, era bem bacana... hoje eu cheguei na escola pra buscar algumas atividades e vi tudo de cinza! Tudo! Eu quase me fiz de Marisa Monte, de entrar no meio da escola “apagaram tudo, pintaram tudo de cinza”. Eu olhei, não teve nenhum recado, tipo assim “recebemos uma verba e vamos pintar a escola já que a verba tá aí”, de repente, nada. Quando eu cheguei estava tudo pintado de cinza.

Pesquisadora 1: Mas você falou que não deu certo, que não rolou. Eu olhando, acompanhando pelo Insta, a minha visão é que deu super certo, super rolou a tua atividade. Porque a gente não sabe de quem veio a denúncia, se foi de pai de aluno ou de colega, porque rola isso no Estado, colega que faz denuncia. Então deu super certo a sua atividade, pode mandar outra.

Pesquisadora mestrande: Eu comentei com a Celina, profe... quando ela comentou da denúncia e tal, eu falei pra ela que tem uma frase que o professor Karnal sempre fala que é de outro pensador. Mas o Karnal sempre fala que todo professor é capaz de tocar o infinito. E a gente só vai saber disso o dia que a gente conhecer o infinito. Então como eu falei... a Celina, pode vir o tipo de denúncia que for, mas com esse tipo de trabalho com certeza ela tocou o infinito, porque esses alunos nunca mais vão esquecer esse tipo de atividade.

Celina: É, alguns pelo menos eu acho que a gente toca. Mas agora a professora Pesquisadora 1 me deu uma visão boa que eu não tinha tido ainda, agora o muro tá prontinho pra eu pintar tudo de novo, vai ser ótimo.

(Risos)

Pesquisador 1: Mas voltando ao tema dos sentimentos ali, eles percorreram esses ciclos, da gente se sentir ansioso, se sentir afetado. E, agora, essa prescrição ela

vem de cima e a gente não sabe quem fez. Então, se chega toda sexta feira realmente muda, o desespero que dá. E não te perguntaram nada do muro, chega e muda tudo de um dia pro outro. Então realmente é um ciclo. E esse ciclo vai retirando tudo da gente e aí vai ficando tudo no automático né, mas é... claro que... a gente chama isso... é um sistema todo que se perde. No caso dos sistemas particulares, a pressão é maior porque tu tá sendo realmente avaliado, se tu não tá dando conta. Aí tu não tá dando conta pra quem? Pro diretor que tá achando que tu não tá dando conta de fazer não sei o que... e vai que surge um pai de um estudante desse atravessado e passa lá... Nossa, só basta um...

Rita: É isso que eu acho interessante. Você tem lá um grupo de dois mil e quatrocentos alunos que é a escola onde eu trabalho, basta um pai pra desmoronar todo o processo e na sexta feira vir a mudança.

Pesquisadora mestranda: Toda sexta feira é uma analogia agora muito clara na minha cabeça, que é como se toda semana você pintasse o muro e, na sexta feira, pintam de cinza.

Pesquisadora 1: E isso tanto na escola pública, quanto na escola privada, porque estava igualzinho.

Pesquisador 1: Esse momento é o momento mais importante pra nós no contexto clínico da atividade, porque a gente chama, no espanto pra gente mesmo, que é aquele momento que a gente se reconhece... eu tô fora de mim, e tu vê que tu tá ali, e esse retorno a atividade, o retorno nessa história de construir é tentar encontrar esse momento que causa esse choque, digamos assim, esse método da instrução ao sócia, ele provoca esses momentos. É uma oportunidade pra gente começar a discutir aqui agora, e descobrir... é aqui que vai surgir o dado que é aquele que a gente vai desenvolver. O procedimento a recém foi um estímulo né, estímulo pra que isso venha a acontecer, então ele tá começando agora com essas bases... o que a gente estava sentindo nesse momento, o que que estava aflorando e como é que nós nos provocamos em relação disto pra que a gente possa realmente fazer aflorar e a gente se dar conta disso. Então é um momento sempre delicado de quem tá mediando de como fazer isso, de colocar um pouco de atenção, atenção construtiva claro, porque nós estamos meio enclausurados né? Por exemplo, uma coisa que surgiu aqui e que tá claro né, nós geralmente nós como diz o Canguilhem: "nós temos que ter o domínio do nosso meio". Até como o processo de vida, o processo

de vida é esse a gente tem que dominar o meio pra continuar vivo né? E isso é um procedimento que vai na construção do nosso mundo cultural, social. Nós adquirimos milhões de instrumentos e artefatos pra dominar esse meio e o professor efetivamente, como dizem os veteranos, já tem isso mais estabelecido, né? Tanto que tem aqueles que tem as transparências de trinta anos (risos). E aí de me tirar daquele conforto ali. Esses dias já tive uma experiência aqui de tirar o Jacó do conforto com relação aos slides dele. Nossa, o que ele sofreu, coitado e tá sofrendo ainda.

(Risos)

Celina: No encerramento ele falou “eu estava aqui fazendo slides”, aí eu só escutei uma voz muda, falando assim “que novidade”.

(Risos)

Pesquisadora mestrandia: Pra ver, o Jacó é um professor do mestrado e ele tem esses hábitos assim, ele leva o projetor com aquelas folhas pra apresentar pra gente.

Pesquisadora 1: Mas isso que o Pesquisador 1 estava falando é aquilo que a Pesquisadora mestrandia perguntou agora pouco, nós enquanto professores experientes a gente tem todo um jogo que a gente já tá automatizado, e aquilo vai. E, de um dia pro outro, a gente saiu daquilo e voltamos pra posição de professores iniciantes. Talvez isso é o que tenha mais abalado do que aprender a fazer um negócio no computador. A tecnologia é um detalhe a parte eu diria. O que mexe é eu sair da minha posição de dominante pra voltar aquela posição de ser iniciante e que daí, como diz a Rita, né, eu me perdi no negócio e já não sabia mais o que fazer.

Celina: E talvez aquela vergonha de não saber fazer. E conecta no computador e conecta no celular e começa a dar interferência e aí alguém manda você desligar tudo, aí você pede calma porque você tá se adaptando. “Mas você já devia tá sabendo. Você já devia saber mexer nisso. Como é que você comete essa gafe? Como que você tá ligando dois *Meets* ao mesmo tempo? Como que você tá ligando dois *Teams* ao mesmo tempo? Você tem que saber que você só pode ligar um porque se não vai dar interferência! Olha o transtorno que você causou na reunião?”

Pesquisadora 1: É, e eu acho que essa mudança de posição, essa mudança de sentimento, não que ser professor iniciante seja diminuído, mas é outra posição. E, quando a gente tá na posição de dominante, a sensação de ter que voltar, a

sensação é que a gente tá voltando pra essa posição de iniciante, é como se fosse um retrocesso. Nada disso. A gente todo dia é dominante ou iniciante em alguma coisa. E a gente encarar, voltar a ser iniciante é um prazer de descoberta, não é um sofrimento na vida.

Rita: Nossa, sim, é um aprender com vontade, é o querer fazer. E a frustração é não ter espaço pra fazer. O espaço que eu digo não é o espaço físico, mas um espaço de fazer com profundidade, eu quero usar todas as ferramentas desse aplicativo e não ter tempo pra isso, isso sufoca.

Pesquisador 1: É o que estávamos falando antes. A instituição não te oferece esse apoio, os colegas... é claro que a gente se apoia nos pequenos grupos que a gente tem que já é um grande coletivo, que é um coletivo que te apoia. Mas, as vezes, não é o suficiente né?

Rita: Exatamente. Ai vem também aquele sentimento de revolta, que nós tivemos quase um mês de semana pedagógica e porque não nos ensinaram a mexer com aquela ferramenta que já estava pronta na escola? Ficamos fazendo tantas outras coisas que não tiveram o mesmo valor, pra chegar nesse momento e estarmos todos instruídos, até mesmo a escola, pra não atrapalhar nesse nosso trabalho.

Pesquisadora mestranda: E, no caso da rede particular, assim, a urgência e essa fobia, esse negócio que eles tiveram pra começar logo as aulas, poderiam muito bem ter esperado uma semana, duas semanas a mais pra começar e ter feito algo mais racional, ter feito algo mais bem planejado, bem estruturado, algo mínimo, mínimo, uma semana... pra que a gente pudesse pensar, respirar...

Rita: Exatamente. Essa revolta de porque não começar dia vinte e pouco lá de abril? Porque na segunda? Desse um tempo! Uma, duas semanas pra escola aprender, pra gente aprender. Com certeza teria minimizado em muito o sofrimento de muita gente. Até porque né Pesquisadora mestranda, a Pesquisadora mestranda e a Helena sabem bem, uma semana antes nós ficamos três dias trabalhando de forma absurda pra alimentar esses alunos pras próximas semanas. E porque não parou? “Oh pessoal vamos parar”. Enfim, né, daí você fica tentando achar solução pra tudo, não que eu vá resolver o problema, mas assim, ninguém conversou, ninguém trocou ideias, porque não perguntaram pra gente? Enfim, fizesse uma reunião com a gente primeiro, ainda dava pra fazer reunião presencial naquela época.

Helena: Eu quero aproveitar o gancho do que as meninas estão falando... praticamente a gente trabalha no mesmo colégio, na mesma rede. Enfim. Esse sentimento que tá sendo colocado aqui é de frustração, porque se a gente parar pra pensar, e eu concordo com esse sentimento que colocaram aqui, essa questão de não permitir que o professor venha a criar situações de aprendizagem nesse momento. Chegou tudo de repente, como foi colocado aqui... “Vocês façam isso”, mas sem dar o direcionamento de como usar essas ferramentas. Por mais que no presencial a gente já usasse algumas mas agora é um outro momento, (inaudível) e seria um momento (inaudível) e vinha um monte de coisa pra gente fazer da parte burocrática, e cadê o momento do professor? Pra ele poder respirar, pra ele poder entender como preparar tudo isso. Então, assim, eu senti muito isso no começo, a questão da ansiedade misturada com a frustração, e de o estar pensando “o que eu faço?”. (inaudível) e eu trabalhava no colégio com aulas presenciais com aquele contato com o meu aluno, onde não sai só conhecimento, mas ia muito pra prática. “E agora? Como que eu faço isso online?” Então foi uma coisa que demorou muito pra começar a compreender. Surgiu um turbilhão de sensações, assim, que eu acabei me perdendo no início. Eu falei “meu deus, como? Se eu sempre tinha as coisas certinhas, sempre tendo mil ideias pra trabalhar com eles!” e de repente me vejo numa tela em que eu vou ter sim alunos, mas eu não vou poder trabalhar como eu gostaria. E talvez a situação desse sentimento que me afetou. E hoje, de pouco tempo pra cá, eu comecei a pensar assim “se não deu certo, não tem o que fazer, não deu”, sabe? “Vamos tentar fazer dentro daquilo que é possível”. Mas eu gostaria que fosse diferente esse processo, que desse mais oportunidade da gente tá desenvolvendo aquilo que a gente gosta de trabalhar com os nossos alunos, da nossa maneira. Quem sabe criar um pouco mais essas questões que até então não teria tanta necessidade. Que nem as meninas colocaram, que eu senti e os outros professores sentiram também, que é essa situação que numa semana era isso e você fazia e na outra semana não era mais sabe? Então isso foi atrapalhando tanto que o nosso nível de estresse aumentou muito. Não perguntaram pra gente: “olha, pessoal, o que vocês acham? Vamos trocar uma ideia? O que vocês estão sugerindo pra gente?”. Não houve essa troca. Então, o meu lado, o sentimento ficou essa frustração inicial com relação a isso.

Pesquisadora 1: E agora, já mudou um pouco isso? Por exemplo, agora o Rubens estava falando que pra semana que vem já tem mudança pro Estado de novo, quer dizer que não mudou né, continua vindo. E pra vocês mudou um pouco, essa situação estabilizou? A situação que estava no começo, você conseguiu tomar um rumo ou ainda não?

Helena: Então, em algumas situações sim. As coisas foram mudando, em algumas situações alguns pontos, eu não digo facilitado, eu acho que daria pra ser ajustado, com relação a situação que a gente tem. Uma coisa que se bate muito a tecla é em relação a falta dos educandos que a gente tem, no sistema que a gente trabalha, e que leva muito tempo do nosso serviço, sabendo que a gente pode fazer por si próprio essa situação, né, que não caberia tanto a gente. Agora com relação a situação de eu estar mais relaxada com relação ao trabalho na live com os alunos sim. Porque é como a gente fala, o *Teams* ele fica instável muitas vezes, se não deu naquele momento... “galera, o *Teams* saiu, aguardem”, a gente vai tentando explicar por celular. Gente, na primeira semana, vocês não tem ideia do tumulto que foi aqui na minha casa por causa do *Teams*. No primeiro dia da live não funcionou, entrei rápido em contato com o meu coordenador “entra na minha live, fala pros alunos que deu problema lá”. Nossa, eu fiquei uma semana pirada! E tenho cachorro em casa, ele começa a latir porque gosta de criança, enfim. Hoje em dia não tem mais isso. Latiu, latiu. Minha filha tá tendo aula. Ouviu, ouviu. Eu tô aqui concentrada com os meus alunos e eles estão avisados, eles sabem como funciona porque eles também estão em casa. Então, se o *Teams* saiu, tudo bem, vamos aguardar porque ele vai retornar, e a partir desse momento a gente dá uma continuidade. Outra pilha também é o chat particular, foi estipulado assim que você atendia o seu aluno pela parte da manhã ou na carga horaria que você tem, manhã, tarde enfim, tá. Sabe o que eu fazia na primeira semana, primeiro mês, eu ficava conectada direto com eles. Então, a qualquer hora, no final de semana se eles entrassem em contato comigo eu estava ali atendendo. Coisas que talvez nem fosse necessário. Agora eu entendi: no meu horário, na carga horaria da manhã, o meu aluno não vai ficar sem resposta, jamais. Eu vou atender no período da manhã ou no intervalo das lives. Ou em algum momento que eu esteja disponível, ele vai ter minha resposta. Enquanto eu tô aqui com vocês, agora, já tem aluno aqui comigo. Mas eles já estão sabendo das minhas orientações. Eles podem mandar no horário que quiserem, mas a prof só vai

responder no dia seguinte. Porque você tem que pensar, você tinha uma rotina, que nem vocês falaram, você vinha de uma área de conforto, agora você tá com uma nova programação de rotina dentro da sua casa. Você trabalhava num espaço mais amplo, agora o seu espaço é aqui. Então você tem que dar um jeito de administrar esse espaço da melhor forma possível. É com tua família, é com teu trabalho, teus estudos, porque é assim que tá funcionando no momento.

Pesquisadora mestranda: Helena, você já fazia isso das mensagens antes, ou foi porque você viu aqui no grupo, acho que foi a Celina, que falou que queria responder só na hora, mas quando via estava respondendo onze horas da noite do domingo o aluno...

Helena: Pois é, você me conhece, a Celina também, e eu sou muito elétrica, muito acelerada, eu gosto de tudo certinho ali. Eu tinha sim, eu fazia isso no início, eu fazia muito, se me mandasse uma mensagem no final de semana eu ia responder o aluno, durante a semana também, manhã, tarde e noite. Eu falei: “não, não dá! Não pode ser assim! Eles precisam ter uma organização, como eu tenho uma organização”. Isso não quer dizer que você vai deixar de atender o seu aluno, porque você não vai deixar de atender, só que agora tá muito mais tranquilo até a minha consciência, porque eu conversei com eles, falei: “galera”, com todo aquele jeitinho, “vocês vão ter o retorno da profe sim, mas dentro daquele horário”. Agora, enquanto eu estou aqui com vocês, o meu celular não para de notificações. Então, eles podem perguntar na hora que eles quiserem, mas eu vou responder no outro dia, no meu horário, dentro da possibilidade do meu horário. É difícil. As vezes da vontade? Dá! Mas tu tem que ter um controle. Eu tô tentando administrar, mas não é fácil, sabe profe Pesquisadora 1? Eu gosto muito de trabalhar com a dinâmica, com a pratica, eu não consigo me deter só no que está nos livros, eu preciso fazer com que eles aprendem que eles desenvolvam a autonomia da aprendizagem indo muito mais além. Então era muito atividade diversificada. E isso pra mim foi muito marcante. E agora eu preciso encontrar maneiras de suprir isso online, mas eu sei que eu não vou atingir todos das maneiras que eu queria.

Pesquisador 1: Realmente nós temos aí um monte de coisas que estão misturadas nesse elemento. Pra dar um exemplo, quando a Helena estava falando do WhatsApp, como que a gente gerencia isso né, o que é essa ansiedade da gente responder imediatamente e quando chega. É claro que isso tá na interatividade do

humano, a gente quer interagir, quer responder dentro do possível, mas é uma mistura do trabalho, vida pessoal, ou seja, começa a fazer toda essa grande mistura que é um pouco da nossa tradição cultural. Então a gente desapegar de tudo isso e construir uma reflexão do tema do que é o trabalho é uma questão bem complexa pra todos nós, brasileiros, e talvez latinos, como é que a gente aprende isso... mas isso não é um fenômeno só brasileiro, esses instrumentos que estão nos colocando que chamaram de redes sociais, são instrumentos que estão nos dominando. Nós não dominamos mais eles, eles estão nos dizendo o que fazer, e eles formam mais ou menos concebidos sob essa condição. Tem um autor que eu sigo que é o Bernard Stigler, que infelizmente tem pouco produção dele em português, ele é um filósofo francês, e é um filósofo especialista na questão da técnica né, e ele fala muito sobre isso já a muitos anos, a muitos anos, desse fenômeno da internet, desses fenômenos todos dos aparelhos técnicos. Ele não é contra as tecnologias, ele só fala de como a gente vai se apropriando disso, de como a gente vai naturalizando, como a gente naturaliza tudo, efetivamente, e vai perdendo a noção histórica também. E, efetivamente, nós perdemos outra coisa que é importante também, nos afasta dos elementos da natureza e dos elementos da arte né? Ninguém faz mais questões com a mão, coisas que tenham a ver com o tempo das plantas, da vida dos animais. Esses tempos relacionados a vida né? Então tudo fica automatizado rápido e, teoricamente, fácil de ser resolvido. Na verdade é uma hiper objetivação. E, evidentemente, as frustrações são muito maiores e mais rápidas. As frustrações elas são seguidas porque, claro, quando tu não quer tu não concentração pra repetir tudo de novo. É um ponto de vista complexo que nós estamos... do ponto de vista societário também, a partir desses instrumentos todos que podem nos facilitar a vida e, ao mesmo tempo, eles podem interferir na nossa vida em sociedade, mesmo que a gente não faça a apropriação, apropriação principalmente a partir da arte. Isso é o que ele diz e eu concordo muito com ele. E também levar em consideração o por que nós estamos aqui. É como a Dagmar disse, nos acelera, então a gente tá super acelerado, as máquinas, o google quando tu digita ele tem uma velocidade, o software dele é uma velocidade quase próximo a velocidade da luz, o nosso cérebro as conexões que a gente faz não chega a um décimo dessa velocidade, então parece que nós estamos, a coisa parece como nova pra nós. Então ele processou tudo isso antes da gente, e ele fica dizendo quem nós

somos pra nós mesmos, ele fica fazendo um procedimento né que é redundante e a gente acredita muito que o google é um fonte do novo, né? Então essa velocidade que tá relacionada a questão temporário também veio no tema do trabalho, e também tá claro que a gente precisa, como nós dominamos os trabalhos que a gente domina nesses tempos, nessas relações e elas começaram a vir numa velocidade tão grande de prescrições e não perguntando pras pessoas. Aí realmente causou uma confusão enorme na questão do trabalho. O Estado, como o Rubens estava esclarecendo, os caras de um dia pro outro também fazem reuniões, e todo mundo perdido não sabem o que são os trabalhos e determina uma coisa, na outra semana determina outra. E assim também foi o privado que na maior parte também aconteceu isso, poucos tinham o domínio do ponto de vista da educação e talvez o mais... a construção do coletivo na escola, o grupo de professores como coletivo, como coletivo de trabalho, a gente vê que eles não existem vê um amontado de gente, um pra cada lado e se encontram naquelas salas de professores, que boa parte de vocês devem ter medo até de entrar, porque é uma loucura. Esse ambiente todo de trabalho foi construído ao longo de décadas e décadas. Quarenta, cinquenta anos, e que foi virando uma loucura e efetivamente aí o que acontece, quando vem essas prescrições, tudo isso pronto né, vem as ordens governamentais aceleradas agora por esses instrumentos, isso gerou realmente um pandemônio.

Pesquisadora 1: Além dessa questão, tem o fator político de ensino a distância. Isso já vinha, muito antes da pandemia, isso já vinha permeando os discursos políticos da educação. Inclusive os textos oficiais, né? E aí, aqui no nosso Estado, isso vem muito forte por conta do secretário de Estado que a gente tem que faz parte de um grupo que domina isso e que tá no programa nacional de implementação do EAD pra todos, indiscriminadamente. E aí, na medida que eles vão, em decorrência da pandemia e das necessidades do momento, validando a educação a distância em todos os níveis, chegamos na validação da educação infantil. Foi aprovado para a educação infantil. Quer dizer, o ensino médio já tava através da pandemia. O fundamental II, o fundamental I (inaudível), validou-se por uma necessidade do momento, mas a gente conhece bem esse sistema. E a validação da necessidade do momento vai colar nos movimentos políticos que vinham de transformar grande parte da educação por esse sistema. A gente pode não falar muito, mas a gente

também falou um pouco disso, que pesando em algum lugar da minha existência enquanto professora, porque eu sei que esse movimento existe. Então, na minha profissão, no meu gênero profissional como dizia a Pesquisadora mestranda, isso tá lá cutucando e a gente sabe que uma hora isso vem, então.

Pesquisadora mestranda: E que esse período todo né profe, pode trazer várias formas de validação política pra esse modelo.

Pesquisadora 1: Principalmente os professores do Estado do Paraná. A gente tá passando por uma grande transformação. Somos todos cobaias: nós, professores, os alunos... A gente sabe disso. A gente, as vezes, não quer lembrar que a gente sabe disso, que tá sendo um grande experimento. E que a gente validando aqui, daqui eles passam pro país todo. Ainda tem isso: a gente passa a ser cobaia desses ajustes. Aí todos esses ajustes que acontecem semana aqui, semana lá, tira, põe, porque depois, pronto achamos um negócio que deu certo agora a gente espalha e implementa pra todo mundo. A gente também não pode fingir que a gente não tá vendo isso. A gente as vezes não quer ficar lembrando, mas tá aí. E como é que a coisa vai ficar? Eu não sei como que a coisa vai ficar muito mais pra frente. Mas eu tô vendo aqui, já são oito e quinze, eu já busquei meu copo pro nosso momento.

(Risos)

(Brinde e conversa descontraída sobre vinhos e queijos).

Pesquisadora mestranda: Inclusive a gente conversou na qualificação que, após as análises feitas, da gente verificar a possibilidade de todo mundo se encontrar novamente. Talvez mais pro final, setembro, outubro, pra depois das análises feitas, pra que vocês vejam o que a gente extraiu desses encontros, pra que vocês discutam e vejam o que foi feito do trabalho. Porque o meu maior aprendizado dentro do mestrado, através dessa metodologia e desses orientadores que eu tenho, é que uma pesquisa pra tentar pensar o trabalho do professor, ela tem que ser feita em coanálise com os professores, e essa coanálise ela não existe numa mão só, ela tem que ser numa via de mão dupla. Então, os nossos olhares sobre essas conversas, só são uma coanálise. Se vocês puderem olhar e participar junto, porque senão não tem sentido a ideia de pensar o trabalho do professor coletivamente, porque a gente discute e eu coloco o que eu quero e não tem logica né? Então, a ideia era essa pensar junto, construir junto, pensar junto. Então fica o convite. Depois eu vou mandar pra todos essas ideias. Eu já tinha passado por uma tentativa

de análise, que eu acho que é um embrião ali, que todo pesquisador quando pensa em uma pesquisa coletiva, em dados coletivos que é a pesquisa-ação, que é a pesquisa participante e tudo, mas é com essa nova ideia da pesquisa que eu entrei em contato não faz sentido se vocês não participarem depois, de ver esses dados, de ver as coisas voltando pra vocês, fazer esse movimento. Eu ficaria muito honrada.

Pesquisadora 1: O movimento da gente tá se redescobrando e falando sobre o que a gente faz. E olhar o que a gente faz e conquistar espaço no trabalho e superar, que é aquilo que vocês já falaram aqui muito. Superar culpas e frustrações e buscar os espaços onde a gente tem realizações. E esse movimento sozinho é muito difícil, e no grupo a gente foi conseguindo. E é difícil falar sobre isso pra outro, então a gente pode se encontrar, eu sou super disponível e super a vontade pra gente tá fazendo isso. Porque uma coisa é a pesquisa, dados de recorte. O primeiro plano é a organização do grupo pro trabalho. E o que a gente faz é uma intervenção no trabalho, os dados são uma consequência. Então a gente também não precisa parar nisso, o processo continua. Os recortes de dados a gente faz quando a gente quiser e como a gente quiser, ele vem como uma consequência do grupo que é o mais importante.

Pesquisadora mestranda: E eu agradeço, agradeço a amizade de vocês, porque se não fosse a amizade talvez a gente não conseguiria formar um grupo tão fluido. Agradeço a amizade dessa forma tão fluida, porque em muitas coisas vocês me ajudaram a ser quem eu sou. Agradeço muito, muito o tempo, a disponibilidade. Não tenho nem palavras.

(Conversa descontraída e fim do encontro)

ANEXOS

ANEXO I – Relatos iniciais de organização do trabalho antes e depois do fechamento das escolas devido à pandemia COVID-19

KÁTIA (Envio 02/06 às 09:20, digitado em documento de texto e enviado através do whatsapp)

Sempre fui muito organizada. Eu trabalho há muitos anos em uma instituição que exige de certa forma isso, por conta do trabalho de registro e organização das atividades escolares. Assim, sempre tento estar uma ou duas semanas à frente: projeto minhas aulas, organizo materiais, verifico possíveis feriados e intervenções em minhas aulas. O que sempre temi foi atrasar meu cronograma, atrapalhando, assim, realização de provas e fechamento de trimestre e a qualidade das minhas aulas. Obviamente isso também se deve à cobrança por parte da escola.

Com a pandemia, o cenário de preocupações se alongou em relação às metodologias aplicadas e instrumentos de trabalho. Aprender a usar ferramentas digitais foi o primeiro obstáculo, pois a cada nova parte do processo de ensino e aprendizagem, o domínio de um novo recurso me era exigido. Minha organização se dá, agora, semanalmente: uma lista de afazeres da semana é feita na sexta-feira da semana anterior. Separo o que preciso fazer em fichas e com o dia da semana em que dever ser cumprido. Tenho conseguido manter de acordo com o previsto, mas por ter um cenário novo de comportamento, mas precisando manter o cenário de qualidade da escola no modelo “tradicional”, o desgaste tornou-se maior. Há que se manter uma rotina muito mais organizada. Isso mudou, inclusive, o horário de trabalho, que se estendeu a momentos que, em uma situação normal, não seriam dedicados a ele.

HELENA (Envio 06/06 às 22:30, digitado em texto diretamente no aplicativo whatsapp)

Relato referente as aulas

Antes da pandemia: Administro aulas do Ensino Fundamental II com as séries de sextos e sétimos anos com a disciplina de Geografia. A distribuição acontece em três aulas semanais. Tenho como meta que a Geografia vai além da assimilação e

compressão de conceitos do espaço físico, cultural, econômico, social e histórico, faz-se necessário a prática para a conclusão da aprendizagem. Diante disso a minha distribuição dessas aulas funcionava assim: primeira e segunda aula, direcionada com a explanação de um determinado assunto utilizando recursos como: multimídia, livro didático e livro digital, materiais adicionais de forma lúdica, participação com correções das tarefas, participação nas aulas com comentários; terceira aula, prática do conhecimento da semana: atividades em duplas, grupos, construção de maquetes, teatro, passeio cultural, apresentações com recursos tecnológicos, como *stop motion*, uso do celular, uso do laboratório de informática (*forms*, pesquisas), sala *maker*, pátio, Biblioteca, recurso híbrido, avaliações.

Período da quarentena:

Novos recursos e maneiras foram encontradas para adaptar esse momento. Não foi fácil no início pelo fato de aprender a lidar com novos recursos tecnológicos. Mas, na medida do possível, as coisas foram ocorrendo de maneira mais tranquila e a facilidade em aprender sobre esses novos recursos ajudou tanto para a professora como para os alunos. A organização é diferente das aulas presenciais. No período do primeiro trimestre, utilizamos o programa do *Teams* para comunicação com os alunos, sendo postadas três vídeos aulas, atividades no *forms*, orientações e avaliações e avisos no *chat* geral da turma e, caso for, no particular. No início do segundo trimestre, ocorreram algumas mudanças como a postagem das aulas. Então, um dia da semana, no *teams*, são postadas duas videoaulas, atividade de casa, *Forms* de atividades e o surgimento da *Live*. A *Live* veio como uma contribuição muito importante tanto para a professora quanto para o aluno. Penso que é maneira onde posso tirar dúvidas, retomadas, contato visual deles, ouvi-los e conversar também como eles estão se sentindo. No meu caso o que estou sentindo é a falta de socialização e as práticas, pois obviamente não é possível aplicar tudo que estava em planejamento. Mas acabei criando uma solução para tentar motivar e envolver eles ainda mais na *Live*. Já faço com que eles participem através de correções, leituras, dúvidas, comentários. Então lancei um desafio por semana curiosidades para enriquecer a aprendizagem. Nossa... a aceitação foi sensacional! Até maquete sugeriram. Foi uma maneira que encontrei para motivar e envolver ainda mais nas aulas on-line. Helena.

LUCIANO (Envio 10/06 às 15:43, parte através de áudios no whatsapp e transcrito pela pesquisadora-mestranda, parte em mensagens de texto digitadas diretamente no whatsapp)

Oi Fer, tudo bem? Primeiramente, que pra mim é um prazer te ajudar aí na sua pesquisa, tá? Então no que você precisar, você pode contar comigo, tá? Talvez se os áudios ficarem meio longos, eu vou mandar dois ou três, tá? Então, com relação a esse primeiro texto ou áudio, né, que fala lá sobre a organização das minhas atividades antes da pandemia e depois da pandemia, vi que não só pra mim, mas imagino que para todo mundo teve uma mudança aí de uns 360°, né? Porque? Porque antes da pandemia eu pensava que a minha vida no trabalho era um pouquinho agitada e estressante, né? Agora, pós pandemia, essa minha concepção mudou, né? Porque eu percebo que agora sim a minha vida tá extremamente estressante e mais atribulada, né. Porque? Porque antes eu saía da minha casa e eu ia para escola, fazia as minhas atividades, atendia os alunos, resolvia os problemas lá e acabaram. Eu só ia rever esses problemas, rever esses alunos no outro dia, em um outro momento, quando eu tivesse aula com esses alunos. Agora é o contrário, né? Ao invés de eu ir para escola é a escola que veio para dentro da minha casa. Então, a partir do momento que a gente começou a dar aula à distância, literalmente a gente não teve mais sossego, né? Porque? Porque os nossos telefones foram disponibilizados para alunos, então, e o aluno não tem essa sensibilidade de “hoje é sexta/hoje é sábado, não vou mandar mensagem”. Não! Eles mandam mensagem mesmo, de manhã, tarde e noite. Mesmo os dias sem vínculo, que eu não teria aula na escola, né? Porque eu trabalho de segunda a quinta, na sexta-feira, teoricamente, eu não tenho aula, né, que eu deixei reservado para o mestrado. Mesmo assim os alunos enviam mensagem, né? Então, o que que acontece? A escola é que está dentro da minha casa e junto com ela estão todos os problemas. Todos os problemas para resolver: de aluno que não está acessando as atividades, né, manda atividade por e-mail, manda atividade via WhatsApp, manda a atividade para escola para o aluno retirar na escola... Enfim, o trabalho, assim, ele dobrou, triplicou, né? E, além das cobranças, né, a pressão psicológica que o Estado exerce ainda sobre nós professores.

É... nós vivemos em constante ameaças assim: de redução de salário, de faltas. Se o aluno não entrar e não acessar a plataforma lá que foi disponibilizada, que é o Google Classroom, a gente tá passível de ganhar falta, mesmo eu estando na frente do computador, postando a minha atividade e estando ali pronto para tirar dúvidas e esclarecimentos. Enfim, a gente ainda corre esse risco de, se o aluno não acessar, o professor ganha falta. E além de outros benefícios, como nosso auxílio transporte, adicional noturno, que a gente também corre risco agora de ser cortado.

Então, Fer, em síntese, o que muda a minha organização profissional antes e depois da pandemia: eu continuo sendo o professor que eu era, né, organizado, elaborando as minhas atividades e deixando tudo prontinho, né? Porém, agora, somente essa questão, né, que o nosso trabalho ele mais do que dobrou, triplicou. A gente tem muito mais atividades para fazer do que a gente tinha antes. E outro detalhe que eu não citei também, que você ia para escola, resolvia os teus problemas lá: encarava a direção, os teus alunos e você vinha para casa e, entre aspas, você tinha aquele momento para você, né? E agora não, você tem todo mundo te ligando. É aluno te ligando, é a equipe pedagógica te ligando, é direção te ligando, mais as reuniões, né, enfim. E por conta de toda essa dinâmica ainda aí, acaba sobrando pouco tempo para que você programe as aulas. Porque? Porque você fica, na maior parte do tempo, resolvendo problemas pequenos, assim de entrar em contato com alunos. Daí você liga para o aluno, o aluno não atende, você tem que retornar mais tarde, aí você tem que combinar com aluno um dia para ele ir retirar essas atividades na escola. Aí, como se não bastasse, você tem que agendar também com a pedagoga para ver se ela vai estar disponível nesse dia na escola, enfim, né? E, sem contar também, alguns alunos que você tenta contato com ele (aconteceu comigo isso, né?) pelo WhatsApp, e ficou certo de eu encaminhar as atividades pelo WhatsApp e ele simplesmente bloqueia o professor. Simples assim: “não quero estudar, não me incomode, te bloqueei e depois eu resolvo”. E nós temos um outro agravante no estado ainda, que os alunos até estão discutindo, é que eles não vão reprovar, né, por conta da pandemia. Então tem aluno que já é “safo” mesmo, safadinho, e ele sabe que ele não vai poder reprovar, então ele não vai fazer essas atividades. Ele vai esperar acabar a pandemia, voltar para escola e, entre aspas, fazer as atividades que estão atrasadas, né? E, o pior de tudo, é que infelizmente ele vai poder concluir junto com os demais alunos, com todos aqueles

alunos que estão fazendo certinho, estão acessando, que estão se esforçando, né? Enfim. Tá bom? Eu não sei se eu acabei respondendo a duas perguntas, né? Mas se não, me mande uma outra pergunta mais objetiva, né, com alguma coisa que você queira saber em especial e eu vou te respondendo, tá bom? Beijo!

MENSAGENS ESCRITAS:

Meu nível de estresse aumentou muitooooooooo...rs

Em resumo: Antes da pandemia a organização do meu trabalho era bem definida: eu ia para a escola e exercia o meu ofício de professor e pronto. Antes eu voltava pra casa e os problemas da escola ficavam na escola. Agora está diferente: a escola está dentro da minha casa, sem dia e horário pra ir embora. A dinâmica na organização do trabalho é o mesmo: elaborar as aulas, aplicá-las e tirar dúvidas. Porém, eu fazia isso em um tempo determinado com cada turma (50 min). Agora a gente tem que fazer tudo isso, porém você fica refém do aluno, da direção, equipe pedagógica. 24h por dia. Não tem mais dia e horário pra receber ligação, mensagem, e-mail... No começo eu estava pirando pq queria resolver tudo. Agora não, eu respondo mensagem e e-mail e atendo ligações somente nos dias e horários que eu estaria na escola. Estou tentando me manter nessa organização, mas está bem difícil.

CELINA (Envio 10/06 às 17:40, digitado em documento de texto e enviado através do whatsapp)

Ok, vamos lá. Sou professora de Arte e dou aula há 6 anos na mesma escola. Como organização, é função do professor fazer o Plano de Trabalho Docente de acordo com o Plano Político Pedagógico da Escola. Em minha escola ele é trimestral e dessa forma organizo meus conteúdos básicos e específicos a serem trabalhados. Confesso que tenho uma angústia quanto a quantidade de conteúdos exigidos – antes pelas DCOE's e agora pela BNCC - sendo que na disciplina de arte, ela engloba 4 linguagens artísticas (artes visuais, música, dança e teatro) com apenas duas aulas por semana. Mas essa é uma luta da minha classe. Vamos adiante.

Nas primeiras semanas de aula, o planejamento vai acontecendo enquanto ocorre também o reconhecimento da turma, pois além de cada aluno possuir suas

individualidades, a turma também possui características únicas, como um pequeno universo dentro de um Cosmo todo. Como professora de arte costumo fazer avaliações diagnósticas ao princípio do ano juntamente com atividades que sejam de acolhimento a estes os alunos, tanto os que estão ingressando na escola quanto aqueles que estão iniciando um novo ano letivo. O planejamento de cada tema acontece então de acordo com o andamento da turma e a reatividade dos alunos.

Acho fundamental em meu trabalho esse sentir e estar presente em sala de aula. Esse se fazer presente para trazer forma aos processos de ensino-aprendizagem fazem luz ao que acredito na educação. O pensar certo a que se refere Paulo Freire. A rotina então acontecia. Planejar a aula era na verdade uma organização de materiais e tópicos, mas que podem ser adaptados de acordo com as individualidades que surgem. Em arte, o processo é mais significativo que o resultado. Então o caminhar, respeitando o passo de cada ser, as coletividades e individualidades, trazem consigo uma constante adaptação nos conteúdos, nas abordagens, nas avaliações... É um verdadeiro emaranhado de materialidades que transbordam quando a arte se efetiva.

Numa mesma turma poderia por exemplo surgir temas em debate que não necessariamente se relacionam diretamente ao conteúdo mas que se correlacionam em temas transversais. Até mesmo uma turma onde surgiu a necessidade de se trabalhar um tema não planejado. Tudo isso só acontece através da interação entre professor e aluno, entre docente e discente. Confesso que tenho minha sensibilidade aflorada em sala de aula. Gosto de sentir o clima da aula, o clima da turma. E a partir disso a aula vai acontecendo. Mais visual, mais auditiva, mais explanação, menos representação... enfim.

Sobre a rotina... acho que a rotina do professor é sim, sobrecarregada. Quase impossível não levar trabalho pra casa. Tento deixar provas e trabalhos de pesquisa na escola. Mas o planejamento de cada aula, baixar vídeos, procurar imagens, montagem de slides, organização do material necessário à aula... tudo isso acabo fazendo em casa. Além disso... em determinadas situações “problema”, estamos lidando com seres humanos em formação. Não há como deixar o “problema” no trabalho e acabamos não dormindo pensando no que fazer...

Mas nada se compara ao que está me acontecendo agora... Nesse período de isolamento social, o Paraná implementou o Canal Aula Paraná (tv digital e Youtube),

aplicativo Aula Paraná e uma parceria com o Google Classroom. A qualidade das aulas começou de forma muito duvidosa, mas vem sendo trabalhada e modificada aos poucos. É uma forma excludente de educação, uma parcela significativa não tem acesso a estes meios ou não tem o conhecimento suficiente para manejá-los. Como professora, eu tenho 15 turmas com cerca de 30 alunos cada. A carga de trabalho online fica desumana pois eu permaneço com celular, interagindo em todas as plataformas e ainda no meu whatsapp, e-mail, facebook... Não há horários, correção o tempo todo. A formação ocorreu após tudo isso ter começado gerando ainda mais dúvidas. Os alunos que tem acesso estão cheios de dúvidas. E nós também. Tenho a impressão que passo o dia procrastinando na frente do computador, pois o trabalho online não vai pra frente. Tem dificuldades em mandar as fotos, em mexer nos aplicativos, muitos problemas de conectividade e adaptação. Sem falar no Registro de Classe Online. Me sinto exausta e ansiosa o tempo todo. Sei que são boas ferramentas e a melhor opção que temos nesse momento. E a ponte pra tudo isso? Como isso irá se sustentar? Um aluno que entra mas não responde... outro que não consegue entrar... É o Colapso da Educação! Não existe como não ser excludente! Mas é muito mais que isso... é desumano! Enfim... não sei onde vamos parar.

RITA (Envio 11/06 às 13:42, digitado em documento de texto e enviado através do whatsapp)

O meu trabalho antes da pandemia estava vinculado à organização das aulas por meio de planejamento e pesquisas, preparação de alguns materiais complementares, seleção de conceitos e de atividade na plataforma digital do livro didático, elaboração das avaliações, registros dos conteúdos e presenças na central acadêmica, preenchimento de formulários, entre outros. Nota-se que o trabalho já era bastante! E, nas aulas presenciais o crescimento do processo de aprendizagem ocorria de maneira mais fácil ao se estabelecer uma relação de cooperação e interação.

Sem dúvida a minha rotina profissional mudou muito desde o início do isolamento social por conta da pandemia da COVID-19. As medidas de distanciamento social fecharam a escola onde trabalho no dia 20/03. Desde então, sem

preparação/treinamento, sem planejamento adaptado e sem recursos apropriados, tive que me adaptar a modalidade de ensino à distância, portanto o meu trabalho se intensificou ainda mais.

Garantir a comunicação com os alunos por meio de videoaulas e lives tem sido um dos maiores desafios, pois, elaborar aulas nesse novo formato requer muito mais tempo de preparação, mais conhecimento tecnológico e desenvoltura diante das câmeras. Vale ressaltar que mesmo me considerando uma professora adepta as novas tendências relacionadas à educação, ensinar por meio de uma câmera ainda é o maior obstáculo.

Como trabalho em uma instituição privada, a qual está preocupada em perder seus clientes, e isso é muito compreensível, lidar com o aumento das exigências e da pressão por parte da gestão, adaptar-se a ferramentas virtuais, preparar aulas e atividades que mantenham os alunos estimulados, estar disponível para esclarecer dúvidas, vem tomando o meu tempo de domingo a domingo. Sem contar a constante preocupação para que nenhum aluno fique para trás durante a suspensão das aulas. Muito tem se falado que os professores precisam se cuidar, precisam estar bem, dispostos e relaxados para poderem mediar o conhecimento da melhor forma. E, para que isso ocorra é importante priorizar o equilíbrio emocional, a prática de atividade física, uma alimentação saudável, sono regularizado, qualidade na vida familiar. Aí eu me pergunto – Como dar conta da vida pessoal se tenho priorizando, diariamente, a minha vida profissional? Inevitavelmente, a preocupação com o bem estar é somada ao medo de perder emprego.

Professora Rita

11/06/2020

SÔNIA (Envio 16/06 às 16:28, enviado em texto transcrito diretamente pela professora participante através do teclado *google*)

Olá Pesquisadora mestranda, tudo bem? Então eu demorei um pouco para te mandar esse relato, mas mas eu... eu preciso te mandar. Na verdade, assim, eu tô com muita coisa para fazer e por isso que eu demorei para mandar para você. Eu estou utilizando aquela ferramenta de texto do WhatsApp que você falou. Também tenho que responder o questionário. Vou responder o teu questionário e da

Pesquisadora 1. Enfim... Mas eu tô trabalhando muito. Eu acho que você deve trabalhar, deve tá trabalhando mais que eu, porque você trabalha pelo colégio particular. Deve ser bem mais exigente, né? Então, deixa eu te falar mais ou menos como é que tá sendo a minha rotina. Está sendo assim: eu acordo... Então, Pesquisadora mestrandando... e além... Eu ia falar fazer minha rotina aqui, mas só que daí ele cortou. Então, além das coisas que eu tô tendo que fazer no cotidiano, ainda tem a minha filha. Pensa, ela exige de mim né? Porque ela tá na mesma série que os meus alunos e ela tá fazendo as atividades da televisão. Então, ela também precisa de um auxílio meu né? Então eu tô... eu tô sem... tô tendo que ser mãe, professora, pesquisadora, dona de casa, tudo ao mesmo tempo. Não tá sendo fácil cuidar de tudo! Eu acho que esse... esse texto aqui vai sem pontuação, tá Pesquisadora mestrandando? Porque eu tô falando diretamente e eu acho que vai meio sem... sem... sem ponto. Então, eu acordo 8 horas da manhã, dou 'Bom dia' no grupo para as crianças e depois vou lá no canal da TV Curitiba e coloco as vídeo-aulas disponível no grupo do WhatsApp. Porque tem crianças que não conseguem assistir pela televisão, daí elas assistem pelo... pelo Youtube, pelo celular.

Então, vamos continuar. Elas assistem pelo celular. Então eu tenho que postar todos os dias as aulas do dia. Eu teria que assistir às aulas junto com a minha filha. No caso, eu assistia junto com a minha filha antes, quando eu tinha mais tempo. E esse é o ideal, a gente assistir, porque a gente tem que fazer o plano de trabalho docente da aula da professora da televisão. Então, a gente precisa saber como que ela está abordando conteúdo, como que ela tá fazendo, a metodologia. Então, e o que que eu faço? Como eu estou atendendo os pais no período da manhã, eu atendo os pais e fico resolvendo algumas coisas da minha da minha pesquisa, preparando. Porque minha pesquisa está vinculada diretamente com a reunião da plataforma Zoom que eu faço todos os dias das 10:30 às 11:30, eu me reúno com os alunos via plataforma Zoom. Então eu tenho... eu tenho mais essa outra preocupação e essa outra fazer de tá preocupada com que eu vou passar para eles de conteúdo né? Eu tenho até um pouco... tenho meu planejamento e tudo que eu tenho que sentar e pôr em dia, meu diário de bordo e tal.

Então, Pesquisadora mestrandando, voltando a nossa conversa, tá? Eu acordo, atendo os pais que mandam mensagem pelo WhatsApp, alunos também com dúvida, porque não são todos os alunos que eu tô conseguindo atender via plataforma

zoom. São alguns, em torno de 9. Eu cheguei a conseguir o número quanto... quantitativo de 9 crianças. Agora já deu uma diminuída porque teve uma que ficou doente, outras e assim vai indo né? Então é desse jeito mesmo. A gente tem que persistir! Então daí eu tô com essas milhares de coisas na cabeça. Então o que que acaba acontecendo? Eu acabo não fazendo o plano de trabalho docente durante o dia. Sabe o que acontece? É isso que eu divido o trabalho com outra professora, a gente está dividindo os afazeres. Ela faz o plano de trabalho docente de um dia, eu faço do outro. Ela faz atividade de um dia, eu faço do outro. Mas sempre o meu PTD eu mando atrasado. Vamos dizer assim... hoje eu vou conseguir pôr em dia os dois PTD atrasado da semana passada, mas hoje eu tenho que fazer um VT e não sei se eu vou conseguir fazer ele, porque eu estou me dedicando que nem louca por causa da minha pesquisa.

E daí, então, esse que são os meus afazeres. Assim, eu tô cuidando para mim não ficar maluca, certo? Porque realmente isso é desumano né? Vivendo uma vida frenética assim. Tá sendo legal porque eu estou gravando todas as minhas vídeos conferências com os meus alunos. Eu tô arquivando, tá tudo no meu computador. Só que eu tô pensando o dia que eu tiver aqui revê-las. Eu já vi algumas, mas o dia que eu tiver que revê-las... que revê-las... que não vai ser fácil! Então não vai ser fácil porque são muitas vídeo aulas e eu tenho que fazer uma análise. E... e, assim, ao mesmo tempo tem as minhas leituras do mestrado também. Você sabe que a gente tem que sempre tá lendo, se atualizando. E, para poder escrever dissertação e dissertação, tem que desenvolver... e tem a qualificação batendo na porta, menina do céu! Não tá sendo fácil! Então, assim, eu tô no momento, assim, nesse relato que eu tô dizendo para você, que eu tô desse jeito, com um milhão de coisas para fazer. Eu tenho uma demanda de alunos que eu atendo pela plataforma que estão sendo acho que bem atendidos. Assim, além das teleaulas eles estão tendo as conversas com os assuntos comigo e eles estão gostando bem mais dos nossos encontros do que da teleaula.

E também eu tô tendo que atender as crianças que não têm acesso a nada né televisão, celular. Então, assim, eu entro em contato com a diretora, peço para imprimir as coisas que combinam com esses pais para irem buscar na escola. Então, de vez em quando aparece uma mãe ou outra pedindo socorro também, porque tem essas crianças que eu não tô conseguindo atender porque elas estão meio isoladas.

Não dizer assim, né, só por via WhatsApp eu consigo contato com ela. Então, assim, esse é meu cotidiano, sabe, Pesquisadora mestranda? Que esses dias, essa semana passada, eu passei quase um dia inteiro, manhã e tarde, e eu trabalho só no período da manhã, só 20 horas de trabalho, mas eu eu passei o dia inteiro fazendo prova. E, detalhe, não só a minha prova eu tive... eu tive que digitar prova de outros colegas porque elas não têm acesso à tecnologia, entendeu? Então eu tive que entrar no Google forms, tá, e aprender a mexer na marra, porque eu nunca tinha feito uma planilha. Mas não é difícil. Eu aprendi porque eu tenho facilidade com tecnologia, mas daí a coordenadora, ela falou para mim assim: “você passa as provas das professoras? Cada uma fez uma prova de uma matéria e você passa as provas dela para o pronto... para o prontuário... para o formulário?” Daí eu fui passando. Daí pensa... tive que passar a questão por questão. E quando tinha imagem na questão tive que cortar imagem e colocar. Então a minha... o meu computador encheu de imagem recortadas na memória. Só corrigindo uma coisa, Pesquisadora mestranda, eu falei que as professoras não têm acesso à tecnologia. Corrigindo essa parte: não é que elas não têm acesso, elas têm acesso. O problema é que elas não sabem mexer com a tecnologia do Google forms.

ALICE (Envio 18/06 às 13:32, digitado em documento de texto e enviado através do e-mail)

TRABALHO DO PROFESSOR ANTES DA PANDEMIA E APÓS.

PREPARAMOS AS AULAS NO DIA DA PERMANÊNCIA, JUNTOS OU NÃO COM AS PROFESSORAS DA MESMA ÁREA. FAZEMOS PLANEJAMENTO, SEPARAMOS OS MATERIAIS PARA SEMANA. SE NECESSÁRIO É SOLICITADO MATERIAIS COM ANTECEDÊNCIA PARA AS DIRETORAS. ASSIM COMO UTILIZAMOS MUITOS MATERIAIS RECICLÁVEIS, SOLICITAMOS AOS ALUNOS OU MESMO LEVO DE CASA. EXEMPLOS DESSES MATERIAIS: CAIXA DE PAPELÃO, POTES DE SORVETES VAZIOS, CASCOS DE COQUEIROS, TECIDOS, BOTÕES. QUANDO SOLICITADO ESSES MATERIAIS, A PARTICIPAÇÃO É QUASE UNÂNIME, MUITO BOA.

MINHA PRÁTICA DE TRABALHO É DIVERSIFICADA. INICIO A AULA SEMPRE COM UMA BOA CONVERSA, DANDO ESPAÇO PARA OS ALUNOS EXPOR SEUS DESEJOS E VONTADES, OU CONTAR ALGO QUE QUEIRAM.

LOGO MAIS TEMOS UMA CONVERSA INFORMAL SOBRE O CONTEÚDO. APRESENTANDO ESSE DE MANEIRA CRIATIVA, POR MEIO DE HISTÓRIA, VÍDEOS, CARTAZES, FILME OU ALGO QUE PREPAREI EM CASA PARA MOSTRAR-LHES E TEREM COMO EXEMPLO, PARA CONSTRUIRMOS OUTROS, COMO: BONECAS DE PANO, INSTRUMENTOS MUSICAS E ETC.

A PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS É ÓTIMA, EM ALGUNS MOMENTOS PROponho QUE DECIDAM E PARTICIPEM NA ELABORAÇÃO DE PROJETOS, ENTRE OUTRAS POSSIBILIDADES. DESSA MANEIRA PERCEBO QUE SE INTERESSAM PELAS ATIVIDADES E SENTEM-SE INTEGRADOS.

GERALMENTE NA CONCLUSÃO DAS ATIVIDADES OS ALUNOS SÃO SEPARADOS EM GRUPOS DE 6, OU EM DUPLAS, TRIOS OU MESMO INDIVIDUAL. ASSIM A TROCA DE EXPERIÊNCIAS ENTRE ELES, RESULTA EM NOVOS SABERES.

AVALIAÇÃO: É DIÁRIA E CONSTANTE, DURANTE A PARTICIPAÇÃO DELES NA AULA, NA FINALIZAÇÃO DOS TRABALHOS, NO EMPENHO E DEDICAÇÃO.

DURANTE A PANDEMIA

DURANTE ESSE PERÍODO DE PANDEMIA, QUE ESTAMOS VIVENDO, NOSSA PRÁTICA DE TRABALHO MUDOU MUITO. AGORA TRABALHAMOS DIRETAMENTE COM O COMPUTADOR, ASSISTINDO AULAS ONLINE, TODOS OS DIAS, FAZENDO PLANILHAS, REGISTRANDO TODAS AS AULAS, FAZENDO PLANEJAMENTOS E ATIVIDADES PARA SEREM ENVIADAS AOS ALUNOS. AO MEU VER, ESTÁ MUITO MONÓTONO ESSE TRABALHO, TANTO PARA OS PROFESSORES, COMO PARA OS ALUNOS, QUE TAMBÉM SE SENTEM PERDIDOS, E, ÀS VEZES, SEM ESTÍMULO. POIS HÁ DIFERENÇA ENTRE UMA AULA PRESENCIAL E UMA AULA ONLINE. PERDE-SE O ENCANTO, A VIBRAÇÃO, O CONTADO, A AFETIVIDADE QUE É A ESSÊNCIA DA APRENDIZAGEM. REALMENTE A TECNOLOGIA NÃO SUBSTITUI O PROFESSOR.